



*Páginas da
Belle Époque Passo-fundense*

Heleno Alberto Damian – Marco Antonio Damian

Páginas da Belle Époque Passo-fundense

Helena Alberto Damian - Marco Antonio Damian

*Páginas da
Belle Époque Passo-fundense*

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

158p Damian, Heleno Alberto
Páginas da belle époque passo-fundense / Heleno Alberto
Damian, Marco Antonio Damian. — Passo Fundo: Ed.
Passografic, 2008.

212 p.: il. color.; 27,5 cm.
ISBN 978-85-61035-44-0

1. Passo Fundo (RS) — Cobertura de imprensa — História.
2. Passo Fundo (RS) — Evolução social. 3. Cultura popular —
História — Passo Fundo (RS). 4. Arte nouveau — História — Passo
Fundo (RS). I. Damian, Marco Antonio. II. Título.

CDU 981-65 Passo Fundo

Catálogo: bibliotecária Daiane Citadin Raupp - CRB 10/1637.

Agradecimentos a

Ada Postal de Castro
Agenor Castelli
André Martinelli Piasson (AHR/UPF)
Antonio Ferreira da Silva (Camacho)
Arivaldo Izidoro Valesan
Astrogildo Nogueira de Azevedo Filho
Benhur Jungbeck (AHR/UPF)
Beracy Porto
Cláudio Della Mea
Daniel Viuniski
Danilo Zimmermann
Dárcio José Krieck
Delícia de Almeida Cruz
Delmidio Antonio Ferreira
Gervasio Annes di Primio
Gilka Postal de Castro
Guilherme Azevedo
Helena Costa Mazot Farias
Ida Della Mea
Irmão Salvador Durante (Marista)
Jacó Stein
João Carlos Rezende Telles
Joaquim Reichmann Filho
Jovino da Silva Freitas
Lady Damian
Luís Christiano Enger Aires
Luiz César de Freitas
Luiz Valmir Feldmann
Maria Aparecida Caminha Moura
Maria Leda Caminha Moura
Marilia Bernardon
Mário Selvão
Marizza dos Passos Alviggi
Marlene Maria Flores da Silva
Modesto Bonifácio da Rosa
Murilo Coutinho Annes
Nelci Scandolaro
Ney Jorge
Nilda de Oliveira Gründling
Nilo de Quadros
Nikão Duarte
Noemy Damian
Olga Flores Damian
Olga Langaro De Cesaro
Omir Neuhaus
Oswaldo di Primio
Paulo Giongo
Pedro Henrique Bortolon
Ricardo Welp Trindade (Tassi)
Romeu Scaglia Barleze
Ronaldo Czamanski
Rubem Eichenberg Costa
Ruth Camargo Albuquerque
Ruy Jorge Freitas Barros
Sandra Mara Benvegnu (AHR/UPF)
Sérgio Paulo Annes
Vera Maria Ortiz Tatim
Wilson Áureo De Cesaro

Sumário

Apresentação.....	8
Algumas Palavras	9
Insstrodução	10
Capítulo I	13
Coisas de Jornais.....	13
Capítulo II	253
Pelos Cinemas.....	253
Capítulo III.....	349
Teatro de Amadores.....	349
Bibliografia	374

“A *Belle Époque* brasileira terminou em 1930.”

Luís Martins, **Noturno da Lapa.**

Apresentação

(texto de Paulo Roberto Pires)

Algumas Palavras

Procuramos montar nestas páginas um painel da sociedade passo-fundense nos primeiros decênios do Século XX. Adotamos como modelo o livro *A Bela Época do Cinema Brasileiro*, de Vicente de Paula Araújo. O projeto foi viabilizado pelo empresário Paulo Afonso Trevisan, que disponibilizou o seu arquivo e garantiu a publicação da obra. Ressaltamos, também, a colaboração do magistrado Luís Christiano Enger Aires, que permitiu pesquisas no arquivo da 1ª Vara Cível da Comarca, bem com o auxílio dos profissionais ligados ao Arquivo e ao Museu Histórico Regional da UPF. Felizmente, a maioria das pessoas contatadas foi receptiva e auxiliou na medida do possível. Algumas já faleceram. A todos a nossa gratidão. A preferência pelo material inédito ou pouco conhecido se estendeu às fotografias. As fontes acompanham os textos. Os capítulos obviamente não esgotam os temas. Nas questões polêmicas buscamos, sempre que possível, apresentar o contraponto. Finalmente, quanto às transcrições, atualizamos em parte a ortografia e mantivemos a pontuação.

Insstrodução

Encerrada a Revolução Federalista (1893/1895), que devastou o município de Passo Fundo, coube ao coronel honorário e chefe local do Partido Republicano, Gervasio Lucas Annes, a tarefa de reorganizá-lo. Os vencidos, anulados pela política do regime então vigente, permaneceram na expectativa de dias melhores. Em 1917, morto o coronel, os republicanos se dividiram em duas facções, uma encabeçada pelo intendente Pedro Lopes de Oliveira, que pretendia reeleger-se pela 5ª vez, e outra pelo novo líder do Partido, o médico e deputado estadual Nicolau Araujo Vergueiro, que buscava consolidar sua liderança. Na eleição de 1920, após fatigante disputa, o segundo alcançou seu objetivo, elegendo-se intendente com ampla vantagem de votos. A ascensão do Dr. Vergueiro ao governo municipal marcou o início da *Belle Époque* passo-fundense. O baile da posse ocorreu no Cinema-Teatro Coliseu América, aberto em março daquele ano e destinado a ser o centro da vida social e cultural da cidade por muito tempo. Nos salões, valsas e polcas cediam espaço a tangos e maxixes. Cabeleireiros de senhoras, especialistas no corte *a la garçone*, anunciavam na imprensa. Alfomadinhas e melindrosas percorriam as ruas centrais no tradicional *footing*. Em fevereiro de 1921 surgiu o jornal *A Época*, semanário de propriedade da Livraria Minerva, onde despontaram talentos da nova geração,

como os primos Herculano e Pindaro Annes. Ainda em 21 foram criados o Grupo X de Teatro Amador e o Grêmio Esportivo 14 de Julho. O futebol, embora praticado por aqui desde os tempos do colégio Marista São Pedro (1906/1910), só empolgou a partir da rivalidade entre o *Sport Club Gaúcho*, criado em 1918, por moradores do Boqueirão, e o *Gremio Sportivo 14 de Julho*, fundado por elementos do (novo) centro da cidade. Os *matches* mobilizavam a comunidade. As torcidas organizadas eram femininas. Em 1928 o Gaúcho chegou às semifinais do campeonato estadual. Esse feito foi repetido pelo 14 de Julho em 1930. Um avanço na qualidade do ensino ocorreu em 1920, com o início das atividades do Instituto Ginásial, da Igreja Metodista. Em 1922 reabriu o antigo colégio do professor Emilio Stiegler, de orientação católica, chamado Nossa Senhora da Conceição. Mais tarde, em 1929, os Irmãos Maristas assumiram a direção desse estabelecimento. Em 1923 para cá vieram as Irmãs do Colégio Notre Dame. O ensino público contava com o Colégio Elementar, dirigido a partir de 1920 pela emérita professora Eulina Braga. Além dela, outras professoras daqueles tempos, como Anna Luiza Ferrão Teixeira e Anna Willig, foram posteriormente homenageadas com nome de escola. Sem muitas opções, as mulheres se dedicavam principalmente às artes e às letras. Podemos destacar, entre outras, Guilhermina Borges, Dilia Caminha, Dolores Eichenberg, Alzira e Noemy Sperry, Domethildes Macedo, Ruth

Bastos de Moraes, Judith Pacheco, Italia Durgante, Marília Braga, Odette de Oliveira, Ziza de Araujo, Antonina Xavier e Oliveira. Esta fez carreira no jornal O Nacional, alcançando o cargo de gerente. O Nacional costumava ceder espaço às idéias feministas, não obstante a intolerância da maioria. Merecem menção outras pioneiras, como Rosa do Monte Rocca, contadora-distribuidora do Foro; a Dra. Universina Lamaison, que abriu consultório odontológico nesta cidade na década de 10; a proprietária Anna Theodora da Rocha, a “Dona Inharica”, que exercia liderança política na região, mesmo sem poder votar, etc. Em 1920 foi inaugurado o 1º pavilhão do Hospital de Caridade. Somava-se a ele o Hospital São Vicente de Paulo, fundado em 1918. O posto de assistência médica funcionava na Intendência. As condições de saúde, no entanto, eram ruins, devido à falta de saneamento. Em 1923 as oposições deste município deflagraram mais uma revolução contra o despotismo do governo estadual. O conflito se estendeu para outras regiões do Estado e encerrou no final do mesmo ano com o Tratado de Pedras Altas. Em janeiro de 1925 o 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar, organizado em Passo Fundo e sob o comando do coronel Edmundo Dalmacio de Oliveira, conhecido por “Mundica”, dizimou a retaguarda da Coluna Prestes, no combate do Rio Pardo, ocasião em que morreu o tenente Portela. No período de 1925 a 1928 o novo intendente, Armando Araujo Annes, realizou uma série de reformas na

cidade. O calçamento das ruas centrais amenizou os efeitos da “miúda”, a poeira que tanto incomodava a população. O coronel Estevão Leitão de Carvalho, comandante do 8º R.I., descreve o que viu quando aqui chegou: “Em outubro de 1928, desfrutava Passo Fundo excepcional prosperidade, que nos negócios particulares se refletia nos melhoramentos de ordem pública empreendidos na cidade. Sua produção de erva mate, gado, madeira, trigo e outros artigos, movimentava o comércio e dava trabalho à população urbana, superior a 8.000 habitantes, de sadia aparência e em franco bem estar. Quatro agências dos bancos principais do Estado estimulavam a sua florescente indústria – serrarias, engenhos de beneficiar mate, moagem de trigo, banha, móveis – e facilitava as trocas do seu volumoso comércio. Uma febre de novas construções, que o crédito fácil excitava, ia transformando rapidamente as modestas vivendas de outrora em prédios modernos e confortáveis, erguia hotéis de bela aparência, dotava a cidade com esplêndida sede para o Club Comercial, ao mesmo passo que se estabelecia a especulações de terrenos na zona suburbana, adquiridos em grandes extensões e vendidos em lotes para pagamento a longos prazos. Outro índice de bem estar material e confiança no futuro, era o número crescente de automóveis particulares, alguns das melhores marcas, que desfilavam à tarde no curso da Avenida Brasil, ou estacionavam nas horas de recreio à porta

do Club.” O coronel Leitão de Carvalho, mais tarde marechal, tratou de disciplinar seus comandados e integrá-los na comunidade. Em pouco tempo, toda a oficialidade havia se associado no Clube Comercial. Em 1928/1929 três jornais circulavam regularmente na cidade: O Nacional, Gazeta e A Tribuna Gaúcha. A produção literária restringia-se praticamente ao que era publicado nos jornais. Muitos preferiam o anonimato. Antonino Xavier, o “João d’Outrora”, se distinguia pela qualidade da obra. Igualmente bons são os escritos de Gabriel Bastos, Pindaro Annes, José e Renato Sá Britto e Lacerda de Almeida Junior. Este publicou em 1925 “O Puchirão do Gé Picaço”, “Poemeto Serrano”, conforme o subtítulo. O livro é, na verdade, uma sátira dirigida ao advogado e empresário Ney de Lima Costa, o “Coroné Cacimbinha”, seu desafeto. Entre os poetas mais inspirados estão Brasileiro Bastos e Gumercindo Reichmann. Além de Gomercindo dos Reis, que esbanjava talento na poesia satírica. De Carazinho vinham as colaborações do teatrólogo Ivalino Brum. No final dos anos 20 os primeiros aparelhos de rádio agitaram as altas rodas. Devido ao incipiente sistema de radiodifusão nacional, bem como à proximidade com a Argentina, os aparelhos só falavam espanhol. Em 1928 o Dr. Vergueiro foi novamente eleito intendente. O jornal O Nacional não poupou críticas à sua administração. Estas eram rebatidas pela folha Gazeta. A polêmica perdeu a intensidade com a

campanha da Aliança Liberal, desencadeada em meados de 1929. Republicanos e Libertadores uniram-se pela candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República. Embora transformada em autêntica cruzada, a campanha política não logrou êxito. Em outubro de 1930, sob a liderança do candidato derrotado, estourou outra revolução. O sucesso da ofensiva, no Rio Grande do Sul, dependia da tomada do 8º R.I. de Passo Fundo, responsável pela segurança dos trilhos até Marcelino Ramos. O quartel foi cercado pelos revolucionários, civis na maioria, que levaram o comandante à rendição. O rápido deslocamento das forças pela via férrea contribuiu para a vitória do movimento. Os anos de 1929/1930 dissiparam os fluidos da *Belle Époque*. O Brasil mudou.

Capítulo I

Coisas de Jornais

A 27-04-1890 surgiu O ECHO DA VERDADE, o primeiro jornal de Passo Fundo. (ON nº 2.675, de 10-04-37.)

“COUSAS VELHAS. Parece-nos que o primeiro jornal que se publicou nesta localidade foi o ‘Echo da Verdade’ aparecido em 1890, tendo como diretor Gervasio Lucas Annes e como gerente Manoel Francisco de Oliveira. Do número 2 dessa folha, publicado em 4 de maio de 1890 (...).” (ON nº 7, de 11-07-25.)

“A IMPRENSA EM PASSO FUNDO. (A propósito de referência que, sob a epígrafe ‘Cousas Velhas’ fez ao assunto essa folha, em seu número de 11 do corrente.) O primeiro jornal que aqui surgiu foi o ECHO DA VERDADE, fundado em 1890 e que subsistiu até 1892. Era órgão do partido republicano, redatado pelo advogado Gervasio Lucas Annes, depois coronel, e sua gerência estava a cargo de Manoel Francisco de Oliveira. Nessa folha, que era semanal, publicada aos domingos e impressa em

antiquado e pesadíssimo prelo de mão, colaboravam o dr. Candido Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos, Gezerino Lucas Annes, Antonio Manoel de Araujo, Saturnino Victor de Almeida Pilar, Antonio José Pereira Bastos e, se não me engano, Gasparino Lucas Annes. Esse jornal foi substituído pelo 17 DE JUNHO, também republicano, aparecido pouco depois da contra-revolução que, em 1892, na data do seu título, repusera no governo do Estado o partido republicano. A redação, gerência e corpo de colaboradores deste novo órgão de publicidade eram os mesmos do ECHO DA VERDADE. Teve curta vida, sendo paralisado e extinto em 1893, em consequência da revolução federalista que seguiu-se e na qual foi morto em combate, ferido na Invernadinha, 3º distrito do município, a 20 de outubro do mesmo ano, o seu gerente Manoel Francisco de Oliveira. Entre os dois periódicos citados e quando ainda se publicava o primeiro deles, surgiu o pequeno jornal A VIOLETA, literário e tendo como redator Antonio Manoel de Araujo. Era impresso nas oficinas do ECHO DA VERDADE e teve, também, curta duração. O quarto jornal da terra foi O PALCO, literário, órgão do Grêmio Dramático Passo-fundense e aparecido em 1899. Tinha como redator Francisco Antonino Xavier e Oliveira, e

colaboradores Armando Annes, Brasilico e Affonso Lima. Desapareceu no mesmo ano. Em 1900, a 11 de março, surgiu o quinto jornal de Passo Fundo que foi O GAÚCHO, órgão do partido republicano, e trazia como redator o coronel Gervasio Lucas Annes, e gerente Claro Pereira Gomes. Era hebdomanário, impresso no mesmo prelo do ECHO DA VERDADE e do 17 DE JUNHO, e foi suspenso em princípio do ano seguinte, reaparecendo em 1905 e daí em diante se publicando regularmente até 1920, quando foi extinto. Nessa última fase teve como diretores, sucessivamente, o mesmo coronel Gervasio, drs. Innocencio Borges da Rosa e José Dario de Vasconcellos, Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Brasilico Lima, e gerentes Claro Pereira Gomes e seus irmãos Renato e Jacintho Pereira Gomes, também sucessivamente. Seguiram-se vários outros órgãos literários, críticos, políticos, etc., cuja lista não tenho completa. Esses apontamentos foram escritos em 1923. *João d'Outrora.*" (ON nº 8, de 15-07-25.)

A oficina do jornal O Echo da Verdade situava-se na Rua Paissandu, ala norte, esquina com a Rua 15 de Novembro. (Oliveira, Francisco Antonino Xavier e. O "Echo da

Verdade", *in* Seara Velha, Passo Fundo: Tipografia Independência, 1932.)

O tipógrafo, Teodolindo Domingues Vilanova, era natural de Cruz Alta e faleceu em São Domingo, SC, no mês de outubro de 1938, aos 67 anos de idade. Exerceu a mesma função no jornal O Gaúcho. (ON nº 3.120, de 10-10-38.)

Segundo Delma Rosendo Gehm, A VIOLETA começou a circular a 1º-05-1891, com 4 páginas e formato 23 x 33. (Gehm, Delma Rosendo. Passo Fundo Através do Tempo, 2º vol., P.Fundo: Diário da Manhã, Gráfica e Editora, 1982.)

O GAÚCHO surgiu a 11 de março de 1899. A data da fundação passou a ser impressa no cabeçalho a partir de 1917. O exemplar nº 27, de 12-09-1900, ano II, contém 4 páginas e formato 38 x 56. Folha semanal, órgão do Partido Republicano, tinha como redator político Gervasio Lucas Annes e gerente Claro Pereira Gomes. Funcionava na Rua do Comércio, no edifício do Clube Amor à Instrução. As condições de assinatura eram as seguintes: Ano 10\$000; semestre 6\$000. Fora da cidade: ano 12\$000; semestre 7\$000. Número avulso 300 réis;

atrasado 400 réis. A numeração retornava ao nº 1 a cada início de ano.

O exemplar acima citado apresenta os seguintes anunciantes: Hotel Internacional, de Athanagildo Rodrigues da Silva. Este, na página anterior, assina uma declaração, datada de 20-04-1900, informando ter vendido o seu estabelecimento comercial, situado na Rua do Comércio, a Ozorio de Moraes Silveira; Farmácia Fidelidade e baratilho Ao Lutador, ambos de José Pinto & Comp.; sapataria de Frederico Guilherme Kurtz; alfaiatarias de Carlos Reichmann e João Brandizio; Farmácia Caminha, de Antonio M. Caminha; oficina de seleiro, lombilheiro, tamanqueiro e corrieiro, de Innocencio Scheleder; agrimensores Alcebiades Galvão e Sartori & Lerdrup; escritvões Affonso Gabriel de Oliveira Lima, do Cível e Crime, e Lucas de Araujo Oliveira, de Órfãos e Ausentes; João d'Oliveira, de Carazinho, que preparava petições, tanto do cível como do crime, bem como os papéis para o casamento civil, a preços módicos e grátis aos pobres; e Irineo Ilha, advogado de Cachoeira do Sul. Excetuando-se a alfaiataria de Reichmann, na Rua Paissandu, os demais estabelecimentos localizavam-se na Rua do Comércio.

Delma Rosendo Gehm divulga a existência de um jornal chamado O AVANÇA, fundado em 1909 por Queiroz Ribeiro, “homem voltado para as artes e de requintado humorismo”. (op. cit.)

João Andronico de Queiroz Ribeiro pertenceu a grêmios teatrais da cidade. Foi escritvão interino da provedoria e casamentos em abril de 1911. (O Gaúcho nº 13, de 02-04-10.)

Em abril de 1910 O Gaúcho era dirigido pelo promotor público Innocencio Borges da Rosa. A gerência estava a cargo de Renato Pereira Gomes. Exemplares de maio de 1910 a abril de 1911 exibem o nome do gerente e “Redatores Diversos”. No início do mês de abril de 1911 passou a exercer a gerência Jacintho Pereira Gomes. (Nº 13, de 06-04-11.) Em junho assumiu a direção o advogado José Dario de Vasconcellos, ex-juiz da comarca. (Nº 24, de 22-06-11.) Em agosto do mesmo ano o diretor-proprietário era Francisco Antonino Xavier e Oliveira. (Nº 31, de 17-08-11.)

Antonino Xavier colaborou com O Gaúcho desde o primeiro número,

quando estreou a coluna *Amolando...*, que assinava *Japy*. (O Gaúcho nº 32, de 24-08-11.)

“Pel’O GAÚCHO. O Gaúcho, além de ser o órgão do Partido Republicano de Passo Fundo, é o único jornal que se publica nesta cidade. Do simples enunciado decorrem duas circunstâncias pelas quais estamos obrigados a amparar, proteger e animar esse órgão de publicidade. Se somos políticos, o dever partidário nos impõe a obrigação de manter o órgão do nosso Partido; se, ao contrário, somos alheios à política, ou mesmo adversários da situação, como habitantes deste lugar temos o dever de concorrer para o seu desenvolvimento e progresso, quer moral, quer material. E desde que o jornal da terra mantenha a conduta que tem mantido, isto é, timbrando em se manter alheio às paixões individuais, respeitando e acatando os homens pelo que eles valem, sem sindicar da política a que pertencem, não há razão para se negar a esse jornal toda a proteção e apoio, como um elemento de progresso local. No entretanto, quando nos empenhamos, como sinceros partidários e mais ainda, como verdadeiros filhos desta abençoada terra, para ampliar a ação benéfica do nosso jornal, elevando-o à altura do nosso

extraordinário progresso, vemos, com tristeza e mágoa, companheiros se negando ao mesquinho concurso de sua assinatura! Seria de desanimar, se não fosse a madura experiência que os anos nos fornecem, fazendo-nos conhecer os homens e as coisas do mundo. Ainda quero crer que os companheiros que assim procedem, não tem refletido sobre o caso e que, advertidos, formarão conosco, como sempre sucede, nas ocasiões em que a necessidade nos impele ao sacrifício. É necessário, é imprescindível nos congregarmos para proteger e amparar o órgão do nosso Partido, e mais ainda, para o auxílio indispensável ao progresso local. Seria desnecessário esse auxílio que invoco, se pretendêssemos deixar o nosso órgão de publicidade destoando do progresso local, estacionado, sem acompanhar a nossa evolução; mas não é assim, é preciso que ele acompanhe, que se coloque a par das nossas condições, e é para isso que peço o auxílio e o concurso dos nossos correligionários. E conto ser atendido, como sempre. Passo Fundo, 24 de agosto de 1911. *Gervasio Annes.*” (Idem.)

Na mensagem ao Conselho Municipal, em 1911, o intendente Gervasio Annes festeja o crescimento da

cidade: “Por outro lado, a população da sede do município cresceu extraordinariamente de 1909 para cá, sendo construídos, só no ano de 1910, cento e tantos prédios na zona urbana.”

“ILUSTRADA REDAÇÃO D’O GAÚCHO. Seria de real conveniência que essa digna folha, defendendo a saúde pública ameaçada, representasse a quem de direito, contra o abusivo fato da existência de porcos em chiqueiros, em numerosos quintais desta cidade, muito principalmente na parte central, onde o povoamento é mais denso e por conseqüência o perigo se torna mais grave, atendendo-se a que o ar, já alterado pelo acúmulo de habitações providas de latrinas e sem esgotos regulares para águas servidas, tem ainda para o viciar e empestar a grande quantidade de imundície que um porco adulto produz diariamente e vai sendo acumulada junto ao chiqueiro, porque geralmente a não removem dali. O fato, como se vê, é de natureza a exigir imediatas providências da autoridade competente, mesmo porque traduz uma violação flagrante do disposto no art. 25 n° 30 do nosso Código de Posturas, que expressamente proíbe a conservação desses animais dentro dos limites urbanos e impõe a multa de 10\$000 rs aos infratores. Fazendo esta

reclamação tão justa, não tenho em mente ver multados os moradores que a motivam; apenas advogo o interesse público, desejando contribuir para que se evitem as muitas moléstias que semelhante abuso pode gerar e que, por certo, recairão de preferência nos próprios donos dos porcos, visto serem os mais expostos à sua influência perniciosa. A autoridade pode e deve mesmo remover o inconveniente sem impor ônus aos moradores, tendo em vista que eles procedem de boa-fé e supondo exercerem um direito. Assim sendo, bastará marcar um prazo qualquer para a retirada desses animais da zona urbana, sob pena de aplicar a penalidade da lei aos que o não fizerem. Assim ficarão plenamente conciliados os interesses da saúde pública com os dos particulares e não haverá razão alguma de queixa destes. Com a publicidade destas linhas, muito penhorareis ao vosso CONSTATANTE LEITOR.” (O Gaúcho n° 18, de 22-05-10.)

“EDIFICAÇÕES. A nossa cidade tem nestes últimos anos progredido muito, sendo notável o grande número de prédios construídos recentemente e os que se acham em trabalho. Notamos, entretanto, que as casas são mal cuidadas em suas frentes: diversas não são

rebocadas, outras não são caiadas e em várias falta o calçamento. Conhecemos algumas que, apesar de velhas, nunca foram rebocadas e que não tem calçamento. A intendência Municipal, procurando sanar essa falta, que dá à nossa cidade um triste aspecto, resolveu cobrar, além da décima urbana, mais 60% por prédio não rebocado; mais 50% por prédio não caiado e mais 40% por prédio sem calçamento na frente. Era de se supor que os proprietários, não desejando pagar mais esses impostos, tratassem imediatamente de pôr em prática os meios de evitá-los. Parece incrível, mas é real: muitos preferem pagá-los!.. Os viajantes que aqui se apresentam e nós mesmos, quando retirados por algum tempo, somos desagradavelmente impressionados com essa falta de estética. Permitam-nos os senhores proprietários, que avancemos o nosso modo de pensar, talvez mesmo errôneo: se a frente, que está visível a todos revela esse desleixo e falta de cuidado, o que existirá lá pelo interior?!.. É de fazermos essa suposição, pois quando vemos um sujeito de cara, mãos e pés sujos, partes que andam à mostra, é crível que o resto de seu corpo esteja em piores condições. Desculpem-nos a comparação, mas é ela cabível para os prédios, a que vimos nos referindo. Alguns proprietários queixam-se de falta de pedras para calçamento;

isso é desculpa tola e esfarrapada, porquanto pedras não faltam e além disso há o magnífico calçamento de cimento. Tomamos a liberdade de lembrar ao sr. Cel. Gervasio Lucas Annes, Intendente Municipal e ao Presidente do Conselho, Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, um meio que posto em execução forçosamente produzirá efeito satisfatório. A exemplo do que fazem em muitas cidades, o Intendente determinará aos proprietários um prazo fixo e suficiente para mandarem rebocar, cair e calçar seus prédios. Se depois de esgotado esse prazo, não tiverem preenchido essas formalidades, a intendência mandará fazer por sua conta, cobrando, com multa, judicialmente. Isto não é idéia nossa; como dissemos acima é o meio adotado em quase todas as cidades e que tem produzido resultado magnífico. É do nosso conhecimento que alguns proprietários dizem preferir pagar mais aqueles impostos a cumprirem as outras determinações. Isto é uma pironice que fazem a si mesmos e não à Intendência, revelando serem indivíduos teimosos, rotineiros e atrasados. Adote o sr. Cel. Intendente o alvitre de lembrarmos e verá que muito logo a nossa cidade apresentará um aspecto alegre e risonho. É esse o nosso modo de pensar...” (Idem.)

“GADO SOLTO NAS RUAS. A intendência municipal continua movendo ativa campanha contra a conservação de gado solto nas ruas. Diariamente é percorrida a cidade pelo encarregado de fiscalizar a execução dessa medida, o qual já tem feito várias apreensões, recolhendo os animais apreendidos à mangueira junto ao quartel da guarda municipal. No interesse de pôr termo definitivo ao abuso, a municipalidade fará remover para um dos distritos rurais, a fim de ser lá guardados em segurança, todos os animais apreendidos que não forem procurados por seus donos, os quais ficarão sujeitos às despesas quer de remoção, quer de conservação dos mesmos.” (O Gaúcho nº 32, de 24-08-11.)

Antes do futebol as carreiras dominavam o noticiário esportivo: “SPORT HÍPICO. Domingo último, na raia sita nas proximidades da Praça da República, realizou-se a carreira entre ‘Defensor’, potrilho de propriedade do nosso amigo dr. Terra, e ‘Preguiça’ do nosso amigo Oliveira Alves de Farias, vencendo facilmente o primeiro, apesar das dificuldades com que lutou na saída, por não ser ainda disciplinado na cancha. No dia 10 de setembro próximo se realizará, na raia do Pinheiro Torto, a

carreira entre os parreiros ACTOR, 3 quartos de sangue, filho do afamado reprodutor LE LEON e de propriedade do nosso ilustre amigo dr. Araujo Vergueiro, e NÃO TE PIQUES (zangão), animal que aqui apareceu cercado de mistério, constituindo-se um verdadeiro enigma para os nossos carreiristas, que, por isso, se mostram ávidos de conhecer o resultado da carreira. O misterioso parreiro tem todos os traços reveladores de alta corrida, sendo o seu apresentante o nosso amigo Faustino Silveira, com quem foi atada a carreira aludida, que é em 3 quadras, pela parada de 1:200\$000.” (O Gaúcho nº 34, de 07-09-11.)

A raia existente nas proximidades da Praça da República era o que restava da *Raia do Toco*, conforme Antonino Xavier: “Era situada no espaço, então despovoado, que, hoje, se pode localizar entre a Avenida Brasil, a Praça da República e a Avenida Capitão Jovino, de um lado, e a Rua Moron, de outro, da Rua Bento Gonçalves para o nordeste, na direção do Passo, em cuja descida ficava o laço maior das corridas que nela se realizavam. (...) Com a chegada da estrada de ferro, porém, começando a cidade a expandir-se para aquele lado, teve a raia que desaparecer, sendo, aí,

mudada para a esquerda, na caída que desce para o banhado do extinto Tiro de Guerra, onde pouca duração teve, porque não tardou que também para lá se estendesse a cidade, outra vez trancando-a. Assim foi o carreirismo urbano, batido pelo progresso, passou para o rol das recordações do passado.” (João d’Outrora, Antigualhas Locaes, *in* ON nº 2.135, de 19-06-35.)

O Código de Posturas de 1914 regulamentava minuciosamente a competição: “Capítulo XVI. JOGOS, ESPETÁCULOS, VADIOS, MENDIGOS, ESMOLAS. Art. 90 – Nenhuma carreira se poderá efetuar, sob pena de multa de 10\$ a 50\$000, se não forem preenchidos os requisitos seguintes: § 1º - Aviso ao subintendente do distrito, até três dias antes, declarando as cláusulas da corrida. § 2º - Pagamento do imposto até a véspera do dia designado. Art. 91 – Não comparecendo autoridade para presidir a carreira, será, não obstante, realizada a mesma; salvo deliberação em contrário, das partes. § único – O subintendente que, avisado, não comparecer ou não mandar por si algum dos comissários do distrito, incorrerá em multa de 50\$000. Art. 92 – Colocados os animais no partidor, retirar-se-ão as pessoas que ali se acharem,

ficando somente o juiz de saída e os contratantes ou, na falta destes, dois cidadãos por eles indicados. Art. 93 – Na chegada só é permitida a presença dos julgadores e da autoridade ou seu representante. No caso de dúvida, dará esta a sua opinião. Art. 94 – As pessoas que assistirem a corrida, não poderão chegar a distância inferior a 5 metros da cancha. Art. 95 – Os juizes serão nomeados pelas partes. Art. 96 – No caso de dúvida entre os contratantes, a autoridade arrecadará o depósito ou parada e a reterá, até que cheguem a acordo. Art. 97 – Se a carreira não se efetuar no dia designado, em vista da cláusula do contrato, o imposto pago prevalecerá para o dia em que tiver lugar a mesma. § Único – No caso de ficar sem efeito uma carreira, em virtude da qual o subintendente tenha comparecido – atendendo à respectiva comunicação recebida, o imposto será devolvido, à exceção da parte que corresponder ao valor da multa do contrato. Art. 98 – Se a carreira for transferida para outro dia, será de novo avisado o subintendente, no mesmo prazo do art. 90 nº 1. Art. 99 – As rinhas de galos não poderão ser efetuadas sem licença do subintendente e pagamento do respectivo imposto, o qual não será devolvido em caso algum. Pena: multa de 20\$000. (...) Art. 101 – Nenhuma carreira, mesmo em estrada

pública, será efetuada sem que o dono do campo anexo dê o seu consentimento para a entrada neste. Pena: a mesma do art. 88.”

No ano de 1912, segundo a mensagem do Intendente, as carreiras arrecadaram 646\$000 de impostos, contra 20\$000 das “funções” e apenas 12\$000 das rinhas.

Na década seguinte a elite passo-fundense apeou do cavalo: “ANEPÍGRAFOS. Passo Fundo se esquece neste momento de muitas coisas importantes e graves: a carestia da vida, a baixa das madeiras e dos produtos, o câmbio, a próxima sucessão presidencial da República, etc. Esquece-se do próprio professor Mozart e de quem tanto se ocupou a imprensa indígena. Torturam-na duas preocupações, por certo também de suma importância e gravidade. Duas preocupações que se podem resumir numa só: o desejo de se aristocratizar. A cidade entrega-se com delícia e gozo ao aperfeiçoamento dos seus conhecimentos coreográficos e compra automóveis de preço. (...) Pois é assim. Passo Fundo quer se tornar elegante, dançando o tango argentino e o ‘fox-trot’ à Carlos Schwarz e passeando pelas nossas poeirentas ruas, em fofos assentos dos ‘Fiats’, ‘Dodges’,

‘Rugbys’ e ‘Fords’, modelo novo, este último alhures, também chamado ‘melindrosa’ - comparação hiper-super-extra invulgar. E a vida, parece, consiste num belo passeio de automóvel ou num ‘fox-trot’ Schwarzeano, nesta deliciosa Passo Fundo! Passo Fundo civiliza-se, não há dúvida. De um momento para outro encheu-se de agentes de automóveis e encheu-se também de bailarinos. Por todos os cantos e a pretexto de tudo se houve dizer: ‘Fulano comprou um Fiat’; ‘Beltrano espera um Dodge’. Este experimenta um ‘Rugby’, aquel’outro adquiriu uma ‘melindrosa’, isto é, um ‘Ford’ modelo novo. (...) Por toda a parte se ouve falar nas aulas de danças, nos novos passos do tango argentino e em todos os lugares se ouve palestrar a respeito de automóveis. E insistem tanto nesses assuntos, e os confundem tanto, havendo ‘Ford’ melindrosa e melindrosa bailarina, que um dia destes, apreciando um dos ensaios do professor Schwarz – coisa mui para ver-se – não sei por que macabra dança do pensamento, vendo o professor Schwarz deslizar num dos seus passos do tango argentino pensei logo numa melindrosa... Que coisa extraordinária! Agora não me lembro se era melindrosa ‘Ford’ ou melindrosa dançarina... X.” (ON nº 61, de 16-01-26.)

O surto de progresso fez do passado recente uma recordação distante: “NOTAS A LÁPIS. Ao Oribe Marques. Quando se levanta cedo, num hotel de campanha, não há como matar o tempo senão conversando com os próprios pensamentos. Pois não sei por que associação de idéias, veio-me hoje à imaginação o Passo Fundo que eu conheci há dezoito ou vinte anos, terrinha pacata em que a poeira fofa da rua do Comércio era a cama macia e plácida das vacas de leite. Será porque estou ouvindo um terneiro a berrar? É possível. A mínima excitação externa é motivo para a imaginação, uma rapidez de relâmpago, sem solução de continuidade, ir de uma imagem a outra até chegar ao extremo oposto do ponto de partida. Pode ser, mas reví logo, em princípio, o campo raso, cortado ao meio por uma estradinha, que é hoje a praça Tamandaré. Ao fundo, como ruína antiga, elevavam-se as meias paredes do edificio começado e abandonado muito tempo, da nossa atual igreja. Ali, jogávamos nós, rapaziada miúda do colégio marista, alguma coisa que mais tarde seria o futebol. Depois, talvez porque se me associasse ao espírito a idéia do desaparecimento de todas as coisas, pintou-se-me, bem ao vivo, o cemiteriozinho de muros velhos e túmulos carcomidos pelo caruncho do tempo, em que íamos a cavalo, por já ser

longinho da cidade. Como poderei localizar hoje o cemitério antigo? É difícil, mas não errarei muito em dizer que o prédio da Cia. Telefônica ou algum prédio vizinho repousa sobre a terra que foi a morada última de nossos maiores. E a praça M. Floriano, a nossa bela praça, quase sem rival no Estado? Campo limpo, sem casas, sem árvores, sem nada, que atraía ainda toda a gente nos domingos, pela sua igrejinha de estuque, cujas paredes estavam tão furadas que víamos, de fora, tudo o que lá dentro se passava. A cidade reduzia-se dos trilhos ao Boqueirão. A vila Rodrigues era uma invernada; a avenida capitão Jovino, a praça da República, toda aquela zona era campo raso, relvoso, onde serpenteava uma estradinha que levava ao rio. Havia por ali uma ou duas raias de carreiras. Falar em automóvel era, então, como quem fala hoje no homem pássaro: pura hipótese de sonhador. A moda nos transportes já existia, entretanto, o chic era o cavalo. Assim, o amigo Oribe (que não me leve ele a mal tais revelações, à conta da nossa velha amizade), possuidor hoje de um Auburn que é o maior auto da cidade, maior mesmo que o do Otto Bade, já naquele tempo nos fazia inveja com o cavalinho tostado impertinente e pinoteador, ganhador de carreiras, que era o melhor de todos, mesmo melhor que o Nampa do Raphael, apesar de

importado de Porto Alegre. De cinema nem notícia. O divertimento vulgar era o baile, onde a dança principal era o chotis figurado em que o cavalheiro punha a mão esquerda nas costas e marcava o compasso com o pé. Também vigoravam, aos domingos, os jogos de prendas, considerados completamente tolos hoje em dia; - Minha direita está desocupada, quero aqui o jasmim... E lá ia o Celeste, faceiro, ocupar a direita. A diversão máxima, porém, e rara, de quando em vez, era o circo de cavalinhos. Então o povo tomava partido, estes por uma artista, aqueles por outra; distinguiam-se com cores e discutiam e brigavam. Brigavam a ponto de arrancar revólveres. Depois, quando o circo ia embora, tudo caía na pasmaceira habitual, a chuva cessava, e continuavam as pacíficas rodinhas de mate nas calçadas. Nada de novo: somente algum crime ou alguma carreira, coisa vulgar. Como tudo mudou em vinte anos, hábitos, costumes, ambiente... A roda gigantesca do tempo nos arrasta para a frente, inexoravelmente, fatalmente, no caminho do túmulo. Tudo se transforma, tudo muda, tudo desaparece e, no balanço geral do universo, tudo fica como está, tudo permanece e a humanidade e a terra continuam sua vida ininterrupta e misteriosa a rebolar no espaço infinito um destino misterioso e vago. Boa Vista

do Erechim. 15-1-29. *João Pedro.*” (ON nº 371, de 17-01-29.)

Através do Ato nº 407, de 11 de fevereiro de 1925, o intendente Armando Annes regulamentou o trânsito de automóveis no município: “CAPÍTULO I. *Da matrícula de automóveis.* Art. 1. – Nenhum automóvel pertencente a empresas ou particulares domiciliados neste município, poderá circular pelo território do mesmo, sem prévia matrícula na Intendência Municipal e pagamento prévio dos impostos criados em lei. PENA: multa de 100\$000 a 200\$000, com apreensão do automóvel e seu recolhimento ao Depósito Municipal, até serem cumpridas as disposições regulamentares em vigor. Art. 2. – A matrícula será efetuada mediante requisição ao intendente, com estas indicações: nome do proprietário, endereço da garage, força do motor e velocidade máxima, número de ordem do fabricante, tipo do automóvel e sua lotação. Art. 3. – No ato da matrícula, a Intendência fornecerá, mediante pagamento, ao requerente, uma placa numerada para ser colocada na parte posterior do automóvel. Parágrafo Único – Essas placas poderão ser substituídas por outras, de tipo, formato e cor diferentes, quando, a juízo do Intendente,

houver nisso conveniência. Art. 4. – Os vendedores de automóveis não ficam sujeitos à matrícula dos que tenham à venda, mas, quando os hajam de experimentar, por motivo de negócio empreendido, utilizarão placas especiais, previamente inscritas na Intendência, pelo tipo, formato e cor. PENA: multa de 100\$000 a 200\$000. CAPÍTULO II. *Da matrícula de condutores.* Art. 5. – Só poderá conduzir automóvel quem se haja matriculado condutor na Intendência e, para tal, se exigem os requisitos seguintes: a) ser maior de 15 anos, consoante prescreve o Código de Posturas, e ter capacidade física; b) possuir conhecimento técnico do tipo de automóvel de que trata a matrícula requerida, e do seu manejo; c) ter perfeitos os órgãos da visão e audição; d) não sofrer de moléstia contagiosa ou que o possa privar, subitamente, da direção do veículo. Art. 6. – O candidato à carta de condutor deverá requerer sua matrícula ao Intendente, exibindo: a) prova de idade; b) atestado médico; c) carteira de identidade. Art. 7. – Será ele submetido a exame teórico e prático perante uma comissão constituída de três membros e nomeada pelo Intendente. Parágrafo único – Do laudo da comissão examinadora, haverá recurso para o Intendente. Art. 8. – O exame constará: a) da descrição da monenclatura e

funcionamento do motor e das demais peças do automóvel; b) das condições a serem observadas, quando em trânsito por sítios acidentados ou sinuosos; c) das disposições do Código de Posturas e dos Regulamentos em vigor, atinentes ao movimento de veículos. Art. 9. – Para o exame, comparecerá o candidato em lugar, dia e hora designados, com um automóvel em perfeito estado de funcionamento. CAPÍTULO III. *Da Viação – Seção I. Dos automóveis deste município.* Art. 10. – Todo condutor trará consigo a sua carta de condutor e o instrumento de matrícula do seu carro para os exhibir sempre que algum funcionário municipal ou autoridade policial lhos exija. Pena: multa de 10\$000, elevada ao dobro quando reincidente o infrator, e cumulada a multa ao dobro com a cassação da carteira referida, no caso de terceira infração. Art. 11. – Todo o automóvel em movimento, à noite, levará duas lanternas acesas na parte anterior e outra, na parte posterior, com luz vermelha, para servir de sinal e iluminar a placa de numeração. Pena: multa de 50\$000 a 100\$000, além da responsabilidade pelo dano causado, se o for. Art. 12. – Ninguém poderá conduzir automóvel sem buzina ou sirena em perfeito estado de funcionamento, de modo que se possam dar, distintos, os sinais do costume para prevenir

acidentes. Pena: multa de 50\$000 a 100\$000, além da responsabilidade pelo dano que for causado. Art. 13. – São proibidos o escapamento livre e o excesso de fumaça. Pena: multa de 5\$000, elevada ao dobro, quando reincidente o infrator. Art. 14. – A velocidade máxima, no perímetro urbano, será de dez quilômetros por hora. Pena: multa de 50\$000 a 100\$000, além da obrigação de ressarcir o dano causado. Art. 15. – Nos cruzamentos de ruas, os condutores deverão sempre, invariavelmente, diminuir a velocidade de seus carros e dar o sinal do costume. Pena: multa de 50\$000 a 100\$000, com obrigação de indenizar os prejuízos causados. Art. 16. – O condutor de automóvel, ao defrontar com outro que rume em sentido inverso, dar-lhe-á passagem à esquerda tomando o lado direito. Pena: multa de 50\$000 a 100\$000, além da responsabilidade pelo dano verificado. Art. 17. – O condutor que, por imperícia em sua arte, imprudência, negligência ou por inobservância de disposições regulamentares, contribuir ou for causa de algum acidente ou dano, incorrerá na multa de 50\$000 a 100\$000, além da obrigação de ressarcir o dano causado. Art. 18. – Os automóveis de praça não poderão conduzir: a) enfermos de moléstias contagiosas, sob pena de multa

de 50\$00; b) cadáveres a sepultamento, multa de 100\$000. (Art. 120 do Cód. de Posturas.); c) qualquer espécie de carga, a não ser a bagagem dos passageiros, multa de 5\$000. Art. 19. – Não poderão fazer ponto em lugares não determinados pelo Intendente. Pena: multa de 50\$000 a 100\$000. Art. 20. – São os condutores de automóveis obrigados a deter-se na via pública e prestar todo o auxílio possível ao seu colega e passageiros: a) no caso de acidente, sob pena de multa de 20\$000; b) no caso de pane, sob pena de multa de 5\$000, elevadas ambas as multas ao dobro, quando reincidente o infrator. Parágrafo único – Em se tratando de acidente, deverá este ser denunciado à autoridade mais próxima, pelo condutor que a sofreu, se puder fazê-lo, ou por aquele que o socorrera, em caso de lho não permitirem as condições de saúde, sob pena de 10\$000 de multa, elevada ao dobro, quando reincidir o contraventor. Art. 21. – São igualmente obrigados a deter-se na via pública, quando a autoridade municipal ou policial lhe fizer sinal, impedindo-lhe a marcha. Pena: multa de 50\$000, cumulada com a suspensão do exercício da profissão por três meses, em caso de reincidência. Art. 22. – Os condutores não poderão abandonar os automóveis nem maltratar por gestos ou palavras, os passageiros. Pena: multa de 10\$000, dobrada quando

reincidentes os infratores. Seção II. *Dos automóveis de outros municípios.* Art. 23. – Automóveis de outros municípios, bem como os seus condutores, quando em trânsito por este, ficam subordinados às disposições do presente regulamento, mas dispensados da formalidade da matrícula, desde que a sua permanência no território municipal não exceda a 15 dias. Parágrafo único – Expirado este prazo, sem que hajam sido matriculados, não mais poderão circular pelo município. Pena: a do art. I. CAPÍTULO IV. *Dos preços e sua tabela.* Art. 24. – Os condutores não poderão exigir, pela ocupação de seus veículos, importância superior à fixada na tabela de preços abaixo consignada. Pena: multa de 10\$000, elevada ao dobro em caso de reincidência. **Tabela de preços para automóveis de praça no perímetro urbano.** De 1º de outubro ao dia último de março. Das 6 às 20 horas: CORRIDA: 2\$000; HORA: 20\$000. Das 20 às 6 horas: CORRIDA: 3\$000; HORA: 25\$000. De 1º de abril ao dia último de setembro. Das 6 às 18 horas: CORRIDA: 2\$000; HORA: 25\$000. Das 18 às 6 horas: CORRIDA: 3\$000; HORA: 25\$000. Art. 25. – Tomado o automóvel ou carro por hora, considera-se vencida a hora, posto que o passageiro antes o desocupe. Parágrafo único – Depois da primeira hora, cobrará o condutor por

quartos de hora, ainda que não completos, proporcionalmente ao preço da hora. CAPÍTULO V. *Disposições gerais.* Art. 26. – Ficam sujeitos a este regulamento o tráfego de automóveis nas povoações do interior do município. Art. 27. – Para excursões além dos limites urbanos, prevalecerá o preço ajustado entre as partes. Art. 28. – Sempre que convier à comodidade ou segurança pública, o Intendente baixará regulamentos especiais sobre a circulação de veículos, provendo de acordo com as circunstâncias de momento. Art. 29. – Revogam-se as disposições em contrário. Intendência Municipal de Passo Fundo, 11 de fevereiro de 1925. ARMANDO ANNES, Intendente. ATO Nº 408. De 11 de fevereiro de 1925. O Intendente Municipal de Passo Fundo, no uso das atribuições que lhe confere a Lei Orgânica, Art. 13 § 2º, DECRETA: Art. 1. – Fica subordinado às prescrições do regulamento que baixou o ato nº 407 desta data no que lhe forem aplicáveis, o tráfego de veículos de qualquer espécie, pelo território municipal. Art. 2. – Revogam-se as disposições em contrário. Intendência Municipal de Passo Fundo, 11 de fevereiro de 1925. ARMANDO ANNES, Intendente.” (A Voz da Serra nº 32, de 28-02-25.)

Registros de competições aparecem nos jornais. A analogia com as corridas de cavalos era inevitável: “CARREIRA DE AUTOS. Domingo passado, às 13 horas, uma baratinha de cor amarela correu uma carreira com um Ford preto, modelo antigo, cujo número não pudemos verificar, dada a velocidade em que corria. A cancha escolhida foi a Avenida Brasil, trecho entre o Hotel Internacional e a praça da República. Venceu a baratinha com grande facilidade.” (ON nº 86, de 14-04-26.)

Em pouco tempo os “pegas” se tornaram rotineiros: “(...) E o abuso das carreiras já vai tão longe que ainda ontem faziam-se pelas ruas da cidade convites para assistir às carreiras da tarde no trecho da Av. Brasil, no Boqueirão.” (ON nº 309, de 13-06-28.)

Outra informação denuncia a presença de lavadores de carros trabalhando regularmente no Passo: “(...) lavadores de automóveis que passam por ali quase todo o dia, tomam banho nus, no passo.” (ON nº 295, de 25-04-28.)

Um “furto de uso” ou coisa parecida atesta a precocidade dos nossos amigos do alheio: “CASO

MISTERIOSO. Na noite de sexta para sábado da semana passada o auto nº 42, de propriedade do sr. Nativo Oliveira, foi retirado de sua ‘garage’, no pátio do Colégio Notre Dame, por mão desconhecida. No dia imediato foi encontrado na mesma ‘garage’ com o eixo da frente inutilizado e torto, apresentando vestígios de ter feito regular corrida. Não se tratando de furto, presume o sr. Nativo Oliveira tratar-se de uma liberdade de mau gosto de algum conhecido.” (ON nº 40, de 02-12-25.)

A 15-05-27 a agência local da Chevrolet promoveu na cidade uma apresentação do legendário Eduardo Abelim, realizada no campo do Grêmio Esportivo 14 de Julho. Programa: “1 – Guiar o auto, montado na capota; 2 – guiar o auto, em pé, na direção e ao mesmo tempo deitado no estribo; 3 – guiar o auto por meio de espelho; 4 – guiar o auto com as mãos completamente amarradas na cabeça; 5 – fazer o auto dar voltas no campo, com três passageiros no banco de trás, sem o respectivo chauffeur na direção (ato cômico); 6 – guiar o auto por meio de rédeas, na distância de 5 metros, fazendo defesas no meio do campo (ato cômico).” (ON nº 197, de 14-05-27.)

O cronista passo-fundense Heitor Pinto Silveira (1902-1944), que era enteadado do cel. Gervásio Annes, no livro *Escritos* (Passo Fundo: Livraria Nacional, 1943), confirma a existência de um campo de futebol na Praça Tamandaré por volta de 1909: “Além de outras recordações e acontecimentos respeitosos como a realização de Missa Campal, a Praça Tamandaré foi, há mais de trinta anos, campo de Foot Ball; cancha de tênis; teve diversos e bons Circos, antigamente chamados de – cavalinhos; e foi Praça de Touradas quando aqui esteve (por mais de ano) o valentão e simpático uruguaio – Don Galôcha, o toureiro número um dos sonhos travessos de minha infância. Em 1909, aproximadamente.”

Pesquisas recentes comprovam que no Brasil Imperial o futebol já era praticado em colégios de congregações religiosas. No Rio Grande do Sul esse esporte foi muito difundido pelos Irmãos Maristas a partir de 1900, quando desembarcaram na cidade de Rio Grande. Em Passo Fundo os Maristas fundaram o Colégio São Pedro, que funcionou de 1906 a 1910, sempre nas proximidades da atual Praça Tamandaré. Era ali que os alunos jogavam “alguma coisa que mais tarde seria o futebol”.

A 27-04-1913 surgiu em Passo Fundo o primeiro clube de futebol. Chamava-se “União Sport-Club”.

“Comentários – Tiro ao Alvo (...)”

Vamos dar à publicidade, para ilustração dos nossos leitores, a primeira ata do primeiro clube de futebol em Passo Fundo, o ‘União Sport-Club’, fundado em 27 de abril de 1913, e isso por gentileza do sr. Inocêncio Pinto que guarda em seu poder o livro de atas da referida entidade desportiva, que ficará celebrada na história dos desportos em nossa terra. **Para a história do futebol em Passo Fundo.** ‘ATA DE INSTALAÇÃO DO SPORT CLUB – Aos vinte e sete dias do mês de abril do ano de mil novecentos e treze, às três horas da tarde, após um training na Praça da Boa Vista pelos amadores do **foot-ball** desta cidade, reunidos os abaixo-assinados na ‘A Providencia’ de E. Silveira & Comp. a convite do sócio desta firma snr. Innocencio Correa Pinto, foi aí aventada a idéia da fundação d’um Club que promovesse o gosto pelos **sports** ao ar livre o que sendo aceito sob delirantes aplausos foi em seguida aclamada uma diretoria provisória com plenos poderes de definitivamente organizar o Club promovendo o

congraçamento dos elementos dispersos e capaz de levar avante esse **desideratum**. A Diretoria aclamada ficou assim composta: Presidente: Egydio Silveira – vice-presidente: Jovino da Silva Freitas – 1º secretário: João Baptista Curio de Carvalho – 2º secretário: Ivo Ferreira – 1º tesoureiro: Innocencio Correa Pinto – 2º tesoureiro: Helmuth Homerich – diretor de campo: Oscar Vasconcellos – guarda sport: Jorge Severo Schell. Em seguida um grupo dos abaixo-assinados, reunidos ao som da ‘Lyra passo-fundense’, ao estrogil de foguetes e vivas, acompanharam o presidente até a sua residência, onde ainda debaixo dos mesmos aplausos e harmonia foi servido um delicado copo d’água. E, para constar, eu 1º secretário João Baptista Curio de Carvalho faço este sumário histórico da fundação do Club, que vai assinado pelos seus sócios fundadores. (ass.) Innocencio Correa Pinto, João Baptista Curio de Carvalho, Egydio Silveira, Dorvalino Silva, José S. Silva de Carvalho, Helmuth Homrich, J. A. R. Vasconcellos, Geolar Caminha, Attilio B. Corá, Jovino da Silva Freitas, Ivo José Ferreira, Platão Motta, Celeste Corá, Mario Lima, Emilio Homrich, Jorge Severo Schell, Arthur Schell Issler, Pindaro Annes, Homero Araujo, A. J. Rocha, Eurico de Oliveira.” (ON nº 6.367, de 23-11-49.)

Na 1ª reunião da diretoria, realizada a 11-05-13, foi nomeada uma comissão, composta por João B. Curio de Carvalho (relator), Homero Araujo e Oscar R. de Vasconcellos, a fim de organizar o projeto dos estatutos e sugerir o nome a ser adotado pelo clube. (ON nº 6.368, de 24-11-49.)

A 1º-06-13, na 2ª reunião da diretoria, a comissão entregou o projeto dos estatutos. A assembléia geral foi realizada na casa do consócio Innocencio Pinto, a 08-06-13. Após algumas emendas apresentadas pelo consócio Jovino da Silva Freitas, o projeto foi aprovado por unanimidade. Diretoria definitiva: presidente – Egydio Silveira, 19 votos; vice-presidente – Jovino da Silva Freitas, 18 votos; 1º secretário – J. B. Curio de Carvalho, 19 votos; 2º secretário – Ivo José Ferreira, 19 votos; 1º tesoureiro – Innocencio Pinto, 18 votos; 2º tesoureiro – H. Homrich, 18 votos; orador – Oswaldo Caminha, 18 votos; guarda-sport – Dorvalino Silva, 12 votos. (ON nº 6.369, de 25-11; e nº 6.371, de 28-11-49.)

“ATA DA 3ª REUNIÃO DA DIRETORIA. Aos oito dias do mês de

junho de mil novecentos e treze, reunida a Diretoria com os membros ao fim assinados, em casa do consócio Innocencio Pinto, foi aberta a sessão. De acordo com o art. 24º dos Estatutos foi escolhido o uniforme seguinte: boné, camiseta e meias de cores verde com amarelo, calção cáqui para o 1º *team* e branco para o 2º que terá também uma cinta preta no braço direito. Foi também resolvido que o Club desse gratuitamente o uniforme para o 1º *team*, ficando sob a guarda do Guarda-Sport e somente sendo permitido usá-lo nos dias de *match*. Foi também autorizada a impressão dos Estatutos e recibos para a cobrança. Pelo Presidente foram propostos e aceitos sócios efetivos: Lauro Pillar, Fioravante Espiazzi. – Pelo vice-presidente: José Lucas Dias, Pedro Lopes de Oliveira. – Pelo sócio José Carvalho: Eduardo Muller, Alcides de Oliveira Lima. – Pelo sócio Oscar de Vasconcellos: Amador Araujo. – Pelo sócio Antão Bastos: João Lúcio Bueno, João Cancio Bastos, Moysés Dipp. – Pelo sócio Innocencio Pinto: João Gonsalves. E para constar eu João Baptista Curio de Carvalho, 1º secretário, escrevi e assino. (ass.) Egydio Silveira, Jovino da Silva Freitas, Helmuth Homerich, Ivo José Ferreira, Innocencio Correa Pinto, O. R. Vasconcellos, Dorvalino M. da Silva,

João Baptista Curio de Carvalho.” (ON nº 6.373, de 1º-12-49.)

Na 4ª reunião da diretoria, ocorrida a 29-06-13, o presidente nomeou os consócios Jovino da Silva Freitas e Oscar de Vasconcellos “para se entenderem com o intendente sobre o melhoramento do campo de jogo”. Por indicação do 1º secretário, o consócio Dr. Nicolau Araujo Vergueiro foi convidado a prestar os serviços médicos “por ocasião do jogo” e organizar a “ficha antropométrica” individual dos jogadores. (ON nº 6.374, de 02-12-49.)

Os Estatutos do União, bem como o Regulamento Interno (aprovado a 08-12-13) foram publicados em conjunto pela Livraria A Minerva.

O art. 1º, capítulo I, dos Estatutos, está assim redigido: “Da Associação e seus Fins. O ‘UNIÃO SPORT CLUB’, fundado em 27 de abril findo, nesta cidade, tem por fim praticar o *Sport* ao ar livre, especialmente o *foot-ball* e bem assim proporcionar aos seus sócios agradável convívio, pela forma que for julgada mais conveniente ao fim social.”

Outras informações esclarecedoras aparecem nas “Disposições Geraes”, capítulo VIII: “Art. 23º - É considerado como parte integrante destes Estatutos as disposições contidas no ‘*Guia de Football*’ de F. O. Oliveira. Art. 24º - O Estandarte social constará de dois campos, verde e amarelo separados por uma faixa branca em sentido transversal da direita para a esquerda com os dizeres U. S. C. Art. 25º - O uniforme dos jogadores será marcado pela Diretoria. Art. 26º - É expressamente proibido jogo de azar e discussões políticas na sede social. Art. 27º - Os sócios que pertencerem aos *teams* ficam dispensados de metade da jóia, que será restituída caso já tenham pago.”

A 23-10-16 ocorreu uma “aliança” entre o “União Sport-Club” e o “Club Commercial Passo Fundense”, fundado a 28-04-12. Este não se dissolveu, apenas passou a denominar-se “União Commercial”. (Livro nº 3, Registro de Sociedades Civis.) Uma versão da história de ambos os clubes está contida num pedido de remissão à diretoria do Commercial, assinado por Antonio Junqueira da Rocha e Modesto Silva, datado de 03-02-48: “Srs. Diretores. Nós, no fim assinados, sócios-fundadores do Clube Commercial de Passo Fundo, vimos

respeitosamente à presença de VV. SS. pleitear a nossa remissão ao Clube, que ora dirigis e que, há trinta e seis anos fundamos. Para isso, permiti srs. que façamos o histórico de como foi fundado o Clube Commercial, cuja marcha ascendente temos acompanhado até a data em que vivemos. **Histórico.** Desde que o Clube Pinheiro Machado encampou o Clube Amor à Instrução, a nossa cidade não teve mais clube recreativo, além da Sociedade Italiana, que foi fundada em 1901. Essa situação perdurou até abril de 1912, quando o primeiro signatário deste pedido de remissão, Antonio Junqueira da Rocha, sentindo a falta de uma agremiação recreativa, foi à casa do segundo signatário deste, Modesto Silva, convidá-lo para fazer uma importação de livros e fundar uma biblioteca, para recreio da mocidade de Passo Fundo. Modesto lhe respondeu que seria melhor fundar um clube recreativo, que devia chamar-se Caixerai ou Commercial. Pronto! A idéia estava lançada e, dali mesmo, Rocha saiu com uma folha de papel, angariando assinaturas dos adeptos à fundação do Club Commercial; e, chegando à casa de Arthur Schell Issler, este, aprovando a idéia, colocou-se à frente do movimento, auxiliando a convocar os elementos mais destacados da época, como: Manoel do Carmo, Ernesto Morsch, Dr. José Maria

Gomes, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Jacob Theis, Pindaro Annes e muitos outros, das principais famílias de Passo Fundo. Feitas diversas reuniões em casa de Jacob Theis, finalmente, em 28 de abril de 1912, em um prédio modesto à Rua do Comércio, hoje Avenida Brasil, fundou-se o Clube Comercial passofundense, designando-se, nessa ocasião, uma comissão para elaborar os estatutos, que ficou constituída pelos associados: Manoel do Carmo, Juvenal Xavier e Jacob Theis; também foi destacado o associado Francisco Antonino Xavier e Oliveira, hoje sócio remido, para fazer o regimento interno do clube. Cada associado fundador contribuiu com 25\$000, como jóia de fundação, e esta jóia ficou fixada para os sócios efetivos que se propusessem. Os estatutos foram aprovados em assembléia geral no dia 05 de maio de 1912, e devem estar registrados no Cartório de Notas do qual é notário o Sr. Leônidas Corrêa. Assim começou o Clube Comercial, que tem tido diversas fases na sua vida social.

Fundação de Outro Club. Em 27 de abril de 1913, os srs. Egydio Silveira, Jovino da Silva Freitas, Innocêncio Pinto, Oscar R. de Vasconcellos, Antonio Junqueira da Rocha, Modesto Silva, João Baptista Oliveira de Mello e outros elementos da nossa sociedade, fundaram o club sportivo e recreativo, que tomou o

nome de União Sport Club. Fazemos essa observação porque a vida do Comercial está ligada a do União Sport Club – é uma fase da vida do Comercial. E, assim, viveram independentes as duas sociedades, das quais os dois signatários são fundadores, até o ano de 1916.

Fusão. Em outubro de 1916, a Diretoria do União Sport Club, entrou em entendimentos com a Diretoria do Clube Comercial, por intermédio de elementos destacados dos dois clubes, embora contrariando o art. 96 dos estatutos do Comercial, que diz textualmente: ‘Art. 96 – Em caso algum poderá o Clube fundir-se com qualquer sociedade existente ou que possa vir a existir nesta cidade.’ Essa fusão foi feita em 23 de outubro de 1916, pois a maioria dos sócios do União era sócia do Comercial. Desta data em diante, passou o Clube a denominar-se ‘Clube União Comercial’. Desconhecemos os termos da ata dessa fusão, mas acreditamos que nela deverá constar que: os sócios fundadores, de qualquer dos dois clubes, permaneceriam naquela categoria, isto é, seriam considerados como sócios-fundadores do Clube União Comercial. De qualquer maneira, os dois signatários deste, fundadores dos dois clubes que se fundiram, pensam que devem ser considerados nessa categoria, porque ainda fazem parte do quadro social do

Clube Comercial. **Outra Fase do Clube Comercial.** Em 1926, mais ou menos, incendiou uma casa comercial, junto à sede do nosso Clube e, o fogo passando ao Clube queimou-o totalmente, queimando uma biblioteca que era um patrimônio inestimável, pois no acervo do União Sport Club, que se fundiu com o Comercial, figurava uma biblioteca de obras raríssimas, de inestimável valor, de autores nacionais e estrangeiros, muitas delas autografadas pelo autor, como Machado de Assis, Coelho Neto, Olavo Bilac e outros, inclusive Woodrow Wilson, em sua obra ‘História do Povo Americano’. Depois desse incêndio o Clube começou vida nova, até que em 1927 foi eleito Pedro Julio Garcia, que reeleito em 1928, construiu a atual sede o Clube, com uma mensalidade de apenas 5\$000. Esse ilustre presidente, merecidamente, é considerado o Patrono do Comercial! Honra lhe seja feita! Depois do exposto, reiteramos o nosso pedido de remissão e, cooperando ainda com a digníssima diretoria, pedimos que nos seja concedida a remissão pleiteada, pagando cada um de nós a importância exigida no art. 10, § 2º, dos estatutos do Clube União Comercial, edição de 1917, Cr\$ 300,00. Nestes termos esperamos confiantes na ação da D.D. Diretoria e valem-nos do ensejo para saudá-los mui respeitosamente.” O pedido foi deferido

a 12-02-48. (Cópia do documento encontra-se no MHR.)

Pedro Julio Garcia, gerente da filial do Banco Pelotense, nesta cidade, foi removido para a filial de Alegrete em setembro de 1929. (ON nº 471, de 28-09-29.)

“Sociedade Italiana M. S. Yolanda de Savoia. Esta sociedade, como faz todos os anos, comemorou a passagem de 20 de setembro, dando posse festiva à sua nova diretoria, eleita em 31 de agosto p. findo, e que é assim constituída: Giacomo Gubiani, presidente; Luiz Busatto, vice-presidente; Felipo Besteffi, secretário; Josefi Adami, tesoureiro; Henrique Scarpellini Ghezzi, presidente do Conselho fiscal; e Clemente Paz, orador. Antes do ato de posse, o sr. Luiz Langaro, que exercera as funções de presidente no ano social findo, leu circunstanciado relatório de sua gestão, do qual apanhamos as seguintes notas expressivas sobre a lisonjeira situação da Sociedade Italiana Mutuo Soccorso Yolanda Margarida de Savoia. A sociedade foi fundada em 1901 por um modesto grupo de onze italianos, trabalhadores da estrada de ferro. Em 1906, contando apenas 30 sócios,

resolveu empreender a edificação de sua sede, obtendo para isso a concessão municipal do terreno à Praça Marechal Floriano, sendo o empreendimento levado avante com o prestimoso concurso do reduzido número de associados. De 1912 a 1922, a sociedade transitou por um lapso de adormecimento durante o qual esteve o prédio alugado, passando de tal época até aqui por um período de franca prosperidade, que mais se acentuou na administração do sr. Luiz Langaro, iniciada em 1924, conforme se depreende pelo balanço de seus sócios que sendo em tal ano em número de 40 os efetivos e de 15 os recreativos, encerrou em 20 de setembro de 1926 com o número de 149 sócios efetivos e 76 sócios recreativos. A sociedade que funciona em prédio próprio, não possui dívidas e conta com um patrimônio estimado em sessenta contos. Tal, em linhas gerais, a situação atual da Sociedade Italiana Mutuo Soccorso Yolanda Margarida de Savoia.” (ON nº 132, de 22-09-26.)

Por ocasião do 60º aniversário da fundação da sociedade, o orador oficial, Verdi De Cesaro, auxiliado pelo genealogista Pedro Silveira Avancini, arrolou os “pró-homens” que levaram avante a empresa de constituírem uma sociedade de beneficência, nos moldes da

“Margherita di Savoia”. São eles: Emilio Agostini, Quintino Lamacchia, Angelo De Felippo, Bortolo Dal Conte, José Conte, Luiz Langaro, João Langaro, Pedro Testa, Manoel Botta, Luiz Ricci, João Corá, Santo Scaglia, Batista Petracco, João Stefani, Maximo Bollner, Maximo Secco e José di Primio. Especificou também o lugar onde funcionou a 1ª sede, de 1901 a 1905, ou seja, no prédio “já reconstruído” da Cafelaria Boqueirão, de Nilo Menna Barreto Zimmermann (Av. Brasil, entre as Ruas 7 de Agosto e 20 de Setembro, prédio nº 1.378, Cfe. Sr. Danilo Zimmermann). Noticiou que em 1905, quando do lançamento da pedra fundamental da nova sede, na Rua Moron, construção confiada a Luiz Ricci, foi colocada num dos ângulos do alicerce uma lata contendo a ata da construção, moedas e outras lembranças. (ON nº 9.784, de 29-05-61.)

Quintino Lamacchia, o 1º presidente da Sociedade Italiana, aqui chegou em 1883. (Oliveira, F. Antonino Xavier e, op. cit.)

A Sociedade Italiana reorganizou-se em 1923, na gestão do presidente Santo Scaglia: “**Societá Italiana M. S.** A atual diretoria desta sociedade local está fazendo completa reforma no seu edifício

social, prédio próprio, magnificamente localizado, no ponto principal da cidade, e que estivera, até bem pouco e desde muitos anos, alugado a um comerciante. A sociedade tinha então vida quase apagada, limitada à reunião anual de seu minguido número de sócios para as respectivas eleições de diretorias. Hoje, aquele prédio, completamente remodelado, oferece um belo aspecto. O salão nobre, com soalho novo e pintura geral também nova, ostenta, caprichosamente distribuídos, o símbolo social ladeado pelas bandeiras da Itália e do Brasil. Do lado oposto do salão e dividido por amplo corredor, estão duas excelentes peças destinadas à secretaria e *toilet*. As quatro últimas peças do fundo, bastante cômodas, são destinadas à recreação. No pátio, estão quase terminadas duas extensas canchas de bochas, divididas por elegante *kiosque*. Todos esses melhoramentos foram introduzidos, sob a égide da nova diretoria da sociedade, assim composta: presidente, Santo Scaglia; conselho administrativo: presidente, Clemente Paz; secretário, Guido Prella; tesoureiro, Antonio Veroneze; conselheiros, Antonio Baccari, Eliseo Basso, Rafael Giardino e Archangelo Pierobon. (...)” (A Época nº 115, de 22-06-23.)

Santo Scaglia (1870-1938) era proprietário da Padaria Gaúcha, localizada na Rua General Osório, 967. Foi eleito presidente da Sociedade Italiana a 17-09-22. (A Época nº 84, de 21-09-22.)

O extrato dos estatutos da Sociedade, elaborados pelo advogado Nicolau Christaldi, foi publicado no jornal A FEDERAÇÃO nº 273, de 26-11-23: “EXTRATO DOS ESTATUTOS DA SOCIEDADE ITALIANA MUTUO SOCCORRO ‘IOLANDA MARGARIDA DI SAVOIA’. Capítulo I. *Denominação, fins e Sede da Sociedade*. Art. 1º - Fica constituída nesta cidade de Passo Fundo a ‘Sociedade Italiana Mutuo Socorro Iolanda Margarida di Savoia’, que já vinha funcionando irregularmente desde 26 de maio de 1901. Art. 2º - São fins da sociedade: a) Socorrer os sócios doentes sempre que for possível, fornecendo-lhes um auxílio diário estabelecido em Regulamento Interno que será confeccionado pela diretoria; b) manter a maior fraternidade entre os sócios, cultuando o amor cívico e estabelecendo relações entre os filhos do País; c) a bandeira adotada pela sociedade será a nacional italiana com a legenda que serve de título a esta sociedade; d) a sociedade não professa

nenhum credo quer político, quer religioso. Art. 3º - A sede será na praça Marechal Floriano, nesta cidade, no edifício pertencente à sociedade, consoante Alvarás nº 45, de 6 de setembro de 1906 e 57, de 10 de novembro de 1906, expedidos pela Municipalidade de Passo Fundo, na forma da transação feita com d. Luiza Holdf (Wolff) em 7 de janeiro de 1916 (1906). CAPÍTULO II. *Da Administração, extinção e patrimônio social.* Art. 4º - A sociedade é administrada por uma diretoria composta de um presidente, um vice-presidente, um secretário e um tesoureiro, sendo eleito somente o presidente e os demais membros de escolha e nomeação do referido presidente. Art. 5º - O ano social é contado de 26 de maio, isto é, terminará a 26 de maio de cada ano. Art. 6º - A sociedade é representada em juízo, ativa ou passivamente, judicial ou extrajudicial, pelo seu presidente ou por procurador bastante deste. Art. 7º - Os estatutos poderão ser reformados se $\frac{3}{4}$ dos sócios quites, em assembléia, assim deliberarem, mas somente depois de decorridos 10 anos, contados desta data. Art. 8º - Os membros da diretoria não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais. Art. 9º - Em caso de dissolução o patrimônio social será dividido entre os sócios fundadores que

abaixo assinam. Art. 10º - Só poderá ser extinta a sociedade ou dissolvida por maioria dos sócios fundadores abaixo. Art. 11º - Até o dia 26 de maio do ano de 1925 a sociedade será regida pela diretoria abaixo assinada composta de sócios fundadores. Art. 12º - Revogam-se as disposições em contrário. Passo Fundo, 10 de novembro de 1923. O presidente: *Floriani Giovanni*. Vice-presidente: *Lodovico Della Méa*. Secretário: *Dr. Nicolau Christaldi*. Tesoureiro: *Pio Della Méa*." A 29-11-23 os estatutos foram apresentados para inscrição no Registro Especial, recebendo o nº 29.

O art. 11º desses estatutos já estava revogado em 1924, quando Luiz Langaro foi mais uma vez eleito presidente.

Luiza Wolff, também conhecida por Luiza Braz, antiga moradora de Passo Fundo, aqui faleceu a 09-07-26. (ON nº 112, de 14-07-26.)

Outras sociedades beneficentes e recreativas de Passo Fundo e as datas de suas respectivas fundações (relação incompleta): Sociedade Operária Beneficente (13-05-1909); Deutscher Verein (18-01-1913); Club Visconde do

Rio Branco (23-04-1916); Club Recreativo (16-10-1918); Club Eden (18-06-1919); Club Elite (23-06-1919); Club Serrano (20-11-1919); Club José do Patrocínio (dissidência do Club Visconde do Rio Branco, mencionado por Renato Sá Britto em 1920); Club Central (05-05-1920); Serrano Club Passo Fundo (07-08-1921); Sociedade União Israelita Passo-Fundense (22-08-21); Sociedade Faá Di Bruno (30-12-1922); Damas de Caridade (23-07-1924); Sociedade Boulevard Club (23-04-1928); Sociedade Beneficente Syrio-Libaneza (1929). O livro do Cinquentenário da Colonização Italiana, vol II, de 1925, menciona o sodalício Princesa Giovana, que teve por presidente João de Cesaro. Renato Sá Britto arrola entre as associações locais a Regina Helena. (Livro nº 3, Registros de Sociedades Civis; Sá Brito, Renato. O Municipio de Passo Fundo. Informações diversas, colligidas em 1920. P. Fundo: Officinas da Livraria Minerva, 1920; Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, 1875-1925, 2ª ed., P. Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2 vol., 2000; ON nº 1994, de 31-12-34; e nº 3062, de 1º-08-38.)

Gabriel Bastos noticia que ao fixar residência em Passo Fundo, no início de 1885, a cidade já contava com o seu clube

literário e a sua sociedade de dança: “Os bailes sintetizavam a grande amizade que unia as famílias, tanto que, salvo datas especiais, os bailes eram íntimos e chamavam-se de pão rasgado. (...) É isto: intimidade amiga, respeitosa, fraternal, educada. À meia-noite vinha o café trazido em bandeja e distribuído, seguido de outra bandeja com pão rasgado, isto é, pão que não se cortava a faca, mas, rasgava-se a mão, em pedaços normais.” Em seguida o cronista abre um parêntese para contar um caso daqueles tempos: “A D. Tuca era uma senhora velha, respeitável. Tinha uma filha moça, a Bertolina. A D. Tuca estava com visita, a filha também sentada na sala, tinha um dos pés descobertos... por descuido. A D. Tuca, casualmente, olha e vê o pé da filha à mostra e admoesta: ‘Olha o pé Bertolina!...’ (ON nº 3.947, de 07-08-41.)

Casos engraçados sobre os bailes de antanho aparecem nos bilhetes de *Miss...Teriosa* dirigidos à *Miss...Anthropa*, na seção feminina do jornal O NACIONAL: “Ah! Ocorreu-me um caso interessantíssimo, a meu ver e que foi-me contado por uma senhora passo-fundense, a qual adiantou-me ser verídico e ter-se dado ‘nos bons tempos da sua mocidade’. Ei-lo: Naqueles ‘bons

tempos’, em que Passo Fundo era banhado (como costumam dizer), uma ocasião, festejando um feriado, fizeram um baile de gala, introduzindo, pela primeira vez, a comissão de recepções. Como era de prever-se, muita gente boa que nunca tinha visto tais comissões, ficou embaraçada na entrada do baile, por ter que ir de braço com os moços até o *toilette*... Lá pelas tantas, quando o salão já estava com grande número de convidados, chegou uma senhora com algumas moças. Estas entraram na frente, mais ou menos atrapalhadas com a comissão. Entretanto, quando o último cavalheiro ofereceu o braço à senhora, esta olhou-o sobressaltada e respondeu: ‘Obrigada, eu vou de a pé, mesmo...’ (ON nº 443, de 18-07-29.)

“Ocorreu-me hoje, outro caso interessante, que me foi contado pela mesma senhora, minha amiga, à qual aludi em meu último bilhete. Os personagens são: um cavalheiro e um lenço. O fato deu-se há muitos anos. Realizava-se um baile no antigo teatro, onde hoje funciona o Forum. Um cavalheiro, pertencente à antiga e distinta família desta cidade, - e que naquela época era um dos mais fervorosos admiradores da arte de *Terpsychore* -, já em caminho para o baile, achou falta do

lenço e voltou para casa em busca do mesmo, mas contrariadíssimo, lembrando-se que certamente estava perdendo de dançar um belo *schottisch* figurado, que era a especialidade dele... Chegando em casa pediu o lenço para a mãe, mas esta não pode atendê-lo, no momento, por estar, certamente, também em apresentações para a *soirée*. O rapaz, como não estava disposto a esperar, resolveu ir em pessoa procurar o que queria e penetrou num quarto que estava às escuras. Mexeu, remexeu e por fim pegando em um lenço que casualmente encontrou, no escuro, meteu-o às pressas no bolso e rumou para o baile. Após ter dançado algumas valsas, polcas, *schottisch*, etc, sentiu-se cansado. Também não era para menos, pois segundo contam, a dança naquele tempo, mais parecia um campeonato de velocidade... O jovem estava muito suado. Como é natural, lembrou-se do lenço e tirando-o do bolso, passou-o em todo o rosto, ficando este completamente coberto de polvilho!.. Como hás de compreender, o lenço fora anteriormente utilizado para coar goma e secara ainda com todo o polvilho. Toda a assistência riu-se muito do jovem, tendo, este, ficado muito encabulado... Esse exímio dançarino de outrora, é hoje um cavalheiro pacato, mas de quando em vez, nalguma reunião de família, não se

desgosta de dançar, mas... à moda antiga...” (ON nº 445, de 23-07-29.)

Os bailes “modernos” também faziam as delícias da ala conservadora: **“Comentários...** Apesar de não apreciarmos os bailes de hoje, porque não têm mais o encanto dos de outrora, visto que as valsas, quadrilhas e outras danças foram banidas dos nossos salões, mesmo assim envergamos o nosso fraque, já um tanto fora de moda, e lá nos fomos para o Club Pinheiro Machado. De chegada fomos gentilmente recebidos por uma linda e graciosa senhorinha que nos levou até o salão dos cavalheiros. Agradecemos tanta gentileza dispensada a um pobre velho, e lá nos fomos possuídos do nosso eu. Os salões do Club Pinheiro Machado estavam ornamentados com esmerado gosto. Estava deslumbrante para a realização do baile de gala. Ali estava reunida a high-life passo-fundense. No corredor continuava o recebimento dos recém chegados. Os cochichos fervilhavam. De repente entra um cavalheiro trajando a rigor, com pintura nos lábios e olhos! Ficamos admirados porque sempre julgamos que essas pinturas só usavam as mulheres... São 10 horas. Os murmúrios, as palestras em segredo, iam animados. Em certo momento muitos perguntaram: Por que

será que ele não veio? Esperamos mais alguns minutos e nada. O desapontamento foi geral, motivo por que rompeu a música e as danças tiveram início. A festa estava animada, a alegria bailava em todos os semblantes. Nós também gozamos daquele momento cheio de prazeres, quando alguém nos disse no ouvido: Estavas envergonhado do teu fraque, repara que ali têm piores. Olhamos, e de fato, constatamos a verdade. Havia muitos do tempo do onça. Criamos alma nova e caímos na sala. Retiramo-nos porque só dançavam tangos e maxixes. Fomos convidados para a mesa de doces e chocolate. Gostamos de apreciar a linda arrumação da mesa e o modo irrepreensível por que fomos tratados, Seriam 3 horas da madrugada quando nos retiramos daquela festa. *Zelio.*” (A Época nº 84, de 21-09-22.)

“Comentários... (...) Dali saímos em direção do Club Comercial para assistirmos a um pequeno baile que ali realizou-se. Era de fato uma dessas danças domingueiras em que o desânimo invadiu a rapaziada. Muito poucos marmanjos dançavam. Eram as moças umas com as outras que rodopiavam num tango ou maxixe. Num lado do salão, dois pares atiravam uma bolinha sobre uma

mesa, fazendo saltar por todos os recantos, a que o Pinto diz ser o jogo de ping-pong. Este novo joguinho foi o azar do baile. Além dos rapazes permanecerem sentados, sem dançarem com as moças que os esperavam ansiosamente, a orquestra também se deixava ficar enlevada no joguinho, deixando de tocar uma marca por longo tempo, que tornavam maçante às dançarinas tão grande espera. Achamos aquilo engraçado e nos lembramos das saudosas tertúlias que o Eugeninho nos proporcionava e onde uma adorável charanga não dava tempo para a rapaziada descansar. Como os tempos mudam!.. *Zelio*.” (A *Época* nº 94, de 30-11-22.)

Criado em 1927, o Grupo de Danças Gaúchas General Prestes Guimarães foi o pioneiro no gênero em Passo Fundo: “A FESTA DE SÁBADO NO CLUBE UNIÃO COMERCIAL. (...) Em meio às danças animadas ao som de um esplêndido *jazz*, entre o riso da mocidade, a graça do gesto e a alegria do ambiente, entraram pelo salão os pares folgazões para o velho *pericon*. As *moças*, vestidas à rio-grandense, de blusa e saia comprida e lenço atado à cabeça e os *moços* todos de bota e bombacha, de pala e chapéu bem largo, entraram de

dois a dois, puxados pelo gaiteiro Chico Sola para dançar a quadrilha. José Pindoba mandava: *Bamo botá, óia a chuva! Fecha a roda! e Abre a roda!* Chegou a vez dos versinhos... a poesia pura e virgem das campanhas do Rio Grande! Cada um dizia um verso para seu par responder. *Pára a gaita!* E uma cantava:

Garça branca como linho
Cor da lua, em pleno azul
Não há mel que iguale um beijo
Das morenas cá do sul.

E logo que serenavam os aplausos da cablocada da festa, o taura ia respondendo:

Tu és a prenda mais rica
Dos pagos do faxinal
Ao teu piado não escapa
O mais arisco bagual.

Numa dessas, ao doce som duma trova, cheia de encanto e magia, com o cheiro bom de fumaça que tem nos galpões de *estância*, começou num desafio seu Manduca com esta quadra:

Buenas tardes, companheiros,
Boleia a perna e vá entrando,
Puxe um banco, sente um pouco,
E o mate vá tomando.

Seu Lauriano pegou no ar a parada e correu o desafio. Em meio do sapateado da quadrilha com seus lenços verdes e amarelos as *morenas* artisticamente formaram a Bandeira Nacional, entre os aplausos frementes da assistência. O *Pericon* foi, sem dúvida, a nota chic da noite. Trouxe aos presentes o prazer de contemplar um dos costumes antigos da gente das campanhas, costumes que o progresso tem roubado ao nosso amado Rio Grande do Sul. (...)” (ON nº 232, de 14-09-27.)

Integravam o Grupo, entre outros, Antonio Ferreira da Silva (Camacho), Diva di Primio, Zinah Pinto, Aracy Porto, Mary Bastos, Albino Franchini, Ary Porto, Javel Silveira, Dimorvan Gomes, Oscar de Freitas Valle e Oscar Kurtz. Os ensaios ocorriam no salão da Sociedade Operária. (Cfe. Sr. Antonio Ferreira da Silva.)

A 03-09-1911 surgiu na cidade O GUIZO, folha humorística ilustrada, de publicação semanal, dirigida por Jeronymo Vargas. Era impresso na Livraria Minerva e saía aos domingos. (O Gaúcho nº 34, de 07-09-11.)

Em janeiro de 1912 a reportagem d’O Gaúcho entrevistou o representante da “Jewish Colonization Association”: “COLONIZAÇÃO ISRAELITA. Nova estrada de ferro. Em palestra com o distinto cavalheiro dr. Adolpho Leibowich, representante da ‘Jewish Association Colonização’ importante Companhia que tem sua sede geral em Paris, auferimos as seguintes notas sobre a colonização que ela pretende fazer neste município, em terras da grande fazenda dos ‘Quatro Irmãos’, hoje de sua propriedade. Essa fazenda, como se sabe, tem a área de 21 léguas quadradas, ultimamente aumentada de mais uma extensa faixa de terras adquiridas por compra ao governo do Estado e compreendida entre os limites orientais do primitivo todo e a linha da estrada de ferro desta cidade ao Uruguai. Propriedade riquíssima em florestas, nas quais abunda a erva-mate, o pinheiro e outras árvores de grande valor industrial, a fazenda prima ainda pela excelência dos seus campos para a criação de gado

e pela fertilidade notável do solo, que é um dos melhores do município, principalmente no vale do rio Erechim, cuja força criadora rivaliza com as das terras do rio do Peixe, oferecendo vantagens admiráveis à agricultura. Para o aproveitamento racional de tão privilegiado solo, a Companhia vem fazendo, já há meses, os estudos preliminares, que em breve, definitivamente concluídos, servirão de base quer à colonização, quer aos outros empreendimentos a ela relativos, tendo por fim tornar o mais seguro possível o êxito de vasta obra em projeto. Nesses preparatórios figuram a demarcação da primeira área a colonizar, bem como a respectiva subdivisão em lotes que variam de 50 a 100 hectares conforme a espécie das terras, traçados de modo a aproveitar da melhor maneira possível o sistema hidrográfico daquela importante zona. Este serviço foi confiado à competência do ilustre dr. Carlos Krueh, encarregado da Companhia. Esta, no propósito de dar amplo desenvolvimento à colonização da fazenda, construirá em breve, um ramal de estrada de ferro que partindo da estação Erebangó da linha desta cidade ao Uruguai, vá terminar na área colonial já demarcada, depois de um percurso de 26 quilômetros com 2 estações, sendo uma no quilômetro 12 e a outra no ponto terminal. Sobre esta via

férrea já o ilustre dr. Adolpho Leibowich, representante da Companhia, se dirigiu à Intendência Municipal a cuja competência pertence a concessão da respectiva licença. A projetada estrada irá se desenvolvendo à medida que exigir o desenvolvimento da colônia, para a qual dentro de 6 meses deverão chegar do Sul da Rússia, os primeiros colonos. A Companhia deseja também aproveitar industrialmente as matas da fazenda, mas de modo racional, sem devastá-las. Nesse propósito louvável, cometeu ao dr. Emifio Karvas, especialista húngaro de alta competência, vindo da Europa expressamente para tal fim, a tarefa de estudá-las e dar parecer sobre quais sejam as aplicações mais convenientes, que elas possam ter. O dr. Adolpho Leibowich tendo de seguir para Buenos Aires, onde permanecerá por algum tempo, transmitiu ao dr. Hugo Barnich, novo representante da Companhia, a direção dos negócios dela em nosso Estado.” (O Gaúcho nº 1, de 04-01-12.)

Após a aquisição da fazenda, a “Jewish” comprou a serraria a vapor e a sua área, com a gleba de terras e matas, pertencentes aos herdeiros de Oswaldo Frederico Beck (Família di Primio Beck) e seu sócio, o engenheiro civil Henrique José Wiederspahn: “Haviam eles

comprado as terras da chamada fazenda de Quatro Irmãos, ao noroeste de Erebangó, e estavam procurando um acesso direto à via férrea, ampliando-as com uma faixa até a estação para a construção de um ramal particular ligando a nova colônia ao tronco Santa Maria – Marcelino Ramos, trecho efetivado tempos depois. A transação efetivar-se-ia em princípios de 1912. (...)” (Wiederspahn, Ten. Cel. Henrique Oscar. Henrique José Wiederspahn (1882 – 1948), *in* Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, São Leopoldo, Gov. do Estado do RS, 1974.)

“EXCURSÃO AO URUGUAI. Notas para ‘O Gaúcho’. A viagem. Sugestões das coxilhas. A colônia Erechim. Emigrantes. O Rio Uruguai. O Hotel do Sul. A festa do Pereira. Saudosas recordações. (continuação) De Barro a Marcelino Ramos sentimo-nos empolgados pelo suntuoso espetáculo da paisagem. A estrada, abandonando o planalto, desce por magníficas encostas de serras, e, por um deslumbramento, dominamos do alto, o horizonte extremo, para além das fronteiras do Estado próximo, em cima, a natureza admirável e caprichosa nas pitorescas modalidades de forma que apresenta; lá, em baixo, a

floresta virgem, os pinheirais de frondes niveladas, sugerindo a idéia de um oceano muito verde, deste verde augusto dos vegetais, que parece acenar-nos – como Estandarte da Esperança, a nós, os homens práticos da vida e sedentos de progresso, como um refúgio de futuro para o trabalho compensador na exploração de suas riquezas, em empreendimentos de indústria. Em harmonia com a grandiosa perspectiva da mata, a inteligência humana, como que tentando assinalar, com monumentos, a época de sua passagem pelos sertões bravios, construiu os grandes viadutos metálicos da via férrea, pelos quais ao passarmos, na rápida marcha do comboio, sentimos percorrer-nos o organismo, com emoção indefinível, um arrepio de susto pela vertigem da altura. Na contínua sucessão dos panoramas, sempre outros e sempre lindos, surgimos, enfim, o Uruguai, o grande rio selvagem, deslizando com suas águas de prata, - agora suavemente, placidamente numa serenidade de lagoa; espadanando, depois, em pequenos saltos, em graciosas quedas pelos balcões de rocha negra que lhe constitui o leito. Entrementes, subdivide o grande dorso, e, soberbamente, uma pequena ilha verdejante esplende ao sol. Mas o trem corre tão depressa pela encosta (ou melhor: pela ‘pirambeira’, para

adotarmos o expressivo termo que ouvi dos sertanejos de lá) que, mal extasiávamo-nos à contemplação deleitosa, um apito prolongado despertou-nos anunciando Marcelino Ramos. Música, foguetes e abraços à chegada do trem; e, momentos após, penetrávamos no Hotel do Sul, que oferecia o melhor aspecto na ornamentação simples, mas de bom gosto que exhibia. E, aí, instalamo-nos, confortavelmente. Ao lusco-fusco, o Pereira arrastou-nos para a mesa, com cordial e apetitoso convite, expresso, com supermodéstia, num simples: ‘Senhores, aos pirões!...’ E, por muito que viva aquele amigo, raras vezes, cremos, pronunciará frase mais eloqüente, mais feliz pelo momento precioso em que a pronunciou, pois que, daquele almoço às dez e tanto em Capoeirê até a hora deste convite, um grande vácuo inominável abria-se às nossas faculdades glutônicas, às nossas aptidões de bom garfo, - a que nem mesmo o alimento espiritual de toda a *dulcivibrante* poesia dos animados painéis da viagem conseguira preencher! Às 8 horas, presentes distintas famílias dos três Estados que ali se limitam, com a ‘polonaise’, marcada pelo estimável cavalheiro sr. Eugenio di Primio, iniciaram-se, animadas, as danças, que, por entre expansões da alegria sã, tão peculiar aos bailes rurais, prolongaram-

se até às 3 horas da madrugada. Sob a glória apoteótica de um céu límpido e azul, despontou o domingo inolvidável, às margens do Uruguai. Do rio, tênues nuvens de evaporação subiam ao espaço, eterizando-se sutilmente, às irradiações de luz provindas do levante. Estas horas da manhã, enchemo-las, deliciosamente: depois de percorrermos o povoado e apreciados os importantes trabalhos da grande ponte em construção, dirigimo-nos ao porto, onde uma lancha a gasolina, com balsa a reboque, raspou, conduzindo os convidados e exmas. famílias para um convescote com churrasco, à gaúcha, em S. Catarina, - que constituiu a nota ‘chic’ da encantadora festa. Fendendo a corrente das águas, subiram as embarcações até a foz do rio do Peixe, e, em seguida, por oito acima, dois ou três quilômetros, fazendo-se o desembarque em aprazível sítio, previamente escolhido. E que de encantos neste passeio pelos rios, ao som da orquestra! Pisando o solo do vizinho Estado, tão fértil de frutas da estação atual, entregaram-se os ‘picniquistas’ a toda sorte de distrações alegres. À sombra de arvoredo, o churrasco em execução, e, em torno, os grupos divertidos, nos quais se notava a presença de distintos representantes desta simpática classe, que onde quer que apareça, comunica sempre uma nota ála cre de atraente

expansibilidade: - a dos Caixeiros Viajantes. À barranca do rio, foi improvisado um torneio de tiro, por um grupo de moços, com legítimas armas de guerra e alvo a grande distância. O entusiasmo deste torneio, pela sucessão de estampidos, tornava às vezes tais proporções de delírio, que dir-se-ia estarmos em Trípoli... Porém, com uma tranqüilidade que não é de imaginar-se que gozem em horas iguais os súditos do sultão. Conseguiu melhores pontos, pelo que foi aclamado rei o sr. Severino Martins, seguindo-se-lhe o dr. Meireles Leite e os srs. Guedes, Britto e di Primio. À tarde, rapazes e moças fizeram dança e foram tomadas diversas fotografias que perpetuarão as reminiscências da festa esplêndida. Segunda-feira, com imensa saudade, deixamos Marcelino Ramos. Divertimo-nos: e esta convicção vale muito. Ficou inaugurado o Hotel do Sul, que muito se recomenda pelo conforto e, principalmente pela pessoa que o dirige, - o moço ativo, atencioso e delicado que é o sr. João Pereira Netto. A ele, a par de agradecimentos, formulamos aqui os nossos votos de prosperidade, lembrando o prazer que nos proporcionou com a sua festa, da qual – como se lê nos subtítulos destas linhas ligeiras – conservamos saudosas recordações... Passo Fundo, 11-VI-912. Z. *Fernandes*.” (O Gaúcho nº 25, de 22-06-12.)

Coube a “Auxiliare”, como ficara conhecida a sucursal brasileira da empresa belga “Compagnie des Chemins de Fer Secundaries de Belgique”, que detinha desde 1904 a concessão da construção e exploração da rede férrea estadual, complementar o plano ferroviário, inclusive a linha Passo Fundo – Marcelino Ramos. A biografia do engenheiro Henrique José Wiederspahn, escrita pelo filho, tenente-coronel Henrique Oscar Wiederspahn (op. cit.), traz algumas revelações a respeito da construção dessa linha: “Também em setembro de 1908 havia o engenheiro Henrique José Wiederspahn dado por findo o trecho ferroviário de cuja construção fora encarregado (Montenegro – Caxias), recebendo da ‘Auxiliare’ novas incumbências, designado para as funções de engenheiro-secretário do escritório instalado em Passo Fundo, onde se estavam iniciando os estudos preliminares para o prolongamento da estrada de ferro até Marcelino Ramos, ligando-se à Viação Férrea Paraná – Santa Catarina, em conexão com a Sorocabana paulista. Assim, após uma ligeira estada em Santa Maria da Boca do Monte, passou a domiciliar-se em Passo Fundo com a sua pequena família brasileira, lá permanecendo até fins de 1910. Seu

principal e mais importante encargo foi o de estudar e explorar um dos percursos previstos ainda em teoria para vencer os grandes obstáculos existentes no trecho acima de Passo Fundo até Marcelino Ramos, por demais acidentado e no meio da mata virgem que na época cobria toda a região, cortada por vales profundos e abruptos. Das três proposições apresentadas seria a dele aceita e mandada executar, a que ainda hoje percorre a estrada de ferro que liga o Rio Grande do Sul ao importante centro industrial brasileiro de São Paulo. Nesta sua solução indicara a construção de alguns viadutos para a transposição dos vales formados pelas serras abruptas existentes na região à altura da atual estação de Viadutos, 23 km antes de Marcelino Ramos. Mas com a saúde bastante abalada pelas privações que na exploração desse trecho passara, no meio da floresta virgem, e dispondo quase que exclusivamente da caça e de frutos silvestres para a sua alimentação e de seus auxiliares, Henrique José Wiederspahn acabaria pedindo demissão de suas funções de engenheiro da ‘Auxiliare’ em 29 de outubro de 1910 por motivos de saúde, demissão que somente lhe foi concedida a contar de 20 de janeiro do ano seguinte (...).”

O engenheiro Henrique José Wiederspahn era irmão e sócio do arquiteto Theo Wiederspahn, responsável pelas fachadas e parte das estruturas internas dos edifícios em estilo neo-renascentista construídos pelo escritório do engenheiro Rudolf Ahrons, em Porto Alegre. Theo realizou obras como as ampliações das cervejarias Bopp e Ritter, o novo Hotel Magestic, o edifício Esteves Barbosa, o da casa Fraeb & Cia. (Porto Alegre), o do Banco da Província (Cruz Alta) e o do Banco do Comércio (Passo Fundo). (Wiederspahn, Ten. Cel. Henrique Oscar, op. cit.)

Outra circunstância que ligava H. J. Wiederspahn a Passo Fundo era a família da esposa, Elisa Franco di Primio, a “Picucha”, filha do comerciante Anibal (Annibale) di Primio, um dos primeiros italianos estabelecidos na cidade. Nascido em Belmonte del Sannio, Província de Isernia, a 09-03-1843, filho de Policarpo di Primio e de Diletta Bartolomeo, Anibal chegou ao Brasil em 1868. Desenvolveu atividades comerciais em Porto Alegre, Santa Maria, Passo Fundo e Cruz Alta. Em 1879 foi nomeado cônsul italiano em Santa Maria. Exerceu também o cargo de agente consular em Passo Fundo. Casou com Elisa dos Reis Franco, natural de Porto Alegre, filha do

marechal Eugenio Luis Franco, veterano imperial das guerras dos Farrapos, contra Rosas e contra o Paraguai. Faleceu em Porto Alegre, no dia 17-05-31, deixando 10 filhos, 28 netos e 4 bisnetos. Em 1888 os irmãos Anibal e José di Primio já comerciavam na cidade, ambos na Rua Paissandu. A casa de Anibal era a única edificação existente defronte à Praça Tamandaré, sendo esta apenas delineada, conforme Antonino Xavier. Mais tarde a Anibal di Primio & Filho passou para o controle do filho e sócio Eugenio di Primio, que a liquidou em 1912. Eugenio estampava uma foto do seu estabelecimento nos anúncios que publicava n' O Gaúcho, algo raro nos jornais locais daquela época. A 12-09-18 o prédio foi arrendado ao Hospital São Vicente de Paulo. No local encontra-se hoje a EENAV. José (Giuseppe Nicola) di Primio, conhecido por "Zezé", casou com Affonsina Hypolita d'Oliveira, com quem teve três filhos: Dileta, casada com Herminio de Souza Lima, barbeiro e oficial de justiça; Hercilia, casada com João Brandizio de Almeida, alfaiate, conselheiro municipal e um dos fundadores da Sociedade Operária Beneficente; e Aderino, conhecido musicista, casado com Maria Cândida Canfild. Viúvo, José di Primio casou com a italiana Gabriela di Primio. Faleceu em Passo Fundo a 21-04-26, aos 75 anos de

idade. Dois netos de "Zezé" faleceram há pouco tempo nesta cidade: Oswaldo di Primio, o "Bijuca", capitão do Exército e integrante da FEB; e Hercilia di Primio Lima, também conhecida por "Picucha".

Diz o historiador Henrique Oscar Wiederspahn: "Meu avô materno, ANNIBALE DI PRIMIO, foi durante muitos anos comerciante e agente consular do então Reino da Itália em Passo Fundo, inclusive entre 1893 a 1895, durante a Revolução Federalista, época em que a cidade passara diversas vezes das mãos maragatas com Gomercindo Saraiva às republicanas com Pinheiro Machado. Costumava ele acolher as poucas famílias passo-fundenses que haviam permanecido na cidade, tanto as dos maragatos como dos republicanos, protegendo-as da ação adversária sob as dobras da tricolor italiana, no sobrado onde residia." (ON nº 13914, de 24-05-75.)

O comerciante Eugenio Franco di Primio, natural de Santa Maria, estabeleceu-se em Passo Fundo após casar-se em 1907 com Morena de Araujo Annes (1892-1982), filha do coronel Gervasio e de dona Etelvina. Foi Conselheiro Municipal por mais de um mandato e participou de inúmeras

atividades sociais no município. Em 1933 transferiu residência para Porto Alegre, onde faleceu a 18-12-72, aos 85 anos de idade. Filatelista desde criança, lançou em 1904, quando ainda residia em Santa Maria, o jornal especializado O PHILATELICO.

Problemas com a Viação Férrea agitaram a comunidade passo-fundense em 1912: “O CASO DA PARADA. Como há dias noticiamos, a Viação Férrea deliberara suprimir a parada do trem na plataforma da rua do Comércio desta cidade, tendo levado isso ao conhecimento da Intendência Municipal, que contestou opinando em contrário e dizendo assim proceder inspirada no interesse público. A essa contestação aquela companhia respondeu declarando persistir em seu propósito, o que motivou novo ofício da administração do município, fazendo sentir a utilidade da parada e reclamando, em vista disso, a sua conservação pela companhia. Esta, porém, como derradeira resposta, no dia 17 comunicava para esta cidade que o trem, a partir daquela data, não pararia mais na plataforma em questão. Como era natural o fato deu margem a imediatas manifestações de desgosto no seio da população habituada a servir-se da parada, fazendo com que um grande

contingente dela, à noite, por ocasião da passagem do trem pela plataforma, o recebesse com estrondosa vaia e os mais veementes protestos contra o ato da companhia, demonstração da qual se valeram exaltados para jogar pedras no trem, quebrando algumas vidraças dos carros de passageiros. A excitação popular perdurou até o dia 19, data esta em que ainda houve grande reunião na plataforma, não sendo porém perturbada a ordem devido à vigilância e critério com que se portaram as autoridades. A parada foi restabelecida ontem, graças à intervenção do dr. Pitta Pinheiro, digno chefe da fiscalização das estradas de ferro do Estado, a quem o Coronel Gervasio se dirigira a respeito. Também contribuiu para a satisfação desse desejo popular o nosso eminente chefe dr. Borges de Medeiros, a quem igualmente se dirigiu o mesmo coronel. Em sinal de regozijo pelo restabelecimento da parada, ontem a noite o trem foi aguardado na plataforma, por extraordinário número de pessoas, talvez mais de mil, ao som de duas bandas de música e ao espocar de foguetes, sendo levantados estusiásticos vivos. Em seguida, os presentes foram cumprimentar o coronel Gervasio e agradecer os seus esforços em favor do restabelecimento da parada, sendo intérprete dessa manifestação o talentoso moço sr. Antonio de Bittencourt

Azambuja, que proferiu belíssimo discurso, conquistando calorosos aplausos dos presentes. O acatado chefe republicano, respondendo, agradeceu a saudação, e concluiu por brindar os ilustres dr. Pitta Pinheiro, dr. Borges de Medeiros e dr. Carlos Barbosa Gonçalves, brindes estes que foram acompanhados com entusiasmo. Em seguida os presentes dirigiram-se ao Hotel Internacional, onde foi-lhes servido profuso copo de cerveja e falaram os nossos amigos tenente Antonio Motta, Luiz Morsch Filho e outros, todos vivamente aplaudidos.” (O Gaúcho nº 25, de 22-06-12.)

Em novembro de 1913 a direção d’O Gaúcho já estava a cargo de Brasilico Lima. (O Gaúcho nº 46, de 23-11-13.) Em 1914 o cel. Gervasio Lucas Annes aparece como chefe de redação. Devido ao “crescente acolhimento”, aumentou para cinco o número de páginas. (O Gaúcho nº 9, de 22-03-14.) Depois de circular algum tempo às quintas-feiras (1911) e aos sábados (1912), voltou a circular aos domingos.

Rebatendo críticas à administração municipal, oriundas de um jornal de oposição, fato incomum, o “Órgão do Partido Republicano” ganhou em

intransigência: “**Para o pó... pular e etc.** É simplesmente insolente a maneira como o jornaleco ‘O Popular’ vem se referindo às coisas administrativas e políticas do nosso município. Arvorou-se agora esse pulha em censor dos legítimos representantes desses magnos interesses. E como o faz? Com censuras e até desaforos, que não podem passar sem a necessária punição. Pois, com referência à última eleição procedida, diz ele o seguinte: ‘Apesar de sua importância, correu friamente neste município, sendo opinião geral de que não concorreram às urnas, em todo o município, 500 eleitores, não obstante ser o eleitorado de cerca de 3 mil. Explica-se tamanho indiferentismo pela falta de pleito.’ É flagrante, pois, a intenção deste bobo em atacar os fatos locais, como se algo regulasse na ordem das coisas. Pois *O Gaúcho*, que é o órgão político local, de responsabilidades definidas e conceito inatacável, publicou o resultado geral da eleição e parcialmente de cada distrito do nosso município, dando um total de 1.273 votos; e vem agora o jornaleco pretendendo por em dúvida a sua veracidade, na preocupação única de satisfazer a mesquinhos desejos de indivíduos sem conceito ou classificação política, que ocultos sob a égide do anonimato, não trepidam em forjicar balofas mentiras, no baldado intuito de

ferir a situação, a que são sistematicamente infensos. Das as condições especialíssimas do diretor desse jornal, o fazem de *burro cego*, cargueiro de asneiras e desaforos, de que se despoja na tolerância habitual no nosso público. Em nome dos interesses daqueles que possam um dia ser atingidos pelos *pataços* desse animal, desejamos saber se s. exc. já assinou, como é de lei, na Intendência Municipal, o respectivo termo de responsabilidade. Outrossim, precisamos saber que credo político tem, em nome de que princípios fala, com que dados julga e que com autoridade se imiscui nas coisas políticas, para bem de reservarmos, sempre, a s. exc. a razão a que fizer jus. Cão que ladra não morde, diz o adágio; porém, como estamos na época da hidrofobia, desejamos conhecer os diversos *espécimes* que por aí andam, a fim de solicitar ao sr. fiscal as medidas necessárias, acauteladoras dos interesses da humanidade, pois que, nas malhas do cesto que s. exc. carrega, só encontramos a baba, o pêlo e o rastro desses animais que por aí ladram... Seria conveniente e até mesmo necessário que cada um *arreganho* dos seus rabiscadores, viessem por estes assinado. Fala em frieza na eleição! É bem possível que dos seus escrevinhadores, nenhum concorresse à mesma. Diz que o sr. Intendente Municipal, vive no afã de

cobrar impostos, somente, e lhe ordena providenciar a aquisição de um carro fúnebre, que seria uma fonte de renda, etc. Onde, pois, sua coerência? Falam em frieza na eleição e não concorrem à urna; condenam a arrecadação de impostos e *ordenam* a criação de novos impostos. Edificante..." (O Gaúcho nº 9, de 22-03-14.)

“PONTO NOS IS. ‘O Gaúcho’ é órgão do Partido Republicano local e por isso defensor dos atos da administração do seu município. Assumindo a direção desta folha, espontaneamente aceitei a tarefa de defender os seus legítimos interesses, simultaneamente com os do próprio município. A autoria e responsabilidade dos artigos que publica este jornal, salvo aqueles que trazem assinatura, a mim cabem como seu diretor, queiram ou não queiram alguns letrados doutores, vaidosos portadores de diploma. Não tive a felicidade de freqüentar academia, não possuo um diploma, mas não importa, ele deslustra aquele que não sabe conservá-lo. Não tenho presunção, procuro apenas corresponder à confiança do meu chefe e manter honrado o modesto jornal que está sob a minha direção. Na defesa dos interesses locais, da razão, do direito e da verdade, venho mantendo polêmica, não

com o jornaleco ‘Popular’ e sim com os seus rabiscadores, sistemáticos desafetos da sã política e honrada administração do município. Sou eu, pois, quem mantém polêmica com esses rabiscadores que atacaram a administração municipal e degeneraram agora esse ataque numa infâmia tremenda, assacada a esmo, dúbia, confusa e propositadamente vaga, sem declarar a quem e por que é assacada: - anônima – ‘Quem aspira o direito da resposta, há de começar por subscrever o que escreve.’ ‘Quem, para ferir a outrem, principia por ocultar o seu próprio nome, apenas faz jus ao desprezo.’ ‘Atrás da anonimia se alapa a cobardia, se agacha o enredo, se acocora a mentira, se acaçapa a subserviência, se arrasta a venalidade.’ Repto, pois o indivíduo que com baba peçonhenta escreveu as BELEZAS que epigrafou: COM O MENINO DÚBIO, no nº 44 do ‘Popular’, a declarar com quem se entende a sua infâmia, assinando o seu nome, para ter a resposta merecida. Se o não fizer, ficará sendo tido como o tipo mais infame, abjeto e desprezível que a imaginação humana possa conceber; que não merece o traço de uma pena e sim o látego de um chicote. *Brasilico Lima.*” (O Gaúcho nº 41, de 1º-11-14.)

“ÚLTIMA VEZ. Com a linguagem tacanha e achamboada que lhe é peculiar, o órgão federalista, mal denominado ‘O Popular’, vem como sempre, em seu último número, atacando gregos, troianos, tudo e todos. Outrora, quando as páginas de tal jornal deixavam transparecer a responsabilidade moral de homens de classificação social, como o Dr. Antonio de Bittencourt Azambuja e Capitão José Lucas Dias, homens que têm o estrito dever de zelar das suas prerrogativas sociais, por diversas vezes, impelidos pelo direito que assistia à nossa folha, sentimo-nos na obrigação de rebater muitas de suas afirmativas, a despeito de preferirmos, algumas vezes, o silêncio como resposta. Agora, porém, que não temos cabais motivos para atribuímos àqueles cidadãos a responsabilidade das asserções inseridas nesta folha, por estar a sua direção à mercê de indivíduos desclassificados e até suspeitos, como Maximo Alves Filho, Alcides de Oliveira e Nicacio Campos, perdoem-nos a vaidade, mas não podemos absolutamente baixarmos ao nível das suas classificações para a discussão, como pretendem. Daí a nossa atitude terminante e positiva em não lhes respondermos uma só linha. Quando amanhã, não estes, um outro, alguém, cuja responsabilidade moral nos mereça consideração, pedir conta da forma do

nosso procedimento, aqui estaremos prontos para dá-la de modo claro e cabal. Terminando, não podemos deixar de lamentar que alguém se conserve iludido com a atitude repulsiva de tal jornal, deveras pernicioso aos interesses da sociedade.” (O Gaúcho nº 11, de 13-03-15.)

Ainda no nº 11, a passagem de mais um aniversário do jornal ensejou uma análise retrospectiva: “ANIVERSÁRIO. No dia 11 do corrente, completou dezesseis anos de existência ‘O GAÚCHO’, órgão do Partido Republicano deste município. Fundado para defender os altos interesses do Partido, guiado pelo espírito superior do nosso acatado chefe Cel. Gervasio Lucas Annes, tem a nossa modesta folha revelado sempre um critério seguro e firme na sua missão maciçamente civilizadora. Muito longe da intriga, da calúnia e da perfídia, distante da odiosidade pessoal, inimigo das sistemáticas acusações, sempre altivo e sobranceiro, tem ‘O Gaúcho’ prestado à família republicana e a este município os mais reais e relevantes serviços, desde a data da sua fundação. Por este motivo, inúmeros foram os cartões de felicitação e solidariedade que recebeu o nosso redator-chefe Major Brazilico Lima. À

noite desse faustoso dia, os nossos amigos e correligionários organizaram uma manifestação à nossa folha, que, por motivo de ordem moral, foi transferida para o dia 16 do corrente, a fim de festejar-se juntamente com o aniversário do Clube Pinheiro Machado. Damos abaixo o teor do convite que ao povo foi dirigido pela comissão encarregada da manifestação ao ‘O Gaúcho’. CONVITE. Passará no dia 11 do corrente, amanhã, sua data natalícia, o grande órgão do partido republicano deste município O GAÚCHO. Há longos anos vem esta folha independente e altiva, amiga e patriótica, empenhada sempre na reconquista imorredoura da Justiça e na luminosa reivindicação da liberdade! Por isso, é justo que todos os correligionários e admiradores, congregados e num grito unísono saúdem a velha folha, amiga do direito e da democracia. Convidamos, portanto, a todos os correligionários para, amanhã, 11 do corrente, às 8 horas da noite, reunirem-se no Teatro Municipal e incorporados acompanharem a manifestação que será feita ao inquebrantável O GAÚCHO. *A Comissão.*”

Em março de 1915 O Gaúcho estava no ano XII, conforme se lê no próprio cabeçalho. Ao que parece o jornal

suspendeu a publicação em 1901 e retornou em 1905, provavelmente no dia 28-07. A 11-08-05 circulou o 3º número do jornal, ano III, formato 35 x 48,5. Claro Pereira Gomes permanecia na gerência. Os redatores eram “diversos”.

No início de 1901 o coronel Gervasio Annes abandonou a direção do Partido, que passou a ser exercida por comissões formadas por conselheiros municipais. A crise interna se agravou em 1904, quando o intendente, Pedro Lopes de Oliveira, e o juiz de direito, João Coelho Cavalcanti, se desentenderam e quase provocaram um conflito armado na cidade. O presidente do Estado tratou de intervir, enviando para cá um destacamento da Brigada Militar, com 50 homens, a fim de restaurar a ordem. O intendente renunciou ao mandato, sendo reeleito na eleição seguinte. O juiz foi transferido de comarca e o coronel reconduzido à presidência do Partido. (Gehm, Delma Rosendo. Passo Fundo Através do Tempo. Passo Fundo: Multigraf, 1978.)

Quanto ao jornal O POPULAR, localizamos o nº 19, de 14-05-14, já no ano II. São 4 páginas em papel cor-de-rosa, tamanho 28 x 37,5. “Órgão dos interesses públicos”, tinha como

proprietário Maximino Alves Filho e colaboradores “diversos”. Hebdomanário com publicação às quintas-feiras, estes os preços das assinaturas: ano 9\$000; semestre 5\$000; mês 1\$000. José Lucas Dias e Antonio Bittencourt Azambuja eram republicanos incompatibilizados com a chefia do partido local. Fundado provavelmente em 1913, O Popular sobrevivia a duras penas no início de 1915.

Anunciam nesse número d’O Popular a Farmácia Cruz Vermelha, laboratório farmacêutico e clínico com instalação de raio X, fábrica da afamada “GAZOZA ESPUMANTINA”, localizada na Rua do Comércio, 22, de propriedade de Arnaldo Luiz Hofmann; a loja Estrelinha, de Belmiro Guterres; a fábrica Santo Antônio, de torrar e moer café, movida a eletricidade, de H. Trindade, também na Rua do Comércio; a Farmácia Homeopática Americana, de Ruiz & Cia., localizada na Rua do Comércio, defronte à Farmácia Cruz Vermelha; a Farmácia Borges da Rosa, de T. Rosa & Ferreira; o Restaurante Rio Branco, antiga Casa Primavera, na Praça Marechal Floriano, de Luiz Augusto de Azevedo; o Formicida Infalível, preparado de Emilio Ernesto da Silva, assim utilizado: “Aplica-se uma colher de

sopa, deste veneno no formigueiro em ocasião que as formigas estejam trabalhando, e assim ficarão extintas as formigas”; os médicos dr. Helcias Clayson de Oliveira, “especialista em alta cirurgia, moléstias de crianças, senhoras e parto. Cura das moléstias venéreas, da pele e da sífilis por injeções endovenosas de ‘606’ e ‘914’, residente na Praça Marechal Floriano, 44; dr. João J. Ruiz, “com longa prática no tratamento de todas as moléstias em geral”, com consultório na residência, junto à Farmácia Homeopática Americana, “grátis aos pobres das 9 às 11 horas da manhã”; e dra. Universina Lamaison, cirurgiã dentista: “Formada pela Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, oferece ao distinto público da cidade de Passo Fundo, os seus serviços profissionais. Garante todo o esmero na confecção dos trabalhos, e modicidade nos preços. Consultas diárias, das 8h da manhã às 11, e das 17 às 18 horas. Residência: Praça Marechal Floriano Peixoto nº 44.” O Popular simplesmente ignorava o Ato nº 203, de 10-12-1913, que alterou para Avenida Brasil a denominação da antiga Rua do Comércio.

O Gaúcho nº 9, de 22-03-14, também noticiou a abertura da clínica da

Dra. Universina: “Abriu seu gabinete dentário, à praça Marechal Floriano, a exma. sra. doutora Universina S. Lamaison, do que cientificou-nos por delicada circular.”

A falta de um carro fúnebre já era admitida pelo intendente na sua mensagem apresentada ao Conselho Municipal em 1910: “O serviço público está exigindo a aquisição de um carro para o transporte de cadáveres, não só devido à distância do cemitério e ao número de sepulturas que já se fazem, como também para melhor observância dos preceitos higiênicos.” Em 1911 o administrador chamou concorrentes para o serviço, não aparecendo nenhum. A questão esbarrava na insuficiência de verba, como consignado no relatório de 1912: “Infelizmente ainda não foi possível realizar sem pesado encargo para o cofre municipal não obstante as tentativas feitas pela intendência para regularizar esse serviço de grande utilidade, nada se tem conseguido.”

O antigo cemitério público, desativado após a construção do atual, em 1902, só foi demolido em 1909, conforme nos revela o intendente, na mensagem daquele ano: “Em data de 28 de maio do corrente ano a intendência,

visando o aformoseamento da quadra ocupada pelo antigo cemitério público desta cidade, o qual se achava colocado em sentido contrário à planta do local, prejudicando a configuração de quase todos os terrenos vizinhos e ocupando uma vasta área que poderia ser entregue a novas edificações, fez publicar edital marcando o prazo de três meses para a retirada dos restos sepultados no mesmo, sob pena de fazê-lo a municipalidade após ao termo fixado. Em virtude dessa deliberação, foram retirados inúmeros despojos, sendo trasladados para o novo cemitério, e os restantes, que são em menor quantidade, em breve serão transferidos administrativamente para o mesmo destino, guardado o respeito devido a esse ato.”

O Código de Posturas de 1914 determinava que a vítima de epidemia deveria ser sepultada em vala de 2m50cm de profundidade. Estabelecia 1m50cm para os demais casos.

Nos atos de sepultamento e dia de finados as coroas eram depositadas sobre os túmulos e depois recolhidas pelos familiares. Esse costume foi abolido pelo Código de Posturas de 1924: “CAPÍTULO XIV. *Dos cemitérios e sepultamentos*. Art. 118º - É proibida,

tanto nos atos de inumação, como no dia de finados, a volta de coroas de cemitério. Art. 119º - As coroas e flores naturais ficarão guarnecendo os túmulos, e as coroas ricas poderão ser entregues ao zelador, que as depositará, entregando um cartão numerado ao proprietário. Pena de 100\$000 para os infratores.”

Quando morria um anjo os jornais se esmeravam em abrandar o teor da notícia: “Com a meiguice da rosa exalou o último suspiro a inocente Soely”. (O Gaúcho nº 49, de 18-12-15.) Seguiam-se comoventes agradecimentos: “AGRADECIMENTO. No doloroso e amargurado transe por que passamos, com o falecimento do nosso pequeno Homero, manda a justiça que, por meio destas linhas, agradeçamos ao seu médico assistente, o ilustre Dr. Araujo Vergueiro, que foi mais do que um médico, foi um enfermeiro desvelado e solícito, mostrando compreender a divisa do saudoso Dr. Joaquim Manuel de Macedo, que dizia ser a MEDICINA O VERDADEIRO SACERDÓCIO DA CARIDADE, o que é raro neste tempo de torpe mercantilismo e de vilíssima chatinagem; ao nosso bom e cavalheiroso amigo Antonio Decusati e digna família, que foram para conosco de uma gentileza inigualável; ao venerando e estimável

General Prestes Guimarães que, desprendido e abnegado, dá a lembrar um novo herói de Plutarco; aos ilustres cidadãos Dr. Serafim Terra, Arthur Issler, Christiano Nobrega Lins, Antonio S. Loureiro, Joaquim L. O. de Lima, Odorico Abekost, Alcides Lima, João Cancio, Brasílio Trindade, Luciano Decusati, Antonio Manuel Caminha e dignas famílias que tanto se prestaram no ato tristíssimo do falecimento de nosso filhinho. Muito agradecemos também à distinta família Edler, D. D. Felippina Annes, Eugenia Loureiro, Eutalia Mello, Catita Lins e Nene Terra, pelos serviços preciosos e inestimáveis que nos prestaram na emergência difícil em que nos achamos com a doença do nosso pequeno, enfermidade essa que zombou do poder da ciência e dos cuidados que nos eram dispensados pelo povo bom desta afortunada terra. A todas as pessoas que enviaram coroas e flores, bem como às gentis meninas que acompanharam o enterro, a nossa eterna gratidão, que se estende também ao velho amigo e compadre João Terres e família, que de Santa Maria nos mandaram o doce consolo do seu pesar. A todos a nossa imorredoura gratidão. Passo Fundo, 18-05-910. Guerreiro Victoria e Família.” (O Gaúcho nº 18, de 22-05-10.)

Delma Rosendo Gehm no 3º volume de sua obra noticia que a demolição da antiga capela ocorreu em 1909. Localizada no mesmo terreno onde hoje se encontra a catedral, porém com a frente voltada “mais ou menos para o nordeste”, conforme Antonino Xavier, a igreja católica na época em que foi demolida não passava de um “pardieiro de pau a pique, esburacado e em ruínas”. (Oliveira, Francisco Antonino Xavier e. Annaes do Município de Passo Fundo, coord. por Marília Mattos e outros. P. Fundo: Gráfica e Editora da UPF, 3 vol., 1990; e ON nº 648, de 19-06-30.)

“**Igreja nova.** No dia 16 do corrente, perante seleta reunião de povo, presidida pelo Reverendíssimo Senhor Bispo de Santa Maria, foi lançada a pedra fundamental da igreja que será construída na Praça Marechal Floriano Peixoto, no local da antiga matriz. Esse ato, contra a praxe estabelecida, foi realizado com ausência completa dos representantes da administração municipal, do funcionalismo estadual, federal e da imprensa local, isto porque, estranhavelmente, não foram para tal fim convidados pelo Reverendíssimo Senhor Bispo, ou por quem competia. Recordamo-nos que em tempo ainda não muito remoto, quando idêntica

solenidade se realizava, por ocasião do lançamento da pedra fundamental da atual matriz, foram oficialmente convidados o intendente e conselho municipal, tanto que o presidente do conselho, que naquela época era o coronel Pedro Lopes de Oliveira, atual intendente, recebera na sua fazenda, onde se achava, o convite dirigido ao conselho e hoje que S. S. reside nesta cidade, ocupando o cargo de intendente, não teve a honra de receber convite. Deve-se considerar fato, além de pouco diplomático, descortês e significativamente desconsiderador às autoridades locais. Quando o nosso município lutava com sérias dificuldades e escassez de renda, auxiliou muitíssimo, até com importante soma, votada pelo conselho, à construção da atual Igreja Matriz. É mais uma delicadeza do Reverendíssimo Senhor Bispo, que naturalmente se há de juntar a de ter daqui se retirado sem retribuir as visitas que lhe foram feitas.” (O Gaúcho nº 46, de 23-11-13.)

A 29-03-14 receberam a benção os novos sinos da matriz: “No próximo domingo, após a missa, receberão a bênção os novos sinos da nossa igreja matriz, sendo, em seguida, elevados na torre provisória.” (O Gaúcho nº 9, de 22-

03-14.) No mesmo número do jornal noticiou-se o início da construção dos alicerces da nova igreja a erigir-se na Praça Marechal Floriano, obra do construtor João De Cesaro.

“**A Torre dos Sinos de nossa Matriz.** Reputamos simplesmente uma excrescência, a vetusta, tosca e inestética torre dos sinos de nossa Matriz. Ali, ao seu lado, dando uma idéia de aldeia, ergue-se de tábuas, carcomidas pelos tempos, a torre que sustenta os sinos, como se Passo Fundo, cidade culta e religiosa não possa contar com o apoio do seu generoso povo, para erguer-se uma torre de material digna do nosso progresso. Talvez se alegue que provisória, ela, essa torre ali estará apenas o tempo necessário para erguer-se a nova matriz. Mas, até lá, o sino badalará plangentemente anunciando a morte das gerações *per omnia seculo...* E a nova matriz era um desejo, uma aspiração dos fiéis!!...” (Gazeta nº 83, de 06-11-29.)

Em março de 1914 o Capitão Jovino da Silva Freitas transferiu para a Av. General Neto nº 7 a oficina e a loja da livraria A Minerva. No dia 1º-01-16 lançou o jornal A VOZ DA SERRA, “Folha Independente”, com circulação aos sábados. A direção foi entregue a

João Baptista de Oliveira Mello e a redação a Antonio Bittencourt Azambuja. Este se demitiu a 06-09-16, oportunidade em que foi substituído por Francisco Antonino Xavier e Oliveira. Em 1917 A Voz da Serra passou a funcionar na Rua Moron nº 31. (O Gaúcho nº 9, de 22-03-14; Machado, Ironita P. História e Imprensa. Um Olhar sobre o Olhar do Semanário A Voz da Serra, Internet; e Gehm, Delma Rosendo, op. cit.)

Com a saúde debilitada, Gervasio Lucas Annes deixou a direção do partido a cargo de uma comissão executiva. Faleceu a 04-04-17: “AO ELEITORADO REPUBLICANO DE PASSO FUNDO. Dominados pelo fundo pesar que nos causou o passamento de nosso prezado chefe e amigo, nos apresentamos ao eleitorado republicano deste município, para historiar o nosso aparecimento como guias do partido e expor a orientação que o momento atual comporta, para que o partido prossiga a estrada até aqui trilhada, e as coisas públicas aфирam resultados benéficos de nosso agir. Isso dito, historiemos a origem da Comissão que constituímos. Achava-se gravemente enfermo o extinto amigo e chefe do partido republicano deste município – Cel. Gervasio Lucas

Annes. Assim doente, na impossibilidade de orientar o partido que há longos anos dirigia, resolveu constituir uma Comissão executiva que, com o concurso de sua acatada experiência, tomasse o encargo da direção política de Passo Fundo. Então, propôs ao preclaro chefe do partido, Exmo. Sr. Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, os nomes dos abaixo-assinados que receberam a aprovação do chefe supremo que nos comunicou ter acatado a indicação do saudoso amigo, e entregava-nos a direção do partido, neste município, certo de que, a nossa orientação seguiria, sem solução de continuidade, a vereda até agora trilhada. Não nos era lícito recusar a honrosa, conquanto árdua tarefa, não só porque o ato originário de nossa atual posição política foi uma previsão do extinto amigo, como pelo acatamento que o ilustre chefe do partido deu a essa indicação. Estamos, pois, incumbidos de orientar o coeso partido republicano do município de Passo Fundo, em cuja honrosa incumbência, estamos certos não nos faltarão os esforços, a lealdade e a dedicação de todos os bons republicanos, cujo concurso, indispensável, nos dará encorajamentos para o afanoso trabalho que pesa sobre nossos ombros. Devemos dizer, não só a nossos correligionários, não só a todo eleitorado do município, como ao povo em geral que, a exemplo

da orientação da política geral do Estado, manteremos uma ação política de benéfica cordura, para que a JUSTIÇA nos mantenha debaixo de seu augusto cetro, prosseguindo, deste modo, o município sempre bafejado pelas auras da paz e do progresso. Acataremos os elementos bons que conosco queiram colaborar para a ordem e constante progredir deste belo e grande pedaço do Rio Grande do Sul, e procuraremos afastar os elementos perniciosos que tentem desorientar a sociedade e infiltrar em seu seio os germens da anarquia e do mal. Em absoluto, os sentimentos pessoais jamais terão acesso em nossa conduta política, pois, faremos inteira exclusão de paixões individuais quando, em quaisquer assuntos que caíam sob nossa ação política, surjam casos suscetíveis de manifestações desta ordem. Deste modo, pois, e com os intuitos expostos, iniciamos a nossa missão e esperamos que, por todos os cantos deste vasto município, o nosso agir se manifestará profícuo e bem intencionado, recebendo o apoio e a cooperação de todos os bons cidadãos que amem a grande Pátria Brasileira e queiram vê-la próspera e culta, em todos os recantos de seu vasto território. Passo Fundo, 25 de abril de 1917. *Dr. Nicolau Araújo Vergueiro – Pedro Lopes de*

Oliveira – Gabriel Bastos.” (O Gaúcho nº 15, de 29-04-17.)

Uma homenagem póstuma, no Teatro Avenida, tendo como oradores Nicolau Araújo Vergueiro e Francisco Antonino Xavier e Oliveira, marcou a passagem do 30º dia do falecimento do cel. Gervasio Annes. Julio Edolo de Carvalho, presidente do Club Pinheiro Machado, recebia contribuições para a construção de uma herma a ser erigida numa das praças da cidade. (Idem.)

Brasilico Lima afastou-se da direção do jornal, sendo substituído por Renato Sá Britto, nomeado pela comissão executiva: “O GAÚCHO. Acúmulo de trabalhos impede o meu distinto amigo major Brasilico Lima continuar à testa da direção do órgão do Partido Republicano, em cujo afanoso cargo a sua ação inteligente e criteriosa assinalou-se em serviços relevantes que ocioso seria enumerá-los. Em virtude desta espontânea renúncia, a insigne Comissão Executiva local, aceitando, não sem relutância, as razões ponderadas pelo digno correligionário, houve por bem distinguir-me com investidura de honrosa confiança, incumbindo-me da direção d’O Gaúcho. Este posto de honra, assumo-o com o presente número tão

côncio das responsabilidades que dele me advêm, como desvanecido por me ser dado, na relatividade de minhas modestas aptidões, poder ser útil ao nosso coeso e glorioso Partido. Devo, a mais, confiar em cabalmente desempenhar-me da missão, que ora enceto, tendo a orientar esta folha, em sua fase atual, o espírito esclarecido dos ilustres membros da Comissão Executiva, aos quais consoante as normas republicanas aqui observadas, como chefes do Partido, são também os chefes da redação d'O Gaúcho. Fica, assim, sempre colocada na dependência de aprovação da mesma, a matéria editorial da folha, quando ventilar assuntos que se relacionem com os interesses da comunhão republicana. Jornal combativo de programa solidamente definido e tradicionalmente ligado à vida partidária desta terra, a diretriz a seguir na direção d'O Gaúcho, foi, há muito, traçada pelos meus ilustrados antecessores, - diretriz esta da qual jamais procurarei afastar. O órgão republicano de Passo Fundo continuará, destarte, a sua ascensorial trajetória na escabrosa senda do publicismo e, como porta-voz do pensamento de preclaros chefes, levará, por todos os pontos do município, a palavra de ordem e de conagração às hostes invencíveis. Conhecida é a feição doutrinária desta folha. Tolerante para com o adversário

leal que exercite direitos incontestes, dentro de normas admissíveis, mas implacável para com os demagogos, os trãsfugas que, instrumentos de ambições pessoais inconfessáveis sobrepostas aos interesses coletivos, se aventurarem, por acaso, a subverter a ordem e a harmonia do Partido. A obra de Gervasio Annes, subsistirá íntegra, inderrogável, porque esta é a vigorosa vontade dos republicanos de Passo Fundo, que sinceramente cultuam a memória do inolvidável chefe extinto. Gervasio Annes designando para, temporariamente, durante ausência em tratamento de saúde, substituí-lo na chefia do Partido, uma comissão composta dos abnegados correligionários srs. dr. Nicolau de Araujo Vergueiro, cel. Pedro Lopes de Oliveira e Gabriel Bastos, criou, com previsão extraordinária, a fórmula ideal às necessidades do Partido, a prevalecer após o seu infausto desaparecimento. Nenhuma mais previdente e de molde a melhor contentar ou produzir mais lisonjeira impressão no seio da família republicana passo-fundense! Sobre os ombros, pois, dos três devotados e conspícuos companheiros pesam, hoje, as árduas responsabilidades de comando. São os eleitos da consagração do grande morto! Consagremo-los, também, republicanos! E, em torno deles,

disciplinados e coesos, vibrantes de civismo, prossigamos com entusiasmo, a obra meritória que torna Passo Fundo um dos baluartes do Partido Republicano do Rio Grande do Sul, sob à sábia chefia do benemérito estadista dr. A. A. Borges de Medeiros. À testa da direção desta folha, espero merecer o valioso concurso de seus ilustrados colaboradores, o qual reputo imprescindível para o êxito da missão que me foi confiada. *Renato Sá Britto.*” (Idem)

Essa comissão não subsistiu. Nicolau Araujo Vergueiro e Gabriel Bastos passaram a fazer oposição ao intendente Pedro Lopes de Oliveira (Lolico). O jornal O Gaúcho permaneceu nas mãos dos *Lolicistas*. Outro jornal, chamado O REGIMEN, criado em 1917, pela facção contrária, não sobreviveu à crise política. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.)

O precursor do “Vergueirismo” em Passo Fundo foi o tenente João Baptista Cúrio de Carvalho. A 07-03-17 proclamou Nicolau Vergueiro “o *primus inter pares* no seio do Partido Republicano local”. (ON nº 1.495, de 27-04-33.)

Cúrio de Carvalho liderou na imprensa, através do jornal A Voz da Serra, a campanha do dr. Vergueiro à Intendência. O Gaúcho, novamente dirigido pelo major Brasilico Lima, defendia a reeleição do cel. Pedro Lopes de Oliveira. A disputa política monopolizou o noticiário até 1920, ano das eleições.

“AS MENTIRAS DO SEU LOLICO. É tradicional o vezo de mentir do sr. Pedro Lopes de Oliveira, intendente municipal de Passo Fundo; s. s. mente desbragadamente: quando fala, mente; quando escreve, mente; administrando, mente! Pela palavra o seu Lolico tem negado até a cristo; suas mensagens só têm de sua a assinatura; a sua administração tem sido a mais completa negação das verdades republicanas. E não se diga que estamos fazendo romance; não, pois que, vamos trazer a público um carrapetão que seu Lolico pregou ao sr. Coronel Genes Bento, subchefe de polícia. É o caso: o sr. Pedro Lopes de Oliveira telegrafou a essa autoridade narrando o assassinato do maquinista da viação férrea, Fernando Almeida, ocorrido em Pinheiro Mercado, dizendo que nenhuma providência havia sido tomada pela autoridade policial, sobre esse crime. Pois bem, fiquem todos

sabendo que o nosso amigo cap. Appolinario Torres, ativo subdelegado de polícia do 4º distrito, foi duas vezes a Pinheiro Marcado, para fazer investigações sobre esse crime, inquirindo para mais de cinco testemunhas, e, da última vez, ao regressar a Carazinho, viajou com o sr. Cel. Genes Bento, a quem deu ciência de ter ido fazer uma investigação policial em Pinheiro Marcado. Chamado a esta cidade o nosso amigo Appolinario e sendo interpelado pelo subchefe sobre o telegrama de seu Lolico, fácil lhe foi constatar sua falsidade, pelo confronto das datas das diligências e a do fato criminoso. Bem certo é o rifão: ‘É mais fácil pegar um mentiroso do que um coxo...’ (A Voz da Serra nº 127, de 12-06-18.)

PÉ QUEBRADO

Arrochem, - não tenham dó,
Muito bem a coisa vae.
Puxando um grupo só,
ELLE arrebenta ou sae! *São*
Ludgero. (Idem)

“OS ARRUACEIROS. São constantes os casos de violências e

arruaças de certo tempo a esta parte, provocados pelos funcionários municipais; ora contra as partes que são obrigadas a comparecerem na Intendência, ora são as excitações alcoólicas dando origem a bravatas. Na frente da Intendência a determinadas horas do dia, pela aglomeração de certo pessoal que estaciona naquele local, torna-se uma ameaça permanente a quem é obrigado a ali transitar. Há poucos dias um graduado funcionário municipal, em lastimável estado alcoólico, por motivos fúteis, formou um charivari no Hotel Internacional, de faca em punho, provocava a todos, e naquele estado vagou pelas ruas da cidade. Agora é o sr. Renato Sá Britto, secretário da Intendência, que por motivo da cobrança de uma conta particular, ofende, na própria Intendência, ao sr. João Alberto Schmidt, proprietário da OURIVESARIA ALLIANÇA, chegando mesmo a puxar do revólver, e se não atirou foi por intervenção de terceiros. Diante da gravidade desses fatos que impunemente vêm se reproduzindo, para quem vamos apelar, se o seu Lolico é o principal responsável? Bem compreendemos que o fito dessa troça amalhada nos cofres municipais tem por fim nos arrastar ao desespero de alguma vindita para então se fazerem de vítimas. Não se iludam, porém, que nós os amigos

do Dr. Vergueiro e Gabriel Bastos, diretores do partido republicano local, estamos na firme deliberação de prosseguirmos numa orientação pacífica e elevada, predispostos, não obstante, a qualquer reação coletiva contra todo o desmando ou violência à pessoa de nossos companheiros. Aí fica o aviso!” (A Voz da Serra nº 130, de 03-07-18.)

TROVAS

Foi em noventa e quatro,
Na era da revolução,
Que fizeram uma factura,
Lá na casa do Barão...

De lá sahio um mocito,
De poncho novo, em viagem;
Eu não lhes digo o nome,
Era um coronel de bobagem...
Cabo Chico. (Idem.)

“RUÍNAS... É somente o que se conhece nos frutos desta amaldiçoada administração municipal: ruínas, e mais ruínas... Ruínas morais, do caráter que eles solapam, pela intriga, pela calúnia, pela perfídia e pelo suborno, para conseguirem um miserável número de

prosélitos e capangas que os acompanham nesse cortejo fúnebre e tenebroso que vem rolando a longos anos pelo nosso município, digno por certo de melhor sorte, e que o povo o estigmatiza com o epíteto de – *Lolicistas*. Ruínas materiais, são todos os departamentos de trabalhos entregues a esta caterva cevada pelo erário municipal. A Rua Moron, no trecho da Avenida General Netto para o sul, tem cômoros de pedras inteiriças e escavações de solo pelas águas fluviais, que torna o trânsito ali impossível para qualquer veículo, principalmente à noite; e, a Rua Moron é uma das nossas principais vias. Há poucos dias um automóvel, não pôde passar a ponte sobre o rio Passo Fundo pelo iminente perigo que existe naquela via pública com enormes buracos, e oscilando com qualquer peso. Esta ponte que está ao sair da cidade, dá trânsito para todo o 1º, 2º e 3º distritos e Lagoa Vermelha. Do lado oposto da cidade, na estrada que vai para Soledade, ao sair do Boqueirão, existe um enorme valo, que pela sua profundidade e desmoronamento está constituindo um grande perigo para o trânsito, pois já está evadindo o leito da estrada. O seu Lolico aproveita este valo para mandar despejar o lixo que retira das casas, fazendo ali um poço de imundície para mais agravar a situação. São constantes as queixas e reclamações que

vimos recebendo de todos os distritos pelo mau estado em que jazem as pontes, pontilhões e estradas, entregues às incúrias da administração municipal. Aos amigos que nos reclamam aconselhamos que esperem, pois, não há mal que sempre dure... Essas ruínas servirão de vala comum aonde o povo de Passo Fundo em DE PROFUNDI, com sua misericordiosa pá de cal, entregará ao esquecimento, com significativo epitáfio, o cadáver putrefato desta administração municipal.” (A Voz da Serra nº 137, de 28-08-18.)

LERIAS...

Passeavam dois burguezes:

- Que edifício é este?
- O Club Pinheiro Machado.
- O Club Pinheiro Machado?!
- Sim, porque te admiras?
- Porque, hontem, convidaram-me para ir ao café e trouxeram-se aqui...
- Ó! (Idem.)

“LEIAM... LEIAM. (...) as mazelas dessa carunchada e oca, inócua e triste, antiga e má administração de Pedro Lopes de Oliveira, que cercado de uma

penca de sanguessugas, envolvido pelos tentáculos desse polvo enorme, que é aqui o funcionalismo municipal, deixa-se ficar nesse *dolce far niente*, numa apatia incomensurável, embolsando os seus adorados cobrinhos no fim do mês. Um homem que tivesse certa altivez, um bípede que enxergasse apenas um palmo adiante do nariz, depois de haver auscultado o pensamento do povo, que o tem atravessado na garganta, que mal o suporta, que dificilmente o tolera, já teria num lance digno repellido, abandonado essa posição. Hoje, para que bem alto e bem longe se possa comentar, vamos transcrever para aqui duas notícias de outros jornais, um de feição independente e outro de caráter essencialmente político adversário. E não se diga que isso é politicagem do vergueirismo rasteiro, mesquinho, indigno, cínico, miserável e mais quejandos adjetivos dessas almas sem norte e sem luz, verdadeiros bolinhas de lama. CORREIO DO POVO, sábado, 1º de fevereiro de 1919; quarta página, segunda coluna: ‘Construção de uma ponte. O sr. Santo Meneghetti, negociante desta praça, e que possui uma serraria no 3º distrito do município de Passo Fundo, mandou construir, à sua custa, uma ponte sobre o rio do Peixe. A ponte, que é toda de madeira de lei, tem 180 palmos de comprimento e 25 de largura. Esse melhoramento veio prestar

bons serviços aos moradores do referido distrito, pois em épocas de cheias, não podiam eles demandar à estação Coxilha, a fim de embarcar ali as suas mercadorias. A ponte, cuja construção custou alguns contos de réis, já foi franqueada ao público, tendo sido construída sob a direção do sr. Pedro Zambato.’ CORREIO DO SUL. Bagé, 1º de fevereiro de 1919; terceira página, primeira coluna: ‘O negociante Santo Meneghetti mandou construir uma ponte sobre o rio do Peixe, 3º distrito do município de Passo Fundo.’ Para um administrador, antes de tudo digno de si mesmo, zeloso do seu nome, essas duas locais bastariam para fazer corar as faces, embora sofresse ele de anemia perniciosa. E a coisa é assim... *toujours la même chanson...* e enquanto os industrialistas constróem pontes nos rios Colorado, Peixe e outros à custa de seus próprios dinheiros, o nosso intendente Pedro Lopes de Oliveira, administrador dos dinheiros públicos aperfeiçoa-se (...) de pessegada e dança... dança com seu pé de pato e seu bigode a mandarim. Venham agora as descomposturas em calão de vinhaça de bordel, em estilo de sarjeta, mas desmintam, se forem capazes, aquelas notícias.” (A Voz da Serra nº 156, de 08-02-19.)

“TAL E QUAL. Da sutil e aguda ironia de Monteiro Lobato são os seguintes conceitos sobre Jeca Tatu, que possui nesta terra graduado representante, avantajado espécimen, acororado há quase 20 anos na cadeira intencional, numa indolência sem limites, ‘incapaz de evolução e impenetrável ao progresso.’ (...)” A Voz da Serra anunciava ainda a publicação de *O Jeca Tatu de Passo Fundo*, folhetim escrito especialmente para o jornal. (A Voz da Serra nº 174, de 28-06-19.)

“RIDÍCULO... RIDÍCULO. A bela “VOZ” curio-nicolau, em dueto, continua a arrebatat o povo desta terra, conquistando... arrepios, náuseas e cólicas, com a sua sinfonia xarope, composta de guinchos, orneios, berros e uivos! Os excêntricos artistas xifópagos – ligados pela língua e pelo coração, por melhor que cantem sua ode-pasquínia, não conseguem entoar de modo que confundam; parece que a choldra não foi bem combinada e daí as notas pífiás, os falsetes, os guinchos e relinchos que soltam ferindo os ouvidos e revoltando os intestinos de quem os assiste. Interessantes ou ridículos?!.. Há pouco tempo blasonavam ELES: ‘logo, amanhã, tiraremos pelas orelhas Pedro Lopes de Oliveira do cargo de intendente’ plurrsr,

plurrsr. O povo sensato bem notava que não estava certa e afinada essa toada da ‘coisa’; que o nosso chefe supremo não toleraria que essa azoada nojenta continuasse a ser cantada como música de verdade. E tinha razão o povo. Agora na 155 repetição da ‘coisa’, já cantam ELES: ‘A data de 15 de novembro de 1920 (!!! 1920 !!!) será para nós também um novo 14 de julho: a queda dessa bastilha, o desmoronar dessa prepotência, o ruir dessa oligarquia, o esfacelar desse trono’ *sic*. Já dão prazo até 15 de novembro de 1920?!.. Quer isso dizer que esperam o prestigioso coronel Pedro Lopes de Oliveira, honrado e operoso intendente municipal, terminar o seu quadriênio! Como são gentis esses caraduras. Ah! E que remédio. ELES agora conhecem a lei e confessam que são uns patifes, potoqueiros, ridículos e descarados, que ninguém os deve levar a sério. Sim. Em 15 de novembro de 1920 (é pena estar tão longe) vamos ver quem será o intendente, quem será o chefe.” (O Gaúcho, fragmento, fev. de 1919.)

Apoiado pelo Presidente do Estado, Nicolau Vergueiro sobrepujou o seu adversário. Não faltaram retaliações: “REMOÇÃO. Por solicitação do nosso prezado amigo Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, acatado chefe da política

republicana local, foi exonerado do cargo de Coletor das Rendas do Estado, no município, sendo removido para Guaporé, o sr. Julio Edolo de Carvalho. De uma feita, ‘O Gaúcho’, não compreendendo o espírito de moderação do chefe político Dr. Vergueiro, disse que ‘a permanência do sr. Julio Edolo na exatoria da fazenda desafia os politiqueros de esquina’. O sr. Julio sendo um dos signatários do célebre telegrama de protesto à chefia unipessoal do Dr. Vergueiro, espontaneamente se incompatibilizou com a orientação dada pelo Exmo. Dr. Borges de Medeiros à política local. É mais uma de escarchar... e outras virão!” (A Voz da Serra nº 186, de 20-09-19.)

Julio Edolo de Carvalho faleceu em Porto Alegre a 05-06-26. (ON nº 103, de 12-06-26.)

Assim que ocorreu a cisão na Executiva do Partido, O Gaúcho alterou o subtítulo para “Órgão Republicano”, acrescentando a data da fundação: 11 de março de 1899. Em outubro de 1920 já havia encerrado suas atividades. (A Voz da Serra nº 230, de 16-10-20.)

No final desse mesmo ano, conferindo personalidade jurídica ao Clube Pinheiro Machado, Gabriel Bastos tratou de retirá-lo das mãos dos *Lolicistas*: “**Extrato dos Estatutos do Club Pinheiro Machado de Passo Fundo.** Art. 1º - O Club ‘Pinheiro Machado’, de Passo Fundo, fundado em 16 de março de 1904, fica atualmente, por efeito da Lei nº 173 de 10 de setembro de 1893 e disposições relativas do Código Civil Brasileiro, definitivamente organizado com o objetivo de cooperar, como instituição de caráter político, para o engrandecimento do Partido Republicano Rio-grandense, defendendo os interesses desse mesmo partido, dentro das normas traçadas pelos presentes estatutos. Art. 2º - O Club ‘Pinheiro Machado’ será administrado por uma diretoria e uma comissão de contas, aquela composta de um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro, um secretário, um orador e um bibliotecário. A comissão de contas, que será composta de três membros, e o presidente serão eleitos, e os demais membros da diretoria nomeados pelo presidente, cabendo a este representar a sociedade ativa e passivamente em juízo. Art. 3º - Os membros da sociedade não respondem subsidiariamente pelas obrigações que os representantes da associação contraírem expressa ou intencionalmente em nome

desta. Art. 4º - A associação extingue-se pelo consenso de todos os seus membros, *ex-vi* artigo 10 nº 2 da precitada lei nº 173, e, em caso de extinção o seu patrimônio será entregue à municipalidade de Passo Fundo, para aproveitá-lo em benefício de uma escola que deverá ter o nome de seu atual patrono. Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário. Passo Fundo, 20 de outubro de 1920. *Gabriel Bastos, Antonio Machado Cornelio, Joaquim Pedro Daudt, Eduardo Mel. de Araújo, João Langaro, Annibal da Silva Lemos, Horacio de O. Bastos, Mario Lemos Braga.*” (A Federação nº 247, de 26-10-20.) Os Estatutos foram inscritos no Registro Especial no dia 29-10-20. (Livro nº 3, sob nº 18.)

Diante da reação de Brasilico Lima, presidente do clube, Gabriel Bastos recorreu à Justiça: “Ilmo. Sr. Juiz Distrital. O coronel Gabriel Bastos, por si e como representante legal do Club Pinheiro Machado, vem, por seu procurador abaixo assinado, dizer o seguinte: Que, estando o Club Pinheiro Machado, patrimônio moral e político do partido republicano local, em franco abandono e desviado de seus fins, resolveu um grupo de sócios dar-lhe personalidade, inscrevendo os estatutos

sociais no respectivo registro, de acordo com o art. 19 do Cód. Civil, que ampliou as disposições do art. 3 da Lei 173 de 16 de fevereiro do mesmo ano (doc. Nº 1); Que, inscrito o ato institucional da sociedade, personificada esta pelo registro, adquiriu existência própria, distinta da dos membros, que a compõem, pelo que pode comparecer em juízo para acioná-los, a eles, ou a terceiros, à norma do art. 20 § 2 do Cód. Civil; Que, por declaração estatutária e na conformidade do art. 19 nº 2 do mesmo código, é órgão legítimo do Club Pinheiro Machado, hoje pessoa jurídica, o seu presidente, que o representa em juízo, ativa ou passivamente, e nas suas relações com terceiros (doc. Nº 2); Que, eleita a diretoria do Club, investiu-se ela na posse de seus cargos, como se mostra pelos docs. 3 e 4; Que, passados dois dias, abusiva e violentamente, os sócios srs. Brasilico Lima, coronel Pedro Lopes de Oliveira, Eduardo Crosseti e Renato Sá Britto, tomaram o Club Pinheiro Machado à diretoria que legalmente o representa, tolhendo-a no exercício do mandato e vedando-lhe ingresso na sede social; Que, sendo aquele Club pessoa jurídica e tendo representante legal, o esbulho praticado por sócios, não diretores, a quem é defeso intervir na administração da sociedade (art. 19 nº 2 do Cód. Civil), justifica o apelo à ação de

restituição de posse, nos melhores termos de direito. Por um lado, como ensina Bevilacqua, Comentários ao Cód. Civil, V. 1, pág. 228, ‘as sociedades civis não registradas não tem personalidade (art. 18), não tem existência distinta da dos membros, que a compõem, não podem apresentar-se em juízo propondo ação contra os sócios ou contra terceiros. Os terceiros é que poderão responsabilizá-las por todos os seus atos.’ Portanto, à velha diretoria do Club, quando mera associação, sem responsabilidade jurídica, não admitiria a lei figurasse em juízo, disputando direitos contra os sócios ou terceiros. Por outro lado, a diretoria nova está legalmente investida, é o presidente órgão legítimo do Club, desde que ele existe para as relações jurídicas, desde que começou a sua existência legal, pelo registro (art. 18 do Código citado). De conseguinte, não há dualidade de diretorias: a velha não existe de direito, não pode ser reconhecida judiciariamente; só a nova tem existência legal e será consagrada nos tribunais. Além disso, que é verdade incontestável, salvante alguma obscuridade decorrente da urgência deste trabalho, ocorre que os réus perpetraram o esbulho de uma situação legal e de fato já adquirida pelo registro dos estatutos, eleição e posse real da diretoria que, na forma da lei, deveria, necessariamente, nortear a sociedade.

Estavam os novos diretores na posse de seus cargos, quando lhe foi arrebatado o Club pela violência e tolhido o livre exercício do mandato, com flagrante desrespeito à situação legal de fato instalada no prédio da sociedade. É palmar, pois, a procedência da ação de esbulho. Poderíamos aliciar ao nosso lado grande número de mestres em abono do asserto predito. Mas, citamos apenas Astolpho Rezende, Manual do Código Civil, V. 7, págs. 370, onde, em tratando das ‘pessoas que podem intentar ações possessórias’, ex-vi do mencionado código, inclui, entre outros, ‘os diretores de sociedade juridicamente capaz’. E não se diga que a violência não implicou o esbulho efetivo do Club à sua diretoria legal e já empossada. Vem a pêlo as considerações do mesmo jurista, livro citado, págs. 576, assentando o critério da violência na simples vontade contrária do possuidor: ‘Se essa vontade contrária se tiver manifestado por uma formal e seria oposição. Feita pelo possuidor no mesmo lugar e no momento em que por outros se consuma em sua presença o ato arbitrário que o priva de sua posse, ou que o impede de reentrar livremente nela, a violência moral existe sem dúvida, não se lhe podendo impor, em uma sociedade civil bem organizada, que ele deva esperar e provocar contra si o emprego de força efetiva, para se poder valer do remédio

legítimo da ação de esbulho. E às págs. 577 acrescenta: ‘De modo que, basta para este fim o temor fundado, não de um perigo futuro, mas de um perigo imediato e atual, sendo indiferente que o possuidor seja expulso do prédio, ou impedido de nele entrar, ou que na sua ausência se tenham apoderado dele, desde que se dá por esbulhado, ou que, na sua volta lhe impedem o ingresso. Que o esbulho fosse feito com força armada ou sem ela, não faz ao caso.’ Tendo sido ontem o Club tomado pelos réus que o abriram, ou arrombaram, em horas em que não estava ele, por seus estatutos, franqueado à visitação dos sócios, fato este notório; e não se havendo admitido ingresso, no prédio social, a pessoas da nova diretoria, com a declaração expressa, por parte de alguns exaltados, de que seriam estas repelidas à força, consumou-se o esbulho, senão, pelo mínimo, a violência moral, o fundado receio de distúrbios, o que, atuando no espírito ponderado e reto do presidente daquela sociedade, fê-lo considerar-se esbulhado do prédio social e recorrer à ação competente, para nesse prédio ser reintegrado o Club, pela diretoria que o representa legalmente. Autuada esta com a procuração inclusa e docs. que a instruem, pede o suplicante a designação de dia e hora para, com urgência, de plano e em segredo de justiça, na forma da lei, serem ouvidas as

testemunhas abaixo arroladas, a fim de que, provado o esbulho, seja ordenada a restituição incontinenti do referido prédio ao Club Pinheiro Machado, representado pelo seu presidente, citando-se em seguida os réus acima nomeados para, depois de citados, comparecerem na primeira audiência ordinária de sábado, às treze horas, no lugar do costume, e ver-se-lhes propor a ação, em que se lhes pede o imóvel aludido, situado à avenida Brasil desta cidade, sob número com todos os acessórios e móveis, perdas e danos e custas, tudo na forma e sob as penas da lei. Valor da causa - 600\$000. Testemunhas: Antonio da Rocha Ribeiro e Francisco Iopp, residentes nesta cidade, e serão apresentados sem citação. Bem assim, José Rossi. Passo Fundo, 3 de novembro de 1920. p.p. *Antonio Bittencourt Azambuja, Advogado.*” (Autos do processo.)

A 05-11-20 o Juiz Distrital Maximiliano Pereira Ávila decidiu pela restituição do clube ao autor da ação. Cumprido o mandado, pelos oficiais de justiça Prócoro Coelho Velasques e Henrique de Almeida Cruz, foi lavrado auto de entrega a 08-11-20. Citados, os réus contestaram através de Brasilico Lima: “Contestando a presente ação, dizem os RR. Brasilico Lima, Pedro

Lopes de Oliveira, Eduardo Crossetti e Renato Sá Britto, respectivamente, presidente e sócios do ‘Club Pinheiro Machado’, contra o A. Gabriel Bastos, por esta melhor forma de direito, o seguinte: E. S. N. P. 1. – Que a sociedade civil, de fins políticos, denominada ‘Club Pinheiro Machado’, fundada nesta cidade a 16 de março de 1904, tem existência real e é regida por estatutos regularmente aprovados em assembléia geral; P. 2. – Que essa sociedade jamais deixou de eleger a sua diretoria no período legal, de conformidade com as disposições estatutárias em vigor; P. 3. – Que independentemente do registro (facultativo) de que nos fala a Lei nº 173 de 10 de setembro de 1893, a sociedade em questão, isto é: o ‘Club Pinheiro Machado’, tem existência legal e juridicamente rege-se pelas regras das sociedades civis (Lei cit. Art. 15); P. 4. – Que a inscrição ou registro do ‘Club Pinheiro Machado’, feito abusivamente por dois sócios e outros indivíduos estranhos à sociedade, mesmo que prevaleça, dando à instituição o caráter de pessoa jurídica, não cerceia os poderes do mandato da diretoria legalmente eleita em 28 de março de 1920 (art. 17 do Cód. Civ. Brasileiro – art. 33 §§ 7º e 9º dos Estatutos do Club); P. 5. – Que há mais de oito anos, a referida sociedade funciona em prédio próprio que mandou

construir à Avenida Brasil desta cidade; P. 6. – Que atualmente, e desde 12 de setembro do corrente ano, os sócios do ‘Club Pinheiro Machado’ são exclusivamente os que constam do respectivo quadro social, organizado na referida data; P. 7. – Que o autor Gabriel Bastos juntamente com seu filho Mario Bastos, em novembro de 1906, solicitaram e obtiveram suas demissões de sócios do Club; assim como, P. 8. – Que em janeiro de 1918, grande número de sócios, assumindo atitude hostil ao Club, coletivamente pediram e lhes foi concedida demissão de sócios do mesmo Club; ainda, P. 9. – Que até 12 de setembro do corrente ano, em diversas datas, outros sócios foram eliminados na conformidade do art. 13 dos Estatutos; assim é P. 10. – Que dos oito indivíduos que arbitrariamente efetivaram a inscrição ou registro dos estatutos, apenas dois: - Joaquim Pedro Daudt – notário, e Antonio Machado Cornelio – ajudante do notário, são sócios do Club; P. 11. – Que foi clandestina, arbitrária e de nenhum efeito jurídico, a suposta reunião de assembléia geral realizada na casa de residência de Gabriel Bastos, em 19 de outubro próximo findo, contra claras e taxativas disposições estatutárias, por indivíduos estranhos à sociedade; pois, P. 12. – Que na conformidade dos Estatutos do Club, em

vigor, art. 33 § 1º, ao presidente compete a convocação da assembléia geral e esta só poderá reunir-se e funcionar legalmente, observadas as disposições dos referidos estatutos em seus arts. 35 a 38; P. 13. – Que os membros da diretoria do Club, são: Brasilico Lima - presidente, Argymiro de Quadros – vice-presidente, Oscar de Oliveira Cesar - diretor-secretário, Eduardo Crossetti – diretor-tesoureiro, Julio Muller, Eugenio di Primio e Alvaro Schell de Quadros – comissão de contas; P. 14. – Que essa diretoria legalmente eleita e empossada para gerir os destinos do Club no período social que decorre de março de 1920 a março de 1921, achava-se em pleno exercício, uso e gozo de seus direitos sociais, quando um grupo de indivíduos estranhos à sociedade, aproveitando-se da ausência da diretoria no edifício social, às 15 horas, aproximadamente do dia 31 de outubro, violentamente tomou de assalto o referido edifício, dali expulsando o ecônomo Raymundo Pereira e duas outras pessoas que se achavam presentes, apoderando-se de alguns livros, papéis, uma gaiola com pássaro, objetos do botequim ali existente, fecharam as portas e levaram consigo as chaves; P. 15. – Que à noite, praças da Brigada Militar do Estado, às ordens do subdelegado Affonso Ferreira, um dos assaltantes, cercaram o edifício

do Club, evitando que dele alguém se aproximasse; P. 16. – Que na manhã do dia dois de novembro, chegando a esta cidade o primeiro dos réus supracitados, Brasilico Lima, presidente do Club, que regressava de Boa Vista do Erechim onde se achava por ocasião do assalto, não se conformando com o fato arbitrário e revoltante, usou do desforço que a lei lhe assegura, restituindo-se por sua própria força, na posse do edifício e no exercício pleno de seus direitos de administração, no que não encontrou obstáculo algum – Cód. Civ. Brasileiro, art. 502 – Cód. Do Proc. Civ. E Com. Do Estado, art. 521; P. 17. – Que permanecia nessa situação legal o ‘Club Pinheiro Machado’, coincidentemente amparado por uma ordem de habeas-corpus concedida pelo Meritíssimo Juiz da Comarca; P. 18. – Que no dia oito do corrente, seis dias após, portanto, foram os réus surpreendidos com o mandado de restituição do Juiz distrital Maximiliano Ávila, político extremado e comparsa dos assaltantes (fls. 20, 21 e 22 dos autos) ao mesmo tempo que protelava o despacho de duas petições que lhe haviam dirigido os réus; P. 19.- Que o partido republicano local, dividiu-se em duas correntes, sendo uma solidária com o Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro e a outra solidária com o Cl. Pedro Lopes de Oliveira; P. 20. – Que a corrente solidária com o Dr.

Vergueiro, da qual fazem parte os assaltantes, vêm de há muito hostilizando e perseguindo o ‘Club Pinheiro Machado’, ao passo que a corrente solidária com o Cl. Pedro Lopes, em poder da qual se acha o mesmo club, o mantém e defende com dedicação, moral e materialmente; P. 21. – Que os partidários do Dr. Vergueiro, senhores de todas as posições políticas local, depois de muito hostilizarem o club, promovendo execução judicial, demissões coletivas, negando-se a pagar mensalidades, etc, passaram a considerá-lo ‘patrimônio moral e político do partido republicano local.’ (petição inicial, item 1.) ‘Última etapa da nossa campanha política.’ ‘Último reduto onde devemos implantar o nosso estandarte’ (ata da reunião realizada em casa do pseudopresidente Gabriel Bastos, em 19 de outubro p. findo) e resolveram tomar de assalto o referido club, combinando previamente todos os passos para chegarem até a ridícula, violenta e absurda restituição de posse; finalmente P. 22. – Que o despacho de fls. 16v. do Juiz Distrital, decretando a restituição de posse do ‘Club Pinheiro Machado’ não é mais nem menos que a consumação de um atentado adrede preparado pela politicagem bastarda, com menosprezo aos mais comezinhos princípios de direito, de justiça e de liberdade; Assim

esperam os RR. Que recebida esta contestação e a final julgada provada, seja o A. declarado carecedor da ação, condenado nas custas e os RR. novamente reintegrados na sua posse. Com os protestos necessários. Passo Fundo, 26 de novembro de 1920. *Brasilico Lima*, por si e p.p.” (Idem.)

O documento anexado à contestação indica que o Livro de Atas do Clube Pinheiro Machado, considerado desaparecido, estava nas mãos de Brasilico Lima na época dos fatos. Esse livro foi aberto a 12-07-1906: “Translado em pública forma de uma ata e dois termos, extraídos de um livro que me foi apresentado pelo Advogado Brasilico Lima, de atas das sessões de assembléia geral do Club ‘Pinheiro Machado’, como se segue. Ata de reunião de assembléia geral, para eleição de nova Diretoria. Aos vinte e oito dias do mês de março de mil novecentos e vinte, às quatro horas da tarde, no salão nobre do Club ‘Pinheiro Machado’, presente o senhor Presidente Coronel Pedro Lopes de Oliveira, comigo secretário abaixo firmado, e grande número de sócios, especialmente convocados, foi pelo primeiro declarada aberta a sessão para se proceder à eleição de nova Diretoria que deve reger os destinos do Club, no ano social de mil

novecentos e vinte – mil novecentos e vinte e um, visto que nos termos do artigo trinta e cinco, parágrafo único dos Estatutos, a assembléia geral estava legalmente constituída. O senhor Presidente declarou mais que os cargos eletivos para a Diretoria do Club, de acordo com os estatutos, são o de presidente e os de membros da comissão de contas, sobre os quais deviam ser apurados os votos que em chapa regular fossem apresentadas à mesa. Isso posto teve começo a eleição, cuja apuração final deu o seguinte resultado: Para Presidente Major Brasilico Lima, dezanove votos; para membros da comissão de contas Julio Muller, Eugenio Franco di Primio e Alvaro Schell de Quadros, dezanove votos. Em virtude desse resultado, o senhor Presidente declarou eleitos os membros da Diretoria sobre quais recaiu a votação supra, sendo os mesmos empossados nos respectivos cargos de acordo com os estatutos. O novo Presidente eleito, depois de empossado, submeteu à aprovação da assembléia geral o nome do consócio senhor Argemiro de Quadros para exercer as funções de Vice-Presidente, o que foi unanimemente aprovado. O mesmo Presidente declarou, em seguida que escolhia e convidava para exercerem os demais cargos da Diretoria os seguintes consócios: Oscar de Oliveira

Cezar, para diretor secretário e Eduardo Crossetti, para diretor tesoureiro. Pelo Presidente substituído senhor Coronel Pedro Lopes de Oliveira foi lido perante a assembléia o relatório concernente às condições do Club e negócios deste no ano encerrado e o qual foi entregue à comissão de contas para emitir parecer. Oferecida a palavra e ninguém desta querendo fazer uso, foi pelo Presidente declarada encerrada a sessão, lavrando-se esta ata que vai por todos assinada. Eu, Renato Sá Britto, secretário, a escrevi. Pedro Lopes de Oliveira, Julio Edolo de Carvalho, Eduardo Crossetti, Brazilico Lima, Octavio Nogueira, Eulálio Dornelles, Ludgero P. Cruz, João Virgilino Chaves, Moisés Lima, José J. Alves, Alvaro da Rocha, Faustino dos Santos, Leão Nunes de Castro, Herculano Trindade, Josino de Oliveira Lima, Aureliano de Mello, Trajano Lima, José Maria Lima. – Termo de abertura – Este livro por mim rubricado servirá para nele serem lavradas as atas das sessões de assembléia geral do ‘Club Pinheiro Machado’. Passo Fundo, 12 de julho de 1906. Julio Edolo de Carvalho – Presidente. – Termo de encerramento. – Tem este livro 50 folhas rubricadas com o apelido ‘Edolo’ de que uso. Passo Fundo, 12 de julho de 1906. Julio Edolo de Carvalho. Nada mais consta em dita ata e termos, que para aqui bem e

fielmente mandei extrair do próprio livro que me foi apresentado e ao qual me reporto e dou fé. Entrego dito livro e esta pública-forma ao apresentante, advogado Brazilico Lima, que de havê-lo recebido abaixo assina. Eu Joaquim Pedro Daudt, notário conferi e por achar-se conforme, subscrevo e assino em público e raso. Vale a entrelinha na 1ª folha verso, que diz = declarada = e a raspadura retro que diz = 1906 =. Passo Fundo, 12 de novembro de 1920. Em testemunho da verdade. O notário: *Joaquim Pedro Daudt.*” (Idem.)

Conclusos os autos a 1º-12-20, o Juiz Distrital Walter Gastão Buttel proferiu o seguinte despacho: “Paga a taxa judiciária prossiga-se. Intimem-se. P.Fundo, 3-12-920.” A intimação dos advogados constitui o último ato desse processo. A 02-02-33 foram “Vistos em correição” pelo Juiz da Comarca. (Idem.) Gabriel Bastos abriu um novo livro de atas a 19-10-20. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.) No dia 16-03-21, eleita nova diretoria, Araujo Vergueiro foi aclamado presidente honorário do clube. (A *Época* nº 7, de 17-03-21.)

O extrato dos Estatutos do Club Pinheiro Machado havia sido publicado pelo cel. Gervasio Lucas Annes no jornal

O Gaúcho nº 9, de 22-03-14: “EXTRATO. Dos Estatutos do Club Pinheiro Machado contendo as declarações mencionadas no art. 3º da Lei nº 173 de 10 de setembro de 1893. 1º *Denominação, fins e sede da associação.* ‘Club Pinheiro Machado, criado para a defesa dos magnos interesses do partido republicano local.’ Passo Fundo (arts. 1º e 2º dos Estatutos). 2º *Modo pelo qual a associação é administrada e representada ativa e passivamente em juízo e em geral nas suas relações para com terceiros.* O Club Pinheiro Machado é administrado e representado pelo seu presidente, ativa e passivamente, em juízo e em geral nas suas relações para com terceiros (art. 33, 37 dos Estatutos). *Se os membros respondem ou não subsidiariamente pelas obrigações que os representantes da associação contraírem, expressa ou intencionalmente em nome desta.* Os membros do Club Pinheiro Machado não respondem subsidiariamente pelas obrigações que os seus representantes contraírem, expressamente ou intencionalmente, em nome dele (art. 47 dos Estatutos). E para o fim de que, inscrevendo no competente registro o Club Pinheiro Machado, possa ele gozar os direitos conferidos pela Lei nº 173 de 10 de setembro de 1893 e para todos os efeitos de Direito faço a presente

publicação para conhecimento de todos em geral. Passo Fundo, 10 de março de 1914. *Gervasio Lucas Annes* (Presidente).”

A hipótese de extinção do clube não está prevista nos estatutos aprovados a 1º de maio de 1906. O lema adotado, “Um por todos, todos por um”, simbolizava a união que deveria reinar em seu grêmio. (Estatutos do Club Pinheiro Machado – Passo Fundo: Livraria A Minerva, 1917.)

O Clube Pinheiro Machado foi extinto oficialmente a 18-11-1971, oportunidade em que os sócios remanescentes decidiram pela doação do imóvel à Academia Passo-Fundense de Letras. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.)

“VINTE E SETE DE FEVEREIRO DE 1921. Justíssimo foi cultuar-se, notoriamente, a memória de Gervasio Annes, fazendo-o viver – pela beleza da arte estatutária – ‘*a vida imortal da pedra humanizada*’. Bem-aventurar os mortos, que – em vida – tiveram o tirocínio de ouro do plantador octogenário, foi um preliminar dever de civismo entre os Egípcios da Antigüidade Oriental. Ainda mais, na terra dos Faraós

e das Esfinges, a homenagem póstuma era um verdadeiro culto... A ereção de um monumento tem sido e será sempre, para todos os povos, uma empolgante demonstração de cultura cívica. Na progressista cidade de Passo Fundo o dia de hoje registrou o oitavo aniversário de um notável acontecimento. Em 27 de fevereiro de mil novecentos e vinte e um realizou-se a inauguração do monumento ao Cel. Gervasio Annes. Dezesete horas. Um sol domingueiro dardejando, ainda, fortes raios doirados... Ao retirar-se a bandeira auri-verde, encobrendo o admirável trabalho de arte do consagrado escultor Pinto do Couto, a banda Claro Pereira Gomes, executou o hino nacional – abafado quase pelos estrepitosos aplausos da quase toda população urbana. Pronunciou extraordinário discurso cívico, na qualidade de orador convidado, o brilhante intelectual Francisco Antonino Xavier e Oliveira... O dr. Herculano Annes, com o talento oratório que lhe é peculiar, discursou em nome da família Cel. Gervasio Annes... A grandiosa solenidade cívica findou-se em seguida. Também se findava o dia, caindo lenta e brandamente a noite. A cidade poderia ter dispensado a iluminação pública de belíssimo que foi o luar – estrelar, com o nosso maravilhoso Cruzeiro do Sul, ‘*missa pagã da natureza*’. As grandes maravilhas

siderais descortinaram-se-nos grandemente. Raras vezes é deparado tanto esplendor, surgindo no espetáculo olímpico dos sistemas estelares e ressurgindo, naturalmente, na fulgurância da faixa zodiacal... Pelo mistério do infinito! Que deslumbrante noite. Foi a celeste benção à espontânea justiça dos passo-fundenses. Porto Alegre, 27-2-29. *Heitor Pinto Silveira.*” (ON nº 390, de 05-03-29.)

O busto foi descortinado pela menina Maria de Lourdes, filha do homenageado. (A *Época* nº 5, de 03-03-21.)

Retornando ao assunto em 1943, Heitor Pinto Silveira não soube explicar por que a frente do monumento não está voltada para o oriente, como deveria: “Efetivamente, foi um lapso de meu tio Julio Edolo, presidente da Comissão Promotora da nobre homenagem do povo passo-fundense ao Coronel Gervasio. Ou foi um lapso do sr. Julio Edolo, ou o escultor Pinto do Couto não soube discutir ou não quis discutir o importante assunto, com a autoridade técnica que lhe pertencia. (...) Cabe a quem foi Coletor Estadual, por mais de vinte anos em Passo Fundo, grande parte do trabalho demorado, tolerante e paciente, na

correspondência ao escultor Pinto do Couto, já então residindo no Rio de Janeiro. E essa correspondência durou dois anos e mais.” (Silveira, Heitor Pinto, op. cit.)

O ex-intendente Pedro Lopes de Oliveira quebrou o silêncio em 1922: “SEÇÃO LIVRE. Em seu relatório apresentado ao Conselho Municipal de Passo Fundo aprovou ao Intendente sr. Nicolau de A. Vergueiro expender uma série de conceitos, deploravelmente tendenciosos, atacando a minha modesta administração, encerrada em 15 de novembro de 1920. Na serenidade de ânimos dos dias que passam, longe estava eu de supor que, ainda uma vez, me fosse necessário vir a público defender-me de insólitas agressões do gênero daquelas de que tão férteis foram meus inimigos na passada agitação da política local. A campanha que então me travou, perturbando o desenvolvimento normal dos negócios públicos no município, e na qual todos os processos de mistificações e embustes foram armas de combate dos meus adversários, terminou, afinal com a vitória do sr. dr. Araújo Vergueiro, expressa na sua ascensão à curul intendência, meta suprema, supremo objetivo de todos os seus esforços em ação. Sem ódios e sem rancores, admiti,

lealmente, essa vitória como um fato consumado, e, apesar de tudo, confortou-me a certeza de que o triunfo de meu antagonista não foi o resultado de um movimento espontâneo da opinião pública que me repudiasse, mas, inegavelmente, o resultado do apoio incondicional e ostensivo que lhe deu o Governo do Estado e a cujo influxo as deserções em minhas fileiras se operaram em massa.” (A Época nº 55, de 16-02-22.)

Militando na oposição, Pedro Lopes de Oliveira participou do malgrado cerco a Passo Fundo na Revolução de 1923. Conheceu nova derrota nas eleições municipais de 1928, quando concorreu a vice-intendente. Naquela oportunidade somou 623 votos contra 3.287 do candidato a vice pelo Partido Republicano, Henrique Scarpelini Ghezzi. Nascido a 29-10-1865, na estância do Bom Retiro, próximo à estação ferroviária do Pulador, em Passo Fundo, filho do dr. Candido Lopes de Oliveira, advogado, e de Guilhermina Pedrina de Oliveira, casou a 09-12-1905 com Emilia Pinto de Moraes, filha do cel. Juca Pinto de Moraes e de Ambrozina de Araujo, falecida em Porto Alegre a 25-07-1928. Filhos: Hilda Pinto de Oliveira, Pedro Lopes de Oliveira

Filho e Maria Emilia Pinto de Oliveira. Na revolução de 1893 ocupou o posto de comandante do 45º Corpo de Voluntários da Guarda Nacional. Foi Conselheiro da Câmara de 1891 a 1899. Exerceu o cargo de Intendente Municipal por quatro legislaturas, a saber: 1900-1904 (renunciou a 27-06-04, sendo substituído pelo Vice-Intendente Afonso Caetano de Souza), 1904-1908, 1912-1916 e 1916-1920. Faleceu no ostracismo a 22-05-48, pelas 12h15min, no HSVP. Foi velado no Grêmio Passo-Fundense de Letras. (ON nº 336, de 19-09-28; nº 5946, de 24-05-48; Avancini, Pedro Silveira, Apontamentos Genealógicos. Os Lopes de Oliveira, de Passo Fundo. Ramo dos Cunha Gagos, *in* ON nº 3947, de 07-08-41; e Oliveira, Francisco Antonino Xavier e. op. cit.)

Brasilico Gabriel de Oliveira Lima era natural de Passo Fundo, filho de João Gabriel de Oliveira Lima e de Izabel de Miranda Lima. Em 1928, ao iniciar o seu 2º mandato, o intendente Nicolau Vergueiro nomeou-o delegado de polícia e subintendente do 1º distrito, cargos que ocupou até requerer a exoneração em novembro do ano seguinte. Em 1930 ofereceu seus serviços à causa revolucionária, como simples soldado, sendo-lhe conferido o comando de um

Corpo, o qual não chegou a ser organizado em razão do desfecho do movimento. No final de outubro de 1935 foi nomeado subprefeito do município em substituição ao tenente Basilio Bicca. Com o afastamento do prefeito Eduardo Ehlers, pela ditadura do Estado Novo, assumiu o cargo a 21-12-37, permanecendo na chefia do Executivo até a posse do prefeito nomeado, tenente-coronel Anthero Marcellino da Silva. Este o encaminhou para a aposentadoria, negando-lhe o pedido de exoneração. Faleceu no dia 20-07-39, em Carazinho, aos 62 anos de idade. Era viúvo de Lucila Pinto Lima (irmã de Ambrosina Pinto Annes, segunda esposa do cel. Gervasio), falecida a 23-10-33, aos 49 anos de idade. Filhos: Jupir, Canderói, Cecem, Genura e Jurema. Além da menina Venus, falecida em 1929, aos 3 anos de idade. (ON nº 355, de 28-11-28; nº 493, de 23-11-29; nº 761, de 04-11-30; nº 1041, de 25-10-33; nº 2237, de 23-10-35; nº 2881, de 21-12-37; nº 2889, de 31-12-37; nº 2891, de 04-01-38; nº 3346, de 20-07-39; e Gazeta nº 74, de 31-08-29.)

Cúrio de Carvalho suspendeu a publicação d'A Voz da Serra em junho de 1921: "VOZ DA SERRA. O jornal *A Voz da Serra*, sob a direção do nosso colega tenente Curio de Carvalho, suspendeu

sua publicação, já anunciada pela A Federação, de Porto Alegre, em serviço telegráfico daqui. *A Voz da Serra*, que indiscutivelmente desempenhou uma notável missão política nesta terra, há muitos anos vinha sendo publicada, respectivamente sob a direção do dr. Bittencourt de Azambuja e de Curio de Carvalho, tendo sempre, como auxiliar nos momentos difíceis, o nosso colaborador João B. de Oliveira Mello.” (A *Época* nº 20, de 16-06-21.) Além do subtítulo “Folha Republicana”, vinham impressas no cabeçalho d’A Voz da Serra as legendas “O solo é a Pátria, cultivá-lo é engrandecê-la” e “Habilitai-vos nas linhas de tiro, para bem servir à Pátria”.

Antes de dedicar-se ao jornalismo, o tenente reformado do Exército, João Baptista Cúrio de Carvalho, mantinha um curso de aulas particulares (primário, elementar e noturno) em sua residência, na Praça da Boa Vista. No 1º mandato do Dr. Vergueiro respondeu pela procuradoria do município. Em 1924 assumiu o cargo de Juiz Distrital Substituto. Na Revolução de 1930 embarcou para o Norte com as forças revolucionárias do coronel Quim Cezar. Nessa oportunidade atuou como correspondente especial do jornal O Nacional. Depois da morte da esposa,

Theophila Silva de Carvalho, ocorrida no dia 14-01-31, transferiu-se para São Paulo, onde faleceu em fevereiro de 1943. Filhos: José, Frederico, Djalma, João Luiz, Gonçalino, Antonio, Gentil, Cármen, Lourdes e Zaíra. (O *Gaúcho* nº 11, de 05-04-14; ON nº 741, de 10-10-30; nº 821, de 15-01-31; e nº 4405, de 26-02-43.)

Gabriel Bastos nasceu em Santa Maria a 09-01-1859. Em 1885 estabeleceu-se em Passo Fundo com casa comercial. Compôs a Junta Administrativa do Município, nomeada após o advento da República. Foi Conselheiro da Constituinte Municipal em 1891 e Intendente Provisório em 1893, ano em que se transferiu para Cruz Alta, onde permaneceu até 1901. Lá exerceu o cargo de Conselheiro Municipal e continuou praticando o comércio, com a Loja Serrana. De volta a Passo Fundo, reabriu a sua casa comercial e passou a dedicar-se à indústria madeireira. Fundou o Banco Popular de Passo Fundo, inaugurado a 02-01-28, na Avenida Brasil, 683 a 685, que dirigiu por alguns anos. Afora as inúmeras atividades como homem público e de negócios, foi cronista, ensaísta, poeta, conferencista. Publicou os seguintes livros: *Da Mocidade à*

Velhice, memórias em prosa e verso onde incluiu poesias da autoria do seu pai, Antonio José F. Bastos. (Tipografia Independência, 1944); e *Atlântida* (POA: Of. Gráficas CITA, 1948). *Aborígenes Pan-Americanos* (Livraria Nacional, 1950) é obra póstuma. Colaborou nos semanários republicanos O ECHO DA VERDADE e o 17 DE JUNHO. Em Cruz Alta criou de forma sucessiva dois pequenos jornais de propaganda de sua casa comercial. Colaborou ainda nos jornais CRUZ ALTA e O MUNICÍPIO. Na sua segunda e definitiva residência em Passo Fundo, escreveu nos jornais O GAÚCHO e O NACIONAL. Do primeiro casamento, com Lucinda Araujo Bastos, resultaram os seguintes filhos: Manoel, Brasileiro, Hyran, Americano, Alzira, Cecy, Edith, Olga, Mario e Alcinda. Viúvo, casou com Juvencia Annes Bastos (natural de Cruz Alta, irmã de Gervasio Lucas Annes, falecida em 1939), com quem não teve filhos. Faleceu às 19h do dia 25-07-50. (ON nº 648, de 19-06-30; nº 3.371, de 19-08-39; e nº 6.565, de 26-07-50; Gehm, Delma Rosendo, op. cit.; Villas-Bôas, Pedro Leite, op. cit.)

Em 1917 surgiu O PERISCOPIO, “Orgam da Monarchia Chinezã”, redatado por Tiang-Fung-Lung. Diversos

mandarins de rabicho prestavam colaboração. Criado por Pindaro Annes, Herculano Annes e Brasileiro Bastos, 4 páginas, formato 27 x 38, publicava-se aos domingos. O nº 18, ano I, é de 1º-01-18.

“POUCAS PALAVRAS. Reaparecendo hoje, depois de um longo mergulho de um mês, O Periscopio espera encontrar entre os seus leitores a mesma aceitação com que sempre o distinguiram. Não fazemos novas plataformas; o que tínhamos a dizer sobre a senda que nos traçamos já o dissemos em o nosso primeiro número e, conforme dissemos, nos temos conduzido e continuaremos a conduzir-nos. – Beliscar sem machucar, ironizar sem ofender.” (O Periscopio nº 18, de 1º-01-18.)

EPITAPHIO

De tres metros de comprido
Lhe fizeram o caixão;
Tão estreito e comprimido
Que mal cabia um palito
E lá se foi, sem um grito,
Sem deixar uma paixão,
Levando de fora as ventas

Pela estranha dimensão.
Ainda hoje te bemdigo
Com vellas e aguas bentas,
Pobre Schilling, velho amigo. D.
FAS (Idem.)

“REMINISCÊNCIAS. Os Touros. Suponho que se aparecesse agora, por aqui, alguma companhia de touros, teria imensa dificuldade em fazer as corridas, se não esbarrasse com o obstáculo absoluto de uma proibição policial. É que a nossa mentalidade evoluiu tocante a tais divertimentos. Não é pois desinteressante notar quando se realizou aqui a última tourada. Ora a última corrida de touros em Passo Fundo foi em agosto de 1917 e o pequeno circo estava montado em pleno campo, justamente onde se ergue o monumento ao Cel. Gervasio Annes, na praça Tamandaré. Era um grupozinho decadente, já cansado e inútil, o grupo dos toureadores. A propósito dessa corrida escrevia ‘O Periscópio’, o inolvidável jornal crítico daquele tempo, relatando o acontecimento: ‘Um estranho sol de agosto. Circo acanhado de péssima construção. A assistência é numerosa. As senhoritas R. e M. lêem ‘O Periscópio’. Entra um ‘toureiro palhaço’ para a arena e, numa exótica homenagem (chinês podemos garantir que não era) explicou

mais ou menos o seguinte: Devido à greve não tinham chegado o domador, o pegador, o montador e não sei o que mais; por esse motivo a ‘troupe’ estava reduzida ao faltador, ao seu companheiro e à mulher deste. Disse e recolheu-se à vida privada. A assistência dá sinais de desgosto; as senhoritas R. e M. voltam à leitura do ‘Periscópio’! Entra o primeiro touro: não atropela! Entra o segundo touro: não atropela! O terceiro e o quarto touros também não atropelam! À voz de intervalo nos retiramos melancolicamente parodiando: Se se pudesse os ‘Nicolaus’ perdidos, fazer voltar às bolsas tão escassas, quanta gente talvez anos seguidos, ao Padre Eterno renderia graças! Dr. Egas.’ Era o fim dos touros. Pode ser que haja engano, mas éramos capazes de jurar que nessa ocasião o sr. Conrado Rodrigues andou pegando bois à unha no circo desmoralizado e pobre, o último que por aqui passou. Esse fato teria entusiasmado a assistência muito mais do que seria possível esperar se os touros fossem menos magros e mansos e não estivessem tão assustados com a insólita agressão de que eram alvos. K.” (ON nº 278, de 25-02-28.)

“EDITAIS DE CASAMENTO. De uma feita, quando ‘O Gaúcho’ deixou de

circular por algum tempo, o sr. escrivão de casamentos desta cidade passou a publicar os editais de proclames de casamentos num jornal humorístico que aqui existia – ‘O Periscopio’. Agora, pelo mesmo motivo acima, está fazendo a publicação na ‘Folha Vicentina’, órgão da Paróquia e do Hospital S. Vicente e que é de publicação mensal. Não nos move interesse pecuniário, pois gratuitamente fazemos a publicação de todo o serviço eleitoral e crime; exigimos mais respeito à lei, principalmente no caso, em que está afeta a organização da família. Aí fica a reclamação que endereçamos à autoridade competente.” (A Voz da Serra nº 230, de 16-10-20.)

A circulação d’O Gaúcho deve ter sofrido interrupção no início da crise no PR local, ocorrida logo após a morte do cel. Gervasio, época em que circulava O Periscopio. O “escrivão de casamentos” era Octaviano Lima, irmão de Brasilico Lima.

A 12-02-19 apareceu o primeiro número da FOLHA VICENTINA, órgão da Paróquia Nossa Senhora da Conceição e do Hospital São Vicente de Paulo. O vigário era o Pe. Raphael Iop (1882-1947), que aqui permaneceu de 1912 a 1921. Em 1922 A Época noticiou o

ressurgimento do jornal: “Sob a direção do vigário Pedro Wimmer, aparecerá novamente nesta cidade a ‘Folha Vicentina’, órgão católico da paróquia. Como antigamente a sua publicação será mensal.” (A Época nº 64, de 20-04-22; e Gehm, Delma Rosendo, op. cit)

O Pe. Raphael Iop também dirigia um almanaque de publicação anual: “Brevemente aparecerá a FOLHINHA DA SERRA para 1920. Almanaque ilustrado de interesse geral. Contém boa coleção de anedotas, instruções, indicações úteis, pensamentos, sentenças, etc., e mais os seguintes assuntos: a pátria, habitantes primitivos do Rio Grande do Sul, a saúde, a urbanidade, o casamento, a alimentação, antigas missões jesuíticas, o Rio Grande do Sul, a margem do Jacuí, Passo Fundo e suas povoações, Cruz Alta, Palmeira, Nonoai, Águas de Mel, Tupanciretã, Soledade, Boa Vista do Erechim, etc. Tiragem: 3.000 exemplares; preço: 1\$200 o exemplar.” (A Voz da Serra nº 230, de 16-10-20; e Sá Britto, Renato, op. cit.)

O BOLETIM DO HOSPITAL DE CARIDADE tinha como redator Antonino Xavier. O exemplar que nos veio às mãos é de 15-01-1918, ano IV, nº 2. Este contém 10 páginas no formato 20

x 29,5. A tiragem é de 2.000 exemplares. No relatório apresentado à assembléia geral em sessão de 02-01-18, o Presidente Antonino Xavier noticia que no ano anterior o Boletim ganhou 3 edições, num total de 18 páginas, sendo o último publicado a 20-10-17. Anuncia o próximo número para o dia 20-07-18, data do 4º aniversário da fundação do Hospital. (Boletim nº 2, de 15-01-18; e Oliveira, Francisco Antonino Xavier e. op. cit.)

O jornal A ÉPOCA iniciou a sua trajetória a 05-02-21, um sábado. Pertencia à Livraria Minerva, de Gervasio Araujo Annes, e foi fundado por Ney de Lima Costa, o primeiro diretor, e João Baptista de Oliveira Mello. Entre os colaboradores estavam Herculano Araujo Annes e Walter Gastão Buttel. O chefe das oficinas era José Rodrigues da Costa. Folha semanal, formato 38 x 55, com circulação às quintas-feiras. (A Época nº 3, de 17-02-21; nº 22, de 30-06-21; nº 53, de 05-02-22; e nº 54, de 09-02-22.)

“A ÉPOCA. Com o título acima foi publicado nesta cidade um novo jornal semanal de propriedade da Livraria Minerva e sob a direção do dr. Ney de Lima Costa. No seu artigo/programa

declara não ter cor política. Está bem impresso e traz variado noticiário. Cumprimentos.” (A Voz da Serra nº 246, de 12-02-21.)

“A fundação d’A ÉPOCA não teve e não terá nenhum fim político, como por aí assoalham ‘alguns conservadores’. Continuaremos a seguir o nosso programa liberal, respeitando as instituições e as pessoas, sem outro interesse que não seja o bem estar coletivo.” (A Época nº 3, de 17-02-21.)

Quando A Época completava o seu 1º aniversário, Gervasio Araujo Annes vendeu a Livraria Minerva a Antão Chagas, proprietário da Livraria ABC. O então diretor, Herculano Annes, foi mantido no cargo. O escritório da redação e gerência, que funcionava na Av. General Netto nº 7, foi transferido para a Rua Jacuhy nº 64. (A Época nº 53, de 05-02; e nº 58, de 09-03-22.)

“A ÉPOCA. *A Época* passa hoje pelo seu primeiro aniversário. A aceitação que caracterizou o seu aparecimento veio demonstrar, desde o início, a lacuna que ela vinha preencher neste município; e a procura cada vez maior com que ela tem sido distinguida,

é a prova mais cabal da sua utilidade e de sua boa orientação. E esse acolhimento carinhoso e amigo, digamo-lo francamente, é bastante merecido. Um jornal político tem como fim direto a defesa de um partido e, como conseqüência inevitável, o ataque de um outro. Um jornal de propaganda intelectual tem por dever a luta por uma ordem de idéias, o que implica, necessariamente, no ataque a idéias contrárias. O jornal político vive de um partido; o jornal defensor de preceitos, vive do sectarismo. A folha independente porém, vive do povo, tem o seu interesse diretamente ligado ao interesse público e daí ser o seu único fim a *salus populi*; o maior bem estar da sociedade que está sob a sua influência. E *A Época* conserva esse desideratum. Entretanto, na data de seu primeiro aniversário, não nos queremos limitar a um simples agradecimento aos nossos leitores. Retribuiremos a estima pública com novos melhoramentos. Dentro em breve *A Época* possuirá um serviço telegráfico da capital do Estado em pequena escala, é certo, mas suficiente para manter os seus leitores, com a maior brevidade, a par dos acontecimentos de mais alta importância. Para isso será colocado na sua redação, que se mudará para a praça Marechal Floriano um *placard* de grandes dimensões. Pensamos que com a

demonstração prática da nossa vontade de progresso e com o seguimento da nossa orientação independente e firme, compensaremos um pouco os favores que temos recebido da população do nosso município. E seguiremos assim pelo futuro, sem temores e constrangimentos. Não somos daqueles que julgam difícil a manutenção de uma folha independente. Um pouco de critério, bom senso e desprendimento de vaidades pessoais: eis como se aplainam facilmente todas essas dificuldades que não existem de fato. Continuaremos assim.” (*A Época* nº 53, de 05-02-22.)

“ANIVERSÁRIO DA ‘ÉPOCA’.
Domingo último, às dez horas da manhã, realizou-se nesta redação, uma reunião íntima em regozijo pela data do nosso primeiro aniversário. Apesar de terem sido feitos convites verbais, em número limitadíssimo, achavam-se presentes quase todos os colaboradores desta folha. Depois de uma atraente palestra, regada por saborosos *chops* que gentilmente nos ofereceram os srs. Bade Irmãos & Barbieux, foram servidos doces oferecidos pelo sr. Hugo Helm proprietário de conhecida confeitaria desta cidade. Pediu então a palavra o dr. Herculano Annes, diretor desta folha, que reafirmou o programa franco e

independente da *Época*, dizendo-se satisfeito por ver que o novo proprietário do jornal, sr. Antão Chagas, abraçava cordialmente as mesmas idéias. Agradeceu ainda aos nossos colaboradores cujo concurso brilhante tem levantado tão alto, em nossa terra, o conceito deste jornal, elogiando também a dedicação e esforços do sr. José Rodrigues da Costa, chefe da tipografia. Falou em seguida o nosso colaborador, sr. Antonino Xavier e Oliveira, que examinou elogiando, a nossa orientação no meio das lutas políticas e sociais, prometendo-nos o seu franco apoio futuro, quer moral, quer de sua pena. Pela sua oração que causou a melhor impressão, foi o nosso colaborador sinceramente felicitado. Falou ainda o sr. Antão Chagas, proprietário da Minerva, que agradeceu as referências que lhe tinham sido feitas, hipotecando todos os seus esforços para a felicidade futura do jornal passo-fundense. Tomou então a palavra o nosso velho e operoso companheiro de redação, sr. João Baptista de Oliveira Mello, que depois de breves palavras saudou ao pessoal da nossa tipografia. Foram levantados ainda outros brindes, terminando a reunião na mais franca e cordial alegria, deixando agradável lembrança àqueles que a assistiram. O nosso talentoso colaborador, dr. João Junqueira Rocha,

atualmente em Porto Alegre, foi representado pelo dr. Herculano Annes. Por motivo de nosso primeiro aniversário, recebemos do dr. Ney de Lima Costa a seguinte carta de felicitações que penhoradamente agradecemos: ‘Passo Fundo, 5 de fevereiro de 1922. Exmo. Snr. Dr. Herculano Annes. Ilustre Diretor do jornal A *Época*. N/C. Saudar. ‘A *Época*’ completa, hoje, o seu primeiro aniversário. Fundador desse jornal, com o amigo Sr. João Baptista de Oliveira Mello, ambos apoiados pelo digno moço Gervasio Annes, seu ex-proprietário, sinto-me satisfeito por vê-la triunfar dos espinhos da vida jornalística. Que ela continue a cumprir serenamente sua nobre missão – são os votos de quem a serviu com dedicação por espaço de 10 meses. Como diretor atual desse órgão, que sois, felicito-vos por este fato que hoje se comemora. Do ad.º att.º cr.º ob.º *Ney de Lima Costa*.’ (A *Época* nº 54, de 09-02-22.)

Herculano e Pindaro Annes adquiriram A *Época* a 1º-07-23. O primeiro permaneceu na direção e o segundo assumiu a gerência do jornal: “**Declaração.** Tendo vendido livre de qualquer compromisso aos srs. dr. Herculano A. Annes e Pindaro Annes, ‘A

Época', com sua oficina tipográfica, declaro que todos os negócios a ela referentes e vencidos até 30 de junho p.p. deverão ser liquidados na Livraria ABC que, com o presente negócio, não sofre solução de continuidade, ficando, antes, melhor aparelhada para atender com mais eficiência e presteza, qualquer trabalho tipográfico que lhe seja confiado. Os contratos de assinaturas e anúncios a vencer serão liquidados com os novos proprietários. Passo Fundo, 1º de julho de 1923. *Antão A. Chagas*. De acordo. *Herculano A. Annes e Pindaro Annes*.” A sede do jornal, que vinha funcionando na Rua Independência nº 64, desde meados de 1922, mudou-se para a Rua Bento Gonçalves. Somente a partir de então A Época adotou o subtítulo “Jornal Independente”. (A Época nº 118, de 15-07; e nº 121, de 05-08-23.)

Em Boa Vista do Erechim, Antão Abade Chagas fundou O ERECHIM, Órgão Independente que circulou de 04-06-30 a 1º-07-33. Dirigiu o jornal até junho de 1931. (ON nº 954, de 25-06-31; e Cassol, Ernesto, Histórico de Erechim. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1979.)

Aos negociantes indagava-se: “Por que não anuncia o seu negócio n’A ÉPOCA, que tem uma tiragem de mais de

mil exemplares e é amplamente distribuída tanto neste município como fora?” (A Época nº 131, de 14-10-23.)

Devido a um “desarranjo” em sua impressora, A Época diminuiu o formato para 33 x 48 a partir do nº 94, de 1º-12-22, assim permanecendo até agosto ou setembro de 1923. Nesse ano, em junho, circulou aos sábados. No mês seguinte passou a circular aos domingos. Voltou a sair às quintas-feiras em meados de dezembro. Circulou até 21-02-24, sendo extinto em razão da venda da tipografia a Antonio Bittencout Azambuja. (A Voz da Serra nº 1, de 28-02-24.)

Esporadicamente surgia na cidade um novo jornalzinho humorístico. A 12-03-22 foi a vez do G. K. – de “pequeno formato” e “variada matéria”. (A Época nº 59, de 16-03-22.)

No Carnaval de 22 a animação ficou por conta do *Bloco dos Boêmios*: “O fato de, no ano passado, não nos haver visitado, correndo quase despercebido o Carnaval, fazia crer que, pelo menos entre nós, Momo fosse uma divindade morta, um deus extinto, de que devêssemos, apenas, guardar a recordação. (...) Uma vez, porém,

chamado, invocado pela guapa rapaziada que aqui organizou o Bloco dos Boêmios, Ele, Sumo Pontífice do Riso e da Folia, não se fez de rogado e apareceu, triunfalmente, para operar o milagre do carnaval deste ano. A sua chegada deu-se, domingo, às nove horas da noite, na gare da Viação Férrea. Sempre pilhérico e trocista, deu-se ao incômodo de viajar em trem expresso, quando podia, se quisesse, vir para cá de... aeroplano. Verdadeira ovação sagrou seu desembarque no qual só notamos a ausência dos representantes das sociedades locais, do mundo oficial e do clero. Feitos os cumprimentos de estilo, foi o ilustre, o eminente hóspede, sob vibrantes aclamações e acompanhado por verdadeira multidão, conduzido ao Cinema Brasil, onde um lugar distinto – trono condigno de um rei democrata e popular – lhe era reservado no ‘galinheiro’, para o espetáculo especial que lhe oferecia o Robertinho. (...) Assomando à sacada ele traduziu tais sentimentos na patética chapa do ‘muito obrigado meu povo!’ e deu, em seguida, a palavra ao seu secretário particular. Esse, formalizado e solene, proferiu eloqüente, impressionante bestialógico, discorrendo com extraordinária erudição sobre o tema: ‘Dos efeitos da crise e dos meios de combatê-la, com segurança, pela circulação forçada do arame nos

gastos necessários e imprescindíveis dos folguedos carnavalescos’. Terminada a verbiagem do feroso orador, que foi abafada por ensurdecadores aplausos, Momo, acompanhado de um brilhante séquito, assistiu a função do Brasil, que foi abrilhantada em sua honra por formidável Zé Pereira. Findo o espetáculo, Momo recolheu-se à caverna do Bloco dos Boêmios, onde se hospeda, aguardando a resolução do Carnaval. Caso esse não se realize, Momo irá pregar noutra freguesia, onde haja mais boa vontade, mais iniciativa e menos apego pelo vil metal, coisa com que Momo, absolutamente não se concilia. (...) *Pierrot*.” (A *Época* nº 52, de 26-01-22.)

Restrições ao entrudo aparecem no Código de Posturas de 1914: “**CAPÍTULO XVII. OFENSAS À MORAL, MÁSCARAS, ÉBRIOS, ENTRUDO.** Art. 112 – É proibido jogo de entrudo com água ou qualquer coisa que molhe ou enxovalhe. Pena: multa de 5\$ a 10\$000. Parágrafo único – Os limões de cheiro e objetos semelhantes, para entrudo, que forem encontrados à venda, serão inutilizados e sofrerá o fabricante ou vendedor a mesma multa.” Diz ainda o mesmo Código no seu Capítulo XVI, art. 102: “Qualquer espetáculo ou passeio

carnavalesco não poderá ser levado a efeito sem prévia licença do subintendente, que só a concederá quando o seu programa não ofender à moral e bons costumes. Pena: multa de 10\$000.”

O jornal O Gaúcho nº 2, de 08-01-11, noticia a fundação do *Cordão Carnavalesco Mão Negra*. Posteriormente surgiram os blocos. Em 1925 foram criados os blocos 21 e 25, que animaram os carnavais de 1926 a 1929.

No baile das “Marquesinhas”, por exemplo, organizado pelo *Bloco 25* e realizado a 16-01-26, no salão do Cine Ideal, os participantes compareceram trajados à Luiz XV. (Gazeta nº 46, de 10-01-26.)

“O Carnaval. O Corso de domingo. Estava anunciado para domingo à tarde a primeira passeata do curso carnavalesco, organizado pelo Bloco 21. Desde às 15 horas daquele dia notava-se desusado movimento de automóveis, mostrando-se o interesse que essa passeata despertou. Às 19h15min entrou o curso na Avenida Brasil, constando o mesmo de três carros alegóricos e de 32 automóveis

ornamentados. Um dos carros alegóricos representava um cavalo saltando sobre um obstáculo, fazendo-se assim uma homenagem ao gaúcho rio-grandense; dominava o enorme cavalo a senhorita Helena Krueel, vestida à moda gaúcha. Outro carro, o da rainha do ‘21’, srta. Menna Rotta, representava a esfinge, sendo o mesmo guardado por quatro cavaleiros à moda egípcia. Nesse carro estava artisticamente arrumado o trono no qual se achava a rainha e sua corte. O terceiro carro, denominado a Gôndola do Amor era um grande barco, bem ornamentado, tripulado por 2 senhoritas do Bloco 21. Esses carros demonstravam bom gosto e aptidão artística em sua confecção, devido principalmente aos esforços dos srs. Carlos Fontani e Carlos Weigang. Sobre caminhões automóveis notavam-se os dois ruidosos ‘zés’ dos Blocos 21 e 25. Três orquestras dos Blocos 21, 25 e Juventude, em diferentes auto-caminhões alegravam o curso. Durante o trajeto, que foi modificado, manteve-se sempre ativo jogo de serpentinas e confetis. Não fez parte do curso um carro alegórico por não estar ainda terminada a sua feitura. Apesar do brilhantismo dessa passeata, quatro fatores contribuíram para anuviar um pouco o seu êxito completo. O primeiro deles foi a falta de uma banda de música que dá vida e entusiasmo nesses desfiles;

o segundo foi a falta de uma severa organização no desfilar dos carros, notando-se uma certa confusão, bastante prejudicial à estética do conjunto; o terceiro foi a hora um tanto tardia da passeata e o quarto e principal foi a poeira estupenda que os autos levavam em nuvens densas em sua companhia. Disseram-nos mesmo, num humorismo repentino, que o curso de domingo foi uma magnífica *tarde de poeira*. (...) **Curso de ontem.** Ainda ontem saiu à rua o curso organizado pelo '21' com a cooperação dos demais blocos. A descrição desta segunda passeata é a mesma que a da primeira, havendo de novidade o aparecimento de um novo carro alegórico. Esse carro representava uma homenagem ao aviador Ramon Franco, autor do famoso raide Espanha – Buenos Aires; sobre uma montanha de regular altura pairava um aeroplano de grande tamanho pilotado pelo pequeno Dirce, filho do sr. Claro Pereira Gomes. Pela bela confecção do aeroplano constituiu esse carro o melhor e o mais original de quantos foram feitos. Sobre o aparelho lia-se o seguinte: Plus Ultra; sobre a cauda levava o número '21'. Notamos ainda o aparecimento de novos carros ornamentados, sobressaindo-se uma barca, bem tripulada, feita pela agência Chevrolet. O curso percorreu unicamente a Avenida Brasil,

dissolvendo-se em frente ao Club União Comercial. Verificamos um pouco mais de ordem nessa passeata. Antes do curso alegrou a multidão que o esperava o Bloco Gaúcho que constituiu uma nota original pelo desfile de seus membros. (...)” (ON nº 70, de 17-02-26.)

“ANEPÍGRAFOS. Perdoem-me, sufoco com este pó terrível. Deixem-me falar. Sei que vou repetir tudo quanto já se disse do célebre pó de Passo Fundo. Não importa. Tudo quanto se diga deste malfadado pó, íntimo amigo dos tuberculosos, é pouco. Não vou derrubar sobre ele uma verrina tremenda. Não vale a pena. Digo somente que o nosso finíssimo, penetrante, sutil, o nosso inconfundível pó que só nos falta empoeirar a alma porque o resto já está com a sua respectiva camadazinha, é um verdadeiro flagelo. O nosso pó para a desgraça nossa já se está tornando afamado. Não há viajante que nos visite que não fique com ele fundamente mal impressionado. É a coisa mais impressionante que temos – valha-nos isso: podia ser pior! O indivíduo por menos asseado que seja, em aqui chegando é capaz de tomar o seu banhozinho reparador. O pó é neste caso, paradoxalmente, amigo do asseio, pois que obriga o sujeito de afinidades com o

suíno a meter-se debaixo do chuveiro ou a mergulhar na água fresca do banheiro, caso não prefira renitentemente o seu costumeiro *banho químico*. O pó... Que dizer dele sem repetir lugares-comuns? Que ele é um dos maiores inimigos da nossa saúde, dos nossos móveis (os meus são hipotéticos), da nossa roupa? Não. Tudo isso já foi dito e redito. O que quero dizer é que o pó é o maior inimigo de Passo Fundo. Além de empestar parte da população, enfeia as nossas casas, sujando-as *cuidadosamente*, uma obra satânica, interna a externamente. Mas o principal é que além de tudo isso, como se não fosse bastante, afugenta-nos os possíveis futuros moradores que aqui chegam. Qual indivíduo que deseja morar em Passo Fundo, quando aqui topar com o nosso inconfundível pó? Ninguém que se ache comodamente instalado em qualquer lugar se abalará a transferir residência para cá, embora Passo Fundo seja excelente mercado para o desenvolvimento de qualquer negócio. O pó, o nosso inconfundível pó, é, portanto, grande empecilho ao maior desenvolvimento da cidade. O administrador, por isso, que resolver o *flagelo* da poeira – para o qual se me afigura existir um só modo de fazê-lo: calçando a cidade – será apontado à benemerência pública. Mas, o calçamento antes de esgotos e água

encanada, não é prático. É fazer uma coisa para desfazê-la mais tarde, quando se adotarem os últimos melhoramentos citados. Fazer tudo de vez é meio *pesadote*, para as finanças municipais. Faça-se, portanto, embora com sacrifícios, a instalação de esgotos e água encanada, por enquanto, o que virá resolver definitivamente o grave problema da salubridade das nossas águas, atualmente poluídas pelas inumeráveis fossas disseminadas pela cidade, e nos dar o lenitivo de um banho mais fácil. X.” (ON nº 71, de 20-02-26.)

O Carnaval, porém, não era apenas uma festa de gente rica. Um dos blocos mais populares da cidade era o *Vae como Pode*, composto por empregados da Viação Férrea. A Sociedade Visconde do Rio Branco, através do bloco *Flor da Mocidade*, percorria as ruas ao som de uma excelente orquestra e a presença da sua soberana. O bloco *Flor da Serra*, composto por elementos de uma sociedade chamada “Brilho do Brasil” animou o carnaval de 1928 com bailes nos salões do antigo Hotel Avenida e diversas passeatas. (ON nº 277, de 22-02-28.)

Nos desfiles noturnos os blocos ostentavam vistosas lanternas. (Idem.) O

gosto local pelas lanternas remontava ao tempo do Império, como informa Antonino Xavier: “O NATALÍCIO DO IMPERADOR. 02-12-1888 – Último natalício seu e o modo como foi comemorado aqui em Passo Fundo. Na Câmara Municipal e várias das principais casas da Vila, à noite, luminárias se acenderam, colocadas aos pares nos ângulos do batente superior das portas e janelas, umas de vidro, outras de papel de cores: homenagem humilde, é certo, mas que, apesar disso, vinha demonstrar que na terra passo-fundense de então se venerava também aquele ancião (...).” (ON nº 1672, de 2-2-33.)

Ao contrário do Carnaval de 1929, onde “correram animadíssimos os corsos e batalhas de flores, na praça Marechal Floriano”, em 1930 faltou clima para a festa: “CARNAVAL. O BAILE DO COMERCIAL. “(...) Momo, entre nós, devidamente anda triste, jururu, macambúzio, preocupado com a política ou com a crise e nada há que o desperte. (...) O baile resultou mais em uma festa elegante, com as formalidades da pragmática, do que, propriamente, em um baile carnavalesco, com a alegria característica, ruidosa e esfuliante, dos saraus burlescos. Debalde um grupo de casados, resolutamente, tentou uma

ofensiva de lança-perfume, no empenho louvável de impôr, no salão, o predomínio da folia. As cargas inutilizaram-se em face da nenhuma resistência das damas que, em maioria desarmadas, ou fugiam à ofensiva ou cobriam os rostos, com gestos de enfado, recusando, covardemente, a luta. E os marmanjos, assim, tiveram de recuar, de desistir, por falta de adversárias que os enfrentassem.” (ON nº 382, de 14-02-29; e nº 559, de 04-03-30.)

As retretas oferecidas pelo 8º R. I. do Exército e pelo 3º R. C. da Brigada Militar, na Praça Marechal Floriano, muito contribuíram para a divulgação da música erudita e popular. Os músicos, vários deles oriundos de centros maiores e de origem afro-brasileira, passaram a animar os bailes das sociedades locais ao som de suas “Jazz-Bands”. A mais famosa foi a do maestro Célio Barbosa.

Quanto às festas religiosas, a do Divino Espírito Santo e a de São Miguel rivalizavam em popularidade: “Teve início dia 26 do p. passado a festa do Divino Espírito Santo, cujos atos tem sido grandemente concorridos. Hoje começaram os leilões de prendas, no Clube Comercial, cedido para este fim. Terminará a festa domingo próximo,

havendo nesse dia missas, uma às 8h e outra às 10 horas, sendo esta solene, e procissão às 15 horas.

A renda da festa:

Bandeiras: 727\$800

Cinemas: 100\$000

Leilões: 768\$200

Total: 1:765\$800

Despesas: 719\$200

Saldo: 1:046\$200.” (A Época nº 69, de 1º-06-22.)

“**A festa do Espírito Santo.** Há muitos anos atrás, quando Passo Fundo ainda não sofrera essa rápida transformação que trocou os seus hábitos de vila pelos de cidade em poucos anos, a festa do Espírito Santo era o mais popular acontecimento desta terra. Não havia por aí quem não trouxesse o tempo contado até o dia em que começariam as clássicas novenas, com os seus padrenossos e avemarias cantados em latim e acompanhados pela pré-histórica banda do major Claro Gomes. Depois as bandeiras pelas ruas, levadas pelas moças, seguidas pela rapaziada malandrim endomingada, a banda do major e os foguetes era acontecimento de tal ordem que quase tornava feriados

aqueles belos dias. E quando a bandeira saía de uma casa, depois de muitos beijos e de se oferecerem doces e licores ao cortejo, lá rompia no meio da rua uma polca ligeira e se estouravam foguetes à saúde dos visitados e a benefício do festeiro. De volta para o antigo clube, onde hoje é o foro, às duas horas da tarde, o sol a tinir, ali mesmo se almoçava às expensas do festeiro, e dançava-se até a tardinha, sob o som da filarmônica incansável. E nos últimos dias, quando havia leilão, o entusiasmo crescia extraordinariamente. Ao terminar da novena a praça da igreja enchia-se com a multidão que se dirigia para o clube, ao repinicar dos sinos, ao espoucar dos foguetes e ao som de uma marcha antiga e crônica. No clube, aos gritos do Dario, pregoeiro célebre nos tempos idos, iniciava-se o baile animado e alegre, sob as vistas do festeiro, onde o Antonio Rocha *puxava fieira*, de olhos muito abertos, girando pavorosamente numa fantástica valsa, piscando para o Varella que, na sua pessoal opinião, era o mestre de dança na terra. E os rapazes abriam luta na arrematação dos objetos que enviavam às namoradas, desaparecendo por algum tempo da sala, atemorizados de tão tremenda ousadia... Pois num destes dias passados, eu estava encostado a um plátano da praça da igreja, já de noite, quando saindo da novena, a

multidão, ao som dos sinos, se dirigiu para o clube. A banda, parece-me que a mesma banda do major, inalterável à ação do tempo, quer no físico quer na arte, lá vinha também soprando marcialmente coisa antiga. Os mesmos sons, a mesma vista; e ali, no escuro, debaixo da árvore, eu tive a impressão de ter voado pelos tempos atrás. Senti-me criança, pequeno, e uma macia saudade do passado encheu-me a alma. Porque o homem sempre tem saudades do tempo que passou, sem distinguir os dias maus dos bons, pelo único fato de ser uma coisa perdida que sentimos bem, mas que não pode ser recuperada. Segui alegremente remoçado a onda popular e fui dar no Clube Comercial, onde perdi completamente a ilusão estranha que me invadira. Ali estava bem o Passo Fundo de 1922, o Passo Fundo cidade ou, pelo menos, que quer parecer cidade. Cavalheiros circunspectos, cujo principal característico é a máxima indiferença por tudo o que os rodeia, genial e elegante virtude dos nossos tempos que tem por fim fazer com que o homem não pareça banal e que afinal já é uma coisa banalissimamente maçante, bocejavam tristemente pelos cantos. Na sala, nada havia da nossa antiga e jovem alegria; a preocupação constante do *efeito* avassalava qualquer outra idéia mais franca e comunicativa. O desinteresse

convencional da atualidade, quase geral, o ceticismo *chic* velava, com véu tristonho, a manifestação encantadora da franqueza d'alma. Estava pois ali a nossa cidade de 1922. Deixei o clube desiludido e vim a pensar comigo que quem já apreciou a maçada que é um baile elegante nas altas rodas das grandes cidades, se convencerá que marchamos a largos passos para os altos cumes da civilização social. Ainda um pouco mais de indiferença, um pouco mais de bocejos elegantes, um pouco menos de pares, um pouco menos de concorrência, e lá chegaremos infalivelmente, à última palavra em matéria de bailes aristocráticos! *Dorval.*" (A *Época* nº 70, de 08-06-22.)

"Tito... em tipo 10. Hábitos de antigamente. (...) havia peditórios; porém em termos, feitos com bons modos. Pedia-se com a bandeira, do divino ou da santa (N. S. da Conceição Aparecida), e a bandeira, para não surpreender aos incautos, fazia-se anunciar ruidosamente, entre música e foguetes, do 'Boqueirão' ao 'Passo'... A gente, por tal modo avisado, preparava-se para recebê-la, como melhor entendesse. A defesa era um fato... Hoje em dia não... O processo é o da emboscada, de pegar à traição. (...)" (ON nº 444, de 20-07-29.)

“Festa do Divino Espírito Santo.

Com grande brilhantismo, realizou-se nesta cidade a festa do Divino Espírito Santo, a qual terminou ontem, com missa solene e concorridíssima procissão, abrilhantada pela excelente banda de música do 8º R. I. e o comparecimento de inúmeros anjos e virgens. Durante as novenas da festa, foi extraordinária a afluência de fiéis à igreja Matriz, principalmente devido às excelentes pregações feitas pelo Rev. Pe. Miguel Posse, que dissertou, tanto sobre a religião, como também sobre variados temas, que foram sempre ouvidos com a máxima atenção pelos assistentes.” (ON nº 640, de 9-6-30.)

A banda de música do major Claro Pereira Gomes chamava-se CARLOS GOMES. (O Gaúcho nº 41, de 1º-11-14; e A Época nº 98, de 28-12-22.)

“Comentários... O milagroso São Miguel, da pitoresca ermida situada à borda do arroio ‘Pinheiro Torto’, foi, como de praxe, alvo das justas homenagens dos crentes fervorosos de suas proezas. O seu dia, 29 de setembro, foi de alvoroço na cidade! Por toda esta ouvia-se a interrogação: Não vais à festa

de São Miguel? A resposta era ao *pé da letra*: Sim, porque deixando-se de ir a São Miguel, comete-se um grande pecado. E desde altas horas da madrugada que o divertido festeiro começou a mandar acordar o povo com o ribombar dos foguetes. Ao clarear do dia, os fiéis devotos do divino santo, começaram numa compacta romaria em demanda daquele pacato recanto. A cidade estava deserta. Só ficou alguma alma descrente da vida, e que não acredita nos milagres do bondoso São Miguel. Como seus adeptos e apreciador de uns encantadores festejos campestres, que nos faz lembrar com saudades da estupenda festa de Santo Antão Abbade, no morro do Campestre, em Santa Maria, onde fomos quando lá residimos, também fizemos companhia aos romeiros de São Miguel, apesar da rusguenta mulher não querer que fossemos e ter ficado. Nada nos moveu do nosso intento. Tomamos um automóvel e rumo à festa. Quando nos aproximamos do local, avistamos do alto da coxilha, a capelinha com o seu campanário com o sino plangente a badalar compassadamente, a chamar os devotos de ‘São Miguel’ para assistirem os festejos em seu louvor. Era uma manhã deliciosa e convidativa para um passeio pelo campo em fora. Quando chegamos já estava a encosta daquele regato apinhada de povo! Por todos os

lados via-se acampamentos formados por veículos. Contemplava-se de tudo naquele afortunado local! Era um verdadeiro seio de Abraão! Às 10 horas teve início as cerimônias religiosas. Na capelinha ouvia-se a celebração da Santa Missa. Como crente e cheio de fé ali estávamos de joelhos fazendo as nossas orações. O venerando sacerdote rezava: *Oremus. Pater noster. Agnus Dei qui tolles peccato mundi. Ora pro nobis. Amen...* Ao ouvirmos uns cantos desafinados, olhamos para a grande assistência e vimos que os verdadeiros devotos que ali estavam eram o sacerdote, nós e mais meia dúzia de pessoas, tais foram as cenas que presenciamos! A maioria lá estava passeando, a mocidade namorando e muitos casadinhos gozando... Fizemos o sinal da cruz e repetimos esta verdade: *varietas delectat...* Verdadeiro contraste! Enquanto os devotos rezavam as suas orações no sagrado templo, os descrentes, abusando daquela solene cerimônia, só cuidavam de namoriscos e outras diversões incompatíveis no momento! Havia gente que armou tenda de jogatina, que por esta cidade existem muitas sem que a polícia as proíba, a fim de sugar o dinheiro dos incautos. Felizmente que o enérgico comandante da polícia mandou acabar com aquela vergonha. Tal medida mereceu francos encômios. E ainda

outras atiraram-se loucamente na profundeza do terreno bocagiano... Oh! Como isto foi apreciado por aqueles que não compreendiam o papel que estavam representando! Dentre eles destacavam-se muitos casadinhos... Cala-te boca! Chegou a hora do almoço. O festeiro Sr. Honorato Lima, com aquele seu cavalherismo gauchesco, convidava a todos para o churrasco regado com finos líquidos, cumulando os presentes de inúmeras gentilezas. Diante do ameno e cavalheiresco trato do festeiro, muito nos admiramos não ter entre os convivas quem levantasse uma saudação ao sr. Honorato Lima. Esta delicadeza cabia a um dos convidados que tomaram parte na mesa. Nós que ficamos de fora apreciando os apetites devoradores, notamos esta indelicadeza! Tais cortesias são necessárias e fazem parte da nossa educação. Infelizmente estas delicadezas não são usadas nesta terra que não presta homenagens aos viajantes ilustres que nos visitam. Mas... vamos adiante. Num espaçoso caramanchão do lado da igreja, a mocidade dançava elegantemente quando aparecem as senhorinhas vendendo bilhetes de tómbola. Foi muita gente boa a esconder-se para não gastar um rico mil réis. Depois destes estarem esgotados, eis que surge o Opitz apregoando uma prenda, a rapaziada esmoreceu de susto. E o leiloeiro gritava:

Quanto tenho por este lindo presente, oferta da senhorinha?.. Quem mais dá? E o pobre do Opitz caminhava para todos os lados sem encontrar licitantes. Quando se chegava para um moço a fim de oferecer-lhe a prenda, este ia logo furando sem a menor cerimônia, no sentido de escapar do teimoso leiloeiro. Este continuava arrogantemente:

‘Na prompta face
Que mais não ache,
Se mais achára
Mais tomára.’

Eis se não quando que o sino anunciava a saída da procissão, e a rapaziada criou alma nova. Terminou o leilão com a constituição do solene préstito com São Miguel à frente. Um enorme cortejo conduzia a efigie do milagroso santo. Via-se promessas de todas as formas e algumas até engraçadas. Depois de havermos assistido essa solenidade, saímos a percorrer *tutti quanti*. Deparamos com cenas vivas interessantes e até com um *repentista* de versos de pé quebrado que ao som da viola cantava alegremente. Perto, apreciavam o *rouxinol* o Oribe e o Mello que gozavam do *poeta* do Pinheiro Torto. O sol vinha descambando no

horizonte quando os romeiros regressavam a cidade, envoltos numa poeira medonha. A correria dos automóveis, guiados por pessoas incompetentes, ia causando um grande desastre, evitado pelas graças de São Miguel. Estava finda aquela tradicional festa campestre tão cheia de atrativos e encantos. Parabéns aos festeiros. 4-10-1922. *Zelio*.” (A *Época* nº 86, de 05-10-22.)

“**Bosquejos.** À hora em que tomo a pena para iniciar esta despreziosa colaboração, se apagam ao longe, na poeira intensa do caminho, os últimos ruídos da tradicional romaria à solitária ermida de S. Miguel, no Pinheiro Torto, levantada nesse distante passado em que a nossa próspera cidade não era senão uma aldeia silenciosa na vastidão quase deserta aí, da ondulante campanha que a emoldura. Evocando esse tempo feliz, que confusamente se desenha no meu espírito, sinto que este mergulha na suavidade inefável da natureza virgem que então palpitava nestas plagas fazendo delas um éden, em que a exuberância magestosa das suas grandes florestas, acariciada por meigas brisas, derramava o aroma acre dos pinherais na esmeralda dos campos vizinhos, em cujas quebradas o canto melancólico das sariemas se

afinava poetizando infinitamente as luminosas manhãs e doiradas tardes da primavera. Não tínhamos aí, é certo, nem o automóvel barulhento, que devora léguas erguendo polvadeira saária e perturbando, com a sua rouca buzina, a placidez dos armentos tranqüilos; nem, também, a comodidade e rapidez do carro de praça, porque ambos só vieram a fazer a sua entrada definitiva em nossos meios de transporte depois de expirado aquele século; mas, em compensação, havia mais originalidade e poesia na romagem, porque nela se ostentavam costumes verdadeiramente nossos que o progresso, esse eterno transformador das terras e dos povos, pouco a pouco foi alterando até lançar-nos nesta era de hoje, em que tudo, desde o vestuário e apêro do nosso gaúcho até ao modo de dançar em nossas salas, foi modificado ou transformado pela avassaladora influência dos estranhos costumes. Eis porque tenho saudade dos velhos tempos de Passo Fundo, e, para mitigá-la, traço estas tiras que me foram sugeridas pela tradicional romaria à solitária ermida do Arcanjo guerreiro cuja estátua, segundo ouvi na minha infância, foi trazida dos antigos povos jesuíticos da margem oriental do Uruguai. Passo Fundo, 29-9-922. *João d'Outrora.*” (Idem.)

“Realizando-se segunda-feira a tradicional festa de São Miguel do Pinheiro Torto, O Nacional não circulará naquele dia, visto que é de praxe toda a população concorrer àquela festividade religiosa, única verdadeiramente popular e intensamente arraigada em nossa população.” (ON nº 732, de 27-09-30.)

Zelio nos transporta para o interior da igreja matriz em plena missa consagrada à padroeira: “**Comentários...** Como bom devoto, lá nos fomos no domingo assistir a missa solene em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. O templo católico estava repleto de fiéis. O sacerdote dava início à cerimônia quando entrou um casal que nos chamou a atenção pela maneira exótica de seu vestuário. Vestido demasiadamente exagerado na moda, grande decote e mangas curtas!.. O cavalheiro envergava uma antiga sobrecassaca do tempo do ariri, já um tanto desbotada com o decorrer do tempo e em perfeito desacordo do traje de sua cara metade! Na nossa frente estavam duas mocinhas que só falavam nos namorados e olhavam para todos os lados à procura de seus prediletos. Mais adiante uma velha toda pintada, qual uma jovem no verdor dos anos, ostentava um enorme chapéu que causava embaraços às

peessoas que estavam próximas. E além destas esquisitices que ali vimos, outras nos passavam despercebidas! Tudo isso mais nos convenceu de que muita gente vai à igreja não com devoção e sim como um passatempo. Enquanto todos os devotos rezavam os incrédulos conversavam! Estes que assim procedem não deviam ir ali... Aquele santo lugar é só para os fervorosos crentes como o vigário e nós.” (A *Época* n° 96, de 14-12-22.)

A primeira santa popular de Passo Fundo foi a vidente Maria Meireles Trindade, a *Maria Pequena*, assassinada por maragatos a 28-11-1893. O túmulo de Maria Pequena, chamado de *cruzinha*, passou a ser venerado pelo povo e reconhecido como uma relíquia da cidade. Com o passar dos anos o túmulo ficou quase no meio da Rua Coronel Chicuta, motivo pelo qual foi demolido a 19-06-55. Na ocasião os ossos foram depositados numa urna de latão – juntamente com os restos mortais de algumas crianças que por ali eram sepultadas, formando um pequeno cemitério – e trasladados para a Catedral. Posteriormente ganharam uma capela, próxima do local primitivo. (Reis, Gomercindo dos, Nuvens e Rosas, Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa

Oficial, 1957; e Acontecimentos da Revolução de 1893, *in* ON n° 8.003, de 1°-06-55.) A capela não foi construída. *Maria Pequena* estava sepultada sob o antigo altar-mor da Catedral. (Cfe. Dr. Jacó Stein.)

Certos hábitos perduravam: “Medida louvável é sem dúvida essa tomada pelo sr. subintendente municipal, embora possa parecer um pouco tardia. Queremos nos referir à terminante proibição do grosseiro e abusivo costume de virar a cidade em panela de pipocas em certas épocas do ano. Que se festeje com belos fogos inofensivos as grandes datas nacionais e certos dias consagrados aos santos que a tradição já nos ensinou a relacionar com manifestações pirotécnicas, ainda se concebe, embora a tendência da moderna cultura seja para a completa proscricção da pólvora. Daí, entretanto, para o péssimo vezo de explodir bombas de todas as potências e irritantes busca-pés de todos os feitios vai uma diferença queimante... Não é só a ordem policiada que se ofende com esses tiroteios de 1° de janeiro e todo o mês de junho. Tais bombardas a todas as horas e em todos os lugares é um atentado desrespeitoso do molequismo contra a parte mais ordeira da população. À essa fúria tiroteante da garotada na via pública

não escapa ao menos a parte estética da cidade, porque as paredes dos prédios e dos muros ficam lastimavelmente manchadas de marcas negras em grande quantidade. (...) *C.P.*” (ON nº 439, de 09-07-29.)

Outros não: “JUDAS ISCARIOTES. Há um hábito que desapareceu, de longa data, entre nós, era o de fabricar judas pela aleluia, e depois queimá-los, como uma expressão de desagravo popular pela paixão de Jesus. Esse costume, porém, conserva-se ainda no norte do país.” (ON nº 2.132, de 14-06-35.)

C. F. era dado a tiradas espirituosas: “**Crenças da Rua.** Imaginem, senhores leitores! Se o poder casamenteiro das águas do chafariz de Passo Fundo, em vez de ser para os homens, fosse para as mulheres... A romaria seria tão grande que as autoridades teriam de tomar providências. Afluiriam mulheres de todos os pontos do horizonte. Bebiam toda a água. Secavam a fonte.” (ON nº 295, de 25-04-28.)

O gracejo não ficou sem resposta: “ORAÇÃO MATRIMONIAL. Deus nos

salve, mulheres, do matrimônio obtido pelas ‘águas do chafariz’; Deus nos salve do marido autoritário, grosseiro, sem noções de espiritualidade, de coração empedernido; Deus nos salve do marido cego de egolatria que, em seus arrebatamentos de fantásticos ciúmes, vai até ao crime; Deus nos salve do cego de entendimento; Deus nos salve do pobre de espírito; Deus nos salve do imbecil que pretende que sejamos um ser fraco e desprezível; Deus nos salve do neurastênico; Deus nos salve do papel de ‘nurses’ junto ao leito daquele que paga terríveis males, o tributo de sua libertinagem; tende clemência de nós, Senhor! Livrai-nos do inconsciente, do mal intencionado, do fátuo, do ébrio, do jogador, do ignorante, do criminoso, do hipócrita, do mentiroso, e dá-nos Senhor, na tua infinita misericórdia, ao entrarmos no sagrado tabernáculo do lar, um companheiro cujo coração, cérebro, espírito e intelecto vibrem no diapásão dos altos ideais feministas que é a perfeição moral, espiritual e intelectual da humanidade. Amém! Boa Vista do Erechim, 14-5-28. *Feminista.*” (ON nº 302, de 20-05-28.)

Também não faltou advogado para a tréplica: “**Carta aberta. Ao sr. Redator d’O Nacional.** Li, no último

número desse jornal, um artigo publicado sob o título ‘Feminismo’. Após tê-lo lido, confesso, senti-me deveras entusiasmado, ante a afirmativa do velho ditado: ‘Não há regra sem exceção’. Soube a ilustre autora, usando para isso de uma arma bem flexível – a de escrever certo, mas com dados errados – procurar demonstrar a quem menos compreender, que as mulheres não são o que dizemos. Procurarei também demonstrar, embora escrevendo errado, mas baseado em dados justos, que elas o são. A mulher moderna, essa que só o nome tem de mulher, que nada mais é que um ‘bibelot’, talvez uma mariquita que se tem em casa, lábios bem pintadinhos, trejeitos esquisitos, requebros, cabelos a ‘la garçone’ e outras tantas inovações não pode de forma alguma aspirar uma posição incompatível com o seu sistema de vida. Que seria de um país governado pelo sexo fraco? Quisera assistir essas ‘criaturas’ numa presidência. De duas uma: ou venderiam o território a troca de vestidos, sapatos e chapéus ou então abarrotariam o mercado mundial desses artigos, com as suas numerosas criações, disputando assim a primazia em matéria de modas. Então veríamos o Senado, a Câmara, tudo enfim, transformado em ponto de reunião para apresentação de projetos de novas vestimentas e de enganar a eterna vítima dos seus desejos

– o homem. Disso a ilustre ‘feminista’ que ‘esse ser fraco é justamente aquele que produz as duas maiores pujanças do mundo: a criança e o homem’. Não me alongarei nesse ponto, visto que, logo ao sair, encontro uma barreira que a isso me impede – a moralidade. Mesmo o ponto é difícilimo de explicar, pois se ainda não sabemos ao certo se foi o ovo ou a galinha que veio ao mundo em primeiro lugar, com mais razão nada saberemos a respeito de ser humano. Nos tempos idos as mulheres ainda apresentavam algum valor mental, mas, infelizmente, depois que apareceu ‘la garçone’, parece mesmo que os barbeiros deceparam-lhe de vez a cabeça. Feneceu o cérebro feminino, para nascer a louca pretensão da força no sexo frágil. Somos acusados de um sem número de defeitos, rompem contra nós uma série de impropérios, atiram-nos à face as maiores calúnias, excomungam ante uma oração matrimonial e, depois, no silêncio da noite, procuram as fontes milagrosas e bebem do líquido que jorra, enquanto mentalmente, isto é, maquinalmente, pedem ao Altíssimo a submissão de um ‘libertino’. Verdadeira hipocrisia feminina! É também de acordo a digníssima escritora com o dizer de sua colega: ‘O homem ideal da mulher não existiu e não existirá jamais’. O homem ideal da mulher de antanho existiu e o da mulher atual existe, porém em número

restrito; é o artista de cinema, um Tom Mix com as suas correrias ou um Rodolpho Valentino com as suas paixões ardentes. Toda a senhorinha de tenra idade, possui uma variada coleção de retratos de artistas de cinema e entre eles encontra o seu ideal e quando este não a quer corresponder e a idade vai pesando, então... Água do Chafariz. Sei, sr, Redator, que contra mim atirarão as mulheres todo o seu ódio, e, confesso, farão com razão, porque cauterizar uma ferida, sem anestesia ao menos parcial, é doloroso. Porém no futuro, quando não mais sangrar essa chaga – a pretensão feminina – então tenho certeza que o ódio extinguir-se-á e daí por diante, talvez as mulheres compreendam melhor a sua missão. *Um leitor.*” (ON nº 305, de 30-5-28.)

Outubro era o mês do Bumba-Meu-Boi. Em 1976 um cidadão identificado apenas como “tio do Prof. Edi Isaias” disse em entrevista que as representações eram organizadas na época da festa de Nossa Senhora do Rosário e ocorriam em frente a residências, com distribuição de convites. No final do espetáculo o dono da casa depositava a “comissão” do grupo num lenço que lhe era oferecido pelo Cavalo Marinho. A transcrição da entrevista,

concedida a Fernando Leitão e gravada em fita-cassete, se encontra no acervo do MHR de Passo Fundo. Em 1968 os acadêmicos José Leonel Thies da Silva e Cenira Barbosa, que integravam o grupo de trabalho do Projeto Rondon RS/1, publicaram na Revista nº 2, da Faculdade de Filosofia da UPF, sob o título *Folclore em Passo Fundo*, uma ampla pesquisa sobre o Bumba-Meu-Boi na cidade. Consta como informante o passo-fundense Bernardo da Cruz, nascido em 1897.

“ORA BUMBA!.. Como nos anos anteriores ontem, às tantas da noite, a cidade foi palmilhada pelo bloco do ‘BOI’, que, com fidelidade notável, mantém, nesta terra, uma velha tradição africana. Seguido de grande acompanhamento, ao som ruidoso do pandeiro, o bloco se fez apreciar nos corcovas grotescos do CAVALO MARINHO, nos requebros lângidos da CATITA, nos guinchos fanhosos do MATEUS, em trela ‘com o doutô curandô’.

CAVALLO MARINHO
BAMO SIMBORA
JÁ SÃO MEIA NOITE,
BATEU ONZE HORA!

E nesse diapasão, de toadas impagáveis, num mistifório de comédia, nem sempre compreensível o bloco manteve a Avenida Brasil até altas horas em intenso movimento. Uma irregularidade, porém, verificamos, movendo-nos ao registro destas linhas. É que o BOI, o CAVALO MARINHO e todo o pessoal da corte da CATITA, em suas exhibições, nenhum respeito demonstraram pelos canteiros existentes no centro da via pública e estabelecidos, ali, por certo, para efeitos de ajardinamento e não para serem, barbaramente, pisoteados, nem mesmo pelas patas respeitáveis de um cavalo marinho. Aqui fica o reparo, com vistas a quem de direito. Ora, bumba, meu boi!” (ON nº 478, de 17-10-29.)

“O BATUQUE. Passo Fundo é incontestavelmente uma cidade progressista; tudo que é bom aqui aparece. Mas, como aparece o bem, também aparece o mau; e, foi assim que apareceu por aqui o Batuque. Quarta-feira à noite ainda houve na Rua Independência lá para os lados do quartel da Polícia uma rumorosa batucada. Chovia torrencialmente, mas quem andava naquelas zonas ouvia o batido monótono do tambor de folha, e, contam

que dentro da casa, onde o tambor batia, um negro de quatro pés fazia esconjuros acompanhado por uma toada de ladainhas. O tal negro veio há pouco de Porto Alegre, onde a polícia perseguiu os adivinhadores, quiromantes, professores etc. Contaram-me que o negro é estupendo no seu batuque; entre outras façanhas faz concorrência aos advogados, consegue fazer qualquer cobrança de dívidas por mais difícil que seja. Numa roda alguém disse que o Delegado já deu uma batida nos batuqueiros, tendo proibido a sua continuação. Vamos ver se ele continua. *J. & Cia.*” (ON nº 300, de 12-5-28.)

As escravas vendedoras de doces, com seus pregões característicos, permaneciam na lembrança dos mais velhos: “Tia Maria do Supilo. Ninguém mais vendia merengues a vintém, nem cantava com o tabuleiro sobre a rodilha a toada conga amiga e vergonhosa:

Acu-cherê.

Acu-babá.

Penerô.

Penerô.

Fubá.

Merengues se compravam a cinco por um tostão. Não havia automóveis. Bancos só nas cidades grandes. A politicagem, a intriga, a mentira medravam como medram hoje. Pobre da Tia Maria. Foi sem dúvida a pessoa mais serviçal e mais republicana que eu encontrei na Monarquia e na República. *RUFO.*” (ON nº 470, de 26-09-29.)

“Dona Ana Kurtz, que faleceu quase centenária há mais ou menos 30 anos, e de quem fiz o inventário, deixou prole numerosa. Era uma anciã veneranda e inteligente. Minha vizinha por muitos anos, contava-me coisas do antigo Passo Fundo. Mais de uma vez referiu-se e indicou o local onde estava plantado o pelourinho ou “o pau”, como ela pitorescamente chamava. Estava ereto, justamente onde hoje é o edifício do Forum passo-fundense. Era ali, que a polícia batia desapiadadamente nos escravos fujões; nos pretos malcriados, ébrios e de maus hábitos. Dizia-me d. Aninha, que quando ela era ainda menina de 8 ou 9 anos, não poucas vezes ouvia o guatambu descer lúgubre, zurzindo as paletas dos míseros escravos com 20, 30 ou mais lambadas que um polícia do Império, comandado pelo cabo, depois do negro atado nas argolas do pau, sofria justa ou injustamente o castigo da ‘sova’

em regra. Injustamente muitas vezes, e isso dependia muito do ‘senhor’. Era, enfim, o pelourinho, naquele lugar ermo e afastado da nascente cidade. Local da justiça incipiente. Hoje, o edifício da Justiça. (O Forum permanece no local, na Av. Gen. Neto, 486.) Gritavam os pobres negros há um século e tanto atrás, ainda hoje, grita-se de outros modos e maneiras...” (Avancini, Pedro Silveira. Pau, Pão e Perna, *in* ON nº 9.752, de 18-04-61.)

No dia 14-03-22 professores e alunos do Instituto Ginásial fundaram o GREMIO LITTERARIO CASTRO ALVES. A diretoria ficou assim constituída: Presidente, Odette de Oliveira; Vice-Presidente, José Penna; 1º Secretário, Uberto Barbieri; 2º Secretário, Pedro Marques da Rocha; Tesoureira, Eula Harper; Bibliotecário, Earl Moreland; Fiscal, Victorio Reveillaux; Comissão Executiva, Dr. Ataliba Barros, Rev. Daniel Betts e Carolina Becker. O Grêmio criou o mensário literário VIA LACTEA, lançado a 21-04-23. Em outubro do mesmo ano, substituindo a Uberto Barbieri, assumiu a gerência Nelso Ribeiro. (A Época nº 59, de 16-03-22; nº 106, de 19-04-23; e nº 131, de 14-10-23.) No início dos anos 30 o Grêmio Literário

Castro Alves rebatizou o seu mensário com o nome de EXCELSIOR, matriculando-o no Registro Especial a 09-05-38. Nessa ocasião, o Diretor era Sabino Santos, da Associação Serrana de Imprensa, núcleo de Passo Fundo. Com o lema “Sumus, Volumus, Possumus”, o exemplar nº 1, ano VI, de abril de 38, contém 8 páginas e 1 suplemento. O formato é 23,5 x 33. Imprimia-se na Tipografia Ipiranga, de A. Scarton, localizada na Rua Coronel Chicuta, 501. (Excelsior nº 1, abril de 38; e Matricula de Officinas Impressoras e de Jornaes e Outros Periodicos – Livro B, Nº 1.)

Em setembro de 22, comemorando o Centenário da Independência, A Época lançou uma edição especial com 8 páginas, nas cores verde e vermelha. O mau tempo prejudicou as festividades. Na passagem do dia 6 para o dia 7, à zero hora, foi inaugurada a nova sede do Banco da Província. Abrilhou a solenidade a banda de Claro Gomes. Pela manhã realizou-se uma missa campal, em ação de graças, no terreno da futura catedral. A chuva aumentou ao assomar à tribuna o orador Artemis Weimann, que não conseguiu proferir o discurso oficial. Na celebração os presentes tiveram o privilégio de ouvir a ave-maria na voz de Dilia Caminha. Às doze horas,

apesar da chuva incessante, ocorreu a inauguração de uma placa de bronze, com o retrato de José Bonifácio, na fachada da loja maçônica Concórdia do Sul, na Av. Brasil. (A Época nº 83, de 16-09-22.)

O intendente, Nicolau Araujo Vergueiro, alterou para Independência o nome da Rua Jacuhy. (Ato nº 375, de 19-08-22.) A continuação da Avenida Brasil, da Praça da República ao Rio Passo Fundo, passou a denominar-se Avenida Capitão Jovino. (Ato nº 377, de 21-08-22.)

Zelio escreveu crônicas dignas de antologia. Às vezes abusava das farpas: “**Comentários...** (...) Incontestavelmente que a nossa cidade marcha na senda do progresso. Por todos os lados que se observa, o seu grande movimento é intenso. Felizmente que aqueles tempos de antanho, já desapareceram, apesar de haver alguém que ainda suspire por eles! Nunca julgávamos que nesta terra ainda tivesse desses espíritos atrasados e rotineiros! Infelizmente ainda os há e haja vista o que eles dizem com relação à construção do quartel federal!.. Aos carrancistas rotineiros só temos a dizer é que essa construção só traz progresso à nossa terra que muito terá a lucrar com ela. Agora, eis que surge por esta folha

um cronista com o nome – João de Outrora – suspirando também pelos saudosos tempos de Passo Fundo antigo! Ora santo deus, será mesmo o demônio! Será possível que alguém tenha saudades do atraso e da ignorância? Não acreditamos, mormente em se tratando de um escritor como este que em estilo romântico todo cheio de poesia traçou os seus – Bosquejos. Estamos convictos de que ele fez isso para mexer com os nervos enferrujados de alguns velhos daqueles tempos. Mas, já que falamos no progresso local, achamos justo que cuidemos com esmero de um ramo de comunicação, no qual ainda estamos muito a desejar. Os poucos carros de praça em sua quase maioria estão velhos, rotos e são puxados por animais magros que dão lástima vê-los, esses pobres viventes fazerem um esforço desumano! Os condutores desses veículos ainda andam de tamanco ou chinelo e lenço no pescoço! É verdade que dentre eles se destacam alguns em condições. Mas a maioria deles está necessitando uma reforma geral. Um exemplo bem patente é o quadro que assistimos desses carros estarem conduzindo os ilustres representantes dos povos sul-americanos para visitarem a cidade, e os seus animais a demonstrarem uma magreza medonha, além da velhice dos veículos e o antigo vestuário de seus condutores! Tudo isso

dava uma idéia triste de nossa terra, dando motivo ao estrangeiro (missões que por aqui passaram rumo ao Rio de Janeiro para as festividades do Centenário da Independência) de observar esses nossos descuidos. (...) Num desses dias de mais folga, depois de deixarmos os nossos encargos, fomos ao Salão Smart, para gozarmos da palestra do Opitz. Ali chegando, deparamo-nos com um grupo que palestrava animadamente. Tomamos lugar e fomos ouvindo aquela conversação recheada de amenas piadas. Em dado momento um palestrante felicitou o Opitz pela nova cadeira, ao que um outro retrucou: disso não precisamos e sim de um desinfetante de navalhas. Aquele um tanto vermelho respondeu, devagar: *srs. Roma não se fez num dia.* (...) Os filhos da Candinha estão dizendo pelas ruas da cidade, que já está assinado um contrato de *casamento*, que custou *cinco pacotes* para que a mãe da jovem consentisse nesse arranjo. Segundo diz o povo trata-se de uma menor que vai cair nas garras de uma *águia*! Numa roda onde se comentava o fato, alguém indagou: Não haverá um promotor público que denuncie esse contrato de lenocínio?” (A Época nº 87, de 12-10-22.)

Faltou espaço no jornal para a resposta de *João d'Outrora*: “Devido à vastidão do seu desenvolvimento e à escassez de espaço com que lutamos, que cada vez se acentua mais, não é possível ser estampada nesta folha, conforme fora prometido por seu autor em nota publicada em nosso último número, a resposta de João d'Outrora a Zelio, pseudônimos sob os quais dão-nos sua colaboração dois amigos d'A *Época*. Essa resposta, porém, será publicada em volume que já está sendo composto nas nossas oficinas, intitulado ‘Pelo Passado’. (...)” (A *Época* nº 89, de 26-10-22.)

No dia 15-11-22, na Praça da República (atual Praça Ernesto Tocchetto), foi inaugurado o obelisco erigido pelo Tiro de Guerra 225, de Passo Fundo, comemorativo ao Centenário da Independência. A solenidade teve início às 10 horas com parada militar e evoluções executadas com o Tiro de Guerra 644, de Carazinho. A seguir falou o vice-presidente do Tiro local, João Baptista de Oliveira Mello, que entregou o monumento à municipalidade e convidou o intendente, Nicolau de Araujo Vergueiro, a presidir o ato. Este declarou inaugurado o obelisco e passou a palavra ao orador oficial, Francisco

Antonino Xavier e Oliveira. Por fim, pela menina Guilhermina Schneider, foi lido um discurso patriótico. No pedestal, acondicionados numa urna, foram depositados os seguintes documentos: a ata da inauguração, assinada pelos presentes; os autógrafos do Presidente da República, Epitácio da Silva Pessoa, dos integrantes do seu Ministério, do cel. João Heleodoro de Miranda, inspetor geral dos Tiros de Guerra, e do Cap. Manoel Joaquim Faria Correa, inspetor do Estado dos Tiros de Guerra; a programação dos festejos realizados na cidade pela passagem do Centenário; além de dois números do jornal *A Época*. (A *Época* nº 92, de 16-11-22.)

A 22-10-22 foi criado em Passo Fundo, na residência de Jonathas Magalhães, o seguinte comitê pró-Assis Brasil, candidato à Presidência do Estado pelas oposições coligadas: presidente honorário, coronel Pedro Lopes de Oliveira; presidente, Fernando Goelzer; vice-presidente, Jonathas Magalhães; orador, Dr. Edgar Schneider; 1º secretário, Walter Gastão Buttel; 2º secretário, Dr. Augusto Loureiro Lima; 1º tesoureiro, Julio Edolo de Carvalho; 2º tesoureiro, Innocencio Schleder. (A *Época* nº 89, de 26-10-22.)

“SEÇÃO LIVRE. **Candidatura Assis Brasil. Ao povo!** Os srs. coronel Fernando Goelzer, Pedro Marques e Francisco Agnello de Almeida, membros do Partido Federalista deste município, acabam de receber do deputado estadual dr. Arthur Caetano da Silva, que se acha em Porto Alegre, o seguinte expressivo telegrama: ‘A Federação’ explorando minha carta sobre candidatura Assis, faz crer estou contrário este grandioso movimento cívico. Sempre solidário atitude deputado Maciel Junior, discordei atual momento manifestando-me, Bagé, pessoalmente contrário abstenção. Atendendo apelo abnegados companheiros serranos, desejam minha direta participação extraordinário pleito 25 de Novembro, resolvo dar franco apoio candidatura Assis contra odiosas pretensões Borges de Medeiros. Sigo 6 novembro Passo Fundo, gloriosa medina federalismo, onde enfrentarei ditadura com todo ardor de minhas energias cívicas. Abraços. (assinado) *Arthur Silva.*” Ocioso seria encarecer o valor do inestimável concurso que o deputado Arthur Silva, com seu vasto prestígio e formidável capacidade de ação, vem imprimir ao auspicioso movimento de verdadeira reação de dignidade humana que o comitê pró-Assis de Passo Fundo, iniciou contra a escandalosa reeleição do ditador dos Pampas. Congregam-se,

assim, em torno do nome eminente de Assis Brasil – o insigne evangelizador da Democracia - todas as energias, extremes de servilismo, que, nesta terra, de gloriosas tradições liberais, estão aptas a dar combate sem tréguas à prepotência do ditador. Passo-fundenses! Vivemos a hora mais bela da história do Rio Grande do Sul na República! Saibamos ser dignos, não abandonando nossos coestaduanos de outros municípios no prélio que se vai travar para decidir se devemos continuar como escravos com Borges de Medeiros ou se como cidadãos livres com Assis Brasil! Procuremos, com o nosso voto, impedir que Borges de Medeiros se perpetue no poder, violando o salutar princípio republicano da renovação dos valores, consagrado por todas as democracias verdadeiras do mundo, e entravando com sua política de governo, inepta e odiosa, todos os surtos do Estado para seus gloriosos e merecidos destinos. Desamparada do apoio criminoso que lhe emprestava o Governo Federal, a ditadura do Rio Grande está com os dias contados. A bastilha cairá! O déspota não resistirá ao assomo de dignidade, de altivez, de vergonha, que, neste momento, esperta, para a conquista de seus legítimos direitos, a consciência incorruptível dos genuínos gaúchos! Passo-fundenses! A candidatura Assis Brasil nasceu,

espontaneamente, não como um produto de conluíus ou inconfessáveis interesses de politicalha bastarda, mas como lídima expressão de nobres ideais cívicos pelo engrandecimento de nossa amada terra! Não desamparemo-la, pois, nas urnas de 25 de Novembro! Passo Fundo, 1º de novembro de 1922.” (A Época nº 90, de 02-11-22.)

Assis Brasil percorreu o interior do município, em campanha política, acompanhado pelo cel. Pedro Lopes de Oliveira e o advogado Arthur Caetano da Silva. (A Época nº 93, de 23-11-22.)

Borges de Medeiros contou com o intendente e chefe do Partido local, Nicolau Araujo Vergueiro, que visitou os distritos na companhia de Ney de Lima Costa, Edmundo Dalmacio de Oliveira e Faustino Rodrigues. (A Época nº 91, de 09-11-22.)

Zelio por sua vez enriquecia o anedotário: “**Comentários...** Nestes belos tempos de agora em que tudo progride de uma maneira vertiginosa, em que as nossas academias conferem diplomas todos os anos; que os postos de coronéis andam a pontapés por todos os cantos, sem o menor sacrifício e cheiro da

pólvora; que o modernismo invadiu todos os ramos da vida humana, transformando-a por completo; que o endiabrado football tomou conta dos moços, moças, velhos e velhas, estas com prejuízo de seus trabalhos domésticos, bem difícil vai-se tornando a vida do nosso caboclo, que se vê embaraçado com tantas novidades. Não é para menos, pois agora mesmo aí anda ele pedindo explicações sobre os termos confusos contidos num boletim político distribuído aos quatro ventos. Realmente, ele tem razão, pois contém esse boletim cada palavra custosa que nem mesmo o mais adiantado guasca adivinhará a sua significação. Carradas de razão tinha um quando dizia no Pegas, que aquilo era só para os letrados! 1-11-1922.” (A Época nº 90, de 02-11-22.)

“Nestes divertidos tempos de politicagem, que as paixões partidárias estão acessas, tudo é pretexto para as discussões inúteis. Em frente ao popular Café Borges, ali onde se encontra de tudo a tempo e a hora, um grupo comentava os resultados da eleição presidencial, que constavam da pedra negra. Assis Brasil falou da sacada do sobrado do Argemiro Camargo que adquiriu a valorização de mais de dez contos de réis. Sendo o candidato ‘sagrado’ o sobrado fica santo.

O do Ivo diminuiu em vez de aumentar. Pois não sabem que este homem é excomungado, foi um forte opositor do situacionismo local, de que disse muito horror, como pode deixar uma casa valorizada e abençoada por Deus?” (A Época nº 94, de 30-11-22.) (ver)

Zelio estava se referindo ao comício do dr. Carlos Silveira Martins Leão, realizado no dia 21-11-22, às 20h30min, na sacada da Farmácia Serrana, palacete de Ivo Ferreira, em frente à Praça Marechal Floriano, demolido recentemente. (A Época nº 93, de 23-11-22.)

O resultado do pleito em Passo Fundo apresentou duas versões. A oficial indicou 3.488 votos a favor de Borges de Medeiros, contra 1.103 de Assis Brasil. De acordo com os dados fornecidos pela oposição, Borges teria feito 3.009 votos, contra 1.632 do seu candidato. Além da divergência de números, ocorreram incidentes durante a eleição. Por volta das três horas da tarde desembarcaram na Avenida Brasil cerca de 200 eleitores de Carazinho. Dali se dirigiram à seção eleitoral, localizada no Forum, erguendo vivas a Borges de Medeiros e provocando tumulto. Os representantes da oposição lavraram protesto em ata e se retiraram da

mesa. (Cafruni. Jorge E. A Coluna Menna Barreto, Subsídios para a História da Revolução, *in* ON nº 8.931, de 12-07; e nº 8.932, de 14-07-58.)

A reeleição de Borges de Medeiros, mediante fraude, provocou a luta armada no Estado. A Revolução de 1923 teve como mentor civil o deputado Arthur Caetano da Silva e iniciou no município de Passo Fundo. Os revolucionários, mal armados, apostavam na intervenção do Governo Federal. O trabalho mais completo que conhecemos a respeito dessa Revolução, em Passo Fundo, é da autoria do jornalista Jorge Edeth Cafruni e foi publicado em partes no jornal O Nacional, nos anos de 1958/59, sob o título *A Coluna Menna Barreto, Subsídios para a História da Revolução de 1923*. Dele extraímos a Ordem do Dia nº 4, de 04-02-23, apresentada pelo tenente-coronel João Candido Machado, comandante do 1º Corpo Provisório da Brigada Militar: “Aqui chegado de Porto Alegre, à noite de 16 de janeiro, com o encargo de organizar e comandar este Corpo, no dia imediato dei andamento à tarefa, incorporando os primeiros contingentes de voluntários e preenchendo o quadro de oficiais e inferiores, tudo de acordo com as

instruções recebidas do Exmo. Sr. Presidente do Estado e Comando Geral da Brigada Militar. Nem sequer estava ainda completo o efetivo marcado para essa organização, eis que, no dia 20 do mesmo mês, a cidade era posta em alarme, pela aproximação de forças revolucionárias, que se dizia vinham atacá-la, de concurso com outras, que se formavam em vários pontos do Município, dando margem a que o Corpo entrasse em rigorosa prontidão. Em tal situação que, progressivamente, foi se agravando nos dias subseqüentes, este comando, a 23, fez reunião de oficiais, a fim de serem examinadas as condições da praça e combinada a resistência, para a hipótese do assalto dos revolucionários. Em seguida e com o concurso do contingente da Brigada, ao mando do Capitão Candido Alves de Mesquita, oficial este que, à noite de 22, recolhera de Boa Vista do Erechim, com quarenta praças; a outra parte deste contingente aqui destacada, com número de trinta e duas praças, às ordens do Tenente Leovegildo Lopes da Rosa; a força policial do município, com o efetivo disponível de cinqüenta praças, mais ou menos, sob o comando do Major Edmundo Dalmácio de Oliveira, e elementos civis da cidade e de fora, que estavam reunidos em torno do chefe político local, Dr. Nicolau de Araujo

Vergueiro, digno Intendente do Município e Deputado Estadual – forças estas que, com o efetivo deste Corpo, não iriam a mais de quinhentos homens, dos quais cerca de duzentos, apenas, dispendo de revólveres e armas semelhantes, foram ampliadas e reforçadas as linhas, fazendo-se várias obras de defesa e tomando-se todas as providências que ao nosso alcance estavam nessa grave conjuntura. No dia 24, ao escurecer, chegada a notícia de que numerosa força revolucionária tinha, nessa tarde, acampado no lugar denominado Pinheirinho, a menos de duas léguas ao nascente da cidade, e, nesse mesmo dia, eram cortadas pelos revolucionários, as vias férreas, no trecho entre Carazinho e Pinheiro Marcado, bem como o telégrafo da estrada, quase todas as linhas do telégrafo geral e as linhas telefônicas entre a cidade e os distritos. Na manhã de 25, apareciam, ao nascente da cidade, piquetes, sendo que um deles tomava posição e estendia linha, no alto da coxilha próxima ao Rio Passo Fundo, a pouco mais de um quilômetro dos limites urbanos, e logo adiante, no alto em que se acha a sede da fazenda de Artêmio Odriozola, considerável força se mostrava em forma, devendo ter 1.000 homens, vindos do 2º, 3º, 5º e 10º distritos deste Município, serra do Município de Guaporé e sertão do

Uruguai, e tendo por principais os federalistas João do Padre, Quim César e Fernando Goelzer. Assim constituídos, e ocupando excelente posição, começaram os revolucionários a movimentar-se, ativamente, para o lado da cidade, estendendo sua ação até o limite da mesma e colocando um contingente no capão cortado pela estrada de ferro esquerda e muito próximo à nossa posição, no Passo. Sendo esse capão ligado à restinga do Rio Passo Fundo e, conseqüentemente, ao outro capão que, da mesma, sai do lado de cá dessa restinga, terminando ao pé da linha do Tiro de Guerra nº 225, situado dentro da cidade, era de prever que o adversário tentasse aí um golpe, vindo por dentro do mato e flanqueando, portanto, não só aquela nossa posição, como também o próprio quartel deste Corpo, que, assim, poderia ficar exposto a dois fogos. Urgia, pois, remover a perigosa hipótese, e, para isso, foi precioso elemento um trem entrincheirado que, providencialmente, ideou e, depois de prévio acordo, pôs à nossa disposição, o Dr. Júlio Ávila, digno engenheiro da Viação Férrea – trem este constando de locomotiva blindada e um carro engradado, com trincheira, e que, imediatamente, entrou a operar na zona ameaçada, recebendo um contingente deste Corpo, sob o comando do Capitão Oswaldo Sintz e indo, audaciosamente,

desalojar o inimigo da posição que ocupava, no mencionado capão. Essa operação foi relativamente fácil, porque, às primeiras descargas trocadas, o adversário fugia em desordem, convencido de sua impotência, diante do poder ofensivo da trincheira ambulante que, assim, o desafrontava, na sua própria posição, onde, aliás, ele era resguardado pelo mato. À tarde desse dia, com o auxílio do dito trem, que avançou e foi postar-se em posição conveniente, sobre aquele capão, fazíamos um reconhecimento ao campo inimigo, sendo dessa operação encarregado o Major Edmundo Dalmácio de Oliveira, com um piquete de valorosos civis, constituído pelos srs. Aristóteles Lima, Álvaro Schell de Quadros, Bráulio Stivalet, Amador Araújo, Lauro Xavier de Castro, João Borges e Antônio Chafon, sendo estes dois últimos a pé; piquete esse que, audaciosamente, avançou, desalojando e pondo em fuga o grupo revolucionário, que se achava no alto da primeira coxilha. Ainda no mesmo dia, já ao anoitecer, novamente seguia o trem entrincheirado para o capão já referido, visto suspeitar-se que, para ali, tivessem voltado os revolucionários. Efetivamente, assim acontecera, pois que esse nosso reconhecimento foi atacado por numeroso grupo, dentro do capão, respondendo com nutrida fuzilaria e,

outra vez, pondo em vertiginosa debandada o adversário. Com esta segunda batida, ficava a posição em referência definitivamente sob nossa ação, pois não mais voltaram a ela os revolucionários, nem podiam voltar, porque, constantemente, o trem percorria aquele trecho, se prolongando, às vezes, até a ponte do Miranda. Tornava-se, assim, inexpugnável todo o extenso setor, entre a estação da estrada de ferro e o capão aludido, visto que, pelo trem em referência, eram coberta as nossas duas importantes posições, da ponte do Rio Passo Fundo e da entrada da Rua General Canabarro. Providenciou-se, então, a aquisição de mais dois trens do mesmo tipo, os quais foram logo preparados, cada um com dois carros-trincheiras, sendo respectivamente encarregados do centro e norte da cidade, com ponto de junção na Avenida Brasil, onde, em qualquer emergência grave, serviria de poderoso reforço às posições centrais, com elas cruzando fogos. Dada a feliz disposição da via férrea, ficávamos, assim, protegidos por ela, numa extensão de cerca de oito quilômetros, pela qual só a custo de elevadíssimas perdas, poderiam os revolucionários penetrar na cidade, se penetrassem. A distribuição das nossas forças pelos vários setores da praça foi feita do modo seguinte: Quartel do Corpo: Tenente Pedro Álvares, com

um piquete do esquadrão a que pertence. Quartel do Exército: Capitão Apolinário Torres, com seu esquadrão e civis. Depois, reforçado com um contingente da Brigada. Passo: Capitão Horácio Franklin da Silva e contingente do seu esquadrão. Como a situação se agravasse, fiz seguir para ali o Capitão Cândido Alves de Mesquita, com um reforço da Brigada e esquadrão de civis, este último sob a direção do sr. Marcos de Oliveira Fortes, devendo esses elementos operarem em acordo. Entrada da Rua General Canabarro: Capitão Oswaldo Sintz com seu esquadrão e civis, estes a cargo do sr. Bernardino Trindade, Francisco Rafael Saraiva e Napoleão Antunes de Almeida. Quartel da Guarda Municipal: Comandante interino da mesma força, Manoel Matias Nescio, com um contingente a que estavam agregados civis, a cargo do sr. Guilherme dos Santos. Boqueirão: Capitão Francisco Sá, seu esquadrão, civis avulsos e reforços de praças da Brigada Militar, a fim de operarem em conjunto. Trens entrincheirados: Setor Ponte Passo Fundo à Rua General Canabarro, sob o comando do alferes Afonso José Ferreira; setor Rua General Canabarro à Avenida Brasil, comandado pelo Capitão Oswaldo Sintz; setor da mesma Avenida ao Valinho, sob o comando do alferes do 1º Regimento da Brigada Militar, Eugênio

Medeiros. No dia 26, o adversário manteve-se ativo em suas posições, e, à noite, fez várias tentativas infrutíferas, em diferentes pontos das nossas, sendo que, num desses assaltos, na linha do Quartel do Exército, o inimigo, vindo pelo capão que fica ao lado e que vem sair nos fundos, tentou bater a força sob o comando do Capitão Apolinário Torres, pela retaguarda, motivo pelo qual ordenei que aquele oficial se retirasse com sua força para a Praça Tamandaré, que fica pouco atrás da posição que ocupava. Essa manobra deu excelente resultado, pois o inimigo, vendo frustrado seu plano, retirou-se; mas, no entanto, antes disso, ameaçou a posição ocupada pelo Tenente Pedro Alves, que era nosso acantonamento, motivo pelo qual o mesmo oficial pediu reforço, e como este não lhe pudesse ser dado, em vista das nossas reservas estarem todas distribuídas pelas demais posições, determinei-lhe que fizesse junção com a força do Capitão Apolinário Torres, e pouco depois, ordenei ao alferes Homero Leite que, com um piquete de 10 praças, protegido pelo trem entrincheirado, ocupasse novamente o nosso acantonamento, o que foi feito após violenta fuzilaria, ao cabo da qual, novamente, ficamos senhores da posição. A força do Capitão Apolinário Torres se conservou na Praça Tamandaré até o

amanhecer do dia 27, regressando pela manhã à sua anterior posição do Quartel do Exército. Por conveniência da defesa, mudamos, no dia 26, o material deste Corpo para o edifício da Intendência Municipal, aí colocando também a parte disponível dos dois contingentes da Brigada, que estavam aquartelados na Praça Marechal Floriano. A 27, as forças revolucionárias eram engrossadas por cerca de 600 homens, ao mando de João Rodrigues Menna Barreto e Salustiano de Pádua, que acamparam no saladeiro São Miguel (aqui ocorre, evidentemente, engano do comandante legalista: as forças que atacavam pelo lado do Valinho, bandas do Quartel do Exército, já eram do General Menna Barreto. Nota de J. E. Cafruni). Além dos fatos acima narrados, repetiram-se as tentativas das noites anteriores e deram-se sérios tiroteios em todas as linhas, entre o escurecer e a madrugada. A 28, acampava à retaguarda da linha inimiga, pouco além do Valinho, o revolucionário Pedro Lopes de Oliveira (Lolico), com cerca de 200 homens, e em sua frente estacionava a de Simeão Machado. Completamente circulada a cidade, por todas essas forças, cujo total ia além de 2.000 homens, trataram os sitiados de arrebanhar todo o gado vacum e animais cavalares dos arredores, criando-nos apreensões quanto ao nosso

abastecimento, visto que o gado recolhido para dentro de nossas linhas não era suficiente, senão para poucos dias, e na praça já eram escassos os gêneros alimentares. Logo às primeiras horas da manhã desse dia, as forças revolucionárias começaram a movimentar-se, em direção à cidade, notadamente a leste e ao norte, sendo que uma delas atingiu os limites urbanos, na coxilha da Vila Rodrigues, acampando na chácara de Anacleto Machado. Tudo indicava que estava prestes o assalto geral dos sitiantes que, de fato, como depois se soube, tinham designado esse dia para o fazer, e disso desistiram pelo receio do fracasso, que teria, sido certo, se o tentassem, dado o valor moral das nossas linhas e excelente disposição dos elementos que neles amparavam a causa da legalidade, convencidos de que era necessário resistir até o derradeiro cartucho. Todavia, houve, à noite, uma tentativa de penetração, pelo setor Lavapés, dando margem à cerrada fuzilaria e, como sempre, ao rechaço dos atacantes. Diante da gravíssima situação em que nos achávamos, e que pedia maior cautela nas nossas linhas, tomei o expediente de convidar o sr. Major do Exército Antônio Garcez Caminha, que aqui se achava, para examiná-las comigo e tomarmos qualquer providência ou providências que a inspeção nos

sugerisse. Tendo este digno oficial concordado, plenamente, com a disposição da defesa, foi a mesma mantida, prosseguindo-se na vigilância e aguardando-se a ação dos sitiantes. Como, porém, a situação se agravasse, reforcei o setor do Boqueirão, com 25 praças da Brigada Militar, e lá permaneci todas as noites que se seguiram, até 30, pois ficara combinado que ali seria o último reduto, devendo as forças de outros setores retirarem-se para lá, no caso de não mais poderem resistir; enquanto os trens entrincheirados fechariam os setores do Quartel do Exército e da Intendência. Durante essas noites, determinei ao Capitão Ajudante, José Faibes Lubianca, que ficasse na Intendência Municipal, com 9 praças da Brigada Militar, a fim de auxiliar os civis que se achavam no Clube Pinheiro Machado e no Forum (hoje Biblioteca Pública e Câmara Municipal, respectivamente. Nota de J. E. Cafruni). Ainda na noite de 28, fizemos instalar, em nossa posição do Quartel do Exército, um holofote, para auxiliar a vigilância do campo contíguo, expediente que surtiu excelente resultado. No dia 29, os revolucionários tomavam a usina elétrica, situada 20 quilômetros da cidade, tendo para isso mandado à mesma uma força, às ordens de Olivério Alves da Rosa e Júlio Bohrer, pelos quais foram

retiradas peças essenciais desse próprio municipal, bem como danificada a linha condutora, pelo corte e derrubada de postes. Ficava, assim, a cidade às escuras, evidentemente com o fim de favorecer alguma operação que tinham em vista os sitiantes. Como, porém, chovesse, continuamente, toda a noite, e nossa vigilância fosse dobrada, só tivemos a registrar, durante ela, um tiroteio no setor do Passo, pouco depois do escurecer, sendo calmo o resto da noite. No dia 30, chegando ao nosso conhecimento que os revolucionários tinham-se apoderado de uma locomotiva *mallet* e carros, com os quais organizaram um trem, que operava entre Carazinho e o Saladeiro São Miguel – trem esse que, de fato, foi visto desta cidade – tratamos de conjurar o perigo de um ataque do mesmo, tanto mais perigoso para nós, quanto era certo que, dado o grande poder de uma locomotiva, talvez podiam arremessá-la contra o nosso trem entrincheirado, que policiava o setor norte, com o pessoal comandado pelo alferes Eugênio Medeiros, e que prestava relevantes serviços, mantendo, por muitas vezes, nutrido tiroteio com o inimigo, e tirando-lhe gente de combate. Por outro lado, o trem revolucionário podia, também, entrar na zona do sítio, postando-se no trecho entre a cidade e o Valinho, de onde ameaçaria, seriamente, a nossa defesa desse lado. Com o já

mencionado Dr. Júlio Ávila, seguiu então uma turma de pessoal da estrada de ferro, guardada por força e transportada no trem entrincheirado em referência, levando o encargo de cortar, como cortou, a linha férrea, nas imediações do Valinho, idêntica providência tomando-se, igualmente, na linha Uruguai, a três quilômetros da cidade, visto saber-se que, também para esse lado, os revolucionários tinham um trem trafegando, entre a estação Coxilha e o sertão do Uruguai. A noite de 30 passou calma, porém, em grande vigilância, em todas nossas posições. A 31, pela manhã, o nosso trem entrincheirado, que policiava o setor do Passo, surpreendeu e pôs em completa debandada a numerosa força que estava acampada na chácara de Anacleto Machado, posição que, assim, ficava abandonada pelos sitiantes. Pouco depois, um reconhecimento nosso, ao mando do Capitão Apolinário Torres, protegido por um trem entrincheirado, era enviado às posições adversárias do Valinho, travando tiroteio com as mesmas e rechaçando as respectivas avançadas. Finalmente, ao escurecer deste dia, entrava na cidade, entusiasticamente aclamada pelas nossas forças e pelo povo, a coluna do bravo General Firmino de Paula, a cuja aproximação os sitiantes se retiravam, em várias direções, abandonando o

infrutífero e criminoso sítio que tinham realizado e, durante o qual, a coragem e o civismo dos heróicos defensores da praça se patentearam, de modo brilhante, amparando a causa da legalidade que, assim, triunfava sobre a impatriótica revolução, que viera perturbar, fundamente, a vida e o progresso do Município, comunicando justa ansiedade e sobressalto à sua população. NOTAS. (J. E. Cafruni) Na ordem do dia que estamos citando, do Tenente Coronel João Cândido Machado, há a seguinte menção de louvor: É-me grato deixar aqui registrado que, durante o sítio, os oficiais e praças deste Corpo, bem como os destacamentos do 1º Regimento de Cavalaria, digo da Brigada Militar que estavam sob o meu comando, portaram-se de modo irrepreensível, com valor, lealdade, disciplina e dedicação, desempenhando, com denodo, abnegação e nítida compreensão dos seus deveres, todas as missões que lhes foram confiadas; pelo que louvo ao Major Fiscal Edmundo Dalmácio de Oliveira, Capitão Ajudante José Faibes Lubianca, Capitães Apolinário Torres, Francisco Sá, Oswaldo Sintz, e Horácio Franklin da Silva; Tenentes Félix Gralha, Homero Soares de Lima, Pedro Antonio Alves, e Alferes Homero Leite, Álvaro Rocha, Afonso José Ferreira e Leão Nunes de Castro; bem como os oficiais dos

contingentes da Brigada Militar, que estiveram sob meu comando, Capitão Cândido Alves de Mesquita; Tenente Leovegildo Lopes da Rosa, e Alferes Eugênio Medeiros; e mais os inferiores e praças, quer deste Corpo, quer dos contingentes aludidos, devendo este louvor ser lançado aos assentos dos mesmos, neste Corpo, e dos pertencentes aos contingentes mencionados ser transmitido ao Comando Geral da Brigada Militar para os fins convenientes. Entre os civis, aparece, em primeira linha, pelo seu exemplar devotamento e ardor, o ilustre chefe local, Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, que foi incansável, quer nas providências de seu cargo de Intendente do Município, quer em particular, das vigílias, provações e riscos desses dias, nos quais, por várias vezes, expôs a sua vida nas posições avançadas, dando aos seus correligionários um grande exemplo de abnegação e valor. Também se recomendaram, por inestimáveis serviços, demonstrando bravura notável, nos momentos de maior perigo, os srs. Álvaro Schell de Quadros, Aristóteles Lima, Inocêncio Pinto, Brasilico Lima, Juvenal Xavier, Bernardino Trindade, Marcos de Oliveira Fortes, Bráulio Stivalet, Amador Araújo, Claro Alves dos Santos, Lauro Xavier de Castro, Luiz Magalhães, João Borges, Avelino José

dos Santos, Napoleão Antunes de Almeida, Francisco Rafael Saraiva, João Gama, João Aquino, Guilherme dos Santos, João Leite, Luiz Rodrigues, Feliciano Trindade, Diniz Machado, Faustino dos Santos, Octaviano Lima, Antonio Chafon, José Costa, Sebastião Canabarro, Renato Cornélio e irmãos, Gasparino da Silva, Zeferino Antunes, José Maria, Júlio Moura, Florêncio Antunes de Oliveira, Pango, Gastão Marques, Arquimedes Vilanova, Claro Teixeira, Olívio Conti, Prócoro Coelho Velasques, Henrique Cruz, Pro. Ferreira Pront, Máximo Secco, Manoel de Oliveira Ramos, Percival Silveira, Dr. Willy Petersen, Benedito F. de Moraes, Dionísio Langaro, Tertuliano Moraes, Ricardo José de Oliveira, Felipe Paula Oliveira, Libindo Terra, Agustinho Cruz, Graciliano Alves de Camargo, Zéfiro Giusti, Teodoro Chicuta, Argemiro Barroso, Otávio Ribeiro, Jorge Barbieux e René Lucien Mayer. Foram, também, relevantes os serviços do Dr. Júlio Ávila e pessoal da estrada de ferro, salientando-se maquinistas que serviram nos trens entrincheirados; bem como dos civis que ocuparam as posições centrais do Club Pinheiro Machado e do Forum, e cujos nomes deixo de mencionar por serem numerosos e não quero incorrer em omissões. Merece, também, referência, o sargento da Guarda Municipal Nilo

Tocantins, que ocupou a posição do Cemitério, e também fez perigoso reconhecimento, sendo que, na primeira, manteve, por várias vezes, sérios tiroteios com piquetes inimigos, causando-lhes baixas. Igualmente, faz jus à referência, pela firmeza com que manteve a sua posição, que era importante, o comandante da mesma Guarda Municipal (interino), Manoel Matias Nésio. Cumpro ainda o dever de enaltecer a cooperação valiosíssima que, também, nos prestou nesses dias o sr. Major Antonio Garcez Caminha, do Exército Nacional, e concludo, congratulando-me com este Corpo e com os demais defensores da praça, pelo fato de não termos de lamentar nenhuma perda durante o sítio que, assim, deixo descrito, fato este que, dada a constância e violência dos assaltos repelidos, comprova a boa disposição e segurança das nossas linhas, em contraste com o que ocorreu com os sitiados, que tiveram numerosas pessoas fora de combate. (Ass. – JOÃO CANDIDO MACHADO, Tenente Coronel Comandante.” Segundo J. E. Cafruni, o documento encontra-se na seção “Correspondências Recebidas”, ano de 1923, do Arquivo da Prefeitura Municipal. (ON nº 8.939 de 22-07; nº 8.940, de 23-07; nº 8.941, de 24-07; nº 8.942, de 25-07; nº 8.943, de 26-07; nº 8.947, de 31-07; e nº 8.948, de 1º-08-58.)

Outro documento que de certa forma serve de contraponto ao do comandante legalista foi escrito pelo chefe revolucionário Antonio Quim Cesar. Trata-se da sua *Autobiografia* escrita especialmente para o Instituto Histórico de Passo Fundo e publicada parcialmente no jornal O Nacional em 1959: “(I) Nesta narração vou referir, apenas, os principais episódios da minha vida, confiando somente na minha reminiscência, sem precisar datas, por terem-se extraviado documentos e diários, onde as vinha anotando, com as quais seria mais completa esta memória. Já é decorrido mais de meio século, de certos fatos que narramos, confiando em minha memória, procurando descrevê-los com fidelidade, sem exageros, com o único propósito de registrá-los para que os filhos e descendentes possam, no futuro, defender meu nome de qualquer maledicência, feita por mal informados ou desafetos. Meu nome, citado até em alguns livros referentes à minha atuação política e revolucionária, por certo, merecerá elogios e críticas. Mas, se verdadeiras estas críticas, nenhuma ferirá a minha dignidade e honra, porque minha consciência não me acusa de ter, alguma vez, praticado qualquer ato menos digno. Nos altos e baixos da minha acidentada vida, onde, por vezes, ocupei cargos de

relevos e grandes responsabilidades, teria oportunidade, se fosse menos escrupuloso nas minhas ações, poder estar agora, no último quartel da vida, gozando de situação privilegiada, tanto financeira como política, o que não acontece. A única recompensa que tive nos 40 anos de serviços prestados ao meu Estado e à minha Pátria, foi ter podido conservar um nome respeitado, até pelos adversários, tanto no setor político como revolucionário, e na minha vida particular. Se outra coisa não poder deixar aos meus filhos e descendentes, deixarei um nome que não os envergonhará no futuro, se os historiadores ainda dele se lembrarem. Começarei descrevendo a minha vida, desde a adolescência até agora (1959), quando já conto mais de 70 anos de idade. Orgulho-me, porém, de deixar esse exemplo aos meus filhos e netos, para suas orientações na vida. Com seis anos de idade, fiquei órfão de mãe. Filho de João Cesar, paulista, descendente de tradicional família, e de Joana da Rocha Cesar, filha do Major Manoel Theodoro da Rocha, descendente de respeitável família paranaense. (II) Nasci em 23 de junho de 1887, na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Com a revolução de 1923 (1893), emigrei do Rio Grande do Sul com o meu pai, para o Estado de São Paulo, onde fui confiado aos meus

avós paternos, para receber a instrução que meu pai desejava dar-me. Estudei, quando menino, em São Paulo (Capital), vindo depois em companhia dos meus avós para Itapetininga, onde freqüentei a escola modelo daquela cidade. Ali, recebi, além da instrução primária, o exemplo de austeridade, dignidade e honra, dos meus avós, para neles pautar a minha vida desde a adolescência. Com a idade de 12 anos, abandonei a escola complementar que já cursava, para auxiliar a meu pai, que, com os prejuízos sofridos com a revolução de 1923 (1893), no Rio Grande do Sul, já não dispunha de recursos para manter-me estudando. Com ele, que era tropeiro de mulas, iniciei a minha carreira comercial, começando a tropear do Rio Grande a São Paulo, aprendendo aquela vida. Iniciei essa vida como madrinheiro, peão e capataz, para já aos 15 anos, tomar conta dos negócios do meu pai, comprando, transportando e vendendo essas tropas em Sorocaba e Itapetininga, no Estado de São Paulo. Naquela época, em 1902, nossas tropas eram compradas na região serrana do Rio Grande do Sul, em Passo Fundo, Palmeira, Cruz Alta e Soledade, e transportadas por terra até Itapetininga, em São Paulo, demorando nesse trajeto, de quarenta e cinco a cinquenta dias de viagem. Com 23 anos, casei-me em Campo do Meio, Município de Passo

Fundo, com Maria Fagundes Cesar, filha de um federalista, que militava na oposição desde antes de 1893. Continuei ainda tropeando mais um ano, para depois iniciar-me na política. Nas minhas viagens para São Paulo, na culatra das tropas, por intermináveis dias de solidão, enfrentando a intempérie, comecei a formar a minha consciência política. Analisando a situação política do Rio Grande e do Brasil, me inclinei a filiar-me, politicamente, na oposição, para combater a corrupção, autoritarismo e violência, que então imperavam no Rio Grande do Sul, sob a chefia de Borges de Medeiros. Em 1923, com a aproximação da revolução e posteriormente com a aliança dos federalistas aos oposicionistas de Assis Brasil, me filiei a estes, para com a campanha da oposição, militando politicamente desde 1920, em suas fileiras. Exerci, em começo da minha vida política, como oposicionista, em Campo do Meio, a função de subintendente, quando assumi naquele distrito a liderança política da oposição. Quando Assis Brasil lançou-se na campanha política contra Borges de Medeiros, já sabia, através de palestras reservadas com Assis Brasil, Cel. Felipe Portinho, Dr. Raul Pilla, Dr. Arthur Caetano da Silva, General Menna Barreto e Belo Fagundes, que só conseguiríamos a vitória da nossa causa, por uma

revolução. Conseguimos eleger como nossos representantes na Assembléia do Estado o Dr. Alves Valença, e na Câmara Federal o Dr. Antunes Maciel. (III) A oposição lançou como candidato contra Borges de Medeiros o nome do Dr. Assis Brasil, com grande prestígio político no Estado e no País, desde o Império. Sabíamos que só a revolução nos daria a vitória, visto o regime de fraudes e corrupções usados pelos situacionistas que votavam, cada eleitor, até vinte vezes na mesma mesa, com títulos de mortos e ausentes. Era então Presidente da República o Dr. Arthur Bernandes, amigo íntimo de Assis Brasil e Antunes Maciel. Quando da apuração dessa eleição, obtivemos a vitória por mais de uma dezena de mil votos. Foi uma comissão da Assembléia do Estado à presença do Dr. Borges de Medeiros para comunicar a sua derrota. Antes, porém, que a comissão falasse, Borges de Medeiros, antecipou-se, agradeceu à comissão pela comunicação da sua ‘vitória’, o que obrigou a junta apuradora a fazer uma grande ‘depuração’, falsificando atas, etc., a darem a vitória a Borges de Medeiros. Com essa fraude, começou a oposição a articular a revolução em inúmeras reuniões que tivemos em Alegrete, São Gabriel e Porto Alegre, começaram os opositoristas a se preparar, adquirindo armas, munições e

recursos para deflagrarem a revolução, por ocasião da posse de Borges de Medeiros, em 1923. Era então governador de São Paulo o Coronel Fernando Prestes de Albuquerque, de quem fui amigo pessoal, como também fui do seu filho Julio Prestes, aos quais era ligado por laços de famílias. Por meu intermédio, aproximaram-se do Coronel Fernando Prestes, em São Paulo, os denodados correligionários Braz de Revoredo, Galeno de Revoredo e Valencio Xavier, que conseguiram do governo de São Paulo a indiferença às nossas atividades naquele Estado, para a aquisição de armas e munições de que a revolução pudesse precisar, se falhassem as promessas do governo federal, de impedir, pela intervenção, a continuação de Borges de Medeiros no Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Ainda em 1922, na residência de Fermino Torely, em Porto Alegre, onde se reuniam os futuros revolucionários, presentes Honorio Lemos, representando a fronteira (cognominado, mais tarde, ‘Leão do Caverá’); Zeca Neto e Dario Crespo, representando a zona central do Estado; Leonel Rocha, Arthur Caetano, Felipe Portinho, Salustiano de Pádua e eu, representando a região serrana – ficou assentado que a data da revolução seria a da posse de Borges de Medeiros no Governo do Estado. Confiantes nas

promessas do Governo Federal, logo após três meses de luta, intervir no Estado, lançando-nos à aventura, mesmo desprovidos de recursos, sem armas, sem munições, mas com fé inabalável na vitória. No dia ali aprazado, ficou combinado que Leonel Rocha se levantaria na Palmeira, Arthur Caetano e Quim Cesar em Passo Fundo, Erechim e Lagoa Vermelha, onde já contavam com a solidariedade do destacado e ardoroso correligionário Cel. Mesquita; em São Francisco e Caxias com a não menos valorosa solidariedade do Coronel Belizario Batista; na fronteira se levantariam no mesmo dia, Honorio Lemos e em Pelotas e imediações o General Zeca Neto. (IV) Nesse dia, cumprindo compromisso assumido, levantaram-se em armas, ao norte da cidade de Passo Fundo, Quim Cesar, que, auxiliado pelos bravos e destemidos caudilhos, Cel. Ramão Fagundes, João Fagundes, Jango do Padre, Pedro Periquito, Francisco Fermiano de Oliveira, Camilo Suelo, Ignácio Ribeiro, Pedro Paulo e outros, partiram de Campo do Meio, à frente de mil e poucos homens, quase sem armas, para reunir-se ao Cel. Fernando Goelzer, na Estação de Coxilha. No terceiro dia de marcha, já com a cidade de Passo Fundo à vista, dei um balanço no armamento e munição que possuíamos, quando verifiquei que só

dispúnhamos de 16 armas de guerra, entre fuzis mauser, comblein, manulincer remanescentes da revolução de 1893, e umas 100 espingardas de caça, revólveres e pistolas, além dos afamados facões gaúchos, que grande parte da coluna possuía. Esperávamos, no terceiro dia de movimento, sitiar a cidade de Passo Fundo. Pelo Norte, operaria a minha tropa, enquanto pelo Sul a cidade seria cercada pelas forças de Arthur Caetano, Coronel Salustiano de Pádua e Gen. Menna Barreto que, depois de tomado Carazinho, marchariam sobre Passo Fundo, onde, no terceiro dia de luta, deveria ser assaltada e tomada. No dia combinado, ataquei Passo Fundo, avançando até a chácara do Cel. Gervasio, a um quilômetro da cidade, onde iniciamos um ataque estratégico, com a finalidade de obrigar o inimigo a gastar munições e, ao mesmo tempo, obrigá-lo a permanecer em constante vigilância, para cansá-lo e abater-lhe o moral. Ali permanecemos dois dias, em permanente contato com o inimigo, esperando a aproximação de Menna Barreto, Caetano e Salustiano de Pádua, que atacariam pelo Pinheiro Torto. Como os mesmos não viessem, e sim quatro trens com forte contingente da Brigada Militar, comandados pelo General Firmino de Paula, iniciamos, à tardinha, logo após a chegada dos mesmos, um

tiroteio. Logo que escureceu, fui informado de que chegariam mais forças da Brigada Militar do Estado, durante à noite, cujas forças já haviam feito debandar as forças de Menna Barreto, Caetano e Salustiano, que se retiraram rumo a Nonoai. Convoquei os meus leais e destemidos companheiros, junto a um cemitério que se avista, digo que fica na coxilha de onde se avistava Passo Fundo, nas proximidades da fazenda Anibal Lemos, e aí expus aos companheiros a nossa insustentável posição, por falta de armas e munições, para enfrentarmos forças regulares e aguerridas da Brigada Militar, fortemente armadas, que já tínhamos à vista, acampadas na cidade de Passo Fundo. Depois de expor tal situação, propus aos denodados companheiros que cada um dos responsáveis pelos grupos de seus comandos, os levasse de volta para suas casas, e ali fizessem uma simulada dissolução da força, enquanto eu me comprometia, sob a palavra de idealista, que iria ao encontro do Gen. Felipe Portinho, que se achava em São Paulo adquirindo armas e munições, e dentro de 30 dias, no máximo, eu estaria no Rio Grande, com armas e munições, para continuarmos combatendo aquela ditadura disfarçada de Borges de Medeiros. Recebi apoio incondicional de meus valorosos companheiro, e nessa

mesma noite nos retiramos para o 2º Distrito (Campo do Meio) e 3º Distrito (Coxilha). (V) Na manhã seguinte, depois de despedir o último grupo de companheiros para suas casas, eu, acompanhado do Cap. Juvêncio Prudente e um sobrinho, iniciei uma cruzada que julgo ter sido a aventura mais arrojada da minha vida, por ter que atravessar, a cavalo, os municípios de Erechim, Lagoa Vermelha e Vacaria, para atingir a cidade de Lajes, onde esperava encontrar o Gen. Felipe Portinho – municípios estes que, alertados pelo deflagrar do movimento revolucionário, já estariam de sobreaviso e vigilantes. Na tarde daquele dia que iniciei a referida cruzada, quando atravessava o Passo do Carreteiro, nos fundos do campo de Dona Nharica Rocha (ardorosa correligionária nossa), fui surpreendido por uma emboscada feita pelo Coronel Marcos Bandeira, à frente de 50 homens que, ocultos e entrincheirados nas barrancas do referido Arroio Carreteiro, observou que eu vinha distanciado, uns 50 metros de meus dois companheiros, e entrou no arroio para, me chamando pelo nome, intimar-me para que eu me entregasse. O instinto de conservação me deu ânimo e, jogando uma arrojada cartada, saquei de um revólver colt ‘Parabelum’, calibre 45, que trazia na cabeceira do arreio, desfechei três tiros, enquanto que, dando de rédea

ao cavalo que montava, disparei para trás, já à distância, faziam o mesmo os meus dois companheiros que, em melhores montarias, já se distanciavam. Só, sem recurso, continuei correndo e tiroteando, até ganhar uma distância de 300 a 400 metros do Arroio, quando parei em uma curva da estrada, protegido por um pequeno capão de mato, para carregar os meus dois revólveres, que já haviam descarregado – quando avistei pelas frestas do capão de mato dos brigadianos de Marcos Bandeira, que vinham em minha perseguição. Apeei do cavalo, entrincheirando-me sobre um pinheiro, e esperei que os mesmos se aproximassem até uns 30 metros, e comecei a atirar contra os mesmos, que, surpreendidos com os tiros, voltaram correndo – e para justificar a corrida (o que sempre acontece nesses momentos) disseram a Marcos Bandeira que havia inimigo fortemente entrincheirado, a um quilômetro de distância. Marcos Bandeira, apesar de valente caudilho, achou prudente voltar dali, o que fez, levando a Passo Fundo a notícia de que os revolucionários ainda se achavam reunidos entre o 3º Distrito e Campo do Meio, o que motivou a demora dos movimentos do General Firmino de Paula, para aguardar maior reforço de Porto Alegre. Naquela mesma noite, prossegui, pelo Campo do Meio, a

retirada, mas já sozinho, em direção a Lagoa Vermelha e Vacaria, onde cheguei na fazenda do valoroso companheiro Cel. Liborio Rodrigues, depois de diversos perigos e peripécias por que passei, muitas vezes ocultando-me até de companheiros, supondo-os inimigos, para não me deixar aprisionar, quando tinha uma missão tão importante a cumprir. Gastei quatro dias e quatro noites viajando, dormindo pouco nos capões de mato, fugindo dos lugares mais povoados. (VI) Atravessei, no fundo da fazenda Estrela, do Cel. Liborio, na divisa de Santa Catarina, e fui a Lages, onde tive a notícia de que o Gen. Portinho chegaria à estação do Herval, em Santa Catarina, trazendo armamento e munição, comprados em São Paulo. Fui, em seguida, para Herval, onde me encontrei com o Gen. Portinho, depois de esperar três dias. Ali já encontrei uns vinte companheiros, que vieram de Passo Fundo, ao meu encontro, passando as mesmas peripécias que eu. Com outros companheiros que lá se incorporaram a nós, formamos um grupo de 48 homens. Entre esses, estava o Cel. Fidencio Mello, Dudu Cesar, Fernando Goelzer, Adão Issler, além do Cel. Januário, Cap. Lança Cordeiro e Fernando Caldas, secretário do Gen. Portinho – que o acompanharam desde São Paulo, para tomar parte na revolução. Éramos, como disse, 48

homens, quando saímos do Herval, levando 25 cargueiros, carregados de armas e munições. Eram winchesters calibre 38 e 44, compradas em São Paulo. Naquela estação estava sediado um contingente da Força Pública Catarinense que, além de nos proteger, muito nos auxiliou com animais para a nossa marcha, que viria abalar, dentro em pouco, o poderio da ditadura gaúcha. Além dos já citados, acompanharam-nos também os companheiros João Fagundes, Dorival Fontoura Cruz, Adão Issler e João Cony. Dois dias levamos de viagem até um passo do Rio Pelotas, divisa de Santa Catarina com o Rio Grande. Chegamos até ali, sem sermos percebidos pelos contingentes da Brigada Militar do Rio Grande, que guarnecia o Pinhal do Machadinho. Compunha-se essa força de mais ou menos 100 homens, comandados por um Tenente e um Coronel Provisório. Atravessamos o Rio Pelotas e, durante a noite, marchamos sobre Pinhal do Machadinho, que atacamos às 5 horas da manhã, surpreendendo os brigadianos dormindo, dos quais tomamos todo o armamento, 80 fuzis e bastante munição, inclusive até o fardamento de uso dos soldados e do oficial, cuja espada, com suas iniciais, guardo como lembrança. O inimigo, desbaratado, fugiu pelos matos, em direção a Marcelino Ramos e estação de Viadutos, onde, para justificar a sua

derrota, pelo telégrafo da Estrada de Ferro, espalhou a notícia de que os revolucionários haviam invadido o Rio Grande com uma forte coluna, bem armada e municada. Com tal alarme, fugiram todos os pequenos destacamentos da Brigada, que permaneciam nas estações, entre Marcelino Ramos e Boa Vista do Erechim, ficando completamente desguarnecida a Estrada de Ferro até a Estação de Sertão, facilitando-nos, assim, a tomada de todas as localidades, até Marcelino Ramos. Ficou, portanto, em poder dos revolucionários todo o setor, desde os campos de Passo Fundo até as barrancas do Uruguai ou Pelotas. Nos campos de Passo Fundo, estabelecemos os acampamentos de vanguarda, com a missão de vigilância, sobre as forças de Firmino de Paula, que estacionavam em Passo Fundo. (VII) Tormou-se, por isso, fácil ao comandante em chefe da coluna Gen. Felipe Portinho, a reunião de todos os revolucionários de Passo Fundo, Carazinho, Nonoai e Lagoa Vermelha. Estabelecemos então quartel general das forças revolucionárias na fazenda do Cel. Emiliano Paula do Nascimento, um valoroso cabo de guerra, que muito auxiliou na incorporação dos voluntários da Coluna Norte, como ficou denominada a nossa força. Em oito dias, tínhamos incorporado aproximadamente

mil homens, que em memorável reunião, naquela fazenda, já mais ou menos formados militarmente, proclamaram o então Coronel Felipe Portinho como General, Comandante em Chefe da Coluna Norte. Formaram-se quatro batalhões com os seguintes comandos: primeiro: ‘Coluna Quim Cesar’, que foi também proclamado Coronel pelos revolucionários, nessa reunião, tendo como subcomandante o Ten. Cel. João Fagundes de Souza; segundo: ‘Coluna Emiliano Paula do Nascimento’, que ficou comandado por este, tendo como subcomandante o Ten. Cel. Amaro José do Prado, um velho de mais de 70 anos e veterano da revolução de 1893; terceiro: ‘Coluna comandada pelo Cel. Salustiano de Paula’, assessorada pelo Dr. Arthur Caetano da Silva, um dos grandes paladinos da revolução de 1923, tendo como subcomandante o Major Belizario Saldanha; quarto: ‘Coluna Cel. Jango Padre’ comandada pelo mesmo, que também era veterano de 1893, tendo como subcomandante o Ten. Cel. João Cony. Foi pelo General Comandante incumbido de guarnecer a entrada do Sertão, o Cel. Jango Padre, que designou o seu subcomandante, Ten. Cel. João Cony, que ocupou com seus destacamentos as estradas da Estação Sertão e Estação Coxilha. Marchamos com o grosso da coluna em direção a Boa

Vista do Erechim, já tomada pelas forças revolucionárias, depois de ligeiras escaramuças, com um pequeno destacamento da Brigada Militar, que guarnecia a cadeia daquela cidade, aos quais aprisionamos, tomando-lhes os fuzis e munição. Depois de estabelecido o quartel general nas proximidades de Erechim, o Gen. Felipe Portinho organizou a administração municipal, designando para Prefeito o correligionário Temistocles Uchôa. Como fosse muito acanhado o espaço para acampar uma coluna já tão numerosa, resolveu o general continuar acampado nos campos de Quatro Irmãos, ali conservando os mesmos serviços de segurança. Descansamos aproximadamente um mês.” (ON nº 9.219, de 30-06; nº 9.221, de 02-07; nº 9.222, de 03-07; nº 9.223, de 04-07; nº 9.226, de 08-07; nº 9.237, de 21-07; e nº 9.244, de 29-07-59.)

Zelio resumiu os fatos ocorridos em Passo Fundo sem dispensar a irreverência: “**Comentários...** Depois de um intenso movimento sedicioso, cujos fins são por demais conhecidos dos nossos leitores; depois de um grande susto causado a muita gente boa; depois de uma pequena interrupção desta crônica, voltamos hoje a ocupar o nosso

posto. Com o movimento revolucionário que desgraçadamente surgiu neste município, apreciamos tantas coisas engraçadas que difícil é narrá-las. Assim que ele foi aparecendo e que à boca pequena iam os boatos pelas ruas, muita gente foi tratando de realizar seus *negócios* em outros pontos. Conforme iam embarcando, da Estação vinham novidades cheias de hilaridades... Os boateiros glosavam as ocorrências das despedidas de uma forma tristonha, cômica e teatral!.. E assim passavam os dias, até que veio o sítio da cidade pelas forças revolucionárias. A situação era bastante séria. Todos a encaravam com algum pessimismo... Quando o sítio apertou e que a situação piorou, que todos estavam contristados, porque o momento era de apreensão e de dúvida... em certo palacete se ouvia o som mavioso de uma orquestra! Tal fato causou estranheza e serviu para severos comentários!.. Veio depois o tiroteio pela madrugada; o momento continuava o mesmo. E assim passou mais alguns dias, a cidade sitiada e uma chuva impertinente a cair. Dia e noite se ouvia o apito continuado dos trens *misteriosos* que foram o pavor dos sitiados. Tantos dias decorreram assim que por fim o povo já estava acostumado com os tiros e boatos. Finalmente, eis que chega o general Firmino, como o anjo da paz e restabelece, com a sua presença, a

tranqüilidade e a confiança ao povo de nossa terra. Passaram mais dias, e chegou também o garboso 7º Regimento. Voltamos à completa calma. Tudo está funcionando normalmente, a não ser alguns revoltosos que vão chegando um tanto desapontados do fracasso!.. Com a chegada do bravo 7º Regimento, a nossa cidade muito tem lucrado. Todas as quintas-feiras e domingos, a excelente banda dessa gloriosa unidade do Exército, tem dado retreta na praça Marechal Floriano. Este aprazível centro que outrora era abandonado pelo nosso mundo elegante tem sido pequeno para conter a numerosa assistência que ali vai gozar sorrindo as delícias da banda musical. E nós como um pobre diabo que também muito gosta do que é bom, lá ficamos até a sua retirada. E sentado em nosso banco, sorvendo um copo de chopp gelado fabricado pelo Bade, vamos observando o que vai de novo entre os passeadores. Os demais bancos estão todos tomados e os seus ocupantes vão também tomando os seus gelados. Eis que passa um grupo de senhorinhas um tanto pintadas em demasia; mais atrás outro de umas jovens acompanhadas de seus namorados; em seguida algumas velhas também demasiadamente pintadas; vem após alguns rapazes falando nas futuras pelepas futebolescas; e finalmente, dois forasteiros que

palestravam sobre a necessidade do embelezamento de tão lindo recanto da cidade. Outras coisinhas engraçadas que ali presenciamos só contaremos a quem não for indiscreto. (...)” (A *Época* nº 102, de 1º-03-23.)

A *Época* não circulou regularmente no período em que a cidade esteve diretamente envolvida no conflito. De 28-12-22 (nº 98) a 1º-03-23 (nº 102), apenas 3 números foram publicados. O jornal mantinha o leitor informado através da coluna “***Movimento Político:*** Parece, felizmente, que o nosso Município começa a voltar à sua vida normal, depois dos acontecimentos deploráveis que são do domínio público. Atualmente não existem neste Município grupos revolucionários, tendo grande número de sediciosos se apresentado às autoridades e regressado às suas residências, depois de interrogados. Apesar disso nota-se porém ainda uma grande paralisação em matéria comercial, exceção feita de certos ramos que, como a madeira, tem saída quase direta para o estrangeiro. Mesmo com esses produtos, entretanto, há uma grande diminuição de movimento. É certo pois, que, em matéria comercial os nossos prejuízos serão consideráveis, existindo além disso uma espécie de moratória forçada que vem

agravar ainda mais a situação comercial. A nossa vida social, pelo contrário, achase já completamente normalizada, sendo de notar nesse ponto, o auxílio trazido pela permanência do 7º Regimento nesta cidade. Os concertos públicos, dados à praça M. Floriano, pela excelente banda dessa unidade militar, tem sido um aspecto novo em nossa vida social, atraindo àquele local, três vezes por semana, grande número de pessoas. **Movimento de forças.** Partiu desta cidade, em 18 do mês passado, a brigada do general Firmino de Paula, em dois trens, com destino a Santa Bárbara, donde seguiu para Palmeira. No dia imediato deixou a cidade também, um forte contingente da Brigada Militar, composto de infantaria e cavalaria, sob o comando do coronel Claudino Nunes Pereira, força essa que seguiu para Nonoai. Afora esse movimento, nenhum outro deslocamento de força se efetuou neste município. **General Firmino.** Dias após a partida da brigada de seu comando, o general Firmino de Paula seguiu também para Palmeira onde foi dirigir as operações de sua força. Antes de sua partida, foi-lhe oferecido no Club Pinheiro Machado, pelo partido republicano local, uma recepção, que esteve muito concorrida. Nessa ocasião falou o sr. Antonino Xavier, respondendo pelo general Firmino, o dr. Homero

Baptista, juiz desta Comarca. (...)” (A Época nº 102, de 1º-03-23.)

“Depois de um período relativamente longo de calma, a nossa cidade começou novamente, nesta semana, a ser agitada pelo boato. Domingo correu que as forças revolucionárias se achavam à vista da cidade. Não poucos foram os que se deram ao trabalho de ir verificar pessoalmente esse fato, sabendo-se afinal que não passava a notícia de uma *guiába* como chama humoristicamente o nosso povo aos boatos mentirosos. Durante os primeiros dias da semana, continuaram porém, a correr boatos da aproximação de revolucionários, notando-se ainda certo movimento nas forças que compõem a guarnição da cidade. Parte da Brigada do general Firmino de Paula transferiu o seu acampamento do rio P. Fundo para o Boqueirão, alojando-se pouco adiante do Instituto Ginásial. Outra força dessa mesma Brigada, transferiu-se para terrenos de propriedade do sr. Armando Annes, nas proximidades da casa do sr. João Cruz Alta. Além disso, foi aumentado o serviço de vigilância ao redor da cidade, não se sabendo porém, até agora, nada de positivo a respeito da possibilidade de um ataque a esta cidade. A nossa população, entretanto, pela força

de hábito, mantém-se em perfeita calma, dando pouca importância aos boatos correntes.” (A Época nº 106, de 19-04-23.)

Na manhã de 19-10-23 desembarcou na gare da viação férrea, com sua comitiva, o general Fernando Setembrino de Carvalho, ministro da guerra. Deixou a cidade às 13 horas do mesmo dia, tempo suficiente para inaugurar as instalações do quartel, com o descerramento de uma placa. (A Época nº 132, de 21-10-23.) A atuação do uruguaianense Setembrino de Carvalho foi fundamental na pacificação do Rio Grande do Sul.

Em abril e maio de 1923, tomando por base o Relatório apresentado a 1º-11-22, pelo Intendente Nicolau Vergueiro ao Conselho Municipal, A Época publicou um resumo da história administrativa do município. Localizamos na sua integralidade apenas os capítulos I, II e IV, referentes à “Instrução Pública”, à “Higiene e Saúde Pública”, e à “Receita Ordinária.”

“Instrução Pública. Aqui, é necessário que voltamos para trás e procuremos ver a instrução pública

desenvolver-se em nosso ambiente, como em terra fértil, através dos anos. Em **1903** apenas lançava à flor da terra o seu primeiro rebento. Existiam no município somente 8 aulas, cuja freqüência é ignorada. O governo municipal dispendeu com a instrução, nesse ano, a minguada quantia de 36\$000, fornecendo móveis para uma escola. Em **1907** já o rebento tomara certo vulto: existiam no município um total de 12 aulas, sendo 10 estaduais, 1 municipal e 1 particular. Faltam dados sobre a matrícula, mas nesse ano já a administração municipal dispendia com a instrução pública a importância de 1:568\$000, dando ensino grátis a 15 alunos pobres no colégio dos Irmãos Maristas, desta cidade, colégio que prestou à nossa população inolvidáveis serviços, e subvencionando uma aula no Pontão. Em **1910** já aparece o arbusto. Não dizem os dados oficiais se as aulas estaduais foram ou não aumentadas, mas o certo é que o município, por si só, subvencionava já 7 escolas, dispendendo na respectiva verba de instrução 3:168\$000. Em **1914** o arbusto tomara formas de uma pequena árvore: 29 escolas, subvencionadas pelo governo do Estado, estavam espalhadas pelo município, com uma freqüência de 1.209 alunos. A municipalidade, em vista do auxílio estadual, desonerou-se, em grande parte, dessa despesa, limitando os

seus gastos a 626\$100, não prejudicando esse fato o desenvolvimento do ensino, apreciado sob um ponto de vista geral. Não consta nessa época o número das escolas particulares. Em **1919** ainda a árvore cresceu, e o relatório apresentado ao Conselho consigna um grande passo no avanço da instrução pública, existindo no município 45 aulas, das quais, 6 eram estaduais, 30 subvencionadas pelo Estado, 8 pela municipalidade e 1 pelo governo federal, elevando-se a população escolar a 1.834 pessoas. A intendência dispensou com essa verba, 4.5312\$000. Finalmente em **1922**, no novo relatório apresentado pelo dr. Nicolau Vergueiro, vê-se que a árvore simbólica distendeu galhos frondosos e enrijou o caule, num constante crescimento. Dispendeu a intendência com a instrução 6.950\$000, existindo no município 98 escolas com uma matrícula de 5.083 alunos, as mais elevadas cifras que tivemos até agora. Estas diferentes aulas estão assim distribuídas:

Subvencionadas pelo Estado

- 1º distrito 7 com 239 alunos
- 2º distrito 2 com 52 alunos
- 3º distrito 6 com 215 alunos
- 4º distrito 2 com 80 alunos
- 5º distrito 2 com 69 alunos
- 6º distrito 1 com 28 alunos

7º distrito 2 com 54 alunos
8º distrito 4 com 152 alunos
9º distrito 5 com 263 alunos
10º distrito 3 com 91 alunos

Subvencionadas pelo Município

1º distrito 3 com 105 alunos
2º distrito 5 com 141 alunos
3º distrito 1 com 26 alunos
4º distrito 1 com 53 alunos
5º distrito 2 com 67 alunos
6º distrito 1 com 67 alunos
7º distrito 6 com 1.731 alunos
9º distrito 1 com 49 alunos

Estaduais

1º distrito 2 com 638 alunos
2º distrito 1 com 35 alunos
4º distrito 3 com 137 alunos

Particulares

1º distrito 8 com 453 alunos
4º distrito 2 com 91 alunos
7º distrito 5 com 184 alunos
8º distrito 1 com 30 alunos

Subvencionada pela União

7º distrito 1 com 33 alunos

Fazendo, pois, um resumo geral, verifica-se que o número de aulas e alunos, por distritos é o seguinte:

1º distrito	20	com	1.435	alunos
2º distrito	8	com	228	alunos
3º distrito	7	com	241	alunos
4º distrito	8	com	361	alunos
5º distrito	4	com	136	alunos
6º distrito	2	com	95	alunos
7º distrito	14	com	2.002	alunos
8º distrito	5	com	182	alunos
9º distrito	6	com	312	alunos
10º distrito	<u>3</u>	com	<u>91</u>	alunos
Total	77		5.083	

A comunidade católica de Não-Me-Toque, possui 21 escolas com 1.336 alunos, número que incluímos supra-englobadamente, montando assim 98 o número de escolas em nosso município. Por estes simples dados, é bastante fácil ver-se o progresso ininterrupto de P. Fundo no tocante ao grave e debatido problema da instrução pública. Se considerarmos que este município, em

toda a sua extensão territorial, que abrangia então o atual município de Erechim, possuía, em 1903, apenas oito escolas, e que hoje, só o 2º distrito, cuja sede é Campo do Meio, possui o mesmo número, podemos dizer, sem temor de erro, que a instrução pública em P. Fundo, foi criada nestes últimos 20 anos. E não só em quantidade, mas principalmente em qualidade modificaram-se as nossas condições escolares de uma forma grandemente lisonjeira. Possui hoje esta cidade, com o ‘Instituto Gymnasial’ e o ‘Collegio Elementar’, dois estabelecimentos de ensino que, se não são modelares, estão infinitamente acima das humildes e rotineiras escolas rurais de 1903. Tomem por base estes últimos vinte anos, os pessimistas da pátria, meditem sobre a bela soma de 5.083 alunos que o município apresenta atualmente, e vejam, escudados em bons dados, se há verdadeiramente motivo para esse lamuriento desespero de esquina, a respeito da instrução, desespero pessimista que já se tornou banal, à força de repetição. (...) Confiemos somente que a nossa instrução pública prossiga na sua marcha incansável; e como uma bela esperança futura, diz o dr. Nicolau Vergueiro em sua mensagem ao Conselho Municipal: ‘Solicito-vos no respectivo projeto de orçamento, a

decretação de uma verba de 14:400\$000 rs. para, no próximo exercício, subvencionar 24 aulas. Esse auxílio é pequeno, mas atualmente não comporta ao município maior e melhor gratificação. Outrossim, em face do pedido que fiz ao Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado, que muito se interessa por esse problema, espero que teremos também sensível aumento de verba para a instrução pública.’ É pois bastante próspero o estado presente da difusão do ensino em P. Fundo, sendo animadores os esforços que o atual intendente tem empregado na sua melhoria.” (A Época nº 107, de 26-04-23.)

“Julgávamos definitivamente encerrado o assunto de nossa última palestra, sobre a instrução pública neste município, quando nos vieram às mãos novos dados que não queremos deixar à margem, tratando-se de tão interessante matéria. Damo-los pois, sem comentários, para passarmos adiante. No corrente ano, o governo do Estado fixou a verba de 775.800\$ para a subvenção de 1293 escolas nos diversos municípios. De todos, o melhor contemplado nessa verba é o de Vacaria, com 42 aulas e 25.200\$. Está no extremo oposto o de Erechim, com 2 escolas e 1.200\$. Para P. Fundo foi

fixado o número de 32 aulas e a verba de 19.200\$, sendo assim, um dos municípios mais auxiliados pelo Estado. Acima dele encontramos, além de Vacaria, somente Alfredo Chaves, com 37 escolas e 22.000\$ e S. Ângelo, com 37 aulas e 22.200\$. Outros e mais interessantes dados que conseguimos, referem-se ao analfabetismo, onde é curioso compararmos a nossa situação com a de outros municípios. Dizem respeito, essas notas, ao ano de 1921 e tomam unicamente por base os casamentos realizados. Nesse período, entre 724 nubentes, neste município, 559 eram alfabetos e 165 eram analfabetos, o que dá uma porcentagem dos que sabem ler, à razão de 77,21%. Estrela, com 95,16, oferece-nos a maior porcentagem, e Torres, com 37,35, a menor. Nessa mesma base, P. Fundo ocupa em matéria de instrução o 19º lugar entre os 72 municípios do Estado, havendo grande número de municípios importantes que lhe são inferiores, como Pelotas, S. Maria, Cachoeira, Alegrete, S. Borja, Jaguarão, Livramento, S. Gabriel etc. A porcentagem média do Estado, nas condições supras, era de 76,6, estando assim o nosso município superior a essa média. Por estes dados, fica ainda melhor demonstrado o que dissemos em nosso número passado, a respeito do indiscutível progresso de P. Fundo na

senda da instrução pública.” (A Época nº 108, de 03-05-23.)

As 8 aulas subvencionadas pela Intendência até fins de 1919 foram suprimidas no exercício de 1920 pelo Conselho Municipal, por motivos de economia. (Sá Britto, Renato, op. cit.)

Em 1903 funcionava na cidade a escola particular primária do professor “João Gulart”, que teve como alunos Pindaro Annes, Arnaldo Becker, Demétrio Bolner, Felipe Marques, Aparício Langaro, entre outros. (Annes, Sérgio Paulo. Pindaro Annes – Pai (1894-1969), *in* Notas Históricas, internet.)

A 21-09-1903 ocorreu a inauguração solene da Escola Guilherme Dias, fundada sob os auspícios da Loja Concórdia do Sul, nesta cidade, para o ensino noturno gratuito, mantido por algum tempo com bom número de alunos. (ON nº 1604, de 08-09-33.)

Em 1906 os Irmãos Maristas se estabeleceram em Passo Fundo com o Colégio São Pedro. No 1º ano contou com 33 alunos. O diretor era o Irmão Tarcísio. Funcionou numa casa

localizada nas proximidades da atual Praça Tamandaré até 1908, quando se mudou para a Rua do Comércio (Avenida Brasil, esquina com a Rua Marcelino Ramos). A criação do colégio fazia parte de um “movimento de reativação de fé” iniciado na cidade pelo Pe. Pedro Wimmer. O poder público subvencionava com o valor mensal de 1:000\$000. Em 1908 o novo intendente, coronel Gervasio Lucas Annes, suprimiu a subvenção, inviabilizando o funcionamento do colégio. A cobrança de mensalidade não surtiu efeito devido ao número reduzido de matrículas. Fechou em abril de 1910, ocasião em que era dirigido pelo Irmão Thomas de Vilanova. (Cfe. Irmão Salvador Durante; Portal Marista, internet; Rosso, Miriam Beatriz Maraschin e Dala Lana, Rosane. Panorama da Instrução em Passo Fundo na Década de 1920. Passo Fundo: UPF, 1997; e Gehm, Delma Rosendo, op. cit.)

A 15-12-1909 o professor Christiano Nobrega Lins, diplomado pela “extinta Escola Normal do Estado”, auxiliado pela sua filha, Nicolina Lins, abriu cursos de ensino primário e secundário para ambos os sexos. Preparava candidatos ao magistério e também lecionava em casas particulares. As aulas fecharam em 1911. Lins foi o

primeiro diretor do Elementar. (O Gaúcho nº 13, de 02-04-10; e Vergueiro, Nicolau Araujo, A História do Ensino em Passo Fundo, *in* Revista Anuário nº 1, 1957/1967, Faculdade de Filosofia da UPF, 1967.)

A 1º-09-1911 um curso particular de primeiras letras, bordados e trabalhos de agulhas foi aberto na Rua Moron, proximidades da fábrica Siqueira & Lemos, pelas professoras Luiza M. Reis e Olina Alves de Souza. (O Gaúcho nº 35, de 14-09-11.)

“INSTRUÇÃO PÚBLICA. A instrução pública no município é ministrada pelo *Colégio Elementar*, fundado nesta cidade pelo Governo do Estado, em 1911, num prédio de propriedade particular, para tal fim alugado, cujo prédio se acha situado à Avenida Brasil, em ponto central da cidade; 8 *escolas públicas*, localizadas: 1 nesta cidade, à Praça da República; 2 na sede da colônia Erechim; 1 no Tope, 5º distrito; 2 no Carazinho, 4º distrito; e 1 no Não-Me-Toque, 7º distrito; e mais 28 *escolas subvencionadas* pelo Estado, assim localizadas: 7 no 1º distrito; 1 no 2º; 4 no 3º; 1 no 5º; 8 no 7º; e 7 no 8º. Funcionam também muitas escolas particulares, das quais merecem especial

menção o *Colégio N. S. da Conceição*, fundado nesta cidade, no ano passado, pelo distinto educacionista, professor Dr. Emilio Stigler, que relevante serviço vem prestando à causa da instrução. (...) Escusado é dizer-vos que o número de escolas no nosso município, que possui a vasta superfície de 35.000 quilômetros quadrados e uma população superior a 80.000 habitantes, não está relativo e tampouco difunde como é necessária a instrução, base de todos os ideais humanos.” (O Gaúcho nº 47, de 04-12-15, extraído da Mensagem Intendencial de 27-02-15.)

Criado pelo Decreto nº 1706, de 1º-03-11, o Elementar iniciou suas atividades a 1º-04-11, no mesmo prédio do antigo Colégio São Pedro e onde vinha funcionando a escola do professor Lins. Em 1914 o corpo docente era formado pelo diretor Nestor de Oliveira (3ª classe) e as professoras Dinah Dias Gomes, Maria Carolina de Lemos Schneider (1ª classe), Anna Luiza Ferrão Teixeira, Affonsina da Cunha Tufwesson (2ª classe) e Eulina J. Bernardes Braga (3ª classe). (O Gaúcho nº 13, de 06-04-11; nº 11, de 05-04-14.) Em 1929 foi instalado no edifício atual, na antiga Praça da República, com o nome de Colégio Elementar Protásio Alves.

Eulina Josina Bernardes Braga (1886-1958) foi designada para o Elementar em 1912. Em 1920, quando assumiu a direção do colégio, este contava com 423 alunos e 8 professores. Permaneceu no cargo até abril de 1939, quando foi substituída por Arnoldina P. Caminha. Em 1927 pleiteou e conseguiu do Governo do Estado a construção do prédio do colégio. Dois anos mais tarde, idealizou a criação da Escola Normal Oswaldo Cruz, destinada à formação de professores, projeto concretizado pelo Dr. Vergueiro. Pleiteou também, junto à Secretaria do Interior, a criação do Grupo Escolar da Vila Rodrigues, a fim de descentralizar o Elementar. Trabalhou incansavelmente na alfabetização de adultos, transformando-os em novos eleitores, na campanha da Aliança Liberal. Em 1929 foi homenageada com uma placa de mármore nas dependências do colégio. (ON nº 497, de 03-11-29; nº 3025, de 19-06-38; nº 3378, de 29-08-39; e nº 8829, de 08-03-58.)

Em 1912 o poeta, jornalista e teatrólogo santiaguense Manoel do Carmo (1891-1951), ex-professor da escola do casal Ancarani e ex-diretor do jornal O COMBATENTE, ambos de Santa Maria, fundou nesta cidade o

Colégio Clemente Pinto, curso primário para meninos e meninas e aulas noturnas para adultos. O poeta deixou a cidade no início de 1914. (O Gaúcho nº 25, de 22-06-12; e nº 9, de 22-03-14.)

O Colégio Nossa Senhora da Conceição foi criado pelo professor Emilio Stigler em 1914. Os cursos preliminares e o 1º grau funcionaram, a princípio, na sede da Sociedade Italiana, na Praça Marechal Floriano. Era misto e fechou em 1919. Reabriu a 02-02-22, sob a direção do fundador, na Rua Paissandu nº 52. Em 1923 a superintendência do agora Ginásio estava a cargo do Pe. Pedro Wimmer P. S. M. e o Corpo Docente era o seguinte: Pe. Erasmo Raabe P. S. M., religião; Emilio Stigler, línguas; Rosalina Paes, curso complementar; Edith Issler, primário; e Annita Morsch, pintura. Nesse ano o número de alunos chegou a 157. A 02-04-23, “anexo” ao Ginásio, na Avenida Brasil nº 114, abriu-se uma “seção” para meninas, “até que assumam a direção as Freiras, que esperamos”. A 15-01-29 os Irmãos Maristas assumiram efetivamente a direção do Ginásio, substituindo os Padres Palotinos. A 24-11-29 foi lançada a pedra fundamental do novo prédio, inaugurado a 19-10-30, na Rua Teixeira Soares, construção dirigida pelo próprio diretor, Irmão Emilio

Cesário. (O Gaúcho nº 41, de 1º-11-14; A Época nº 54, de 09-02-22; nº 107, de 26-04-23; Mensagem do Intendente, 1923; ON nº 371, de 17-01-29; nº 492, de 21-11-29; e Jornal da Serra nº 3, de 21-05-30.)

Natural de Bouzouville, França, o Irmão Emilio Cesario entrou para a congregação dos Irmãos Maristas em 1898. Bacharelou-se em 1904, pela Academia de Marselha, ano em que veio para o Brasil. Designado para o Colégio São Pedro, aqui permaneceu até 1908, quando se transferiu para Bom Princípio. Entre 1916 e 1922 dirigiu o Colégio São José, em Porto Alegre. Em 1929 voltou a Passo Fundo, onde assumiu a direção do Ginásio Nossa Senhora da Conceição. Dirigiu também o Instituto Champagnat. (Jornal da Serra nº 3, de 21-05-30.)

O Instituto Ginásial, da Igreja Metodista, fundado em 1919, iniciou suas atividades a 15-03-20, num edifício de madeira, localizado nos fundos do templo, na Avenida Brasil. Foi seu primeiro diretor o reverendo Jeronymo Walter Daniel. Em 1921 abriu no Boqueirão um internato e externato para rapazes. No dia 29-09-21, na antiga Praça da Boa Vista, cedida pela municipalidade, foi lançada a pedra

fundamental do novo prédio, inaugurado em 1923. Em setembro de 22, por ocasião dos festejos do Centenário da Independência, as obras foram pela primeira vez franqueadas à visitação pública. O prédio principal, “com imponente pórtico de estilo jônico”, recebeu o nome de “Texas”, em homenagem aos alunos da universidade norte-americana que auxiliaram com recursos para a construção. O segundo, destinado ao internato, denominou-se “Daniel”, em reconhecimento ao 1º diretor. No prospecto para o ano letivo de 1922 o IG oferecia os seguintes cursos: primário, elementar, ginásial, preparatórios, música, prática de agrimensura, comercial, instrução cívica e moral, não havendo obrigatoriedade religiosa. O corpo docente era constituído por Daniel Lander Betts (diretor), Antonino Xavier, J. Earl Moreland, Artur Souto Ribeiro, Ataliba de F. Barros, José Slonczewski, Eula Harper, Odette de Oliveira, Francisca Betts, Dolores Barreto Eichenberg, Januaria Pinto Porto e Carolina Becker. Como ajudantes José Penna, Pedro Marques da Rocha e Uberto Barbieri. A 30 de abril de 1923 havia 197 alunos matriculados, sendo 127 meninos e 70 meninas. Foi municipalizado a 12-01-27. A inauguração do “Gynasium W. R. Schisler” ocorreu a 21-08-34. (Vergueiro, Nicolau Araujo, op. cit.; A

Época nº 54, de 09-02-22; nº 82, de 31-08-22; Mensagem do Intendente, 1923; ON nº 388, de 28-02-29; nº 1.035, de 30-09-31; nº 1.886, de 21-08-34; nº 3.025, de 19-06-38; e nº 7.295, de 09-01-53.)

A Sociedade União Israelita Passo-Fundense, fundada a 22-08-21, mantinha em suas dependências, na Rua General Osório, salão de baile, teatro, biblioteca, colégio e sala de leitura. Nesta havia vários retratos de celebridades mundiais. Em 1930 a sociedade era presidida por Marcos Bronstein. O diretor do colégio era Isaac Blazer. (ON nº 626, de 23-05-30; nº 670, de 15-07-30; e nº 2.486, de 24-08-36.)

Em 1921 a educadora Ana Willig (1863-1953) instalou uma escola particular na Rua Moron, conhecida como a “Escola de Donana”. (ON nº 7.329, de 20-02-53.)

A 07-06-23 aqui chegaram as religiosas do Colégio Notre Dame. Foram designadas para Passo Fundo as Irmãs Maria Firmine, Colomana, Gema, Luísa e Arnolfa. Já no 1º domingo foram à porta da igreja distribuir folhetos anunciando a abertura do colégio no dia 1º-08-23, na Rua Moron, antiga “Casa

Verde”. Devido à quantidade de alunas matriculadas, mudaram-se no final do mesmo ano para a Rua Bento Gonçalves, local onde funcionou posteriormente o Hotel Franz. O lançamento da pedra fundamental do novo edifício do Notre Dame, na Av. Brasil, ocorreu às 11h do dia 15-12-29. A construção pôs abaixo a antiga Casa da Câmara, velho prédio que pertencera ao major Cesario Antonio Lopes. O ano letivo de 1931 iniciou-se no novo endereço. (Gazeta nº 89, de 17-12-29; *João d’Ouro*, *in* ON nº 2.406, de 18-05-36; e Ir. Loiva Urban. Notre Dame diz quem é, falando do seu passado! *in* ON nº 13.924, de 05-06-75.)

“Cumprindo nossa promessa, fizemos uma ligeira visita ao colégio de *Notre Dame* que as Irmãs dessa comunidade religiosa mantêm nesta cidade, instalado no edifício de propriedade do capitalista João Langaro, na Rua General Bento Gonçalves. A casa, em estilo assobradado, dispõe de acomodações para trinta pensionistas, com dormitórios servidos por luz direta, confortável refeitório e uma vasta esplanada, para recreio, na altura do sobrado, além de pátio ao rés-do-chão destinado ao descanso das alunas nos intervalos das aulas. Ficam situadas embaixo todas as aulas, inclusive as

diversas salas de ginástica, trabalhos manuais, pintura, música, sala de visita e a capela de Nossa Senhora para as práticas da religião católica. O corpo docente é composto de sete professoras, sendo cinco freiras e duas leigas, d. Rosalina Paez e senhorinha Edith Issler, elevando-se a 98 o número de alunas das quais somente oito são pensionistas. Notamos que o senhor proprietário do edifício devia substituir por janelas algumas das tantas portas da frente, impedindo assim a penetração do pó nas aulas, pois a Rua Bento Gonçalves, como todas as da cidade, por falta de calçamento, é duma poeira insuportável. Indiscutivelmente a fundação do colégio das freiras é de grande utilidade pública e, nestas condições, registramos com prazer o seu auspicioso funcionamento entre nós, desejando-lhe prosperidades.” (A Voz da Serra nº 6, de 03-04-24.)

“Protesto contra a venda de uma praça. Ao sr. Armando Annes, intendente municipal, foi dirigida por numerosos habitantes da Vila Rodrigues, o ofício que abaixo transcrevemos, a pedido especial dos interessados: ‘Passo Fundo, 10 de agosto de 1928. Exmo. Sr. Armando Annes, M.D. Intendente, N/Cidade. Nossos saudaes: Tomamos a liberdade de levar ao conhecimento de V.

Ex^a um fato que não só prejudica, mas também afronta os habitantes da Vila Rodrigues, principalmente daqueles que nela se tornaram proprietários. Entramos, sem mais preâmbulos, no ponto capital: quando a referida vila foi organizada, o coronel Faustino Rodrigues, para vender com mais facilidade os lotes, dizia a meio mundo: ‘teremos uma praça arborizada, quiosque, luz elétrica, igreja, ruas abertas, etc., etc.’ O povo, iludido com essas promessas, confiando num grande futuro, volveu suas vistas para este recanto de Passo Fundo, comprando terras e construindo casas. As promessas não foram cumpridas: o coronel Faustino Rodrigues, depois de embolsar uma centena de contos de réis, chamou-se ao silêncio e agora lança, aos habitantes desta zona, a afronta máxima, vendendo a praça da vila à Irmandade Notre Dame. Como V.Ex^a e todo o povo de Passo Fundo sabe, essa praça, que consta no mapa da cidade, foi batizada e tomou o nome de Brasil. Não vimos pedir luz nem abertura de ruas a V. Ex^a: apelamos unicamente para vós no sentido de que a praça da vila não desapareça de forma alguma. O coronel Faustino Rodrigues, quando souber desse protesto, estamos certos que dirá: ‘Não vendi a praça; fiz doação de uma parte dela para a construção de um colégio’. Nós, porém, sr. Intendente, não concordamos com

isso; nunca ouvimos dizer que se construísse um colégio de freiras numa praça pública. Se a praça for dividida ao meio, como se pretende fazer, sobrarão apenas uma tira de terra, que será vendida, mais tarde, em diversos lotes, a quem melhor oferta fizer... A praça desaparecerá definitivamente. Essa é que é a verdade nua e crua, sem atavios e sem subterfúgios! Esperamos que V. Ex^a venha ou mande uma pessoa estudar o terreno e tirar conclusões categóricas, insofismáveis! Vamos sugerir uma idéia: a Irmandade Notre Dame que venda à Municipalidade a parte de terra que recebeu e, com esse dinheiro, adquira um outro terreno, mais apropriado, para a construção do colégio. Por todos os recantos da vila, há magníficos terrenos para serem vendidos por baixos preços. Apelamos também ao coronel Faustino Rodrigues, que deve ser o patrono da vila, porque nela perpetuou o seu nome, para que o mesmo faça doação da outra parte da praça à Municipalidade, satisfazendo assim a aspiração daqueles que o julgarão na posteridade. (...) (Seguem-se mais de cem assinaturas.)” (ON nº 326, de 15-08-28.)

Esse protesto liderado por Gomercindo dos Reis foi apenas o início de uma longa disputa pela Praça Brasil.

Frustrada a realização do negócio com as Irmãs do Notre Dame, o coronel Faustino Rodrigues da Silva permaneceu reivindicando a área até a morte, ocorrida no dia 22-05-34. Contava com 58 anos de idade. (ON nº 1.812, de 22-05-34.)

A 1º-08-27 abriu-se na capela respectiva a Escola São Vicente de Paulo, destinada às crianças pobres do Boqueirão. Gratuita e com fornecimento de livros, o número de matrículas chegou a 147 em 1928. Em 1930 lecionavam na escola dos Vicentinos as professoras Francisca Mauermann e Ercia Bastos. (ON nº 324, de 08-08-28; e nº 613, de 07-05-30.)

A 03-04-29 a Escola Complementar foi inaugurada no prédio do Club Pinheiro Machado. A 05-07-32 passou para o do antigo teatro, cedido pela Prefeitura, haja vista a mudança do Forum para a Av. General Neto. Reinaldo Heuer ocupou a direção até 18-04-32, sendo substituído por Mathilde Hasslocher Mazon. (ON nº 402, de 04-04-29; e nº 3.025, de 19-06-38.)

A 09-04-30 foi criado o Grupo Escolar do Boqueirão. A aluna-mestra Maria Alba Braga ministrava as aulas.

Assimilado no ano seguinte pelo Grupo Escolar Fagundes dos Reis, teve como primeira diretora Adelina Carpes Ranieri (1887-1934). Funcionou entre outros lugares na Av. Brasil, esquina com a Rua 20 de Setembro. (ON nº 563, de 08-03-30; nº 1.536, de 19-06-33; nº 1.880, de 14-08-34; e Gehm, Delma Rosendo, Cronologia do Ensino em Passo Fundo, Prefeitura Municipal de Passo Fundo, 1976.)

“Higiene e Assistência pública. Embora deslocando a ordem observada no relatório municipal de 1922, tentaremos estudar em seguida, esse outro problema de indubitável importância social: a higiene pública. E fazemo-lo já, porque ele se prende ao problema da instrução. A higiene é a saúde do corpo; a instrução, de alguma sorte, a higiene da alma. Esse ramo do serviço público parece ter sido criado nesta cidade, mais ou menos oficialmente, em 1902. Interessou-se a municipalidade nesse assunto, até então afastado de suas cogitações, pelo sensível acréscimo da mortalidade, nos dez primeiros meses daquele ano – 48 óbitos, sobre todo o ano anterior – 21 óbitos. O dr. Custódio de Souza que, num gesto humanitário, oferecera gratuitamente os seus serviços, foi o iniciador da

assistência pública em P. Fundo. Apesar da natural salubridade, desta zona, favorecida pelo clima, pela altitude e mesmo, pela sua topografia, não tardou que fossem aparecendo na cidade moléstias novas, quase todas importadas, que exigiam um mais intenso serviço de profilaxia. A varíola, por exemplo, irrompeu aqui em 1905, obrigando a intendência a tratar do serviço de vacinação, no que foi gratuitamente auxiliada pelos srs. Gezerino Lucas Annes, Oscar Pinto de Moraes, Arnaldo Luiz Hoffmann, Roberto Cunha e Orozimbo Silva. Três anos depois, grassou também aqui, com caráter epidêmico, pela primeira vez, a varicela, alarmando esse fato a população. Providenciou-se na respectiva vacina, prestando seu gratuito concurso nessa difusão, além dos srs. supramencionados, o dr. Nicolau Vergueiro. Em 1915 a propagação já adiantada em nosso ambiente, de uma enfermidade mais grave, a tuberculose pulmonar, sobressaltou a municipalidade que criou definitivamente o cargo remunerado de médico municipal, ocupando-o o dr. Fernando Carvalho. A irrupção desse mal entre nós, é explicada muito claramente, pelo coronel Pedro Lopes de Oliveira no seu relatório de então: ‘O obituário desta cidade, acusa um grande número de casos que tem como causa essa terrível

enfermidade (a tuberculose). Há pouco, observavam-se aqui, espaçados casos desta moléstia, mor parte deles em pessoas forasteiras que aqui vinham atraídas pelo clima admirável do município, ou em observância de prescrições médicas, em busca de lenitivo à sua enfermidade; hoje, infelizmente os casos de tuberculose se equilibram em número, entre forasteiros e moradores, existindo irradiações do terrível mal, por diversos pontos da cidade. O cavalherismo do povo passo-fundense não divisa barreira e daí a desastrosa conseqüência etc.’ Justamente a benignidade do nosso clima que nos deveria preservar da tuberculose, foi a causa primária da sua importação. Em 1918, foi o dr. Fernando Carvalho substituído no cargo de médico municipal pelo sr. Oscar Pinto de Moraes, tendo a municipalidade criado idêntico cargo em Carazinho desde logo ocupado pelo dr. Eurico Araujo. Nessa época irrompeu no município a inolvidável ‘influenza hespanhola’ que, dado o seu caráter transitório, nenhuma conseqüência maior ocasionou. Sob o ponto de vista da higiene pública pouco se fez porém, em nosso município. A municipalidade procurou efetivar o serviço de remoção de matérias fecais tendo contratado esse serviço com o sr. Alberto de Mattos Bandarra. Esse

importante empreendimento higiênico, cuja principal vantagem era evitar a contaminação dos poços de água potável, contaminação essa que inutiliza completamente a famosa excelência das nossas águas, teve infelizmente, vida efêmera, rescindindo-se o contrato algum tempo depois, pela completa interrupção do respectivo serviço. Cuidou também a administração municipal na construção de um matadouro público, melhorando assim as condições higiênicas da distribuição da carne. Projeto de maior monta porém, no tocante à salubridade e saneamento desta terra, foi o apresentado em 1919 pelo engenheiro civil F. Saturnino Rodrigues de Brito, contratado pela intendência, dizendo respeito à colocação de uma hidráulica e esgotos na cidade. Esse projeto entretanto não foi levado adiante e sobre ele falaremos ainda mais extensamente. São estes, em resumo, os dados que podemos colher a respeito do desenvolvimento desse serviço em nosso município, dados, como se pode ver, bastante falhos e sem a coordenação necessária para que sirvam de base a uma estatística sanitária. Nota-se mesmo grande deficiência dessas informações nos relatórios municipais. A respeito do obituário na cidade, por exemplo, nada consta de 1911 até esta data, existindo dados somente anteriores a esse ano, informações essas que

deixamos aqui estampadas por curiosidade:

1902	–	21	óbitos
1903	–	55	“
1904	–	47	“
1905	–	38	“
1906	–	61	“
1907	–	39	“
1908	–	50	“
1909	–	60	“
1910	–	120	“
1911	–	75	“

No tocante à *causa mortis*, estudo de especial importância em todo o serviço de higiene bem organizado, há ainda mais absoluta deficiência. Somente conseguimos apurar que em princípios deste século as moléstias que traziam o maior coeficiente para a mortalidade eram as doenças do coração e a *bronquite*, havendo uma ausência quase completa das moléstias infecciosas, ao passo que de 1915 para cá, a tuberculose pulmonar tomou saliente papel no concerto das doenças mortais. Deduz-se dessas falhas que os governos municipais, talvez mesmo pela natural salubridade local, pouca atenção

prestaram ao problema da higiene, não acontecendo o mesmo com a assistência pública a que dedicaram especial cuidado, como se vê pelas verbas dispendidas com esse serviço:

1903	2.026\$360
1904	2.392\$060
1905	1.512\$450
1906	1.347\$850
1907	869\$240
1908	2.321\$500
1909	2.084\$750
1910	2.250\$200
1911	1.600\$100
1912	1.763\$700
1913	2.342\$200
1914	4.408\$200
1915	7.760\$500
1917	6.910\$000
1918	20.157\$310
1922	12.505\$833

Feito assim esse modesto rascunho do passado, em nosso próximo número, trataremos do estado atual da higiene e assistência pública neste município, bem como de algumas inovações que

julgamos necessárias nesse ramo.” (A Época nº 108, de 03-05-23.)

Em 1931 esse trabalho reapareceu atualizado no jornal O NACIONAL: (...) **“Assistência Pública Municipal de 1915 a 1925 – III.** Com a criação em 1915 do departamento municipal de assistência pública, conforme mostramos em nossa edição de ontem, dirigido por um profissional remunerado, era de se esperar que esse importantíssimo ramo administrativo se desenvolvesse rapidamente nos anos seguintes. Tal não se deu, porém, e as cifras no-lo dizem com clareza matemática. Em 1915, a Intendência, que arrecadou a receita de 200 contos, gastou apenas 7.760\$500, com a assistência, incluindo-se nesse montante escasso, os vencimentos do médico municipal. Dois anos depois, em 1917, quando a população urbana já se desenvolvia extraordinariamente e a renda pública subia para 245 contos, a assistência custou apenas, ao município, 6.910\$000. Cinco anos depois, em 1922, essa verba aumentou somente para 12.505\$833. O serviço estagnado durante esses anos melhorara algo e o dr. Araujo Vergueiro, então intendente, podia informar em seu relatório desse ano que: ‘pelo médico municipal, dr. Odilon Berendt de Oliveira, foram atendidos

para mais de 400 doentes e fornecidas 921 fórmulas, além de outras medicações especiais, para várias intervenções cirúrgicas, assim como 13 injeções de novoarseno benzol. Nesta cidade foram vacinadas contra a varíola para mais de 500 pessoas no consultório do dr. Odilon, sendo fornecidos 100 tubos daquela linfa a particulares.’ Era alguma coisa, mas excessivamente pouco em relação às necessidades locais. Basta para prová-lo citar o fato de, em 1924, último ano dessa administração, serem 33% dos óbitos registrados como sem assistência médica. Não pode haver mais dolorosa estatística. Em cada 100 pessoas falecidas, 33 morreram à toa como animais, sem que mesmo se soubesse de que morreram. Ninguém lhes podia atestar a causa mortis. E se considerarmos que dessas 100 pessoas, as ricas, as simplesmente remediadas e mesmo as que dispunham de quaisquer recursos, por parques que fossem, apelaram para a medicina, no instinto de conservação própria, chegaremos à conclusão insofismável de que esses 33% recaíram, pesadamente, sobre a classe miserável, inteiramente desprotegida. Não é mister acrescentar mais nada para se demonstrar até à evidência que a assistência pública, então ensaiando seus primeiros passos, pela falta de interesse dos poderes públicos, deixava muito, digamos tudo, a desejar. E

também não era para menos; com uma renda de 483 contos, a municipalidade dispendeu apenas, com assistência e higiene públicas, a ninharia de 14.206\$970, incluindo nessa quantia os honorários do médico municipal. Em 1925, primeiro ano da administração Armando Annes, o precaríssimo estado desse ramo administrativo pouco melhorou. Esse intendente, dentro da taxação ordinária, fez o milagre de elevar a receita pública, de 483 contos do ano anterior, para 728. Aumentou-a em 245 contos. Nesse ano administrativo construiu diversas estradas, fez as pontes dos rios Glória e Peixe, entregou ao trânsito dezenas de pontilhões, construiu o chafariz e lavadouro urbanos, iniciou as obras da ponte do rio P. Fundo, e do matadouro modelo, ajardinou praças e abasteceu-as de água, nivelou ruas e fez calçadas e sarjetas, deu à Usina uma oficina própria. Tocante à assistência, entretanto, quase nada fez. Apesar do aumento extraordinário da renda pública, a verba dispendida foi somente de 20.419\$319: quase nada. Como dissemos acima, os poderes públicos estavam habituados a encarar esse problema capital como assunto secundário que deveria ser e era preterido por todo e qualquer outro gênero de atividade. Ainda 29% do obituário foi, nesse ano, registrado sem assistência médica. Foi só

ao fazer a mensagem anual que a administração compreendeu a desumanidade e impressionou-se com o lamentável estado de coisas. São desse relatório essas palavras: ‘É lamentável, mas é o que se depreende do quadro respectivo que os óbitos sem assistência médica atingissem em 1924, a 33% e em 1925 a cerca de 29%. Para que no ano que vai começar não tenhamos o desgosto de registrar essa desumanidade, no projeto de orçamento se consigna melhor verba para esse caso. Uma confissão e uma promessa. Veremos em nosso próximo artigo o que se fez para o cumprimento da promessa e para a penitência da confissão.’ (ON nº 1.089, de 05-12-31.)

“A Assistência Pública em Passo Fundo de 1926 a 1928 – IV. Mostramos, em nossa edição de sábado, o estado precário em que ainda se achavam os serviços de assistência pública, entre nós, em 1925, primeiro ano da administração Armando Annes e consignamos a promessa de melhorá-los exarada no relatório municipal desse ano. Efetivamente, no ano seguinte, em 1926, a intendência preocupou-se bem mais com esse departamento, dispendendo com ele mais do duplo da verba do ano anterior, ou sejam 43:931\$100. O médico municipal, dr. Arthur Leite, no período de

10 meses, de 1º de janeiro a 30 de outubro, atendeu, por conta do município, 382 doentes; fez 39 exames de raio X e 74 exames de urina; aplicou 423 injeções de ‘914’ e praticou 49 intervenções cirúrgicas, assim como 39 pequenos curativos. O adianto era muito, no espaço de um ano, mas longe ainda estávamos de atender as necessidades sociais. Basta dizer, para poupar maiores argumentos que, se o obituário sem assistência médica baixou, sobre o ano anterior de 8%, a sua percentagem ainda atingiu a elevadíssima cifra de 21%. No ano seguinte, em 1927, a verba, gasta em higiene e assistência públicas, foi quase a mesma: 44:232\$360. Mesmo assim, porém, o serviço melhorou bastante. O movimento nos 10 primeiros meses desse ano no-lo mostra claramente. O dispensário municipal, montado no edifício da própria intendência, sob a direção do dr. Arthur Leite, atendeu 477 doentes. Fizeram-se 58 hospitalizações, fato que se consigna pela primeira vez; 39 operações, 41 raios cópias e 126 exames de urina. A municipalidade dotou, nesse ano, o consultório público com um excelente microscópio Leitz, com o qual foram feitos, no mesmo período, 32 exames microbianos. Notável, porém, foi o combate levado a efeito contra a sífilis, causa de 25% dos casos atendidos pela assistência, conforme o constatou o dr

Leite. Daí o ter a municipalidade adquirido em grosso injeções de ‘914’, das quais foram feitas 814 aplicações mais 100% que no ano anterior. No ano seguinte, 1928, último da administração Armando Annes, o serviço de assistência, dispondo da mesma verba, pouco progrediu e o movimento do consultório público foi o seguinte: doentes atendidos, 540; hospitalizações, 47; intervenções cirúrgicas, 25; aplicações de aparelhos de gesso, 6; exames de raio X, 33; exames de urina, 114; exames microscópicos, 41 e 924 injeções de ‘914’. Essa administração fez muito, inegavelmente nesse importantíssimo ramo,

comparativamente como o que existia. Entretanto, poderia ter feito muito mais, não só pela operosidade que demonstrou em todos os demais setores administrativos, como também pelas possibilidades financeiras do município, mais que duplicadas em quatro anos. Será esse o assunto do artigo de amanhã.” (ON nº 1.090, de 07-12-31.)

Fotos antigas da cidade 43 fotos

Fotografias – legendas

1 - Procissão religiosa. Av. General Neto. Autor desconhecido. Sem data. Década de 10. (Acervo de Marco Antonio Damian.)

2 - Ciclistas. Rio Passo Fundo. Autor desconhecido. Sem data. Década de 10. (Acervo de Olga Langaro De Cesaro.)

3 - 1903 – Escola particular primária do professor “João Gulart”. Entre os alunos estão Arnaldo Becker, Demétrio Bolner, Felipe Marques e Aparício Langaro. Ao fundo, junto à bandeira, o Cel. Vilo Rocha. Ao lado do professor, à direita, Pindaro Annes. Ponte sobre o Rio Passo Fundo. Autor desconhecido. (Acervo de Sérgio Paulo Annes.)

4 - Corpo docente e discente do Colégio São Pedro dos Irmãos Maristas. Autor desconhecido. Sem data. 1906/1910. (Acervo de Sérgio Paulo Annes.)

5 - Família de Antonio Manoel Caminha (sentado, à direita) e Raphaela Alves Caminha (em pé, ao centro). Autor desconhecido. Sem data. Primeira década do século passado. (Acervo de Maria Aparecida Caminha Moura.)

6 - Meninas. Dilia Caminha, a 1ª à esquerda, nasceu em 1900. Autor desconhecido. Sem data. (Acervo de Maria Aparecida Caminha Moura.)

7 - Pe. Raphael Iop. Autor desconhecido. Sem data. Década de 10. (Acervo de Maria Aparecida Caminha Moura.)

8 - Dilia Caminha, Cármen Cúrio de Carvalho, entre outros. Festa. Matriz. Autor desconhecido. Sem data. Década de 10. (Acervo de Maria Aparecida Caminha Moura.)

9 - 1914 – Coletoria Estadual de Passo Fundo. Mário Braga, Horácio Oliveira, Júlio E. de Carvalho (coletor) e Florindo Pires. Autor desconhecido. (Acervo do MHR – Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade de Passo Fundo.)

10 - Enfermaria do Hospital de Caridade. Autor desconhecido. Sem data. 1918. (Acervo do Hospital da Cidade.)

Passo Fundo – 8 fotografias de uma série maior. Autor desconhecido. Sem data. A Avenida Brasil (assim denominada pelo Ato nº 203, de 10-12-1913) ainda se chamava Rua do Comércio. Década de 10. (Acervo de Mário Selvão.)

11 - Rua do Comercio

12 – Estação da Estrada de Ferro

13 – Rua Bento Gonçalves

14 – Rua General Canabarro

15 – Rua Moron

16 – Rua Moron

17 – Praça do Boqueirão – Rua Paissandu

18 – Cadeia

19 - 03-05-21 - Churrasco oferecido pelo Capitão Lafayette Godinho, “médico militar que se acha nesta cidade a serviço da inspeção dos sorteados.” Identificados, em pé (2º plano): Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Odilon Berendt de Oliveira e (?); em pé (1º plano): João Langaro, Renato Sá Britto, Ivo Barbedo, Ney de Lima Costa, Mario de Lemos Braga, Lafayette Godinho, Nicolau Araujo Vergueiro, Gabriel Bastos, João Kruel, Jorge Barbieux, João Junqueira Rocha, (?), Walter Gastão Büttel e Feliciano Trindade; sentados: (?), (?), Albino Moura da Rocha (Paco), Bruno Barbieux, Osório Cardoso Teixeira, Arthur Langaro, Astrogildo da Cruz, Mário de Quadros Schell, Alberto Morsch, Brasil Trindade, João Bueno e Sargento Tarso. Capão próximo ao Tiro de Guerra. Foto Moderna, de D’Agnoluzzo e Adames. (Acervo de Paulo Afonso Trevisan.)

20 - 29-09-21 – Lançamento da pedra fundamental do Instituto Ginásial. Praça da Boa Vista. Autor desconhecido. (Acervo do Instituto Educacional.)

21 - 1923 – Transporte dos alunos do Instituto Ginásial. À direita o aluno-mestre Sante Uberto Barbieri. Autor desconhecido. (Acervo do Instituto Educacional.)

22 - 1923 – Professores do Instituto Ginásial. Em pé: Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Pedro Marques da Rocha, Januaria Pinto Porto (Pequena Porto), Ziza de Araujo (Trein), Valentina Paiva, Raymond Taylor, José P. Penna e Sante Uberto Barbieri. Sentados: Maria Barbieri, Odette de Oliveira (Barbieri), Audrey Taylor, Daniel Lander Betts, Francisca Betts, menino João Nelson e Edmea Carneiro de Souza. Autor desconhecido. (Acervo do Instituto Educacional.)

23 - 1923 – Defesa da cidade, grupo de civis em frente ao Forum, por ocasião do sítio. Autor desconhecido. Fonte: Mensagem Apresentada ao Conselho Municipal pelo

Intendente Dr. Nicolau Araujo Vergueiro na Reunião Ordinária de 1923. Porto Alegre: A Federação, 1924. (Acervo do AHR de Passo Fundo.)

24 - 1923 – Caminhão em frente à Intendência Municipal, por ocasião do sítio, conduzindo soldados do 6º Corpo para as linhas de frente. Fonte: Idem. (Acervo do AHR de Passo Fundo.)

25 - 1923 – Oficiais do 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Ao centro o Comandante, Tenente-Coronel Edmundo Dalmacio de Oliveira, e o Intendente, Dr. Nicolau Araujo Vergueiro. Campo do Sport Club Gaúcho. Autor desconhecido. (Acervo de Ada Postal de Castro.)

26 - 1923 – Revolucionários – (1) General Felipe Portinho; (2) Coronel Antonio Quim Cezar. Autor desconhecido. (Acervo do MHR – Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade de Passo Fundo.)

8 cartões postais de uma série maior, sem data, editados pela Livraria A Nacional por volta de 1926.

27 –

28 –

29 –

30 –

31 –

32 –

33 –

34 -

35 - Peri e Ceci – Gil Rico Loureiro e Noemy Sperry. Carnaval. Autor desconhecido. Sem data. Década de 20. (Acervo de Danilo Zimmermann.)

36 - Chafariz. Autor desconhecido. Sem data. Década de 20. (Acervo de Danilo Zimmermann.)

37 - 1927 – Grupo de Danças Gaúchas General Prestes Guimarães. Em pé: Albino Franchini, Ary Porto, Javel Silveira, Antonio Ferreira da Silva (Camacho) e Dimorvan Gomes. Sentadas: Diva di Primio, Clecy Porto e Cecy Porto. Não aparecem na foto Oscar Kurtz, Mary Bastos de Moraes, Nazi e Zinah Pinto. Autor desconhecido. (Acervo de Antonio Ferreira da Silva.)

38 - 1927 – Construção do Colégio Elementar Protásio Alves. Autor desconhecido. (Acervo do AHR de Passo Fundo.)

39 - Escoteiros do Colégio Elementar. Autor desconhecido. Sem data. Ao que tudo indica, o instrutor é o 2º sargento Ismael de Souza Barreto e a data é 1929. (Acervo da E. E. Ensino Médio Protásio Alves.)

40 - Gentil Cúrio de Carvalho, Cármen Cúrio de Carvalho e Dília Caminha. Autor desconhecido. Sem data. Década de 20. (Acervo de Maria Aparecida Caminha Moura.)

41 - 06-04-29 – Homenagem a Elly Ely, Miss Passo Fundo 1929. Clube Comercial. Autor desconhecido. (Acervo de Ronaldo Czamanski.)

42 - 1928 – Presidência da Assembléia em uma das sessões extraordinárias de junho de 1928. Dr. Nicolau Araujo Vergueiro ao centro. Autor desconhecido. (Acervo do MHR – Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade de Passo Fundo.)

43 - 1930 – Embarque da força revolucionária do Cel. Quim Cezar. Foto Ávila. (Acervo de Danilo Zimmermann.)

“O quadriênio Armando Annes e a Assistência – V. Dissemos ante-ontem, que a administração Armando Annes fez muito pela Assistência Pública; e dissemos ainda que muito ficou a fazer. Essa, aliás, é a idéia expressa pelo dr. Arthur Leite, médico da municipalidade, em seu relatório de 1928. ‘O terreno está preparado. Fácil será aos vindouros, melhorar, modificar, ampliar e desempenhar com maior proficiência o cargo que ocupamos. Reconhecemos que existem ainda lacunas grandes a preencher, mas, como já observamos, agimos sempre dentro do círculo de ferro de uma verba muito limitada para uma seção com tão pesados encargos. Eis precisamente, porque não se fez mais, nesse quadriênio que duplicou a atividade e o rendimento em todos os demais departamentos públicos, no tocante à Assistência. Tomemos por base o último exercício: 1928. A intendência arrecadou nesse ano, 1.037.512\$823. Dentro dessa considerável receita, dispendeu apenas, com a ‘Higiene e Assistência Públicas’ a quantia de 34.753\$150. Note-se ainda que nesse reduzido total, como nas demais verbas, que temos citado até agora, estão incluídas as despesas de higiene. Ora, a quota que correspondeu a esse ramo, na qual se incluem os vencimentos dos fiscais urbanos, de

Carazinho e Não-Me-Toque, zelador cemitério, etc., foi de 16.500\$000. Sobrou pois, à Assistência, apenas 18.253\$150, quantia essa que não atingia a 2% da receita ordinária. E enquanto se gastavam 18 contos com os miseráveis dos quais ainda 16 ½ % morreram nesse ano, sem assistência médica, ao deus dar, o departamento de Viação e Obras consumia a verba maciça de 400 contos e a Usina Elétrica 200. Perserverava ainda, posto que atenuado, o espírito administrativo predominante, salientado no início destes artigos: todo e qualquer serviço público merecia muito mais cuidado e zelo que o socorro de extrema necessidade aos enfermos e moribundos miseráveis. Não se pode negar, porém, apesar dessas falhas que a Assistência progrediu, nesse quadriênio. Os falecimentos sem assistência médica, de 33% em 1924, estavam reduzidos, em 1928, a 16 ½. E sobre esse ponto, diz o dr. Arthur Leite, nessa época: ‘Um ligeiro confronto desse relatório com o dos anos anteriores, demonstra, de maneira frisante, o aumento progressivo da freqüência, neste serviço, cuja organização é relativamente recente. Procuramos seguir à risca a diretriz que delineastes, movido por sentimentos de filantropia e impressionado ante o número elevado de infelizes que pereciam ao abandono, sem assistência

médica – fatos que só se poderão agora reproduzir por ignorância ou má vontade – resolvestes organizar a seção que me confiaste.’ Em resumo: se a administração Armando Annes poderia ter feito muito mais, neste ramo, e tinha para isso, meios financeiros e dotes de trabalho, pelo menos encaminhou esse serviço num progresso lento, mas real. Prosseguiremos.” (ON nº 1.091, de 09-12-31.)

“Assistência Pública em 1929 – VI. Fizemos ontem, uma geral recapitulação sobre os serviços de Assistência Pública, nesta cidade, durante o quadriênio Armando Annes. O estudo especial desse período se impunha, porque foi nesses quatro anos de atividade administrativa que P. Fundo se transformou de cidadezinha camponesa que era, no centro urbano que hoje é. Efetivamente, compulsando dados oficiais, verificamos que, à exceção dos edificios da intendência e da velha cadeia, do cemitério e da usina elétrica, melhoramentos feitos pelas administrações cel. Gervasio Annes e cel. Pedro Lopes de Oliveira, tudo o que aí temos e que nos deu aspecto de cidade foi feito e iniciado nesse quadriênio. Era de esperar pois, que nesse período, a assistência aos desamparados tivesse

também notável incremento. Muito se fez, dissemos, mas, dos diversos ramos administrativos, foi onde menos se fez. Em fins de 1928, assumiu a intendência, o dr. Araujo Vergueiro. A Assistência Pública, em 1929, teve a sorte, ao contrário do que se deu com outros departamentos administrativos, de não sofrer solução de continuidade: se não progrediu, também não retrocedeu. Por conta da verba ‘Higiene e Assistência Públicas’, nos 9 primeiros meses desse ano, foram gastos 43.681\$400 e o dr. Arthur Leite, ainda à testa desse departamento, pode apresentar nesse período, o seguinte trabalho: Enfermos atendidos, 757; operações cirúrgicas, 56; aplicações de aparelhos de gesso, 4; exames de raio X, 17; análises de urina, 104; pesquisas microscópicas, 22 e injeções de neo-salvarsan, 756. Como se vê, o serviço manteve-se nos moldes anteriores, obedecendo ao mesmo critério, apenas com mudanças de cifras, sem que se introduzissem novidades. E já foi alguma coisa, pois as inovações feitas noutros ramos, nem sempre foram para melhor. Aí está, como exemplo a luz, onde se desmanchou ousadamente o que estava sendo feito, para fazer obra melhor e extraordinária, consumindo-se com ela dissertações que quase encheram o relatório de 29 e que deram nesse ‘nada’ que aí temos. Na assistência, porém, o

serviço manteve-se nesse ano. Aliás, manda a justiça que se diga, o dr. Araújo Vergueiro, se se mostrou deficientíssimo noutras seções administrativas, sempre teve mão liberal e humanitária tocante à pobreza. Termina em 15 de novembro de 1929, primeiro aniversário da nova administração dr. Vergueiro, o período informativo da gestão municipal. Não se publicaram relatórios, nem em 1930, nem, ao que parece, no corrente ano. Salvantes raras notícias publicadas pela imprensa e fornecidas pela municipalidade, todas de caráter laudatório, com fins de propaganda própria e, portanto, inaproveitáveis ao examinador atento que quer cifras, já há dois anos que vivemos às escuras quanto aos serviços públicos. Apesar, porém, da dificuldade da colheita, vamos tentar seguir a evolução da assistência aos miseráveis, em nossa terra, durante esse obscuro período em que, por amor da campanha liberal e sua vitória, se nos tirou, de uma vez, para glória da república nova que mandou viver às claras, o único ponto de contato entre o povo e o poder público municipal: a mensagem anual. Será esse o objeto de nosso artigo de amanhã.” (ON nº 1.092, de 10-12-31.)

“O Programa do dr. Vasconcellos sobre a Assistência Pública – VII. Dissemos ontem, que de 15 de novembro de 1929 para cá, a prefeitura não forneceu ao povo, dados pelos quais possamos examinar a marcha dos serviços públicos. Logo, o estudo da Assistência Pública, entre nós, nesse período, só pode ser feito incompletamente, pelo que for possível colher em informações esparsas. Em 1º de março de 1930, o dr. Araújo Vergueiro, eleito deputado federal, passou a pública administração, primeiro interinamente e depois em caráter efetivo, ao sr. Scarpellini Ghezzi. O dr. Arthur Leite continuou à frente desse departamento. Em meados de dezembro desse ano, entretanto, com o intuito nobilíssimo de deixar a prefeitura com as mãos livres para efetuar as reformas revolucionárias que todos esperávamos e que até hoje não vieram, esse profissional exonerou-se do posto que já vinha ocupando há tanto tempo. Foi nomeado para substituí-lo, o atual médico municipal, dr. Armando Vasconcellos. O novo nomeado assumiu o encargo com manifesto entusiasmo e concedeu ao ‘O Nacional’, nessa época, uma longa entrevista, expondo o seu programa de ação. No tocante à Assistência, fez declarações que resumimos em itens para melhor compreensão: a) No consultório

da Assistência, transportado do edifício da prefeitura para o Hospital de Caridade, seriam atendidos, diariamente, durante a hora do expediente os doentes pobres que ali fossem em busca de recursos, até o máximo de vinte. b) Durante essa hora, o médico municipal visitaria, nas enfermarias do Hospital, os indigentes acamados. c) Fora da hora de visita o médico apenas atenderia, no Hospital, a casos de absoluta urgência. d) As fórmulas, aos pobres, seriam aviadas pela farmácia do Hospital, mediante ajuste com a intendência. e) Um posto de vacinação gratuita funcionaria em caráter permanente junto ao consultório. f) O serviço domiciliar aos indigentes pobres seria feito apenas, em casos de urgência, sendo a regra, a hospitalização. g) O serviço de cirurgia e obstetrícia, somente seria no Hospital. Tais foram, resumidamente, os pontos principais do plano adotado pelo dr. Vasconcellos, no exercício de suas novas funções. Tratava-se, é verdade, apenas de um programa, e nós sabemos como no Brasil a capacidade de planejar é infinitamente superior à energia da execução. Seria cumprida a plataforma? O dr. Vasconcellos deu-nos seguro penhor afirmativo: o público que dissesse, pois todo o seu trabalho seria publicado, semanalmente, pela imprensa local. Tais declarações encheram-nos de sadio

entusiasmo, porque vimos nelas – erroneamente, o tempo no-lo mostrou – um indício de que o novo espírito liberal e progressista bafejava sadiamente a prefeitura dormente. Em nosso editorial de 18 de dezembro desse ano, sob a epígrafe de ‘Saúde Pública’, comentamos prazenteiramente o fato auspicioso e dirigimos calorosas palavras de incitamento ao prefeito municipal. Ainda tínhamos, nessa época, a esperança de que o sr. Scarpellini pudesse arrancar de sobre si os tentáculos inutilizadores da politiquice para se apresentar como o desejávamos: o administrador ativo, trabalhador, liberal e inteligente. Continuaremos. (ON nº 1.093, de 11-12-31.)

A Assistência Pública e o Hospital de Caridade – VIII. Mostramos em nossa edição de sexta, o plano elaborado pelo dr. Armando Vasconcellos para a Assistência Pública, neste município e consignamos a sua promessa formal de publicar semanalmente, o movimento de sua seção. A publicação se fez por algum tempo; depois cessou. Provavelmente, e nem vem a talho relatar, o deselegante intolerantismo que se aninha dentro dos muros municipais amorteceu-lhe o entusiasmo. Daí a inexistência de dados

oficiais, nestes últimos tempos. Apesar disso, porém, baseando-nos em informações que colhemos noutras fontes, vamos estudar, sob um ponto de vista mais geral, o estado atual desse serviço entre nós. Em primeiro lugar devemos consignar um fato importantíssimo e que foi um acerto: todo o trabalho de assistência aos necessitados está sendo feito em ligação direta com o Hospital de Caridade. Ali está instalado o posto de assistência; ali são internados os indigentes enfermos que disso necessitam, e na pequena mas bem cuidada farmácia desse pio estabelecimento são aviadas as fórmulas e adquiridos os preparados precisos. Se considerarmos o Hospital de Caridade, apesar das enormes dificuldades com que sempre lutou sem desfalecimentos, desde muitos anos vem tomando a seu cargo particular, uma grande parte do serviço que caberia propriamente à Assistência Pública, procurando preencher as lacunas manifestas desse serviço, não é difícil compreender-se o grande proveito que advém à coletividade da conjunção de esforços entre essas duas seções que trabalham para o mesmo e humanitário fim. O esforço do Hospital, nesse terreno, depreende-se dos mais rudimentares e gerais dados. Em 1928, por exemplo, apresentando em seu balanço um déficit de 4.800\$210, o Hospital internou nada

menos de 103 doentes pobres, com 2.135 diárias. Como demonstração de esforço, não se pode dar maior prova do que essa de quem gasta o que não tem para o socorro alheio. A intendência, compreendendo a alta missão desse estabelecimento, sempre procurou ampará-lo nas suas maiores aperturas, pois nele via o mais precioso e desinteressado auxiliar com que poderia contar em sua missão de assistência. Agora, entretanto, pela ligação dos trabalhos, esse auxílio tornou-se efetivo; o departamento municipal de Assistência e o Hospital de Caridade, vinculados por contrato preestabelecido, trabalham de acordo, em mútuo auxílio. A Intendência fornece ao Hospital a subvenção anual de 12:000\$000, quantia pela qual a farmácia do estabelecimento fornece todos os remédios aos doentes indigentes, quer hospitalizados, quer não. Além desses 12:000\$000, a prefeitura concorre ainda para os cofres do Hospital com a importância de 4:000\$000 anuais, como pagamento das diárias dos doentes indigentes hospitalizados por sua conta. É este, em termos gerais, o contrato existente, cujos benéficos resultados podem, desde logo, ser calculados a priori. Faremos amanhã algumas apreciações ainda, sobre este mesmo assunto, que constitui segundo pensamos, um importante passo para o

estabelecimento de um serviço perfeito de Assistência nesta cidade.” (ON nº 1.095, de 14-12-31.)

O Nacional nº 1.096, que continha a IX e última parte da matéria, não foi localizado.

Em 1910 o corpo médico da cidade era formado pelos drs. Nicolau Araujo Vergueiro, Alfredo Bruno de Campos e José Maria Gomes, além dos “práticos” Roberto Cunha e Silva, Gezerino Lucas Annes e Romão Lopes da Rosa. (O Gaúcho nº 23, de 26-06-10.)

Roberto Cunha e Silva serviu no posto de major na Coluna de Gumercindo Saraiva. Terminada a luta passou a residir em Passo Fundo. Além de médico prático e rábula, colaborava na imprensa local. Era natural do Rio de Janeiro e faleceu em Guarapuava, PR, em junho de 1938. (ON nº 3.034, de 29-06-38.)

O cargo de médico municipal na povoação do Carazinho foi criado pelo Intendente Pedro Lopes de Oliveira através do Ato nº 305, de 23-08-18, tendo sido nomeado para exercê-lo, independente de remuneração, o dr.

Eurico Araujo, que lá residia. (O Gaúcho nº 34, de 28-08-18.)

O Hospital de Caridade, atual Hospital da Cidade, foi fundado por iniciativa de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, em sessão pública realizada no Salão da Intendência Municipal a 20-07-14. Escolhido presidente provisório, Antonino Xavier indicou como vice-presidente, Jonatas dos Santos Magalhães; secretário, Oswaldo Caminha; e tesoureiro, José Lucas Dias. Durante a vigência da “gripe espanhola”, a Comissão Pró-Construção do Hospital alugou um casarão de propriedade de Oribe Marques, localizado na Rua General Osório, esquina com a Rua General Neto, onde instalou uma enfermaria. As quadras onde se encontram o Hospital e a Praça foram doadas pela Intendência, conforme Alvarás de 20-07-15 e 15-05-18 e Ato Municipal nº 285, de 03-03-17. O 1º Pavilhão foi inaugurado em 1920. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.; e ON nº 7.873, de 21-12-54.)

A 24-06-18 o Pe. Raphael Iop reuniu-se com representantes da Sociedade São Vicente de Paulo e do Apostolado da Oração, na sacristia da paróquia N. S. da Conceição, ocasião em

que fundaram o Hospital São Vicente de Paulo. Diretoria provisória: presidente, Herculano Trindade; vice-presidente, Antonio Manoel Caminha; 1º secretário, Atilio Corá; 2º secretário, João Nozari; 1º tesoureiro, Herminio Biasuz; 2º tesoureiro, Nascimento Rocha; e diretor, Pe. Raphael Iop. A solenidade da inauguração do Hospital, marcada para o dia 03-10-18, foi cancelada em razão da “gripe espanhola”. Já no dia 04 daquele mês e ano foram recebidas as primeiras vítimas da pandemia. A 29-12-18 o HSVP foi oficialmente inaugurado na casa nº 16 da Rua Paissandu, pertencente a Anibal di Primio. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.)

Com relação à pandemia conhecida por “gripe espanhola”, que aqui chegou ao final de 1918, ao que parece não existem dados oficiais sobre o número de vítimas. Em janeiro de 1921 o intendente Nicolau Araújo Vergueiro, amortizando dívidas municipais, pagou às farmácias Bobrik e Ítalo-Brasileira, ambas de Carazinho, as importâncias de 698\$000 e 585\$000, respectivamente, pelo fornecimento de remédios utilizados por ocasião da gripe. (A Voz da Serra nº 243, de 22-01-21.)

“SANEAMENTO URBANO. Quando o sr. Oswaldo Aranha esteve em P. Fundo, impressionado com o desenvolvimento da cidade, seus prédios modernos e seu movimento, com a franqueza natural em sua pessoa que tem, na frase de alguém, o coração na boca, mostrou logo a sua estranheza por não se cogitar, aqui, do saneamento urbano. E não só criticou, como imediatamente apresentou o remédio ao mal: vender a usina elétrica aos americanos e com o produto da venda e mais um empréstimo, dotar-nos de águas e esgotos. Prontificou-se logo a enviar-nos os americanos, na imperiosa necessidade própria de seu temperamento, de fazer imediatamente o que deve ser feito. Não discutimos aqui as medidas propostas pelo sr. Secretário do Interior, em sua passagem rápida por esta cidade. O que é certo porém, é que s.s. tem imensa razão quando julgou que o saneamento de P. Fundo não pode ser protelado por mais tempo. Nosso visitante de então, viu somente o caso sob o ponto de vista do progresso e da higiene em geral. Nós, sabemos perfeitamente do péssimo estado sanitário da cidade em que vivemos. No verão surgem moléstias diversas e a mortalidade aumenta, principalmente entre as crianças. O registro mortuário desta folha tem despertado a atenção entre nossos leitores

pelo número extraordinário da mortalidade infantil. O saneamento urbano é, pois, medida de necessidade urgente. A municipalidade entretanto não cogita disso. A única iniciativa no assunto deve-se ao Cel. Pedro Lopes de Oliveira, quando intendente, há mais de 10 anos, o qual mandou executar pelo dr. Saturnino de Brito, o projeto de distribuição de águas e esgotos da cidade. Esse trabalho está desde então, nos arquivos da intendência e enquanto Cruz Alta, Sta. Maria e todas as demais cidades do Estado vão realizando essas obras indispensáveis, vamos nós aqui vivendo em luta com as águas contaminadas, sempre no temor de uma epidemia mais grave. Nosso sistema administrativo porém, resume-se numa simples palavra: protelar. Protela-se tudo. Enche-se o noticiário com o que se vai fazer no futuro, com as verbas que serão pedidas, mas, em verdade, quase nada se faz. Aí está a luz elétrica, a cadeia, o cemitério, as estradas... Promessas, projetos e nada mais. Muito deverá trabalhar o futuro intendente deste município.” (ON nº 510, de 03-01-30.)

Em 1946 a rede de saneamento começou a ser instalada pela Secretaria de Obras Públicas do Estado, dentro de um projeto de construção em municípios

ainda não providos desse serviço. Os trabalhos foram iniciados pela empreiteira Só, Gonçalves & Cia. e se estenderam até a década seguinte, beneficiando, a princípio, apenas a zona central da cidade. O serviço de esgoto, funcionando precariamente, foi entregue a 03-01-56. (ON nº 5.319, de 06-04-46; nº 6.118, de 22-12-48; nº 6.495, de 17-03-50; e nº 8.182, de 06-01-56.)

“**Relatório Municipal IV.** A receita ordinária do município de P. Fundo com pequenas oscilações inevitáveis, tem aumentado de ano para ano, seguindo o natural progresso e desenvolvimento geral. Pelos dados abaixo, podemos seguir esta marcha ascendente, notando ao mesmo tempo essas variantes para menos, decorrentes, em geral, de circunstâncias de ocasião.

Ano		Receita
1871	-	8.595\$400
1872	-	14.062\$660
1873	-	12.436\$680
1875	-	11.698\$246

Nesse tempo em que, podemos dizer, o nosso município dava os seus primeiros passos, é interessante notar o

papel saliente da exportação na constituição da sua renda. Assim, em 1872, da receita geral de 14.062\$660, 8.769\$560 foram provenientes do imposto de exportação que se resumia quase unicamente na erva mate. Em 1873, a exportação concorreu com 8.249\$080 para a receita de 12.436\$680, restando assim aos demais impostos a insignificante quantia de 4.187\$600. De 1875 até 1900, faltam dados precisos sobre a renda municipal. Entretanto pela renda orçada em 1883 e 1887, respectivamente 6.450\$000 e 6.000\$000, vê-se que houve um verdadeiro retrocesso no nosso desenvolvimento econômico. Dada a deficiência de informações existentes, não nos é possível determinar as causas dessa diminuição. É porém, no século atual que o aumento, geralmente constante da nossa receita ordinária, se define incontestavelmente, como se vê:

1900	-	19.068\$730
1901	-	29.573\$030
1902	-	32.996\$509
1903	-	44.978\$260

Verifica-se que nesse período de quatro anos, a renda pública duplicou, com excesso, avaliando-se daí o nosso

esplêndido desenvolvimento econômico. Nos oito anos seguintes, entretanto, essa cifra de 44.978\$260, duplicou-se novamente, num constante progresso:

1904	-	40.421\$809
1905	-	45.981\$162
1906	-	55.436\$154
1907	-	54.650\$011
1908	-	62.034\$074
1909	-	74.182\$359
1910	-	81.609\$784
1911	-	109.728\$420

A receita de 1911, fruto de um desenvolvimento constante e extraordinário, quase anormal, pela sua rapidez, não marcou termo, porém; cinco anos depois, estava novamente duplicada:

1912	-	126.075\$786
1913	-	180.596\$840
1914	-	165.259\$153
1915	-	200.385\$478

E nesses últimos anos, o progresso geral continua:

1917	-	246.974\$555
1918	-	222.123\$903
1920	-	181.935\$015
1921	-	304.098\$362
1922	-	281.895\$360

Como se nota, o desmembramento de grande parte do nosso município, e aliás, de um território imensamente rico, para a formação do novo município de Erechim, não alterou senão parcialmente, o crescente aumento da renda municipal. O imposto de exportação, como já notamos, é indiscutivelmente a melhor fonte de receita municipal. A sua cobrança atingiu ao máximo em 1917, elevando-se à cifra de 81.767\$330, seguindo-se:

1918	-	65.333\$070
1913	-	63.222\$330
1912	-	51.916\$246
1915	-	50.788\$325
1921	-	45.013\$420

A grande febre da madeira concorreu naturalmente para a anormal arrecadação de 1917 e 1918. Entretanto a

arrecadação de 1921 já foi suplantada pela dos três primeiros semestres de 1922, atingindo nesse período a 52.440\$550. Não há pois, de fato, uma paralisação no nosso movimento de exportação; entramos simplesmente para a normalidade. Em 1915 os produtos exportados que maior numerário atraíram ao município, foram os seguintes:

1) Erva mate	-
868:960\$000	
2) Madeiras	-
789:308\$000	
3) Gado vacum	-
384:340\$000	
4) Couros vacum	-
127:140\$000	
5) Gado muar	-
108:590\$000	
6) Banha	-
106:927\$000	

Em 1921, na mesma base do valor, a ordem é a seguinte:

1) Banha	-
1.555:509\$000	
2) Madeiras	-
1.328:638\$000	

3) Erva	-	Cerveja	
415:951\$800		79:404\$000	
4) Trigo	-	Feijão	79:326\$000
392:148\$000		Cavalos	
5) Gado vacum	-	73:970\$000	
254:060\$000		Mel	
6) Fumo	-	28:887\$600	
135:105\$690		Alfafa	
		19:226\$130	

Comparando esses dados, vê-se que a exportação da erva diminuiu bastante, deixando o 1º lugar em 1915 para ocupar o 3º em 1921. A madeira acusou um considerável aumento, mantendo em ambas as datas o 2º lugar. A exportação de gado vacum baixou também, ao passo que a banha, ocupando o 6º lugar em 1915, passou para o 1º em 1921. É notável também o aparecimento na estatística de 1921 de dois novos produtos de exportação cujo valor tende a aumentar: o trigo e o fumo. Além dos seis produtos acima citados, a exportação municipal, em ordem do valor, segundo o último relatório é a seguinte em 1921:

		Farinha de mandioca	
		18:635\$200	
		Café moído	13:285\$500
		Arroz	12:441\$000
		Porcos	
		11:520\$000	
		Cera	
		11:199\$270	
		Farinha de trigo	
		7:436\$000	
		Cabelo	
		4:540\$500	
		Amendoim	
		1:387\$500	
		Lentilhas	
		1:159\$200	
		Lã	
		893\$000	
		Serigotes	
		600\$000	
Mulas			
112:050\$000			
Couros			
106:617\$060			
Milho	91:496\$000		

Sabão 390\$000
Tamancos 350\$000
Batatas inglesas 150\$000

Da variabilidade destes produtos, quer industriais, agrícolas ou pecuários, do seu incremento contínuo, tiramos fundamento seguro para prevermos com firmeza um excelente futuro de riqueza pública e particular neste município. Se novas divisões territoriais não vierem mutilar ainda os nossos limites municipais cortando-nos novas zonas de produção; se as vias de comunicação se tornarem melhores, acompanhando as necessidades comerciais, é de esperar-se que a nossa exportação prosseguirá, como até agora, em marcha ascendente, aumentando, como consequência, a renda municipal e a fortuna geral. Poucos municípios existirão no Estado cujo futuro seja mais sorridente do que o de P. Fundo.” (A Época nº 111, de 24-05-23.)

A Época costumava prestigiar os poetas locais emoldurando seus sonetos nas páginas do jornal. Poucos, porém, assinavam os trabalhos. Entre as exceções encontramos a professora Ziza

de Araújo e o aluno-mestre José P. Penna, ambos do Instituto Ginásial.

Assinando *João d’Outrora*, Antonino Xavier publicou na coluna *Bosquejos* muito material ainda inédito em livro:

O dinheiro de dantes

Naquelle tempo de dantes
havia muito dinheiro,
não deste que hoje corre,
arisco e passarinho.

Era onçama velha de lei,
que amarellava e tinia,
ou prata limpa, buenacha,
de quantos mundos havia.

O cobre e nickel rolavam
como praga pela estrada,
derreando o andante ao peso
da guayaca empanturrada.

Mostrando que não augmento
nestes versinhos gaiatos,

vou contar a meus patricios,
entre outros, estes factos:

Nesta querencia serrana
sendo eu piasho ainda,
sahi trocar uma libra
dessas da estranja vindas.

Estava tão baixo o preço
da tal moedinha amarella,
que só queriam pagar
uns oito mil réis por ella.

Outra vez, sendo caixeiro,
vi a gaveta empanzinada
despencar-se do balcão,
pelo peso despregada.

Pacotes e mais pacotes
nesse tempo se faziam,
de cobre, nickel e prata
que na bodega cahiam.

Não por ahi, mas muito antes,
vinham de *Fóra* (*) tropeiros
com seus capitaes em cobre,

carregados de cargueiros.

Hoje em dia, minha gente,
o negocio está mudado,
parecendo que o dinheiro
n'um pavêna anda montado...

João d'Outrora. Passo Fundo, 13-10-23. (*) Referencia ao Paraná e S. Paulo. Era muito usada naquelles tempos. (A *Época* n° 131, de 14-10-23.)

Francisco Antonino Xavier e Oliveira nasceu na Fazenda Três Capões, no município de Passo Fundo, a 05-09-1876, filho de Antonio de Oliveira Penteado e de Idalina Xavier e Oliveira. Casado com Ana Joaquina Xavier e Oliveira, deixou os seguintes filhos: Protasio, James, Osório, Iracema, Mair, Marina, Musa, Antonina, Carmen e Marcolina. Autor de obra vasta, toda de caráter regional, é considerado o “Pai da História de Passo Fundo”. Em 1990 seus livros foram reeditados pela Universidade de Passo Fundo, sob a coordenação de Marília Mattos e outros, com o título *Annaes do Município de Passo Fundo*. Dividida em 3 volumes, *Aspectos Geográficos – Aspectos Históricos – Aspectos Culturais*, a obra

ainda apresenta uma valiosa biografia do autor. Entre 1927 e 1929 elaborou para a municipalidade o *Mapa Geográfico do Município de Passo Fundo*. Em 1927, quando publicou *Terra dos Pinherais*, O Nacional, ainda irresignado com a publicação, em 1920, do livro de Wenceslau Escobar, *Apontamentos para a História da Revolução de 1893*, fez o seguinte apelo ao historiador passo-fundense: “(...) O escrito franco que está obtendo esse livro será, por certo, incentivo ao autor para pondo de parte pequenos escrúpulos verdadeiramente injustificáveis, lance à luz da publicidade o 2º volume dos ‘Annaes’ que sabemos já pronto e cuidadosamente escondido nas profundidades duma gaveta grande. Nesse volume, temos a certeza em face da grande idoneidade de seu autor, se restabelecerá a verdade, há ainda pouco conspurcada numa obra que se diz histórica, sobre a atuação da nossa gente, incontestavelmente nobre, nos tristes tempos da Revolução de 93”. Tal volume permanece inédito. Antonino Xavier faleceu a 10-07-1959. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.; Oliveira, Francisco Antonino Xavier e, op cit.; ON nº 183, de 23-03-27; e nº 424, de 1º-06-29.)

Utilizando os mais variados pseudônimos, Pindaro Annes publicou

inúmeras crônicas na imprensa: “**Mentiras Convencionais**. Não são propriamente as mentiras convencionais, que brilhante filósofo e sociólogo europeu (Max Nordau) observou e em luminoso volume espalhou aos quatro ventos. As mentiras que referimo-nos abaixo, são as observadas por um humorista espanhol, que ressaltando a verdade, são mentiras constatadas, que passam do jornalista ao tipógrafo e deste, devidamente esquadrinhadas e gramaticalmente revisadas, passam ingenuamente aos olhos do leitor. Estes *petits cannards*, depois de *sarrafiadas* a estilo, os estampa o ‘Times’, o ‘Jornal do Comércio’ e quase todos os órgãos que conhecemos à exceção de muitos que se prezam. Vejam num jornal da nossa feroz e maravilhosa imprensa:

Mentiras da primeira página:

- ‘O Independente’ jornal noticioso ilustrado. Tiragem 20.000 exemplares.

- O Brasil suporta mais um empréstimo de 60 milhões de dólares, pois, o seu riquíssimo solo...

- O tratado de Locarno cimentou definitivamente a paz na Europa, a retirada do Brasil da Liga das Nações foi um golpe diplomático...

- A atividade policial do sr. delegado de plantão, conseguiu desvendar o célebre furto.

- Vinho legítimo de Caxias. Abaixo os adulteradores. Surtam as suas adegas das nossas legítimas bebidas!

- Auto Ford usado. Especial. Com só 2 meses de uso.

- Comprar barato só na casa X. Artigos de estação recebidos diretamente de Paris.

- Sociedades por ações. Capital 8 mil contos. Fazei o vosso seguro de vida.

- Com só dois vidros curei-me de pertinaz bronquite de 8 anos de existência. Pedro Couto Silva. Firma reconhecida.

Segunda página:

- Marinetti conseguiu eletrizar o auditório logo às primeiras palavras da sua brilhante marinettata.

- Completou apenas 17 anos a gentil senhorinha.

- O nosso correspondente de Varsóvia comunica-nos...

- S. Excia. O dr. Presidente da República abraçou um marinheiro do vaso de guerra.

- Mau hálito, digestões difíceis, gases; eliminam-se com...

- O câmbio subiu.

- Reuniu-se a Câmara em sessão especial.

- O aviador Casagrande fará a volta do mundo em 2 etapas.

- A pedidos. Coisas da política.

- Invenção.

- O primeiro Mahomet Alli traz em sua comitiva 27 mulheres.

- A emancipação de Carazinho.

- Cavalheiro sério, idoso, precisa alugar cômodos em casa de família.

Terceira e quarta páginas:

- Foi descoberto o específico contra o cancro.

- A talentosa escritora patricia.

- O humanitário clínico.

- Grátis aos pobres. Aberta toda a noite.

- Garantidamente eficaz, nunca falha.

- Paga-se bem.

- Fotografia espírita.

- Liga anti-alcoólica.

- Os nossos preços baixaram 20% em vista do novo sortimento que vamos receber.

- Circulou o nº 3 dessa esplêndida revista.

- A ponte internacional.

- Foi preso quando tentava.

- Carros fúnebres de luxo.

- A paz portuguesa. Portugal entrou em nova era de...

- A esquadra parlamentar romperá os debates.

- Partida.

- Aos meus amigos.

E por aí afora que é um Deus nos acuda. *P.A.*” (ON nº 106, de 23-06-26.)

Pindaro Annes nasceu em Cruz Alta a 24-03-1894, filho de Gezerino Lucas Annes e de Maria Prestes Annes. Criado em Passo Fundo, estudou na escola particular primária do prof. João Gulart e no Colégio São Pedro. Na adolescência foi fotógrafo. Trabalhou como topógrafo na construção da estrada de ferro Passo Fundo – Marcelino Ramos, na região de Viadutos. Mais tarde criou a Cafeteria São Thomé. Formado contador, atuou como professor e inspetor federal de ensino. Exerceu por mais de 30 anos a presidência do Hospital

de Caridade. Fez parte do Grêmio, depois Academia Passo-Fundense de Letras, desde a fundação. Casou em 1919 com Antonia Soares de Mello. Filhos: Cyrano, Sérgio Paulo e Maria Amélia. Faleceu em Porto Alegre a 16-02-69. (Annes, Sérgio Paulo. Píndaro Annes – Pai (1894-1969), *in* Notas Históricas, internet; e ON nº 12070, de 17-02-69.)

A 28-02-24, substituindo *A Época*, reapareceu *A VOZ DA SERRA*, dirigido pelo novo proprietário, Antonio Bittencout Azambuja, sendo redator João Junqueira Rocha: “*A ÉPOCA*. Por havermos adquirido a tipografia em que se editava ‘*A Época*’, brilhante órgão de publicidade que vinha sendo redigida pelo dr. Herculano de Araújo Annes, advogado deste foro com a colaboração do sr. Pindaro Annes, deixou o mencionado periódico de circular neste meio social, onde havia angariado, merecidamente, gerais simpatias.” (*A Voz da Serra* nº 1, de 28-02-24.)

“*A VOZ DA SERRA*. Com anuência do valoroso republicano tenente João Baptista Curio de Carvalho, fazemos ressurgir, hoje, ‘*A Voz da Serra*’. Honrará ela as tradições do seu passado.” Publicação semanal, com redação e gerência na Rua Bento

Gonçalves, formato 38 x 56, quatro páginas, voltou a estampar o subtítulo “Órgão Republicano”. No corpo de colaboradores, o advogado Lacerda de Almeida Júnior e o engenheiro Antonio Villanova. (Idem.)

“**Notas e Comentários...** Orientar a opinião pública, dissipando o erro e difundindo a verdade, sempre e quando acessíveis à nossa percepção; profligando a malícia, o deslize, a improbidade e exalçando a lealdade, a retitude e a honra; conjurando aspirações ilegítimas e deferindo expansão ao mérito; incitando o amor à causa pública e evitando a mediocrização do ambiente social e político; disseminando idéias e edificando exemplos de civismo; palpabilizando ideais e aspirações populares e travando a marcha aos que tentem escalar posições sociais pela vereda escusa dos corrilhos partidários, eis a finalidade que antevemos e para a qual rumamos de ânimo sereno e justo, com a energia volitiva de nossos ideais e o poder incoercível de nossa fé republicana. Ainda em arena livre, combateremos à antiga, a denodo e lealdade, com fidalguia no gesto e temperança na linguagem, matizando os nossos comentários com o aplauso moderado ou a culta censura, sem

consagrações individuais, tão de molde, nos dias que passam, a insuflarem a fatuidade dos simples. Altos ideais trabalham... a evolução das sociedades. Entretanto, na marcha infinita do tempo sucedem-se horas de regeneração e apatia, de entusiasmo e desalento, de vigor e fraqueza, de operosidade e inércia, de progresso e estagnação, horas de luz e horas de sombra. A hora atual não é de luz... Indefinidos e turvos, os horizontes políticos do município. Sombras sinistras percorrem o espaço, anunciando a rajada para depois de maio... Em maio, o grande e memorável prélio a que devem acudir em massa os soldados do partido republicano rio-grandense, pondo à prova o seu ardor, a sua fé, o seu civismo, unidos todos em torno do magno ideal comum, a montante de quaisquer dissensões e rivalidades facciosas, para que a vitória republicana transpareça das urnas, esmaltada na pureza fulgente daquele ardor, daquela fé e daquele civismo, que formam o patrimônio moral de um partido que é um povo inteiro e que resume pela unicidade do sentir e pela coesão indestrutível das idéias e princípios, a índole toda de uma raça. Em maio, porém, que desabe a rajada... Sujeitaremos às normas de ideação e ação do partido, traçadas pelo preclaro e honrado Chefe supremo, a nossa conduta cívica, asseguradas todas

as condições de liberdade do pleito, para que, com a vontade livre e despejada do povo, triunfe, pelo voto soberano, dentre os combatentes, o que obtiver a sagração das urnas.” (Idem.)

A “Seção Livre” era a alternativa da oposição: “**Aliança Libertadora de Passo Fundo.** Convida-se aos oposicionistas de Passo Fundo, que ainda não sejam eleitores federais ou que hajam perdido seus títulos, a comparecerem, sem perda de tempo, à sede da Aliança Libertadora, à rua Moron nº 66, nesta cidade, onde encontrarão companheiros que se encarregam do preparo dos respectivos papéis. Encerrando-se o alistamento a 3 de abril e devendo o juiz da comarca ausentar-se desta cidade por diversas vezes, para atender às qualificações dos termos e núcleos coloniais, urge que todos os oposicionistas se empenhem pelo alistamento eleitoral, de modo que todos possam concorrer, nas urnas de 3 de maio vindouro, à tarefa final da campanha cívica em prol da liberdade do Rio Grande, dando o tiro de misericórdia na ditadura agonizante. Passo Fundo, 19 de fevereiro de 1924. A Diretoria.” (Idem.)

Sobre o conflito ocorrido na sede da Aliança Libertadora, na noite de 02 de

abril, publicou-se uma nota no dia seguinte: “Deu-se ontem à noite, cerca de 23 horas, um grande conflito entre uma patrulha do 6º corpo provisório e alguns cidadãos que se encontravam na sede da Aliança Libertadora, à rua Moron, nesta cidade, do qual resultou a morte de um soldado e graves ferimentos na pessoa do sr. Pedro José Estácio, proprietário da casa onde funciona a Aliança. Em virtude de se achar o jornal já paginado deixamos de dar pormenores sobre esse lamentável acontecimento o que faremos no próximo número. (A Voz da Serra nº 6, de 03-04-24.) Dos 2.005 novos alistados, 1.224 eram republicanos e 781 oposicionistas. (Idem.)

Em agosto de 24 a redação estava a cargo de “redatores diversos”. A gerência do jornal era exercida por Luiz Pinto Vieira de Mattos. (A Voz da Serra nº 16, de 07-08-24.)

De forma lacônica A Voz da Serra registra em seu editorial a passagem do 1º aniversário: “Transcorre, hoje, o primeiro aniversário da *A Voz da Serra*. O fato de seu aparecimento obedeceu a causas diversas, dentre as quais era de maior relevo a injunção, que o civismo nos impunha, de examinarmos, de público, sem odiosidades nem malquerenças, fria

e imparcialmente, os negócios políticos e administrativos do município. Tendo, porém, sobrevindo o estado de guerra que nos infelicita, descaminhamo-nos da finalidade que nos traçamos, sem, todavia, perdê-la de vista, por isso que outra função social não terá este modesto mas altivo órgão de publicidade. Praza aos céus, portanto, possamos breve, pelo desafogo de nossas consciências, passar ao metucioso exame de certas personalidades e de seus desserviços à causa pública. Será, então, chegado o momento de *A Voz da Serra* cumprir a sua missão e justificar as razões de sua existência. Entraremos à liça de ânimo isento, para melhor desdobrarmos aos olhos do povo o cortejo de abusos, erros e desmandos que a nossa cruzada lhe há de revelar, chamando à responsabilidade o Catão que os praticara. A justiça tarda mas não falha.” (A Voz da Serra nº 32, de 28-02-25.)

Depois de permanecer “um mês e dias” com a circulação suspensa, por falta de papel, *A Voz da Serra* retornou a 07-05-25 com o subtítulo “Órgão Independente”. Antonio Bittencourt Azambuja fechou o jornal em julho de 1925. No dia 24 daquele mês e ano vendeu as oficinas a Theophilo Guimarães, proprietário da Livraria

Nacional. (A Voz da Serra nº 34, de 07-05-25; e ON nº 11, de 25-07-25.)

Em 1927 Antonio Bittencourt Azambuja envolveu-se num incidente político de grande repercussão: **“Incidente entre dois políticos.** O incidente surgido entre os srs. drs. J. A. Flores da Cunha e Antonio Bittencourt de Azambuja, e do qual muito se tem ocupado a imprensa do Estado, foi o assunto em foco da semana. Ao desafio de duelo dirigido pelo primeiro ao segundo daqueles políticos, opuzeram embargos o dr. Chefe de Polícia e amigos dos contendores, sendo o incidente, afinal, resolvido por um tribunal de honra. Historiando o caso, o dr. Bittencourt de Azambuja dirigiu ao DIÁRIO DE NOTÍCIAS a carta aberta que a seguir transcrevemos: ‘Ilmo. sr. diretor-chefe do Diário de Notícias. Valendo-me da gentil acolhida com que me tendes distinguido, rogo-vos a gentileza de publicardes em vosso brilhante órgão de imprensa a seguinte CARTA ABERTA – Tendo o general dr. José Antonio Flores da Cunha retirado o seu apoio à minha candidatura à deputação federal, na véspera do pleito de 24 de fevereiro passado, por telegrama circular que transmitira aos seus amigos, sem nenhuma ressalva à minha pessoa e

sem explicações nem antes nem depois daquele pleito, considerei-me ofendido na minha dignidade e forneci duas notas à imprensa, condenando-lhe o rumo de última hora. Em consequência, recebi em Passo Fundo um telegrama, pelo qual o coronel Francelisio Meirelles me chamava, com urgência, a esta cidade, para liquidar incidente suscitado entre mim e o general Flores da Cunha. Chegando a esta capital a 18 do mês fluente, no mesmo dia, às vinte horas, os coronéis Francelisio Meirelles e Victor Dumoncel Filho, na qualidade de testemunhas do general e em seu nome, dizendo-o ofendido pelas publicações que eu fizera, exigiram-me satisfação plena ou reparação pelas armas. Nessa ocasião redargüi-lhes, imediata e peremptoriamente, que lhe não daria satisfação alguma e que aceitava o oferecimento de um duelo para solução do caso, onde e quando quisesse o meu adversário. Em seguida, enviei às minhas testemunhas a carta que abaixo transcrevo: Porto Alegre, 18 de março de 1927 – Ilmos. Srs. dr. E. Dutra Villa e dr Pires Gonçalves. Saudações cordiais. Desafiado hoje, às vinte horas, pelo sr. general José Antonio Flores da Cunha, por intermédio das suas testemunhas, coronéis Francelisio Meirelles e Victor Dumoncel Filho, para um duelo, declarei imediatamente aceitá-lo, onde e quando

quisesse o meu antagonista. Assim sendo, tenho a subida honra de vos convidar, a ambos, para meus paraninfos nesse recontro, cujas condições podereis livremente concertar, com uma única limitação, que, aliás, bem se afeiçoa à nossa dignidade – a do mais fidalgo respeito aos princípios de honra que tanto prezamos, vós e eu. Com a mais alta estima e consideração pessoal. – (a) *A. B. de Azambuja.*’ No dia imediato, 19 do mês fluente, pela manhã, no prazo marcado, foram ter as minhas testemunhas com as do general, para assentarem as condições da luta. Aconteceu, porém, que, nesse mesmo dia, tergiversaram, por intervenção de terceiros, as negociações sobre o duelo para o alvitre da organização de um tribunal de honra que dirimisse a contenda, sem sangue. Na qualidade de desafiado, não me cumpria recusá-lo. E, então, dirigi às minhas testemunhas a carta-credencial que, igualmente, transcrevo: ‘Porto Alegre, 19 de março de 1927. – Ilmos. Srs. dr. Pires Gonçalves e dr. E. Dutra Villa. Saudações cordiais – Acedendo a insistentes apelos de diversos cavalheiros, ‘e informado que o sr. general José Antonio Flores da Cunha’ concorda em que seja constituído um tribunal de honra que dirima, soberanamente a contenda entre nós, evitando a luta armada, concedo-vos

amplos e ilimitados poderes para vos constituirdes em membros desse tribunal, que julgará a mesma contenda, ‘se entender que o caso não era de honra, não justificava o duelo e admite a solução digna e sem desaire para qualquer das partes’. Com a maior estima e consideração. – (a) *A. Bittencourt Azambuja.*’ Constituído e autorizado o tribunal de honra a julgar a questão, se ela admitisse solução digna e sem desaire para qualquer dos contendores, apresentei-lhe longo relatório dos fatos ocorridos. Deste relatório, traslado, para aqui, a parte final, que reproduz o pensamento exato contido na condição debaixo da qual anuí ao alvitre do tribunal de honra: ‘cumpre, pois, ao general dr. José Antonio Flores da Cunha tenha a nobreza de se conformar em que, na partilha das razões em antagonismo, não leve ele o bocado do leão, para ressalva de sua posição política a desprestígio da obscuridade honrada de meu nome. Se a questão é de honra, a honra nos vai nivelar.’ E o tribunal de honra decidiu a contenda, de acordo com os poderes que lhe foram conferidos na carta de 19 de março, predita. Cumpre-me, pois, acatar, respeitosamente, a sua decisão. Se o tribunal de honra declarou ‘primeiro’, que ‘retirando o seu apoio à candidatura do dr. Bittencourt Azambuja, da forma por que o fez, não teve o general

Flores da Cunha o ‘intuito de melindrá-lo ou desconsiderá-lo’, corre-me com razão mais forte, em conseqüência dessa declaração formal e de acordo com as sugestões da minha dignidade, declarar, somente, que outro intuito não tive, com o publicar as notas que o meu antagonista reputou desairosas à sua pessoa, senão o de atuar em represália contra o seu ato. Se o seu ato não foi, para mim, uma ofensa, cessou a razão de ser da minha represália. De igual para igual, porque a hombridade equipara os homens. Porto Alegre, 23 de março de 1927. – *A. Bittencourt Azambuja,*” (ON nº 184, de 26-03-27.)

Antonio Bittencourt Azambuja nasceu em Encruzilhada do Sul a 1º-03-1890. Em 1912 formou-se em Direito pela Faculdade de Porto Alegre. Nomeado Promotor Público, transferiu-se para Passo Fundo no mesmo ano. Aqui fixou residência e passou a exercer a advocacia. Eleito Deputado Estadual, período de 1925 a 1928, em setembro de 28 aderiu ao Partido Libertador, assumindo a sua vice-presidência no dia 20. Apoiou a Aliança Liberal em 1929. Rompeu com Vargas em 1932, colocando-se ao lado dos revoltosos paulistas. Com a redemocratização do país, foi eleito Deputado Federal, período de 1946 a 1950, membro da Constituinte

de 1946, pelo Partido Social Democrático. Ocupou o posto de Diretor do Banco da Prefeitura do Distrito Federal de 1951 a 1953. Em 1958 concorreu ao pleito municipal, sendo derrotado. Faleceu em Passo Fundo a 26-05-64. Era casado com Laura Loureiro Lima. Filhos: Ulpiano, Honorina e Laurinha. (ON nº 337, de 22-09-28; e nº 10.665, de 27-05-64.)

A 25-01-25 surgiu o jornal GAZETA, “Órgão independente, noticioso e dos interesses locais”, fundado por Ney de Lima Costa, proprietário e diretor. A gerência foi entregue a José Rodrigues da Costa.

De periodicidade irregular, formato 38 x 56, 4 páginas, a Gazeta passou a semanário domingueiro a partir do nº 7, de 05-04-25. Impresso na Tipografia da Gazeta, logo depois a “casa editora” passou a ser a Livraria Minerva, adquirida por Ney de Lima Costa e instalada na General Neto nº 20. Em junho do mesmo ano, devido ao falecimento do gerente, assumiu o cargo o diretor das oficinas, Waldomiro Soares, ex-funcionário do jornal ULTIMA HORA, de Porto Alegre. José Rodrigues da Costa havia dirigido os serviços tipográficos dos jornais O Periscopio, O

Regimen e A Época. (Gazeta nº 6, de 1º-04-25; nº 7, de 05-04-25; nº 43, de 27-12-25; e ON nº 1, de 19-06-25.)

A opinião do diretor vinha inserida nas colunas “Pela Cidade” e “Seção de... Reparos”, sob o pseudônimo *Pélicos*: “O policiamento de nossa urbs é assaz deficiente. (...) Comumente vemos à noite um grupo de soldados, em número de 6 a 8, sob o comando de um inferior ou cabo percorrer as ruas com armas de guerra, em atitude marcial, desenvolvendo uma cadência de 120 passos por minuto, o que aliás é própria para as paradas. Entendemos, no entanto, que o policiamento deve observar outro critério. A patrulha deve ser distribuída em grupos de 2 a 3 guardas, em diversos pontos da cidade. Estes calmamente observarão o que de anormal ocorrer, procurando evitar qualquer ato irrefletido ou abuso que possa degenerar em crime. (...)” (Gazeta nº 4, de 22-02-25.)

“Algo se está fazendo em benefício da cidade: sarjetas; calçamento na frente e fundos da Intendência, para seu uso e gozo; substituição dos postes de ferro da iluminação pública, que existiam sem lâmpadas, no centro da Avenida Brasil, por outros, aliás mais elegantes, e que, necessariamente, terão lâmpadas;

remodelação das praças públicas. É mais por esse motivo que vimos chamar a atenção dos srs. fiscais para reprimir o abuso inveterado dos construtores ou de quem quer que seja de fazer depósito de material para construção: pedras, tijolos, areia, etc., nas ruas por tempo indeterminado. (...)” (Gazeta nº 20, de 05-07-25.)

“Num misto de piedade e revolta, vimos percorrendo as ruas da cidade, batendo de porta em porta, uma ex-praça do extinto 6º corpo auxiliar, mutilado da revolução, implorar uma esmola, estendendo à caridade pública e mesma destra que, ontem, empunhou a mauser, em defesa da ordem e da legalidade. Exibia esse estropiado uma subscrição competentemente visada pelo sr. subintendente como um atestado da sua invalidez, para com o produto colhido, poder se transportar à capital do Estado, a fim de internar-se em um hospital. Triste ilusão desse visionário! O único favor oficial encontrado por esse mísero ex-soldado, foi a rubrica da referida autoridade! Parece-nos que algo de mais positivo deveriam fazer as autoridades legais de harmonia com a chefia política, a favor da pretensão, assaz justa, daquele que se invalidou para mantê-los no poder. Seria um gesto louvável, porque é justo,

é humano, é, em síntese, um dever de gratidão!” (Gazeta nº 31, de 20-09-25.)

A 22-02-25, no seu nº 4, a Gazeta trouxe uma reportagem sobre o “Combate do Rio Pardo”, travado no dia 24-01-25 entre o 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar, comandado pelo tenente-coronel Edmundo Dalmacio de Oliveira, e a retaguarda da Coluna Prestes. Embora não tenha sido divulgada a autoria, essa matéria foi escrita pelo capitão Pedro Salles de Oliveira Mesquita (1893-1951). O diário de campanha desse emérito “militar-poeta”, contendo uma versão mais detalhada dos fatos, só apareceu em livro no ano de 1994, com o título *Por Sertões e Coxilhas*, na série “Documentos Vivos”, do IEL. Em abril do mesmo ano a Gazeta publicou em duas partes o diário de outro oficial do 6º Corpo, o capitão Sintz: “DIÁRIO DE CAMPANHA. Damos a seguir o diário de campanha do valoroso capitão Osvaldo Sintz, ex-comandante de uma companhia do 6º Corpo A. B. M. relativo ao Combate do Rio Pardo, a título de curiosidade, como jornal noticioso que é a Gazeta: Janeiro – 19 – Pelo Coronel Claudino N. Pereira, foi escalado o 6º Corpo para fazer a exploração até Pary. O Tenente-Coronel Edmundo Oliveira designou a 1ª e 3ª

companhia para a referida exploração. Estas eram compostas dos Capitães Apolinário Torres e Osvaldo Sintz, 1º Tenente Felix Gralha, 2ºs ditos Aracy Rodrigues da Silva, Paulo Marques, Arthur Cabral, Lauriano Branco e Faustino dos Santos. Dia 20, às 13,20 seguimos marcha para o referido lugar, às 19 h chegamos no ‘Gramado’, onde pernoitamos. Dia 21 às 6 ½ prosseguimos marcha, fazendo a vanguarda o pelotão do Tenente Faustino, às 10 ½ nossa vanguarda foi surpreendida pela guarda inimiga, composta de 20 homens, que se achava postada no lugar denominado Gamelinha travando-se ligeiro tiroteio, tendo o inimigo se retirado em debanda, deixando morto no local o 3º sargento Manoel Barcellos, pertencente ao 1º B. F. V. e de nossa força ferido o cabo João Ferreira. Depois de explorarmos o terreno, voltamos a acampar no lugar conhecido pelo nome de Guinas, que dista ½ légua do local do encontro, por motivo de ter ficado para trás o Comandante Edmundo, que nos ordenou que pernoitássemos nesse lugar. Dia 22, às 6 h, prosseguimos marcha, sendo a vanguarda feita pela 3ª Companhia e obedecendo a força a seguinte disposição: o 1º pelotão, no flanco direito; 2º, do Tenente Cabral, flanco esquerdo; 3º, comandado pelo Tenente Branco, pelo centro. Nesta disposição

avancamos até a encruzilhada de Pary, dali em diante a 1ª Comp. tomou a picada da esquerda e a 3ª, a da direita. Às 10 h alcançamos a 1ª trincheira inimiga que fica pouco além de Gamelinha e prosseguindo a marcha encontramos uma derrubada que trancava a picada; às 11 h alcançamos a 2ª trincheira na aludida encruzilhada; às 11 ½ chegamos ao reduto de Pary. As trincheiras eram assim construídas: na pequena planície, à nossa frente, via-se patentemente uma fossa com um metro cúbico, cuja disposição interna destinava-se ao assentamento de uma metralhadora, de forma a poder qualquer homem fazê-la funcionar de joelhos. Desta fossa à distância de 300 metros via-se grande quantidade de madeira derrubada, juncando o terreno até certa distância em toda a largura da estrada. Em sentido longitudinal da base dessa trincheira havia para os flancos piques numa distância de 1.000 metros e em uma linha reta, em número de 15, que constituíam excelentes anteparos e abrigos para retirada. Na noite desse dia pernoitamos em Pary e aí fomos informados pelos índios que o grosso da coluna inimiga aí permanecera 10 dias, levantando acampamento há 4 dias rumo rio Guarita, ficando ali destacado o 1º B. F. V. comandado pelo major Portella, que fazia a retaguarda da Coluna Prestes e que na manhã desse dia levantara

acampamento com o mesmo destino. Apesar de ter terminado a nossa missão, o Comandante Edmundo determinou que seguíssemos ao encalço do inimigo, seguindo a pista do mesmo na manhã seguinte, dando disso ciência ao Coronel Claudino. Pelas últimas horas desse dia alcançou a nossa força o 1º Tenente Álvaro Rocha com 12 homens conduzindo munição. Dia 23, às 6h, prosseguimos marcha, abandonando os caminhos velhos, seguindo um pique recentemente aberto, onde se via rastros da força inimiga e encontrando a cada momento cavalos mortos e cansados, assim como quantidade de arreamento e utensílios de campanha. Em um lajeadinho pouco aquém do passo do Osório, Rio Guarita, fizemos prisioneiros uma mulher e um bagageiro do Cap. Revol. que fugiram ao pressentir nossa força; capturada a mulher, esta nos informou que a força inimiga do Major Portella passara o rio no dia anterior, tendo perecido afogado um sargento. Às 12 h chegamos ao referido passo do Rio Guarita e às 13 ½ demos começo à passagem do rio às 16 h, depois de muitas dificuldades e com sério perigo. Nesta passagem perdemos um soldado da 3ª companhia, Mario de Oliveira, afogado, tendo escapado miraculosamente o cap. Sintz, que foi salvo pelo médico Zeferino Justi, o qual foi levado pela correnteza,

tendo o tenente Cabral atirado um laço em que se segurou o referido médico. Dia 24, às 7 h, prosseguimos marcha em direção a nordeste, ignorando até então o rumo que havíamos tomado deste à encruzilhada próxima ao reduto do Pary. A nossa força deste rio em diante tomou a seguinte disposição: uma vanguarda de dois pelotões, um pertencente a 1ª, e outro a 3ª companhias, comandadas, respectivamente, pelo 1º tenente Galha e 2º Branco, marchando a 50 metros mais ou menos o pelotão do 2º tenente Faustino e o do tenente Rocha. Em seguida o comandante Edmundo com o restante da força. Às 9 ½ hs divulgávamos à nossa esquerda um volume d'água considerável, que julgávamos ser o rio Uruguay e então nos apercebemos de terreno conquistado. Em face desta observação a vanguarda sob o comando dos tenentes Galha e Branco por um estafeta avisaram ao comandante Edmundo, deste fato, prosseguindo a coluna a sua marcha neste itinerário feito com todo o silêncio e cuidados e a monotonia das matas era quebrada durante duas horas em marcha ininterrupta pelo murmúrio das águas ouvidas da nossa esquerda; às 12 ½ o comandante Edmundo determinou um ligeiro descanso sobre as margens de um regato cujo nome não nos foi possível saber. Neste descanso a vanguarda de

infantaria distava a 800 metros em coluna por um lado, quando estes oficiais, da vanguarda, foram avisados pelo Comandante de que deveriam fazer alto para descansar. Em virtude dessa ordem, os tenentes Gralha e Branco acordaram em colocar uma sentinela e destacarem para a frente o cabo Manoel Eufrazio, para observar o terreno. Mal este cabo havia avançado cem metros ouviu vozes e viu o inimigo sobre a margem de um rio que depois se soube denominar-se rio Pardo. Voltando imediatamente disto deu ciência ao tenente Gralha que por sua vez comunicou ao comandante Edmundo, tendo este comando enviado o referido oficial para o local a fim de se cientificar da verdade, precisando o número e a posição do inimigo. O tenente Gralha voltou dando cumprimento à ordem recebida, dizendo mais que ouvira do inimigo que procurava transpor o rio, as seguintes frases: ‘Apura cabo! Rema direito a canoa senão a chimangada te pega!’ (vozes de mulheres) Ao receber esta notícia o Comandante Edmundo preparou a tropa em disposição de ataque, já tendo ficado além da força próximo do inimigo, espreitando, os sargentos Afro Haietti, Francisco Mello, cabos Manoel Eufrazio, Arator de Oliveira e João Pardelinho e soldados Augusto Soares, Sady Paiva, Rufino Mariano, Emilio Combi e Sebastião Cyrillo; que assim

procederam para que o inimigo não pressentisse a trepidação da mata e prontos para uma resistência; que ansiosos pela presença do inimigo transpondo o rio e com aproximação dos tenentes Rocha e Faustino aquelas praças romperam serrado tiroteio contra o adversário, assumindo então estes oficiais o comando daquelas praças. Avançando o comandante à frente das companhias e da vanguarda que se achava recolhida, chegando ao local do combate dispusera a 1ª companhia sobre o flanco direito, mantendo uma linha à retaguarda e a 3ª à esquerda. A força nesta disposição rompeu e manteve rápida e intensa fuzilaria, imprimindo ao inimigo um pânico indescritível, visto como foram surpreendidos à margem do rio em lugar apertado quando precisamente procuravam evadir-se, transpondo o rio numa largura de 50 metros mais ou menos. O nosso inimigo que se achava postado à margem esquerda (nosso lado), com exceção de um ou dois que conseguiu escapar, o mais pereceu, uns afogados, outros varados por balas, o mesmo sucedendo com os que procuravam transpor o referido rio em três canoas, cujo total avaliamos em cento e poucos homens. Das três canoas referidas que cheias conduziam o inimigo, uma naufragou, outra virara e a 3ª conseguiu vencer a margem oposta

apesar da massa inimiga se apostar, tendo a fuzilaria durado por espaço de três horas mais ou menos. Ao cessar esta fuzilaria e a fuga precipitada do inimigo, da margem oposta, o comandante Edmundo, necessitando mandar uma força ao outro lado para persegui-los, perguntou quem teria coragem de atravessar o rio a nado a fim de trazer uma das canoas para embarcar uma exploração. Apresentou-se por esta ocasião, cumprindo em seguida a ordem do comandante, o soldado da 3ª companhia Carlos Steffer, que dando dois mergulhos surgiu no bordo da canoa e nadando arrastou-a até a nossa margem, sendo por isso promovido ao posto de 2º sargento. Enquanto eram retiradas do rio algumas vítimas, transpuseram o rio o 1º tenente Álvaro Rocha e 2º dito Aury Rodrigues com o sargento João Costa, cabo Álvaro Araújo, soldados Manoel Silva, Ozório Oliveira, Arthur de Oliveira e Carlos Stiffer; cabos Agenor Lima, Ulysses Soares, soldados Sady Paiva, Pedro Uagal, Virgilio Pereira, Maximo Sá, Firmino Barbosa e Pedro Martins. O tenente Aury com as oito últimas praças fez um avanço de três quilômetros mais ou menos a fim de explorar o terreno, ficando sob a margem do rio o tenente Rocha com as seis primeiras praças reunindo os troféus abandonados pelo inimigo. A margem

oposta que é de difícil acesso fora vencida pela exploração referida que, avançando, encontrou a 600 metros mais ou menos daí, bem próximo à foz do rio Pardo que despeja suas águas no rio Uruguay, próximo a uma roça de milho, um cargueiro contendo o arquivo que se compunha de mapas tipográficos preenchidos de todas as minudências necessárias à marcha, precisando os referidos mapas toda a alteração havida e por haver com essa coluna como o itinerário feito; abastecimento recebido, reforços, picadas e rios a transpor, pontes e pinguelas, lugares onde deveriam receber reforços e munições e fortificações idealizadas, finalmente marchas a se realizarem, além da correspondência comprometedora de um número elevado de cúmplices, ordens do dia, declaração de haver ficado com o dinheiro do Batalhão Ferroviário e mais papel de alta importância. Este arquivo fora achado pelo cabo Agenor Lima e entregue ao seu comandante Aury, que de regresso à barranca do rio, depois de lido parte da correspondência lá na roça, entregou-a ao 1º tenente Rocha que por sua vez dela fez entrega imediatamente ao Comandante Edmundo. Após nossa força ter transposto o rio Pardo encontrou aí caído e gravemente ferido um revolucionário cujo nome ignoro, que ao aproximar-se do tenente Rocha solicitou

a este que não o deixasse matar, no que fora atendido, dizendo em seguida que tomasse precaução porque numa roça próxima dali seus companheiros constituíram uma linha de defesa, tendo o tenente Rocha por esta ocasião dado um pouco d'água ao ferido que lhe pedira. Assim informado o tenente Rocha pediu reforço no que foi atendido, ordenando-lhe o comandante para que fosse com um grupo. Imediatamente, com dez praças, transpôs o rio, não tendo mais nada a fazer, pois que o tenente Aury já havia explorado convenientemente o terreno. Neste ínterim ao tenente Rocha fora determinado pelo Comandante Edmundo que viesse à sua presença o ferido que se achava do outro lado. Interrogado o ferido, este declinou o nome de alguns mortos e precisou bem os do major Portella e tenente Bins, reconhecendo-lhes os cadáveres, dando ainda outras informações, falecendo momentos depois, proveniente de grande hemorragia por ser gravíssimo o ferimento. Nessa tarde o comandante determinou o sepultamento de seis cadáveres inclusive o do major Portella que fora feito em separado sob o pé de uma árvore e feita uma inscrição referente. Ao expirar os últimos raios do sol a força destinada à exploração fora recolhida para onde nos achávamos postados à margem esquerda do mesmo

rio e ali pernoitamos. Na manhã do dia 25 o Comandante Edmundo determinou que fosse transportado para o nosso acampamento os animais deixados pelo inimigo na margem oposta, bem como retirar do rio as vítimas que fosse possível, as quais foram em número de oito e com seis do dia 24 perfazem o número de quatorze corpos retirados da água. Animais capturados por essa ocasião foram seis, ficando número elevado de feridos e mortos.” (Gazeta nº 6, de 1º-04-25; e nº 7, de 05-04-25.)

“SEÇÃO LIVRE. DISSOLUÇÃO DO 6º CORPO. Como é de domínio público, foi dissolvido pelo Governo o 6º Corpo A. B. M. que desde 1923 vem prestando serviços ao Rio Grande e à República. Foi ele criado, como se sabe, por ocasião do sítio desta cidade, em princípios de 1923, com a denominação de 1º Corpo provisório, quando as forças conjuntas dos chefes revolucionários Felipe Portinho, Salustiano de Pádua, Quim Cezar, Arthur Caetano, Lacerda de Almeida e outros, obrigaram a uma concentração em Passo Fundo de soldados provisórios e republicanos civis, sob o comando do major Machado (João Cândido Machado). Fez parte da campanha de 1923 em várias excursões por este e pelo município do Erechim; em

1924, por ocasião da rebelião em S. Paulo, S. Luiz e outros lugares, fazendo parte de uma coluna, o 6º marchou sobre os revolucionários de Prestes, perseguindo-os até Rio Pardo, município de Palmeira, onde se deu sangrento combate. Regressando a esta cidade, foi mandado para o Paraná, onde se portou com grande denodo, recebendo as cognominações de *Florão das Tropas Gaúchas*, no dizer do general Coutinho e *Heróis de Catanduvas*, pelo benemérito brasileiro general Rondon. Terminada a missão Paraná, por fatos conhecidos por todos, entre os quais pesavam gravíssimas acusações contra o comando do Corpo, explodiu no seio da oficialidade uma reação contra o referido comandante, dando origem à abertura de um inquérito militar presidido pelo Tte. Cel. dr. Ercilio Lucio Esteves, que terminou em Porto Alegre com acareação do acusado com o capitão Oliveira Mesquita e 1º tenente Satyro Vargas. O comandante Edmundo foi francamente apoiado pela chefia local que tinha como certa a substituição dos oficiais chamados ‘revolucionários’ por outros previamente convidados, alguns dos quais ex-oficiais do 30º Corpo, há pouco tempo dissolvido, havendo apostas grossas de que o comandante Edmundo seria mantido na direção do Corpo. De tal natureza manifestara-se a chefia que foi

ao ponto de declarar que se não triunfasse cairia com o comandante do 6º Corpo. E já não é a primeira vez que a chefia política anuncia a sua queda: já o fez por ocasião da demissão de um delegado de polícia em carta ao chefe supremo do Partido Republicano; já o fez por ocasião da demissão e prisão de Herculano de Quadros; já o fez por ocasião do incidente de 1923, quando s. s. aspirava o comando da Brigada do Norte, opondo-se à nomeação do cel. Firmino de Paula Filho. Não nos causará surpresa alguma a sua apregoada queda com o Tte. Cel. Edmundo pelo qual s. s. fazia questão fechada de mantê-lo no comando do 6º Corpo. Conhecemo-lo bem: o que ele não quer fazer – apregoa. S. s. continuará de pé? Acocorar-se-á apenas? É o que resta saber. O que se sabe é que s. s. pretende passear na Capital Federal. E assim perguntamos: Teria s. s. tropeçado em Passo Fundo e caído... no Rio? Passo Fundo, 31 de julho de 1925. *Raphael Pimpão.*” (Gazeta nº 24, de 02-08-25.)

Edmundo Dalmacio de Oliveira possuía uma casa comercial de artigos finos na Rua Bento Gonçalves. Entre outros cargos públicos consta ter sido vice-intendente de Lagoa Vermelha. Naquele município, em 1920, após romper com o intendente, cel.

Maximiliano de Almeida, envolveu-se em violento tiroteio, na via pública, ocasião em que morreu o subintendente José Dias. Em 1922 foi nomeado comandante da guarda municipal de Passo Fundo. Encerrada a Revolução de 30, assumiu a subchefia de polícia da região, com sede nesta cidade. A 19-05-31 presidiu a comissão que pretendia fundar em Passo Fundo uma agremiação cívica chamada “Centro Republicano Flores da Cunha”. Faleceu no dia 20-09-31, em Tupanciretã, onde se encontrava a serviço. Foi sepultado em Passo Fundo. Era casado com Ambrosina Lima de Oliveira (irmã de Brasilico Lima). Filhas: Nedy, Neusa e Naura. Além das carreiras, Mundica também gostava de futebol. A 1º-02-25 foi eleito presidente do S. C. Gaúcho. (ON nº 386, de 23-02-29; nº 797, de 16-12-30; nº 926, de 21-05-31; nº 1.028, de 21-09-31; A Luta nº 34, de 23-09-31; A Voz da Serra nº 174, de 28-06-19; nº 31, de 13-02-25; A Época nº 82, de 31-08-22; e Moraes, Demétrio Dias de. Brasil Grande e A História de Lagoa Vermelha. L. Vermelha: Imprensa Planalto Ltda., 1977.)

Jornal cuja divisa era “Tudo pelo Município”, a Gazeta exibia as mais variadas matérias: “CASAMENTO. Uma jovem bela, com 22 anos de idade,

solteira, contando uma fortuna superior a 200 contos, deseja casar-se. Os interessados devem escrever para a redação da Gazeta, com o seguinte endereço: senhorita R. P. D. Os pretendentes em suas cartas de oferta devem dizer a idade, cor, descendência, se sofrem ou não de moléstia incurável, profissão e lugar que deseja falar com a interessada.” (Gazeta nº 20, de 05-07-25.)

“CASAMENTO VANTAJOSO. Passo Fundo, 19 de julho de 1925. – Exma. Srta. X. X. X. – 200:000\$000, ou duzentos contos de negócio – Saudações respeitadas. – Um rapaz de seus vinte e três anos, moço viçoso e exuberante de saúde e vigor varonil, filho primogênito de pais cujo capital se eleva a 500:000\$000 de réis, tendo um único irmão, bastante herdeiro de grande fortuna, origem ítalo-brasileira, branco, de boa estatura e de feições agradáveis, conforme as opiniões da sua mãe, deseja um pedido de 200:000\$000 que juntos aos 150:000\$000 que ele possui dão para iniciar uma indústria que representa o seu ideal. Desejava ele somente saber em que dia, que hora e que lugar poderia falar-lhe tête-a-tête. A formação intelectual dele é européia com mescla brasileira. De V. S^a. Crd^o. At^o. –

S/futuro marido, *J.* Dirige-se a *J. Café Serrano* – prazo máximo até 26 do corrente.” (Gazeta nº 24, de 02-08-25.)

“São Gabriel, 24 de julho de 1925. – Srta. R. P. D. – Passo Fundo. Li no jornal o ‘Estado’, que edita-se nesta cidade, transcrito da ‘Gazeta’ de Passo Fundo, um anúncio no qual V. S. pretende matrimoniar-se. Eu achando-me habilitado para tal venho dar-lhe os dados que V. S. requer e mais alguns privilégios de que sou possuidor. Capital equiparado com o vosso. Cor branca tendo no rosto uma covinha sinal de elegância, descendência ótima, se entrarmos em acordo vos darei detalhada. Sofre de moléstia incurável? Absolutamente não, perfeitamente só o único incômodo que sofro, mas não é grave e tem cura, conforme atestado do médico, se preciso for, vos remeterei, é hemorróides, doença hoje muito comum... Nacionalidade: origem italiano, moreno, olhos castanhos, boca regular, pé nº 43, idade 30 anos, viúvo há cinco anos com a sra. d. Clarinha. Profissão: criador, maior estoque em gados finos desta cidade. Vossa resposta deverá ser dirigida a O. B. Largo da Estação 88. Caso queira falar pessoalmente estou às ordens, só marcar o lugar. Peço vossa fotografia – Do vosso apaixonado - *O. B.*” (Idem.)

“S. Gabriel, 25 de julho de 1925. – Sr. Redator da ‘Gazeta’ – Passo Fundo – Caro Sr. – Tendo lido no ‘Estado’, jornal que se publica nesta cidade, um anúncio transcrito desse órgão, sob o título – Casamento – em que uma jovem declara desejar casar-se. Como é natural, isso despertou-me curiosidade, pelo original meio de conseguir um marido e como também sou inclinado às originalidades, resolvi apresentar-me candidato, embora já considerado no número dos celibatários, devido a minha idade e por ter sempre, sistematicamente, combatido o casamento. Assim, rogo-vos sr. Redator transmitir a senhorita R. P. D. a minha pretensão. Possuo 36 anos de idade, brasileiro (natural de Bagé), cor morena, órfão de pai e mãe, que aliás eram pessoas dignas, não sofrendo de moléstia contagiosa (atualmente) e de profissão militar. A senhorita pode, pois, dirigir-se por carta ao abaixo-assinado, na cidade de São Gabriel, onde tenho residência fixa e marcar dia, hora e lugar nesta cidade, para o nosso encontro que ansiosamente aguardo para converter em realidade essa aspiração. Levarei todos os documentos, que comprovem o que acima afirmo, bem como a minha idoneidade moral. Aí em Passo Fundo, tenho alguns antigos camaradas e amigos que podem dar referências de minha

peessoa. Sem outro assunto, subscrevo-me com estima e consideração, seu ex-corde. *Alencastro Régis.*” (Idem.)

Na Gazeta estão impressas algumas poesias satíricas de Gomercindo dos Reis:

PONTA GROSSA

Minha presada Isidora
Sua carta aqui já está,
Dizendo que se demora
No Estado do Paraná.

Pelo que vejo a senhora
Anda elevada por lá,
Que não liga mais agora
Os que ficaram por cá...

More aqui ou more lá,
Toda a terra onde se possa
Viver feliz, não é má!

Sei que a senhora remoça
Quando está no Paraná:

Só gosta de Ponta Grossa...
(Gazeta nº 48, de 24-01-26.)

Os projetos da Gazeta para o ano de 1926 estão todos relacionados no editorial do 1º aniversário: “O NOSSO ANIVERSÁRIO. Gazeta completou no dia 25 p.p. o seu primeiro aniversário. É com prazer que proclamamos bem alto que ela soube fielmente cumprir com o programa a que se traçara. Dado o acolhimento generoso e justo que tem tido os habitantes da região serrana, maxime do povo culto de Passo Fundo, sua direção não tem poupado esforços no sentido de torná-lo um órgão na altura do progresso e da cultura deste recanto futuroso do Rio Grande. Não só sob o ponto de vista material, como a substituição e aumento do material gráfico e maquinários, não só sob o ponto de vista intelectual a Gazeta acompanha a célere evolução local. Jornal essencialmente imparcial, independente na expressão rigorosa do termo, noticioso, poderoso fator do desenvolvimento regional, a Gazeta tem sido, por sua vez, intérprete das mais nobres aspirações dos filhos desta terra. Vamos, pois, transpor, orgulhosos do dever cumprido, a porta do segundo ano de vida jornalística, seguindo caminho da experiência, e pautando a estrada segura

do nosso desideratum. Auscultando sempre e cada vez mais as tendências e as aspirações do povo passo-fundense, procuraremos representá-lo em todos os seus ideais, nem mesmo desprezando o ideal religioso da grande corrente católica que forma a maioria das populações regionais, pois é assim que compreendemos um jornal que se intitula fiel intérprete do povo em cujo seio exerce a sua ação jornalística. Doravante Gazeta, para melhor cumprir a sua missão, será publicada duas vezes por semana, nas terças e sextas-feiras, a fim de poder atender, com melhor amplitude, o seu noticiário e os inúmeros fregueses de anúncios. Para esse fim foi escolhido e nomeado efetivamente para os cargos de redator e gerente o nosso ilustre companheiro de trabalho capitão Oliveira Mesquita, que estamos certos, com seu tirocínio jornalístico e com o seu ardor próprio da mocidade, aliados ao seu talento pouco vulgar dará o melhor dos seus esforços e de sua dedicação ao jornal que já se tem imposto ao acolhimento público. Cremos que não poderíamos festejar melhor a data do nosso aniversário do que pelo modo exposto: aumentando a tiragem da Gazeta, dando-lhe nova feição material e intelectual, ampliando o seu programa sob o ponto de vista da religião do povo de Passo Fundo.” (Gazeta nº 49, de 02-02-26.)

Exemplares de julho de 1926 indicam que o jornal voltara a ser semanário e dominical. O formato diminuiu para 28 x 38 e o número de páginas aumentou para 8. Waldomiro Soares figurava como gerente e Oliveira Mesquita apresentava suas despedidas, comunicando transferência para São Luiz das Missões. (Gazeta nº 85, de 11-07; e nº 87, de 25-07-26.)

O último exemplar da Gazeta (1ª fase) editado na cidade foi o nº 88, de 1º-08-26: “Suspendeu publicação circulando domingo seu último número o semanário local ‘GAZETA’, que obedecia a direção do dr. Ney de Lima Costa. Essa folha foi vendida para o sr. João Carlos de Araújo e Silva devendo aparecer em Carazinho sob a direção desse último senhor. O dr. Ney de Lima Costa, segundo diz em seu artigo de redação, pretende dotar brevemente esta cidade com um jornal diário, se forem favoráveis as negociações que entabulou a respeito com um conhecido jornalista rio-grandense.” (ON nº 118, de 04-08-26.)

Ney de Lima Costa fundou mais um jornal, chamado VANGUARDA,

“Órgão Político”, filiado ao Partido Republicano Liberal (PRL). O primeiro número foi lançado a 24-06-33, no formato 33 x 48, com 4 páginas e mais um suplemento. Dirigido pelo proprietário e fundador, tinha como gerente Marcelino Rodrigues Braga. A redação, gerência e oficinas localizavam-se na Av. General Osório, 924. Saía aos sábados. Com a morte de Ney de Lima Costa, a 21-07-33, a direção passou a ser exercida interinamente pelo gerente. Em outubro daquele ano o jornal estava circulando às quintas-feiras. (Vanguarda nº 1, de 24-06; nº 11, de 19-08; e nº 23, de 19-10-33.)

Em julho de 1934 foi anunciada a criação da folha local A REFORMA, órgão de propaganda política do PRL na região serrana. A direção ficaria por conta do político Arthur Caetano. Embora deferido o pedido de matrícula, pelo MMº Juiz de Direito da Comarca, conforme noticiado, esse jornal não foi matriculado no Cartório. (ON nº 1.867, de 30-07-34; e Livro Matricula de Officinas Impressoras e de Jornaes e Outros Periodicos – Livro B, Nº 1.)

A 19-06-25, uma sexta-feira, foi lançado O NACIONAL, bi-semanário de propriedade de Theophilo Guimarães,

direção de Herculano Araújo Annes e gerência de Hyran de Araújo Bastos e Americano de Araujo Bastos. “Jornal Independente”, com circulação às quartas e aos sábados, apresentava o formato 30,5 x 43 e 4 páginas. A redação e a gerência funcionavam na Livraria Nacional. O título foi desenhado por Geolar Caminha e gravado em Porto Alegre, na clichéria da Editora Globo. (ON nº 1, de 19-06-25; e Machado, Antonio Carlos. Cinquenta Anos de História. Primeiros Tempos (1), *in* ON nº 13.934, de 19-06-75.)

“O NACIONAL. Editado em oficinas de vida comercial independente, gozando de mão de obra farta e material em boas condições, O Nacional aparece hoje, com esperanças de longa vida no seio da população passo-fundense. Fundado em tais intenções, mister é que digamos algo sobre o seu feitio moral: é preciso saber com quem se vive. Todo o nosso programa se resume nas duas palavras do cabeço: Jornal independente. Independente é aquele que vive por si e se dirige por seu próprio arbítrio sem sugestões estranhas; independente é quem não se acha preso em liames de partidarismo, é quem não está chumbado aos elos de uma fé nem coagido pelas necessidades da vida, ao amém eterno da

subalternidade. Ser independente é ser livre. O primeiro dever de quem é livre é respeitar a liberdade alheia. Quem quer ser livre deve ser honrado, deve ser justo, deve por-se acima dos pequeninos interesses que pupulam no seio das coletividades em formação, mas também deve ser enérgico e irreduzível no culto da verdade. Nem abusar nem temer. Nós queremos ser livres. Não significa isso que afastemos de nós assuntos escabrosos como o são geralmente os políticos, os administrativos e os religiosos. Não; de todos falaremos si mister e nisso está a principal vantagem de quem tem os movimentos soltos. O que significa é que em nenhum assunto interesses secundários nos irão desviar da reta que traçamos. Não pregaremos crenças porque não somos religiosos; não empreenderemos propagandas políticas porque não somos políticos; mas chegaremos à política e chegaremos a qualquer idéia ou fato quando ele interessar de perto a vida comum. Liberdade máxima dentro da máxima responsabilidade. Eis o nosso lema.” (ON nº 1, de 19-06-25.)

Em 1925 os dois principais clubes esportivos de Passo Fundo, “Sport Club Gaúcho” e “Gremio Sportivo 14 de Julho”, disputaram pela primeira vez um

campeonato de futebol organizado pela Federação Rio-Grandense de Desportos. No primeiro jogo, realizado a 20-09, o Gaúcho foi derrotado em seu campo por 2 x 0. 14 DE JULHO: Dionysio, Borlantium e Filhinho; Genity, Paco e Lavorati; Tealdo, Alcides, Gradim, Octacilio e Alarite. GAÚCHO: Marques I, Marques II e Bica; Delvaux II, Delvaux I e Canfild; Heitor, Magalhães, Brasileiro, Centeno e Culmann. GOLs: Octacilio e Alcides. Árbitro: João A. Bello, enviado pela Federação. Devido ao mau tempo o segundo jogo só ocorreu a 29-09, no campo do 14 de Julho, com a vitória deste por 2 x 1. Na 2ª fase da competição o 14 de Julho foi eliminado pelo Guarany de Cruz Alta. (ON nº 28, de 23-09-25; nº 30, de 30-09-25; e nº 38, de 27-10-25.)

A data da fundação do S. C. Gaúcho é 12-05-18. (Registro de Pessoas Jurídicas nº A-1, fl. 21.) Um outro clube local, denominado “Gremio Sportivo”, surgiu no mesmo período: “**Columna Sportiva**”. O encontro entre os segundos teams do GREMIO e GAÚCHO teve lugar a 25 do corrente, domingo último, sendo disputada a medalha de prata oferecida pela Livraria A Minerva de propriedade da firma Corá & Chagas. Reunidos os teams à Praça Mal. Floriano,

seguiram para o ground do GREMIO precedidos de uma banda de música e acompanhados de grande número de seus admiradores, todos ostentando os distintivos dos clubs a que são simpáticos. Às 15 horas o referêe chamou os jogadores, foi sorteado o toss cabendo ao GREMIO que escolheu o lado de cima. Em seguida, organizado o jogo, foi batido o kick-off pelo center forward do GAÚCHO começando a luta equilibrada, destacando-se a brilhante atuação da defesa do GREMIO. Após 10 minutos de jogo, Schaant passa a pelota a Tupy, que driblando os backs schoota a bola na área do gol, deixando o goal-keeper com a sua defesa infeliz ser marcado o primeiro ponto para o GREMIO. Recomeçando o jogo seguem-se diversos ataques procurando O GAÚCHO firmar o jogo para dominar o adversário, conseguindo o forward Victor, 5 minutos antes de terminar o half-time, numa bela carga e à distância de 30 yards, enviar a bola à rede do GREMIO, fazendo assim terminar o primeiro half-time com o score de GREMIO 1 goal; GAUCHO 1 goal. Após 10 minutos de descanso foi recomeçado o jogo, esforçando cada qual para decidir o desempate a favor de seu club, sendo notado o jogo excessivamente violento de João Issler e Petry. Osmar e Victor interviram constantemente jogando com

extraordinária chance pondo constantemente em perigo o goal do Gremio brilhantemente defendido pela sua ótima defesa, dando lugar a que Cony como goal-keeper fosse muito aplaudido. Depois de 30 minutos de jogo, Victor passa a bola a Alfredo que não obstante achava-se em off-side schoota em goal e marca o segundo ponto para o GAÚCHO. Iniciado novamente o jogo, não esmoreceram os do GREMIO mas, deixaram passar muitas ocasiões de aumentar o seu score. GAÚCHO 2 goal; GREMIO 1 goal. O juiz, sr. João Annes Sobrinho agiu com muito critério e segurança. Jogaram no segundo team do GAÚCHO três ótimos jogadores de seu primeiro team, sendo que nesta temporada é esta a primeira vitória marcada em seu carnet. À noite, nos salões do Hotel Internacional, foi entregue ao jovem Victor Issler, capitão do GAÚCHO a medalha vencedora que fez jus a sua equipe, seguindo-se um concorrido e muito animado baile até altas horas da noite, reinando a maior harmonia entre as acaloradas discussões dos dois partidos de luta sportiva. *Achyles.*” (A Voz da Serra nº 137, de 28-08-18.)

Em 1921 a temporada esportiva iniciou no dia 15-05 com um *match* entre

o S. C. Gaúcho, “campeão local”, e o S. C. Carasinhense, no *groud* do Gaúcho. Este organizou o seguinte quadro: Victor, Avancini e Pinho; Moysés, Amantino e Marques; Amadeu, Porto Alegre, Deoclecio, Victor II e Barbieux. “Esta folha folga em ver restabelecido o football nesta terra”. (A *Época* nº 15, de 12-05-21.)

“**Do mirante...** Neste número vamos iniciar o registro das observações que fizemos entre as rodas elegantes de nossa sociedade no domingo e dias de festa anteriores à publicação do jornal. As notas serão, apenas, para elogiar as senhorinhas que, pelo traje, maneiras, atitude, graça, de qualquer forma enfim venham a salientar-se merecendo o aplauso dos que admiram as manifestações da beleza. Fomos, domingo, assistir à partida entre as equipes do *S. C. Gaúcho*, local, e o seu congênere *Sport Club Carasinho*. O campo estava repleto de cavalheiros, senhoras e senhorinhas que alegremente aplaudiam com entusiasmos os jogadores de suas simpatias. Destacava-se o grupo das ‘Legionárias Gaúchas’, vestindo uniforme com as cores branco e verde, e que foram recebidas no recinto com uma salva de palmas. Antes de começar o jogo, estávamos cavaqueando sobre o

desporte, assunto do dia, quando os circunstantes quase a um tempo suspenderam as conversas, os palpites, as cavaqueações... Que haveria? Voltamos e vimos que penetrava no anfiteatro uma jovem esbelta, airosa, nobremente linda, trajando belo vestido branco engalanado na altura do coração com um tope de fita verde; uma alvinitente pele de *boá*, posta despreocupadamente em diagonal, caía-lhe sobre as espáduas deixando ver o colo magnífico, branco, alabastrino; na cabeça o chapéu alverde estilo napoleônico dava-lhe o donaire majestoso e solene de uma princesa imperial. Ao nos cumprimentar, sorriu; notamos a dentadura de marfim sombreada pelo róseo dos lábios e conhecemo-la, então: era a senhorinha Cecy Moreira Fontoura a quem o anfiteatro unânime prestava a homenagem de calar-se para melhor apreciar a sua passagem, aplaudindo-a. Outra nota elegante da semana foi dada pela graciosa noiva senhorinha Iracema Albuquerque cujo matrimônio se realizou quinta-feira passada com o dr. Irineu Torres de Vasconcellos. O vestido de noivado, verdadeiro primor da arte costuraria, é um lindo traje com dupla cauda, feito de cetim branco enrolado em torno do corpo e guarnecido com cachos de flores de laranja, realçando os atavios de seda branca, rosas bordados em alto-

relevo com franjas de pérolas. Obra-prima de estilo parisiense que valeu muitos e merecidos aplausos a d. Zulica Machado, modista que o confeccionou revelando bom gosto, educação estética e conhecimento perfeito no manejo da agulha. *Jota.*” (A *Época* nº 16, de 19-05-21.)

O G. S. 14 de Julho estabeleceu o dia 27-06-21, data da eleição da sua diretoria definitiva, como a data oficial da sua fundação. Notícia da existência do clube aparece no jornal A *Época* nº 20, de 16-06-21: “**Vida Sportiva.** Domingo último foi disputado um match de football entre o Sport Club Gaúcho e o Tiro de Guerra local, vencendo aquele por 3 gols a zero. No próximo domingo haverá um encontro entre os jogadores dos clubs 14 de Julho e Gaúcho. A diretoria do Gaúcho pede para avisar que o talão da última mensalidade paga, dará ingresso a seus sócios para assistir o match.”

“PELO SPORT. A nota esportiva de interesse, nesta semana, afora o match de domingo último, sobre o qual preferimos não dizer coisa nenhuma por causa das dúvidas, foi a constituição definitiva da direção do GREMIO SPORTIVO 14 DE JULHO. Essa sociedade realizou, em 27 do corrente,

uma sessão de Assembléia Geral, onde foi aclamada a seguinte Diretoria: Presidente, Arthur Langaro, Vice-Presidente, Waldemar Oliveira, 1º Tesoureiro, Dyonisio Langaro; 2º Tesoureiro, Nativo Oliveira; 1º Secretário, Itaborahy Sarmiento, 2º Secretário, Dario N. Pereira, Orador, Dr. Herculano Annes; Diretor-Geral, Dr. Adão Bueno de Araujo. Conselho Fiscal: Eugenio Franco di Primio, Laudelino Annes Monteiro, Otto Bade, Oribe Marquez, José L. de Castro, João Langaro, Cantidio P. de Moraes, Dr. Brazil Cabral e Max Avila. Foi também organizada a Diretoria das torcedoras do GREMIO 14 DE JULHO, que foi assim constituída: Presidente, sra. Abegayl Marquez; Vice-Presidente, sta. Dylia Caminha; 1ª Secretária, sta. Loura Barreto Eichenberg; 2ª Secretária, sta. Gentil Carvalho; 1ª Tesoureira, sra. Olga B. de Moraes; 2ª Tesoureira, sra. Rozinha Ilha; 1ª Oradora, sta. Analia Brazil Cabral; 2ª Oradora, sta. Mayr Xavier; Porta-Estandarte, sta. Jesus Moraes. Diretoras: Umbelina Miranda, Namir Costa, Dorvalina Lemos, Antonietta Nunes, Rosa Moraes, Stella Pires, Menna Rotta, Zezé Mello, Doralina Barreto, Leonor Santos, Antonina Xavier, Pina Rotta, Cenyrá Machado, Celanyra Costa, Picucha Willig e Ruth Pinto de Moraes. Nessa mesma sessão o dr. Adão Araujo,

na sua qualidade de Diretor-Geral, nomeou capitão do 1º team ao sr. Elias Villanueva. Foi também escolhida uma comissão composta do sr. Mauricio Langaro e dos drs. Adão Araujo e Herculano Annes, a fim de confeccionarem os Estatutos que serão devidamente registrados. Eis o que podemos dizer dessa sessão onde reinou a mais franca cordialidade, sem incorrerem na qualificação de indiscretos. Coisas muito mais filosóficas e metafísicas lá ouvimos, mas mais uma vez preferimos nada dizer por causa das dúvidas. Voltaremos. *SCHUTT.*” (A Época nº 22, de 30-06-21.)

Curiosamente o G. S. 14 de Julho comemorava o aniversário no dia 14-07. (A Época nº 75, de 13-07-22.) Os jogadores eram quase todos oriundos do Gremio Sportivo, clube com o qual o 14 de Julho teria feito uma “fusão”, segundo a historiadora Delma Rosendo Gehm. (op. cit.)

A primeira *cancha* do S. C. Gaúcho foi a do Boqueirão (Estádio Wolmar Salton), conforme relato do capitão Oswaldo di Primio ao co-autor desta obra. Logo em seguida passou a jogar no campo da Rua Teixeira Soares, hoje denominado Fredolino Chimango,

local do antigo cemitério evangélico. (Idem.)

O 14 de Julho treinava no *groud* do Hospital de Caridade. (A Época nº 59, de 16-03-22.) No final de maio de 22 iniciou os trabalhos de construção de um *groud* em terrenos cedidos por Armando Annes, perto do *stand* do Tiro de Guerra. (A Época nº 69, de 1º-06-22.) Abandonado o projeto, por dispendioso, acabou construindo seu campo de jogo em área oferecida por Nicolau Vergueiro, na atual Vila Vergueiro. A inauguração ocorreu no dia 30-07-22, um domingo, contra o S. C. Palmeirense, de Palmeira das Missões, com vitória dos locais por 3 x 2. (A Época nº 78, de 03-08-22.)

Zelio, sempre ele, passava a semana em revista: “**Comentários...** (...) Durante o jogo passaram-se coisas engraçadas que não podemos deixar de passar. Ali estava um grupo de rapazes num entusiasmo estonteante, a ponto de proferirem palavras impróprias daquele centro onde estava reunida enorme massa popular. Notamos também o modo nada recomendável de certas mocinhas que no auge do entusiasmo se excederam demais. É necessário haver mais recato e delicadezas no tratar. Aqueles modos impróprios de moças não é nada

recomendável!... E como não ser assim, pois se também uma certa senhora, que devia dar o bom exemplo à mocidade, era a mais sem modo, como muito bem diz o Dario! Será que o endiabrado jogo faz as pessoas perderem a necessária austeridade, tornando-as indelicadas, desfrutáveis? Acreditamos que sim, pois o que presenciamos nos faz crer nessa barbaridade. Também estranhamos muito a parcialidade do juiz que auxiliando os jogadores do clube visitante, procurou todos os subterfúgios para eles saírem vitoriosos. A torção foi tanta que ultrapassou cinco minutos do horário do encontro!.. Na noite de domingo, realizaram-se dois bailes promovidos pelos clubs sportivos 14 de Julho e Gaúcho. Os saraus tiveram lugar no Club União Comercial e na Casa Barão, com uma animação extraordinária. O baile da Casa Barão nos fez lembrar o passado, esse belo tempo que não volta mais e que vai desaparecendo com o decorrer dos dias. Pois foi ali naquela aprazível vivenda, onde assistimos muitas festas encantadoras em companhia de vários amigos que hoje estão velhos, carregados de filhos e responsabilidades. Foi ali onde muitos deles entregaram o seu coração à eleita escolhida pelo seu amor. Era sempre ali onde se realizavam os melhores bailes do nosso tempo. Estamos certos que não só a nós que aquele baile

fez evocar o passado! Apostamos como até o nosso caro João d'Outrora, também sente saudades daqueles tempos em que ele dançava alegremente naqueles magníficos bailes tão simples no traje dos convidados, cheios de alegria e prazer. Hoje com o modernismo tudo voou para as regiões do desconhecido! Os bailes de agora não tem mais aquela camaradagem e simplicidade. Os saraus de hoje são aristocráticos. A rapaziada só dança tangos e maxixes! Os almofadinhas saem a convidar os sócios dos clubes e não cumprem com a sua missão, deixando de fazer esse convite a muitos dos sócios, que se queixam com razão. (...)" (A Época nº 92, de 16-11-22.)

“Cigarros Sanit. Pelo sr. Antonio R. Penteado, agente nesta cidade, da companhia Sanit, foi-nos oferecido 1.000 cigarros da prestigiosa marca ‘Campeonato’ em cujas carteiras contém um cupom com retratos dos players de foot-ball, não só dos clubes do Rio e S. Paulo, como de todas as demais cidades do Brasil, inclusive Passo Fundo, cujos retratos já foram remetidos à companhia.” (A Época nº 96, de 14-12-22.)

Em 1927 a fábrica de balas e caramelos de Augusto Neuhaus,

localizada na Vila Rodrigues, produzia as *Balas Foot-Ball*. (ON nº 207, de 18-6-27.)

No dia 12-04-23, em plena revolução, o 1º Corpo Provisório da Brigada Militar fundou o S. C. 19 DE JANEIRO, tendo como presidente honorário o capitão José Farbes Lubianca e presidente efetivo Antonio de Miranda Lima. Estreou no dia 15 do mesmo mês contra o BLOCO OITAVO, do 8º Regimento de Infantaria, partida realizada no campo do S. C. Gaúcho e que terminou empatada em um gol. No final do mesmo mês o 1º Corpo Provisório foi transformado no 6º Corpo Auxiliar. Um batalhão do 8º Regimento de Infantaria chegou a Passo Fundo dois dias depois do seu time de futebol, na madrugada de 17, a fim de guarnecer a linha férrea até Marcelino Ramos. Era seu comandante o tenente-coronel Enéas Pompilio Pires. (A *Época* nº 106, de 19-04-23.) Com sede em Cruz Alta, o 8º R.I. manteve o batalhão aquartelado em Passo Fundo até transladara-se definitivamente para cá em junho de 1928. (Carvalho, Estevão Leitão de. op. cit.)

Posteriormente o time do 8º Regimento passou a chamar-se SANTA CECÍLIA. (ON nº 680, de 26-07-30.)

Em dezembro de 1923 o G. S. 14 de Julho não disputou o segundo *match* da temporada contra o S. C. Gaúcho. Apresentou como justificativa a ausência de dois dos seus *players*, ambos lesionados. Isso provocou o rompimento das relações entre os clubes. Somente em setembro de 1924 o Gaúcho decidiu disputar a partida. (A *Voz da Serra* nº 20, de 04-09-24.)

No final de 25 o intendente Armando Annes proibiu o jogo de bola na via pública: “A municipalidade, em benefício das lâmpadas de iluminação pública e dos vidros das janelas, proibiu, com muita razão, o jogo de bolas pelas ruas. Os senhores fiscais, com um zelo um tanto excessivo, trataram de executar fielmente as instruções recebidas. Não houve esfera de borracha que saltasse uma janela que não encontrasse na rua o fiscal vigilante para apanhá-la com um sorriso de satisfação. Dia 8, de tarde, em plena avenida, para mais de vinte cavalheiros, de todas as idades, jogavam futebol com uma bola de couro do tamanho de uma abóbora. Não era o ‘shoot’ rasteiro de petiz descalço. Nenhum fiscal apareceu. Será que levam em conta o tamanho da bola e a qualidade

das pessoas? K.” (ON nº 50, de 09-12-25.)

O Código de Posturas de 1914 coíbia as “peladas” com menos rigor: “Capítulo VI. Trânsito Público. Art. 17 – É proibido, dentro dos limites da cidade e povoações: § 22 – Jogar bolas ou qualquer outra diversão, debaixo das redes referidas (de iluminação pública), de modo que as possam atingir e prejudicar; multa de 15\$000 a 20\$000 rs.”

“O lastimável abandono em que vivem os garotos, motivo de nossa varia anterior, é um assunto bem digno de urgente compostura. Quer-nos parecer que nunca o molequismo pobre e rico campeou com mais liberdade nesta libérrima e invicta cidade de Passo Fundo. Crianças de ambos os sexos, mendigando, vadiando e freqüentemente furtando se encontram por todos os cantos da localidade. Infelizmente não é só esse o triste aspecto que nos apresenta o molequismo urbano. É o futebolismo pelas calçadas, o peão pontudo a ameaçar a integridade das míseras canelas dos pedestres, e, mais modernamente é o próprio jogo a dinheiro, o tico-tico, jogado livremente em todas as praças e esquinas. Poderão objetar, e não sem um

sério fundamento jurídico, que o tico-tico não é jogo de azar. Concedemos. Mas a verdade é que em nosso tempo, com ou sem argumentos de tal peso, a polícia nos edificava com sapecadas varas de marmelo e ainda nos requisitava os ‘fundamentos’. Nem a posição social do indivíduo era capaz de deter a fúria moralizadora da gendarmaria indígena. Ia tudo raso. A polícia não era tão camarada como hoje. Também naquele tempo ninguém seria capaz de falar em habeas-corpus e muito menos discutir o espírito do artigo 6º da Constituição... *PICK.*” (ON nº 445, de 23-07-29.)

O moralista não estava exagerando: “A polícia administrativa recebeu ordem de dissolver os grupos de menores que forem encontrados ao jogo de BOLINHA, TICO-TICO e semelhantes, nas ruas da cidade.” (O Gaúcho nº 31, de 17-08-11.)

A 08-08-25 a Sociedade dos Ferroviários criou o Sport Club União. (ON nº 17, de 15-08-25.) A 13-03-26, sem ter disputado um só jogo, o clube alterou o nome para Riograndense Football Club. (ON nº 81, de 27-03-26.)

“EDITAL. Gervasio Araujo Annes, Subintendente do 1º Distrito do Município de Passo Fundo, no uso de suas atribuições faz saber que, a fim de evitar conflitos, fica proibido, a partir da presente data, o uso de armas nos campos de foot-ball e solicita a todos não conduzirem armas para evitar o constrangimento de se verem desarmar pela força pública encarregada de executar o presente edital. Passo Fundo, 27 de agosto de 1926. Gervasio Araujo Annes, Subintendente do 1º Distrito.” Houve ainda um acordo entre o Subintendente e as diretorias dos clubes, ficando estas autorizadas a destacar pessoa de confiança para auxiliar as autoridades no desarmamento.” (ON nº 128, de 08-09-26.)

Em 1928 O Gaúcho disputou as semifinais do campeonato estadual. Em 1930/31 quem chegou lá foi o 14 de Julho.

A campanha do S. C. Gaúcho em 1928 foi extraordinária: “**Notas Desportivas.** Campeonato Estadual. Hoje no campo do Grêmio jogarão o Nacional, de São Leopoldo e o Gaúcho, de Passo Fundo. Preliminarmente, o selecionado treinará com o S. C. Santa Cruz. **O Grande Encontro de Hoje.**

Num gesto de verdadeira desumanidade, que é bem o termo, a F.R.G.D. marcou para a tarde de hoje o embate dos clubes Gaúcho, de Passo Fundo, e Nacional, de São Leopoldo. Não é justa essa determinação da entidade máxima. O clube de Passo Fundo, depois de ter viajado sábado passado, teve um encontro domingo e logo outro segunda-feira, notando-se que este era, apenas, a continuação daquele, que ficara em parte, tendo-se jogado, portanto, na primeira partida, 100 minutos. Embarcando logo em seguida para Santa Maria, aí, o campeão serrano teve outro jogo sexta-feira. Como o campeonato ainda não ficasse apurado pelo empate, o jogo mais uma vez foi prorrogado e, mesmo assim o resultado não se modificou. O desempate foi ontem e ainda uma vez, os minutos tiveram de ser dilatados para 100, por isso que nenhum conseguira abrir vantagem no tempo de praxe. Foi só após ingentes esforços e dentro dos 100 minutos, que o Gaúcho conseguiu os lauréis da vitória. Duas horas após embarcava o seu quadro para esta capital, viajando sem leitos, para aqui jogar hoje, seis horas depois do seu embarque. Não nos parece justa esta deliberação da entidade máxima. Ao invés de sacrificar, como positivamente o será o quadro de Passo Fundo, mais acertada andaria a F.R.G.D, se fizesse disputar o jogo

Nacional x Americano, o que de forma alguma influiria na decisão final dos jogos do campeonato.” (Correio do Povo nº 246, de 14-10-28.)

Superando as adversidades o Gaúcho derrotou o Nacional de São Leopoldo por 4 x 2. Entrou em campo com Mendes, Lili e Borlanti; Gomide, Zica e Ney; Alcides, Brasileiro, Alfredo Delvaux, Javel e Culmann. Javel (3) e Alcides (1) marcaram para o Gaúcho. Zica substituiu Elpídio, lesionado. O público e a imprensa de Porto Alegre ficaram impressionados com o alto nível dos jogadores de Passo Fundo. O Correio do Povo elegeu Ney, do Gaúcho, o melhor em campo, equiparando-o aos grandes jogadores da sua posição. (Correio do Povo nº 247, de 16-10-28.) Sobre ele escreveu o Diário de Notícias: “(...) sem favor nenhum, é um dos melhores *halfs* que ultimamente tem atuado nesta capital.” (DN nº 195, de 16-10-28.)

Num clima de grande expectativa o Gaúcho voltou a campo para enfrentar o descansado representante de Porto Alegre. Largou na frente, gol de Lili, de pênalti, permitindo o empate no final do primeiro tempo. No início do segundo, em poucos minutos, sofreu 4 gols.

Descontou através de Alfredo, mas sofreu outro gol no final do jogo. No dia seguinte a crônica esportiva da Capital registrou: “**Campeonato do Estado.** Com surpresa geral, o Americano venceu o Gaúcho, de Passo Fundo, pela elevada contagem de 6 x 2. (...) Ainda mais uma vez, contrariando os prognósticos e o desenrolar do jogo, a contagem não traduz o que foi a partida em que se empenharam as valorosas turmas do S. C. Gaúcho, campeão da serra, e o S. C. Americano, vencedor da zona centro. (...)” (Correio do Povo nº 250, de 19-10-28.)

“(...) O elevado resultado não exprime em absoluto o desenrolar da partida, que foi parelha, pois não houve domínio e os ataques asseguraram-se. (...) Dos clubes do interior que participaram do campeonato deste Estado o que melhor impressão deixou foi o Gaúcho de Passo Fundo.” (Diário de Notícias nº 198, de 19-10-28.)

O Gaúcho chegou a Porto Alegre habilitado a enfrentar o vencedor de Nacional x Americano. A Federação simplesmente alterou as regras da competição. Depois de passar pelo Gaúcho, o Americano venceu a final contra o Grêmio Bagé. Chefiaram a

delegação do Gaúcho os diretores João Covallin e Eurico Godoy Ilha. Encerrado o campeonato, o S. C. Gaúcho paralisou as suas atividades.

A 15-04-28 o 14 de Julho abriu a sua temporada esportiva com a inauguração festiva de sua nova praça de esportes, na Vila Rodrigues. Diz a nota que além da “canha de foot-ball” estão sendo construídos “canha de tênis, pavilhão e bancadas”. (ON nº 293, de 18-04-28.) A inauguração da nova sede, na Avenida Brasil, ao lado do Hotel Avenida, ocorreu no dia 27-10-29: “FESTA DO 14 DE JULHO. A inauguração de sua sede social. Domingo último. Teve essa festa um brilhantismo excepcional, à qual acorreram as pessoas de maior destaque na sociedade passo-fundense dado a simpatia de que goza a valorosa agremiação alvi-rubra. Esta festa visava, principalmente, uma homenagem à rainha do clube, a gentil senhorita Beatriz Leitão de Carvalho, lindo ornamento nosso. Cortou a fita inaugural e dirigiu-se ao trono, onde foi saudada por um brilhante improvisado do acadêmico sr. Victor Graeff. Após ouviu-se o hino do 14 de Julho, cantado pelas legionárias. A seguir a inteligente srta. Ruth Leitão de Carvalho agradeceu em nome de sua irmã, a soberana, as

manifestações recebidas. Ao champagne o sr. Alexandre Zirlis, ofereceu ao clube, em nome do sr. Scarpelini Ghezzi, a taça que conquistara no jogo contra o S. C. Guarany, havendo nessa ocasião o batismo de praxe, sendo a rainha a primeira que bebeu da taça. O livro de ouro do clube foi logo aberto com valiosas contribuições e por último seguiu-se o baile animadíssimo que se prolongou até altas horas da madrugada. (...)” (ON nº 483, de 29-10-29.)

No dia 17-01-30, em assembléia geral, foram aprovados os novos estatutos sociais do 14 de Julho, que passou a ser também recreativo. (ON nº 523, de 18-01-30.)

Filiado à FAGET (Federação Atlética Gaúcha de Esportes Terrestres), o 14 de Julho se preparou para a disputa do campeonato estadual de 1930. (ON nº 582, de 31-03-30.) Montou uma seleção local com os seguintes jogadores: Periquito, Souza e Lili; Gomide, Mario e Darcy; Alcides, Ignácio Marques, Alfredo Delvaux, Brasileiro e Cullmann. Reservas: Bicca, Argemiro Marques, Oscar Valle, Zica, Canfield, Ivânio, Janesco e Felipe Marques. (ON nº 621, de 17-05-30; e nº 878, de 24-3-31.) Iniciou vencendo o Floresta F. B. C., de Santa

Maria, por 0 x 2 (Sta. Maria) e 4 x 1 (P.Fundo). A 15-06, no seu *groud*, goleou o Militar F. B. C, também de Santa Maria, por 9 x 0. (ON nº 646, de 16-06-30.) A 24-08 foi obrigado a jogar uma 3ª partida contra o Floresta, em Santa Maria, diante da desistência do Militar. Venceu novamente por 5 x 2. (ON nº 704, de 25-8-30.) Na condição de Campeão da Serra o 14 de Julho iria disputar as semifinais do campeonato em Porto Alegre no dia 28-09. Antes, porém, a FAGET transferiu a competição por tempo indeterminado. (ON nº 722, de 15-09-30; e nº 732, de 27-9-30.)

Em março de 1931 a FAGET reuniu em Porto Alegre os quatro semifinalistas do ano anterior. O 14 desembarcou na noite de 24 para jogar no dia seguinte contra o Guarany de Alegrete, Campeão da Fronteira. Entrou em campo com Periquito, Janesco e Souza; Gomide, Zica e Darcy; Alcides, Marques, Delvaux, Brasileiro e Lili. Reservas: Canfil e Célio. Após duas prorrogações o 14 perdeu o jogo por 3 x 2. Ambos foram eliminados sob a alegação de irregularidades na inscrição de jogadores. O jogo ocorreu no campo do Grêmio, no Bairro Moinhos de Vento. As equipes, ambas de vermelho, trocaram as camisetas por outras, fornecidas pelo

dono da casa. O 14 de Julho atuou de branco e preto e o Guarany de branco. Desta feita quem encantou a imprensa esportiva da Capital foi Gomide. A FAGET declarou campeão estadual o Pelotas, que eliminara o Grêmio Porto-Alegrense na outra semifinal. (ON nº 878, de 24-3 e nº 880, de 26-03-31; Correio do Povo nº 70, de 25-03 e nº 71, de 26-03-31; e Diário de Notícias nº 22, de 26-03-31.)

A última diretoria do 14 de Julho foi eleita a 04-12-31. Chegou a tomar posse no dia 25-12. Presidente, Innocencio Pinto; vice, Oribe Marques; 2º vice, Salathiel Sperry. Comissão Fiscal: Juvenal da Luz, Maurício Langaro e Victor Graeff. (ON nº 1089, de 05-12-31.) No início do ano seguinte o clube já estava desativado. Em janeiro a sua sede abrigava a Sociedade Carnavalesca Filosofia, do Bloco dos Desconfiados. (ON nº 1115, de 08-01-32.) O estádio passou a ser utilizado definitivamente pelo Sport Club Cruzeiro, da Brigada Militar, fundado a 08-06-31. (A Luta nº 7, de 13-06-31.)

O S. C. Gaúcho foi reorganizado a 18-07-37, na redação do Diário da Manhã. (ON nº 2755, de 19-07-37.) Recebeu registro de pessoa jurídica a 30-

07-51, sob nº 97. Assinam o requerimento, na qualidade de sócios-fundadores, Salvador de Felipo, Amadeu de Felipo, Alfredo Rico Loureiro, Victor Issler, Ricardo Rico, Pedro Silveira Avancini e Gil Rico Loureiro. (Registro nº A-1, fl. 21.)

O 14 de Julho e o seu Estrelário foram reorganizados a 27-06-39. Pessoa jurídica com registro a 11-07-46, sob nº 66, aparecem como sócios-fundadores Herculano Araujo Annes, Dionísio Langaro, Juvenal da Luz, Aldo Pinto de Moraes, Nativo Oliveira, Cantídio Pinto de Moraes e Max Avila. (Registro de Sociedades Civis, Livro nº 3.)

Jogadores como os irmãos Delvaux, Javel Silveira e Percival Teixeira da Luz, o Lili, participaram de seleções estaduais na década de vinte.

Em 1929 já existia em Passo Fundo o Bataclan Foot-Ball Club, formado por jogadores ligados ao Clube Visconde do Rio Branco. (ON nº 490, de 16-11-29.)

Em 1930 os times de futebol do Colégio Nossa Senhora da Conceição e

do Instituto Ginásial chamavam-se, respectivamente, 7 de Setembro F. C. e Gremio Athletico Passofundense. (ON nº 578, de 26-03; e nº 623, de 20-05-30.) Em 1921, quando foi criado, o time do IG chamava-se S. C. Instituto Gymnasial. (A Época nº 22, de 30-06-21.)

Nos dias 20 a 22 de setembro de 30 ocorreram em Passo Fundo os torneios atléticos e literários promovidos pelos Colégios Metodistas. Participaram, além do Instituto Ginásial, o União de Uruguaiana e o Porto Alegre College. (ON nº 722, de 13-09-30.) Em Passo Fundo coube ao I.G. o pioneirismo na prática de esportes como o basquete, o volei e as corridas de rua.

A queda do futebol revigorou o interesse pelo tênis: “CAMPO DE TÊNIS. Está se desenvolvendo cada vez mais em nossa cidade o gosto pelo tênis, o aristocrático desporto que, parece, vai substituir o foot-ball. Além dos campos do Clube Comercial, do quartel do 8º R.I., e da Praça do Hospital (de Caridade), que está em reformas, o G. S. 14 de Julho está agora, construindo uma pelouse no seu campo de desportos. (...) Também no Parque Cruzeiro pretendem os seus proprietários construir um campo.” (ON nº 560, de 05-03-30.)

“O FOOT-BALL. Pode-se considerar quase desaparecido em nossa cidade. Foi-se o entusiasmo antigo e ainda há pouco um de nossos clubes que tomou parte num campeonato estadual não conseguiu despertar o menor interesse no seio da população. É que o jogo bretão está no seu fim, ao menos para as pequenas cidades, atingido pelos seus dois grandes males: o profissionalismo e a sua imprestabilidade como meio de cultura física. De fato, num clube de foot-ball, no máximo dez por cento dos interessados podem dedicar-se pessoalmente ao exercício; a grande maioria constitui-se de torcedores e torcedoras que cultivam apenas o amor próprio do clube e a torcida. Não há mal pois, antes bem, que o foot-ball vá se desarraigando de nosso meio que não o levanta mais com o seu entusiasmo. Em seu lugar estão agora em movimento nada menos de três campos de tênis, onde fazem exercício corporal homens e mulheres, sem se cogitar de idade, e onde poderá exercitar-se quem bem quiser. A vantagem é positiva a favor do tênis; ao contrário do jogo bretão, qualquer pessoa pode tomar parte no desporto e, sobretudo, não permite o profissionalismo de maneira nenhuma.” (ON nº 686, de 02-08-30.)

A quadra de tênis do Clube Comercial foi inaugurada em 22-02-30, com a participação de uma ‘missão’ de Ijuí e outra de Carazinho. (ON nº 554, de 25-02-30.)

A 12-03-26 surgiu mais um jornal humorístico: “Bem datilografado, visitou-nos ontem em seu primeiro número O JUBUBINHA, folha de crítica e humorismo que aqui será publicada ‘de quando em vez’ pelos seus proprietários ‘Piff & Paff’”. (ON nº 77, de 13-03-26.)

Em 1928, logo no início do seu governo, Getulio Vargas proibiu a jogatina: “Em virtude da determinação do Delegado de Polícia, sr. Gervasio A. Annes, de acordo com as instruções da chefatura, de serem fechadas, até o dia 10 do corrente as casas de jogos proibidos na cidade, fechou no dia sete as suas portas o cabaret High Life. Hoje deixará de funcionar os jogos nos cafés Serrano e Central. (...)” (ON nº 282, de 10-3-28.)

Essas casas pagavam impostos na Intendência sob o título de “jogos permitidos”. Nos Cafés Central e Serrano havia jogos de bacharat roleta, sete em porta e osso. (ON nº 274, de 11-02-28.)

Prejuízo maior teve o Cassino High-Life, inaugurado em 1927: “**Cassino High-Life**. Centro chic de diversões. Hoje, sábado, novos e surpreendentes números! A aplaudida cantora lírica Maria Torrentz vocalizará: 1º Santuza, da ópera ‘Cavalaria Rusticana’; 2º ‘Pot-Pourri’ da opereta ‘Sonho de Valsa’; 3º Idem da opereta ‘Duquesa de Bal Tabarin’. Pela festejada bailaria clássica Creollita, sensacionais bailes à fantasia, da escola da consagrada Isadora Duncan. Tosca cantará lindas romanzas evocativas das noites enluaradas de sua longínqua Veneza!.. Lila Martinez deleitará os ouvintes com os seus lânguidos tangos ‘creollos’. Los Gre-Fer, cômicos incomparáveis, em seus números brejeiros e hilariantes. Nos intervalos o ruidoso ‘jazz-Band’ sob a propecta direção do maestro Gustavo Horn. Irrepreensível e caprichoso serviço de restaurante e copa. A diretoria do ‘Cassino’ procurará continuar a manter, como até agora, a máxima moralidade e respeito no recinto.” (ON nº 209, de 25-06-27.)

O jogo do bixo era tão popular que a Gazeta publicava os palpites do “Barão Ergonte”: “PALPITES PARA A PRÓXIMA SEMANA. CORRIDA –

MODERNA – MODERNÍSSIMA. Segunda – 79 – elefante – avestruz – tigre; terça – 66 – tatu – macaco – burro; quarta – 74 – leão – girafa – pomba; quinta – 09 cachorro – gato: sexta – 98 – águia – cabrito – elefante; sábado – 36 – gato – rato – ovelha. Todos os domingos serão publicados os palpites para a semana.” (Gazeta nº 24, de 02-08-25.)

Só não restringiram a venda de bilhetes: “**Coisas e loisas**. (...) A nossa cidade está tomada por certas coisas que merecem o nosso lápis: Nos nossos dias, dificilmente um cidadão na rua pode entabular uma palestra sem ser interrompido pelo ‘corre hoje’. É um inferno. (...) *Créso*.” (Gazeta nº 14, de 10-11-28.)

O povo apelava para a versatilidade: “**Coisas e loisas**. Os dancings de nossa terra. Passo Fundo diverte-se. A campanha oficial que o Estado fez contra o jogo, extinguindo os cabarets, teve um efeito que ninguém contava, além do saneamento do vício: desenvolveu os dancings. Hoje não se joga, mas se dança a ufa. A nossa cidade tem várias casas de dança. É um gosto ver-se à noite, ali pelas 12 horas – por toda a parte dança-se a valer. As casas de calçados aumentaram suas vendas. As

solas não resistem!.. Há dias visitamos uma casa onde se dança. As ‘damas’, todas de papalotes, disseram-nos que naquela noite havia sarau chic!.. Mas não será possível que enquanto a orquestra geme e os pares se agitam no tango malicioso, lá pelos fundos a jogatina se faça? Isso é com a polícia do sr. Florêncio de Abreu! *Créso.*” (Gazeta nº 18, de 1º-12-28.)

Como era de se esperar, a repressão comandada pelo chefe de polícia, desembargador Florencio de Abreu, não surtiu os efeitos desejados: “**Um mal que renasce.** Entre os atos de benemerência do governo do Dr. Getulio Vargas, destaca-se indubitavelmente por seus efeitos moral e material, a campanha contra o jogo, ... Um décimo pelo menos, da população, vivia suspensa esperando as horas do ‘bicho’, ‘chuleando’ os números, e deitava-se com a preocupação do jogo do dia seguinte e perdiam as manhãs fazendo combinações e jogando de banca em banca. Vivia-se nas cidades numa atmosfera de cabarets... Após a campanha contra a jogatina franca, a atmosfera mudou; mudaram os assuntos de palestra, começou-se a ouvir apenas falar de negócios, e a mentalidade, ainda não totalmente avassalada pelo mal, fez a reação: viveu-se quase um ano,

esquecido do grande mal que o jogo causara à tantos recantos; já não se ouvia falar nos desfalques de empregados e em todas as misérias ...por causa da jogatina. Agora porém o jogo começa a ressurgir, ainda ocultamente na capital e em diversas cidades do interior diante da vista grossa que fazem as autoridades policiais.” (ON nº 436, de 02-07-29.)

Em Passo Fundo, no seu primeiro mandato, o intendente Armando Araujo Annes promoveu campanhas contra o porte de arma e os prostíbulos: “**Casas de tolerância.** A maior parte dos fatos criminosos que ocorrem na cidade se originam nestas casas de vício que a lei tolera, mas que a administração deve procurar meios para bani-las do nosso meio. São focos de crimes, vícios e desrespeito à sociedade, que devem desaparecer em bem da moral social e da ordem.” (ON nº 369, de 12-01-29, extraído do Relatório Municipal apresentado ao Conselho pelo ex-intendente em 1929.)

A zona do meretrício ficava na Rua 15 de Novembro e era conhecida como da Maria Preta. (ON nº 558, de 03-03-30.)

Essa generalização prejudicava a reputação da cafetina: **“Conflito e morte**. Mais uma vez a pensão de Maria Preta é teatro de sangrento conflito, o que vem corroborar a celebridade desse prostíbulo nos anais das tragédias urbanas.” (ON nº 519, de 14-01-30.)

“DECLARAÇÃO. Maria Vicentina Fortes, (vulgo Maria Preta) abaixo assinada, vem por este meio declarar ao público, que há 13 anos reside nesta cidade, tendo uma casa de pensão, na qual nunca houve morte alguma. Entretanto, ultimamente, qualquer distúrbio que há na rua em que mora, logo dizem que foi na Maria Preta, como se sua casa fosse a única pensão em Passo Fundo. Assim, a bem de sua fama, ultimamente prejudicada com essas notícias alarmantes, vem ao público declarar, o que acima fica, que é a expressão da verdade. Passo Fundo, 24 de janeiro de 1930. A rogo de Maria Vicentina Fortes – *Sebastião Rosa*. Testemunhas – *Leonço Castor Minhões*; *Paulo Rodrigues*. (...)” (ON nº 528, de 24-01-30.)

Relatou-nos um antigo músico da noite passo-fundense que Maria Preta possuía em sua casa um espelho enorme com as fotografias de todas as suas

funcionárias. A mais famosa teria sido uma tal de “Faquinha”.

“A TRAGÉDIA DOS PROSTÍBULOS. Dois homens, por causa de uma mulher, empenharam-se em duelo a tiros, perecendo ambos. Os antros de devassidão que existem em Passo Fundo, de longa data e sem que se torne possível uma medida eficiente de repressão, proporcionam, entre nós, os coeficientes predominantes à estatística de criminalidade. Entre tais alcouces figura a rua Uruguay, nas imediações do hospital da Caridade, a chamada ‘Casa das Bento’, que a ocorrência, ontem, de mais uma tragédia sangrenta, autorizou a que alguém denominasse, com propriedade, de prostíbulo sinistro. Habitam a casa uma velha e duas raparigas de vida fácil. A velha é mãe e, ao que se diz, é quem dirige o comércio vil da prostituição de suas filhas, tanto mais ignóbil, assim em face da circunstância do lenocínio explorado entre mãe e filhas. As ‘Bento’, por isso mesmo, ao que parece, sofrem o castigo de uma predestinação e são apontadas como mulheres fatídicas que possuem a sina, entre todas infeliz, de atrair a desgraça. (...) Sinhá Bento, uma das decaídas (...)” (ON nº 498, de 5-12-29.)

Na Rua Uruguai também funcionava a pensão do Chico. (Gazeta nº 9, de 24-10-28.)

Na Rua Lava-Pés, no Boqueirão, a pensão da Eudoxia. (ON nº 572, de 19-03-30.)

No coração da cidade, na Rua Capitão Eleutério, no trecho compreendido entre a Rua Moron e a Avenida Brasil, funcionou por longa data a pensão Bico Verde. (ON nº 544, de 12-2; e nº 597, de 17-04-30.)

Também figuraram nas “notas criminais” a Casa Branca, de madame Lila; a pensão Chiquinha (ON nº 133, 25-09-26); a Casa Comprida, onde trabalhava o gaitero Pedro Taquara (ON nº 313, de 30-06-28); a pensão Bernarda (ON nº 331, de 1º-09-28); a pensão da “criola Mauricéa” (ON nº 439, de 9-7-29); e a pensão Analia. (ON nº 805, de 26-12-30).

No reduto de Maria Preta há registro do Ponto Chic (ON nº 189, de 13-04-27.); do Café Napoleão (ON nº 497, de 03-11-29.); e de outro bolicho

denominado Toca da Onça. (ON nº 602, de 24-4-30.)

Vendida em farmácia, a cocaina era droga usual: “Estamos informados que na *Pensão Rocha*, sita à Rua 15 de Novembro, desta cidade, estiveram gravemente enfermas duas decaídas, as quais fizeram uso da cocaina, o nefando alcalóide, que sofre hoje em toda a parte severa fiscalização dos poderes competentes. Essas mulheres, há dias, procuraram o proprietário da Farmácia Serrana, pedindo que lhes fosse vendida uma certa quantidade de cocaina. O sr. Ivo Ferreira, percebendo tratar-se de duas cocainomânicas, recusou-se a vender-lhes essa droga, alegando que só venderia tais produtos mediante indicação médica. Como elas aí não pudessem levar a efeito os seus intentos, procuraram em seguida outra farmácia, onde sem a menor cerimônia foi-lhes fornecido o tóxico desejado. Após a satisfação de seus intentos, as infelizes decaídas dirigiram-se à citada pensão, ingerindo, cada uma, forte dose desse alcalóide, o qual surtiu os efeitos que eram de esperar e, assim, apresentaram em seguida sinais eloqüentes de envenenamento, chamando logo a atenção do proprietário da pensão, que se viu na contingência de apelar para a assistência médica, a qual colocou-as

fora de perigo. Que tais fatos se registrem em grandes centros, não será de estranhar, mas, em P. Fundo, onde só existem meia dúzia de farmácias, o caso toma, ao nosso ver, uma situação de caráter grave, pois a liberdade de profissão não induz a tais profissionais a prática de semelhantes levandades que bem merecem a severa punição que o caso merece.” (A Época nº 16, de 19-05-21.) Anna Rocha era a proprietária da pensão. (A Época nº 69, de 1º-06-22.)

“COCAINA. Consta-nos que se propaga novamente nesta cidade, principalmente entre as mulheres de vida mundana, o uso da cocaina, vício de conseqüências nocivas e conhecidas. Seria louvável que o poder municipal, defensor natural da saúde física e moral de nossa população, qualquer que seja a sua categoria social, tentasse descobrir os clandestinos vendedores dessa droga, que não são certamente os nossos dignos farmacêuticos.” (A Época nº 57, de 02-03-22.)

“**Notas Criminais.** No dia 11 foi preso em flagrante quando vendia cocaina às meretrizes da pensão de Ana Bueno, o indivíduo M(...) S(...). O preso, que já foi instrutor do Tiro de Guerra nesta cidade, alegou que vendia cocaina a

fim de fazer uma lista estatística dos viciados de nossa urbs para um jornal do qual se dizia repórter. É um meio muito apreciável e lucrativo de fazer estatísticas, pois esse abnegado comprava a cocaina ao preço de 8\$000 o grama e a revendia a 10\$000 o meio grama.” (ON nº 429, de 15-06-29.)

Em 1927 O Nacional noticiou a instalação dos primeiros aparelhos receptores de rádio em Passo Fundo: “Na residência do sr. Armando A. Annes foi montado um aparelho de rádio ‘Super Harthey’ de quatro válvulas, que tem dado o melhor resultado, sendo ouvidas até agora oito estações, sendo uma de São Paulo, outra de Porto Alegre e as demais de Buenos Aires. O aparelho foi assentado pelo competente amador Raphael Ferrão Teixeira que, segundo consta, irá montar um outro, de duas válvulas, em sua residência. Vai-se pois organizando, aos poucos, em nossa cidade, a classe progressista e útil dos radiomaníacos, segundo a consagrada expressão popular.” (ON nº 255, de 07-12-27.)

“**O rádio em Passo Fundo.** O rádio continua em franco progresso em nossa cidade e os radiomaníacos (a expressão é amistosa) vão adquirindo

rapidamente novos prosélitos. Foram instalados mais dois aparelhos; um no Banco da Província, outro na sede da firma A. Levi & Cia. Consta-nos ainda que o sr. Scarpellini Ghezzi está em vias de adquirir um aparelho em P. Alegre. O sr. Raphael Ferrão Teixeira, especialista amador local, já está tendo o tempo curto para atender os amigos das ondas e das antenas. Vai-se progredindo.” (ON nº 267, de 18-01-28.)

“O sr. Scarpellini Ghezzi acaba de adquirir um possante aparelho de rádio marca Stewart. Foi vendedor o sr. Victor Lousada, representante da firma Armando F. Ribeiro. O aparelho é para ondas largas, de cinco lâmpadas e foi devidamente experimentado dando excelentes resultados.” (ON nº 286, de 24-3-28.)

A privilegiada classe dos “radiomaníacos” não perdia a oportunidade de aparecer: “PELO RÁDIO. Abriu-se ontem a temporada lírica do Teatro Colon de Buenos Aires, irradiada pela estação Los, Broadcasting Municipal. Cantou-se na estréia a ópera Traviata de Verdi, tomando parte o tenor Pietro Mirasseau e a prima-dona Claudia Mussi. Os aparelhos receptores locais apanharam com grande nitidez toda a

irradiação, tornando-se a noite de ontem um verdadeiro acontecimento para os amantes do rádio.” Organizou-se até uma lista das estações ouvidas na cidade. (ON nº 304, de 26-05-28; e nº 310, de 19-6-28.)

A 15-07-28, Raphael Ferrão Teixeira, o primeiro rádio-técnico local, sintonizou em onda de 267 vtz a estação transmissora da Capital do Estado, “Sociedade Rádio Gaúcha”, que, em irradiação experimental, transmitiu “diversos discos Victor”. (ON nº 318, de 18-07-28.)

Em outubro de 1930 os aparelhos de rádio foram requisitados pelo intendente em exercício, Scarpellini Ghezzi, a mando do governo do Estado. (ON nº 752, de 23-10-30.) Posteriormente os aparelhos ganharam registro: “Termina no fim do corrente mês o prazo para o registro desses aparelhos nas repartições postais-telegráficas. Findo o prazo serão considerados clandestinos e confiscados pelo governo federal.” (ON nº 1445, de 24-02-33.)

“COISAS DA CIDADE. Passo Fundo está cheia de receptores de rádio.

As estações transmissoras do Rio são fraquíssimas, praticamente inúteis para nós. As de São Paulo houve-se com dificuldades. A própria Rádio Gaúcha de Porto Alegre, que está aqui perto, pouca vantagem leva às suas colegas paulistas. Só as estações argentinas são ouvidas, além de uma ou duas uruguaias. O Brasil precisa de estações boas. O rádio, como meio de comunicação, tem hoje mais poder que a imprensa. As crianças não lêem jornais; mas todas gostam de ouvir ‘el abuelito’ da Rádio Nacional e as cavalgadas imitadas do ‘Chispaso de Tradicion’. Há miúdos de 10 anos, por aqui, que já vão entendendo o espanhol perfeitamente e conhecem coisas da Argentina que não sabem do Brasil. De que nos serve estações limitadas às próprias cidades, como a Gaúcha? A Rádio Splendid – ouve mesmo – não faz mal que chova.” (ON nº 1.628, de 07-10-33.)

Os motores elétricos eram os grandes inimigos dos rádio-ouvintes: “Basta que um aparelho de ultravioleta ou outro qualquer de alta frequência se ponha a trabalhar para que todos os ouvintes da cidade se vejam imediatamente embargados na audição. (...) o trabalho noturno é clandestino, visto que é proibido pela

municipalidade.” (ON nº 1.855, de 14-07-34.)

Em janeiro de 1936 entrou no ar a estação experimental de rádio VOZ DE PASSO FUNDO, de efêmera existência. “**A estação local muito promete.** Tem despertado interesse entre os radiófilos desta cidade, a estação que se está organizando, para a irradiação ao céu de Passo Fundo. Até agora, os esforços dispendidos pelos diretores Mansur Sfair e major Remo Seggiato, têm sido coroados de pleno êxito. Seguidamente os ouvintes de rádio estão procurando tomar conhecimento da ‘Voz de Passo Fundo’, sintonizando seus aparelhos. Em próximas edições, à proporção que se for aperfeiçoando a nova estação passo-fundense, iremos divulgando. A ‘Voz de Passo Fundo’ inicia a sua sessão às 20 ½ horas com música, seguindo-se depois programas, etc. Por nosso intermédio, os diretores técnicos da ‘Voz de Passo Fundo’, pedem a todo aquele ouvinte, tanto do município como da cidade, que enviem suas impressões sobre a irradiação, bem como se notar algum defeito, o obséquio de levar ao conhecimento do major Remo Seggiaro.” (ON nº 2.310, de 21-01-36.)

“O 33 da Pontinha também gosta de rádio. Por um conjunto musical e vocal desse cordão, serão transmitidas hoje, às 8 e meia, pela estação experimental de Passo Fundo, sambas e canções carnavalescas.” (ON nº 2.329, de 12-02-36.)

“A VOZ DE PASSO FUNDO. Procurando melhorar diariamente sua irradiação, a nossa estação de rádio promete-nos para hoje um programa excelente com início às 8:30 horas, no qual devem tomar parte Celio e seu esplêndido conjunto, Ivânio Pacheco, Carlos Klippel, Ernesto Condini, Sylvio Alviggi, os blocos carnavalescos locais também prometem o seu concurso para o microfone da nossa estação irradiando lindas canções.” (ON nº 2.334, de 19-02-36.)

“Ione Pacheco premiada no último concurso de sambas, no Rio, cantará alguns dos sambas com que conquistou o prêmio da Rádio Tupy.” (ON nº 2.336, de 21-02-36.)

“A ‘Voz de Passo Fundo’. Em caráter experimental, irradiou novamente ontem, a estação de rádio local ‘A Voz de Passo Fundo’. O programa irradiado

estava muito bom, o speaker também é perfeitamente compreensível, havendo somente uma lacuna a preencher: um ruído que ouve-se durante a irradiação, principalmente nos intervalos, quando se torna ainda mais forte. Supõe-se que seja motivado por algum defeito técnico. *Radiophilo*.” (ON nº 2.367, de 12-03-36.)

A 25-01-37 a Rádio Sociedade Gaúcha, de Porto Alegre, levou ao ar, às 20h, uma hora de irradiação dedicada a Passo Fundo. A “Hora de Passo Fundo” intercalou músicas com propagandas de nossos estabelecimentos comerciais e industriais. (ON nº 2.590, de 22-12-36; e nº 2.613, de 25-01-37.)

Em 1935 a menina prodígio Ione Pacheco, a *Cotovia da Serra*, filha do Promotor Público Pedro Pacheco e da professora de música e pianista Judith Pacheco, classificou-se entre as cinco melhores cantoras de músicas nacionais, menores de 12 anos, num concurso promovido pela Rádio Tupy do Rio de Janeiro. Recebeu como prêmio uma máquina fotográfica Kodak, tipo “Baby”. No mesmo ano se apresentou nas rádios Farroupilha e Gaúcha, ambas de Porto Alegre. As apresentações incluíam números de sapateado. Sua carreira artística, embora promissora, foi curta.

Optou pelo Magistério. Em 1946 assumiu a direção de arte da Associação Teatral do Instituto Educacional (A.T.I.E.). Foi eleita presidenta dessa associação nos dois anos seguintes. A 17-05-49 casou-se com o diretor da Z.Y.F.-5, Rádio Passo Fundo, Maurício Sirotsky Sobrinho. (ON nº 2.220, de 03-10-35; nº 2.238, de 24-10-35; nº 2.339, de 26-02-36; nº 2.373, de 06-04-36; nº 5.426, de 20-08-46; nº 5.916, de 15-04-48; e nº 6.235, de 16-05-49.)

Adquirido pelo major João Carlos de Araujo e Silva o jornal Gazeta foi lançado em Carazinho no dia 12-09-26. Em 1928, ainda no ano II, reapareceu em Passo Fundo sob a direção do mesmo proprietário e ostentando o subtítulo “Órgão Republicano”. Semanário, com 4 páginas, circulava aos sábados. O formato, 38 x 56, nunca foi alterado.

“GAZETA. Querendo que nossa folha se torne capaz de satisfazer todos os interesses da coletividade passo-fundense, com o presente número alheando-a da política, fizemo-la independente, apta por isso, a atender quaisquer desses interesses. Modificada apenas nesse ponto de vista, Gazeta, de consonância com a lei da imprensa que nos rege, prosseguirá impávida e serena

procurando sempre cada vez mais merecer a confiança. Ainda nesta data assume a sua gerência o sr. João Bueno, a quem confiamos a parte econômica da empresa entregando-lhe poderes para resolver tudo quanto pender da sua gestão. *Carlos Araujo.*” (Gazeta nº 30, de 02-06-28.)

Em setembro de 1928, depois de completar mais um aniversário, a Gazeta alterou a numeração, recomeçando pelo nº 1. No mês seguinte o jornal já havia passado a bi-semanário, circulando aos sábados e às quartas-feiras. A partir do nº 3, de 03-10-28, acrescentou um suplemento às quartas-feiras dedicado ao comércio, à indústria e às profissões. O gerente era Tulio Fontoura e a redação, gerência e oficinas funcionavam na Rua General Osório nº 22.

Em novembro de 28, acatando a sugestão de um leitor, a Gazeta pulou do ano III para o ano V. Esse equívoco aumentou a idade real do jornal, lançado por Ney de Lima Costa em janeiro de 1925. (Gazeta nº 14, de 10-11-28.)

Em dezembro de 28 Frederico Cúrio de Carvalho assumiu a redação da Gazeta. Tulio Fontoura permanecia na

gerência e Celso da Cunha Fiori, Victor Graeff e Legendre Chagas figuravam no corpo de colaboradores. Como oficiais gráficos da oficina, Euclides Moreira, Crispim Costa, José Gomide e Santanna Silveira; impressor, Vicente Mendes; e encarregado do expediente, inclusive serviço de cobrança e agência de praça, Olegario Pedrozo. (Gazeta nº 25, de 29-12-28; nº 48, de 28-03; e nº 75, de 07-09-29.)

Frederico Cúrio de Carvalho demitiu-se em abril de 29. Apresentou como motivo o acúmulo de serviços. (Gazeta nº 53, de 20-04-29.) No mês seguinte, a fim de dedicar-se exclusivamente aos seus interesses particulares, Tulio Fontoura deixou definitivamente a gerência do jornal. (Gazeta nº 59, de 18-05-29.)

Em 1929 a Gazeta posicionou-se a favor das reivindicações dos comerciários: **“Os empregados do comércio.** Segundo informações que colhemos de pessoas autorizadas, soubemos que elementos constituídos da mocidade empregada no comércio, vão unir-se por meio de uma associação para pleitearem diversos assuntos que julgam de direito. O gesto dos empregados no comércio é bastante louvável e merece o

apoio dos poderes executivo e judiciário, a exemplo do que se vem observando em outros adiantados centros comerciais. Passo Fundo, dado o grau de desenvolvimento e expansão de sua vida comercial, pode muito bem e sem sacrifício algum atender as justas reclamações exigidas pelos empregados do comércio, principalmente no que se refere ao fechamento de todo o comércio às 7 horas da noite. Sabemos que existe um dispositivo de lei, que obriga o fechamento das portas de estabelecimentos comerciais em hora determinada. Em Passo Fundo, não se observa isso: temos às 8; outras às 9; e muitas às 10 horas da noite. Que a associação dos empregados no comércio não gore na casca e que seja olhada com bons olhos pelo poder competente, é que o desejamos.” (GAZETA nº 53, de 20-04-29.)

“Justa aspiração. Ignoramos se aqui existe alguma lei ou regulamento sobre o horário do comércio, pois nenhuma informação conseguimos a respeito. Mas se tal existe ainda não foi posto em execução: se, pelo contrário, esse assunto não foi regulamentado, urge fazê-lo. Passo Fundo não pode ficar à retaguarda das demais cidades do Estado, que abandonando moldes arcaicos,

hábitos velhos e práticas obsoletas, acompanham o ritmo evolucionista que sacode o Rio Grande, modernizado sua vida política, social e comercial. Se os funcionários públicos, os empregados de bancos, os operários de fábricas, etc. têm um horário certo para seu trabalho diário, porque o não poderão ter os auxiliares do comércio varejista?! Determinada por meio de regulamento a hora para a abertura e fechamento das casas comerciais, patrões e empregados ficarão com sua vida melhor regularizada, com tempo folgado para fazer suas refeições e atender a outras exigências de ordem social e espiritual, que a vida moderna nos impõe. Se todo o comércio abrir e cerrar suas portas à mesma hora, nenhum negociante será prejudicado, pois, ou o freguez se antecipa para adquirir o que precisar ou aguardará para o fazer quando o comércio estiver aberto. A regulamentação não favorecerá uns, prejudicando outros, pois todos, sem exceção, ficarão sujeitos às determinações daquela. O comércio ainda lucrará porque seus empregados, seguros de que trabalharão somente determinadas horas, tornar-se-ão mais espeditos, produzindo mais, esforçando-se incessantemente, com o espírito sempre jovial, pela prosperidade de seus patrões. Estes, estamos convictos, não se oporão às justas aspirações de seus

dignos auxiliares. Cabe pois, aos empregados do comércio congregarem seus esforços, num movimento unânime, para obterem a regulamentação do horário do funcionamento das casas comerciais.” (Gazeta nº 67, de 06-07-29.)

Os comerciários vinham lutando por melhores condições de trabalho há algum tempo: “**O fechamento das casas comerciais.** Uma representação dos empregados do comércio. O que resolveu a municipalidade. O sr. Intendente Municipal recebeu a seguinte petição: ‘Os infra-assinados, empregados do comércio local, vêm à presença de V. S^a solicitar sua valiosa intervenção para ser posta em vigor a lei votada pelo Conselho Municipal, exposta no orçamento para 1928 – cap. III – N^o 30 – let. I, que manda o comércio cerrar suas portas, a horas determinadas da noite, e, em dias feriados. Entretanto, o comércio local conserva-se aberto até altas horas da noite, nos dias úteis e, em dias feriados, com prejuízo para nossos mais sagrados interesses, pois sendo nós, na maioria jovens, desejamos aproveitar as horas vagas, para, por meio do estudo, virmos a melhorar, não somente nossa situação comercial, como também tornarmo-nos mais aptos para concorrer aos sagrados interesses da nossa estremecida pátria.

Em todas as cidades do Estado, todas as classes possuem horas de descanso e horas para se dedicarem aos seus estudos, mas nós, a infeliz classe caixeral passo-fundense, nenhum direito, nenhuma vantagem logrou adquirir ainda. Fazemos este apelo ao adiantado espírito de nosso intendente, confiando que S. S. corresponda a estas justas aspirações de toda uma classe comercial. Passo Fundo, 8 de maio de 1928. (assinados) Vespasiano Lima, Elzevir Lima Cruz, da Casa Três Irmãs; A. Arnold, da Casa Miotto; Arthur Torriani, Pedro Rezende, da Casa Gil Kurtz Barbosa; Francisco Olmedo, Bonifacio Lima, João Kurtz Filho, Guilherme Eristsemes, Guilherme Kurtz, da Casa Eduardo Kurtz; Djalma Allet, Antonio Ribas, João Zitto dos Santos, da Casa Blandino Kurtz; H. Morsch, da Casa Max Avila; Waldomiro Lima, da Casa São Paulo; Cyro Allet, da Casa João Café; Thomaz Antunes, Antonio Ancines, Antonio Mendes, Nadir Costa, Zila Dornelles, Armando Antonio Silveira, Olavo Moraes, Fausto Caminha, Francisco Ribeiro, da Casa Willig; João Albuquerque Costa, da Casa Amazonas; Luiz Ribeiro, Ayrton C. Einchenberg, Diogo Morsch, da Casa Camargo; Moacyr Indio Costa, Helmuth Erichsen, Hortencia R. de Lima, da Casa Gaúcha; Demetrio Gianni, Daniel Marques, da Casa Knoll; Mario Lopes da

Silveira, da Casa Verde; José Rocha Caetano, da Livraria Nacional; Adelar Bortolacci, da Casa Felipe Pacce; Stella Pinto, Ademar Camillo Ruas, da Casa 92; Francisco L. Morsch, da Casa Mauer; Antonio Ferreira, João Manoel de Mello, da Casa Rosado; M. Mastrandea, da Casa Annibelli; Octacilio Rosenhein, da Casa Avenida; Celio F. Barbosa, Hermes Vargas, da Casa Rigon; Antenor Diehl, da Casa Barão; Lauro Thoms, da Casa Crossetti; Pedro Ribas, da Casa Schubsky.' Atendendo ao pedido acima, o sr. Intendente Municipal despachou determinando que se faça executar a lei orçamentária no que toca no assunto, isto é: o comércio deve fechar todos os dias úteis, das 12 às 13 ½ horas, do dia 1º de outubro a 31 de março, às 20 ½ horas e de 1º de abril a 30 de setembro, às 19 ½ horas, sob pena de pagar mais 50\$000 sobre o imposto a que estiver sujeito. Para a execução imediata da lei foram dadas aos fiscais da municipalidade as necessárias instruções." (ON nº 307, de 06-06-28.)

Através do Ato nº 505, de 04-05-33, Armando Annes regulamentou a Lei das 8 horas de trabalho. Das 8 às 12 e das 14h às 18h, comércio e indústria. (ON nº 1.499, de 04-05-33.)

Em novembro de 29 a redação e a administração da Gazeta passaram a funcionar na Av. Brasil nº 135 e as oficinas na Rua Silva Jardim nº 19. (Gazeta nº 83, de 06-11-29.) No ano de 29 a numeração do jornal não foi alterada por ocasião do aniversário. Retornou ao nº 1 a 1º-01-30. Em maio do mesmo ano a redação estava na Av. Brasil nº 1.244 e as oficinas na Rua Moron nº 1826.

Tulio Fontoura fundou o seu primeiro jornal, o bi-semanário A LUTA, a 07-05-31: “Apareceu ontem, pela primeira vez, nesta cidade, ‘A LUTA’, semanário independente que tem como diretor o sr. Tulio Fontoura e como gerente o sr. M. R. Braga. Ao ato inaugural d’‘A LUTA’ compareceram numerosas pessoas, tendo falado, saudando o novo jornal, o dr. Ney de Lima Costa. Aos presentes foram oferecidos chopps e sandwicks. O Nacional, convidado, fez-se representar pelo nosso companheiro sr. Carlos Oliveira.” (ON nº 915, de 08-05-31.)

Publicado às quartas-feiras e aos sábados, com 4 páginas, o formato era 33 x 48 e a casa editora localizava-se na Av. General Neto, 583. Quando o registro do jornal foi efetuado, no dia 10-08-31, a

gerência estava a cargo de Sady Silva. (Matricula, Livro B, Nº 1.)

A partir do nº 26, de 26-08-31, a redação d’A Luta ficou a cargo do professor João Silveira de Camargo, fiscal federal junto ao Instituto Ginásial e advogado provisionado (não formado). O chefe das oficinas era Anatalicio R. Castilhos. (A Luta nº 40, de 14-10-31.)

Em setembro de 31 o advogado Mauro Pinheiro Machado utilizou-se da “Seção Livre” do jornal para tornar pública a seguinte nota: “**Aos meus amigos e clientes.** COMUNICO que regressei de minha recente viagem a São Paulo, voltando a trabalhar em meu escritório de advocacia, conjuntamente com o bacharelado Gelso Ribeiro. OUTROSSIM: declaro, para todos os fins de direito, que durante o exercício de minha profissão, sempre prestei contas aos meus constituintes, e estou habilitado a prestá-las, àqueles cujas causas ainda estão em andamento. Nunca cometi atos indignos, nunca traí mandatos, nunca participei de transações ilícitas. AUTORIZO, conseqüentemente, a que se se proceda a uma devassa em minha vida profissional, quer em São Paulo, onde advoguei durante seis anos consecutivos, quer em Buenos Aires,

onde trabalhei no escritório dos drs. Diego Ortiz Grognet, Paez Carrillo e Julio Noé, e quer, finalmente, neste foro, onde exerço a profissão há três anos. VAMOS ALÉM: como revolucionário, desde 1922, tenho as mãos limpas, do dinheiro alheio. Na revolução de 1924 fui organizador de uma polícia civil na capital paulista, precisamente para impedir o saque, do que tenho provas escritas. Fui delegado militar naquela capital, comandante de um pelotão de engenharia na retirada, oficial do Estado Maior do general Isidoro Dias Lopes, e comandante da guarnição de Iguaçú. Na recente revolução, ingressei como soldado raso no Regimento Quim Cezar, e terminei a campanha no posto de major-fiscal, tendo respondido pelo comando durante mais de dez dias, em Itapetininga. NUNCA, durante o desempenho daqueles cargos, eu requisitei dinheiro ou objetos para o meu uso pessoal, e desafio a que exibam provas em contrário. É FALSO que eu tenha me apropriado de dinheiro da revolução, conforme assevera o autor do livro 'Marchas e Combates', senhor esse que eu não tenho o prazer de conhecer. A PROPÓSITO: publicarei, breve, um livro intitulado 'DEPOIMENTO E CRÍTICA', em cujas páginas sairão estampados os fac-símiles dos documentos que comprovam o meu corretismo, e o relato

da aplicação do dinheiro que passou por minhas mãos. FINALMENTE: acusações em jornais e em livros, feitas por desafetos gratuitos, não provam sem documentos, e portanto, não merecem crédito. Passo Fundo, 12 de setembro de 1931. Mauro P. Machado." (A Luta nº 32, de 16-09-31.)

Mauro P. Machado foi o redator do jornal O Nacional de 28-11-28 (nº 355) a 11-06-29 (nº 428). N'A Luta iniciou colaboração a partir do nº 7, de 13-06-31. Alguns excertos da obra que pretendia publicar apareceram n'O Nacional em 1931. O livro *Marchas e Combates*, de Lourenço Moreira Lima, tornou-se um clássico da historiografia brasileira.

Em fevereiro de 32 A Luta se transformou em "órgão Republicano". Como diretor da redação assumiu o advogado Rosauo Tavares e gerente Ivo T. Porto. "Pela fraternidade, o direito, a justiça, o patriotismo e a liberdade, conservar melhorando, sob as garantias gerais de ordem e progresso." (ON nº 1.144, de 12-02-32; e A Luta nº 90, de 09-04-32.)

A partir do nº 90, de 09-04-32, A Luta suspendeu a publicação do jornal às

quartas-feiras até o dia 07-05, a fim de preparar uma edição especial de aniversário.

“O NOSSO ANIVERSÁRIO. Movimento fora do comum. As lojas venderam mais de que o habitual artigos femininos. Autos cruzavam-se constantemente pelo rumo do Glória Hotel. Muita luz, flores. Atmosferas empoeirada de perfumes. Banda de Música. Jazz. Aglomeração de *sereno*, na porta do Hotel. Nos autos garças brancas, azuis e de variadas cores desciam encantadoramente entre cristalinas risadas da alegria de almas puras. Papás orgulhosos pelos braços de suas diletas filhas gostosamente sorriam e também enfeitavam o salão suas brilhantes gravatas que adornavam suas roupas bem talhadas e custosas. Jovens que gastaram no barbeiro um pouco mais se mediam discretamente a ver qual se apresentava melhor. Do salão a elegância e o espírito do enfeite só a mão de Vespasiano Lima poderia concertar tão habilmente. Quanta gente bonita meu Deus! A banda, gentilmente cedida pelo Tnt. Cel. Pellegrini, envaidecida e prosa misturava a harmonia suave da sua música afinada, ao vozerio chilreante da moçada jovial que entrava, de corações palpitantes e cheios de esperanças novas, sempre

novas em cada baile. Almas aflitas de moços, olhos no caminho desafiando o frio que *suava* nas vidraças, esperavam o seu alguém que lhes fazia arfar o peito de contentamento quando chegava e lhes sorria, sorriso promissor e tendo, entre o boa-noite e o leve apertar das mãos. Às 21 ½ horas, mesa em forro de adamascada seda, Tulio da Fontoura, diretor, ladeado por Rosauo, redator-chefe, Tenente Maia, secretário da redação, Ivo T. Porto, gerente, convidou o Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, ilustre e prestigioso chefe do Partido Republicano de Passo Fundo e Carazinho para presidir a sessão comemorativa do 1º aniversário da ‘A Luta’, e para fazerem parte da mesa mais os senhores Henrique Scarpellini Ghezzi, operoso prefeito do município, dr. Solon Soares, Juiz de Comarca, Tenente-Coronel Octavio Felix Ferreira e Silva, comt. do 8º R. I. e Tenente-Coronel Pellegrini Castiglione, comt. do 3º R. C. da Brigada Militar. O dr. Araujo Vergueiro declarou aberta a sessão e proferiu o seguinte discurso: **Discurso do Dr. Vergueiro:** Ao assumir essa presidência e ao declarar aberta a presente sessão, sinto-me no indeclinável dever de vos dirigir algumas e poucas palavras, e traduzam as primeiras o meu maior agradecimento pela honra que me conferistes nesta solenidade, em homenagem ao primeiro aniversário do

jornal local 'A Luta'. Pelo seu critério, elevação de vistas, firmeza de atitudes, amor ao trabalho, respeito à lei e culto à liberdade bem merece 'A Luta' o aplauso, o apoio e a solidariedade da numerosa família republicana de Passo Fundo. Um ano de vida e um ano de vitória, e é esse o marco inicial da sua digna existência. Congratulando-me, de coração, pela passagem desta data, auguro ao jornal de Tulio Fontoura longa vida e muita prosperidade. Tulio, a ti, pobre e digno, bom e honesto, que és, na vida social, o produto do teu próprio esforço, eu lembraria as palavras que Edmond Rostand colocou nos lábios de Cyrano Bergerac, as quais poderias proferir:

‘Depois, se acaso a glória entrar pela janela,

a César não dever a mínima parcela,

Guardar para mim mesmo a gratidão mais pura;

Enfim, sem ser a hera, a parasita obscura,

Nem o carvalho e o til, gigantes do caminho,

Subir, não muito sim, porém subir sozinho.’

E, a propósito da imprensa, ao terminar, repetirei os lapidades conceitos de Julio de Castilhos: ‘...pensamos que o jornalismo representa uma força digna de ser aproveitada em favor do bem comum. Conscienciosamente utilizada, isenta das desnaturações oriundas do mercantilismo, não obstante a anarquia mental peculiar à presente fase da evolução histórica, essa força pode cooperar para os progressos intelectuais da opinião e para a obra da solidariedade social.’ E assim sejam a função e o futuro d’A Luta.” Em nome do jornal discursou o redator Rosauo Tavares. (A Luta nº 95, de 14-05-32.)

Em abril do mesmo ano Tulio Fontoura publicou o *Album do Município de Passo Fundo*, volume de 183 páginas, encadernado e profusamente ilustrado. O autor vinha anunciando a publicação dessa obra desde 29, quando ainda trabalhava na Gazeta.

Em julho de 32 Tulio Fontoura e Rosauo Tavares foram presos e recolhidos às dependências do quartel do 8º R. I. A notícia foi publicada sucintamente n’O Nacional, edição nº 1.280, de 22-07-32: “Foram postos em

liberdade, depois de alguns dias de detenção, no quartel do 8º R.I., os srs. dr. Rosauro Tavares, advogado deste Foro e diretor d'A Luta e Tulio Fontoura, proprietário dessa folha.”

Rosauro Tavares deixou a direção redatorial d'A Luta ainda no mês de julho. (ON nº 1.282, de 25-07-32) Tulio Fontoura entregou-a a Conrado Schütz. (A Luta nº 112, de 19-10-32.) Em novembro de 32 passou a figurar no expediente do jornal, como gerente, Luiz Dorneles Pinto. (A Luta nº 122, de 26-11-32.)

“**Nós... os outros e... o resto.** Não escapou à nossa observação a opinião de algumas pessoas, que aliás julgamos bem intencionadas, opinião que densifica-se na crença, que nós queremos, tendo à disposição apenas um modesto jornal bi-semanal – agitar a opinião pública, semear discórdias, plantar ódios e outras intenções terroríficas que os outros ‘gratuitamente nos atribuem’. Se é tolice pretender matar uma mosca com um tiro de canhão, não é menor estultice de desproporção de querer matar um elefante com uma funda. Mas admitindo mesmo que caberia dentro das despreziosas quatro páginas da ‘A Luta’ uma partícula microscópica de

perigo para a segurança, que aliás ninguém deseja com mais sinceridade do que nós, onde estão no nosso jornal as sementes perigosas? Porque talvez divergimos em tese da situação geral criada pelas circunstâncias e fatos lamentáveis? Porque ficamos fiéis aos princípios básicos do nosso glorioso Partido Republicano? Porque veneramos ainda a figura empolgante do grande incoercível dr. Borges de Medeiros, que é ainda incontestavelmente o Chefe do nosso Partido, enquanto ele mesmo não determinar outro rumo? Ora, meus senhores ‘ou outros’, sejamos coerentes, sejamos francos e leais e confessamos sem rodeios, que gostaríamos de ver-nos identificados com aquele asno da fábula de La Fontaine, que, tendo morrido o magnífico leão, o rei dos animais, aquele a que em vida ele tinha adulado, engrossado e tratado com tímido respeito – aproximou-se agora com desprezo e raiva concentrada ao cadáver do leão, verificando primeiro se de fato estava bem morto, e deu ao leão um coice furioso acompanhado por imprecações malignas. – Ora não nos ofende, se alguém nos trata de burro, pois afinal é um animal como outro qualquer, mas não imitaremos jamais o papel do burro da fábula; sejamos burros, mas sejamos burros... decentes. Nosso jornal é órgão do Partido Republicano – defendemos

pois a esse Partido! Nosso Partido faz parte integral da Frente Única – defendemos pois a Frente Única – A Frente Única quer a paz e a ordem – defendemos pois a paz e a ordem! Eles querem um Brasil forte, grande e feliz – pois nós queremos um Brasil feliz, grande, forte e unido! Mas não escrevemos com pena de sarcasmo e sátira? Sim criticamos, pois não são os nossos amigos aqueles que só sabem formular frases como: ‘Muito bem’. ‘Apoiado’. ‘Admirável’. ‘Magnífico’. Todos nós conhecemos esta espécie de amigos, são estes os célebres amigos... ursos! Não, mil vezes não; nós empunhamos a pena e levados sempre pelo superior interesse daquilo que é o nosso ideal, sempre no afã de orientar a opinião pública na minúscula medida da reduzida esfera de ação louvamos aquilo que é louvável e não distinguimos entre partidários ou contrários e se alguma vez a pena tomar a forma e o corte do bisturi, abrindo tumores malignos, acontece isso na melhor das intenções. Poderão dizer que somos muito pessimistas. Por certo não somos absolutamente otimistas até tal ponto, de fazer em nossos artigos o estúpido papel de avestruz! Se não quisermos apontar defeitos, mazelas e perigos, que desfiguram, mancham e ameaçam a sociedade, o país, o mundo, deixam de existi-los por ventura? E

precisamente da falta de sinceridade, da falta de atitudes francas e leais, que se ressentem por toda a parte e em todas as ocasiões a vida humana dos nossos dias. A maioria dos homens guia-se pelas terríveis leis do código das ‘Mentiras Convencionais’, leis que obrigam o indivíduo a passar esta miseranda vida com uma máscara. Nós preferimos mostrar a todos aquela cara que Deus nos deu. E finalmente é indubitavelmente certo que nós, arraigados na nossa convicção, temos ficado na nossa antiga posição, foram pois ‘os outros’ que se distanciaram de nós, abrindo no momento um abismo, que aliás não julgamos intransponível, pois a ponte sobre a qual mais tarde ou mais cedo temos de encontrar-nos em trabalho profícuo comum terá como fundamento as colunas: Ordem, Progresso e Amor pela Pátria comum.” (A Luta nº 113, de 22-10-32.)

A 23-12-32 Tulio Fontoura foi novamente preso. (ON nº 1.391, de 23-12-32.) Seguiu para Porto Alegre e de lá para o Rio de Janeiro, onde foi recolhido na Casa de Detenção. O jornal permaneceu circulando sob a direção interina de Marcelino Rodrigues Braga, o primeiro redator do jornal. Luiz Dorneles Pinto continuou na gerência. De “Órgão

Republicano” passou para “Órgão da Frente Única da Serra”. Pelo teor do editorial, o último número pode ter sido o 133. Infelizmente a data vem estampada no cabeçalho da seguinte forma: “sábado, de janeiro de 1932”, O ano é 1933 e a data correta provavelmente é 07 de janeiro: “**Força maior.** Nem sempre basta a boa vontade para vencer obstáculos; há circunstâncias que se impõe, perante os quais devemos ceder, embora com a maior relutância e até com tristeza. E este momento doloroso chegou para ‘A Luta’, que, por motivo da prisão prolongada do seu diretor proprietário, se vê constrangida de suspender temporariamente sua publicidade. ‘A Luta’, assim esperamos confiadamente, não será este o seu último número, senão apenas o descanso de uma máquina, da qual falta a sua peça principal. Essa peça importante que falta, é a ausência forçada do seu diretor que, por causa da política, se acha preso, na capital da República. Destarte, ‘A Luta’ se vê na dura contingência de suspender hoje por um ou dois meses a sua publicidade, o que aliás será levado a crédito de nossos dignos assinantes.”

O 2º jornal fundado por Tulio Fontoura, o DIÁRIO DA MANHÃ, deu origem a atual Empresa Jornalística

Diário da Manhã Ltda. Foi lançado festivamente na manhã de 28-11-35. O advogado Armando de Souza Kanters respondia pela redação e Marcelino Rodrigues Braga pela gerência. Com redação, administração e oficinas na Av. Brasil, 374, esquina com a Av. General Neto, formato 36,5 x 53, 4 páginas, o jornal foi registrado a 09-08-37, sob nº 11. (DM nº 1, de 28-11-35; e Matrícula, Livro B, Nº 1.)

“DIÁRIO DA MANHÃ. Surge hoje, à luz da publicidade, sob os felizes augúrios dos que ansiavam pelo seu aparecimento, o ‘Diário da Manhã’. Órgão de severa independência eqüidistante dos partidos em luta, alheio a contendas religiosas, infenso a extremismos, qualquer que seja sua forma e modalidade, procurará, invariavelmente, auscultar os desejos e anseios da coletividade, ser intérprete fiel de suas aspirações, defensor extremo de seus direitos. E nisso, precisamente, reside o melhor da tarefa a que, voluntariamente, se impuseram seus dirigentes. De seu leal cumprimento será testemunha o povo, que ora os assiste, com o conforto de sua solidariedade e aplauso. Dentro da missão árdua, mas de inegável e fascinante beleza, que o jornal desempenha, colaborando de maneira

decisiva, para o desenvolvimento econômico, moral e cultural do povo, ‘Diário da Manhã’ ocupará, certamente, posto de relevo, no jornalismo rio-grandense, sendo porta-voz sincero e severo das múltiplas necessidades desta região do nordeste e guia modesto mas seguro da opinião de seu povo. As classes produtoras e laboriosas, como todas que cooperam com a tenacidade de seu trabalho, para a grandeza comum, encontrarão nele o amigo devotado e o eco de suas lídimas reivindicações. Esta, em resumo, a linha de conduta pretraçada. Desta orientação, em absoluto, não se desviará – sejam quais forem as solicitações em contrário – o ‘Diário da Manhã’. A iniciativa da fundação deste órgão – cujo aparecimento se deve a esforço e tenacidade invulgar – será, por certo, fadada a êxito brilhante. E, assim como dividiriam o tédio de um fracasso impossível, repartem os diretores, como o povo desta terra, a vitória esplendente que sorri ao DIÁRIO DA MANHÃ.” (DM nº 1, de 28-11-35.)

A 12-04-45 Tulio Fontoura registrou mais um jornal, o DIÁRIO DA TARDE, impresso nas mesmas oficinas do Diário da Manhã, na Rua Cel. Chicuta, esquina com a Rua Independência, e com

sede na Rua Bento Gonçalves. O diretor era Adão Rodrigues Barcellos e o gerente Carlos De Danilo Quadros. (Matrícula, Livro B, Nº 1.)

Tulio Fontoura transferiu a propriedade desse jornal a Carlos De Danilo Quadros, conforme averbação de 23-11-47. Este acumulou a função de diretor pelo falecimento de Adão Rodrigues Barcellos, passando a gerência a José R. Algarve. (Idem.)

No exemplar nº 626, ano III, de 18-09-47, Carlos De Danilo Quadros e José R. Algarve já aparecem, respectivamente, como diretor e gerente. Na 6ª e última página estão consignados como proprietários Carlos De Danilo Quadros & Cia. O formato é 33 x 48.

Carlos De Danilo Quadros efetuou a venda do jornal a Antônio Augusto Sampaio Correa, também gerente. Averbação de 26-08-48. (Matrícula, Livro B, Nº 1.)

Na averbação nº 23, de 03-02-49. Tulio Fontoura readquiriu o jornal, assumindo a direção Mario Sperry Cezar. (Idem.)

Em dezembro de 1949 o Diário da Tarde estava no ano V. Tancredo Fontoura respondia pela direção e Erci Rodrigues pela redação. Carlos De Danilo Quadros é citado como o fundador do jornal. Instalado na Rua Independência nº 799, tinha o formato 38 x 56 e 4 páginas. Em 1962 Carlos De Danilo Quadros doou a coleção do Diário da Tarde à Biblioteca Pública Municipal. (DT nº 1124, de 26-12-49; e ON nº 10199, de 27-10-62.)

José Ribeiro Algarve fundou e dirigiu o jornal LUME, registrado em cartório no dia 02-12-47. Órgão mensário do Grêmio de Letras de Júlio Dantas, “Lume não se impõe, impõe-se”. O 3º número do mensário, datado de 26-10-47, tinha como 1º redator Alexandre Teixeira, 2º redator Tabajara A. Tajes e secretário Jurandyr Algarve. Com 4 páginas, formato 23 x 32, localizava-se na Rua Moron nº 920 e era impresso na Gráfica Centenário. A tiragem mensal era de 3.000 exemplares. Natural de Laguna, SC, o professor José Algarve transferiu o jornal no ano seguinte para Sarandi, RS, entregando a redação a Francisca Leocádia da Silva Algarve, sua esposa. (Lume nº 3, de 26-10-47; ON nº 6.098, de 27-11-48; e Matrícula, Livro B, Nº 1.)

O Grêmio de Letras de Júlio Dantas foi fundado a 1º-06-47 pelo próprio José Algarve. A sede social funcionava no edifício da Casa Radar, na Avenida Brasil. Compunham a diretoria: Alexandre Domingues Teixeira, presidente; Basílio Antunes, vice-presidente; Diógenes de Souza Soares, 1º secretário; Arlindo Postal, 2º secretário; Claud Nozari Marques, 1º tesoureiro; Jurandyr Algarve, 2º tesoureiro; e Albertina Machado Rosado, bibliotecária. Para o ano social 1949-1950, toda a diretoria foi reeleita. (ON nº 6.255, de 08-06-49.)

Tulio Fontoura nasceu em Santana do Livramento a 22-02-1905, filho de Waldenck Moreira da Fontoura e de Laura de Moura Fontoura. Casou com Luci Faria de Lima, com quem teve uma filha, Clélia. Faleceu a 17-09-79, no Hospital Ernesto Dornelles, em Porto Alegre. Iniciou-se na Imprensa como tipógrafo. Transferiu-se para Passo Fundo em 1927. Em 1932 participou da coluna revolucionária do caudilho Cândido Carneiro Júnior. Foi preso e encaminhado ao Rio de Janeiro. De volta a Passo Fundo, trabalhou como agente e correspondente do jornal A RAZÃO, de Santa Maria. Atuou como Secretário do

Ensino Municipal, Diretor da Imprensa Oficial do Rio Grande do Sul, Vereador e Suplente de Deputado Estadual. Recebeu homenagens do Governo de São Paulo pela sua participação na Revolução Constitucionalista. Foi também um dos fundadores e presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, onde ocupava a cadeira nº 28, tendo por patrono Nicolau Araujo Vergueiro. (Primeiro Anuário – Academia Passo-Fundense de Letras – História-Antologia, Passo Fundo: Ed. Padre Berthier, 1975; Ferreira Filho, Arthur. *A Morte do Lutador*, *in* DM nº 292, de 30-09-79; DM nº 27, de 29-12-35; e nº 244, de 18-09-79.)

A 28-08-28, sob a direção de Jefferson de Carvalho Dantas e gerência de João da Costa, apareceu o AURORA, jornal “social e humorístico”. (ON nº 330, de 29-08-28.)

Em substituição ao Aurora, Jefferson de Carvalho Dantas e José de Souza Barros lançaram A TRIBUNA GAÚCHA: “Visitou-nos ‘A TRIBUNA GAÚCHA’, novo jornal que aparece em Passo Fundo sob a direção de Jefferson de Carvalho Dantas e José de Souza Barros. Órgão de interesses coletivos e propagandas comerciais, como se vê de seu subtítulo, está ‘A TRIBUNA

GAÚCHA’, encaminhada a arrostar com as dificuldades que se apresentam à vida do jornalismo em nossa terra. Ao novel colega os nosso votos e prosperidade. (ON nº 356, de 1º-12-28.)

Semanário com circulação aos domingos, formato 33 x 48, 4 páginas e um suplemento, A Tribuna Gaúcha, “Órgão dos Interesses Sociais e Comerciais” pertencia à empresa J. C. Dantas & Barros. O primeiro apresentava-se como diretor-chefe e o segundo como diretor-gerente. Expediente: Cidade: ano 18\$000; semestre 10\$000. Interior e Estados do Brasil: Ano 20\$000; semestre 12\$000. Redação, administração e gerência: Rua Fagundes dos Reis, 27, P.Fundo. Tiragem: 1.460 exemplares. “Com todos – por todos – para todos. Tudo por Passo Fundo! Por Passo Fundo tudo!” - eis o lema do jornal. (A Tribuna Gaúcha nº 44, de 18-08-29.)

No início de abril de 29 assumiu a redação d’A Tribuna Gaúcha o escritor e poeta Waldemiro Portugal, que atuava nas demais folhas da cidade como colaborador. Essa parceria durou pouco. Waldemiro Portugal despediu-se de Passo Fundo a 17-05-29, ocasião em que foi homenageado com um almoço no

Restaurante Central. Seguiu para o Rio de Janeiro. (ON nº 404, de 09-04; nº 415, de 07-05; e nº 419, de 18-05-29.)

A Tribuna Gaúcha mantinha como correspondentes especiais, na Vila Vera Cruz, Francisco Leite de Araujo e Silva; e na Vila Rodrigues, Gomercindo dos Reis. Apesar de não constar a autoria, parece claro que este último escrevia reclames em versos para o Armazém Vera Cruz, situado na Rua Cel. Chicuta nº 19:

Por que vivo acabrunhado?

Pois vou dizer-te, mulher.

Tu tens dado passo errado...

Compreendas como quizer...

- Não sei, velhinho, porque

Me julgas assim tão má.

Não sejas ingrato, velho...

Digas-me... Digas-me o que há?

- Pois vou dizer-te: Eu soffro

Como já soffreu Jesus

E enquanto tu não comprares

No armazem Vera Cruz,

Eu viverei na *piranga*...

Sem poder pagar a luz.

Ouças bem o que te digo

Como esposo e como amigo:

Tudo que sinto já expuz

E p'ra que tenhas sapatos

Compre generos baratos

No ARMAZEM VERA CRUZ.

(A Tribuna Gaúcha nº 44, de 18-08-29.)

Quem duvida?

P'ra casar a minha filha

Eu fiz doce em profusão.

Cocos, ovos e manteiga,

Producto novo e bem são.

Te juro por esta luz...

Comprei todo o necessário,

Não achando nada caro,

No Armazem VERA CRUZ. (A Tribuna Gaúcha nº 45, de 25-08-29.)

A 19-11-28, em meio às comemorações do Dia da Bandeira, no quartel do 8º R. I., o capitão Mário Barata, acatando sugestão da educadora Eulina Braga, considerou fundado o escotismo em Passo Fundo. Na ocasião

foi organizada a seguinte comissão regional: presidente, Capitão Mário Barata; vice, Ney de Lima Costa; 1º secretário, soldado Jefferson de Carvalho Dantas; 2º secretário, Ernesto Tochetto; tesoureiro, Geolar Caminha; e delegado técnico interino e instrutor, 2º sargento Ismael Barreto. (ON nº 353, 21-11-28.)

O primeiro desfile ocorreu no dia 02 de dezembro do mesmo ano: “PATRULHA DE ESCOTEIROS. Uma patrulha de lobinhos desfilará amanhã, das 18 horas em diante pela av. Brasil e praça Marechal Floriano, onde ensarilhará bastões. Aguarda-a na praça a comissão regional de escoteiros noviços ao som de um tambor e cada um empunhará o seu bastão munido de uma flâmula da mesma cor da bandeira do monitor, a qual terá a silhueta de um tico-tico, que foi o símbolo escolhido pelos lobinhos para caracterizar a patrulha. É seu monitor o ‘cow boy’ Verny Pinto e submonitor o lobinho Victor Mario Barata.” (ON nº 356, de 1º-12-28.)

As primeiras dificuldades encontradas pelos dirigentes foram expostas pelo 2º sargento do 8º R.I., Ismael de Souza Barreto, instrutor do grupo de escoteiros do Elementar: “Dirigentes da legião de escoteiros de

Passo Fundo, a despeito de seu entusiasmo e da sua melhor boa vontade, tem lutado com um fator que muito tem prejudicado a prática do escotismo entre nós, esse fator é o espírito de rebeldia dos nossos meninos. A desobediência e a indisciplina que infelizmente se verificam na maior parte dos meninos inscritos no grupo de escoteiros.” (ON nº 413, de 30-04; e nº 476, de 12-10-29.)

Na parada militar de 7 de Setembro de 29, os escoteiros da cidade se exibiram pela primeira vez em caráter oficial. O grupo, composto de 4 partidos, era comandado pelo guia Severino Barbisan. (ON nº 464, de 10-09-29.)

A 25-05-30, no Colégio Elementar, o professor Isaac Blazer, instrutor de escoteiros e diretor do Colégio Israelita, com o apoio da diretora Eulina Braga, fundou a Associação dos Escoteiros de Passo Fundo. Severino Barbisan foi nomeado chefe da primeira brigada. (ON nº 626, de 23-05; e nº 630, de 28-05-30.)

Em setembro de 30 a Federação dos Escoteiros Católicos do Brasil anunciou solenemente a fundação da Tropa dos Escoteiros Católicos de Passo

Fundo. Esta foi organizada pelo tenente Severino Sombra, do 8º R.I. (ON nº 705, de 26-8 e nº 727, de 22-9-30.)

A idéia de se implantar o escotismo na cidade não era nova. Em 1922 o reservista do Exército Roberto Knack, através de um anúncio no jornal, convidava a juventude passo-fundense para a formação de um grupo de escoteiros. Os interessados deveriam se apresentar na Oficina Mecânica Rio-Grandense. (A Época nº 62, de 06-04-22.)

A partir do nº 365, de 03-01-29, O Nacional passou a tri-semanário, saindo às terças e quintas e aos sábados.

Em 1929 o diário carioca A NOITE organizou a escolha da 1ª Miss Brasil, com vistas ao concurso de beleza universal em Galveston, EUA. No Rio Grande do Sul a tarefa ficou a cargo do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de Porto Alegre. (ON nº 357, de 05-12-28.)

“MISS PASSO FUNDO. O sr. João Callage, representante do Diário de Notícias, recebeu da direção daquele matutino porto-alegrense comunicação

oficial de haver sido proclamada a senhorita Niquinha F. Teixeira ‘Miss Passo Fundo’, conforme a votação por ela alcançada. De acordo com o processo estabelecido para a realização do referido concurso de beleza, na apuração dos resultados locais prevalece o critério numérico, ou da maioria dos votos obtidos pelas candidatas. As vencedoras, assim consagradas nos municípios, serão depois julgadas por um júri em Porto Alegre, composto de artistas e homens de letras. Ainda segundo as condições fixadas para a efetivação do empolgante certame de beleza, só poderão ser excluídas do concurso as candidatas vencedoras que, por ventura, excedam o limite de idade nele marcado. A propósito do concurso de beleza para a eleição de ‘Miss Rio Grande do Sul’, patrocinado, neste Estado, pelo Diário de Notícias, jornal que se publica na capital do Estado, recebemos da senhorita Rita Ferrão Teixeira, eleita ‘Miss Passo Fundo’, a carta que abaixo transcrevemos: Snr. Redator de ‘O Nacional’. Saudações. Tendo-se encerrado o concurso de beleza promovido pelo ‘Diário de Notícias’ e cabendo a mim a maior votação neste município, foi-me conferido o título de ‘Miss Passo Fundo’, como já o deveis saber. Porém, como em torno desse fato ter surgido muitos comentários que,

chegados ao meu conhecimento, causam-me incômodos de espírito, tomei a definitiva resolução de desistir, não só do título de Miss Passo Fundo, como também das homenagens, dos presentes e das concessões que me estavam destinadas, em favor das duas senhorinhas minhas concorrentes, Ele Ely e Syria Seadi. Pois acho que essas senhorinhas são realmente belas e poderão ir, melhor do que eu, representar no certame, a realizar-se a 10 de março futuro, este vasto, rico e próspero município de Passo Fundo. Para isso pedirei ao Diário de Notícias seja nomeada aqui, uma comissão que decidirá qual das duas será preterida. Sei que este meu gesto descontentará a meus dignos eleitores a quem peço desculpas, portanto pretendo com isso unicamente não privar o município de ser representado no certame. Cumpre-me, entretanto, advertir-vos, snr. Redator, que os últimos resultados do concurso causaram-me grande surpresa, pois, sendo o meu nome apresentado já muito tarde e com pequena votação, não esperava triunfasse no resultado final; acresce também, a circunstância de que não fui previamente consultada sobre a aquiescência da minha candidatura, como, penso, o foram as outras candidatas. Outrossim, se houve fraude nessa minha votação, como diz ‘A

TRIBUNA GAÚCHA’ de 24 do corrente, o mesmo se deu em todas as correntes eleitorais que aqui se desenvolveram. Pedindo publicação desta, sou De V. S. Crda. Obrda. Rita Ferrão Teixeira (Niquinha). Passo Fundo, 25-02-29.” (ON nº 387, de 26-02-29.)

Diante da renúncia de Niquinha, uma comissão composta por Ney de Lima Costa, Frederico Cúrio de Carvalho e Mauro P. Machado convenceu os pais da segunda colocada, Elle Ely, a aceitar o título. (ON nº 389, de 28-02-29.)

A decisão do concurso de Miss Rio Grande do Sul ocorreu em Porto Alegre, no mês de março. Participaram 22 candidatas. A vencedora foi Bila Ortiz, de Uruguaiana. Elle Ely obteve a 6ª colocação. (Revista do Globo, ano I, nº 6, de 16-03-29.)

“MISS PASSO FUNDO. A sua **recepção**. De regresso da capital do Estado, onde realçou a beleza de nossa terra, no sensacional concurso das mais belas do Rio Grande, chegou pelo trem de quarta-feira, a senhorita Ele Elly, Miss Passo Fundo, lugar que conquistou com justos votos da nossa cidade. A gare da via férrea tornou-se deveras pequena para

conter a massa da elite passo-fundense que ali foi render-lhe o culto da mais significativa e carinhosa demonstração de satisfação e de agrado. Era bem grande o número de exmas. famílias, de cavalheiros, resumidamente, representantes de todas as nossas classes que ali se deparavam. Uma comissão, composta dos srs. Waldemiro Portugal, Euclides Celzer (Goelzer) e Ernesto Camboim com delegação especial da nossa folha, compareceu ao desembarque da nossa genial 'Miss' falando o brilhante jornalista Waldemiro Portugal, que numa saudação de estilo, apresentou-lhe os cumprimentos e boas-vindas em nome da 'Gazeta' e da Cidade. Vibrantes e mais que merecidas foram as palmas que por ali se ouviram num movimento que só pode dignificar a nossa terra. Depois do desembarque e do oferecimento a Ele Elly de tantas flores, de tantas palmas, a comissão da 'Gazeta' em um automóvel especial conduziu Miss Passo Fundo ao seu trono, que é o seu lar, onde ela com expressivas palavras testemunhou sua gratidão a 'Gazeta' e à sociedade de Passo Fundo. **A manifestação.** Sábado, conforme fora anunciado, teve lugar a manifestação de apreço que a imprensa, sociedade e povo em geral de Passo Fundo levaram à gentil embaixatriz da beleza. Às 8 horas chegava à Praça Marechal Floriano a

excelente banda do 8º R.I., cuja presença representava um belo gesto de solidariedade do digno coronel comandante do 8º. Reuniu-se em seguida, grande massa de povo, notando-se entre os presentes inúmeras famílias e vultos de destaque no mundo social. Marchou-se então em demanda à casa da Mais Bela, onde S. M. recordando o escrínio mirífico de seus encantos, na porta de seu lar, aguardava os manifestantes. Serenados os aplausos que saudaram 'Miss Passo Fundo', falou o orador oficial, nosso companheiro Celso Fiori. Em belíssimo discurso, cheio de formosas imagens e de passagens empolgantes, o orador teceu o elogio da representante da beleza passo-fundense. E, em nome de Passo Fundo, agradeceu a brilhante representação que S. M. havia dado a esta importante cidade serrana. As últimas palavras do orador foram abafadas por uma vibrante salva de palmas. Falaram ainda o nosso colega da 'Tribuna Gaúcha' e consagrado beletista Waldemiro Portugal, tendo ambos pronunciado lindos discursos, que foram muito aplaudidos. Em seguida, os manifestantes se despediram de 'Miss Passo Fundo', que disse ser aquilo mais do que merecia e que não tinha palavras para traduzir seus agradecimentos, voltando, então, para a Praça Marechal Floriano, onde se dispersaram.

Homenagem do Coliseu. A simpática empresa do Coliseu, se associando às homenagens que vêm sendo prestadas à ‘Miss Passo Fundo’, dedicou-lhe a função de segunda-feira. À hora aprazada, foi uma comissão, com a gentil soberana do Coliseu, buscar ‘Miss Passo Fundo’ em sua residência. Ao chegar no Coliseu foi a embaixatriz da beleza recebida pela empresa, que a acompanhou até o camarote imperial, entre salvas de palmas. Falou, então de um camarote, o literato W. Portugal, que pronunciou um formoso discurso e fez entrega à gentil ‘Miss’ d’uma permanente do Coliseu.” (Gazeta nº 48, de 28-03-29, que circulou excepcionalmente na quinta-feira, com seis páginas.)

“MISS PASSO FUNDO. Os presentes que lhe são oferecidos, como homenagem da imprensa e do comércio:

- ‘GAZETA’ lhe dedicará um número especial, com o retrato em ponto grande.

- ‘A Tribuna Gaúcha’, também, lhe dedicará um número especial, em cores.

- Tulio M. da Fontoura, organizador do ‘Álbum de Passo Fundo’, uma artística página do mesmo.

- A Casa Salgado, um fino e custoso estojo.

- A Photo Moderna, de Benjamin D’Agnaluzzo, um artístico retrato em fina moldura.

- A barbearia (salão de beleza) de Constancio Leal, corte de cabelo, durante um ano.

- A Casa Camargo, um fino corte de vestido.

- O atelier de modas da sra. Zulica Avancini confeccionará o vestido.

- A Casa Meyer, um fino par de sapatos e um lindo chapéu.

- Casa Willig, um belo estojo de perfumarias.

- Casa Trez Irmãs, uma finíssima bolsa para passeio.

- João Colawin, uma gôndola de caroba, forrada de cetim cor de ouro.

- Casa Barão, uma linda alfineteira a fantasia.

- Casa Carlan, um fino e completo estojo para unhas.

- Gil Kurtz Barbosa, uma caixa de meias de seda.

- O Club Commercial, um grande baile de luxo, a 6 de abril, onde serão entregues os presentes.

- A Casa São Miguel, um vidro extrato em rico estojo.
- Casa Miotto, um custoso Zerre, natural.
- A Casa Hexsel, uma pulseira de rubi, encrustada em prata.
- A Casa Natal, um vidro de caro perfume.
- A Empreza Theatro Coliseu, uma permanente do mesmo durante um ano.” (Idem.)

Homenagens paralelas eram prestadas a Niquinha. No dia 11-05 uma comissão de admiradores se dirigiu até a sua residência a fim de lhe entregar alguns presentes, como um cartão de prata com dizeres, um anel de professora e um retrato do atelier Ávila, em ponto grande, que estavam em exposição na vitrine da Casa Camargo. Agradecendo a homenagem, Niquinha disse que havia aberto mão do seu direito ao título de Miss Passo Fundo, porque não reunia os dotes de beleza exigidos para o concurso. (ON nº 413, de 30-04; e nº 418, de 16-05-29.)

No início do ano seguinte, tendo sido aberta nova votação para Miss Passo Fundo, Elle Ely visitou a redação do

jornal O Nacional e comunicou a retirada de sua candidatura, informando que pretendia seguir em breve com a família para Curitiba, PR. Somava, na oportunidade, 114 votos contra 30 da segunda colocada, Syria Seadi. (ON nº 521, de 16-01 e nº 523, de 18-01-30.)

Elle Ely nasceu a , em, filha do madeireiro José Carlos Ely e de Alzira Harres Ely. A 22-01-35 casou com Cezar Ortiz, de Cruz Alta, ocasião em que passou a residir naquela cidade. Filhos: Faleceu a (ON n. 2.013, de 23-1-35.)

Em 1930 o Diário de Notícias alterou algumas regras do concurso, exigindo das candidatas do interior fotografias em diversas poses com dados sobre altura, cor dos olhos e cabelos. Uma comissão em Porto Alegre se reservava ao direito de classificar a miss entre as três mais votadas. Em Passo Fundo o resultado final foi o seguinte: Nazy Pinto, 1.459; Herondina Moreira, 774; e Wanda Monteiro, 195. (ON nº 589, de 08-04; e nº 594, de 14-04-30.)

O Concurso de Beleza d’A Época, realizado em 1922, foi talvez o primeiro do gênero em Passo Fundo. O leitor respondia à seguinte pergunta: “Qual é a

mulher mais bela deste município?” Os nomes e as fotografias das três primeiras colocadas, obtida a permissão, seriam remetidos a Porto Alegre, a fim de participarem do “concurso geral que se está procedendo em toda a República”. As fotos ganhariam publicidade na Revista da Semana, do Rio de Janeiro. Djanira Oliveira venceu com 2.256 votos, contra 2.006 de Heloisa de Marco e 1.172 de Odith Freitas Valle. (A Época nº 60, de 23-03; e nº 63, de 13-04-22.)

Em 1928, sucedendo a Armando Annes, Nicolau Araujo Vergueiro assumiu pela 2ª vez a administração do município. O Nacional, que apoiara a candidatura, passou a criticar sistematicamente os atos do intendente e chefe do PR local. O diretor do jornal, o advogado Herculano Annes, alegando que o novo Intendente fazia “campanha” contra o antecessor, seu irmão Armando Annes, renunciou às diversas procurações que possuía da municipalidade e iniciou, a partir de 05-03-29, “campanha contra o egoísmo político que lançou a mãos estranhas a tradicional cadeira de Passo Fundo na Assembléia dos Representantes.” (ON nº 425, de 04-06-29.) O Nacional tampouco admitia a suspensão das obras da usina do Rio Taquari, iniciada na administração

anterior, para a construção de uma nova, no Rio Jacuhy, distante 40 km da cidade e que não saía do papel. (ON nº 407, de 16-04-29.) Essas críticas eram rebatidas pela Gazeta.

“Defesa Mórvida. Em nosso editorial passado, mostramos com clareza que o ato da chefia republicana local, presenteando nosso velho lugar na Assembléia dos Representantes, porque dele não mais se poderia servir pessoalmente, não acharia defesa na injúria pessoal, porque injuriar não é argumentar, ofender não é convencer e os fatos permanecem embora desapareçam os homens. Hoje em nosso ‘processo’ de defesa se nos deparou, processo mórvido, inesperado, que, sem significação alguma, merece entretanto ser posto às claras para ver o caminho que toma a defesa de um ato indefensável. Comunicou-nos a diretoria da Jewish C. Association que lhe foi enviado, todo assinalado de lápis vermelho, o artigo em que os nossos colegas d’‘A Gazeta’, esquecendo que discutimos fatos e não pessoas, procuravam atacar nosso diretor em sua profissão particular; que fazia esse aviso porque era mister estar de sobreaviso contra tais procedimentos. Não comentamos; o público que julgue. Porque nos rebelamos contra um ato

político contrário aos interesses gerais, porque ousamos combater no terreno das idéias a um sistema de absolutismo quase teocrático qual o que vigora neste município, é preciso agora que sejamos demolidos, destruídos e solapados até na situação econômica que nosso trabalho profissional nos concede. Como na idade média, não se discute com blasfemadores: tenham ou não razão, é preciso queimá-los. Enganam-se, porém, os que nos pensam fazer calar com argumentos semelhantes; até que nos queimem falaremos quando tivermos por nós a razão e a verdade, como no caso em foco, onde lamentamos a renúncia voluntária do velho posto passo-fundense na Assembléia estadual. Essa argumentação subterrânea de desprestígio pessoal, bem como a agressão, nada prova contra o que afirmamos. E basta ascultar a opinião geral para ver-se que não somos só nós que assim pensamos; não estamos isolados contra a intolerância política local, cuja sombra podem medrar tais práticas insofridas de combate, cuja amostra hoje apresentamos. O ‘crês ou morres’ já não pode vingar no século vigente em que a mentalidade coletiva já atingiu a tão alto grau evolutivo; e dever é de todo o cidadão consciente o rebelar-se contra esse espírito d’outras eras onde o tormento era meio de prova, a pena era

a fogueira e o rei era Deus.” (ON nº 397, de 21-03-29.)

“**Sempre fugindo.** Temos pela frente uma enfiada de dois editoriais do nosso colega ‘O Nacional’, aos quais nos cumpre contraditar. São de 19 e 21 do andante. O assunto é o mesmo. Se queixam, qual carpideiras chorosas, contra ataques pessoais que, dizem, fizemos ao seu Diretor. O ponto central da questão foi abandonado, não conseguiram mais defendê-lo, e continuam fugindo dele... Ao lermos no editorial de 19, esse trecho: ‘... não nos interessa a nós, nem aos que nos lêem, a vida privada...’ e est’outro: ‘Caiu-se em cheio no ataque pessoal a esta redação’; ao lermos esses trechos fomos, ansiosos, reler o nosso editorial ‘Calvície à mostra’, a ver se tínhamos caído para um terreno que, absolutamente não trilharemos porque isso nos veda a noção que temos da finalidade da imprensa e a educação de nosso espírito. E nessa leitura não encontramos, francamente, qualquer ataque à vida privada de alguém. Deus, esse Deus que para nós é sempre Rei, Rei dos mundos e dos povos, Rei do céu e da terra, a contra o qual os colegas d’O Nacional acham ‘que é dever de todo o cidadão consciente rebelar-se’, que esse Deus nos preserve de tal procedimento.

Vejamos. Lá está escrito: 'Outro (mérito) não se conhece, senão ser advogado da Jewish Colonization Association'. A que méritos nos referimos aqui? A méritos pessoais? Um período adiante responde: 'Esses, porém, parecem bem precários, para notabilizá-lo como 'homem de mérito' e autorizá-lo a 'aspirar ser alguma coisa **no seio do partido, do qual vive à margem, sem nunca dar-lhe nada**'. Logo, nos referimos a méritos políticos, a serviços prestados ao P. R. R., os quais lhe negamos, e continuaremos a negar, enquanto não nos provarem o contrário. E não nos referimos a méritos pessoais, que estes reconhecemos no diretor do nosso colega 'O Nacional'. Quisemos foi afirmar que s.s. era advogado, mas não era político. Eis a que se reduz o tal ataque à vida privada do diretor d'O Nacional e que proporcionou ensanchas para uma cambulhada de dois editoriais dos colegas. Quanto ao número da 'Gazeta' que foi remetido ao Diretor da Jewish, todo bordado a lápis vermelho, não nos toca as lamúrias do colega, não fomos nós quem o mandou, nem autorizamos tal. Mas, tentemos recapitular a questão, para discuti-la. Voltemos a ela, que o colega abandonou-a. O chefe do P. R. de Passo Fundo, num ato consciente e nobre de submissão partidária, soldado que é d'um partido organizado por normas de abstrações

completa do individualismo e do regionalismo d'um partido sempre altruístico e impessoal; o chefe do partido local, num ato de disciplina política, abriu mão da sua cadeira de Deputado Estadual, por si e pelos seus amigos do município. E os colegas d'O Nacional, rebelaram-se contra esse ato de disciplina partidária. Porque, entendem, que essa cadeira é uma propriedade de Passo Fundo, que Passo Fundo já tem o direito de 'usucapião' sobre ela, e que ela, nunca, jamais, deveria e poderia sair de Passo Fundo. Então, como se tratasse d'uma questão de interesse público, e achando que os colegas estavam errados, estavam pecando pela base, surgimos na liça, ativa e nobremente, defendendo o nosso ponto de vista. Ponto de vista que, dentro das normas do P. R. R., é, estamos convencidos, o da razão e da justiça. Mostramos que os pendores étnicos do gaúcho, dado os seus hábitos guerreiros, era o da disciplina. Que nesses pendores étnicos se alicerçava a pujança do P. R. R. Que o interesse do P. R. R. é um só e o mesmo em todo o Estado, e que ele sendo um partido organizado e disciplinado, não poderia fazer a política dissolvente dos mais fortes, dos grupos. Que os seus representantes, saíssem daqui ou dali, não vão propugnar por interesses locais e sim pelos interesses superiores do Estado. Que a Assembléia,

no próprio conceito do chefe supremo do P. R. R., não é uma representação dos municípios e sim do partido. Mostramos, escudados nas palavras d'uma alta autoridade do partido, que no seu seio, não existe o individualismo, não medra o regionalismo. Assim sendo, é perfeitamente legítimo, naturalmente lógico, facilmente defensável, incontroverso até, o ato da chefia local, resultante d'um ato de disciplina política, de consciente subordinação dos interesses impessoais do partido. Todos esses argumentos ficaram sem resposta, calaram fundo na consciência pública e estão de pé, vencendo e dominando, desafiando contradita. Nunca tivemos a veleidade de convencer os colegas d'O Nacional, nunca lhe pusemos o ferro em brasa com o 'crê ou morre'. O colega escreve para o público, nós escrevemos para o público. Ele é o tribunal superior da contenda, ele julgará inapelavelmente. E nós estamos tranqüilos desse julgamento. Nunca tivemos a veleidade de demover os colegas de suas convicções, e tanto mais agora que ele revolta-se até contra uma confiança pacífica na consciência brasileira – para não dizer universal – que tem o perfume da crença e a esperança da fé, que ele revolta-se até contra o Deus dos cristãos, que impera como rei na consciência cristã, e diz 'que é dever de todo o

cidadão consciente o rebelar-se contra esse espírito de outras eras onde... o rei era Deus! Hoje, qual será o rei? O dinheiro? As posições de destaque?..' (Gazeta nº 47, de 23-03-29.)

“Alusões inoportunas. Mal andam os nossos colegas d'‘Gazeta’, jornal que obedece à orientação da chefia política local, em procurar levar os seus ataques até o passado, como se tal pudesse ter alguma influência na atualidade dos assuntos que analisamos. Já há dias, fez essa folha uma alusão inoportuna e, perdoem-nos os colegas, de verdadeiro mau gosto, ao busto do cel. Gersasio Annes, elevado à praça Tamandaré, desta cidade, pela gratidão de seus amigos. Silenciamos. Agora, respondendo nosso artigo sobre os resultados da última eleição, a propósito dos 4.004 votos, incide no mesmo erro, dizendo que são eles ‘espinha eterna atravessada na garganta da velha panelinha reinante que tencionava perpetuar-se na direção de Passo Fundo, mas que foi derrubada, estrondosamente, pelos 4.004...’ Não é demais, pois, em face da reincidência, que digamos não ficar bem ao órgão da confiança da chefia local, o tocar em assunto, da maneira despretenciosa com que o faz. Quando por mais não fosse, um elementar

sentimento de grata recordação deveria ser o obstáculo intransponível a tão inoportunas alusões. Quer-se-nos ferir com elas? Lembrem-se os colegas que a espada é de dois gumes e mais ferido pode sair ainda a chefia que defendem. Foi dessa ‘panelinha reinante’ que ela saiu; foi essa ‘panelinha’ que a criou, quem a fez, preparando-lhe o terreno para o futuro, foi quem a lançou para a frente, politicamente falando; todo o princípio da atual situação republicana do município repousa sobre ela como a casa sobre o alicerce. E quando, por ocasião da luta com o cel. Pedro Lopes de Oliveira, periclitou a situação do nascente poder, ainda foram os homens da velha ‘panelinha’, além de outros, que emprestaram o seu apoio para a vitória definitiva. Não é preciso esforço de memória para nos lembrar que se não fora o inequívoco auxílio do terceiro membro da comissão executiva de então, do cel. Gabriel Bastos, da ‘velha panelinha’ e estaria ali em minoria o atual detentor do mando político do município, e quiçá outros fossem os rumos e o destino da política passo-fundense. Mal andam, assim, os colegas em procurar atacar, gratuitamente, sem nenhum motivo, esses homens, alguns já desaparecidos do cenário da vida, outros relegados para o esquecimento, a quem tudo deve a situação que defendem. Nem

acreditamos que tais alusões possam ser agradáveis ao próprio chefe político local, a menos que lhe faltem, o que não supomos, os mínimos sentimentos de gratidão pelos que lhe prestaram mão forte no início de sua carreira, e pelos que o auxiliaram nos momentos difíceis de lutas violentas. Que não se procure, pois, trazer o passado para o presente, como matéria de ataque. Deixemos os que já passaram do campo de batalha da vida; deixemos os que depois de lutas acerbadas, em que não mediram sacrifício, para a estabilidade da situação presente, jazem hoje no ostracismo, sem queixas nem ressentimentos. Seria inteiramente injusto e a injustiça soe voltar-se sempre contra quem a pratica.” (ON nº 404, de 09-04-29.)

Hyran de Araujo Bastos (1901-1990) e Americano de Araujo Bastos (1899-1986) aparecem como gerentes do jornal O Nacional até o nº 407, de 16-04-29. No número seguinte ocupava o cargo Gervasio Araujo Annes. (ON nº 408, de 18-04-29.)

“Conforme declaração estampada em outro local desta folha, ‘O Nacional’ acaba de ser adquirido de seu proprietário, mudando-se assim a sua gerência. A sua redação permanece

porém, a mesma, sem nenhuma alteração, o que equivale a dizer que tal fato de nenhuma forma pode mudar a sua orientação. Apenas a sua parte comercial sofrerá as mudanças inevitáveis da orientação de uma nova gerência. As oficinas desta folha, sua redação e gerência permanecerão, provisoriamente, no prédio da Livraria Nacional, devendo ser transferidas, quando possível, para o prédio próprio cuja construção se iniciou à Rua 7 de Setembro, próximo do Café Esmeralda. E ao desligarmo-nos agora da Livraria Nacional, cabe-nos deixar aqui bem expressos os nossos sinceros agradecimentos ao sr. Theophilo Guimarães, ex-proprietário do material do jornal e aos gerentes srs. Americano e Hyran de Araujo Bastos, pelo digno procedimento que sempre mantiveram, deixando ampla liberdade de ação à redação deste órgão. É justo pois que se saliente que a transferência d'O Nacional é uma questão puramente comercial, sem que nela participassem quaisquer motivos de ordem pessoal, qualquer discordância, por mínima que fosse, entre seus dirigentes de redação e gerência, entre os quais sempre reinou a maior camaradagem e harmonia de vistas. Entretanto, afastando-se da Livraria Nacional, cuja direção absorvia todo o tempo dos ex-gerentes desta folha, relegando-a para plano secundário;

estabelecendo-se com oficinas próprias, em prédio próprio, já de plano construído, é certo que a 'O Nacional' novos horizontes se abrem, como empresa independente solidamente baseada na experiência de quatro anos de vida regular e ininterrupta. Esperamos, destarte, que, se alguma influência em nossa vida tiver a mudança que ora se opera em nosso departamento administrativo, será ela para melhor, em razão do maior cuidado no trabalho, de maior empenho na divulgação da folha por todos os recantos deste e dos municípios vizinhos." (Idem,)

“DECLARAÇÃO: Dia 10 do corrente mês (10-04-29) adquirimos da firma Theophilo Guimarães toda a tipografia d'O NACIONAL, inclusive móveis e utensílios. Passo Fundo, 15 de abril de 1929. *Gersásio Araújo Annes*. De acordo: *Teophilo Guimarães*.” (Idem.)

Theophilo Guimarães (1876-1947), natural de Cruz Alta, era casado com Alzira Bastos Guimarães, filha de Gabriel Bastos. (ON nº 5581, de 28-02-47.)

O novo prédio da Rua 7 de Setembro abrigou a redação, gerência e

oficinas do jornal O Nacional a partir do nº 453, de 15-08-29. Foi construído pelo empreiteiro João Lângaro, sendo construtor técnico Eduardo Bonesio, ambos responsáveis pela construção do Hotel Avenida. (ON nº 384, de 19-02-29; e nº 410, de 23-4-29.) A 04-04-32 O Nacional não circulou por motivo de mudança para o prédio nº 662 da Avenida Brasil. (ON nº 1.187, de 05-04-32.)

Gervasio Araujo Annes permaneceu na gerência d'O Nacional até o nº 482, de 26-10-29. A partir do número seguinte quem assume o cargo é José Sá Britto. Com essa mudança o ativo e o passivo do jornal ficaram a cargo de Herculano Annes. (ON nº 486, de 07-11-29.)

A 02-01-30, estando no nº 509, O Nacional iniciou a carreira de diário. Segundo o editorial, a venda avulsa de janeiro a dezembro de 29 havia quintuplicado, “numa eloqüente manifestação de aceitação pública”. No dia 24-01-30 foi feita a seguinte averbação no Registro Especial: “1) que a propriedade das oficinas e demais móveis passou ao dr. Herculano A. Annes, que já figura na mesma folha como seu diretor; 2) que a gerência do referido jornal passou ao sr. José Sá

Britto; 3) que a tiragem de tri-semanário passou a diário. Passo Fundo, 22-01-1930. (Matrícula de Oficinas Impressoras e de Jornaes e Outros Periódicos – Livro B, Nº 1, 1930.)

José Sá Brito pediu exoneração a 30-11-30, através de uma carta remetida de Montenegro, na qual alegou força maior e ausência prolongada. (ON nº 786, de 03-12-30.) Em substituição assumiu interinamente a gerência Severino Ronchi (ON nº 787, de 4-12-30), o qual foi efetivado no cargo a partir do nº 949, de 19-6-31. No início de 1932 o novo gerente interino era Carlos Alfredo Oliveira. (ON nº 1.135, de 1º-02-32.)

Em julho de 1932 rebentou a Revolução Paulista e imediatamente estabeleceu-se a censura da imprensa. O Nacional passou a ser impresso em 2 páginas e não tardou que suspendesse a publicação por 16 dias. (ON nº 1.536, de 19-06-33.)

Em 1933 ocorreu uma nova averbação no Registro: “1) A propriedade das oficinas d'O Nacional e demais pertences passou do infraescrito à Sociedade Comercial H. Annes & Cia., legalmente constituída, composta dos

sócios Herculano Araujo Annes e Armando Araujo Annes, o primeiro com 32:750\$000 de capital e o segundo com 11:250\$000, sendo, portanto, o capital social de 42:000\$000; 2) a gerência passou a ser exercida pela senhorinha Antonina Xavier e Oliveira. Passo Fundo, 17/05/1933.” (Idem.)

José Sá Brito (1890-1936) era natural de Montenegro. Assinando *U. V. XIS*, publicou no folhetim d’O Nacional – do nº 1073, de 17-11 ao nº 1097, de 16-12-31 – o romance *Mistério Funesto*. Escreveu a burleta carnavalesca com assuntos locais *A Sofia de Passo Fundo*, programada para ser exibida na noite de 26-02-33, pela Companhia de Comédia Dulcina Moraes-Manoel Durães, que aqui se encontrava em tourné. Não há confirmação de que essa peça tenha sido encenada. *Juca*, como era chamado, usava também os pseudônimos *J. & Cia.* e *XPTO*. Formado professor, não exerceu o Magistério. Aprendeu agrimensura com os engenheiros belgas e franceses, quando trabalhava na empresa construtora da Viação Férrea, ramal de São Borja. Dedicou-se a essa profissão, desempenhando-a em Passo Fundo e municípios vizinhos, como funcionário da Viação Férrea. Mudou-se para Santa Maria em maio de 1933, vindo a falecer

a 20-04-36, na cidade de Montenegro. Publicou um livro, *Versos à Minha Coruja*, em 1914. Deixou inéditos mais dois livros de poesias, *Cidade Verde* e *Meu Castelo*. Era casado com Eneida Flores Sá Britto. Filhos: Maria, Mario, Glauco e Glênio. (ON nº 1.445, de 24-02; nº 1.501, de 06-05-33; nº 2.385, de 22-4-36; Oliveira, C. A. Azevedo. José de Sá Britto – Jornalista e Poeta, *in* ON nº 9.440, de 24-03-60; e ON nº 13.934, de 19-06-75.)

No quadro de colaboradores d’O Nacional destacava-se Antonina Xavier e Oliveira (1900-1963), filha do nosso historiador maior. Antes de ser efetivada como gerente, em maio de 1933, Antonina era a substituta eventual de Herculano Annes na redação do jornal. Usava o pseudônimo *Iná*. (ON nº 456, de 22-8-29; nº 1458, de 13-3; nº 1.512, de 19-5-33; e Gehm, Delma Rosendo. Rememorando, *in* ON nº 13.934, de 19-06-75.)

A participação de Antonina na imprensa passo-fundenses não se restringiu ao jornal O Nacional. Em dezembro de 1948 assumiu a direção do mensário espírita ORIENTADOR, fundado a 30-04-48, por iniciativa de Dalva Rozendo, Alady Berleze de Lima,

Ernesto Formighieri, Pedro Cogo, Adacia Bortolon, Elisa Severo e outros. O órgão da União Espírita de Passo Fundo teve como 1º diretor Alady Berleze de Lima. Desde o lançamento do jornal, a redação e a gerência estiveram a cargo, respectivamente, de Dalva Rozendo e Ernesto Formighieri. O exemplar nº 10, ano I, de 31-01-49, apresenta o formato 23,5 x 32,5 e 4 páginas. Lema: “Ama a teu próximo como (a ti) mesmo.” (Orientador nº 10, de 31-01-49; ON nº 6.226, de 04-05-49; ON nº 10.309, de 13-03-63; e Oliveira, Antonina X. O Espiritismo em Passo Fundo, *in* Indicador Público e Profissional de Passo Fundo, 1954.)

Na edição nº 3.579, de 02-05-40, Herculano Annes comunicou a entrega da direção e, em breve, a propriedade da folha a Mucio de Castro, que há tempos vinha se desincumbindo das funções de redator e gerente. Alegou acúmulo de serviço na sua banca de advocacia, enfatizando estar afastado há muitos meses da redação, contribuindo apenas com o nome. Ressalvou, na transferência, os direitos do chefe das oficinas, Elpidio Barbosa.

Em 1940, na edição do aniversário, Mucio de Castro aparece como diretor e

proprietário do jornal. (Encampou o jornal, assumindo a propriedade, em setembro de 1945. Gehm, Delma Rosendo. Olhando o Passado, *in* ON nº 13.934, de 19-06-75.) Elpidio Barbosa é o chefe das oficinas gráficas. Como inspetor e repórter, respectivamente, Alady Berleze e Carlos De Danilo Quadros. (ON nº 3.616, de 19-06-40.)

Herculano Araujo Annes nasceu em Passo Fundo a 19-03-1898, filho de Gervasio Lucas Annes e de Etelvina Araujo Annes. Em 1919 casou-se com Cecy Coutinho Annes. Filhos: Flávio, Branca, Antenor e Murilo. Formou-se em Direito no ano de 1921, tendo exercido a advocacia ao longo de sua vida. Foi o presidente da 1ª diretoria eleita da Ordem dos Advogados do Brasil, subseção de Passo Fundo, em 1933. Faleceu na sua cidade natal a 16-12-67. Publicou apenas um livro, os ensaios espiritualistas *Na Estrada da Vida*, em 1966. Dois anos antes publicou no jornal O Nacional um ensaio em 4 séries com o título *Manoel José das Neves (Cabo Neves) e não Joaquim Fagundes dos Reis, foi o verdadeiro fundador de Passo Fundo*. Em dezembro de 1967 a redação d'O Nacional passou a denominar-se “Sala Herculano A. Annes”. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.; ON nº 1.424, de 31-01-

33; nº 10.744 a 10.747, de 2, 3, 4 e 5-09-64; e nº 11.729, de 26-12-67.)

Mucio Martins de Castro ingressou no O Nacional a 1º-06-31, no setor de expedição, tendo ocupado todos os postos no jornal. Nascido a 08-05-15, em Passo Fundo, na Rua Moron nº 14, filho de Leão Nunes de Castro e de Madalena Martins de Castro, foi aluno do Colégio Elementar. Posteriormente estudou com o professor Joaquim Pereira Musa e na Escola de Comércio Álvares Penteado. Rotariano desde 1941, foi também um dos idealizadores e o primeiro “patrão” do CTG Lalau Miranda. Em 1954 elegeu-se Deputado Estadual pelo PTB. Faleceu a 30-08-81, depois de completar 50 anos de atividade jornalística. Casado com Ada Postal de Castro. Filhos: Gilka, Tarso, Paulo, Mucio, Mara e Vera. (Gehm, Delma Rosendo. Olhando o Passado, *in* ON nº 13.934, de 19-06-75; e ON nº 15.716, de 31-08-81.)

“MOVIMENTO LIBERAL.
Ontem à tarde, apareceu a notícia da estadia nesta cidade, do prestigiado sr. Rego Lins, acompanhado de José Diniz e Oscar Cezar, já celebrizados pelas suas atitudes agressivas aos brios liberais do Rio Grande, foi espalhado um irônico boletim convidando ao povo para uma

manifestação de ‘apreço’ à caravana sem adeptos. Às 20 meia horas grande massa de povo estacionava diante do Hotel Avenida onde deviam falar vários oradores... Espoucavam ainda os foguetes conclamando a população... O povo vibrando de indignação exige que Rego Lins e José Diniz retirem-se da cidade, indo uma comissão apresentar-lhe essa exigência que foi logo acatada pelo sr. Rego Lins, que apenas rogava que o deixassem sair fisicamente ileso, e retirar-se-ia imediatamente. Os oradores convidam ao povo a dar passagem, formam-se grupos, falam oradores meia quadra longe, mas o povo quer ver os homens. Em dado momento os prestistas conseguem ir até o portão que dá para a avenida Gen. Netto, e o sr. Oscar Cezar, foge, deixando o sr. Rego Lins. **A intervenção do Dr. Subchefe.** O sr. Rego Lins desorientado quis também sair, porém o dr. Prado Sampaio, não consentiu esse ato, porque seria entregar o homem à ira popular. Logo após em vibrante oração o dr. Prado Sampaio pede ao povo que se dissolva, garantindo ao povo que pela manhã o dr. Rego Lins abandonará a cidade. Diante do apelo do dr. Subchefe de Polícia, o povo começa a dissolver-se às 23 e meia horas. Das palavras dos oradores... ficou-nos bem nítidas essa parte de um dos discursos: ‘Tolerância e liberalismo não são a

mesma coisa; devemos ser liberais, mas não tolerantes em demasia, deixando que nos ofendam livremente! Tolerância demasiada é covardia, e devemos mostrar que não somos covardes, e saberemos agir quando ofendam nossos brios.’ Depois da meia noite ainda pequenos grupos estacionavam defronte o Hotel Avenida. Hoje conseguimos saber que à meia noite mais ou menos os srs. Diniz e Rego Lins retiraram-se do Hotel Avenida, onde ainda se acham suas malas à hora de escrevermos essas notas. Não conseguimos saber o destino que tomaram os presti...giosos políticos.” (ON nº 528, de 24-01-30.)

No dia seguinte, por volta das 15h30min, no interior do Café Esmeralda, na Av. Brasil, 73, o advogado Moura Carneiro desferiu um tiro no rosto do Promotor Público Mozart Moraes, causando-lhe a morte dois dias depois. A desavença entre ambos ocorreu em razão do tal comício e da atitude tomada pelo subchefe de polícia. Mozart Menezes de Moraes estava empenhado na causa da Aliança Liberal, sendo membro do Grêmio Antonio Carlos, da mocidade liberal. Na qualidade de orador havia participado da manifestação de repulsa a Rego Lins. Natural de Santa Maria, filho do cel. Tancredo Penna de Moraes,

contava com 23 anos de idade e ainda não colara grau de bacharel. O corpo seguiu para a terra natal, em trem especialmente fretado pelo Governo do Estado. (ON n. 528, de 24-01; nº 529, de 25-01; e nº 530, de 27-01-30.)

O caso Moura Carneiro repercutiu amplamente na imprensa. Instruído o processo, com reconstituição fotográfica, o advogado do réu, João Junqueira Rocha, publicou as razões da defesa n’O Nacional. Moura Carneiro acabou “impronunciado” pelo Juiz de Direito de Erechim, que tomou conhecimento do feito devido ao impedimento do juiz da comarca. A decisão recorrida foi confirmada pela 1ª Câmara do Superior Tribunal do Estado a 17-06-30. (ON nº 581, de 29-3; nº 595, de 15-04; e nº 648, de 19-06-30.)

Severino Moura Carneiro se estabeleceu na cidade com banca de advocacia em 1928, iniciando colaboração nos jornais O Nacional e Gazeta. No final do ano seguinte começou a anunciar para breve o lançamento do jornal A LUTA, folha liberal “de combate do povo contra os caciques”. (ON nº 502, de 14-12-29; e nº 513, de 07-01-30.)

Notícia a respeito desse cidadão surgiu durante a Revolução de Outubro: **“Informações da Coluna do Gen. Miguel Costa.** No assalto de surpresa à vila do Herval, decorreram cenas cômicas e interessantes, informa o sr. Renato Rosa. Em um dos hotéis da localidade hospedavam-se os srs. Dr. Moura Carneiro e Oscar Cezar, coletor federal desta cidade, que, aos primeiros tiros, fugiram como se encontravam na cama e foram surgir, de cuecas, na povoação de Herval Velho.” (ON nº 737, de 6-10-30.)

Engajado na campanha liberal, O Nacional não poupava críticas aos adversários: “Há dias a ‘Gazeta’ publicou uma estatística do eleitorado de Minas, verdadeiramente derrotista aos liberais. (...) Dissemos também que a ‘Gazeta’ de algum tempo a esta parte se comprazia em notícias antiliberais, o que é a mais pura verdade. Poderemos citar uma dúzia delas.” (ON nº 556, de 27-2-30.)

Alguns trataram de dar o fora daqui: “DESFAÇATEZ. Toda a gente sabe que o semanário local ‘A TRIBUNA GAÚCHA’ desde o princípio desta campanha política foi francamente

liberal, obedecendo a direção do sr. Jefferson de Carvalho Dantas. Esse cidadão, há questão de pouco tempo, deixou esse jornal e ninguém ouviu falar mais em sua pessoa. Pois bem: agora o ‘Correio Paulistano’ jornal oficial do governo paulista, sob o título ‘Passo Fundo detentor de um record, o da violência’, dirige-nos as seguintes palavras: ‘Passo Fundo é, já, uma cidade célebre. Triste celebridade! Passo Fundo não admite dentro dos seus muros, senão adeptos do sr. Getulio. Fora daí é a expulsão sumária do território municipal’. (...) Porque o dito sr. Jefferson Dantas, ardoroso liberal da ‘Tribuna’ passou de Porto União, em 10 do corrente, o seguinte telegrama que também transcrevemos do ‘Correio Paulistano’: ‘Duramente perseguido, abandonei Passo Fundo. Reafirmo minha solidariedade a V. Ex^a. Em Santa Catarina respira-se autêntico liberalismo. Saudações respeitadas. Jefferson de Carvalho Dantas. Saiu daqui liberalíssimo e despachou o telegrama das ‘duras perseguições’ com a maior fleugma e desfaçatez possível. Muito mais cômodo e menos perigoso. (...)’ (ON nº 550, de 19-02-30.)

José de Souza Barros publicou a seguinte declaração na imprensa:

“Declaro que nesta data exonerei-me do cargo de gerente da ‘A TRIBUNA GAÚCHA’, cuja função vinha exercendo desde a fundação dessa folha. Passo Fundo, 13-01-30. José de Souza Barros.” (ON nº 519, de 14-01-30.)

Em março de 1930 José de Souza Barros respondia pela direção d’A Tribuna Gaúcha. (Gazeta nº 10, de 08-03-30.) Em agosto do mesmo ano lançou a revista SERRA GAÚCHA: “Da direção e gerência do sr. José de S. Barros, foi editado o primeiro número da – Serra Gaúcha – revista mensal. A capa traz uma alegoria gaúcha, estampando a fotografia do coronel Marcial Terra, que como bem diz a redação, é o expoente da pecuária serrana. A terceira página contém o retrato da rainha da beleza brasileira, Miss Yolanda Pereira. A Serra Gaúcha está bem feita, merecendo o apoio do povo. Gratos pelo primeiro número e suceso para os demais.” (Gazeta nº 31, de 09-08-30.)

José de Souza Barros (1898-1979) era músico e sargento do Exército. Posteriormente ingressou no DAER. Casado com a professora Maria Dolores de Freitas Barros (falecida a 07-03-48, filha do maestro Orminio e de dona Henriqueta, é nome de escola, no Bairro

Santa Marta), deixou os seguintes filhos: Terezinha, Ruth, Ruy e José Carlos. Natural de Ubá, MG, faleceu em Porto Alegre.

No dia 13-05-30 iniciou sua circulação na cidade O SORRISO, “jornalzinho de feição humorística, literária e noticiosa”. (Gazeta nº 19, de 17-05-30.)

A 14-05-30 apareceu o bi-semanário JORNAL DA SERRA, tendo como diretor-proprietário Asterio Canuto de Souza e gerente Gustavo Gonzaga. Com publicação às quartas-feiras e aos domingos, formato 33 x 48, o jornal foi registrado em Cartório no dia 19-08-30. A redação e as oficinas funcionavam na Avenida Capitão Jovino nº 42. (Jornal da Serra nº 1, de 14-05-30; ON nº 619, de 15-05-30; Jornal da Serra nº 26, de 10-08-30; e Matrícula de Oficinas Impressoras e de Jornaes e Outros Periodicos, Livro B, Nº 1.)

“**Nosso objetivo.** Com o presente número iniciamos a publicação regular de nosso bi-semanário ‘Jornal da Serra’, Em o lançando às incertezas da publicidade, não alimentamos a pretensão de deslocar o eixo da política nacional... Apenas o

fazemos impelidos pelo desejo sincero de contribuir, quanto em nós estiver, para o engrandecimento material, para o alevantamento espiritual e o aperfeiçoamento moral desta terra promissora que, incontestavelmente, é Passo Fundo! A imprensa não é somente o assombroso veículo propagador de idéias e centro de irradiação universal do pensamento. É também a fonte perene de informação segura, quando inspirada no são patriotismo daqueles que fazem do jornalismo uma nobre profissão, embora muitas vezes oriçada de espinhos. Objetivando esse desideratum, defenderemos, todos os atos que não colidirem com o patriotismo moral, intelectual e material do município, como recusaremos o nosso apoio a tudo aquilo que, de perto, contrariá-lo. As classes conservadoras, base angular da grandeza econômica do Rio Grande e do Brasil (...) nestas colunas a defesa que seus vultosos e respeitáveis interesses de nós exigem. Paladino dos anseios do povo e das justas aspirações da coletividade, o ‘Jornal da Serra’ bater-se-á junto aos poderes competentes, pela adoção de medidas que venham ao encontro das prementes necessidades públicas. Emitiremos sempre nossa modesta e despretenciosa opinião sobre os acontecimentos em foco, procurando ser comedidos nos aplausos, imparciais nas apreciações,

serenos na crítica, dentro das normas que a boa educação e a polidez nos indicam, pois, jamais usaremos da protervia e do insulto como arma de combate, nem contribuiremos para a eclosão de paixões mesquinhas e de odiosidades malsãs. Bussolando nossa trajetória jornalística pela estrada ampla e luminosa da verdade e do direito, esperamos merecer a confiança e o amparo da culta sociedade passo-fundense. *Canuto Souza.*” (Idem.)

Imediatamente a Gazeta publicou com destaque a seguinte denúncia: “O Material tipográfico com que se iniciou nesta cidade, a publicação do ‘Jornal da Serra’ é da exclusiva e provada posse do diretor desta folha, tendo sido trazido para esta cidade, por meios ilícitos, como a sociedade vai saber. Repta-se prova em contrário. Apenas um que outro corpo de tipo não faz parte do material.” (Gazeta nº 19, de 17-05-30.)

“**Um caso tormentoso.** (...) Hoje, com surpresa pública, foi distribuído pela cidade um boletim, assinado pelo sr. Carlos Araujo, diretor de ‘A GAZETA’, folha que também aqui se publica, no qual esse jornalista se atribui a propriedade do material do ‘Jornal da Serra’. Essa questão, por ser tratada publicamente, está despertando

curiosidade em todas as rodas.” (ON nº 621, de 17-05-30.)

Essa denúncia permaneceu algum tempo nas páginas da Gazeta sem maiores explicações. O Jornal da Serra não se manifestou sobre o assunto. Carlos Araujo ajuizou queixa-crime contra Canuto de Souza. Este também recorreu ao Judiciário, noticiando ser a Gazeta um jornal de publicação clandestina, que permanecia registrado em nome do antigo proprietário, Ney de Lima Costa. Protestava pela aplicação de multa ao concorrente, com base no art. 20, § 3º, do Decreto nº 4.743. As ações foram arquivadas, respectivamente, em junho e agosto do mesmo ano. (Matricula, Livro B, Nº 1 e autos do processo.)

Canuto de Souza já havia trabalhado na redação da Gazeta, em Passo Fundo, e dirigido jornal em Palmeira das Missões. (Gazeta nº 14, de 09-04-30.) Transferiu-se para Carazinho, onde passou a publicar o Jornal da Serra a partir do nº 43, de 11-12-30.

João Carlos de Araujo e Silva atuava como advogado provisionado em Boa Vista do Erechim quando em 1923 foi nomeado capitão do 1º Corpo da

Brigada Provisória do Norte, comandado pelo general Firmino de Paula. Encerrou a campanha no posto de major. Também foi diretor-proprietário d’A VOZ DA PALMEIRA, órgão republicano contrário ao situacionismo reinante em Palmeira das Missões e que lá circulou de junho de 27 a agosto de 28. Em duas oportunidades anunciou o lançamento de um novo jornal em Carazinho: A VOZ DA SERRA, “exclusivamente de interesses comerciais”, em novembro de 28; e A REPÚBLICA, semanário de feição independente, em julho de 1930. (A Época nº 105, de 12-04-23; ON nº 203, de 04-06-27; e nº 675, de 21-07-30; e Gazeta nº 27, de 12-05; nº 29, de 26-05; e nº 15, de 17-11-28.)

Em 1929 Carlos Araujo anunciou para breve o lançamento de uma obra de sua autoria: **“Um livro. Subsídios e apontamentos históricos sobre a revolução de 1923. A 1ª Brigada Provisória do Norte sob o comando do general honorário do exército Firmino de Paula.** Ainda este ano, será exposto à venda, uma brochura que traz na capa o título acima. É autor desse trabalho o nosso diretor que em 1923 comandou esquadrões, foi ajudante e comandante interinamente de forças dessa Brigada. Ilustra a brochura, vários retratos, entre

eles, do general Firmino de Paula, coronéis Dumoncel Filho, Theodoro Silveira, Joaquim Rolim de Moura, majores Tasso Silveira e Octacilio Azevedo e outros. As páginas iniciais fazem uma resenha do que foi os pródomos da luta. A obra desde julho está em confecção em São Paulo na Ypiranga.” (Gazeta nº 87, de 04-12-29.)

Tanto a Gazeta como A Tribuna Gaúcha não sobreviveram à Revolução de Outubro.

Nas eleições do dia 1º-03-30 Getulio Vargas fez 10.618 votos no município. Ao candidato eleito, Julio Prestes, foram computados apenas 2 votos. O candidato a deputado federal mais bem votado em Passo Fundo foi Baptista Luzardo, com 9.879. Nicolau Araujo Vergueiro, também eleito, ficou em segundo, com 8.256 votos. (ON nº 559, de 04-03-30.)

A notícia do assassinato de João Pessoa, o candidato a vice de Getulio, revoltou a população. À noite, na Praça Marechal Floriano, ocorreu um comício de protesto. Fizeram uso da palavra Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Victor Graeff, Lacerda de Almeida

Júnior, Frederico Cúrio de Carvalho e Eugenio di Primio. Nem a visita do arcebispo João Becker demoveu o povo do “luto cívico”. (ON nº 681, de 28-07; nº 683, de 30-07; e nº 684, de 31-07-30.)

BOATOS...

- Nada de novo?
- Sim.. Uruguayana levantou...
- O que me dizes?!..
- Levantou, de manhã, e fez fogo... para o café.

- Fala-se em preparativos bélicos...
- É fato. E diz o Castro que em certa zona da cidade foram assestados diversos canhões...
- Mas, que canhões?!..
- Os da zona da Maria Preta...

- A última, não sabes?..
- ?!..
- Povo reunido na Coxilha...
- É grave, mas com que fim?!
- Para assistir umas carreiras...

- ... e o Oitavo está de prontidão...

- Chii! Vou prevenir o Geolar!

- Por quê?..

- Pois ele é fornecedor de uma das companhias.

- E o que tem isso?!

- A fim de que se acautele com os *prontos*... (ON nº 691, de 09-08-30.)

O estouro da revolução, a 03-10-30, abortou o nascimento de outra folha local: “NOVO JORNAL. Aparecerá brevemente nesta cidade um novo semanário que se denominará ‘A VOZ DO POVO’, sendo de feição combativa, sob a direção do sr. Nilo Cavalheiro.” (ON nº 720, de 12-9-30.)

O Nacional nº 736, de 03-10-30, sexta-feira, no espaço destinado ao editorial, restringiu-se à publicação da seguinte mensagem: “**Palavras do Presidente:** É indispensável que nos mantenhamos numa solidariedade integral, a fim de que o Rio Grande do Sul possa corresponder à expectativa confiante da Nação Brasileira.” Na 3ª página, sob o título “**O Momento Político**”, transcreveu trechos de um pronunciamento do Presidente do Estado,

o qual, entre outras coisas, diz ter aceito o resultado das urnas. O jornal só voltou a circular na segunda-feira, dia 06, com a resenha dos fatos ocorridos em Passo Fundo: “**A Revolução Brasileira. Os Acontecimentos nesta Cidade. As Últimas Informações.** A palavra de ordem. Quinta-feira última, pela manhã, chegou a esta cidade, um emissário vindo de Porto Alegre, o qual trouxe a palavra de ordem, há muito esperada. Depois de conferenciar com o dr. Araujo Vergueiro e outros próceres locais, regressou imediatamente. Não tardou, a seguir, notar-se grande movimento de automóveis e desusada atividade na cidade. Dizia-se que o movimento estava por horas. **O assédio do Quartel do 8º R.I.** No dia seguinte, dia 3, pelo meio-dia, foi entregue ao comandante do 8º R.I., cel. Leitão de Carvalho, uma carta que, segundo se dizia, continha um convite para aderir ao movimento e, caso não aceitasse, uma intimação para entregar o armamento. O cel. Leitão pediu prazo, para responder, até às 3 horas da tarde, recusando afinal, o convite. Dessa hora, em diante, então, notou-se verdadeiro movimento militar na cidade, aprestando-se as forças da polícia, ultimamente com o efetivo muito acrescido, bem como muitos civis. Às cinco horas, precisamente, foi então distribuído profusamente à população o

manifesto revolucionário assinado pelo dr. Araujo Vergueiro, governador civil da praça, o qual transcrevemos em outro local desta folha. Esse manifesto causou a melhor impressão, não só pela decisão e firmeza das palavras, como principalmente por fazer a população voltar à calma, na segurança de que qualquer atentado seria sumariamente punido. Pouco após o manifesto, vindos do quartel da polícia, desembocaram na avenida Brasil, pelas diversas ruas travessas, diversos pelotões da força ali aquartelada, em direção ao 8º R.I. que estava em prontidão, tendo o quartel impedido. Quase imediatamente irrompeu forte tiroteio que cessava, pouco depois, em vista das ordens serem apenas de cerco, sem ataque ao quartel. Finalmente, o cerco foi feito e organizado, isolando-se o quartel da cidade. **A disposição das forças.** O contingente civil, composto de mais ou menos 450 homens, foi assim distribuído, no cerco que se estabeleceu: **1º grupo** – Sob o comando do cel. Edmundo Dalmacio de Oliveira. Ocupou a linha férrea, desde a rua Uruguai até as proximidades da avenida dos Eucaliptos. **2º grupo** – Sob o comando do cel. Quim Cesar. Ocupou a zona sul, pela rua Uruguai, até próximo ao chafariz. **3º grupo** – Sob o comando do cel. Marcos Bandeira. Ocupou a parte norte, da

avenida dos Eucaliptos até os matos, a oeste do quartel. **4º grupo** – Sob o comando do cel. Pires e do dr. Lacerda de Almeida Júnior. Ocupou a zona do mato, até fazer ligação com a coluna do cel. Edmundo. A luz foi cortada para o quartel, continuando, porém, para o resto da cidade. A todo o momento esperava-se que se desse o combate, apesar de saber-se que a maioria dos praças do batalhão eram liberais de coração, assim como alguns oficiais. À noite, porém, iniciaram-se novamente as negociações entre sitiante e sitiados, aqueles por intermédio do sr. Araujo Vergueiro e estes pelo cel. Leitão. **A rendição.** As negociações entabuladas e levadas adiante, durante à noite, tiveram bom resultado e pela manhã de sábado entrou-se definitivamente em acordo, efetuando-se um pacto, pelo qual o 8º R.I. entregava as armas, obtendo plena liberdade para os seus homens. Resolvido isso, a força sitiante retirou-se para seus acampamentos. Uma companhia, porém, postou-se em frente à intendência municipal e, diante de numerosa massa de civis, usou da palavra o dr. Araujo Vergueiro, noticiando as bases do acordo e incentivando o povo à luta contra a prepotência do poder central, o qual começa nesta hora, a ter a sua merecida punição. **A situação urbana.** Revela notar, aqui, como uma justa homenagem

aos organizadores do movimento que teve por teatro a nossa cidade, a absoluta ordem que reinou durante todo o tempo não se registrando o menor atentado à vida ou à propriedade, o que não seria de admirar, em momentos, como o que atravessamos de forte agitação. A promessa feita à população pelo dr. Araujo Vergeiro, governador da praça, foi cumprida à risca, o que teve não pouca influência no desenrolar dos acontecimentos. **A adesão do 8º.** Durante o dia de sábado, começaram a chegar notícias de Porto Alegre, dando conta da vitória do movimento, as quais constam de título à parte. Entre elas houve uma falsa, ou antes, mal interpretada pelo cel. Leitão de Carvalho, comandante do 8º, a qual informaria que o general Gil de Almeida havia aderido ao movimento. Com essa notícia, o cel. Leitão declarou, no meio do maior entusiasmo, que aderiria à revolução, ocupando, novamente, o posto que deixara, no comando do regimento. Essa nova produziu na cidade a maior sensação e verdadeiro delírio de alegria entre os soldados do regimento, fazendo-se verdadeiras ovações públicas. A força tocou a reunir e parecia tudo pelo melhor possível, quando espalhou-se a notícia de que o telegrama fora mal interceptado, estando o gen. Gil de Almeida e seu estado-maior presos, a bordo do ‘Comandante Rippel’, em Porto

Alegre. **A dissolução do regimento.** Com essa notícia, o cel. Leitão voltou atrás, mandando, novamente, dissolver a força, partindo os soldados para as suas casas. Esse fato causou certo abalo na cidade, mas as coisas estavam demasiadamente avançadas para se poder recuar. Foi assim que ninguém se conformou mais com a dissolução decretada e o trabalho começou para a manutenção do regimento conhecidamente liberal. **O tenente Cezar Martins.** Entre os oficiais do 8º, o tenente Cezar Martins foi um dos que, juntamente com o coronel Leitão, declarou-se pela revolução. Assim foi que, em vista de ter empenhado ali, a sua palavra, não quis recuar e instado por amigos, aceitou o comando revolucionário do batalhão. A atitude desse militar, cheia de imensa nobreza e abnegação, causou o mais profundo júbilo na cidade, sendo erguido vivas vibrantes ao seu nome. À hora em que encerramos esta notícia, infelizmente resumida, do movimento, nesta cidade, esse bravo patriota está organizando o regimento, que, se diz, seguirá, em breve para o norte. **Várias notas.** Felizmente pois, os acontecimentos locais se resolveram da melhor forma possível, com o mínimo derramamento de sangue de irmãos, o que deve à nossa população a atividade e prudência dos srs. drs.

Araujo Vergueiro e cel. Quim Cesar por parte dos liberais e da boa vontade da oficialidade da força federal. – No tiroteio que se travou ao iniciar-se o cerco, e que partiu do quartel do 8º, faleceu o cabo Amantino Albuquerque, com 19 anos, natural de Campo do Meio, pertencente às forças do cel. Marcos Bandeira, falecendo também o cabo Sady Freitas Vieira, pertencente à cia. de metralhadoras do 8º. Além desses foram constatados mais dois mortos, cuja identidade ainda não pudemos apurar. – Entre o armamento da força atacante, existia um pequeno canhão de grande irradiação e dois lança-chamas, armamento de moderníssima fabricação alemã ainda desconhecido no Brasil. Possuíam ainda 200.000 tiros. **A bravura do Rio Grande.** Não podemos encerrar essas notas sem um ligeiro comentário à bravura demonstrada por todos quanto tomaram parte no cerco do quartel do 8º R. I. Entre os chefes não houve um momento de vacilação não se podendo destacar nomes e o povo em armas demonstrou que ainda existe a fibra farroupilha na alma dos passo-fundenses.” (ON nº 737, de 06-10-30.)

“**Ao povo de Passo Fundo.** Governador civil desta praça, em nome da REVOLUÇÃO BRASILEIRA,

cumpr-me fazer a presente proclamação, menos de exposição de motivos que de palavra de calma, ordem e respeito. Povo de minha terra, confia na ação da tua gente, porque é ter confiança em ti mesmo. O exército, que é tirado do teu seio, está conosco, em sua quase totalidade. A nossa vitória é certa, como é certo que o povo do Brasil é livre. Tem calma. Não desesperes, porque a nossa ação é patriótica. Será punido sumária e severamente todo aquele que praticar qualquer ato de desrespeito ou depredação. A esta hora todo o Rio Grande, como todo o Brasil, num vibrante hino de civismo, avança com a bandeira da liberdade à frente, contra as muralhas do despotismo, para destruir com a labareda de seus ideais, a bastilha, onde os maus brasileiros, políticos profissionais, vêm tramando a nossa infelicidade. Tudo por um novo Brasil, são e redimido. Passo Fundo, 3 de outubro de 1930. *Dr. Nicolau Araujo Vergueiro.*” (Idem.)

O Jornal da Serra nº 42, de 05-10-30, o último publicado em Passo Fundo, estampou a seguinte manchete: “**O Rio Grande como um só Homem! A Revolução triunfante! Os sangrentos acontecimentos desta cidade. A adesão do 8º R. I. à causa Liberal.**”

“GENERAL RONDON. Vindo de Marcelino Ramos, passou ontem por esta cidade o general Rondon, que ali fora preso pelo general Miguel Costa. Esse general segue para Porto Alegre, tendo seguido daqui, para acompanhá-lo, o dr. Homero Martins Baptista, Juiz desta Comarca. O dr. Homero irá até Cruz Alta. Como escolta seguiram também os srs. Ruy Vergueiro, Victor Graeff e Olavo Hahn. O dr. Vergueiro recebeu, na estação local o general Rondon, palestrando longamente com ele. O general mostra-se surpreendido com o movimento, tendo palavras de censura ao governo federal.” (ON nº 738, de 07-10-30.)

“**Passo Fundo na Revolução.** O embarque da força do coronel Quim Cesar. Enorme multidão comprimia-se, ontem, na gare local, por ocasião do embarque da força revolucionária passo-fundense, sob o comando do coronel Quim Cesar, que, conforme noticiamos, seguiu para a linha de frente. (...) O trem que levou a força do coronel Quim Cesar figura no movimento do tráfego da Viação Férrea com o número 39, entre os comboios especiais para transportes de tropas já organizadas no Estado. – Por ocasião do embarque da força foi

verificada a presença nos carros de muitos jovens e conterrâneos, cuja deliberação de partida foi tomada, no momento, à revelia do conhecimento de suas famílias e amigos. Entre eles notamos os srs. Moreno Araujo, Carlos Rotta, Eurico Godoy Ilha, Salathiel Sperry, Oswaldo Sampaio, Gil Rico Loureiro e muitos outros. (...)” (ON nº 741, de 10-10-30.)

O Coronel Mundica reativou o 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar, denominado “Dr. Vergueiro”. (ON nº 774, de 19-11-30.)

A 14-10-30, na sede do 14 de Julho, Octacilio Ribas, Tte. Jacyntho Godoy e Tristão Ferreira fundaram a Legião de Caridade Passo-fundense, filiada a de Porto Alegre. (ON nº 750, de 21-10-30.) As sociedades Italiana e Israelita abriram subvenções entre seus membros, destinadas a angariar fundos à Cruz Vermelha, no que foram seguidos pela Sírio-Libanesa. (ON nº 750, de 21-10; nº 754, de 25-10; e nº 769, de 13-11-30.) A abnegada *chauffeuse* Eva Gomes serviu à Cruz Vermelha transportando as enfermeiras. (ON nº 755, de 27-10-30.)

O corpo médico de Passo Fundo se colocou à disposição do movimento, mas seguiram para o *front* somente os drs. Arthur Leite e Benedito Frydberg. (ON nº 761, de 4-11-30.) “**Carta aberta:** Snr. Renato Sá Britto. Saudações. Sobre sua nota de ontem, é-me oportuno, o que aliás, declarar que o primeiro médico que se apresentou ao Governador Civil, mesmo antes do tiroteio ao 8º Regimento, fui eu, não tendo sido tomada em consideração a minha insignificante oferta, nem tampouco foi levada em conta a minha nomeação pelo valoroso correligionário Cel. Quim Cezar, nomeação que é também, do seu conhecimento. Mais: - não ignora os motivos que me detiveram aqui, aguardando ordens daquele mesmo eminente amigo, enquanto que desempenhava delicada missão no Diretório Libertador, do qual sou modesto secretário. Ora, sendo médico o Governador Civil, desempenhando cargo de incontestável relevo durante a Revolução; tendo seguido os drs. Leite e Frydberg, aliás com grande abnegação; desejando seguir oportunamente os drs. Caneva e Vasconcellos, estando o dr. Tenack desempenhando um cargo no Hospital Militar, bem como o dr. Brenner se considerado investido pela Viação Férrea, apenas sobrou, segundo sua nota, um lugar para um, que não se interessou,

e, no caso, serei eu. Lembrei-me ainda, fato que não ignora, porque, de uma feita, serviu-me de companhia, que fiquei atendendo, a minha custa, as famílias dos combatentes de um e de outro partido, além das famílias, cujos recursos são agora difíceis. A mim não ficou, portanto, mal não ter ido, porque todos sabem e inclusive você, o entusiasmo com que me coloquei a serviço da causa. *Dr. Rebello Horta*. P. Fundo, 5-novembro-1930.” (ON nº 762, de 05-11-30.)

“**A notícia da vitória em Passo Fundo.** Transcrevemos do Diário de Notícias o telegrama que seu correspondente, sr. João Callage, passou àquela folha referindo-se a O NACIONAL, que foi, como todos sabem, o anunciador da vitória, nesta cidade. **Em Passo Fundo.** (Passo Fundo, 24 (diário) – O Nacional afixou nos ‘placards’ um rádio dando notícias da revolta no Rio. Foi imediatamente confirmada pelos telegramas dessa capital. O povo delira e saiu para as ruas vivendo a revolução, subindo ao ar centenas de foguetes. Diante do ‘placard’, ilustrado por excelentes caricaturas de autoria de Geolar Caminha, permanece enorme multidão vibrante, trocando abraços, num enorme regozijo, mormente devido à existência no ‘front’, de inúmeros

voluntários desta cidade.” (ON nº 757, de 29-10-30.)

Pereceram na revolução, incorporados ao 8º R.I., os soldados Nicola Gasparine Pertile e Francisco Pimentel. (ON nº 770, de 14-11-30.) Em conseqüência de ferimentos recebidos morreu também o voluntário Modesto Eulálio dos Santos. (ON nº 773, de 18-11-30.)

O coronel Antonio Quim Cezar – cuja *Autobiografia* foi parcialmente publicada no jornal O Nacional e transcrita neste trabalho – após a Revolução de 1930, assumiu a subchefia de polícia da 11ª região, com sede em Taquari, comissionado em Porto Alegre. Pertenceu à Comissão Central do Partido Republicano Liberal, chefiado por Flores da Cunha. Em 1932 comandou a Brigada Mista do Oeste, no setor Sul de São Paulo, em Fartura e Ribeirópolis. Em 1945, depois de residir um tempo em Curitiba, PR, voltou a Porto Alegre e à política, empenhado na reorganização o PRL. Em 1947 aparece estabelecido com comércio e líder da UDN em Lagoa Vermelha. Em 1950 assumiu a presidência do Diretório Estadual do Partido Social Progressista, concorrendo sem sucesso a uma vaga na Assembléia

Legislativa. Faleceu em Porto Alegre, onde residia, sito na Rua João Guimarães, 41, no dia 13-08-61, pelas 15h30min, aos 74 anos de idade. Filhos: Ary, Avelino, Ady, Acacio e Ismael. Dos irmãos, o único que residia em Passo Fundo era Amador Cesar Sobrinho. (ON nº 750, de 21-10-30; nº 1.433, de 10-02-33; nº 5.083, de 14-06-45; nº 5.579, de 26-02-47; nº 6.537, de 22-06-50; nº 6.600, de 06-09-50; nº 9.844, de 14-08-61.)

Nicolau Araujo Vergueiro nasceu em Passo Fundo a 07-03-1882, filho do capitão João de Vergueiro e de Carolina Araújo Vergueiro. Em 1906 casou com Jovina Leite Vergueiro. Filhos: Ruy e Maria. Faleceu a 16-03-56, pelas 15h, após sofrer um derrame cerebral enquanto almoçava. Foi atendido no HSVP pelo dr. Sabino Arias. Iniciou os estudos superiores em 1900, na Capital do Estado. Colou grau em Farmácia e em Medicina nos anos de 1903 e 1905, respectivamente. Apresentou, por ocasião da formatura, a tese *Contribuição ao Estudo da Anestesia Geral pelo Keleno*. Montou sua clínica em Passo Fundo e passou a militar na política, nos quadros do PRR. Em 1908 foi eleito Conselheiro Municipal e elevado à presidência do Conselho. No ano seguinte elegeu-se Deputado Estadual,

reeleito durante cinco legislaturas. Em 1928 assumiu a presidência da Assembléia dos Representantes do Estado. Em 1929 foi eleito Deputado Federal, reeleito em 1935 e 1945, sendo um dos Constituintes de 1946. Participou das campanhas de 1923 e 1924, bem como da Revolução de 1930. Durante os anos de 1933 e 1934 esteve exilado na Argentina, motivo: solidariedade com a revolução paulista de 1932. Foi Intendente de Passo Fundo em duas oportunidades, eleito em 1920 e 1928. Deixou a presidência do diretório municipal do PSD, afastando-se da política, pouco antes de falecer. Residia na Avenida Brasil, 1056. Em 1967 um trabalho seu, *A História do Ensino em Passo Fundo*, foi publicado na Revista Anuário nº 1, 1957/1967, da Faculdade de Filosofia da UPF, cedido para publicação pelo Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo. (ON nº 8.241, de 16-03 e nº 8.242, de 17-03-56.)

“ANO NOVO. Transcorre hoje o último dia de 1930 e dentro em poucas horas entramos em 31. É hábito literário chorarmos sobre o ano que passou e tecermos hinos de esperanças ao ano que chegou. Assim procedemos também com os homens, com os que morrem e com os que nascem. São manifestações emotivas

respeitáveis mas estéreis na multiplicidade da vida que é uma só e não muda na ‘horizontalidade de tudo’. Não desejamos pois, fazer literatura ao limiar do ano novo. Desejamos apenas significar aos novos leitores que por ele a dentro, se o destino nos permitir, continuaremos sempre firmes em nosso posto, lutando, com todas as nossas forças, pelos ideais que vimos defendendo. Luta nobre, elevada, tolerante, despersonalizada, mas constante. Crítica serena, verdadeira, sempre pronta a reconhecer os atos bons, mas irreduzível quando estes se afastam das aspirações gerais ou aberram da nova mentalidade nacional. É essa a missão elevada da imprensa honesta com a qual nos julgamos inteiramente identificáveis. E ao esboçarmos, aqui, nosso sistema de agir, esboço quase inútil porque a orientação de um jornal não se faz com palavras mas com ação, queremos deixar também os nossos votos sinceros de que o ano entrante seja mais auspicioso e melhor para P. Fundo. Efetivamente o que passou não foi nada bom para nós. Administrativamente, pouco ou nada se fez e do que se fez nem tudo foi bom. Politicamente, permanecemos no mesmo antigo regime e a revolução estacou nos limites de nosso torrão. Comercialmente, fomos arrastados na voragem da crise geral imperante e parece-nos que nunca

atravessamos um mais rude e mais prolongado período de depressão financeira e comercial. O novo ano nos trará melhores dias? Desejamo-lo sinceramente e temos quase segurança disso porque nada é eterno no mundo onde os contrastes entre o hoje e o amanhã constituem a normalidade. Tudo passa e tudo se transforma e o mal de hoje é o prenúncio da felicidade de amanhã. Que esse amanhã seja breve, seja o Ano Novo.” (ON nº 809, de 31-12-30.)

Outros jornais lançados em Passo Fundo na década de 30:

O COMPLEMENTAR, a 09-05-31, sábado, Folha quinzenal editada pelas alunas da escola do mesmo nome. (ON nº 917, de 11-05-31.) A 13-05-34 o Grêmio Cívico Literário Rui Barbosa, da Escola Complementar, lançou O REFLEXO, órgão quinzenal. Lema: “Lux et Libertas”. Diretor, J. Silveira de Camargo; redatoras-chefes, Alba Braga e Marta Helm; censor crítico, Pedro Tochetto; e gerente, Almeri Pereira e Silva. (ON nº 1806, de 15-05-34.)

O ESTUDANTE, em outubro de 31. Jornal crítico e literário. Redatores J.

R. Amantino e Arnaldo Reinert. (ON nº 1.045, de 13-10-31.)

O ROSICLER, em abril de 32. Semanário noticioso, humorístico e crítico, sob a direção principal de N. Leite e A. Vargas. Redação na Vila Cruzeiro. (ON nº 1.187, de 05-04-32.)

O BARULHO, a 23-06-34, sábado, folha humorística dirigida por alguns rapazes da nossa sociedade. (ON nº 1.838, de 25-06-34.)

TIC-TAC, no final de junho de 34. Semanário humorístico. (ON nº 1.843, de 30-06-34.)

A DEFESA, a 25-08-35. Órgão semanal dirigido por Mansur Sfair e tendo como gerente interino Hugo Lima. (ON nº 2.189, de 26-08-35.) Matriculada em 31-08-35, a Empresa Jornalística A Defesa registrou como diretor Mansur Sfair e gerente Lodovico Della Méa. Os demais sócios solidários eram os seguintes: Dom Antonio Reis (bispo diocesano de Santa Maria), Octacílio Ribas Vieira, Guilherme Gandenzi, Ernesto Busato, Emílio Stigler, João A. Miotto, Lourenço Laner e Hugo Loureiro

Lima. A 26-12-35 Mansur Sfair foi substituído por Attilio Della Méa. “Órgão da Defesa social” e filiado à Associação dos Jornalistas Católicos, formato era 33 x 48 e imprimia-se nas oficinas da tipografia A Independência. Em 1937 publicava-se aos sábados e a redação e a oficina tinham como endereço, respectivamente, a Praça da República nº 15 e a Rua Uruguai, esquina Praça Tamandaré, casa própria. (Matrícula, Livro B, nº 1; a Defesa nº 1, de 25-08-35; e nº 79, de 03-04-37.)

JUVENTUDE CATÓLICA, a 07-02-37. Órgão mensal dos centros da juventude católica. Diretor, Emydio Araújo; redator-chefe, Hugo Canfild; gerente, Alexandre Cesarini. (ON nº 2.625, de 08-02-37.)

Fotos dos jornais

Capítulo II

Pelos Cinemas

Em 1910 já ocorriam “funções” cinematográficas em Passo Fundo: “No edifício do Club Pinheiro Machado, onde já está localizado, estreará hoje o cinematógrafo da empresa Joaquim Pozzo, que vem procedido de bom nome. Amanhã haverá outra função.” (O Gaúcho nº 13, de 02-04-10.)

Joaquim Pozzo andou por aqui entre 1910/1911: “Regressou de Porto Alegre, para onde seguira há dias, o sr. Joaquim Pozo.” (O Gaúcho nº 23, de 26-06-10.) “A empresa Risoli e Pozo segundo nos consta, acaba de contratar em Montevideu diversos artistas que aqui estrearão no próximo sábado. Entre eles exhibir-se-á nesta cidade o conhecido violinista uruguaio Paschoal Risle, que há pouco percorreu nosso Estado em excursão artística, tendo feito franco sucesso.” (O Gaúcho nº 13, de 06-04-11.)

O Gaúcho nº 18, de 22-05-10, faz referência a um Miguel V. Risoli, representante do “Circo Pavilhão Rio Grandense”, dirigido pelo “popular clown” Antonio F. Faria.

Outro ambulante que aqui chegou em 1910 foi Roberto Silva, conhecido por Robertinho. Este montou o CINEMA PATHÉ, permanente na cidade a partir de abril de 1911. (A Época nº 58, de 09-03-22; e O Gaúcho nº 16, de 27-04-11.)

“O cinema Pathé da empresa Roberto Silva, funcionou, domingo e terça-feira, exibindo magníficas fitas. No primeiro desses dias deu também uma ‘matinée’ às 2 horas da tarde, oferecida à criançada. Na função de terça-feira (15-08-11) alcançou sucesso a fita *Ladrões de Igreja*, reproduzindo emocionante drama. Brevemente a empresa começará a receber do Rio de Janeiro fitas novas, para cujo fim acaba de fazer contrato com o ‘Cinema Parisiense’ dessa cidade.” (O Gaúcho nº 31, de 17-08-11.)

“TEATROS E SALÕES. Com excelentes fitas e grande concorrência, funcionou, sábado e domingo, neste último dia com duas funções, à tarde e à noite, o acreditado ‘Cinema Pathé’ da empresa Roberto Silva. Domingo, funcionou também o Circo Saballa, apresentando variado programa, no qual estava incluída a pantomima *Serra Morena*, que bastante agradou aos freqüentadores daquela casa de

diversões. A concorrência foi grande.” (O Gaúcho nº 32, de 24-08-11.)

Em 1914 o cinema do Robertinho ainda se chamava Pathé. (O Gaúcho nº 11, de 05-04-14.) Antes de se estabelecer definitivamente na Rua Moron, defronte à Praça Marechal Floriano, por volta de 1917, com o CINEMA BRAZIL, Robertinho mantinha o seu cinema na Avenida General Neto, num galpão de madeira ao lado da residência do capitão Jovino da Silva Freitas, local onde hoje se encontra a agência do BANRISUL. (Cfe. Dr. Jovino da Silva Freitas.)

A 03-01-15 as reuniões semanais da diretoria do Hospital de Caridade passaram a ocorrer em caráter provisório no salão do CINEMA CENTRAL, do confrade Joaquim Reichmann. (Ghem, Delma Rosendo, Passo Fundo Através do Tempo, Vol. II, Diário da Manhã, Gráfica e Editora, 1982.)

Inaugurado provavelmente no ano anterior, o Central localizava-se na Avenida Brasil, esquina com a Rua 7 de Setembro (Shopping Bella Città). Joaquim Reichmann, o “Quinca”, começou no ramo como ambulante, exibindo filmes pela zona rural. (Cfe. Joaquim Reichmann Filho.)

Até então a concorrência ao Pathé se limitara a itinerantes, como o Circo Familiar, de Olympio Silva e Emilio Bosch, que incluía um cinematógrafo entre as atrações. (O Gaúcho nº 25, de 22-06-12.)

“BRAZIL – Focou *Andreina*, peça empolgante em 9 longas partes e de encantos verdadeiramente sublimes. CENTRAL – Passou sábado em sua tela o apreciado filme de belíssimo enredo dramático em 9 partes, *Kean*. Ambos com casa cheia o mesmo acontecendo nas exhibições de ontem.” (O Gaúcho nº 29, de 21-07-18.)

“CINEMAS. BRAZIL – Sábado, este apreciado cinema passou o grandioso filme *Feridos nas Trevas*, em 6 longas partes. Domingo, foram focados, o majestoso drama de aventuras *O Vingador*, e a bela comédia *Um Tio Bonito*. Ontem, levou o Brazil, o drama *O Remorso*, cheio de lances arrebatadores e a comédia *Mulher Ingenua*, de real beleza em cinematografia. CENTRAL – Exibiu este cinema, sábado, o filme *Cabira*, de grande efeito dramático. Domingo, foi passado o drama de aventuras, intitulado, *Daisy Ferd* ou *Os Dramas das Mattas*. Foi ontem passado na tela desse centro de diversão o imponente drama, *O Forçado nº 103*, terminando com o campeonato de *box* entre Gemi Smith e Raul Kahanovich, que se mostraram pouco

conhecedores do *sport* e levaram do público um pequeno *trote...*” (O Gaúcho nº 34, de 28-08-18.)

Em Passo Fundo o Cinema Central funcionou até 1920. Renato Sá Britto, autor do livro *O Município de Passo Fundo (Informações diversas, colligidas em 1920)*, Oficinas da Livraria Minerva, Passo Fundo, 1920, concluído em agosto do mesmo ano, relacionou os seguintes “Centros de Diversões” existentes na cidade: “Teatro Avenida, Cinema-Teatro Brasil, Cinema-Teatro Coliseu e Cinema Central”. Além de cinemas permanentes em Carazinho e Não-Me-Toque.

O teatro foi desapropriado naquele mesmo ano. (Ato nº 356, de 27-12-20.) O cinema de Carazinho, dos “operosos” irmãos Scherer, também se chamava Central. (O Gaúcho nº 29, de 21-07-18.)

Joaquim Reichmann nasceu em Passo Fundo a 06-03-1889, filho de Carlos Leopoldo Reichmann e Catharina Neckel Reichmann. Inaugurou o Cinema Central em Boa Vista do Erechim a 17-08-17, num imóvel pertencente à viúva Hermann. Em 1920 o cinema passou a funcionar em prédio próprio, na Rua Álvares Cabral nº 114. Vendeu-o em 1929. Na cidade de Erechim,

onde fixou residência, fundou a firma Reichmann & Cia., proprietária do Moinho de Trigo São Carlos. Faleceu... (Cfe. Joaquim Reichmann Filho.)

A 06-03-20, no prédio nº 23 da Avenida General Neto, trajeto correspondente à Praça Marechal Floriano, Florencio Della Méa inaugurou o cinema COLISEU AMERICA. Convite: “Às 16 horas – Ato inaugural, em que será oferecido um copo d’água à assistência. Às 21 horas – Julgamento do concurso de ornamentação do camarote, entrega do prêmio respectivo (uma fina estátua) e exibição de fitas cinematográficas.”

“COLISEU. No dia 6 do corrente inaugurou-se nesta cidade o Coliseu de propriedade do sr. Florencio Della Méa, situado à Praça Marechal Floriano Peixoto. Edifício construído com toda a segurança e montado com muito gosto oferece ele o máximo conforto aos espectadores. Consta de 50 camarotes divididos em duas ordens, mobiliados com cadeiras tipo austríacas. A platéia tem lugar para 500 espectadores sendo a lotação total de 1.000 pessoas. A empresa tem contrato com a magnífica orquestra regida pelo maestro sr. Ricardo Kreicher. No dia da inauguração, às 19 horas, foi oferecido um copo d’água aos assistentes. A convite do sr. Florencio Della

Méa que ofereceu camarotes às associações, estabelecimentos e pessoas gradas, foram ornamentados os camarotes para um concurso com direito ao prêmio de uma estatueta. Grande foi a animação para esse concurso e maior seria se não fosse a exigüidade do tempo para a ornamentação. O júri houve por bem conferir o prêmio ao S. C. Gaúcho. A nosso juízo, os camarotes ornamentados com significação artística eram os do dr. Gusmão Lyra, representando a magia e o da sociedade musical G. M. com todos os símbolos da arte, em harmonia. Pelo gosto, luxo e estética, sobressaía o camarote do Banco da Província. Estava também ornamentado com muita arte, o camarote do sr. Armando Annes que só continha flores, dando a impressão de um recanto de jardim. Foi uma bela idéia a do sr. Della Méa, a organização desse concurso, fazendo florescer o gosto artístico em nosso meio social. A fita focada, CÃO E GATO, muito agradou. Felicitando ao Empresário do novo centro de diversão, Coliseu América, fazemos votos para que o público corresponda aos seus esforços.” (A Voz da Serra, fragmento, 13-03-20.)

O pano de boca do Coliseu, confeccionado pelo cenógrafo Bastos Guerra, chamou a atenção pela criatividade: “Este trabalho, que muito tem agradado pela sua estética, forma no centro o conjunto de

três figuras de mulheres, representando as artes e presas a um aeroplano guiado por Netuno. O resto do pano é ocupado com quadros de anúncios das principais firmas industriais e comerciais desta praça. Nas extremidades vêem-se duas figuras empunhando os jornais locais A voz da Serra e O Gaúcho.” (A Voz da Serra nº 230, de 16-10-20.)

Por ocasião da posse do Intendente eleito, Nicolau Araujo Vergueiro, a Empresa Della Méa programou, além do baile de gala, sessões cinematográficas ao ar livre, na Praça Marechal Floriano, nos dias 14 e 15-11-20, às 20h. Aos donos de “autos e carros” foram abertas inscrições para a “batalha de flores”, também no dia 15, às 17h. Através d’A Voz da Serra, o povo era convidado a participar das festas públicas. (A Voz da Serra nº 230, de 16-10; e nº 232, de 30-10-20.)

“Dia a dia vai se arraigando no espírito público a confiança no governo municipal, que não tem poupado esforços para dotar o Município de melhoramentos imprescindíveis e de real importância. Basta um passeio de veículo pelas ruas de nossa cidade, para se ter a convicção que não se vive mais naquele *status quo* de rotina, que nos dava a impressão de que habitávamos

uma grande aldeia iluminada a luz elétrica.” (A Época nº 13, de 28-04-21.)

“Entre os muitos melhoramentos da atual administração, o prédio do governo municipal está passando por úteis e imprescindíveis reformas, não só sob o ponto de vista da segurança do edifício, que estava ameaçando ruínas, como sob o ponto de vista estético. Aquelas arcaicas colunas de estilo bizantino e que escapavam à percepção a sua utilidade arquitetônica foram substituídas por uma moderna sacada, que torna o edifício com uma aparência agradável. Já o velho teatro, hoje alteroso edifício do Forum (*exercendarum titium locus*) aparece aos olhos dos visitantes, na sua principal artéria, como uma grave e circumspecta casa onde a Justiça impera altiva e sobranceira, em qualquer das suas modalidades clássicas. Hoje, que Passo Fundo vai alcançando foros de civilizada, irradiando além de suas fronteiras as luminosas expansões de sua vida social, administrativa e econômica, sentimo-nos felizes em proclamar fatos que se relacionam com o nosso progresso.” (A Época nº 11, de 14-04-21.)

A 03-02-21 apresentou-se no Coliseu a pianista Rosa do Espírito Santo, diplomada pelo Instituto Nacional de Música do Rio de

Janeiro. (A Voz da Serra nº 245, de 05-02-21.)

No 1º aniversário do Coliseu, como parte das homenagens, Della Méa recebeu da sociedade local um “fino e artístico” crucifixo. Encerrada a sessão cinematográfica, um grupo de senhoritas promoveu um festival de variedades.

Nos dias 11 e 12-04-21 a Orquestra do Centro Musical de Cultura Artística de Porto Alegre realizou duas “noitadas de arte” no Coliseu: “(...) A orquestra agradou extremamente pela firmeza de execução e pela harmonia do conjunto, arrancando sinceros aplausos da assistência seleta que enchia o teatro. Entretanto acreditamos que maior ainda seria o sucesso se houvesse maior cuidado na organização dos programas. Em uma cidade como a nossa, em que os ouvidos ainda não estão muito familiarizados com a música clássica, era quase necessário intercalar entre as fantasias e sinfonias de concerto, trechos de óperas, mais conhecidas, que descansassem o auditório de estudo pesado das peças clássicas. Daí o sucesso a primeira vista absurdo, da Marcha Mexicana a única bisada. Afora isso, nada mais podemos fazer, do que elogiar o conjunto artístico que nos visitou. (...)” (A Época nº 11, de 14-04-21.)

“**De Monóculo...** (...) Ora, dessa forma, por exemplo, não deixamos de venerar ao Sr. Della Méa, como um homem de uma força de vontade máscula, e de um arrojo ultra-eloqüente. Não nos esquecemos que esse valente empresário do Coliseu, foi quem atraiu para cá a soberba companhia da Clara Weiss, fato esse suficiente para demonstrar a sua largueza de vistas, procurando educar o espírito desta gente, sedento de boa arte. Agora então, como nunca, seria o cúmulo da injustiça deixarmos de lado o grande gesto desse empresário por ter atraído para o Coliseu a vinda desse elenco seleta que compõe o *Centro Musical Portoalegrense*, expoente máximo da cultura artística rio-grandense, onde esse núcleo de elite fez valer o conceito de quanto somos capazes. Foram noitadas cheias de surpresas arrebatadoras e de emoções humanamente doces e magnificamente extraordinárias. As notas arrancadas desses instrumentos diabolicamente mágicos, valeram a consagração desse Pedrahyta sublime, o homem genuinamente nervos e alma... Com esse fecho de temporada artística, esquecemo-nos até do espetáculo narcótico em benefício do Hospital São Vicente, e que só mereceu o nosso aplauso a parte a que diz respeito à galhardia do desempenho que souberam imprimir com abundância de graça e encanto, um grupo de gárrulas senhoritas do nosso escol. Pelo

espetáculo referido, ficamos satisfeitiíssimos por sabermos que o nosso elemento está na altura de desempenhar coisas de grande fôlego. O que não toleramos, entretanto, seja-nos lícito dizer, foi o fastidioso *te-deum*, ditado pelos reverendíssimos Padres, que querem virar o Coliseu em igreja e o Della Méa em vigário... Ora, nós não somos palmatória do mundo, e até somos católicos e não católicos de aparato, mas, com toda franqueza ousamos manifestarmos: se querem transformar o Coliseu em igreja, não cobrem entrada, por favor, que isso até tem um sabor perfeito de um conto do vigário... (sem alusão). *Dr. Smart.*” (Idem)

Ainda no mês de abril, no dia 26, com regular assistência, apresentou-se no Coliseu o violinista Vicente Fittipaldi: “A noite de terça-feira, pode-se dizer, foi uma noite de arte, na acepção intrínseca do vocábulo. Efetivamente, forçoso é dizê-lo, Vicente Fittipaldi é mais de que um artista – é um gênio. Maravilhosa foi a noitada do Coliseu, onde, por momentos, nossas almas subiam eletrizadas aos acordes de um violino misterioso... O programa foi executado de forma a merecer francos aplausos, espontâneas manifestações da seleta assistência. Isso, aliás, nos anima e conforta. É que Passo Fundo, na essência de seu elemento social, já sabe apreciar o belo, nas suas doces modalidades artísticas. Do

programa, varrendo de nós qualquer pretensão crítica, sobressaíram Berceuse Slave, de encantadora surdina emocionante, a sinfonia espanhola, cheia de transições maravilhosas de difícil execução, e, afinal, Ronde des Lutins, que verdadeiramente constituiu a chave de ouro do escolhido programa musical. Foi nessa última peça que o espírito enlevou-se na apreciação do mérito artístico de Vicente Fittipaldi.” (A Época nº 13, de 28-04-21.)

Diplomado em 1919, pelo Real Conservatório de Nápoles, Vicente Mário Ferrari Fittipaldi iniciou a carreira de concertista na Itália. Em 1941 criou a Orquestra Sinfônica do Recife. Na década de 70 atuou à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira. Compôs várias obras. No Coliseu o músico uruguaiano fez-se acompanhar ao piano por Jandyra Nunes Pereira: “Pondo de banda o péssimo piano do Coliseu, a graciosa Srta. Jandyra Nunes Pereira confirmou as suas belas qualidades de pianista, que sobremodo honram o nosso Conservatório de Música de Porto Alegre.” (Idem.)

Robertinho tratou de melhorar a qualidade do seu cinema, tornando dobradiças as poltronas e ampliando os corredores laterais na platéia. Mantinha como regente da sua orquestra o maestro

João Munhoz, diplomado em Montevideu e lente do curso de música recém aberto no Instituto Ginásial. Munhoz também lecionava música nas dependências do Brasil. (A Época nº 13, de 28-04; e nº 16, de 19-05-21.)

Na coluna PELOS CINEMAS o jornal A Época divulgava a programação. Em 1921 o Brasil apresentou com sucesso *A Mascara Sinistra*: “Com a exibição dos últimos episódios d’A Máscara Sinistra, causou a ansiedade dos frequentadores deste centro de diversões, que assistiram a passagem pelo seu écran, de tão sensacional filme, como evidenciou o talento artístico de Carol Holloway e Antonio Moreno que, desconhecidos do nosso público, lhes arrancaram verdadeiros aplausos.” No cinema do Della Méa o filme argentino *Sob o Sol do Pampa* “bastante agradou por tratar-se da reprodução dos costumes gaúchos, com os quais a nossa platéia está familiarizada”. (A Época nº 16, de 19-05-21.)

Almofadinhas e Melindrosas já marcavam presença nos ambientes “chics” da nossa urbe. Que o digam as *Cartas Caipiras de Xixo Traque*, publicadas no jornal A Época nº 30, de 25-08-21:

Meu cumpáde Simpriço
Quem averá de dizê
Que agora nesta çedade
Os ome, muié qué sê...

Uns anda espartiádo
Cuns corpitos de violão
Cuma xinxá na barriga
Que nem meu pingó alazão

Ingraçado do negoço
Que viráro já de secho
Cumas carinhas de moça
E o xarutito nos quexo

No Robertinho, o cenema
É o pão nosso cá dos pago
Fica de frente prá os pubrico
E os pé fazendo distrago...

Anda de tope de fita
Nos casaquito apertado
Parece uns mariquito
Que vancê nem arquidita!

Nas intriga nem se fala

E bate lingua e porcesso
É só uma róda de pióla
Se isto aqui é porguesso

Cumpadre eu já vô simbora
Não quero metê a cuié
Proquê aqui se fica loco
Intão-ce fica muié

As Melindrosas ainda tinham contra si a ameaça do fogo eterno: “**Comentários...** “Os hábitos austeros desapareceram com a evolução dos tempos e dos costumes. As damas de hoje transformaram o seu vestuário de uma maneira nada elegante, chegando mesmo a ocupar vestidos demasiadamente curtos e de um enorme decote. Além disso, usam pinturas para o rosto e cabelos, que as deixam diferentes e até mesmo feias. (...) As altas autoridades do catolicismo já tomaram medidas acauteladoras do decoro social, lançando pastorais pedindo que esse modernismo seja abolido pelas famílias católicas. Tudo tem sido em vão; a moda exagerada continua cada vez mais preferida. *Zelio.*” (A *Época* n° 78, de 03-08-22.)

A 04-09-21 o médico uruguaio Nigro Basciano realizou no Cinema Brasil uma conferência sobre o álcool e o fumo. O

cronista *João D'Aqui* registrou suas impressões nas “NOTAS DA SEMANA: O dr. Nigro Basciano, realizou no Brasil, domingo último uma conferência que versou sobre o tema: - ‘O Monstro Social – o álcool’ – . O conferencista com vasta bagagem dialética, perorou sobre os males causados pelo álcool e pelo fumo, fazendo uma longa exposição desses dois fatores nefandos, que avassalam a sociedade. Tudo isso é muito bonito e o homem tem razão de sobra, mas, enquanto o orador percorre esse mundo todo, a caninha prolifera por toda a parte. Não há festa onde a cerveja do Bade, não tenha uma fantástica procura, avermelhando até o nazo do mais circunspecto conviva. A caninha por sua vez, presta os seus serviços para tudo: cura frio, calor, cólicas, constipações e toda a sorte de moléstias. Acabar com ela, é o mesmo que acabar com rojões e as charangas dos tempos de outrora, na porta dos teatros, quando anunciavam brutais sucessos de grandes mágicos. Ora, o Cavalcanti (João Coelho Cavalcanti), que lá anda pelo Rio, bebericando também a sua caninha, quando juiz de comarca nesta terra, não pode dar cabo dos rojões de três arrancos à alta noite, e que não tinham outro fim a não ser desautorá-lo nas suas ordens arbitrárias. Agora, o dr. Nigro é que quer acabar com o álcool, quando o nosso Jeca se baba por essa água que passarinho não bebe... A liga antialcoólica, recentemente fundada por esse conferencista, à saúde de sua fundação, foi

batizada no quiosque da praça, com um profuso copo de cerveja...” (A *Época* nº 32, de 08-09-21.)

A 14-10-21, numa promoção do Estrelário do G. S. 14 de Julho, apresentou-se no Coliseu o tenor português José Osorio, residente em Bagé. (A *Época* nº 38, de 20-10-21.)

A 18-10-21, no Cinema Brasil, ocorreu a estréia da Companhia de Comédias, Revistas e Burletas, dirigida pelo ator Silva Pinto, com a comédia de costumes paulistas “Dotô Delegado do Interiô”. (Idem.)

A 19-10-21 a exibição do filme *O Bello Sexo*, em 8 longas partes, no Coliseu, atraiu uma multidão de espectadores. (Idem.)

A 05-02-22 o Coliseu anunciou *O Medico e o Monstro*, “ansiosamente esperado pelos seus freqüentadores”. Acompanhava o reclame a seguinte nota de rodapé: “É conveniente que pessoas nervosas não assistam a exibição deste filme; assim como para crianças será vedada a entrada.” (A *Época* nº 53, de 05-02-22.)

A 04-02-22 estreou no cinema do Robertinho a Companhia Maria Castro: “A vinda da Companhia Maria Castro a esta cidade, representa, antes de mais, uma iniciativa louvável do proprietário do Cine-Teatro Brasil, sr. Roberto Silva, em atrair a Passo Fundo, uma das muitas ‘troupe’ que visitam outras cidades do interior do Estado, excluindo-nos de seus itinerários. Esse fato, por si só, dadas as condições do meio e à insipidez e à pasmaceira que o dominam, quanto às possibilidades de se assistir espetáculos de arte diversa da dos ‘films’ e dos cavalinhos, era motivo bastante para, por nossa parte, acolhermos, senão com entusiasmo, com benevolência, a companhia dramática, cuja estréia o ‘Brasil’ anunciara. Foi, assim, cheios de benevolência, que fomos assistir, sábado último, a representação do drama ‘A martyr’. Por influência do meio, tomamos os nossos ares de importância, verdadeiramente ‘snob’, da gente que, entre nós, entende de teatro, e sobre a matéria fala de cátedra, porque assistiu Clara Della Guardia, Mimi Aguglia e Salvine, colocando, em verdadeiro mistifório, de conceitos, tais notabilidades a par de Cancelli e de Silva Filho, e nos aboletamos numa das confortáveis poltronas do ‘Brasil’. Subiu o pano e – em verdade! – perdemos por completo a nossa pose de entendidos na matéria, abandonamos totalmente, a nossa conduta de meros espectadores condescendentes e benévols.

A Maria Castro nos desorientou, nos tirou fora da linha... Pois não é que, nos lances patéticos, nos surpreendemos a verter lágrimas de verdadeira comoção e, o que é mais, a aplaudi-la, frenéticos, entusiastas, como qualquer dos mais obscuros espectadores, ignorantes de assuntos de arte?!... Decididamente, se isso de comover, de arrancar lágrimas, não se chama arte, pura e verdadeira, nós não sabemos, então, que sentido dar a este vocábulo!... Mas, não nos enganamos: Maria Castro é, efetivamente, uma atriz dramática, na lata acepção deste termo. Nenhum favor fazemos em reconhecê-lo, embora seja ela um nome nacional, uma nossa patricia, e tenhamos por norma só dar valor e reconhecer mérito nos nomes ultramarinos. Que importam sejam dramalhões, peças arcaicas, conhecidíssimas, as que vêm representando? São sempre novas as expressões de arte quando nos conseguem despertar e vibrar as recônditas faculdades de emoção e de estesia... E isso Maria Castro o conseguiu, brilhantemente, não só interpretando a protagonista do drama de A. d’Ennery, como encarnando, impecável, maravilhosamente, a Margarida Gouthier, do sentimental ‘A Dama das Camélias’. Do conjunto artístico da companhia, o ator Antonio Ramos é figura de relevo, desempenhando, a contento, papéis de suma responsabilidade. No último ato da Dama das Camélias, por exemplo, colocou-se na altura de Zoncada,

dando-nos um Armando Duval perfeito, na cena patética da morte de Margarida. As atrizes Izabel Ficke, Anna Leite, Nina Castro, Celina Souza, conduzem-se de modo a merecerem, bastas vezes, francos aplausos da platéia. Mendonça Balsemão, desde a primeira noite, no papel de inglês fleumático e impagável, conquistou as simpatias do público. Alvaro Pires, um perfeito conhecedor da técnica do palco, Mario Aroso, Mendonça, Pedroso, Oliveira e Ribeiro, são figuras que imprimem à companhia a impressão de um conjunto homogêneo, de inegável valor. Deficiência de espaço inibe-nos dar maior vulto a estas impressões, destacando, detalhadamente, os acidentes que nos pareceram dignos de notas. Para amanhã a companhia anuncia ‘Talitha’, do escritor Pinto da Rocha, e é de se esperar que obtenha uma casa cheia, à cunha. *Puck*.” (A *Época* nº 54, de 09-02-22.)

Maria Castro participou do elenco da primeira opereta brasileira levada à tela, *Cabocla Bonita*, da Fiel Filmes, dirigida pelo tcheco Leo Marten, em 1935.

PELOS CINEMAS: “BRASIL – Este centro de diversões continua exibindo filmes de sucesso, para o que muito se tem esforçado o seu proprietário, sr. Roberto Silva. Para hoje está anunciando o filme *Leda sem seu Cysne*, delicado drama

interpretado por Leda Gys. Para breve o Brasil promete o sensacional filme *O Guarany*, de que é intérprete principal, no papel de Cecy, a festejada atriz patricia Abigayl Maia; *Redenção de Maria Magdalena*, *Ao Cahir das Illusões* e *As Treze Noivas*, o primeiro filme em séries da fábrica Fox, em 15 episódios. Este cinema anuncia ainda para muito breve diversos filmes em séries, de produção francesa, como sejam: *Barrabás*, *Andorinha de Aço*, *As Duas Garotas de Paris*, *Os Mystérios de Paris* e *Os Tres Mosqueteiros*. COLISEU – Esta casa tem funcionado regularmente, projetando em seu ‘écran’ o filme em séries *Elmo, o Destemido*, cujas últimas três séries serão focadas amanhã. Hoje, o Coliseu exhibirá o filme *A Caminho da Salvação*, interpretado por Bessie Barriscale. Brevemente serão passados no Coliseu, conforme seus anúncios, os seguintes filmes: *Fados Adversos*, *Medo Audacioso*, *Primeiro Amor*, *O Poder do Annuncio* e o filme em séries *O Cavalleiro Phantasma*, de que são protagonistas: Ruth Roland, George Larkin e George Chesebro.” (A *Época* nº 56, de 23-02-22.)

Funcionando há mais de uma década em Passo Fundo o cinema do Robertinho contava com a preferência de muita gente: “CINEMA BRASIL. Como todas as empresas comerciais, atravessam uma época

de sérias dificuldades ambas as empresas cinematográficas desta cidade. O proprietário do Cinema Brasil, de quem nos ocupamos aqui, não merece, no nosso entender, uma tal situação. Há doze anos, aqui funciona seu tradicional centro de diversões, sobrevivendo sempre às campanhas que lhe moveram empresas congêneres. É notório e até proverbial o esforço que sempre empregou para conseguir as melhores produções, esforço esse sempre coroado de êxito, o que bem comprova a opinião quase que geral, de que ‘no Cinema do Robertinho é que se vê as melhores fitas...’ É justo, pois que a população desta cidade, testemunha do que dizemos, cerque o Cinema Brasil de franco apoio, correspondendo aos ingentes esforços do Robertinho, cuja participação em diversos empreendimentos de diversão do povo sempre se verificou eficazmente: Haja vista para o Carnaval aqui realizado em 1913, sob a sua imediata direção. Consta-nos que vão ser introduzidos vários melhoramentos no Cinema Brasil, o que constitui mais uma prova do que aqui afirmamos e pelo que mais se evidencia o apoio que lhe deve tributar o povo passo-fundense. *Sancho*.” (A *Época* nº 58, de 09-03-22.)

A 21-02-22 estreou no Coliseu, vinda do Rio de Janeiro, a orquestra de Felipe

Pace. Dela participavam as filhas do maestro, Stella Aurora e Mecia. (A *Época* nº 56, de 23-02.)

Estabelecido na Av. Brasil nº 6, Felipe Pace passou a lecionar música, “qualquer tipo de instrumento”. (A *Época* nº 58, de 09-03-22.)

A 10-03-22 o *cowboy* Jack Chism e a *cowgirl* Guilhermina Chism exibiram no Coliseu suas exímias qualidades de atiradores. (Idem.)

“Os nossos cinemas, durante o inverno tornam-se uma diversão pesada que exige sacrifícios aos seus freqüentadores, pela falta de um bom horário. Marca-se a função para as oito e meia e, talvez por isso, ela começa justamente às nove e um quarto. Segue-se depois o desenrolar de uma fita longa, com todo o vagar, e quando o espectador começa a calcular a hora em que poderá ir para a cama, eis que um inesperado intervalo vem pintar na fisionomia da assistência um pânico resignado. Durante o intervalo a orquestra toca e depois de tocar continua o drama e a gente tem a impressão desagradável de que se começou tudo outra vez. Volta-se para casa seguramente, todas as vezes, pela vizinhança da meia noite. É o que acontece quando se vai ao lírico, mas

devemos notar que essa aproximação não tem nenhum cabimento. O cinema é uma diversão ligeira, barata, que deve começar cedo. Não são certamente os preços mas a necessidade de se perder a metade da noite, ao frio, que faz com que os nossos cinemas sejam geralmente pouco concorridos durante o inverno. É certo que em cidades pequenas os cinemas não podem começar às sete horas da noite nem ao meio dia como no Rio; mas há relação em tudo, e se os nossos cinemas começassem às oito horas em ponto, já era um relevante progresso, sob o ponto de vista da nossa comodidade e do interesse material das empresas.” (A *Época* nº 70, de 08-06-22.)

Dizia o Código de Posturas do Município, Lei nº 59, de 30-06-14, Capítulo XVI, “JOGOS, ESPETÁCULOS, VADIOS, MENDIGOS, ESMOLAS”, art. 102, § 1º: “Todas as funções públicas como sejam: espetáculos, cinemas, cavalinhos, etc., que não começarem à hora anunciada, o diretor incorrerá na multa de 10\$000 rs, regulando para tal fim a hora oficial da Intendência Municipal.” Nº - “Excetuam-se as funções grátis ou beneficiárias a estabelecimentos pios, ou associações beneficentes.”

O Código de 1924, Ato nº 402, de 05-11-24, no Capítulo III, “Das diversões públicas”, omissa com relação a horários,

previa a censura e o famoso “carteiraço”: Art. 10º - “Não será permitida a representação de peças teatrais, nem a exibição de filmes cinematográficos que ofendam as instituições nacionais e estrangeiras e atentem contra a moral e os bons costumes.” Art. 11º - “As casas de diversões ficarão sempre sujeitas à fiscalização da Intendência, para os efeitos do art. anterior.” Parágrafo único - “O intendente e os subintendentes, nos respectivos distritos, terão entrada franca em todas as casas de diversões, a fim de manter a ordem no recinto das mesmas.”

A 07-07-22, no Cinema Brasil, o maestro Orminio de Freitas Ubaldo (1880-1964) organizou uma audição musical “levada a efeito” pelos seus alunos. Abriu o festival uma exposição de telas a óleo executadas pelas alunas da professora Guilhermina Borges. No encerramento, representados por Clarinha Mello e Benno Wildner, os alunos entregaram ao professor Orminio uma caneta de ouro e um ramalhete de flores. (A *Época* nº 75, de 13-07-22.)

Professores de música nunca faltaram na cidade. Em 1911 anunciava no jornal o professor Ramiro A. Oliveira, com 30 anos de prática. (O *Gaúcho* nº 24, de 22-06-11.)

Na véspera do Centenário da Independência o Coliseu foi palco de um festival de variedades. Programa: 1ª Parte – Recitativo; 2ª Parte – Comédia – *Festa de 7 de Setembro*, com Mario Braga Junior, Edith Issler, Lycerio Sperry, Juvenal Velasques de Mello, Isaltino Miranda, Dalva Almeida, e diversos outros alunos; 3ª Parte – Revista Infantil; 4ª Parte – Variedades. Passagens de danças. Valsa – Edith Issler. Polca – Noemy Sperry. “Schottisch” – Almerly Magalhães. Maxixe – Odilho Estivallet. “(...) Eram 23 horas quando o espetáculo terminou e devido à chuva copiosa que começou a cair, o povo teve que esperar algum tempo, motivo por que foi focada na tela do Coliseu uma linda fita. Quando terminou o filme, a chuva cessou e o povo deixou o teatro justamente à zero hora, indo se reunir pelas ruas à multidão que já festejava a entrada do dia 7.” (A Época nº 83, de 16-09-22.)

“**Declaração.** Declaro que nesta data vendi ao Sr. João De Cezaro, a existência do meu cinema denominado COLISEU AMERICA, sito à Praça Marechal Floriano Peixoto nº 23, livre e desembaraçado de qualquer compromisso presente e futuro. Passo Fundo, 31 de agosto de 1922. *Florencio Della Méa.* De acordo com a declaração supra. *João De Cesaro.*” (A Época nº 82, de 31-08-22.)

“**Compra de Cinema.** O sr. João de Cesaro, proprietário do Coliseu, comprou o Cinema Brasil de propriedade do sr. Roberto Silva. Aquele empresário deixará funcionando somente o Coliseu.” (A Época nº 85, de 28-09-22.)

“**O COLISEU.** Desde muito que uma luta de concorrentes e vizinhos trazia engalfinhados, em contenda permanente, e para máximo benefício público, os dois cinemas desta cidade. Daí as gentilezas com que os respectivos empresários embalavam o nosso povo, muito pouco habituado a essa macieza de trato, distribuindo permanentes, fazendo timbre na qualidade do filme, no arranjo do salão, da copa, de orelha sempre aberta à opinião pública, extremamente acatada. O povo habituara-se a tudo isso com a facilidade com que nos habituamos ao que é bom, e já nem estranhava essa consideração anormal, de que só era alvo, de tempos em tempos, em vésperas de eleições renhidas. Eis porém, que um acontecimento inesperado, veio abalar esse estado de coisas de inegável vantagem pública: o sr. João de Cesaro, num forte e avassalador amplexo comercial, veio fundir numa só, as duas empresas do Coliseu e do Brasil e com isso, a indústria do filme unificou-se, corporizou-se num só bloco, e o resultado prático dessa transação foi o fechamento do Brasil: O

Coliseu ficou só! (...) *J. P.*” (A *Época* nº 86, de 05-10-22.)

“(…) Quem vai ao Coliseu por um domingo estival, sente, logo de entrada, uma baforada morna de ar quente que inunda o rosto e lhe traz ao órgão do olfato um cheiro irritante, *sui generis*, composição mista de várias substâncias odoríferas, como sejam; extratos franceses, caninha de S. Antonio, loções falsificadas, suor, óleos de cabelo rançosos e baratos, fumo de cigarro e outras matérias diversas que seria difícil enumerar. O visitante estaca por momentos, na dúvida natural do que lhe convirá mais naquela noite que tirou para divertir-se: se uma fita em semelhante atmosfera ou se o simples ar puro da praça, em frente, sem fita alguma. Enquanto pensa o seu órgão olfativo, por uma lei natural e amiga, se habitua mais ou menos ao ambiente, e ele, filho verdadeiro do século, resolve pela fita; e entra. No salão repleto o ar é quente; nos camarotes queima. Meia hora depois porém, quando já se começou a função e já se fechou a porta de entrada, o cavalheiro acima citado já não sente cheiro algum, mas por outro lado, um mal-estar geral começa a entorpecer-lhe o corpo. O paciente geralmente não atina bem com a causa de tal incômodo e o atribui, as mais das vezes, aos excessos gastronômicos da janta ou outras causas quaisquer. Não há porém, quem não se sinta mais ou menos

perturbado. (...) Dirão que o Coliseu possui uma série de orifícios nas paredes que dão entrada ao ar puro do exterior? Decerto, e não seremos tão ingratos que não deixemos aqui consignados os nossos agradecimentos aos citados orifícios, por virtude dos quais ainda não morreu ninguém asfixiado lá dentro. Mas isso não impede de dizermos que eles são completamente insuficientes. Como todo mundo sabe, a ventilação natural é baseada no fato de que o ar quente sobe ao passo que o ar frio vem ocupar as camadas inferiores, isto é pelo princípio da pressão atmosférica. Daí a necessidade da diferença de nível ou seja, orifícios na parte inferior do edifício para a entrada do ar externo e orifícios na parte alta para a saída do ar quente do interior. Exemplo prático dessa regra, temo-lo no próprio Coliseu, nos intervalos, quando a porta da frente fica inteiramente aberta. Imediatamente o ar penetra por ela com violência levando para o salão todo o fumo de cigarro que enche a sala de espera, a copa e a própria rua, em frente. É o fruto da diferença de nível entre a porta e as aberturas superiores do salão, que torna assim o Coliseu enfumarado como um barracão de cavaleiros em dias de chuva. (...) *J. P.*” (A *Época* nº 87, de 12-10-22.)

Florencio Della Mèa nasceu no dia 31-12-1879, em Raccolana (atual Chiusaforte), Udine, Itália, filho de Osvaldo

Della Mea e de Susanna Pesamosca Della Mea. Chamava-se, na realidade, Fiorenzo Della Mea. Os demais filhos do casal eram Mariana, Lodovico e Pio Della Mea, este nascido no Brasil. Desembarcaram em São Paulo a 18-03-1889, rumando para a Colônia Silveira Martins, no Rio Grande do Sul. A 12-06-1899, Florêncio consorciou-se com Maria Lago. Tiveram 7 filhos: Albina, Oswaldo, Theodoro, Dileta, Univercina, Izolina e Pedro Argymiro. No começo do século XX, vindos de Nova Palma, 5º Distrito de Vila Rica (atual Júlio de Castilhos), fixaram residência em Passo Fundo. Em 1911 possuía uma ferraria de nome “Encyclopedica”. (O Gaúcho nº 31, de 17-08-11.) Proprietário do Moinho São José, localizado na Rua Paissandu, foi premiado na Exposição Agro-Pecuária de 1916 e com medalhas de ouro e prata na Quarta Exposição Nacional do Milho, em 1918. Inventou um descascador de arroz, patenteado no Ministério da Agricultura em 1925, sob nº 14.818, a primeira patente de invenção vinda para Passo Fundo, segundo o jornal. (Gazeta nº 06, de 10-04-25.) Membro da Sociedade Italiana, foi eleito presidente efetivo do Comitê Municipal Pró-Cinqüentenário da Imigração Italiana, em sessão plenária realizada às 20h do dia 16-04-25, no salão nobre da Sociedade. (A Voz da Serra nº 34, de 07-05-25.) Na exposição comemorativa em Porto Alegre recebeu medalha de ouro nas modalidades

cereais e máquinas. Apresentou na ocasião um ventilador para cereais, “maquinismo original”, segundo o Correio do Povo. (Gazeta nº 41, de 06-12; e nº 43, de 27-12-25.) À testa do Coliseu, trouxe a Passo Fundo a Companhia de Operetas de Clara Weiss, um feito extraordinário na época. Faleceu a 28-05-27, pelas 10h30min, no Hospital São Vicente de Paulo, assistido pelo Dr. Francisco Benoni. Conforme havia solicitado, uma banda de música acompanhou o seu sepultamento. Nesse dia, um sábado, Ney de Lima Costa, então proprietário do Coliseu, suspendeu a função cinematográfica. (ON nº 201, de 28-05; e nº 202, de 1º-06-27.)

Pouco se sabe a respeito de Roberto Silva. Após a venda do cinema não se falou mais nele. Nem a passagem do aniversário, no dia 27/03, voltou a ser publicada na coluna social. Era jurado e mesário. Organizou carnavais e participou da fundação de clubes sociais e desportivos.

“**Comentários...** Sem assunto para iniciar a garatujar esta insossa crônica semanal, por falta de ocorrências merecedoras de um registro nos vimos embaraçados para cumprir com a nossa palavra. Saímos à rua em busca de algo de *nuevo* que pudesse nos auxiliar a escrever estes rabiscos. Caminhamos toda a Avenida

Brasil, fizemos vários passeios em volta da Praça Marechal Floriano, onde levamos alguns tropeções nos buracos da calçada, enquanto na frente do Coliseu uma música tocava umas peças antigas e fora de uso. Mas... com todo aquele barulho infernal, o povo ia entrando no Coliseu, ávido de assistir novidades representadas pela cena muda. Damos mais um giro por aquele aprazível logradouro, contemplamos a *mina de ouro* do Ivo, apreciamos o movimento do Café Borges, em cujo salão o seu proprietário em manga de camisa servia a sua numerosa freguesia e resolvemos ingressar no Coliseu, despregando-nos de um rico *milrezinho*, já que os pobres rabiscadores não têm direito a uma permanente. Sentamo-nos, a orquestra rompia uma deliciosa sinfonia que apreciamos imensamente. Era uma música encantadora e de uma harmonia maravilhosa. Assim que aquele quarteto terminou de executar a sua sinfonia, ouvimos cheio de espanto e tristeza uma senhorinha nossa desconhecida dizer: ‘não gosto desta orquestra, pois toca músicas que não se entende, em vez de executar uns tangos e não esses galopes’. Ficamos contristados com esse pronunciamento recheado de uma clássica ignorância em reconhecimentos musicais, e nos certificamos que a arte sublime que imortalizou Carlos Gomes, está muito descurada em nosso meio. E assim

decepcionados começamos a assistir o *film*. Em dado momento eis que surge na tela um convite para um baile no Club Commercial! Este sistema de convidar as pessoas para uma reunião, também nos causou estranheza. Pois não achamos nada razoável que assim sejam convidados os sócios de uma sociedade, com menosprezo dos que ali não estão presentes. São coisas engraçadas que não há espírito observador que não deixe de achá-las extravagantes. É muito necessário que essas esquisitices vão desaparecendo, a fim de que não mais sejam reproduzidas. A nossa cidade já é um centro adiantado e não admite mais semelhantes lacunas. (...) *Zelio*.” (A *Época* nº 90, de 02-11-22.)

A alusão às músicas “antigas e fora de uso” executadas em frente ao Coliseu provocou a resposta do maestro da banda musical “Giuseppe Verdi”, José Luiz de Lima: “Sr. Redator. Na qualidade de um dos mais humildes apreciadores do vosso bem confortado jornal ‘A *Época*’ e ao mesmo tempo, um dos mais entusiastas pelo progresso desta grande terra, faltaria, pois, com um dever de sentimento próprio, negar o meu protesto mediante o modo pelo qual o mui digno colaborador ‘*Zelio*’, se manifestara em público com alusão à corporação musical ‘Verdi’ da qual sou atualmente seu diretor. Reconheço deveras,

que a natureza negou-me inteligência e atividade; predicados estes que muito me auxiliariam para o melhor desempenho da arte de Carlos Gomes em Passo Fundo. Apesar dos meus 34 anos de idade, conheço grande parte do Brasil. Percorri diversos Estados; conquistei diversas amizades, dentre elas conto a de alguns maestros e professores de reconhecido nome. Sr. Redator. A banda que atualmente toca em frente ao Coliseu, não é nenhum assombro, nem tão pouco exijo que o seja. É simplesmente composta de amadores, pessoal do trabalho. Segundo diz o digno colaborador, serem as músicas velhas e já fora de uso, é justamente onde não posso conformar-me com tamanha injustiça. As nossas partituras são-nos enviadas quase que diariamente de lugares onde se cultiva a música como base primordial da educação. Pois bem, Am^o Redator. Em nome de distintos e insignes compositores, dos quais tenho feito aqui haurir as suas produções, mais uma vez apresento-lhe o mais veemente protesto. Sem outro assunto, sou com estima e consideração, de V.S.S. Cr^o. Obr^o. *José Luiz de Lima.*” (A *Época* n^o 91, de 09-11-22.)

Em julho de 1926 a banda “Giuseppe Verdi” foi reorganizada por Evaristo Wordell. (Gazeta n^o 85, de 11-07-26.)

Os **Comentários...** de *Zelio* sumiram das páginas do jornal *A Época* por volta de abril de 1923.

“**Coisa Feita.** Barrabás é a nova fita em séries que o De Cezaro, oferece ao público daqui. É boa essa produção francesa que ora apresenta o Coliseu. Boa foi a *casa* obtida pelo seu proprietário. O nosso público já julga com aptidão as boas fitas, por isso, esse salão de projeções, terá umas boas *cheias*, salvo se continuarem as novenas a durarem até às 9 ½ 10 horas, com visível descontentamento do De Cezaro. *Mardonius.*” (A *Época* n^o 111, de 24-05-23.)

Veza por outra João De Cesaro anunciava algum filme no jornal, como *Póde Casar Papae*, com Mary Miles Minter, “a pequena dos cem mil namorados”, da Realart, a 11-11-23; *A Noite de Sabbado*, de Cecil B. DeMille, exibido a 25-11-23; ou *Cléo de Paris (O Pavão Dourado)*, com a “estonteante e escultural soberana de mais sublime plástica, Mae Murray”, programa Serrador, anunciado para o dia 09-12-23. (A *Época* n^o 135, de 11-11; n^o 137, de 25-11; e n^o 139, de 09-12-23.)

Presume-se pela falta de notícias que foram poucos os eventos culturais promovidos na cidade nos anos de

1923/1924. A Voz da Serra, que retornara em fevereiro de 1924, sob a direção de Antonio Bittencourt Azambuja, substituindo A Época, anunciou em junho uma possível apresentação da cantora lírica rio-grandense Julieta Tagnin Lima. (A Voz da Serra nº 13, de 12-06-24.) A atração no Coliseu, em pleno mês de dezembro, foi o “homem sem braços” Manoel Barros: “Este artista que escreve a tinta com os pés, faz a sua barba e de qualquer espectador, pinta, serra, etc., é natural da cidade de Pelotas e já trabalhou nos principais centros do país e do Rio da Prata (...)” (A Voz da Serra nº 25, de 11-12-24.)

A Voz da Serra nº 17, de 14-08-24, anuncia para o final do mesmo mês a inauguração de um cinema nas dependências da Sociedade Operária, na Avenida Brasil, de propriedade de Luiz Machado e Gastão Marques.

No início de 1925, João De Cesaro transferiu o Coliseu a Ney de Lima Costa. Este passou a divulgar no jornal Gazeta, de sua propriedade, as notícias do seu cinema: “**Coliseu** – Este centro de diversões continua a exhibir excelentes filmes que têm atraído o mundo social de Passo Fundo. Acha-se em tela, presentemente, o extraordinário filme em série *O Rastro do Tigre* ou *Pacto dos Tres*, em 15 episódios, da conceituada

Paramount e que tem despertado grande interesse. Sábado foi levado um espetáculo dedicado ao 6º Corpo B. M., mandando essa unidade da força pública estadual a sua excelente banda de música para abrilhantar a festa, que correu animada, sendo enorme a concorrência, principalmente de oficiais e suas exmas. famílias. Breve a Empresa vai focar o deslumbrante filme *Filmando Féras em Africa*, da Universal, que despendeu na sua confecção cerca de quatrocentos contos de réis, levando quase quatro anos a organizá-lo. (...) A nova empresa não tem poupado esforço para bem servir ao público. E a prova temo-la em todas as fitas por ela exibidas este mês, aplaudidas pela numerosa concorrência. O belíssimo drama *Segredo da Montanha*, *Cadeias de Amor*, *Esposas Frivolas*, *Caprichos de Cupido*, *A Ilha Deserta*, *Caprichos de Mulher*, *O Missionario*, *Sonho de Amor Desfeito*, *Amor Perverso*, *Lar de um Homem*, constituíram sucesso de verdadeiro espetáculo. Esta empresa, tomando em consideração as repetidas reclamações de diversos cavalheiros, resolveu, a fim de evitar confusões e injustiças, a suspender definitivamente as concessões da empresa anterior de serem reservadas frisas e camarotes para determinados espetáculos. Ficam, pois, suspensas todas as concessões dessa natureza desta data em diante. Para atender, porém os senhores habitués, todos os dias úteis das 6 horas em diante, a

bilheteria estará aberta, nos sábados e feriados das 2 horas em diante; aos domingos das 10 horas da manhã. Assim, as pessoas que desejarem boas frisas e camarotes não devem ser retardatárias. Os camarotes serão vendidos a qualquer pessoa que chegar em primeiro lugar, sendo que os bilhetes serão pagos e retirados da bilheteria, não aceitando a empresa pedidos pelo telefone. (...)" (Gazeta nº 4, de 22-02-25.)

Além de adquirir o Coliseu, Ney de Lima Costa reabriu o CINE IDEAL, localizado no salão da Sociedade Operária, na Avenida Brasil: "CINE IDEAL – Este centro de diversões fará sua reabertura no dia 11, sábado de aleluia, com um grande baile oferecido à sociedade de Passo Fundo. Para este fim foi nomeada uma comissão de rapazes da melhor sociedade e senhorinhas para se encarregar dos convites, com os quais nada tem a empresa, que outorgou amplos poderes à referida comissão. No dia seguinte será focado na tela um excelente filme extra, que fará as delícias dos freqüentadores. Cinema de luxo, confortável, está fadado a fazer sucesso no nosso meio." A decoração do cinema foi confiada aos "conhecidos e reputados pintores Peraltas". (Gazeta nº 4, de 22-02; e nº 6, de 1º-04-25.)

No número seguinte do jornal, já em edição semanal, foram divulgadas as comissões de convites e recepção do Ideal: "Convites – Juvenal H. da Luz, Horacio Bastos Filho, Moysés Lima, Ottomar Feil; Comissão de recepção – senhorinhas Ziza Araujo, Jesus Pinto de Moraes, Hilda Oliveira, Carlota Loureiro, Eugenia Lima, Zoquinha Teixeira, Ruth Bastos de Moraes e Annita Kruel e os jovens Salathiel Sperry, Vicente Silva, Aldo Pinto de Moraes, Victor Issler, Raul Camargo, Arthur Arnold, Americano Bastos e Eulalio Dornelles." (Gazeta nº 7, de 05-04-25.)

Em abril de 25 a atração do Coliseu foi o Trio Esperanza Diez: "(...) A orquestra do Coliseu tem estado na altura da importante missão que lhe foi confiada, tendo se prestado gentilmente para abrilhantá-la o exímio violinista dr. Sperb e a graciosa senhorinha Loura Eichenberg, conscienciosa pianista. Quarta-feira o Trio seguirá para P. Grossa onde pretende fazer uma temporada." (Idem.)

A 1º-07-25, uma quarta-feira, as "jovens patricias" Luiza e Maria Barreto Leite, em *tournee* pelo Estado, promoveram no Coliseu um concorrido recital de declamação. Abrilhantou a festa a banda de música do 6º Corpo Auxiliar. (Gazeta nº 20, de 05-07-25.)

Nos dias 03 e 04-07-25 apresentou-se no Coliseu a cantora lírica Julieta Tagnin Lima: “Voz cheia e melodiosa – a senhora Julieta pode-se apresentar perante qualquer público por mais exigente que seja – é de fato uma artista!” (Gazeta nº 20, de 05-07-25.) A Voz da Serra nº 42, de 04-07-25, também registrou o evento: “(...) A orquestra que a acompanhou, compunha-se de elementos de real valor artístico, entre os quais destacaram-se os srs. Mario Lima, Orminio Ubaldo, dr. Sperb e Luiz Lima. (...)”

A orquestra do Coliseu sofria variações nesse período: “Comemorando o 1º aniversário de sua fundação, a Sociedade Beneficente ‘DAMAS DE CARIDADE’, realizará no Coliseu, no dia 23 às 20 horas, um festival artístico, dedicado aos clubes esportivos desta cidade. **1ª PARTE.** OUVERTURE PELA ORQUESTRA composta dos srs. Dr. Arnaldo Sperb, Orminio de Freitas, Filhinho Barros, Clovis Pinto de Moraes e srta. Nelcinda Freitas. Comédia em 1 ato – HÁ ROSAS TODO ANNO – pelas srtas. Praxedes Biasús e Emma Rodrigues. SAUDADES DO SERTÃO – da opereta nacional O Mano de Minas, pela srta. Dylia Caminha. O CASACO DA MULATA É DE PRESTAÇÃO – pelas meninas Jecy Meyer

e Clarinha Gomes. POBRE CHINA – cantada pela srta. Laura Bauer. O CONFEITEIRO – cançoneta - pela menina Dolzira Diehl. SURPREZA – dedicado aos clubes esportivos locais. Jogadores – Italia Veronese, Dolzira Diehl, Irma de Cesaro e Walda Lima – Juiz - Auda Cicone – Goleiro – Jecy Meier e porta-estandartes – Eloisa Rodrigues, João Bade, Clarinha Gomes e Lucien Meyer. **2ª PARTE.** OUVERTURE PELA ORQUESTRA. SCENA CAIPIRA – pelas meninas e meninos: João Bade, Jecy Meyer, Eloisa Rodrigues, Irma de Cesaro, Italia Veroneze, Clarinha Gomes, Auda Cicone, Walda Lima, Dolzira Diehl e Lucien Meyer. A CARIDADE – cantado pela senhorita Dyllia Caminha. O DEPUTADO – cançoneta – pelo menino: Lucien Meyer. FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE – pelas meninas: Eloisa Rodrigues, Italia Veroneze e Irma de Cesaro. A TABOADA – cançoneta – pela menina: Auda Ciconi. APOTEOSE – com o recitativo A CARIDADE, pela menina Walda Lima.” (Gazeta nº 22, de 19-07-25.)

As salas dos cinemas sempre foram locais propícios às estrepolias da rapaziada: “Há vários meses que a empresa do Coliseu e Cine Ideal, vem recebendo denúncias contra diversas pessoas, principalmente menores, que danificam poltronas propositadamente, ora quebrando com os

pés braços e assentos, ora cortando com canivete a palhinha e almofadas, ora gravando no encosto, também a canivete, palavras obscenas, ora levantando tachinhas com o único fito de gozarem com o prejuízo em toilettes de senhoras e calças de cavalheiros, ora proferindo palavras imorais. Todas as semanas a empresa despende dinheiro e tempo em composturas de poltronas. Além do dano material, estes fatos muito depõe, contra a nossa cultura e civilidade. Para por termo a essas irregularidades e vedar a entrada às pessoas que não sabem se conduzir nos centros de diversões aludidos, a empresa encarregou diversas pessoas para observarem e levarem ao nosso conhecimento os nomes dos que assim procedem. A empresa já está de posse de vários nomes, inclusive de pessoas que proferem palavras obscenas que atentam contra o pudor e decoro das famílias. E, no intuito de moralizar os dois centros de diversões que possui, não poupará esforços, impondo, depois das investigações necessárias, a pena de vedar aos infratores a entrada nos centros aludidos. Para isso, criou também uma polícia de costumes, dentro dos cinemas, secreta que proporcionará ao proprietário as provas contra os que infringirem as leis de civilidade. Felizmente, para honra de Passo Fundo, o número deles não é avultado – é antes, bem reduzido, mas, pernicioso! Todo o freqüentador ficará com o direito de reclamar contra quem não se

portar conveniente, bastando, para isto, apenas chamar a atenção da empresa, com palmas, que imediatamente serão atendidas por um funcionário, que convidará o infrator a retirar-se. Há pouco tempo em Porto Alegre, no Guarany, foi vedada a entrada de um sr. que não procedia corretamente, tendo ele impetrado uma ordem de habeas corpus, felizmente julgada improcedente pelo juiz competente. Em um outro cinema da capital foi convidado a retirar-se um par de noivos... São medidas, todas, garantidoras da ordem e moralidade dos centros de diversões públicas. Passo Fundo já é uma cidade civilizada. A empresa, por nosso intermédio, espera que o público sensato, que aprova estas medidas, a auxilie a manter a moralidade dentro dos cinemas locais.” (Idem.)

O Coliseu costumava promover “O Dia da Moda”, dedicado às mulheres. Estas não raro escreviam nos jornais sob pseudônimo: “**A MODA**. Diz um velho provérbio, criação da sabedoria popular: A oposição que tem encontrado entre as senhoras a moda do cabelo aparado, aliás, tão bonito, *chic* mesmo, cômodo e, sobretudo higiênico, dá lugar a que viéssemos fazer algumas considerações sobre ela. Muitas são as senhoras que tendo atingido uma certa idade; outras por oposição dos maridos, arraigados ao antigo

uso de bigode retorcido, verdadeiro depósito de diversas imundices; outros por motivos que não justificam - não acompanham essa exigência da moda. No entanto temos observado, que algumas há, nas condições supra, que usam as saias de acordo com os detalhes dos figurinos, mas... extremamente curtas; outras obedecem rigorosamente as suas exigências, mas exagerando de tal forma que trazem as saias excessivamente coladas ao corpo; cujos contornos ficam, por demais, em evidência, etc. Perguntamos nós: Por que razão aceitam as imposições da moda para umas coisas e desprezam outras? Entre a moda dos cabelos a 'la garçoné' ou 'à inglesa' e as saias ligadas ao corpo, como acima fazemos alusão às saias à mostra - qual delas podem ser consideradas, pelos pudicos, como imoral? É preciso que nos convençamos que a moda tem força de lei, e isso é tão certo, que apesar da guerra que lhe tem sido movida pelo Santo Padre, por meio de suas encíclicas e os seus vigários em suas prédicas não tem eles conseguido derribá-la, e, aqueles que fogem de, a ela se submeter, estão *ipso facto* sujeitos às penas, que são impostas pela opinião pública. E o que sucede aos contraventores? Que o digam as próprias mulheres! Para conformar isso, citaremos um fato recente que tivemos ocasião de observar no Coliseu, há poucos dias. Entraram nesse centro de diversões duas senhoras, moradoras *fora*, no sítio, acompanhadas de seus maridos ou irmãos.

Ambas traziam chapéus de modelo antigo e vestuários, uma delas calçava chinelos de couro e as tradicionais rodilhas à cabeça... As senhoras que se achavam presentes riam-se gostosamente ao vê-las entrar. Uma senhorita exclamou, se dirigindo às suas amigas: 'Olhem aquelas duas *jécas!*' Por que fizeram essa crítica àquelas duas pobres criaturas? Porque não cumprem as exigências da moda... (...) Antes porém, de fecharmos estes comentários, temos a declarar que muito embora sejamos apologistas da moda, condenamos os seus exageros, em absoluto. *Atsocamil.*" (Gazeta nº 24, de 02-08-25.)

Em setembro de 1925 apresentou-se no Coliseu a troupe de Alzira Leão: "(...) Alzira Leão, a melodiosa 'rainha da canção brasileira', como a cognominou a imprensa carioca, tem-se conduzido na altura da sua fama. Pery, ilusionista e cômico, continua arrancando gargalhadas da platéia. Delfim de Andrade, cantando e dizendo monólogos, revelou-se um artista conhecedor dos papéis que interpreta. A galante Zalira, de 9 anos apenas, tem diante de si um futuro de esperanças. Terça-feira próxima (22-09-25) realizar-se-á o benefício de Alzira Leão, a quem desejamos o aplauso generoso e justo da nossa platéia. Nos primeiros dias de outubro chegará a esta cidade a grande Companhia Nacional de Operetas. A

empresa do Coliseu já está providenciando para que fique à disposição da Companhia, em Santa Maria, 2 carruagens de 1ª classe e três carros de carga, sendo dois de 28 e um de 16 toneladas. Sobre o boato da ‘morte’ do consagrado tenor Celestino, diz a carta recebida ontem do diretor sr. Ary Nogueira: ‘É uma perversidade que nos vem perseguindo há bastante tempo. Pode anunciar francamente que Vicente Celestino se encontra de perfeita saúde, com bela disposição e esplêndida voz para fazer jus aos aplausos e hospitaleira recepção do ilustre público de Passo Fundo.’ (Gazeta nº 31, de 20-09-25.)

A estréia da Companhia Nacional de Operetas, anunciada desde julho de 1925, só ocorreu em novembro do mesmo ano. Antes, em outubro, apresentou-se no CINE THEATRO COLISEU a consagrada cantora lírica Zola Amaro, um dos melhores sopranos do seu tempo: “**ZOLA AMARO**. Realizou-se, com todo brilhantismo, terça-feira (06-10-1925), o festival artístico da notável cantora patricia sra. Zola Amaro, no Coliseu, perante uma assistência culta. Não exagerou a Empresa do Coliseu em considerar ‘o maior dia do ano’, o que efetivamente o foi. Às nove horas uma comissão composta dos srs. Renato Sá Britto, Pelissier de Lima Costa e João Callage, em automóvel, foi ao Hotel

Internacional buscar a eminente artista, que foi conduzida ao teatro, desembarcando aos fundos e seguindo para o palco. À sua passagem pela frente do teatro a banda de música do ex-6º corpo executou uma marcha festiva. À porta lateral do palco d. Zola foi recebida pelas exmas. senhoras d. Nenê Meyer e Percilia Costa. Logo após teve início o magnífico concerto obedecendo a seguinte ordem: **1ª PARTE**. Traviatra – Verdi – Ah forci é lui e Addio del passato. A. Chénier, Giordano – La mamma morta. Ao baixar o pano a grande artista recebeu uma verdadeira consagração do povo culto de Passo Fundo. Chamada à cena, 10 meninas uniformizadas invadiram o palco sobraçando belíssimas corbeilles e bouquets de flores naturais, de diversas sociedades locais, que foram oferecidas à eminente cantora. Em cena aberta, de uma frisa, à nossa patricia dirigiu a palavra o ilustre dr. Moreno Lima em nome da mocidade de Passo Fundo e das sociedades ali representadas, produzindo um belo discurso; em seguida o dr. Borghetti em italiano, fez uma brilhante saudação à eminente artista, em nome da Sociedade Italiana. Ambos os oradores foram muito aplaudidos. No intervalo, a comissão de senhoras acompanhou d. Zola Amaro ao saguão do teatro, passando nossa patricia por entre alas de 52 meninas, sendo coberta de flores e grandemente ovacionada, assistindo, então a inauguração da placa comemorativa da sua

brilhante passagem por esta cidade, homenagem da Empresa do Coliseu. Em rápidas palavras o dr. Ney de Lima Costa inaugurou a placa que achava-se coberta pelo Pavilhão Nacional, tendo descerrado-a o sr. Henrique Scarpellini, digno Vice-Intendente do Município. Falou, nesta ocasião, a prendada menina Alba Braga, em nome dos alunos do Colégio Elementar, que leu uma bela saudação a Zola Amaro. Novas e delirantes aclamações foram feitas à patricia ilustre, que, comovida, apertou a mão do dr. Ney de Lima Costa, beijou nossa bandeira e a galante oradora do Elementar, partindo, em seguida, para o palco, entre vivas e flores, prosseguindo-se no programa.

2ª PARTE. Africana – Meyerbeer – Figlio del sol. Norma – Bellini – Preghiera. Melodia – Braga – A casinha. Melodia – Motta – Eterna Canção. Ao surgir no palco a figura empolgante de Zola Amaro o dr. Nicolau Cristaldi, de um camarote, fez uma vibrante saudação à eminente patricia enaltecendo suas qualidades de artista. Seu discurso foi igualmente muito aplaudido. Na Segunda parte, do mesmo modo, foi d. Zola Amaro aplaudida com verdadeiro delírio. E, assim, terminou com real brilhantismo as magníficas *Horas d'Arte* da ilustre soprano brasileira, orgulho do Rio Grande e glória nacional. A mocidade de Passo Fundo ofereceu um artístico cartão de prata, com a seguinte inscrição: ‘Ao gênio artístico de Zola Amaro – a mocidade.’ Igual

homenagem foi prestada pela S. I. I. M. de Savoia: ‘Allesimia artista Zola Amaro – La Societá Italiana Iolanda M. di Savoia.’ Flores em abundância foram oferecidas à homenageada. Corbeilles do C. União Commercial; G. S. 14 de Julho; Grupo Dramatico X; atelier Photographico Fontani. Todas estas corbeilles eram muito artísticas salientando-se pela sua originalidade e beleza, a que foi oferecida pelo Attelier Fontani. Bouquet – Estrellario 14 de Julho; Collegio Elementar; Intendencia Municipal; Mocidade de Passo Fundo, etc. Enfim, a festa de Zola Amaro, constituiu a noite *chic* do ano, revelando o já significativo grau de cultura do nosso meio social. A Empresa, por nosso intermédio, agradece o concurso das sociedades locais ao festival aludido, bem como às professoras dona Eulina Braga, incansável diretora do Colégio Elementar, e a simpática senhorinha Ziza Araujo, do Instituto Ginásial, pelo modo correto e cívico com que se conduziram na direção das meninas dos seus colégios e pede vênias para salientar o inestimável incursão dos srs. R. Sá Britto, J. Callage, d. N. Meyer e senhorita Dyllia Caminha, que foram incansáveis na organização do festival e na passagem de parte da casa, todos dignos de momento tão honroso e agradável da passagem da nossa eminente patricia por esta cidade. Enfim, agradece o concurso voluntário da platéia culta de Passo Fundo. Causou agradável impressão o modo correto com que se

portaram nas galerias, os numerosos rapazes de nossa sociedade, que cooperaram, assim, com suas presenças, para o brilhantismo do festival. Senhora Zola Amaro levou de Passo Fundo as mais sinceras impressões de reconhecimento pelo carinho com que foi recebida pela empresa, pela sociedade culta e imprensa local. (...) Na quarta-feira à noite a exma. Sra. D. Percilia Eichenberg Costa, esposa do nosso diretor dr. Ney de Lima Costa, ofereceu em sua confortável residência, um chá íntimo à eminente patricia d. Zola Amaro. Ao *champagne* foi o casal Amaro da Silveira brindado pelo nosso diretor que bebeu à felicidade do gênio artístico da homenageada. Respondeu o sr. Amaro da Silveira, esposo de d. Zola Amaro. Pelo hábil fotógrafo sr. Fontani foram batidas chapas fotográficas. A festa íntima para a qual não houve convites a estranhos, correu com toda a cordialidade e afetos recíprocos. No trem de quinta-feira o casal Amaro da Silveira seguiu para Porto Alegre, donde seguirá para Pelotas e, daí, para Itália. *Gazeta* faz sinceros votos de felicidades aos dignos hóspedes.” (Gazeta nº 34, de 11-10-25.)

A passagem de Zola Amaro por Passo Fundo também foi registrada no jornal O Nacional, em circulação desde 19-06-25: “(...) Voz forte, firme, sem desfalecimentos e, por sobre isso, extremamente suave e

agradável ela encantou a todos os que tiveram a felicidade de ouvi-la. É também de notar que o acompanhamento, apesar de pouca prática que devem ter em nosso meio em acompanhamentos líricos, os nossos artistas, esteve bom e sustentou bem a sua responsabilidade. Resumindo, a noite de ontem, constituiu uma dessas raras horas de arte que tanta falta fazem nas nossas pequenas cidades de campanha.(...)” (ON nº 32, de 07-10-25.)

Risoleta de La Maza Simões Lopes, posteriormente Risoleta Simões Amaro da Silveira, a Zola Amaro (1890-1944), era natural de Pelotas. Em 1918, casada e mãe de três filhos, resolveu se dedicar profissionalmente à música. Descoberta pelo empresário Walter Mocchi, conquistou fama imediata nos teatros da Itália. Estreou no Scala de Milão a 19-05-23, sob a regência do maestro Arturo Toscanini. Nessa ocasião interpretou *Elena*, ópera *Mefistòfele*, com o baixo Nazzareno De Angelis. Trata-se da primeira sul-americana a cantar nesse teatro. Em 1924 rompeu com o seu empresário, ficando afastada das temporadas oficiais. Em 1925 realizou uma série de apresentações pelo interior do Rio Grande do Sul. Administrou muito mal a carreira, entrando em decadência a partir de 1926. Em 1929 apresentou-se novamente em Passo Fundo. Na década de 30, praticamente

afastada dos palcos, trabalhou como professora de canto e censora de filmes, no Rio de Janeiro. Faleceu em Pelotas, na via pública, de mal súbito. No Teatro São Pedro, em Porto Alegre, existe uma placa com a seguinte inscrição: “Neste Theatro cantou Zola Amaro, 1-11-1920.”

Dilia Caminha (1900-1990), cognominada *Rouxinol da Serra*, era irmã do ator Delorges Caminha. Costumava cantar em festas, recepções e solenidades religiosas. Zola Amaro ofereceu-lhe uma foto com a seguinte dedicatória: “À talentosa Srt^a. Dila Caminha. Hontem ouvi-a com muito prazer e gostei muito da sua voz. Estou convencida que com a sua intelligencia e indispensável estudo virá a ser uma excelente cantora. Felicitações. P. Fundo, 6-10-925. Zola Amaro.” A oportunidade de estudar na Itália surgiu através do médico Dino Caneva, amigo da família, mas Dilia recusou o convite a fim de não contrariar a vontade dos pais. Casou com o alfaiate José dos Santos Moura, transferindo residência para Porto Alegre em junho de 1933. Em 1924 o poeta *Duque d’Alba* dedicou-lhe um soneto, publicado na 1ª página do jornal *A Voz da Serra* nº 21, de 11-09:

SURSUM CORDA

Si pode um morto recobrar a vida
E, vivendo, sentir do Amor a flamma,
Desperta o morto Coração e chama
A’ consciencia, minh’Alma
adormecida!

Talvez que o teu olhar – luz revestida
Do mysterioso iman de quem ama –
De vida anime, por mercê de Brahma,
O extincto Coração e a alma vencida!

E, então, não nego que a sentida lyra,
Depois de um triste cantochão de
maguas,

Novo canto talvez feliz desfira...

E, qual a pomba da Arca da Alliança,
Do diluvio do Amor por sobre as
aguas,

Ao bardo traga o ramo da
Esperança!...

Duque d’Alba era o pseudônimo do advogado e poeta João de Paula e Silva, nascido em Cruz Alta, a 29-02-1892, e falecido em Porto Alegre, a 18-05-1965. Publicou apenas um livro, *Paysagens*

Haydeseanas, poesias, ed. 1923, 98 p. Tipografia Esperança, P.Alegre. (Villas-Bôas, Pedro Leite, Dicionário Bibliográfico Gaúcho, Porto Alegre: Est/Edigal, 1991.)

Numa época anterior à popularização do rádio, a propaganda através da distribuição de prospectos era largamente utilizada pelos donos de cinema. *A Justiça em Apuros* provocou na imprensa uma manifestação do Promotor Público da Comarca: “Esteve ontem em nossa redação o dr. Armando Carvalho, promotor público desta comarca, que, na qualidade de representante da Justiça Pública, pediu-nos declarássemos que um boletim, ontem distribuído nesta cidade, com os impressionantes dizeres ‘Um caso sensacional – A justiça em apuros – como se conta uma história’, nada mais significa que o reclame de uma fita cinematográfica, que em breve será passada num cinema desta cidade, podendo estar a população de Passo Fundo confiante na sua Justiça, que permanece tranqüila.” (ON nº 38, de 27-10-25.)

A 13-11-25, procedente de Santa Maria, aqui chegou a tão esperada Companhia Nacional de Operetas. (ON nº 43, de 14-11-25.) Os preparativos para a estréia vinham sendo anunciados na Gazeta há meses: “A Empresa do Coliseu vai

ornamentar o teatro por ocasião da chegada da Companhia e iluminá-lo feéricamente. Nota-se grande entusiasmo pela temporada elegante da Companhia nesta cidade, uma das poucas do Rio Grande do Sul que vai ter a honra de receber a visita da novel e já notável Companhia.” (Gazeta nº 24, de 02-08-25.)

“Para a estréia (sábado, 14-11) foi escolhida a opereta de Leo Fall, ‘PRINCESA DOS DOLLARS’, que teve bom desempenho, apesar de nela não tomar parte, por achar-se ligeiramente enfermo, o tenor Vicente Celestino, bem substituído por Eugenio Noronha. Domingo foi levada à cena em récita extraordinária a opereta ‘VIUVA ALEGRE’ de Franz Lear, que bastante agradou. Segunda-feira, em segunda récita por assinatura, foi levada, pela primeira vez nesta cidade, a opereta também de Franz Lear, ‘O CONDE DE LUXEBURGO’. Ontem, apreciou a nossa platéia a opereta nacional A PATATIVA, adaptada por Brandão Sobrinho, com música do maestro Verdi de Carvalho. Vicente Celestino que possui bela voz de tenor captou toda a simpatia da platéia. (...) Eugenio Noronha também possuidor de uma bela voz harmoniosa e firme, pelo desembaraço simpático com que sabe se apresentar em cena, e pelos seus dotes cômicos, é inegavelmente um dos artistas

mais apreciados pelo nosso público. Também distingiremos o famoso ‘príncipe Basilo Basilowitch’ do ‘Conde de Luxemburgo’, o sr. Paulo Ferraz que tanta hilaridade soube causar à numerosa assistência, arrancando fartos aplausos. João Celestino, Delorges Caminha e outros artistas cujos dotes o pouco espaço não nos permitem detalhar, também agiram a contento geral. Entre as artistas teve quase sempre os principais papéis que desempenhou com muita vantagem, a senhora Lais Areda que muito agradou pela sua voz educada e suave. Carmen Dora é uma dessas pessoas graciosas que desde os primeiros momentos cativam a simpatia pública. Boa cantora, tem ocupado geralmente papéis um tanto cômicos que admiravelmente desempenha. Ermelinda Vilella e Elvira de Jesus portaram-se muito bem nos papéis que lhe couberam. Os demais artistas aos quais ainda não conhecemos bem, demonstraram prática de cena. A orquestra sob a competente direção do maestro Verdi de Carvalho, apesar de contar com poucos elementos, tem contribuído bastante para o êxito obtido pela companhia. Enfim, a Companhia Nacional de Operetas nos tem proporcionado magníficas noitadas de arte das quais estavam privados desde a estadia em nossa cidade da Companhia de Operetas Clara Weiss; e será justo que o nosso público saiba corresponder na medida de suas forças ao

esforço da Empresa do Cine Teatro Coliseu. A educação artística de uma coletividade se faz em parte nos teatros e é bem pois que emprestemos o nosso auxílio a tentativas semelhantes. (...)” (ON nº 44, de 18-11-25.)

A temporada da Companhia Nacional de Operetas, no Coliseu, durou 10 dias: “(...) Quarta-feira última, em quarta récita de assinatura foi levada à cena a opereta vienense, em três atos, de Carlos Nizzoto (Sigmund Schlesinger e Ignaz Schnitzer) música do maestro E. Eysler ‘Amores de Príncipe’. Essa peça teve bom desempenho, agradando bastante. Nessa opereta, além dos artistas de que já falamos em nosso número passado e que souberam manter a repercussão merecida, João Celestino no papel de Franz teve ocasião de revelar os seus bons dotes cômicos. Quinta-feira, em quinta e última récita de assinatura, apreciou a nossa platéia a opereta em três atos, de Leo Stein e Béla Jenbach, música do maestro Emmerich Kalman ‘A Princesa das Czardas’ o mais franco sucesso. Eugenio Noronha e Carmen Dora encantaram o público nos seus joviais e difíceis papéis; Vicente Celestino e Lais Areda também portaram-se muito bem, principalmente nas partes musicais. Durante um dos intervalos, Carmen Dora e Eugenio Noronha que obtiveram do nosso público fartos aplausos, foram distinguidos com o oferecimento de dois ramalhetes de flores

naturais, levados por duas senhoritas, tendo feito a dedicatória o sr. Pellissier de Lima Costa. Com casa cheia subiu ontem (sexta-feira, 20-11) à cena, a opereta nacional em três atos, ‘O Mano de Minas’ que vinha precedida de grande renome. Efetivamente a peça agradou bastante principalmente no primeiro ato, notando-se nos demais certa deficiência musical. A conhecida canção ‘Saudades do Sertão’ foi bisada. (...) No sábado (21-11), ocorreu o festival artístico em benefício de João Celestino e Delorges Caminha: “Continuando os seus trabalhos, no Teatro Coliseu, a Companhia Nacional levou à cena, sábado último, a opereta ‘Sonho de Valsa’ em benefício dos artistas Delorges Caminha e João Celestino. Domingo (22-11), o nosso público apreciou a opereta de Jean Gilbert, em 3 atos, ‘Mulheres Modernas’. Segunda (23-11), em função de despedida, dedicada ao sr. Intendente Municipal, e em benefício do tenor Vicente Celestino, subiu à cena a opereta de C. Lombardo, ‘A Duqueza do Bal Tabarin’. Por essa ocasião usou da palavra saudando o sr. Vicente Celestino, a senhorinha Loura Eichenberg que brilhantemente se desempenhou desse encargo. Usaram ainda da palavra outros oradores. Ontem pela manhã, em trem especial, deixou a Companhia esta cidade, com destino a Santa Maria.” (ON nº 45, de 21-11; e nº 46, de 25-11-25.)

No espetáculo de despedida, Vicente Celestino foi homenageado com uma placa comemorativa no saguão do cinema. Os atores, na sua maioria, hospedaram-se no Hotel Familiar. (Idem.)

A Companhia Nacional de Operetas, criada no Rio de Janeiro, possuía o seguinte elenco: Vicente Celestino, 1º tenor; Lais Arede, 1ª atriz cantora; Carmen Dora, soprano ligeiro; Violeta Ferraz, soprano; Elvira Jesus, 1ª dama característica; Elze Gomes, “soubrette”; Augusta de Barros, “soubrette”; Silvana Gomes, caricata; Eugenio Noronha, tenor; Paulo Ferraz, 1º baixo cômico; João Celestino, tenor cômico; João Lopes, barítono; Orlando Nogueira, ator cômico; Horacio Campos, tenorino; e Delorges Caminha, ator. A direção estava a cargo de Ary Nogueira, tendo ainda como diretor artístico Celestino Silva e “mestre-diretor” Verdi de Carvalho. (Gazeta nº 24, de 02-08-25.) Além de Ermelinda Vilella, conforme O Nacional.

Delorges Alves Caminha nasceu em Passo Fundo a 06-10-1902, filho de Antonio Manoel Caminha e de Raphaela Alves Caminha. Seu pai possuía farmácia na Rua do Comércio (Avenida Brasil). Além de medicamentos de sua própria fórmula, produzia produtos de beleza, como a pasta “Carmen”. Conhecido pela sua

benemerência, faleceu nesta cidade em novembro de 1921. Delorges praticou teatro amador desde adolescente, havendo menção de ter participado do Grupo X de Comédias e Variedades. Partiu de Passo Fundo em 1921 ou 1922, engajando-se numa companhia de teatro como auxiliar de cenógrafo. Logo em seguida iniciou a carreira de ator na Companhia de Déa Selva (Jandyra Berard Cazarré) e Darcy Cazarré. Em 1925 participou do elenco da Companhia Nacional de Operetas, dos irmãos Celestino, que excursionou pelo sul do país durante um ano. Em 1930 já trabalhava na Companhia de Comédias de Procópio Ferreira. Nesta atuou em peças memoráveis, como *O Bobo do Rei*, em 1931. No final dos anos 30 montou a sua própria companhia. Um dos maiores sucessos dessa fase foi *Iaiá Boneca*, de Ernani Fornari, encenada pela primeira vez em 1938. A estréia no cinema ocorreu em 1936, no musical romântico *Bonequinha de Seda*, produzido pela Cinédia, de Adhemar Gonzaga, e dirigido por Oduvaldo Vianna. O elenco contava com Gilda de Abreu no papel principal. Esta queria como galã o seu marido, Vicente Celestino, mas a direção optou pelo passo-fundense. *Bonequinha de Seda* estreou a 26-10-36, no Cinema Palácio, do Rio de Janeiro, onde permaneceu por cinco semanas, recorde na época. Consagrado pela crítica como um marco do cinema brasileiro, *Bonequinha de Seda* foi

restaurado em 1975, sob a supervisão de Alice Gonzaga Assaf. Exibido em 1988 na Cinemateca do MAM, RJ, “o filme comprovou ser um dos mais bem construídos artisticamente, de linguagem estética idêntica à dos mais eminentes cineastas”, segundo o crítico Salvyano Cavalcanti de Paiva. Apesar do sucesso da estréia, Delorges Caminha permaneceu fiel ao teatro. Retornou ao cinema somente em 1944, no musical carnavalesco *Berlim na Batucada*, também da Cinédia, com direção de Luiz de Barros e argumento de Herivelto Martins. No elenco estão Procópio Ferreira, Chocolate, Francisco Alves e Solange França. Delorges apresenta-se como um produtor norte-americano interessado no carnaval carioca, uma “brincadeira” com Orson Welles. Trabalhou ainda nos seguintes filmes: *O Homem que Chutou a Consciência* (1947), drama dirigido por Ruy Costa, com a monumental Aimée; *Mãe* (1948), melodrama do radialista Teófilo de Barros Filho, com Alma Flora; *Toda a Vida em Quinze Minutos* (1953), de Pereira Dias, com Jaime Costa, Rodolfo Arena, Jardel Filho, Renata Fronzi e outros. Prêmio Saci de melhor roteiro (Jornal O Estado de São Paulo). Vanoly Pereira Dias (1926-1988), o diretor, era natural de Carlos Barbosa, RS. Em 1979 dirigiu *Gaúcho de Passo Fundo*, filme do Teixeira que contou com a participação de atores oriundos do antigo Grupo Escola de Teatro Amador “Delorges

Caminha”, como o advogado Paulo Giongo; *Sherlock de Araque* (1957), comédia de Victor Lima, com Carequinha; *Por um Céu de Liberdade* (1961), dirigido por Luiz de Barros, com John Herbert no papel principal; *Vagabundos no Society* (1962), comédia com Jaime Costa, também de Luiz de Barros; *Crime no Sacopã* (1963), de Roberto Pires, com Adriano Lisboa e Jorge Dória; *Os Marginais* (1968), episódio *Guilherme*, dirigido por Moisés Kandler, com Paulo José e Helena Ignez; e *O Homem que Comprou o Mundo* (1968), comédia dirigida por Eduardo Coutinho, com Marília Pêra, Flávio Migliaccio e Jardel Filho. Registrou participações nas telenovelas *O Homem Proibido* ou *Demian, o Justiceiro*, (1967), de Glória Magadan, e *Irmãos Coragem* (1970), de Janete Clair, ambas da Rede Globo. Também foi diretor, crítico e autor de peças teatrais. Dirigiu Glauce Rocha em *Dona Xepa* e *Mulher de Briga*, ambas de Pedro Bloch, em 1954/55. É co-autor das peças *Cidadão Zero*, *Jardim de Allah*, entre outras. Dirigiu a Escola de Arte Dramática do Estado da Guanabara e a Casa dos Artistas. Faleceu, vítima de edema pulmonar, a 19-04-71, tendo sido sepultado no Cemitério São João Batista, no Rio. Era casado com a atriz e diretora de teatro Henriette Morineau (1906-1990) e possuía dois filhos adotivos. Irmãos: Dotalia, Dinobert, João Baptista, Dotíbio (adotivo), Dinorah, Antônio Manoel, Dilia, Dalila, Anna Aurora e Maria.

O filme foi aguardado com expectativa em Passo Fundo: “BONEQUINHA DE SEDA. Representa o primeiro grande esforço do cinema brasileiro no sentido de apresentar aos olhos do mundo uma verdadeira superprodução que revele as nossas possibilidades artísticas. Tendo em vista o fato de ser o galã Delorges Caminha, passo-fundense, permitimo-nos a liberdade de sugerir à Empresa De Cesaro & Pretto, esforçar-se por filmar ‘Bonequinha de Seda’ em primeira mão no Estado, pois que, homenageando esse artista conterrâneo concorrerá, também, para que o cinema brasileiro torne-se uma realidade. *FAN*.” (ON nº 2514, de 22-09-36.)

Sylvio Alviggi, o diretor do Grupo X de teatro, após assistir ao filme em Porto Alegre, comentou o desempenho de Delorges: “(...) Nessa película temos oportunidade de assistir Delorges Caminha, o ator que iniciou a sua carreira artística no elenco do GRUPO X, a veterana sociedade de amadores passo-fundenses. Delorges é um perfeito galã que já venceu no teatro e vai vencer no cinema. Bonequinha de Seda é o primeiro orgulho da cinematografia nacional.” (ON nº 2577, de 11-12-36.)

Bonequinha de Seda estreou no Coliseu no dia 29-05-37, um sábado, em sessão única, às 20h30min: “CINEMA. BONEQUINHA DE SEDA. Finalmente, Passo Fundo vai, a partir de hoje, presenciar uma produção nacional para a qual estão convergindo todas as curiosidades. Trata-se de ‘Bonequinha de Seda’, a grande realização de Oduvaldo Vianna, para cujos intérpretes voltam-se todos os olhos. (...) Delorges Caminha é um grande talento que o teatro teimava em encarecer nos estreitos limites dos seus ângulos. Liberto, agora, o cinema abre-lhe as portas vitoriosas da popularidade. Ele reúne as qualidades indispensáveis para um galã, elegância varonil, simpatia, talento e vivacidade. Delorges sente bem os paradoxos do seu papel difícil; sabe viver os transportes de sentimentalismo que ele, o papel, lhe impõe; e sabe atravessar os momentos amargos, com consciência. Sua criação tem brilho e seu talento se expande vivendo essa figura que é grande, no enredo, mas que seu talento torna maior. (...)” (ON nº 2715, de 29-05-37.)

O filme foi reapresentado no domingo (30-05), em duas sessões, às 19h e 21h, permanecendo em cartaz na segunda-feira (31-07): “Alcançou extraordinário sucesso a apresentação de ‘Bonequinha de Seda’ no Coliseu, sábado e nas duas sessões de ontem.

Apesar da numerosa assistência que encheu a sala de projeções do Coliseu nessas duas noites, ‘Bonequinha de Seda’ continua em cartaz, ainda hoje, atendendo ao pedido de várias pessoas. Gilda de Abreu e Delorges Caminha conquistaram dignamente a platéia passo-fundense, pois, estão impecáveis nos principais papéis da interessante película brasileira.” (ON nº 2716, de 31-05-37.) *Bonequinha de Seda* voltou à tela do Coliseu nos dias 07 e 08-09-39. (ON nº 3386, de 08-09-39.)

Em janeiro de 1926, o intendente Armando de Araújo Annes liberou o fornecimento de luz elétrica aos domingos, a partir das 15 horas: “É uma louvável medida, pois muitas são as casas de famílias que necessitam naqueles dias, utilizar-se do ferro de engomar, o que, até então, achavam-se privados. Também o grande número de freqüentadores das vesperais do Coliseu, terá a satisfação, nos dias de grandes calores, de gozar os ventiladores que, até então, não se movimentavam, por falta de energia elétrica (...)” (Gazeta nº 46, de 10-01-26.)

Na ocasião era anunciado para breve “o filme que mais enchentes teve em todos os cinemas onde tem sido exibido. O sucesso mais extraordinário do ano! *Gyneclogia e Obstreticia*.” Em relevo a seguinte nota: “**Importante:** Para este filme fica

expressamente proibida a entrada a menores e senhoritas. Pode ser visto por senhoras casadas.” (Idem.)

A 18-01-26 veio ao Coliseu “deliciar a culta platéia desta cidade com sua melodiosa voz” a cantora porto-alegrense Ophelia Cezimbra. (Gazeta nº 48, de 24-01-26.) A 03-04-26 foi a vez de Olga Siqueira Pereira promover uma “audição de canto” com a orquestra do cinema. (ON nº 84, de 07-04-26.)

A 24-06-26, no Cine Ideal, a “poetisa patricia” Candida Gomes da Rocha, autora do livro *Horto de Maguas*, realizou um “festival” com os seus filhos Elba, Esterlina, Neiva, Zilá e Mirabeau. (ON nº 106, de 23-06-26 e nº 107, de 26-06-26.)

Em julho de 1926, Ney de Lima Costa ampliou seus negócios com a inauguração do CINE SELECTO, em Carazinho: “A Empresa Lima Costa pretendia, se fizesse bom tempo, inaugurar o Cine Seletto de Carazinho, ontem, com um belo filme. Naquele povoado reina grande entusiasmo para a inauguração desse centro de diversões, cuja remodelação está na altura de uma casa dessa natureza.” (Gazeta nº 85, de 11-07-26.)

Em agosto do mesmo ano, Ney de Lima Costa suspendeu a circulação da Gazeta e fechou o Cine Ideal: “Da Sociedade Operária, desta cidade, recebemos um officio, comunicando-nos que em 15 do corrente foi entre aquela sociedade e o dr. Ney de Lima Costa, rescindido o contrato de locação do prédio de propriedade daquela sociedade e que fora alugado à empresa Lima Costa, para a instalação do Cine Ideal. (...)” (ON nº 123, de 21-08-26.)

O prédio da Sociedade Operária Beneficente abrigou também o CINE REX, Empresa Angelo Pretto & Cia., inaugurado a 19-03-38 com o filme nacional *O Grito da Mocidade*, estrelado por Raul Roulien e Conchita Montenegro. (ON nº 2.952, de 17-03-38.)

A 06-09-26 realizou-se no COLISEU o recital da “distinta *diseuse* bageense” Ilza P. Borba. (ON nº 128, de 08-09-26.)

A vinda a Passo Fundo do *Foot-Ball Club Porto Alegre*, o primeiro clube esportivo da capital gaúcha a jogar na cidade, ensejou duas sessões especiais, nas noites de 23 e 24-07-26, em homenagem aos excursionistas. (ON nº 114, de 21-07-26.)

A 17-12-26, Symphronio de Magalhães, “diretor do escritório de propaganda do Brasil em Paris”, realizou a conferência *Visões de Batalhas*. (ON nº 156, de 18-12-26.)

A 23-02-27 o Bloco Carnavalesco 25 exibiu no Coliseu o filme *Studbacker*, “onde se mostrava detalhadamente os métodos empregados na fabricação dos automóveis”. No dia seguinte a direção do cinema homenageou as soberanas do Carnaval, Dalva M. Almeida, do Bloco 21; e Carmen Costa, do Bloco 25, com uma “função cinematográfica especial”. (ON nº 176, de 26-02-27.)

A 18-04-27 ocorreu um festival no Coliseu em benefício do Clube Recreativo Visconde do Rio Branco. No dia 23, aniversário do Clube, a Diretoria publicou o seguinte agradecimento: “**Club Visconde do Rio Branco**. A Diretoria desse Clube tem a subida honra de agradecer à Empresa Lima Costa o benefício que levou segunda-feira última em favor dessa Sociedade. Hoje comemoramos o décimo primeiro aniversário de sua fundação. Nicolau Correa – 1º secretário.” (ON nº 191, de 23-04-27.)

Trata-se, ao que tudo indica, do mesmo evento comentado pelo professor e

jornalista Edy Isaías (1933-2001), na colaboração inserida no livro “A contribuição e a importância das correntes imigratórias no desenvolvimento de Passo Fundo”, de Santo Claudino Verzelletti (Imperial, 1999, págs. 48/58). Segundo Isaías, participaram do festival algumas integrantes de sua família, como Soca Isaías, Jandira Isaías, Madalena Isaías e mais uma tia de nome Tereza.

Em maio de 1927, sob o patrocínio do agente da Chevrolet local, Medardo Rodriguez, aqui esteve Eduardo Abelim, considerado posteriormente um ícone do cinema gaúcho. Abelim percorria as cidades realizando proezas automobilísticas e promovendo nos cinemas o curta *Em Defesa da Irmã*, por ele mesmo dirigido e interpretado em 1926. O espetáculo ocorreu no dia 15, no campo do 14 de Julho. O filme foi exibido no dia 18, uma quarta-feira, às duas e meia da tarde, no Coliseu. (ON nº 197, de 14-05-27.)

Eduardo Abelim (1900-1984) era natural de Cachoeira do Sul, RS. Em 1927 fundou a *Gaúcha Film*, produtora de seus próprios filmes. Constam na sua filmografia *O Castigo do Orgulho* e *O Pecado da Vaidade*. Dirigiu o documentário *Avançada das Tropas Gaúchas*, registro da Revolução de 1930. Em 1932 transferiu-se para Niterói,

RJ, onde acabou como exibidor ambulante. Em 1985 a figura de Eduardo Abelim foi resgatada pelo ator Carlos Alberto Riccelli no longa-metragem *Sonho sem Fim*, dirigido por Lauro Escorel.

A 20-05-27 estreou no Coliseu a Companhia Nacional Freire: “Com casa cheia e geral agrado estreou-se ontem, em primeira récita de assinatura, no Cine Theatro Coliseu, a Companhia Nacional Freire, levando à cena a interessante comédia em 3 atos, *MOÇAS MODERNAS*, de autoria do comediógrafo e jornalista J. Cadilhe. Hoje, em segunda récita de assinatura, subirá à cena a opereta *A FESTA DO CORONEL* com 20 números de música. Amanhã à noite, em récita extraordinária, será levada a linda opereta, tradução livre do teatro francês, *AMORES NUM QUARTEL*. Depois de seis “funções” a Companhia seguiu para Carazinho. (ON nº 199, de 21-05; e nº 201, de 28-05-27.)

A 29-05-27 o capitão Pedro dos Santos inaugurou o CINE CENTRAL. O filme programado para a estréia, *A Vingança Divina*, foi substituído por outro, chamado *O que faria com um milhão*. (ON nº 201, de 28-05-27.)

Esse cinema situava-se na Avenida Brasil, esquina com a Rua 7 de Setembro, no mesmo local do antigo Cinema Central, de Joaquim Reichmann.

“PELOS CINEMAS. Finalmente começou a aparecer em nossos cinemas filmes de real valor artístico que, estamos certos, muito contribuirão para a maior freqüência dessas casas de diversões. Entre outros, citaremos o filme *PREDILECTO DA AVOZINHA*, focado por duas vezes no teatro Coliseu, tendo por protagonista o irresistível cômico Harold Loyd, fita que alcançou merecidamente, o mais amplo sucesso. O Cine Central também, com a projeção do drama *JUSTIÇA DIVINA*, obteve boas enchentes, inteiramente justificáveis e merecidas.” (ON nº 206, de 15-06-27.)

Com relação ao Central o entusiasmo não durou muito: “Segunda-feira última o Cine Central focou uma excelente comédia de Harold Loyd, em quatro partes, denominada *A SONAMBULA*. Essa fita estava bastante truncada, faltando certamente pedaços de regular extensão, pois notava-se saltos bruscos no enredo, faltando mesmo o princípio e o fim. Isso desagradou bastante, sendo de bom aviso que a empresa, sempre solícita em atender ao público, reclame contra os alugadores de

filmes, para que não se repitam tais fatos.” (ON nº 212, de 06-07-27.)

Nos intervalos das fitas, certos freqüentadores do Coliseu costumavam urinar nas paredes dos prédios vizinhos: “**O Único Meio.** Há muito, vimos insistindo no intuito de impedir que, nas noites de funções cinematográficas, alguns dos senhores espectadores, nos intervalos, façam de mictório as paredes desta redação. Levamos já o fato ao conhecimento da polícia, solicitando-lhe as providências necessárias contra aquela falta de higiene. Como não obtivemos do poder competente a solução para o caso, procuraremos sanar o mal particularmente. Prevenimos, pois, aos senhores que costumam fazer de mictório público as paredes do prédio onde funciona a nossa redação, que resolvemos, como o único meio de sanar o mal, atirar, do alto do telhado, águas servidas, nas noites de cinema, a hora dos intervalos.” (ON nº 220, de 1º-08; e nº 227, de 27-08-27.)

Em outubro de 1927, com a mudança de proprietário, o Central passou a chamar-se CINE AVENIDA: “Os srs. Juvenal Canfile e Valentim Dominguez, sob a firma social de Canfile & Dominguez, acabam de adquirir por compra feita ao sr. Pedro dos Santos a existência do Cine Theatro Central. A nova firma que está introduzindo no seu

estabelecimento diversos melhoramentos, pretende inaugurá-lo em sua nova fase, no próximo sábado (a inauguração ocorreu no dia 15-10-27, sábado, data da publicação da reportagem), com o nome de Cine Avenida. É de esperar-se que, agora, sob novo nome e nova direção esse cinema melhore também a qualidade dos seus filmes, de forma a poder conseguir a freqüência da população da parte oeste da cidade. É necessário que os proprietários dessa casa de diversões compreendam que a filmagem de películas baratas, geralmente truncadas e velhas tem por resultado imediato a falta de freqüência, sendo absolutamente contraproducente a economia. Desse defeito vinha-se prejudicando, desde muito, o Cine Central. À nova direção desse cinema fazemos votos de prosperidade e a cidade já comporta bem dois estabelecimentos do gênero. Gratos pela permanente.” (ON nº 241, de 15-10-27.)

Contrariando as expectativas, a inauguração do novo cinema não foi nada auspiciosa: “Inaugurou-se sábado último o Cine-Theatro Avenida, nome que adotou o Cine Central sob sua nova direção Juvenal Canfile & Dominguez. Uma banda de música tocou à frente daquela casa de diversões, comparecendo à mesma numerosa assistência. Não foi feliz, porém, a nova empresa nos filmes passados. A fita AGORA OU NUNCA do famoso cômico

Harold Loyd estava inteiramente truncada sem princípio nem fim e a última passada (sem título) era uma velharia que nos lembramos de ter visto pelo ano de 1915. Acreditamos que tais filmes ainda fazem parte de encomendas anteriores e não vamos culpar a nova empresa que parece disposta a todos os sacrifícios para bem servir o público e acreditar o Avenida, conforme nos afiançou o sr. Juvenal Canfile. (...)” (ON nº 242, de 19-10-27.)

Em menos de dois meses o Cine Avenida já era história. A 17-12-27, funcionando novamente como CENTRAL, anunciou a estréia do transformista Walter Bank: “**Fenômeno Mundial.** O homem que mais se parece com mulher, chama-se Walter Bank e estreará amanhã no Cine Central. Todos os jornais, tanto do Estado como fora fazem referências elogiosas ao trabalho de imitação do belo sexo pelo sr. Walter, bem como a sua excelente voz de soprano. Amanhã, domingo, no Cine Central, teremos o prazer de apreciá-lo.” (ON nº 258, de 17-12-27.)

Em dezembro de 1927 o capitão Pedro dos Santos publicou o seguinte anúncio no jornal: “**Bom emprego de capital.** O proprietário dos estabelecimentos, abaixo descritos, querendo desfazer-se dos mesmos, porque quer empregar a sua atividade

somente em seu estabelecimento pastoril, oferece-os à venda, podendo, mesmo, facilitar o pagamento dos mesmos. Outrossim, vendem-se os referidos estabelecimentos a um só pretendente, ou parceladamente. NESTA CIDADE. CAFÉ CENTRAL e respectivo centro de diversões com jogos permitidos, situado à Praça Marechal Floriano. CINEMA CENTRAL à Avenida Brasil, dispo de ótimo aparelho e instalações, pertencente à firma P. dos Santos & Canfile (vende-se ou arrenda-se). GARAGE OVERLAND: grande stock de pneus e peças, comprados aos melhores preços, proporcionando vantajoso lucro. EM CARAZINHO. Farmácia N. S. Aparecida e o quiosque. Tratar cap. Pedro dos Santos ou com o dr. Lacerda de Almeida Junior.” (ON nº 260, de 24-12-27.)

A 10-12-27 Celia Langaro Bastos foi eleita Rainha do Coliseu para o ano de 1928. A função especial e o baile de aclamação da soberana realizaram-se no dia 24-12-27. (ON nº 257, de 14-12-27.)

Em 1927 a empresa Lima Costa organizou a seguinte programação de Natal: “No dia 24 haverá matinée gratuita às crianças pobres com distribuição de bombons; às 7 horas concurso do quadro “volta ao aprisco”, a quem maior número de cupons apresentar; à hora do costume;

função ordinária, com a presença da soberana, em sua frisa régia; inauguração da nova tela e da objetiva extraluminosa; entrega do quadro à pessoa felizarda; distribuição de charutos ao sexo forte. Depois da função, baile no Clube Comercial, em homenagem à Rainha e dedicado ao belo sexo, com a orquestra do Coliseu. No dia 25 haverá matinée especial. Às 7 1/2 função pública e à noite festa de Natal com um filme super. Ingresso na frisa nº 8 para o baile.” (ON nº 259, de 21-12-27.)

Encerrou o ano com a cantora lírica Iracema Follador, “considerada pelos críticos Rodrigues Barbosa e Oscar Guanabarro, da Capital Federal, uma das melhores cantoras brasileiras de música de câmara”. Além do concerto no Coliseu, ocorrido no dia 29-12, Iracema apresentou-se no Clube Comercial, em benefício das obras da nova sede, no dia 03-01-28. Acompanhou-a ao piano Ruth Bastos de Moraes. (ON nº 261, de 28-12; e nº 262, de 31-12-27.)

Outras atrações do Coliseu em 1927: 17-06 – estréia de Athanagildo Teixeira, “O homem do estômago de aço” (ON nº 207, de 18-07); 02-07 – exibição em matinée especial, às 14h, do filme *Santa Therezinha do Menino Jesus*, com a presença das “distintas” Irmãs do Notre Dame e alunas,

reapresentado no dia 06-07 (ON nº 211, de 02-07, e nº 212, de 06-07); 19-07 – estréia, com casa cheia, da Troupe Chocolatina (ON nº 216, de 20-07); 22-11 – exibição do filme *Em Busca do Ouro*, de Charles Chaplin, sucesso absoluto de bilheteria (ON nº 251, de 23-11); 16-12 – estréia da Troupe dos Millans (ON nº 258, de 17-12); 27-12 – festival em benefício dos maestros Francisco Fantini e Francisco Ramos (ON nº 262, de 31-12); e 30-12 – estréia da Troupe Jeca Tatu (ON nº 262, de 31-12).

Na edição nº 257, de 14-12-27, O Nacional criticou o Conselho Municipal por ter retirado do projeto orçamentário para 1928, apresentado pelo Intendente, a criação do imposto de \$ 300 sobre as entradas de todas as casas de diversões ou jogos, como teatros, cinemas, circos, campos de futebol, concertos, etc.: “A supressão porém dos \$ 300 sobre as entradas das casas de diversões e jogos vem evidentemente em favor dos abastados, ou pelo menos dos não necessitados. Quem se diverte tem de supérfluo tempo e dinheiro. Por isso esse imposto existe em quase todas as cidades do Brasil e somente aqui não foi aceito pelo Conselho, porque, como estamos demonstrando, a defesa dos ricos e desnecessitados aqui é um fato.”

O Conselho respondeu através de Max Avila: “(...) o imposto sobre as casas de diversões foi cortado do projeto, porque quem havia de pagá-lo era o povo que gosta de se divertir e é justo que a diversão seja barata.” (ON nº 266, de 14-01-28.)

Em janeiro de 1928 o Central exibiu a “simpática” Jucatan ou Yucatan, “notável cantora espanhola, com o seu atraente repertório inteiramente familiar”. No dia 07, encerrado o filme *Em Busca do Triunfo*, Yucatan interpretou Samaritana, Camareira da Rainha, O Batalhão, “canção militar, que deve ser acompanhada pelos assistentes”, e Os Estudantes Passam... Yucatan voltou a encantar a assistência do Central nos intervalos dos filmes *Mulher Desejada* e *O Crime da Diligência*. (ON nº 263, de 04-01; e nº 264, de 07-01-28.)

Em março do mesmo ano o capitão Pedro dos Santos arrendou o Central a Carlos Fontani. Com o nome de CINE THEATRO GUARANY, reabriu no dia 08-03, uma quinta-feira, exibindo o filme *São Francisco de Assis*, da UFA. (ON nº 280, de 03-03-28.)

A 10-03-28, vindo do Rio de Janeiro, apresentou-se no Guarany o tenor João Cavalieri, cognominado “O Pequeno

Caruso”. Acompanharam-no Noemy Sperry (piano) e Arnaldo Sperb (violino). Com os mesmos músicos e as cantoras Dilia Caminha e Helena Lima, Cavalieri cantou nos dias 02 e 11-03 na sala de visitas do Hotel Internacional, nas tradicionais “horas de arte” promovidas pelo então proprietário, Pedro Lima; no dia 08-03 na residência de Antônio Carlos Rebello Horta e no dia 13-03 na residência de Max Ávila. (ON nº 280, de 03-03-28; e nº 282, de 10-03-28.)

No dia 28-03-28, às 21h, no Guarany, o escritor e jornalista Fernando Callage realizou a conferência literária *O Optimismo Construtor da Nossa Mentalidade Brasileira*. Tópicos: “A nova consciência brasileira – A nossa independência mental – A guerra contra os velhos processos de arte – O espírito da terra – A Academia de Letras e o descaso pelos problemas sociais – O milagre do atual movimento nacionalista – A lição patriótica de Alberto Torres e Oliveira Vianna – Versos de Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Raul Bop, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida e outros poetas – O amor de um Brasil maior.” (ON nº 287, de 28-03; e nº 288, de 31-03-28.)

A reação foi imediata: “LITERATURA FUTURISTA. Versos da escola literária que pretende o reerguimento

do Brasil. Após a conferência do festejado escritor Fernando Callage, apareceram na caixa desta redação diversas poesias modernistas, dentre as quais damos as duas seguintes à publicação. Isto dá a entender que a semente lançada pelo literato conterrâneo não caiu em chão estéril.”

AURORA

Ki-kiri kiiii...

Kó koró-kóóóóó...

Sol

Piiii... é a cervejaria do Barbieux

Piuuu... trem do mato

Levantar cedo.

Meu Deus porque não me fizeste

Funcionario publico! *Dr. Ipicilão*

ZÉ-PEREIRA

Bum! bum! bum!

Zig-zig-zig bum!

Bum! bum! bum!

Zig-zig! bum-bum!

Zig-zig! bum-bum!

Zig-zig! bum-bum bum-bum bum-bum-bum!

Zig-zig! bum-bum!

Zig-zig! bum-bum!

Zig-zig! bum-bum bum-bum bum-bum-bum!

Viva o 46!

Viva o Bloco dos melancias!

Viva o Renato Sá Brito!

Viva o Garcia! *Ch. O P2. (Idem.)*

A crítica prosseguiu no número seguinte: “O que é e o que parece... Conta a história de dois indivíduos que entraram no teatro Guarany que pelo traje e aparência, estavam em *off-side*. Pensaram que iam ouvir música ou ver fitas mas era uma conferência, ‘a do escritor paulista Fernando Callage – sim paulista, pois quem aqui nasce e aqui se cria e diz que não conhece laço, boleadeiras, lombilhos... pode ser tudo, menos gaúcho.’ Se retiraram, resmungando.” (ON nº 289, de 04-04-28.)

Em maio de 1928 o Guarany fechou as suas portas: “Esse centro de diversões, situado na Avenida Brasil, de propriedade do sr. cap. Pedro dos Santos e que sob firma Carlos Fontani, tinha há pouco reaberto novamente, cerrou suas portas. Decididamente que Passo Fundo, ainda não comporta duas casas de diversões do mesmo gênero.” (Gazeta nº 27, de 12-05-28.)

O fotógrafo e pintor Carlos Helio Fontani, estabelecido na Avenida Brasil nº 87, junto à Intendência, exibia anúncios no Coliseu, “pintados com gosto e arte”, a preços que iam de 10\$000 a 500\$000. (Gazeta nº 87, de 25-07-26.) Em março de 1928 arrendou o cinema de Pedro dos Santos por 700\$000 mensais, afora a locação do prédio. Em maio do mesmo ano sofreu ação de despejo. O cinema possuía o seguinte mobiliário, conforme certidão do oficial de justiça: “um aparelho cinematográfico, uma resistência, um motor, um dito ford, uma correia, um torno de ferro, uma pipa para água, uma instalação completa, dois cenários, um pano para focar, um piano novo, um banco para o mesmo, 500 poltronas, 40 cadeiras de palha, cinco bancos compridos, uma escada, um dínamo.” (Autos do processo.)

A 14-07-28 estreou no Coliseu a Troupe Regional Brasileira, dirigida por Genésio Arruda, o “rei dos caipiras paulistas”. (ON nº 317, de 14-07-28.)

Genésio Soares de Arruda (1898-1967) foi o intérprete do primeiro filme sonoro brasileiro, *Acabaram-se os Otários*, de Luiz de Barros, rodado em 1929. No ano seguinte atuou em *O Babão*, paródia do

filme americano *The Pagan*. Dirigiu apenas um filme, *O Campeão de Futebol*, em 1932. Encerrou a carreira trabalhando como coadjuvante em filmes do Mazzaropi.

Quem atraiu a atenção da imprensa em agosto de 1928 foi o tenor Camargo, “consagrado artista da Ópera Cômica de Paris”. O concerto do festejado cantor realizou-se no Coliseu a 20-08: “Revestiu-se de real brilhantismo o concerto do nosso patricio ilustre Tenor Camargo, da Ópera e Ópera Cômica de Paris, anteontem, no Cine Teatro Coliseu. O programa do festival foi o seguinte: I Parte. 1 – a) Mimi Pinson – Romanza I ato – Leoncavallo, b) Meu Destino – Andrade Neves. Tenor Camargo. 2 – Le Trot du Cavalier – F. Spindler, piano 4 mãos, senhorita Carmen Costa e maestro H. Horn. 3 – a) Strimpellata al Tramonto – Bettinelli, b) Rigoletto – Ballata – Verdi. Tenor Camargo. II Parte. 1 – a) Suzane – Air – Paladilhe, b) Canção Gaúcha - Assuero Garritano. Tenor Camargo. 2 – Saudades de Minha Infância – Baptista Junior, b) Ideal – Tasti. senhora Ruth D. Pinto. 3 – I Valsa – Durand – senhorita Ricci Silva. 4 – a) Guitarra – Elias Lobo Netto, b) Tosca – Puccini. Tenor Camargo. III Parte. 1 – a) Primavera – Grieg, b) Eu te Amo – Grieg. Maestro H. Horn, dr. Sperb, professores Dreyer e D’Aló. 3 – Pagliacci Arioso – Leoncavallo. Tenor Camargo, a caráter, com

acompanhamento da orquestra. Depois de que foi cantada a Tosca entrou em cena o dr. Ney de Lima Costa e disse, depois de algumas considerações, que a empresa considerava inaugurada uma placa no saguão do teatro, comemorativa da passagem do grande artista por esta cidade, onde ele iria figurar ao lado de Zola Amaro e Vicente Celestino. Respondeu o tenor de cujo discurso destacamos os seguintes tópicos: A inauguração dessa placa no teatro Coliseu é uma homenagem, não a minha pessoa, que nada vale, mas sim ao artista brasileiro, ao caboclinho, que saindo das margens do Anhangabaú, na cidade de São Paulo e atravessando mares, foi à Cidade Luz, que é Paris, e sem apoio algum, senão a sua força de vontade, conseguiu, depois de muitos anos de trabalho, a ser contratado para o corpo de artistas do Teatro Nacional da Ópera de Paris, após concurso renhido, onde estrangeiro dificilmente vence. E assim o Tenor Camargo foi o primeiro brasileiro que abriu as portas desse grande teatro. Agora aqui em ‘tournée’ artística no Estado Gaúcho, tão cheio de tradições e cavalheirismo, e a cidade de Passo Fundo que acolhe dessa forma tão carinhosa. Sim, aqui estou e o meu fito é despertar, talvez, na mocidade que me ouve, uma vocação artística, que aumentará a constelação gloriosa dos futuros astros do nosso Brasil querido! Continuarei a minha longa jornada e jamais esquecerei a cidade de Passo Fundo.

Meus senhores, duas palavras antes de terminar. Longe, bem longe de mim a comparação – como o grande Caporal Corso – Napoleão deve parte de sua glória ao célebre general Ney, o tenor Camargo deve esta comemoração ao distintíssimo empresário Ney. Desnecessário se torna traçar elogios ao tenor Camargo, depois das opiniões que esta folha publicou a seu respeito, de grandes críticos nacionais e estrangeiros e depois do seu extraordinário sucesso nesta cidade. Efetivamente, o nosso ilustre patricio está à altura do seu nome aureolado de tantas glórias na seara sublime da sua arte! As distintas amadoras que tomaram parte no concerto, D. Ruth Pinto, esposa do sr. Dorval Pinto, gerente do Banco Popular, e as senhorinhas Carmen Costa e Ricci Silva foram muito aplaudidas. A orquestra do Coliseu, composta do maestro Horn, dr. Sperb, professores Drehyer e D’Aló abrilhantaram o concerto tocando no palco dois belíssimos números que muito agradaram. Anteontem, enfim, a empresa do Cine Teatro Coliseu nos proporcionou verdadeiras horas de arte. A música do 8º Regimento, gentilmente, compareceu ao festival, concorrendo para o êxito do concerto. O total bruto da venda foi entregue ao tenor Camargo, não cobrando a empresa nenhuma despesa. A placa de mármore, que se acha no saguão do teatro, tem os seguintes dizeres: ‘Ao tenor Camargo, architecto de sua gloria, orgulho de uma raça.’ O tenor

Camargo seguiu ontem para Cruz Alta, onde dará um concerto.” (ON nº 328, de 22-08-28.)

Heinz Gustav Horn, o maestro do Coliseu, dirigia também o “Jazz Band” do Cassino High-Life, inaugurado em 1927. Lecionava a domicílio piano, teoria, contraponto e composição, duas aulas por semana a 25\$000 por mês. Pretendia criar um conservatório de música no Clube Comercial, bem como uma orquestra sinfônica. Realizou ensaios no Coliseu com 20 músicos. “Pianista admirável, compositor com músicas editadas pela Casa Bevilacqua, autor da *Grande Marcha Symphonica São Paulo*.” (ON nº 209, de 25-06-27; nº 275, de 15-02-28; nº 290, de 07-04-28; nº 299, de 09-05-28; e nº 301, de 16-05-28.)

Em 1929 o Conservatório Passo-Fundense de Música funcionava na Rua Fagundes dos Reis, 17, Praça da República, dirigido pelo maestro Ernesto Dreyer. (ON nº 368, de 10-01-29.)

Natural de São Leopoldo, Arnaldo Sperb era cirurgião-dentista. Estabeleceu-se em Passo Fundo no ano de 1922, onde faleceu a 03-12-41, aos 58 anos de idade. Casado com a professora Alda Londero Sperb, deixou dois filhos, Beatriz e Paulo.

Residia na Rua Coronel Chicuta, 322. (ON nº 4043, de 04-12-41.)

A 15-10-28 o jornal Aurora, recém fundado na cidade, promoveu um festival no Coliseu: “(...) O programa teve início às 20 ½ horas, dando início ao mesmo, com a execução de uma linda marcha, a banda de música do 8º R.I. Em seguida, foi exibido na tela o belo filme *Piratas Modernos*, fina comédia em 7 partes, que trouxe em permanente hilaridade a platéia. A 2ª parte do programa constou de um concerto pela magnífica banda de música do 8º R.I., que executou as seguintes músicas: Quatro Irmãos – marcha; Ernani – dueto do 1º ato – Verdi; Carmen – trecho do 1º ato – G. Bizet; Poeta Camponês – ouverture – Franz von Lupre. Ao finalizar todas as partes musicais foi aquela banda entusiasticamente aplaudida pela assistência. A 3ª parte constou de um drama em 1 ato, intitulado *O Signal da Bandeira*, cujo enredo gira em torno de uma passagem heróica da guerra européia de 1914, e foi interpretado por amadores locais, os quais se desempenharam bem em seus respectivos papéis, sendo ao terminar o espetáculo, grandemente aplaudidos.” (ON nº 344, de 17-10-28.)

“O Coliseu, ultimamente, tem apresentado bons programas, e assim correspondido às demonstrações de simpatia

que lhe dá a elite passo-fundense. Domingo foi uma noite magnífica. Noite de sucesso na platéia, sucesso na tela, sucesso na... bilheteria. Casa à cunha, gente em pé. O Ney satisfeito, o Pelissier desmanchando-se em gentilezas. E, dando um encantador realce à platéia, o que há de chic e elegante da elite social. Cores vivas, cores da moda, emoldurando os mais belos perfis... Elsa Pinto, Soberana do Comércio e Rici Correia (Ricci Quadros da Silva), gentil pianista, ambas de escuro, eram duas pontinhas de saudade; Juju Trindade, tornada recentemente a ornamentar esta sociedade, de rosa, era a alegria da volta; Niquinha Ferrão, com rosas escuras num fundo róseo, era um pedacinho de mágoa num céu de ventura; as irmãs Ribeiro, ambas de rosa, sempre alegres, sempre sorridentes, sempre iguais; Anjinha Caetano, de preto; Leydinha Ghezzi e Lila Carvalho, de creme; Emma Rodrigues e Carlotinha Loureiro, de branco; Carmen Costa, de azul; Cassilda Loureiro, de rosa; Mary Moraes, de claro, cabelos louros, dir-se-ia que os últimos raios do primaveril sol de domingo tinham-se diluído por sobre a sua cabeleira; todas belas, era uma constelação de graça num céu de alegria. Um sucesso a função de domingo, com o esplêndido filme Capitão Sarazac... *Pathé Jornal.*” (ON nº 348, de 31-10-28.)

“Movimento desusado na entrada do Coliseu: rapaziada ‘piruando’ os que compravam ingresso para ‘chuliarem’ um cupom. – Não tens candidata? Então me dá o cupom! – Não dispensa votos, que a ‘minha’ já tem 20.000! Era só o que se ouvia de todos os lados. – Mas que negócio é este de cupons e mais cupons, perguntamos. Então ficamos sabendo que eram os últimos dias de cabala para eleger a soberana graciosa do Coliseu para 1929. (...) Nisto surge o Euclides, corado e ‘camarada’, e o Mário Garcia, sorridente e maneiroso e bradam: - A nossa candidata preferida, a eleita da nossa sociedade, é a gentil conterrânea Alvarina Krueel. E concordamos! *Pathé Jornal.*” (ON nº 357, de 05-12-28.)

“O Coliseu, nas funções de sábado e domingo, apresentava uma atmosfera de templo da beleza, com a fina flor do espírito e da graça do nosso escol. Na sala de espera, via-mos, em graciosa revista, o desfilar das pitonisas daquele templo de apolo, o deus da poesia, da música, da arte. E fomos respondendo às perguntas do forasteiro curioso. Essa de creme, com flores lilás? Elsa Pinto, a Rainha do Comércio! Aquela com róseas rosas em fundo gris, de fita azul, a impressionar o moço advogado, recentemente vindo? Anjinha Caetano, a pequena da praça! Essas duas de rosa, ar gracioso, sempre a sorrirem? As irmãs

Sperry! Essa de gris, lábios corados como as amêndoas do oriente? Carmen Costa! Aquelas duas elegantes moças, ambas morenas, ambas graciosas, ambas de creme? Inah Rosado e Antonieta Nunes! E aqueles dois sugestivos perfis, todas de verde esperança? As irmãs Ribeiro. E assim, num rosário de astros, foram passando ante a pergunta curiosa do visitante, irradiando alegria, espargindo sorrisos, evoluindo perfumes... Mary e Lucinda Moraes, de verde e de róseo; Ricci Correa (Silva), de preto; Lila Carvalho, de gris; Cecy Gomide, de verde; Niquinha Ferrão, de rosa; as irmãs Albuquerque, de gris e de rosa; Helena Krueel, de lilás; Onda Marques, de azul; Lydia Marques, de azul; Mause Barbieux, de lilás; Nayr Moraes, como nuvem aérea de sol posto, de grenat; Nilsa Acauã, com flores verdes em fundo rosa, eram todas alegria, a arte, a música nas funções de sábado e domingo. INTERVALO E FILME. O antediluviano ‘cinco minutos de intervalo’, ainda não foi abolido, e continua a bulir com os nervos da gente... Só falta a função ser anunciada a ‘rojões’ e o ‘peludo’ saltar para o palco e apresentar, pregado na ponta de um pau, a clássica tabuleta com o irritante ‘in...ter...va...a..lo’. Precisamos nos corrigir e terminar com esse ‘preseosauro’, para mostrarmos que já somos um pouco civilizados... Quanto aos filmes, o de domingo foi um filme medíocre, mas o de sábado, O GATO E O CANÁRIO, foi um

filme admirável, que pode ser considerado como notável. Com uma técnica moderna, originalíssima, lances inesperados; malgrado se desenvolver todo o enredo num castelo, não cansa, não se torna monótono. Pelo contrário, traz o espectador sempre preso a um desenrolar de cenas cheias de surpresas. É uma excelente fita! RAINHA DO COLISEU. Como estava anunciado, domingo, às 10 horas, por uma comissão composta dos srs. Dr. M. P. Machado, F. C. Carvalho e Tulio Fontoura, foi procedida a apuração parcial do pleito para a ‘Rainha do Coliseu’. A ‘torceção’ foi um fato! E o resultado não podia ser mais magnífico, e patenteou o intenso trabalho das duas correntes. As candidatas mais votadas foram Alvarina Krueel, com 2.003, e Zinah Pinto, com 2.000 votos! Um quase empate. A cabala, portanto, desenvolveu-se mais forte e mais ‘cavada’. De noite era um ver-se a grande azáfama, de um lado o Maggi, o Antunes, o Oscar, a cavarem votos, a pedirem... o cupom. Do outro lado o Euclides e o Mario Garcia, - nas ‘brigadas’ por causa do resultado, pois ganhando a apuração parcial não se admite que percam a final - de picareta na nuca, a darem em grito com aquela cabala lá fora, não... aquilo não era direito... estavam ali pedindo para todo o mundo. E o Camboim, maneiroso e calmo, acomodava: não... vocês parecem que estão assustados, ‘isto é pinto’, a vitória é nossa, o Boqueirão é uma força e jamais se deixará

vencer! E assim se desenvolveu a cabala! Quem sairá vencedora? A graça mirífica, o sorriso de uma feminilidade atraente, a simpatia que se despraia em ritmos vencedores de encantos da ‘loira do Boqueirão’, ninfa passo-fundense! COM OS ALMOFADINHAS QUE FREQUËNTAM O COLISEU. Temos observado que os jovens freqüentadores do Coliseu, não têm o menor cuidado pelas coisas alheias, nem se preocupam com os prejuízos e danos que causam à propriedade dos outros, como acontece com o tratamento que dão às poltronas daquela casa de diversões, as quais nunca estão boas, vivendo em constantes reparos, graças aos almofadinhas que as estragam com as suas bengalas, dando disso mostra de pouca educação que tem. É lástima que isso se verifique em uma cidade como a nossa, em plena fase de progresso, e onde diariamente vêm forasteiros que inquirem sobre o nosso grau de cultura, e daqui podem levar boas ou más impressões, que de certo modo influirão sobre o interesse que desperta Passo Fundo. *Pathé Jornal.*” (ON nº 359, de 12-12-28.)

“A NOVA SOBERANA. Domingo (16-12), às 10 horas, reuniu-se a comissão que deveria apurar o resultado do sufrágio da Rainha do Coliseu. Composta pelos srs. Dr. M. P. Machado, Tulio Fontoura, F. C. Carvalho e Oscar Cesar, e fiscalizada pelos

srs. Maggi De Cesaro e Mario Garcia, no palco do cinema, procederam à apuração. A qual deu o resultado de 7.656 votos a senhorita Alvarina Krueel, e 6.042 a senhorita Zinah Pinto, afora muitos outros nomes com pequeno número de votos. Ficou assim eleita a srta. Alvarina Krueel! Não podia alcançar maior sucesso esta eleição! (...) Uma parte interessante na apuração foi a torcida! Houve desmaios e tremeliques. O Euclides, ria e comia um jasmim; o Mario Garcia, mostrava o dente de ouro e garganteando; o Maggi, engolia o cigarro e fumava prá dentro; o Antunes, só dizia: ‘Mais tá bonito, mais tá que é bicho’; o Nelso (Thevenet) respondia: ‘Não há de ser nada!’; o Camboim, beliscava o rosto e resmungava: ‘O Boqueirão é um fato, o Boqueirão é uma força’; e o Chicuta bradava: ‘Tragam chopp, tá um calor que não se pode respirar’. *Pathé Jornal.*” (ON nº 361, de 19-12-28.)

A Rainha tinha o privilégio de freqüentar o cinema gratuitamente, durante um ano, com a sua “corte imperial”. (Gazeta nº 15, ano III, nova numeração, de 17-11-28.) Idêntica promoção realizou o CINE THEATRO CENTRAL, empresa Irmãos Noronha, de Carazinho, elegendo Maria Britto a Rainha de 1929. (ON nº 384, de 19-02-29.)

Em dezembro de 1928, no final do mês, Ney de Lima Costa substituiu a orquestra do cinema pelo disco: “ELETROLA. O Cine teatro Coliseu oferece, hoje, uma audição especial da excelente eletrola, adquirida da Casa Lima, desta cidade, dedicada à imprensa e às autoridades. Realmente trata-se de um excelente aparelho elétrico, que produz com toda a fidelidade o som em todas as suas modalidades. A instalação obedece a todos os princípios da técnica moderna, sendo que o aparelho será colocado à frente do palco, em lugar do piano, dentro de uma concha de cedro, especialmente preparada para tal fim. As pessoas que têm apreciado a eletrola são incansáveis em elogiá-la como excelente sucedâneo das nossas orquestras, substituindo-as com vantagens. A Casa Lima e a Empresa Coliseu têm recebido muitas felicitações pelo êxito alcançado pela vitrola, pois uma comissão composta dos srs. Henrique Scarpelini, drs. Veiga Faria e Arthur Leite e senhoras Dorval Pinto, Vicente Silva e senhorinha Niquinha Ferrão Teixeira, convidados para dar parecer sobre se deveria ser a mesma adotada pelo Coliseu, foi de opinião que ela satisfaz perfeitamente o bom gosto e cultura de nossa terra. No Rio Grande do Sul é o primeiro cinema que adota a eletrola, porém em Minas mais de oito já adotaram a vitrola, sendo que o principal da cidade de Itu inaugurou uma eletrola igual a do Coliseu, com grande sucesso, nestes

últimos tempos. O Cinema Iris, situado na Rua da Carioca, no Rio, também substituiu sua orquestra pela eletrola. Informou-nos o sr. Jacintho Pereira Gomes, recentemente chegado de Paris, que nos cinemas da Cidade Luz o uso das grandes vitrolas é comum e agradam muito aos parisienses. Auguramos sucesso nesta cidade e agradecemos o convite que recebemos para a audição especial de hoje. *The Big Parade (O Grande Desfile)*. A pedido de grande número de habitués será breve repetido nesta cidade o magnífico filme, que grande sucesso alcançou na sua primeira exibição. João Gilbert, Renée Adorée e Karl Dane. Filmes excepcionais estão sendo anunciados: *Symphonia da Metropole Berlim; Cabana do Pai Thomas; Maridos e Amantes*. COROAÇÃO DA RAINHA. 25 do corrente, à noite, a coroação da nova Rainha do Coliseu, senhorita Alvarina Krueel, a qual tomou lugar no camarote especial, em companhia das senhoritas Zinah Pinto, Celia Bastos e Elza Pinto. Oferecida uma linda corbeille de flores naturais com um artístico cartão de platina, com as firmas dos srs. Euclides Goelzer, Mario Garcia e Ernesto Camboim.” (ON nº 364, de 29-12-28.)

Bons filmes e espetáculos para todos os gostos marcaram o ano de 1928 no Coliseu: 04-01 – Exibição do filme *Senhora*

da Terra, em 6 partes, com um suplemento. Anúncio para breve das seguintes películas: *Coração não Envelhece*, *Murmurio Eterno*, *Como homem algum jamais amou*, *Horizonte Sombrio*, *Sonhadora*, *Mar Encantado*, *Terror do Deserto*, *Roda da Fortuna*, *Sally (A Enjeitada)*, *Quo Vadis?*, *Mulheres sem Nome*, *Evitando Pecados*, *Setimo Céu* e *Madona das Rosas* (ON nº 263, de 04-01); 20-01 – Festival em benefício do Gremio Sportivo 14 de Julho, com a apresentação da fita *Victimas do Odio*, programação Fox (ON nº 268, de 21-01); 10-02 – sessão religiosa às 21 horas em regozijo ao aniversário da Conferência dos Vicentinos (ON nº 272, de 04-02); 23-03 – concerto do soprano rio-grandense Maria Luiza Scharnberg (ON nº 286, de 24-03); 29-03 e 04-04 – 1º e 2º concertos da violinista Lourdes Figueiró, natural de Cachoeira do Sul e diplomada pelo Conservatório de Música de Porto Alegre, “com o valioso concurso do maestro Heinz Horn, que acompanhou ao piano” (ON nº 288, de 31-03 e nº 290, de 07-04); 23-05 – estréia do ilusionista Conde Richmond (ON nº 304, de 26-05); 04-06 – concerto de piano e canto do professor Rodolpho Moriconi e sua filha Judith Lucia. “Ninguém com mais direito de passar entradas do que o velho Moriconi.” Organista cego, concertista de renome, era natural de Bagé (ON nº 304, de 25-05 e nº 305, de 30-05); 31-07 – sessão cinematográfica dedicada ao 8º R.I.,

recentemente transferido de Cruz Alta, tendo sido focalizado *O Mestre de Musica*. Após, a banda do 8º R.I. executou trechos das peças *O Guarany*, *Rigoletto*, *Mephistofles* e outras (ON nº 322, de 01-08); 07-09 – prova de resistência pelo “Homem que Brinca com a Morte”, José Ferreira de Carvalho, de Santa Maria, que se propôs a ficar encerrado num caixão lacrado na presença das autoridades e da imprensa até o dia 15 do mesmo mês, um sábado, no saguão do cinema (ON nº 332, de 05-09); 06-10 – exibição do filme *Amor que Redime*, da Ita Film, “verdadeira obra-prima da cinematografia nacional” (ON nº 341, de 06-10); 16-11 – sessão dedicada ao novo intendente, Nicolau Araújo Vergueiro (ON nº 351, de 14-11); 25-11 – sessão dedicada ao dr. Manfredo Chiostrri, cônsul geral da Itália, no Estado; 27-11 – sessão em benefício do Tênis Club de Passo Fundo. “Após o intervalo, o flautista Victor Neves, que se encontra nesta cidade em tournée artística, executou músicas de sua autoria, acompanhado ao piano pela senhorita Loura Eichenberg” (ON nº 355, de 28-11); 01-12 – anúncio para breve do filme *Titanic* ou *A Tragedia dos Mares*, da Fox, com George O’Brien, Virginia Valli e Farrel MacDonald (ON nº 356, de 01-12); 22-12 – apresentação da “Troupe Tic-Tac” (ON nº 362, de 22-12).

Em 1929 o Coliseu abriu a temporada com três conferências. A primeira foi a 04-

01, com o renomado higienista Belisario Pena. (ON nº 366, de 03-01-29.) No dia 25-01 o líder oposicionista Assis Brasil dissertou sobre *A Política Nacional*. A solenidade foi aberta por Lacerda de Almeida Júnior e reuniu um grande número de partidários e situacionistas. A brilhou o evento a Banda de Música do 8º R.I. (ON nº 375, de 26-01-29.) A 1º-02 o poeta espanhol Francisco Villaespesa proferiu a conferência *El Alma de la Rasa*, acompanhada de recital poético. (ON nº 376, de 29-01 e nº 377, de 31-01-29.)

Uma crítica a Villaespesa, publicada por Celso Fiori, na Gazeta, redundou em polêmica com Maria Helena Rodriguez, filha do cônsul do Uruguai, Medardo Rodriguez, que fez a defesa do poeta n' O Nacional.

Dirigido pelo maestro Ernesto Dreyer, o Conservatório Passo-Fundense de Música realizou um concerto no Coliseu na noite de 06-02-29. Programa: "I Parte. 1. Hino Nacional; 2. sr. e sra. Behrends – Canto Inglês (Última Rosa) – violino e piano, resultado de 3 meses; 3. Sta. Elly Ely – Andante de uma Sonata – piano – Clementi; 4. Sr. A. Possa – Canto da Noiva, Op. Lohengrin – violino – Wagner, resultado de 5 meses, acompanhado ao piano pela sta. Luisa Blanco; 5. Sr. Bassuino – Romanza –

violino – Dreyer, resultado de 3 ½ meses, acompanhado ao piano pela sta. Iracema Dreyer; 6. Sta. Elly Ely – Ária da Op. Martha – violino – Flotow, resultado de 5 meses, acompanhada ao piano pela sta. Iracema Dreyer; 7. Sta. Ida Della Mea – História de Hoffmann e Serenata – violino – Schubert, acompanhada ao piano pela sta. Carmen Costa; 8. Sr. Guilherme Günther – Cantos Suíços – violino – Gungl, acompanhado ao piano pela sta. Luisa Blanco; 9. Theo Schreck – Fantasia da Op. Rigoletto – violino – Verdi – acompanhado ao piano pela sta. Luisa Blanco. II Parte. 10. Sta. Iracema Dreyer e maestro Dreyer – Sonata – mi menor – piano e violino – Mozart; 11. Sta. Carmen Costa – Noturno – piano – Leybach; 12. Sta. Luisa Blanco e maestro Dreyer – Sonata – fá maior – piano e violino – Beethoven; 13. Sta. Iracema Dreyer – Improntu – lá bemol maior – piano – Schubert; 14. Sta. Luisa Blanco – Grande Fantasia da Op. Traviata - piano – Verdi/Schmith; 15. Maestro Dreyer e sta. Iracema Dreyer – Grande Fantasia da Op. O Guarany – violino e piano do nosso querido e genial Carlos Gomes; 16. Meditação sobre um Prelúdio – Bach – Gounod – violinos: stas. Elly Ely e Ida Della Mea; srs. Theo Schreck, G. (Guilherme) Günther, J. Bassuino, A. Possa, O. (Oldemar) Behrends, A. Schuitz, F. (Francisco) Ely e maestro Dreyer. Piano: Sta. Iracema Dreyer. Harmonium: sta. Luisa Blanco. Todas as

peças foram estudadas com o maestro Ernesto Dreyer.” (ON nº 378, de 02-02-29.)

Elle Ely foi proclamada Miss Passo Fundo no final do mesmo mês. Iracema Dreyer, neta do maestro, era deficiente visual. Tornou-se pianista profissional. Ida Della Mea foi atriz amadora, coreógrafa, folclorista, aviadora. Participou do grupo de teatro dirigido por Edmundo Cardoso (Santa Maria) e foi aluna da extraordinária dançarina Lia Bastian Meyer (Porto Alegre). Formou-se em educação física e acordeão, teoria e solfejo. Dedicou-se ao ensino. Reside em Passo Fundo.

A 15-04-29 apresentou-se no Coliseu outra cantora lírica em início de carreira, Ubaldina Bicca. (Gazeta nº 53, de 20-04-29.)

No final de abril de 1929 aqui esteve pela primeira vez Annita Itália Garibaldi, neta do casal de heróis. A 29-04, às 20h, realizou no Coliseu a conferência denominada *A Vida de Garibaldi*. Segundo O Nacional, “a conferência foi ilustrada e a conferencista, com grande facilidade que tem de falar e exprimir-se em público, conseguiu prender a atenção da assistência”. No encerramento foi calorosamente aplaudida por um grande número de pessoas. A apresentação ficou a cargo de Antonino

Xavier. A finalidade da visita era recolher material para um livro sobre o avô. Hospedou-se no Hotel Avenida, de Pedro Barreiro. (ON nº 412, de 27-04-29; e nº 413, de 30-04-29.)

Em outubro de 1931, novamente de passagem pela cidade, Annita Italia Garibaldi foi homenageada pela Sociedade de Medicina de Passo Fundo, sessão extraordinária realizada no dia 11-10, início às 18h. (ON nº 1042, de 09-10-31; e nº 1044, de 12-10-31.)

Annita (1878-1962) era filha do general Ricciotti Garibaldi e de Constance Hopcraft Garibaldi. Participou da 1ª grande guerra como enfermeira. Sua obra, *Garibaldi en América*, foi publicada em 1930, no Uruguai. A edição brasileira é de 1931.

Uma década antes de Itália, precisamente no dia 22-09-1919, proferiu conferência no Cinema Central a pensadora anarquista Belén de Sárraga (1873-1951): “Em trânsito para o Norte, chegou a esta cidade, pelo trem de ontem, a extraordinária escritora d. Belen de Sarraga, espanhola, que há dias se fez ouvir em Porto Alegre, em uma série de brilhantíssimas conferências sociais, conquistando aplausos de grande

significação para o seu mérito intelectual comprovado através da sua passagem pelo nosso Continente, aos grandes centros onde sua palavra mágica se fez ouvir ao serviço do espírito liberal, de que é cultora fervorosa. Na próxima segunda-feira, far-se-á ela ouvir nesta cidade realizando às 20 ½ hora, no Cinema Central, uma conferência tendo por tema “A Missão Social da Mulher”, trabalho este já consagrado pelo seu mérito, e que, portanto não poderá deixar de ser aplaudido pelo nosso público. A VOZ DA SERRA cumprimenta a ilustre pensadora, augurando-lhe o mais franco sucesso em nosso meio.” (A Voz da Serra nº 186, de 20-09-19.)

“Belén de Sárraga se hizo célebre por sus posturas anticlericales y anarquistas y enfrentó numerosos procesos judiciales, atentados y la censura de sus libros”. (Marks, Camilo, *Una Mujer Colosal*, in *Qué Pasa*, ed. de 06-05-2000.) Fundadora da Associação do Pensamento Livre, Belén dirigiu congressos internacionais sobre a liberdade de consciência em Paris (1900), Roma (1902) e Buenos Aires (1906). Criou em Málaga o periódico “La Conciencia Libre”, com tiragem de 20.000 exemplares. Em 1900 mudou-se para o Uruguai. Percorreu a América latina fazendo conferências. Depois da 1ª Guerra Mundial uma conspiração de silêncio envolveu a sua pessoa e a sua obra.

(Idem.) Mereceu um livro: *Belén de Sárraga: Precursora Del Femenismo Hispanoamericano*, escrito por Luis Vitale e Julia Antivilo. (Cesoc Ediciones, Chile, 2000.)

A falta de boas opções de teatro esgotou a paciência da crítica: “O Coliseu apresentou-nos a troupe Trá-Lá-Lá (07-05-29) que manda a franqueza que se diga, pouco ou nada agradou. Assim, não se interrompeu com essa estréia a inexistência do teatro entre nós que já perdura há muitos anos. Acreditamos, porém, que o nosso ambiente permite já a vinda até aqui de alguma companhia boa, ou, pelo menos, de algum elenco artístico de qualidade. É certo que conseguir-se isso não é fácil, pois as pequenas cidades como a nossa não são do gosto dos que se salientam na arte; não seria mau porém que a empresa do Coliseu fizesse algum esforço neste sentido, para este inverno. De nossa parte, daremos todo o apoio a qualquer iniciativa desse gênero e não duvidamos de um provável auxílio da municipalidade, caso necessário e razoável, bem como da franca acolhida da nossa população. O essencial é que tivéssemos alguma coisa que ver e ouvir no teatro local que se parecesse com a boa arte teatral, fora das projeções cinematográficas. O saudoso sr. Della Méa conseguiu certa vez dar com a Companhia Clara Weiss em Passo Fundo.

Não sabemos como esse milagre pode acontecer e de que forma se realizou esse fato estupendo que nunca mais se repetiu. É entretanto animador para a atual empresa do Coliseu.” (ON nº 416, de 09-05-29.)

“O TEATRO EM PASSO FUNDO.

Razões de sua inexistência. A nossa platéia prefere os cavalinhos, os jecas-tatus à opereta. O favoritismo campeia. A ação da Empresa Coliseu. A propósito de uma vária que publicamos em nosso número atrasado, recebemos a seguinte carta do dr. Ney de Lima Costa que é um estudo completo e sintetizado da nossa vida teatral. Contém essa missiva verdades que saltam aos olhos, pelo que a publicamos com o máximo prazer, agradecendo de passagem, as bondosas referências finais à nossa folha. Passo Fundo, 10 de maio de 1929. Ilmo. Sr. Redator do ‘O Nacional’, N/Cidade. Saudações. Lemos, como de costume e com a atenção que nos merece, o conceituado jornal ‘O Nacional’ de 9 do corrente, e pedimos vênias a essa ilustre redação para opor alguns reparos à sua local referente ao Coliseu e que atinge a atual empresa. A nossa empresa, sem menosprezar as suas antecessoras, é a que mais se tem preocupado com a vinda a esta cidade de números, troupes e companhias. É bem verdade que o querido e saudoso amigo Florencio Della Méa, fundador do Coliseu,

proporcionou à pequena, porém culta platéia passo-fundense, belas noites de arte com a Companhia Clara Weiss; mas, não é menos verdade que a atual empresa do Coliseu também tem proporcionado excelentes noitadas de arte ao povo culto desta terra, entre outras iniciativas a da vinda da Companhia Nacional de Operetas, com Vicente Celestino. Vejamos, porém, as condições que as empresas aludidas fizeram esse 'milagre', como diz ‘O Nacional’. É simples a explicação: Florencio Della Mea arrendou o Coliseu a razão de 200\$000 mil réis por noite, sem maior compromisso, à Companhia Clara Weiss, correndo por conta desta toda a responsabilidade das funções; a atual empresa contratou a Companhia Nacional de Operetas para cinco funções a razão de 2:500\$000 por espetáculo, correndo por conta do empresário as despesas de viagem de Santa Maria a esta cidade e vice-versa, as quais atingiram a cifra de 8:000\$000; conseqüentemente - vinte contos de réis as cinco funções e os espetáculos ‘extras’ a razão de 40% da renda bruta para o Coliseu. Os espetáculos de assinaturas, em número de cinco, tiveram boa concorrência e os ‘extras’ fracassaram. A empresa conseguiu quase 11:000\$000 em assinaturas, mas desta importância recebeu mais ou menos dois terços, pois o restante... até hoje! A empresa em uma palavra, com a vinda da excelente Companhia Nacional de Operetas a esta cidade, teve prejuízo de

2:700\$000 e que seria de 5:200\$000, se o então intendente sr. Armando Annes não a auxiliasse com a quantia de 2:500\$000. Se a Companhia Clara Weiss não seguisse para o norte do país por via férrea, estamos certos que o saudoso amigo Della Méa não teria o prazer de fazê-la trabalhar no Coliseu, salvo se quisesse trazê-la diretamente, sujeitando-se aos prejuízos decorrentes da empreitada. Não pensem os incautos, isto é, as pessoas estranhas ao ingrato negócio de empresas teatrais que exista facilidade em negociações desse gênero e não pensem também que o nosso meio social corresponda aos sacrifícios para aquisições de números de arte para o Coliseu. A prova, temo-la bem frisante no seguinte fato: no dia 19 de novembro de 1925 a Companhia Nacional de Operetas fez subir à cena a belíssima opereta Princesa das Czardas, rendendo 1:332\$000, a 10\$000 a entrada; e dez dias depois, no dia 29 do mesmo mês, a troupe Jeca Tatu alcançou uma renda de 1:269\$000, a 3\$000 a entrada. Quer isso dizer, sr. Redator, que a platéia culta desta terra, e que realmente o é, ainda é bastante deficiente para corresponder aos espetáculos de arte. Zola Amaro, que é uma glória nacional, para conseguir uma renda que correspondesse às suas despesas e aos seus méritos, foi necessária uma verdadeira encenação da empresa, com banda de música e grupos de meninas, gentilmente cedidas pela provectora educacionista sra. Eulina Braga, tendo a

empresa cedido o teatro gratuitamente e despendido ainda 400\$000 de seu bolso. O tenor Camargo, também uma glória nacional, único brasileiro que faz parte da Ópera Cômica de Paris, para alcançar 1:500\$000 foi necessário os mesmos favores da empresa. Outros artistas que nos tem visitado sofreram maiores decepções, alguns dos quais tiveram que pedir recursos à empresa para pagamento de hotéis e passagens na viação férrea. É sabido, no entanto, que as companhias de cavalinhos dão preferência à nossa praça, como uma das mais rendosas do interior do Estado. No entanto a empresa do Coliseu, que além da sua função comercial, sentiu-se no dever de concorrer tanto quanto possível para a cultura do povo desta terra, não desanima e sente-se esperançosa no futuro. Tanto isto é verdade que, mau grado o seu prejuízo nesse particular, sempre tem procurado negócios com boas companhias. Procópio Ferreira pediu para vir a Passo Fundo, além da garantia de 3:000\$000 por espetáculo, passagens e mais despesas de Porto Alegre a esta localidade e daqui à praça que lhe fosse possível entabular negociações. Sarah Nobre pediu a garantia de 2:000\$000 por função, além das despesas de transporte. Tentamos assinaturas, mas o sr. Dario Machado, encarregado pela empresa, depois de várias tentativas, desanimou. Vicente Celestino, da segunda vez que veio ao sul, pretendeu, a convite da empresa, estrear nesta cidade, de

passagem para Porto Alegre, mas os empresários da capital não admitem que as companhias, tanto as que viajam por via férrea como por via marítima, façam suas estréias a não ser em Porto Alegre. De Bagé, Vicente Celestino procurou negócios conosco, mas exigia que Passo Fundo empresasse Cruz Alta, garantindo 2:000\$000 por função. Com a própria Clara Weiss, na sua última tournée pelo Estado, estivemos em negociações, mas devido às suas exigências, de Porto Alegre foi forçada a seguir para Florianópolis, porque nenhuma das praças do interior e mesmo do litoral a puderam suportar. Não culpamos de todo as companhias as quais são forçadas a pedirem preços altos às empresas, devido, principalmente, aos seguintes fatores: a) Preços elevadíssimos das tarifas ferroviárias visto só gozarem o abatimento de 75% as companhias estrangeiras empresadas por Paschoal Segretto, feliz argentário do Rio de Janeiro; b) fabulosos impostos da União, Estados e Municípios sobre todas as diversões e, principalmente, as teatrais; c) nenhuma subvenção dos poderes públicos que só costumam subvencionar companhias estrangeiras, conforme a ‘natureza’ dos empresários, geralmente sócios de políticos sem escrúpulos, no Rio de Janeiro; d) deficiência de platéia culta na maioria das cidades do interior do Estado. Com esses esclarecimentos queremos, sr. Redator, tão somente trazer à lume a verdade, porque a

empresa do Coliseu não tem conseguido boas companhias para esta cidade, como bem merecia a pequena, porém culta platéia passo-fundense não visando, de forma alguma, ferir suscetibilidades de quem quer que seja. Queria sr. Redator, com a publicação das linhas acima, aceitar os protestos de elevada consideração e que sempre merece a imprensa séria e que verdadeiramente zela pelos interesses coletivos. Pela Empresa do Coliseu, *Ney de Lima Costa.*” (ON nº 418, de 16-05-29.)

A 11-05-29, enquanto o Coliseu anunciava *O Crime da Mala*, o CINE THEATRO CENTRAL, Empresa Santos e Gallarza, era reaberto no mesmo endereço da Avenida Brasil. (ON nº 417, de 11-05-29.)

A 23-05-29 a exibição de *Miss Brasil* decepcionou a platéia do Coliseu: “O filme *Miss Brasil*, focado segunda-feira última no Cine Coliseu, nem a todos agradou, e o motivo desse desagrado não se prende à confecção do trabalho cinematográfico, mas sim à incompreensível e injustificada ação cometida por alguém, que cortou aquele filme, deixando-o sem o fim, ao qual foi aditada uma parte, que está saltando aos olhos de todos, que foi confeccionado neste Estado. Nem parece que somos um povo culto, para que os empresários daquele filme, neste Estado, tivessem o descaso de

exibi-lo amputado, com, talvez, o ingênuo propósito de ser agradável ao público gaúcho. Devemos protestar, como de fato protestamos, em nome da culta população de Passo Fundo, contra o ato absurdo e inconfessável, dos empresários daquele filme, que aqui o exibiram com falta de parte, na qual se veria, naturalmente, a escolhida pelo conselho encarregado pela ‘A Noite’, para representar a mais bela brasileira no concurso de Galveston. Preciso é, que os empresários daquele filme, saibam de uma vez por todas, que nós, rio-grandenses, não somos ignorantes nem boçais, ao ponto de nos ser agradável a ocultação de determinadas coisas e fatos, que deveriam ilustrar o nosso espírito, a respeito do que se assoalha, em desabono de algumas pessoas e grêmios. À empresa do Cine Coliseu, perante a qual lavramos aqui o nosso formal protesto, pelo fato acima exposto, cumpre o dever de dar ciência aos referidos empresários, das reclamações e protestos, que juntos aos nossos, tornamos público, por este meio.” (ON nº 421, de 23-05-29.)

Observações sobre o comportamento dos rapazes aparecem na *Seção Feminina*, inaugurada no jornal O Nacional em junho de 1929, consistente na troca de bilhetes entre *Miss... Teriosa*, *Miss... Anthropa* e *Miss... Celanea*: “Quereis saber o que penso

do costume que tem os jovens desta terra, de ficarem em pé, na platéia do Coliseu? Francamente, miss, aquilo irrita-me os nervos! Fico desconsolada toda a vez que vou ao Coliseu e tenho a infelicidade de, na platéia, ficar com o ‘paredão’ na minha frente. A gente fica de tal modo sitiada, que nem tem para onde olhar! Além disso, os jovens que assim procedem ficam, sem o saber, muito... vistos... (*Miss... Teriosa*, bilhete à *Miss... Celanea*. ON nº 434, de 27-06-29.) “Estou solidária convosco, quanto ao costume de muitos rapazes ficarem em pé na platéia do Coliseu; esse hábito, que não é de hoje, é muito desagradável a meu ver e devido a ele, fui obrigada a abandonar a platéia, há já muito tempo, só ocupo as frisas ou camarotes e o mesmo aconselho à miss. (*Miss... Anthropa*, bilhete à *Miss... Celanea*. ON nº 435, de 29-06-29.) “Os tais do cinema, (...) o sítio que eles nos fazem é simplesmente ridículo e eles não compreendem isso e nem percebem que o namoro barato em certo meio é uma pretensão daquelas ‘que quando não matam, aniquilam...’” (*Miss... Celanea*, bilhete a *Miss... Teriosa*. ON nº 436, de 02-07-29.)

A curiosidade em torno do cinema falado provocava especulações: “Quando teremos entre nós o cinema falado? Não imaginas como tenho curiosidade em conhecê-lo! Há de ser uma beleza, uma fita

assim. Mas preocupa-me uma coisa: eu, que tenho uma paixão das grandes pelo admirável Edmund Love, não irei ter uma decepção com a voz dele? Talvez fosse preferível que eu não assistisse fitas em que esse galã fosse intérprete. Mas a minha curiosidade é justamente pelas fitas de Edmund. Oxalá elas não venham desiludir-me. (*Miss...Anthropa*, bilhete à *Miss...Teriosa*. ON nº 439, de 09-07-29.)

Em maio de 29 noticiou-se a estréia no Coliseu da Troupe Chilena de Arte Moderna Sarita Barrie, (ON nº 419, de 18-05-29.) A 09-07-29, também no Coliseu, apresentou-se o “mago humorista espanhol” Reynaldo de La Paz, que repetiu a dose na noite seguinte, durante os intervalos do filme *Uma Viagem Acidentada*, da MGM. A 10-07 a atração do Central foi a comédia *Turibio Ronca Acordado*, pela Companhia Ignez Déa, programa duplo com o filme *Conde Charolais*, drama em 7 partes. (ON nº 440, de 10-07-29.)

Outras troupes estrangeiras estiveram por aqui em 1929: “Conjunto típico argentino Andreoni. Dará três espetáculos no Coliseu. Variadíssimo repertório de sambas, tangos cantados, tocados e coreados, estreará hoje (...)”. (ON nº 441, de 13-07-29.) “Amanhã – elenco, “Os Boricuas”, grupo de artistas especializados

em tangos argentinos cantados e dançados; cenas de ‘far-west’ e caracterizações sensacionais.” (ON nº 452, de 13-08-29.) “CENTRAL: Também este popular cinema tem tido nestes últimos dias boas casas e isto devido aos bons filmes que ali se tem exibido como por exemplo *Horas que Voltam*, um primor de cinematografia e vários outros, além disso tem tido franco sucesso o trio espanhol Les Maroc e Luiza de Lerma, que, aqueles como excêntricos e cantores e esta como bailarina, são artistas de real mérito. Para hoje o Central anuncia o filme intitulado *O Satanaz* e novas estréias do Les Maroc.” (ON nº 452, de 13-08-29.)

A 22-08-29 o Central promoveu um festival em benefício do Les Maroc e Luiza de Lerma, que tiveram os cenários e o guarda-roupa danificados em razão das chuvas. A troupe seguiu para Carazinho. (ON nº 456, de 22-08-29.)

“A nossa cidade de quando em vez, para não dizer, seguidamente, é assediada por gente de teatro, apresentando-se como artistas. As empresas locais, mais pelo amor ao próximo do que por outros fins, aceita-os. O povo todavia sente-se mal. Ainda há poucos dias atrás tivemos o ‘homem das cem gaitas’, os Boricuas, os Trá-Lá-Lá os Maroc que salvo a bailarina que os acompanhava, o resto estava muito aquém da nossa cultura

teatral e dos desejos do povo. Sem a exigência da perfectibilidade, todavia, não fizemos de entrelinhas, os nossos propósitos. Conquanto achemos justo que as companhias teatrais para atuar no nosso meio social, encarecem sacrifícios do povo, nos inclinamos a concordar que nem por isso, esse mesmo povo esteja disposto a ver e ouvir gente sem mérito algum. Os senhores empresários teatrais devem resistir aos ímpetos do coração, não permitindo que subam à nossa ribalta essa gente sem escrúpulos que anda a explorar o povo pacato e generoso. Os grandes filmes exibidos aqui, bastam para empolgar o povo.” (Gazeta nº 74, de 31-08-29.)

Em agosto de 1929 a disputa pela exibição do filme *O Passaro Negro* acabou na Justiça: “Ilmo Sr. Dr. Juiz Distrital. O Cine Teatro Coliseu, pelo seu proprietário infrafirmado, vem respeitosamente à presença de V. S^a. dizer o seguinte: Que, entre outros, Eurico Grund, estabelecido em Porto Alegre com agência de filmes cinematográficos, loca seus filmes para o Cine Teatro Coliseu, desta cidade, onde são exibidos na razão de um programa por semana; Que, como se vê pelo documento incluso, entre outros filmes, foi programado para princípios deste mês a película ‘O Passaro Negro’, com os artistas Noah Beery e Mrs. Wallace Reid; Que, como de

costume, em anúncios constantes, diários, nos programas e na tela dessa casa de diversão, foram feitos reclames do aludido filme aos habitués do Cine Teatro Coliseu, como se verá pelos avulsos inclusos; Que, ontem à noite, chegou da Capital do Estado à Estação da Viação Férrea local, um volume contendo o pré-citado filme, tendo sido, porém, arrebatado por um empregado do Cinema Central desta cidade, casa de diversão que está anunciando para muito breve, em seus cartazes expostos à frente do prédio respectivo. Isso posto, parece que o remédio, na espécie aludida, é a restituição de posse do filme pré-citado, na forma dos artigos 506 do Cód. Civ. Brasileiro e 536 do Cód. Proc. Civ. Com. do Estado. Já dizia o grande Ihering que a ação possessória é um verdadeiro baluarte garantindo ao proprietário contra todos aqueles que invadem a exterioridade do seu direito. Perdida a posse do filme, perda ‘corpore et animo ou solo corpore’, como bem disse Tito Fulgencio, significa, como no caso em tela, extravio, descaminho, desvio, ferindo os direitos do possuidor que deixou de se comportar como dono, de utilizar economicamente a propriedade. Aquele que se apodera clandestinamente, por dolo, de uma coisa é obrigado a restituí-la ao possuidor precedente, direito esse consagrado em todos os códigos cultos. É sabido que o locador, durante a locação, é um verdadeiro possuidor em nome próprio,

podendo usar dos remédios possessórios, conforme preceitua o art. 486 do Cód. Civil. Trata-se, pois, não resta dúvida, de um direito líquido do requerente, que solicita de V.S^a, confiado nos atos de justiça que o tem caracterizado no exercício de seu cargo, a restituição incontente do filme aludido que se acha no depósito do Cinema Central, à Avenida Brasil, feito o que, seja citado o proprietário desse cinema Sr. Pedro dos Santos, para comparecer a primeira audiência ordinária desse juízo, para se defender e prosseguir na causa, na forma e sob as penas da lei. Havendo, como é lógico, urgência da medida, solicita-se do Ilustre e Nobre Dr. Juiz Distrital, no interesse da eficácia do pedido: a) que funcione no feito o serventuário do 2º Cartório Cível e Crime, devido ao acúmulo de serviço do 1º Cartório, independente de distribuição, na forma do art. 202 do Cód. De Processo, que corresponde, no projeto ao artigo 230: ‘Podem, outrossim, dispensar a distribuição as causas preparatórias ou preventivas, assim como quaisquer outras diligências urgentes; b) dispensa do pagamento da taxa judiciária no início, obrigando-se o requerente a fazê-la antes da audiência da propositura da ação. Neste termos, P. que A esta e os documentos juntos e proceda-se como de direito. Dá-se à presente causa o valor de quatrocentos mil réis. Passo Fundo, 09 de agosto de 1929. (a) *Ney de Lima Costa.*” (Autos do processo.)

Deferido o pedido, pelo Juiz Distrital Antonio Carlos César, o capitão Pedro dos Santos se recusou a entregar o filme, tendo sido lavrado um auto de resistência e solicitado o auxílio da força pública para o integral cumprimento do mandado. No dia seguinte, através do advogado João Junqueira Rocha, a ação foi contestada nos seguintes termos: “Ilmº Sr. Dr. Juiz Distrital. O capitão Pedro dos Santos, por seu procurador, vem expor e requerer a V.S^a o seguinte: Que ontem à tarde foi cientificado pelo sr. escrivão do 2º cartório do cível e crime de um despacho de V.S^a ordenando a expedição de mandado de restituição de posse a favor do sr. Ney de Lima Costa, proprietário do cine teatro Coliseu, do filme cinematográfico intitulado ‘O PASSARO NEGRO’; que, como se vê da petição inicial e de cartas que juntou o requerente, este nunca teve posse da referida película, e apenas correspondência com Eurico Grund, agente em Porto Alegre, que fornece filmes para as praças do interior; que sendo o suplicante também proprietário de cinema nesta cidade, recebeu de Porto Alegre o filme ‘O PASSARO NEGRO’, remetido pela firma Mario Limeira & Cia., como se vê da abundante correspondência que ora exhibe; que o requerimento do sr. Ney de Lima Costa, além de capcioso, contém ainda a afirmação inverídica de que o suplicante teria retirado da Viação Férrea o filme

endereçado a ele, Ney, quando é certo que veio endereçado ao suplicante; que não havendo o sr. Ney de Lima Costa provado sua posse sobre o filme ‘O PASSARO NEGRO’ (pelo contrário, declara que apenas tinha uma promessa de arrendamento), nem o esbulho, o despacho que ordenou a restituição é contrário à lei; que, como se lê em Tito Fulgencio – ‘Da posse e das Ações Possessórias’ – e em Octavio Kelly – ‘Manual de Jurisprudência Federal’ – são acordes os tratadistas, e os tribunais assim têm decidido, ‘o juiz faz esbulho e a lide sua si, sem guardar a ordem da lei de administração da justiça, manda expulsar o possuidor e dar posse a outro’. E nestas condições, o suplicante REQUER que, de conformidade com o art. 508 do C. de Proc. Civil, digne-se V.S^a revogar o despacho prolatado na petição inicial, à vista dos documentos ora exibidos, e até que o autor prove regularmente o alegado. E. J. D. Passo Fundo, 10 de agosto de 1929. (a) *João Junqueira Rocha.*” (Idem.)

Entre os documentos juntados por Ney de Lima Costa encontram-se duas correspondências recebidas do distribuidor de filmes cinematográficos Eurico Grund, com endereço na Rua dos Andradas, 1287, 1º andar, em Porto Alegre. Na primeira, datada de 12-06-29, Grund disse que passaria a fornecer filmes para esta região a

partir do mês de julho, já tendo fechado negócios com as melhores praças da Serra. Colocou à disposição os seguintes filmes: O PASSARO NEGRO, O CHASSEUR DO MAXIM’S, PRAZERES DOS RICOS, CARMEN (por Carlitos), O MASCOTE, EM BUSCA DE UMA HERANÇA, ONDE ESTÁ MINHA MULHER, AMOR REGENERA, A DAMA DE CETIM, MUSA DE TANGO, JOELHOS À MOSTRA, CAVANDO A VIDA, considerados de “linha”, isto é, que estavam sendo lançados na Capital, em “première”, nos Cinemas Guarany e Central; e os “fora de linha” MME. RECAMIÈR, DOM QUIXOTE e SANTA THEREZINHA DO MENINO JESUS. Solicitou informações sobre datas e formas de pagamento, deixando os valores em aberto. Na segunda carta, de 21-06-29, organizou a programação da seguinte maneira: 23-28 de julho – PRAZERES DOS RICOS, com Mary Carr e Jack Mulhall; 30 de julho-04 de agosto – O PASSARO NEGRO, com Noah Beery e Wallace Reid; 06-11 de agosto – O CHASSEUR DO MAXIM’S, com Nicolas Rimsky; e 13-18 de agosto – CARMEN (POR DETRAZ DA TELA), com Charles Chaplin. Esclareceu que os filmes aqui chegariam às terças-feiras, procedentes de Ijuí ou Santo Ângelo, ficariam em poder do proprietário do COLISEU pelo prazo de cinco dias e posteriormente seriam devolvidos ou remetidos à praça

determinada. Quanto às condições de pagamento, Grund recusou a oferta de trabalhar em percentagem, alegando não estar aparelhado para a fiscalização das exhibições. Propôs o aluguel, no valor de cento e cinqüenta mil réis por filme, sem classificação, condições “camaradas”, segundo ele. Remeteu uma música do filme MUSA DE TANGO, informando que a primeira parte da película possuía “várias cenas lindamente coloridas” e que iria fazer sucesso aqui, como estava fazendo de momento em Pelotas. Disse que o filme SANTA THEREZINHA DO MENINO JESUS era o mesmo exibido nesta praça um ou dois anos atrás, pelo distribuidor Guedes, sugerindo que uma reprise ainda daria ótimo resultado. Por fim, comprometeu-se a remeter, com antecedência, o material de propaganda. Os demais documentos juntados, dois prospectos e um memorando, ambos do Coliseu, não só impressionam pela simplicidade e bom gosto, como também testificam a criatividade empresarial de Ney de Lima Costa. Os prospectos não se limitam ao anúncio do filme, acrescentando avisos e oportunidades de negócios. O memorando, personalizado, traz à esquerda o texto “Ruy e o Cinema”, extraído de um discurso de Ruy Barbosa no Senado. (idem.)

Na contestação, Pedro dos Santos juntou duas cartas e quatro fonogramas

recebidos da Agência Cinematográfica Mario Limeira & Cia, estabelecida na Rua Vigário José Inácio, 164, Caixa Postal 148, em Porto Alegre. A primeira carta é de 19-07-29. Verifica-se, primeiramente, que o dono do Central e o agente Mario Limeira mantinham relações de amizade. Este iniciou dizendo que os preços dos patins nos bazares “A Abelheira” e “A Tricolor”, variavam entre 30\$000, 45\$, 50\$, 55\$ e até 90\$000. A seguir, recomendou a contratação do “Les Maroc”, grupo que havia estreado um dia antes, no Apolo, com agrado geral. Retribuindo os expressivos termos de amizade da carta datada de 15, disse que logo ao recebê-la procurou falar com o amigo Eurico sobre o filme O PASSARO NEGRO. Este, porém, informou não ser possível a exibição da película no CENTRAL, nos dias 27 ou 29, pois achava-se na praça de Bagé e seguiria dali para São Gabriel. Assim, só estaria disponível no mês de agosto. Encerrou dizendo que intercederia junto a Grund, a fim de evitar que ninguém além da Santos & Gallarza exhibisse o filme nesta praça. Na segunda carta, sem data, Mario Limeira já se encontrava na posse do filme O PASSARO NEGRO, bem como das demais produções da marca E.D.C. que, “conforme o negócio feito e pela transferência do contrato, serão, doravante, por nós distribuídas”. Aguardava a remessa do numerário prometido por Pedro dos Santos e destinado a Grund. Com

relação ao “Les Maroc”, acrescentou: “Estes artistas deveriam, conforme data que me foi marcada no escritório pelo chefe da troupe, estrear aí hoje, mas, como seu passe telegráfico de numerário somente recebi aqui na terça-feira à tarde, não puderam os mesmos embarcar, sendo que cresceu também estarem eles em negociações para trabalharem aqui mais uns dias. Verbalmente, eles próprios – os artistas – lhe explicarão melhor o caso, pois agora se acham em negociações com a praça de Santa Cruz. Se eles embarcassem no noturno de quinta-feira dia 1º chegariam aí muito em cima do laço para as arrumações de cenários etc. etc. Isto foi o que me alegou o sr. Maroc e eu dei-lhe razão, pois achei preferível outra data do que uma estréia precipitada, e creio que o amigo concordará comigo. Conforme fonograma que Maroc passou ao amigo eles não sabem ao certo se embarcarão para estrear aí a 10 ou a 17. Isto contrariou-me um pouco mas, pode ser que, o acontecido, venha a despertar mais interesse no seu público e aumentar depois as receitas.” Comunicou o envio dos filmes HORAS QUE VOLTAM e NÃO TE METTAS COM ELLE, ambos da E.D.C., além do material de propaganda do filme O PASSARO NEGRO, este com previsão de remessa para o dia 13 (chegou aqui no dia 08-08). Quanto aos fonogramas, o último, datado de 10-08-29, está assim redigido: “FILM PASSARO NEGRO CONFORME ROTULO DO

TUBO E ESPEDICAO ESTRADA DE FERRO REMETIDO FIRMA SANTOS E GALLARZA CINEMA CENTRAL ESSA PRAÇA RESPONDA QUALQUER COISA PARA MINHA TRANQUILIDADE – MARIO LIMEIRA. (Idem.)

Sem alternativa, Ney de Lima Costa desistiu da ação: Ilmº Sr. Dr. Juiz Distrital. A Empresa do Cine Teatro Coliseu, desta cidade, vem dizer a Vossa Excelência que, tendo sido deferido o seu pedido de restituição de posse do filme cinematográfico ‘O Passaro Negro’ que se achava em mãos do sr. Pedro dos Santos, empresário do Cinema Central, desta cidade; solicitado e concedido o auxílio da força pública para fazer cumprir o criterioso despacho de V.Sª, escudado no direito e na justiça, para decoro da própria justiça, maculada pela resistência a uma ordem legal, emanada de autoridade competente - ressaltando aos olhos de todos os que querem ver que o requerimento do advogado sr. Junqueira Rocha é evidentemente intempestivo e inepto, sob o ponto de vista jurídico, pois ao réu só lhe é facultado alegar qualquer direito no termo da contestação, que se dará depois de restituída a coisa, como determina claramente o rito processual – por tudo isso, sente-se bem a Empresa do Coliseu em desistir da presente ação, visto já ter atingido ao seu principal objetivo que é,

sem dúvida, o de dar uma lição de ética comercial ao incorreto distribuidor sr. Eurico Grund, de Porto Alegre, mancomunado com o sr. Mario Limeira. Apesar da inimizade capital e ameaçadora do sr. Pedro dos Santos, que sempre promete, em público, mandar matar o suplicante, que, de passagem, declara não se assustar de caretas – inimizade essa que data de longo tempo, mesmo muito antes do referido sr. Pedro dos Santos ter negócios cinematográficos, não alimenta a Empresa Lima Costa nenhum sentimento subalterno contra a Empresa do Cine Central, mas apenas o de implantar a moralidade necessária que falta a certos distribuidores de filmes, inescrupulosos em seus negócios. Pelo exposto, quer o suplicante desistir da ação e pede que, contados os autos, tome-se por termo a desistência, na forma da lei, intimada a parte contrária. Nestes termos, E. deferimento. Passo Fundo, 12 de agosto de 1929. (a) *Ney de Lima Costa.*” (idem.)

O capitão Pedro dos Santos e o advogado Ney de Lima Costa, mais do que concorrentes, eram inimigos de longa data. Certa feita trocaram insultos pelos jornais. Tudo começou quando Ney de Lima Costa, através da Gazeta, acusou Pedro dos Santos de tentar impedir, à força, uma transação de gado envolvendo uma sua cliente. (Gazeta nº 31, de 20-09-25.) Pedro dos Santos, em

“seção livre” no jornal O Nacional, dizendo-se vítima de fatos “que só não tomaram proporções de verdadeira calamidade, devido à interferência toda ocasional que o destino me reservara”, entre outros impropérios, chamou Ney de Lima Costa de “chantagista”, “sócio de feiticeiro” e “migromante de feira, para a exploração de viúvas ricas e desmioladas”, referindo-se também à proprietária da fazenda e ao “bruxo” que esta mantinha como conselheiro. (ON nº 29, de 26-09-25.) No dia seguinte, Ney de Lima Costa brindou o desafeto com um artigo na Gazeta intitulado “Pedruca dos Santos, falsificador, ladrão e degolador!” (Gazeta nº 32, de 27-09-25.)

A 02-09-29, sob a direção artística da professora Loura Eichenberg, os alunos do Instituto Ginásial comemoraram no Coliseu a Festa da Primavera. A programação incluía a coroação da Rainha, Leofrida Thevenet, eleita pelos colegas. (ON nº 464, de 10-09-29.)

Não faltou no Coliseu um “espetáculo cívico infantil”, realizado a 13-09. A peça encenada, *A Frente Única*, foi escrita por Renato Sá Britto, a pedido da diretora do Elementar, Eulina Braga: “A festa infantil que o Colégio Elementar Protasio Alves levou a efeito, ontem, no Cine-Theatro Coliseu, em benefício da ‘legião escoteira’,

alcançou, positivamente, franco e extraordinário sucesso. Já às nove horas a empresa do Coliseu tomava medidas no sentido de encerrar a bilheteria e proibir a venda de entradas, visto que o teatro, completamente lotado, literalmente cheio, não comportava mais a afluência de espectadores, sendo que muitas pessoas assim tiveram de voltar da porta, sem conseguir ingresso. O espetáculo teve início pela apresentação, em cena, do galhardo batalhão de escoteiros, que entoou a sua canção de marcha, recebendo fartos aplausos. Seguiu-se a exibição dos diversos números do programa, aos quais a criançada do Elementar imprimiu satisfatório desempenho, não lhes negando a platéia abundantes e entusiásticas palmas. A representação da comédia ‘A Frente Única’ teve em Ruy Braga e Auda Ciconi, a quem estavam confiados os papéis principais, dois intérpretes magníficos dos anseios liberais focalizados na peça de palpitante atualidade cívica, sendo que, por outro lado, os pequerruchos Luiz Camargo, Luthero Ávila, Marcos Gubinitzki, Pedro Pinto, Ary Gomide, Fernando Pena, João Monteiro e a menina Ida Della Méa conduziram-se, nos seus papéis, de modo a merecerem francos aplausos. Agradou imensamente a platéia a representação da comédia caipira ‘Quanto é bão vivê no matto’, na qual os petizes Waldir Ceconi, Olga Caetano, Dalva Monteiro e Raul Corá deram cabal e brilhante

desempenho aos papéis que lhes foram confiados. Dos outros números, ‘As Mulatas’ e ‘Waya Waias’, foram freneticamente bisados, tendo também impressionado agradavelmente a representação de ‘Pierrot e Colombina’, pelas pequenas Izabel e Sady Crossetti, ‘Ciganas’, bailado por um grupo de alunas, ‘Cotovias’, linda alegoria, também por um grupo de alunas, e ‘Um Sonho’, monólogo, pelo traquinas Mario Marques. Abrilhou o espetáculo, executando excelentes peças de seu selecionado repertório, a grande banda musical do 8º R.I. Em um dos intervalos, fez-se ouvir, ao violino, o sr. dr. Arnaldo Sperb que, mais uma vez, teve confirmado, nos aplausos da platéia, os seus créditos de ‘virtuose’. Foi, em suma, uma festa adorável, encantadora, de vibrante alacridade infantil, realizada, ontem, no Coliseu, a qual, na opinião de quantos a assistiram, - já pelo correto desempenho dos diversos números do programa e já pelo bom gosto dos vistosos trajes com que se exibiram as crianças, - constituiu um belo triunfo das dignas professoras do Colégio Elementar, que tiveram, destarte, coroado de êxito magnífico o nobre esforço com que procuraram cumprir a delicada missão que lhes comete o regulamento do ensino público, na parte que concerne à educação social e cívica dos alunos, mediante a realização de festivais como o de ontem, que resultou, não há negar, na confirmação

expressiva de justo renome do Colégio Elementar Protasio Alves, de Passo Fundo.” (ON nº 466, de 14-09-29.)

Renato Sá Britto, homem de múltiplas aptidões, nasceu em Montenegro, RS, a 11-01-1888, filho do jornalista, poeta e romancista José de Sá Britto (1844-1890), ligado ao Partenon Literário. Em Passo Fundo exerceu cargos públicos na administração do coronel Pedro Lopes de Oliveira. Como chefe da seção de obras, elaborou um mapa da cidade e outro do município, ambos em 1918. Em 1920 publicou o livro “*O Município de Passo Fundo. (Informações diversas, colligidas em 1920.)*” Impresso nas Oficinas da Livraria Minerva, a conclusão é de agosto de 1920. Esse trabalho encontra-se inserido no relatório apresentado pelo Intendente em 1º-11-19 e impresso pela mesma livraria em 1920. Foi também advogado (não formado), agrimensor e examinador das cadeiras de desenho e aritmética no Instituto Ginásial. Destacou-se, porém, como jornalista. Em 1920, após a derrota de Pedro Lopes de Oliveira na eleição municipal, transferiu-se com este para a oposição, onde se destacou pela combatividade. Aderiu à campanha liberal, tendo participado da comissão de sindicância no município de Chapecó, SC, em dezembro de 1930. Faleceu a 13-01-31, aos 43 anos de idade, devido a ruptura de um

aneurisma. Foi sepultado no Cemitério Municipal de Passo Fundo. Os advogados Mauro P. Machado e João Bigóis prestaram-lhe as homenagens fúnebres. O Cinema Avenida suspendeu as sessões dos dias 13 e 14, em homenagem à família. Deixou viúva, Maria Paim Sá Britto, e quatro filhas, todas menores de idade. Em fevereiro de 1932, com o auxílio de uma subscrição aberta pelas Damas de Caridade, a família de Renato Sá Britto transferiu-se para a Estação de Jacuhy, onde a viúva foi exercer o magistério junto à Cooperativa da Viação Férrea. A peça teatral *A Frente Única*, escrita de um só fôlego, foi publicada no jornal O Nacional nº 467, de 17-09-29.

O cinema mal estava saindo da fase muda e já havia quem anunciasse a sua derrocada: “A MORTE DO CINEMA. Matéria extraída da *La Cinematographie Française* - progressos da televisão – em dois ou três anos o cinema em domicílio pela rádio transmissão de filmes, será de uso corrente. A transmissão de cinema à distância é apenas uma questão de meses. Será demais pois, pensar-se que em breve o cinema em casa, pelo rádio, ocasionará a morte dos cinemas públicos? Talvez.” (ON nº 458, de 27-08-29.)

No auge da campanha eleitoral para a presidência da República, que uniu os sul-

rio-grandenses em torno do candidato Getúlio Vargas, a paixão pela causa tomou conta da coletividade. Por estas bandas, aderir ao “perrepismo” significava trair os interesses maiores da Pátria. Um simples mal entendido obrigava o cidadão a vir a público, através da imprensa, declarar fidelidade à Aliança Liberal e afastar qualquer suspeita de envolvimento com a candidatura Julio Prestes. Ney de Lima Costa, contrariando o que recomendava o bom senso, lançou-se deputado pela União Nacional.

“COMÍCIO POPULAR. Ontem à noite, na Av. Brasil, realizou-se concorrido comício, convocado do estrugir de foguetes e tendo por fim significar ou traduzir o protesto popular contra a atitude tomada pelo sr. Ney de Lima Costa que, conforme fora vulgarizado à tarde, havia aderido à candidatura Julio Prestes. No local do comício, em tribuna que fora improvisada e na qual tremulavam as bandeiras do Rio Grande e da República, falaram, sucessivamente, os srs. Eugenio Di Primio, drs. Mauro Machado, Romulo Teixeira, Ernesto Roesch e doutorando Mozart Moraes, cujos discursos foram vibrantes e fartamente aplaudidos. A final, encerrando o comício, falou, a pedido, o sr. Francisco A. Xavier e Oliveira, que o deu por findo. Assim terminado o ato, a grande massa

popular que o assistira, se dirigiu à Praça Marechal Floriano, onde, chamados por ela, falaram o dr. Lacerda de Almeida Junior e o doutorando Mozart Moraes (...). Verificou-se, aí, ruidosa manifestação de desagrado à frente do Coliseu, do sr. Ney, que na ocasião estava no mesmo e foi cercado pelo sub-chefe de polícia dr. Prado Sampaio e pelo delegado, sr. Brasilico Lima, com os quais se achavam um grupo de praças da guarda municipal, comandada pelo sargento Hilario de Freitas e que, assim, procuraram garantir o alvo da indignação do povo.” (ON nº 487, de 09-11-29.)

No domingo, dia 10-11-29, Ney de Lima Costa foi enterrado simbolicamente pelo povo: “MANIFESTAÇÃO POPULAR, DE DESAGRADO. As manifestações de desagrado pela adesão do sr. Ney de Lima Costa à causa negregada do prestismo, repetiram-se domingo último, de modo altamente significativo, por iniciativa do Comitê Antonio Carlos, e com o concurso de quase toda a população da cidade que, aplaudiu a sugestiva manifestação de caráter puramente humorístico. Sábado à noite o comitê fez distribuir pela cidade um convite tarjado, convidando para um enterro que se realizaria, no domingo, às 15 horas da tarde. Atendendo ao convite, desde às 16, começou a afluir à Praça Tamandaré, grande número de pessoas, inclusive famílias, que foram

assistir à organização do préstito que devia percorrer a Av. Brasil até a Praça da República, e daí vir para a Praça Marechal Floriano. O préstito organizado tinha à frente uma vaca coberta de pano com dizeres burlescos e chamava-se Banco do Brasil; junto também vinha um bode preto que sem trazer quaisquer dizeres, tinha entretanto, para o povo, uma representação significativa. Vinha depois cercado por quatro tochas com velas acesas, o caixão preto coberto de dizeres, e ainda muitos cartazes suspensos com dizeres burlescos alusivos ao simulado morto. Cerca de duas mil pessoas acompanharam essa estrondosa manifestação, demonstrando a repulsa do povo contra os que o traem neste momento de ardor cívico. Na Praça da República fazendo o panegírico do morto moral falou o sr. Curio de Carvalho, desfilando após a enorme massa, acompanhando o féretro com grandes lamentações, soluços e assovios até a Praça Floriano, onde depois de terem falado vários oradores foi queimado o caixão, assim como todos os cartazes fazendo-se uma enorme fogueira. A manifestação de ontem tornou-se assaz expressiva pela demonstração do sentimento liberal do povo de Passo Fundo que, deu nesse ato uma prova de quanto sente esta hora de patriotismo que atravessamos.” (ON nº 488, de 12-11-29.)

Nos dias que se seguiram, o Coliseu permaneceu fechado. A 13-11, Angelo Pretto, o proprietário do prédio, através do advogado José Dario de Vasconcellos, ajuizou uma ação de despejo contra Ney de Lima Costa. Este havia adquirido o cinema de João De Cesaro em 1925, tendo renovado o contrato de arrendamento do imóvel em 1926, nos seguintes termos: “Escritura de arrendamento que faz Angelo Pretto e o Dr. Ney de Lima Costa como abaixo se declara: Saibam quantos esta pública escritura de arrendamento virem, que no ano de mil novecentos e vinte e seis, aos dez dias do mês de março, nesta cidade de Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul, neste cartório as partes entre si justas e acordadas, a saber: de uma parte Angelo Pretto e de outra parte, o Dr. Ney de Lima Costa, residentes nesta cidade, reconhecidos pelos próprios do Notário, de mim ajudante e das testemunhas adiante declaradas e no fim assinadas, do que dou fé, e logo por Angelo Pretto foi dito que dava em arrendamento, ao referido Dr. Ney de Lima Costa, uma casa, respectivo terreno e mais benfeitorias, situada à Praça Marechal Floriano, desta cidade, onde faz frente ao Nascente; ao Sul, e ao Norte, divide com casas e terrenos do mesmo Angelo Pretto e ao Poente, com terrenos de Josino Marques; o arrendamento é pelo prazo de cinco anos, a quinhentos mil réis por mês, pagos mensalmente a começar de 1º de janeiro de 1927, terminando dito prazo a

trinta e um de dezembro de mil novecentos e trinta e um e o rendeiro está estabelecido com um cinema e outras diversões, ficando obrigado pela conservação do prédio, salvo força maior e o rendeiro tem o direito de arrendar dito imóvel, ficando sempre responsável por esse contrato e quando for entregue dito imóvel, se não houver outra combinação, o rendeiro é obrigado a retirar os camarotes e arrumar as paredes onde estão os camarotes e o rendeiro é obrigado a pagar as décimas, seguro contra fogo e qualquer imposto Municipal, e durante o prazo do arrendamento, Angelo Pretto terá um camarote grátis, para si e pessoas de sua casa e findo o prazo de cinco anos, por preço igual, o rendeiro terá a preferência para novo arrendamento; no fundo do terreno Angelo Pretto tem direito no terreno para ficar com o quintal de suas casas todo unido e o rendeiro tem direito a se servir da água do poço que existe e tem direito a uma saída ou um corredor para sair na rua Jacuhy, enquanto durar dito arrendamento, e no caso de venda do imóvel, por preço igual o rendeiro terá preferência para a compra do imóvel; fica estipulada a multa de dois contos de réis, que será paga por qualquer dos contratantes, que deixar de cumprir este contrato, seja o proprietário ou o rendeiro, ou sucessores. Pelo rendeiro Dr. Ney de Lima Costa, foi dito que aceita esta escritura, como nela se declara. Foi pago o selo proporcional, no valor de sessenta e quatro

mil réis, em estampilhas federais, que abaixo ficam inutilizadas. De como assim disseram e outorgaram, dou fé; me pediram lhes fizesse esta escritura que lhes li, aceitaram, ratificaram e assinaram com as testemunhas Conrado Rodrigues e Pio Della Méa, conhecidos de mim Horaides Fé Dornelles, ajudante do Notário, que escrevi. Eu Joaquim Pedro Daudt, subscrevo e assino. O Notário: Joaquim Pedro Daudt. Sobre sessenta e quatro mil réis em estampilhas federais. Em tempo: Pelo Dr. Ney de Lima Costa, foi dito mais, que se for reclamado por João de Cezaro qualquer fato que se relacione com o presente contrato, ou com relação ao primitivo feito entre Angelo Pretto e João de Cezaro, obriga-se o locatário Dr. Ney de Lima Costa, a discutir quaisquer direitos, que julgar ter o referido João de Cezaro, concorrendo com as despesas que para isso for necessário. Eu Joaquim Pedro Daudt, notário, escrevi. Passo Fundo, 10 de março de 1926. Angelo Pretto. Ney de Lima Costa, Conrado Rodrigues. Pio Della Méa. Nada mais consta em dita escritura, dou fé. Traslada na mesma data. Eu Joaquim Pedro Daudt, notário, conferi, subscrevo e assino em público e raso.” (Livro Quinto de Escripturas de partilhas amigaveis, divisões, arrendamentos, dissoluções de sociedade e outros contratos, fls. 48 a v., traslado juntado aos autos do processo.)

A Rua Jacuhy, desde 1922, chamava-se oficialmente Rua Independência. (Ato nº 375, de 19-08-22.)

Alegando apenas que não pretendia manter a locação, Angelo Pretto requereu a desocupação do imóvel no prazo de 30 dias e consignou em juízo o valor de dois contos de réis, correspondente à multa contratual. Citado às 10h do dia 14-11, Ney de Lima Costa transferiu o contrato a João De Cesaro que, às 14 horas do mesmo dia, requereu a averbação da transferência no Registro Especial, obrigando o locador a requerer, a 18-11, a citação deste. (A notícia da aquisição do Coliseu por João De Cesaro começou a ser veiculada na imprensa antes mesmo do ajuizamento da ação. ON nº 488, de 12-11-29.) Na 1ª audiência, a 20-11, os demandados não compareceram. Finalmente, a 28-11, o autor informou ao juízo a realização de acordo. (Autos do processo.)

Dois dias antes de vir aos autos a notícia do acordo, O Nacional publicou a seguinte matéria: “**A Questão do Coliseu.** Ao que colhemos foi solucionada, amigavelmente, a demanda judicial proposta pelo sr. Angelo Pretto sobre a locação do prédio do Cine-Theatro Coliseu. Houve acordo pelo qual este centro de diversões passou a pertencer a uma sociedade

constituída pelos srs. Maggi de Cesaro e Arthur Pretto, filhos dos srs. João de Cesaro e Angelo Pretto, interessados na demanda.” (ON nº 494, de 26-11-29.) Estava criada a Empresa De Cesaro & Pretto, da qual também participava Ernesto Formigheri.

Na mesma data em que foi noticiado o enterro simbólico de Ney de Lima Costa, Pedro dos Santos, numa jogada oportunista, alterou o nome do seu cinema para LIBERAL: “**Cine Liberal.** Atendendo a sugestões de diversos cavalheiros, o proprietário do Cinema Central resolveu mudar o nome deste centro de diversões para Cine-Liberal, tornando sua tela um veículo de propaganda das candidaturas da Aliança. (...)” (ON nº 488, de 12-11-29.)

Nomeado Promotor Público, Ney de Lima Costa aqui chegou em 1918, optando pela advocacia no ano seguinte. Eleito Conselheiro Municipal por duas legislaturas, 1920 a 1924 e 1924 a 1928, ocupou a função de Presidente do Conselho no primeiro mandato, a partir de 1922. Foi o fundador dos jornais A ÉPOCA, GAZETA e VANGUARDA. Na área da educação sempre esteve ligado ao Instituto Ginásial, onde foi inspetor de ensino. Iniciou o loteamento da Vila Cármen, assim denominada em homenagem à filha, Carmen Eichenbeg Costa, casada a 29-07-31 com

Pedro Lopes de Oliveira Filho. Nas eleições de 1930, como candidato a deputado federal pelo PRP, recebeu 12 votos. Durante a campanha eleitoral as hostilizações perduraram em frente à sua residência, na Rua General Osório, 934, com tumultos e até tiroteio. Eleito Julio Prestes, Ney de Lima Costa anunciou transferência de domicílio para a Capital Federal, colocando todos os seus bens à venda. No 3º dia de leilão, com a casa aberta à visita pública, estourou a Revolução. Chegou a ser preso pelo Comando Revolucionário. Em 1933 fundou o jornal VANGUARDA, “órgão político” ligado ao PRL. Faleceu a 21-07-33, vítima de um “derramamento cerebral”, conforme atestado médico firmado pelo Dr. Rebello Horta. Contava com 49 anos de idade. Foi ainda vice-presidente da 1ª diretoria eleita da Ordem dos Advogados do Brasil, subseção de Passo Fundo. Era casado com Percilia Eichenberg Costa. Além de Carmen, possuíam mais dois filhos, Nilton e Julio Wilson. O Instituto Ginásial fechou as suas portas e acompanhou o féretro *in totum*. A De Cesaro & Pretto, mantendo a tradição, transferiu a programação para o dia seguinte.

No final de 29, afora os costumeiros “festivais” promovidos pelos clubes e colégios, o único evento cultural digno de nota, realizado no Coliseu, foi a apresentação da cantora lírica Zola Amaro, a

30-12. No dia seguinte, Zola Amaro não recebeu do jornal O Nacional mais que dez linhas no canto da página 4: “Com grande brilhantismo realizou-se ontem, no Coliseu, o festival de arte da conhecida cantora lírica Zola Amaro. O concerto causou excelente impressão na numerosa assistência, sendo oferecida uma corbelha de flores naturais à famosa artista.” (ON nº 508, de 31-12-29.)

O concorrente, ainda ostentando o nome de Cine Liberal, programou para o último dia do ano o filme *Oriente ou As Filhas do Deserto*, da Cinegraf, em 12 partes, dirigido pelo “mestre dos mestres” Gennaro Righelli. Acompanhava o anúncio a seguinte observação: “Para este filme chama-se a atenção da distinta Colônia Síria.” (ON nº 507, de 28-12-29.)

A última ousadia do empresário cinematográfico Pedro dos Santos foi a exibição do filme *Uma Noite de Amor*, “só para homens”, nos dias 05 e 06-01-30: “Uma Noite de Amor. Trata-se de um filme criado pelo espírito mais depravado que se possa imaginar. É a passagem ante a vista do público espantado de tudo quanto de mais imoral, de mais baixo, de mais vergonhoso e torpe, como indignidade e luxúria, que os mórbidos viciados de uma grande metrópole podem descobrir e praticar. Não se trata, disse-nos nosso informante, dum desses

filmes chamados científicos, só para homens ou só para senhoras casadas, que a Polícia de Porto Alegre tolera, como ensinamento e prevenção higiênica. É a depravação, o deboche cínico, pura e simplesmente. E o que mais espanto lhe causou foi o regular número de menores que se encontravam no Liberal, os quais foram aprender ali vícios que jamais lhes teriam passado pela imaginação, por mais viciada que a tivessem. Pensamos que a polícia deve tomar prontas providências para a não repetição desses filmes. Proibir completamente essa escola de imoralidade prejudicial a menores e a maiores é o que se impõe. Nas grandes cidades a polícia controla esses filmes; fogem eles, agora, para explorar o interior. Uma noite de amor, que seja o último.” (ON nº 513, de 07-01-30.)

Esse artigo repercutiu em Boa Vista do Erechim, gorando a exibição do filme: “Boa Vista do Erechim, filme livre só para homens ‘Uma Noite de Amor’. O sr. Tenente Barreto, delegado de Polícia daquela Vila, perante este e o Promotor Público foi passado o filme, sendo imediatamente proibida a sua passagem ao público. Causou gerais aplausos naquela localidade.” (ON nº 519, de 14-01-30.)

Com o patrocínio e a fiscalização do jornal O Nacional, a direção do Coliseu

encerrou a votação de sua rainha a 13-01-30, proclamando vencedora, com 1.883 votos, Adelaide Scarpellini Ghezzi. A 2ª mais votada foi Maria Loureiro, com 352 votos, seguida de Emma Rodrigues, com 110. Somente na última parte do programa o resultado foi transmitido ao público, sendo saudado com “estrepitosa salva de palmas”. (Idem.)

A temporada lírica no Coliseu iniciou a 31-01-30, com a cantora Alayde Signorette. Acompanhou-a ao piano a professora Sybilla Fontoura, diretora do Instituto Carlos Gomes de Porto Alegre. (ON nº 533, de 30-01-30; e nº 534, de 31-01-30.)

A antiga questão do horário das sessões, assim como o uso do som mecânico, inovação introduzida pela *persona non grata* Ney de Lima Costa, entraram na berlinda em fevereiro de 1930: **“Como nos Circos de Cavalinhos. As Cantigas de Galpões.** Continuando na marcha em que vão as diversões em Passo Fundo, terão, fatalmente, que descambar para os tempos de antanho. O cinema local, não tem hora certa para iniciar as sessões, espera que a casa encha como nos circos de cavalinhos que perambulam pelas aldeias, começando, às vezes, quase às dez horas da noite suas funções. Passo Fundo que possui uma platéia distinta mereceria melhor sorte, tendo um

cinema na altura de sua sociedade. Vai algum cidadão passar alguns momentos distraído, e começa a desesperar pelo início do programa, a maior parte das vezes um filme de terceira que a empresa foge de anunciar para não afugentar os habituais, depois, espera, cansa de esperar que a casa encha, e por fim a formidável vitrola, eletrola pianola, com os discos falados, muito a gosto, dos galpões da companhia, inadequados a uma assistência culta, apreciadora da música de fato. Pobre Passo Fundo, se assim continuarem as coisas.” (ON nº 540, de 07-02-30.)

Embora acolhidas as sugestões, o artigo não foi bem recebido no Coliseu: “Atendendo as reclamações que fizemos em um de nossos números passados, a empresa do Coliseu fez, naquele centro, úteis modificações de beneficio público, consoantes nossas sugestões. Os habitués do cinema que nos trouxeram essas reclamações estão pois, satisfeitos em seus desejos. Verdade é que o sr. João De Cesaro que muita gente suspeita ser conselheiro municipal, depois de atender assim as justas reclamações públicas, disse napoleonicamente a um de nossos empregados, a propósito do jornal: - Eu faço como o dr. Vergueiro: pago e suspendo! Isso porém, não tem importância nenhuma. O essencial é que o público seja bem servido

nesse centro de diversões o qual corre o perigo de começar a abusar de seu monopólio, visto ser o único cinema da cidade. Nesse sentido vigiaremos, embora o sr. De Cesaro ‘faça como o dr. Vergueiro’ ou como Napoleão, quebrando a xícara de café, simbolizando a Áustria ou como qualquer grande homem do passado ou do presente. Não nos interessa que s.s. tenha o gosto de suas atitudes. Há muita gente que não faz nada senão imitando; o ineditismo é impossível para alguns.” (ON nº 543, de 11-02-30.)

Esse episódio desencadeou uma série de críticas ao cinema, vindo à tona, indiretamente, outras informações sobre os costumes e o passado recente da cidade: “**Cinema de Campanha**. Essa folha, há algum tempo atrás, fez algumas críticas justíssimas a respeito do Coliseu. Depois parou... parou quando ainda havia muito que dizer para tirar ao nosso único cinema as suas irritantes coisinhas de cineminha camponês. Aí está por lembrete, essa história de anúncios de lata velha em carroças e caminhões, bombos e outras coisas insuportáveis mesmo no Carnaval e com circos de cavalinhos de terceira classe. Foi assim que se anunciou o filme ‘Submarino’. E diga-se de passagem que essa fita, clamada com tanto ruído e tanto cartaz grudado por todos os cantos da cidade, já foi passada há

mais de cinco meses em Boa Vista do Erechim, sem lata e sem grude!.. O cuidado da empresa pelas boas fitas vai a ponto de tornar-nos importadores de Erechim, ao menos pelo que parece. Isso é a demonstração da excelência das fitas passadas pelo nosso cinema. *T.Z.*” (ON nº 555, de 26-02-30.)

“ - Hoje tem marmelada?

- Tem sim, sinhô!

- Hoje tem pecegada?

- Tem sim, sinhô!

- E a negra na janella?

- Tem cara de panella!

- E a negra no portão?

- Tem cara de tição!

- E viva a rapaziada!

- Vivoooooooo!..

Ah! Aqueles tempos dos circos de cavaleiros de terceira classe! O palhaço era um fato. O P. Fundo ia todo ao circo e cabia tudo lá dentro. Verdade que uma vez caiu uma bancada com damas e cavalheiros; ninguém se pisou e foi gozado o tombo. Há tanto tempo isso? Vinte anos no mínimo.

Depois acabou, e o circo que se preze não larga mais palhaçada na rua. Que aconteceu ontem de tarde? Gritos, bombos, trompas e berros, correrias e guinchos, rua afora. Julgamos que fosse o boi; mas não é tempo do boi. Era palhaço na certa. – Bum, bum, bum! – Oô – oô – oô... E os gritos de uma vaia romperam vibrantes da rapaziada, na rua: - Fora!.. Fora!.. Palhaço não era porque a petizada gosta do palhaço e a vaia era forte. Carnaval? O Carnaval está morto este ano; só se foi alguma idéia do Zé do ‘14’. Podia ser, mas a vaia? Outra vez o barulho infernal. Bombos, trompas, berros, gritaria, lata velha (ao menos nos pareceu), ronco de auto... Era demais, a curiosidade venceu e corremos à janela... Não era nada. Apenas o Coliseu que virou circo de borlantes e fazia uma estupenda palhaçada pública, de babar de inveja o Matêu e a Catita... E tudo para anunciar o ‘Amor Cubano’, um filme que seguramente já foi passado há dois anos no Rincão de Santo Antônio...” (ON nº 557, de 28-02-30.)

“**O Carnaval.** O último dia de carnaval passou quietamente, sem alarde, como um dia vulgar. Apenas um bloco, o ‘Bloco dos Gaúchos’ apareceu, mas ninguém o viu porque saiu de noite e não tinha luz. Fora disso, coisa que se enxergasse, só nos consta, como carnavalesco, o caminhão do Coliseu a cujo

instrumental *hottentote*, foram adicionados uns cincerros de tropa. Aquilo estava original, mas a brincadeira não era de muito bom gosto; porque afinal, chamar o público assim é de molde a causar confusões e a dar vaza a trocadilhos entre os maliciosos. O buzirão ainda passa, mas deixe-se o cincerro para o seu uso legítimo; há uma diferença muito grande entre um cidadão e uma mula, por mais burro que seja aquele. Fora disso nada. Pode-se dizer pois, que ao menos aqui, o carnaval foi tragado completamente pelas eleições e pela crise. Para o ano, talvez.” (ON nº 560, de 05-03-30.)

“**Bilhete.** Sr. Diretor d’O Nacional. Em número do dia 5 do corrente, de nosso conceituado jornal, li um *suelto* encimado com o título ‘O Carnaval’ e em que eram feitas certas considerações sobre a maneira, pouco delicada, do Cine Coliseu fazer seus reclames. Ora, acontece que o meu humilde parecer é contrário, em termos, a suas conclusões a tal respeito. Concordo com o sistema de moleques munidos de instrumentos terrificantes de pancadaria, mesmo suavizado pelo buzirão, é próprio para companhias de cavalinhos de terceira classe, do tempo do João Minhoca que armou seu barracão no lugar onde hoje existe a Intendência Municipal, deleitando a população de antanho com belas representações de fantoches feitos de

mandioca (que por sinal foram interrompidas por ter um ousado leitão devorado o galã...) Mas, deixando de lado os cavalinhos, discordo inteiramente quanto ao uso do cincerro. Como instrumento de som, é melodioso, o que prova a grande paixão que lhe votam os burros em geral. O Coliseu, de maneira nenhuma teve em mente tratar os seus habitués como se fossem burros; o que lhe ocorreu, adotando a maior boa-fé o cincerro para chamar a atenção de seus freqüentadores, foi a fascinação causada pelo badalar desse instrumento em determinados espíritos. Como prova cabal da inocência do Coliseu, posso afirmar ainda que, se por uma hipótese inqualificável, quisesse de fato, tratar os seus habitués de burros, escolheria outra maneira que o não colocasse no distinto lugar de ‘égua madrinha’... Um agradecido leitor.” (ON nº 563, de 08-03-30.)

O *bilhete*, provavelmente escrito por Antonino Xavier, encerrou o assunto. A modificação mais significativa no Coliseu foi a volta da orquestra de Felipe Pace. (ON nº 561, de 06-03-30.)

Com relação ao João Minhoca diz O Gaúcho nº 13, de 02-04-10: “Acha-se em nossa cidade uma companhia de cavalinhos, denominada do João Minhoca, que estreará

terça-feira no terreno ao lado do Club Pinheiro Machado.”

Mesmo fechado, o Cine Liberal voltou ao noticiário em abril de 1930: “Tentativa de incêndio. Em noite da semana passada, um indivíduo desconhecido conseguiu penetrar no prédio à Av. Brasil, ocupado pelos móveis e utensílios do Cinema Liberal, que se acha fechado, e tentou incendiá-lo, tendo para isso arranjado uma fogueira com papéis velhos e estopa de aniagem.” (ON nº 597, de 17-04-30.)

Serenados os ânimos, O Coliseu e O Nacional resolveram prestigiar o “Grande Concurso de Beleza Infantil”, lançado pelo atelier fotográfico de Candido d’Avila, expondo e publicando as fotografias das crianças concorrentes. A promoção, iniciada em maio de 30 e com término previsto para o mês seguinte, diante do sucesso alcançado, prolongou-se a ponto de ser interrompida pela Revolução. Em março de 1931, uma comissão formada por Otto Bade, Geolar Caminha e Pedro Silveira Avancini reuniu-se a fim de escolher as primeiras colocadas. O resultado foi o seguinte: Meninos. 1º Marcos Aurélio, filho de Victor Issler; 2º Gilberto, filho de Nabuco Zirbes; 3º Glauco Antonio, filho da viúva Pinto de Moraes; 4º Vinícios, filho de João Mac Genity Filho; 5º Paulo, filho de Arnaldo Sperb; e 6º Paulo,

filho de Quinto Giongo. Meninas. 1º Ruth, filha de Nenê Luz; 2º Eunice, filha de Americano Bastos; 3º Odette, filha de José T. dos Santos; 4º Yolanda, filha de Oscar Cesar; 5º Branca, filha de Herculano Annes; e 6º Maria Amelia, filha de Pindaro Annes. As discordâncias entre os juízes foram decididas por votos de Mauro P. Machado e João Callage, representante do Diário de Notícias. (ON nº 612, de 06-05-30; nº 635, de 03-06-30; e nº 869, de 13-03-31.)

Promoção similar já havia ocorrido em 1921, no Coliseu, organizada por Florencio Della Méa. (A Época nº 13, de 28-04-21.)

Em 1922 o fotógrafo Candido Athayde d’Avila organizou o *Album do Municipio de Passo Fundo*, a fim de participar da Exposição do Centenário, no Rio de Janeiro. “São fotografias de vários aspectos de Passo Fundo, compreendendo indústria, comércio e parte histórica, com inscrições artisticamente elaboradas em aquarela”. (A Época nº 91, de 09-11-22.) Chamado de “Conceição”, por ter nascido no dia consagrado à Padroeira, Candido d’Avila mudou-se para Porto Alegre em 1933. (ON nº 1559, de 15-07-33.)

A 23-06-30 foi encenada no Coliseu, pelas alunas do Notre Dame, a peça infantil *Branca de Neve*, em 7 atos, com Alzira Pretto no papel principal; Maria De Cesaro, como o príncipe Omar; e Margarida Lângaro, no papel de madrasta. O acompanhamento musical ficou por conta de Mary Bastos de Moraes e Eloysa Rodrigues. Amélia Scarpellini Ghezzi participou interpretando *Fadas e Bruxas*, monólogo escrito por Lacerda de Almeida Júnior. Abrihantou o festival a banda do 8º R.I. A peça foi rerepresentada no cinema a 08-07-30. (ON nº 649, de 20-06-30; e nº 662, de 05-07-30.)

Nessa época o Coliseu vinha sofrendo sanções da Associação dos Escoteiros de Passo Fundo, comandada por Isaac Blazer: “Foi solicitado por esta associação um abatimento de \$ 100, nas entradas de matinée aos escoteiros, que organizados comparecessem ao cinema acompanhados de seus chefes, não tendo porém a empresa acedido a essa pretensão foi deliberado que os escoteiros de Passo Fundo, deixem de freqüentar esse centro de diversões até segunda ordem.” (ON nº 642, de 11-06-30.) A 21-07-30 a direção do Coliseu concedeu aos escoteiros o abatimento pleiteado, conforme nota oficial publicada pela Associação, no dia seguinte. (ON nº 676, de 22-07-30.)

Em junho de 1930 a direção do Coliseu começou a mobilizar-se com o objetivo de trazer a Passo Fundo uma grande companhia de comédias: “COMPANHIA JAYME COSTA. Maggi de Cesaro e Arthur Pretto, empresários do Coliseu, vêm de formularem a resolução, tão louvável quanto temerária, de promover a vinda a esta cidade de uma grande companhia teatral, que, dentro de poucos dias, estreará no nosso único centro de diversões públicas. Trata-se da Companhia de Comédia Jayme Costa, que trabalhou, ultimamente, no Teatro São Pedro e no Coliseu em Porto Alegre, onde alcançou brilhante sucesso, como se constata nas crônicas teatrais da Capital. A Companhia Jayme Costa vem aqui dar uma série de espetáculos, mediante contrato com a empresa do Coliseu, no qual esta assumiu responsabilidade de grande vulto, não vacilando sujeitar-se às conseqüências de um insucesso de bilheteria, contanto que Passo Fundo seja visitado por uma companhia teatral, destas que só trabalham nos grandes centros. Sabida a utilidade do bom teatro, como elemento de educação e de civilização do povo, é de se louvar, como o fazemos sem restrições quaisquer, a iniciativa dos jovens empresários do Coliseu. A Companhia de Comédia Jayme Costa traz um excelente elenco e um repertório variadíssimo, constituído de peças leves, graciosas, de feição moderna, entre as

quais constam as comédias ‘O Maluco da Avenida’, ‘Maldito Tango’, ‘A Mulher que Deus me Deu’, ‘Um Pulo no Casamento’ e outras que grande êxito alcançará em Porto Alegre. Os srs. Maggi de Cesaro e Arthur Pretto, iniciaram, ontem, a passagem de assinaturas para cinco funções. Fazemos votos para que não se lhe escasseie o apoio que, da parte da culta sociedade passo-fundense, deve merecer a sua iniciativa.” (ON nº 646, de 16-06-30.)

A estréia da Companhia Brasileira de Comédia Jayme Costa ocorreu no dia 25-06-30, uma quarta-feira: “Como prevíamos, constituiu verdadeiro acontecimento teatral, nesta cidade, a estréia da Companhia Jayme Costa. O Coliseu apanhou uma casa cheia e a nossa platéia revelou expressivamente, a elevada compreensão em que possui as manifestações de arte, não regateando os aplausos a que fizeram jus os atores que tomaram parte na representação da linda peça, que é O Maluco da Avenida... A companhia Jayme Costa, com renome firmado pela crítica consagradora da imprensa dos centros cultos onde se tem exibido, prescinde, por certo, de nossa modesta apreciação, no sentido de lhe salientar o mérito. O nosso pronunciamento vale, entretanto, como manifestação sincera de reconhecimento pelas horas de intensa vibração emotiva que nos proporcionou o

espetáculo de ontem, e, nestas condições, unicamente, procede este registro. Na interessante peça de Arnich, ontem representada, o ator Jayme Costa, no papel do pseudo-maluco João, revelou-se-nos um artista admirável, que honra ao teatro nacional. A peça, em todo o seu contexto, é de uma urdidura delicada, em que aos trechos da mais irresistível comicidade, sucedem-se, não raro, os lances de dramaticidade, imensamente comoventes. Exige, por isso, do ator que a interpreta, raras virtudes de artista, para que, em um caso e outro não resvale em sessões, ao focalizar a real criação do tipo psicológico e humano, ideado pelo autor. E Jayme Costa, no personagem principal, o conseguiu, com brilho inexcedível. Foi um maluco admirável, a par de um chefe de família de bom senso e de afetividade em extremo. A platéia o aplaudiu a valer e ao brilhante ator patricio cabe guardar entre os louros de sua fulgurante carreira artística os aplausos espontâneos que lhe tributaram os passo-fundenses. Lygia sarmento é outra figura de relevo na Companhia de Comédia. Como desempenhou bem o papel de Regina, a menina caprichosa e moderna, em que os defeitos de uma educação perniciosa, não estirolaram, na alma, a bela flor da bondade e do afeto filial. É uma atriz consumada, a que a nossa platéia aplaudiu. Dos outros elementos da companhia integrantes de um elenco de escol, todos, inegavelmente, nada

deixaram a desejar, por isso que, eficientemente, contribuíram para o realce que teve o espetáculo de ontem. Para hoje está anunciada, em récita de assinatura, a comédia em três atos ‘A Familia Colossal’, que, ao que colhemos, constitui verdadeira fábrica de gargalhadas e é um dos grandes espetáculos da Companhia Jayme Costa.” (ON n  654, de 26-06-30.)

O Nacional, que tinha como redator Renato S  Britto, comentou um a um os espetáculos apresentados pela companhia: “O nosso teatro acolheu, ontem, como na estréia da Cia. Jayme Costa, um público numeroso e seletos, que confirmou assim o seu apoio às boas iniciativas, que nos proporcionem o ensejo de aquilatar da nossa cultura artística, de nivelarmos às principais cidades do Estado, de encorajar os nossos empresários de quebrar de quando em vez, a monotonia do cinema, o que aqui já não se fazia há cerca de cinco anos. Está garantido o sucesso da presente temporada. O brilhante e homogêneo conjunto patricio encenou ontem a hilariante comédia alemã, tradu o de Matheus Fontoura, intitulada ‘Familia Colossal’. (...) A distinta plêiade de artistas da Cia. Jayme Costa, deu   ‘Família Colossal’ um desempenho impecável. Jayme Costa proporcionou-nos uma nova cria o, um ‘travesti’ admirável. Lygia Sarmiento, encantadora; Teixeira Pinto, como sempre,

correto e sóbrio; Justina Laverone, uma autêntica tia rica; Aristoteles Penna, a quem coube, em grande parte as glórias da noite é um artista cômico completo para o grande público. Os demais artistas, inclusive o beb , muito concorreram para o esplêndido espetáculo de ontem. Hoje “Pequitita” do dr. Viriato Correa, uma nova catadupa de gargalhadas.” (ON n  655, de 27-06-30.)

“Ninguém que entenda de teatro negar  que o escritor patricio, posto que ideando um enredo sugestivo, fez um trabalho ligeiro, descambando, para o gênero tão do sabor do público carioca, que é a revista de costumes, prejudicando, destarte, a concep o da peça, nas suas finalidades de obra de teatro a integrar-se na nossa minguada literatura de ribalta. Tal particularidade seria de observa o mais sensível se ‘Pequitita’ não fosse interpretada, como o foi aqui, por um conjunto artístico como o da Companhia Jayme Costa, a cuja habilidade coube vitalizar certas cenas que, no texto, são, por assim dizer, mortas ou inexpressivas.   este um título de mérito a mais a abonar a companhia que ora nos visita, visto que, em verdade, mesmo representando a comédia aludida, conseguiu agradar e fazer rir, imensamente, a nossa platéia, que não lhe regateou aplausos, por vezes, intensos e entusiásticos. Para hoje e amanhã a Cia.

Jayme Costa destinou às récitas de assinaturas, dois dos mais seletos números de seu magnífico repertório. Hoje a comédia ‘A Feiosa’, com um ato de variedades; amanhã, ‘Falla Baixo Malaquias!’ De tarde o Coliseu dará matinée, a preços populares, em que a Cia. Jayme Costa representará a brilhante comédia em três atos ‘Um Pulo no Casamento’, e a empresa focará na tela o filme ‘Um Anjo entre as Feras’. Os preços para a função da tarde de amanhã são: crianças 1\$000; senhoras e senhoritas, 2\$000, e cavalheiros, 4\$000. A Companhia Jayme Costa irá a Carazinho. Fechou contrato com o CINE THEATRO COMMERCIAL de Carazinho, devendo trabalhar ali terça e quarta-feira da próxima semana. (...) Será, assim, Carazinho a primeira sede de distrito visitada por uma Companhia de primeira ordem, com atores de renome como Jayme Costa e Lygia Sarmiento.” (ON nº 656, de 28-06-30.)

“No espetáculo de sábado, como fora anunciado, a Cia. Jayme Costa levou à cena a interessante comédia, em três atos, denominada ‘A Feiosa’, na qual a atriz Lygia Sarmiento, interpretando o papel de protagonista, proporcionou o ensejo para que formulássemos um juízo seguro sobre as raras aptidões de seu temperamento de artista. (...) Artista incipiente, que no início de sua gloriosa carreira, revela auspiciosas

possibilidades, autorizando o vaticínio de que, não longe, será na vida teatral do país, uma das figuras de maior relevo. (...) Ontem, o domingo na cidade foi todo de conquistas para a Companhia. No espetáculo da tarde a empresa do Coliseu viu-se, à certa hora, obrigada a suspender a venda de entradas, porque o teatro, cheio à cunha, já não comportava maior lotação. Foi representada a comédia ‘Um Pulo no Casamento’, que imensamente agradou, recebendo os atores que nela tomaram parte uma verdadeira ovação de aplausos do mundo infantil de Passo Fundo, que afluíram ao matinée. À noite, em penúltimo espetáculo, subiu à cena ‘Falla Baixo Malaquias!’ – de sugestivo e bem arranjado enredo –, que teve magnífica representação. Clotilde Duarte e Cora Costa, nos papéis, respectivamente de Carolina e Adelaide (...). Teixeira Pinto, que é um artista consciencioso e muitas simpatias granjeou entre nós, deu-nos um Malaquias irrepreensível. A. Penna, o cômico de sempre. Ramos Júnior e Aurélio Correa, nada ficaram a dever na interpretação de seus papéis. Jayme Costa e Lygia Sarmiento... para que referências?!... Diga-se, porém, que Lygia nos intervalos, encantou a assistência, vocalizando belas canções, que mereceram bisadas, patenteando mais esta modalidade de seu talento de atriz. Hoje a Companhia Jayme Costa dará seu espetáculo de despedida, levando à cena ‘Flor dos Maridos’. Consta

do programa também um ato variado com os seguintes números atraentes: Jayme Costa, canções brasileiras; Lygia Sarmiento, canções do seu repertório; Zeca Ivo e Fernanda Pombo, número caipira; Aristoteles Penna, um monólogo; Teixeira Pinto, lindos versos; e Cora Costa, poesias. Como se depreende, é uma função que promete.” (ON nº 657, de 30-06-30.)

Na despedida da companhia foi inaugurada a quarta placa comemorativa no Coliseu: “O Espetáculo de Despedida. Expressiva homenagem ao consagrado ator brasileiro. A Companhia Jayme Costa despedindo-se de Passo Fundo, teve um gesto de cativante gentileza para com a platéia local, reservando para o seu último espetáculo a surpresa de um de seus melhores programas. Efetivamente, ‘Flor dos Maridos’ a comédia representada, posto que, pelo enredo, não superior as outras levadas à cena, constituiu o número de mais brilhante montagem exibido pela companhia. Houve, além disso, a registrar, o ato de variedades que foi um presente régio para a platéia. No final do segundo ato, o elenco da companhia foi convidado a descer do palco e assistir a uma homenagem expressiva tributada pela empresa do Coliseu ao ator Jayme Costa e que constituiu na inauguração de uma placa comemorativa de sua visita a esta cidade. Especialmente

convidado, o sr. Henrique Scarpellini Ghezzi, administrador do município, levantou a bandeira nacional que cobria a referida placa, e, entre palmas vibrantes, foi dada a mesma como inaugurada. Da significação da homenagem disse, em belo discurso, o sr. dr. Pedro Pacheco, Promotor Público da Comarca, que exalçou o mérito de Jayme Costa. O brilhante ator patricio agradeceu, comovido, a consagração de que era alvo, tendo palavras de louvor a Passo Fundo, que, disse, o surpreendeu pelo adiantamento da cultura, que aqui encontrou. Terminando o seu discurso, o ator Jayme Costa declarou que a maior prova de reconhecimento que podia dar a Passo Fundo, que tão fidalgamente o acolheu, era a de que levava a intenção de voltar aqui espontaneamente, sem providência, a respeito dos jovens empresários do Coliseu, cuja atuação elogiou.” (ON nº 658, de 01-07-30.)

A carreira do ator carioca Jayme Costa (1897-1967) não se restringiu ao teatro. Destaca-se na sua biografia cinematográfica o clássico *Favela dos meus Amores*, de 1935, dirigido por Humberto Mauro e produzido por Carmen Santos. Focalizado no Coliseu a 06-01-37 e reprisado no dia seguinte, esse filme desapareceu, infelizmente. A última participação de Jayme Costa no cinema ocorreu em 1965, filme *Crônica da Cidade*

Amada, episódio *Luiza*, com direção de Carlos Hugo Christensen e diálogos de Millor Fernandes. A última peça em que trabalhou foi *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*, de Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar, em janeiro de 1967.

Em julho de 1930 foi reaberto o velho cinema da Avenida Brasil: “Os senhores Argemiro Camargo e Victorio Martello arrendaram o cinema existente à Av. Brasil, em frente ao Hotel Internacional, e que, em nova fase, passará a funcionar sob a denominação de CINEMA AVENIDA. Os atuais empresários do referido cinema, ao que nos informaram, pretendem recomendar o Cinema Avenida ao conceito e à concorrência da população desta cidade, mediante o empenho que envidarão de só exibirem filmes selecionados e de valor indiscutível.” Era intenção dos proprietários exibirem, na estréia, o filme *Turbilhões de Paris*, que vinha sendo anunciado desde 14-07. No entanto, a reabertura do cinema ocorreu a 22-07-30, com o filme *A Santa Cruzada*, em 10 partes, com a atriz Helena Sangro. A estréia foi auspiciosa, com casa cheia, segundo o jornal. (ON nº 661, de 04-07; nº 663, de 07-07; nº 669, de 14-07; nº 676, de 22-07; e nº 678, de 24-07-30.) Em agosto do mesmo ano a firma Martello & Camargo adquiriu por compra o cinema de

Pedro dos Santos. (Gazeta nº 33, de 23-08-30.)

Depois de se apresentar no Clube Comercial (10 e 12-07), e na Sociedade Israelita (13-07), o violinista russo Yagudin realizou seu 4º e último concerto a 14-07-30, no Coliseu. Acompanharam-no ao piano Noemy Sperry e Domethildes Macedo. (ON nº 666, de 10-07; nº 667, de 11-07; e 669, de 14-07-30.)

A 25-08-30, em comemoração ao Dia do Soldado, o Cinema Avenida exibiu *O Passaro Negro*, filme particularmente famoso em Passo Fundo. (ON nº 704, de 25-08-30.)

Em agosto de 1930 o Coliseu trouxe a Passo Fundo a Companhia Brasileira de Operetas Eugenio Noronha: “Mais uma vez no corrente ano a empresa De Cesaro & Pretto, num louvável gesto de proporcionar ao povo passo-fundense agradáveis noitadas de arte, contrata para vir a esta cidade um elenco artístico de real valor, como seja a Companhia Brasileira de Operetas ‘Eugenio Noronha’, portadora de um excelente conjunto artístico, entre os quais sobressai o tenor brasileiro Pedro Celestino, que já conquistou na platéia nacional um justo renome. Como da última vez em que essa

empresa proporcionou a vinda da Companhia de Comédias Jayme Costa, espera-se que o público desta cidade saberá dar ao empreendimento dos adiantados empresários o merecido apoio, a fim de que iniciativas dessa natureza possam ser tentadas sem temor a prejuízos consideráveis. A Companhia Brasileira de Operetas Eugenio Noronha traz um excelente repertório de conhecidas operetas estrangeiras e nacionais. O elenco da Companhia é composto de diversos nomes consagrados de artistas, como destacamos Alvaro Diniz, Carlos Hailot, Bittencourt Athayde, Carmen Dora, Dora Belli e Maria Amorim, etc. A estréia da Companhia será no dia 29 do corrente, com uma das melhores operetas do repertório que é composto de quinze operetas notáveis.” (Idem.)

Vinda de Santa Maria, a Companhia de Eugenio Noronha estreou na data marcada, 29-08-30, uma sexta-feira, com a ópera cômica de Leo Fall, *A Princesa dos Dollars*, diante de “seleta e numerosa” platéia: “(...) Coros bons, encenação discreta, senão modesta, principalmente para a vivenda de arquimilionário, e orquestra boa, mas resumida, e assim com deficiência sensível, que não pode ser levado à conta senão de economia da empresa, visto que a batuta do maestro Antonio Lago revelou-se desde logo segura e exímia. O senão

apontado, entretanto, não foi de ordem a influir no brilho do espetáculo que satisfizes plenamente a nossa platéia. (...)” (ON nº 707, de 28-08; e nº 709, de 30-08-30.)

Já o segundo espetáculo, *A Casa das Tres Meninas*, assim como os apresentados no final da semana, receberam críticas favoráveis: “(...) Mas não só a Eugenio Noronha couberam os louros da noite. (...) Cabe entretanto consignar que, do elenco feminino, na noite de sábado (30-08), não só Carmem Dora, Maria Amorim e Dora Belli tiveram atuação de destaque, que lhes é peculiar. As palmas da noite, com justiça, foram também para Pina Greciani, que, desempenhando o papel de Maria Tachode, foi chamada à cena e obrigada a bisar a comovente canção maternal do final do segundo ato. A função de sábado teve ainda a abrihantá-la no intervalo entre o 1º e o 2º ato, três belos números de canto com Pedro Celestino, Eugenio Noronha e Maria Amorim, que mereceram bisados. Ontem (31-08) em matinée ‘Sonho de Valsa’, a consagrada opereta de Strauss, que teve cabal desempenho. À noite, em récita especial, deu-nos a Companhia um atraente e esplêndido espetáculo com uma peça nova para a nossa platéia, que é ‘A Mazurca Azul’, e que imensamente agradou, como não podia deixar de acontecer, visto que trata de enredo interessante, com música

verdadeiramente encantadora. O desempenho foi impecável (...). Salientando-a, quer pela atuação dos artistas e da orquestra e quer pelo brilho dos cenários e guarda-roupa, não podemos deixar de consignar que o espetáculo foi bom, a despeito de contratemplos verificados. Entre eles, houve a chuva que do telhado do Coliseu passou à platéia e aos bastidores, forçando os espectadores a se abrigarem em cadeiras menos expostas às goteiras e os artistas a se meterem em capa de borracha e guarda-chuvas como se viu com Eugenio Noronha. Depois, a luz elétrica, quase virou a opereta em tragédia lúgubre, o que, por certo, dar-se-ia, providencialmente, não surgisse o socorro... do pauzinho de fósforo, que instantaneamente, alumiu toda sala, em um espetáculo soberbo, que não podemos deixar passar sem registro. Foi como que uma alegoria, surgida espontaneamente, ilustrando, eloqüente e bizarra, o insolúvel problema da luz em Passo Fundo... Mas, afinal, depois de longos momentos de espera, a luz se fez, sem que os espectadores fossem prejudicados, por isso que, no entreato forçado, Eugenio Noronha vocalizou o ‘Ribeirinho’ e Dora Belli belas canções creoulas da Argentina. A pedido de diversos assinantes, a empresa de Artistas Reunidos Ltda, retirou da série de assinaturas a opereta ‘Mano de Minas’, já aqui muito conhecida e sem o prestígio que possuem outros números de seu repertório.

A platéia local sabe ser esplendidamente, exigente, sem pruridos de nacionalismo, que em matéria de operetas, não vai além da... revista.” (ON nº 710, de 1º-09-30.)

“*A Princesa das Czardas* foi a opereta com que a Companhia Brasileira de Operetas brindou, ontem, aos freqüentadores do Coliseu. (...) Papéis principais – Eugenio Noronha, Carmen Dora, Pedro Celestino, Maria Amorim, Carlos Hailliot, Pina Graciani e Raphael Salvaterra. Cenários e coros excelentes, agradando bastante os bailados postos em cena, principalmente a dança polaca por J. Kiss e Gladis Reis. Em um dos entreatos, sob palmas vigorosas, Maria Amorim (...) vocalizou um trecho do ‘O Guarany’, que grande brilho imprimiu ao espetáculo. Para hoje (...) ‘Casta Suzana’, a buliçosa e esfuziante opereta da predileção dos cavalheiros graves e circunspectos, mas de indiscutível bom gosto, no apreço da boa música. A propósito da pilhéria que ontem inserimos com referência à chuva, verificada na noite de domingo, por ocasião da representação da ‘Mazurca Azul’, um dos jovens e esforçados empresários do Coliseu teve ocasião de explicar-nos que as goteiras, sem maior importância, que surgiram no momento foram produzidas pela forte ventania desencadeada na ocasião e ao efeito da qual algumas telhas foram levantadas, penetrando, por este modo a chuva no forro

do edifício, produzindo duas ou três goteiras no recinto. A explicação de fato procede para que não se faça, ao longe, um juízo errôneo sobre a edificação de nossa principal casa de diversões, posto que inadmissível tal juízo, dado o tom de pilhéria com que bordamos o comentário. O zelo revelado por Maggi De Cesaro em salvaguardar o bom nome do Coliseu, induziu-nos, espontaneamente, ao registro desta nota elucidativa, que aqui aparece não só como um ato de justa reparação ao dano que, por ventura viesse resultar de nosso exagero, mas, principalmente como incitamento à empresa teatral desta terra, no sentido de procurar sempre cada vez mais, interessar-se por bem servir ao público de todos os assuntos concernentes ao ramo de negócios que exerce. E os nossos aplausos, neste caso, nunca hão de falhar à firma De Cesaro & Pretto.” (ON nº 711, de 02-09-30.)

Nos dias 02 e 03-09 foram encenadas, respectivamente, *A Casta Suzana*, “galhardamente interpretada por Dora Belli”, e a opereta *Eva*, de Franz Lehar. O anúncio do festival em benefício de Carlos Hailliot, para o dia seguinte, preocupou o crítico: “Há unicamente uma circunstância que talvez conspire contra o melhor êxito da festa artística do talentoso ator co-estaduano, e esta é, freqüentadores do Coliseu, a fadiga natural decorrente dos serões em noites

sucessivas de espetáculos. O cansaço físico, entretanto, é de se esperar que não prepondere sobre a disposição mental para o gozo de belas manifestações de arte, aqui, aliás, tão raras, resultando disso que o ambiente de simpatia que já se vem formando em torno do espetáculo de Carlos Hailliot se transforme na realização merecida de uma casa cheia, amanhã no Coliseu.” (ON nº 712, de 03-09-30.)

O festival, que incluía a opereta *Amores de Príncipe*, foi um sucesso: “O festival artístico do ator gaúcho Carlos Hailliot e do ponto Illydio Amorim constituiu, inegavelmente, um dos belos espetáculos da temporada (...) Alvaro Diniz, que vem trabalhando visivelmente gripado, teve na própria gripe um elemento de vitória em cena, apresentando um ‘Puffer’ legítimo, derreado de verdade... com as esbórnias de Paris. Ator em disponibilidade, com tendências à aposentadoria de empresário abastado, João Pereira desapareceu ontem da bilheteria e, milagrosamente, surgiu no palco, proporcionando-nos um Franz, que nada deixou de desejar. Carmen Dora e Eugenio Noronha, nos papéis principais, de princesa Nathalia e príncipe Otávio, arrancaram ontem, como habitualmente, fartos aplausos da platéia. (...) No ato de novidades, a final, fizeram-se ouvir: Carmen Dora em um trecho de ‘Geischa’; Dora Belli

em ‘Nelly’ e ‘Contramano’; Maria Amorim em ‘Você (?) de Primavera’; e Pina Graciani, em um trecho da ‘Traviatra’. (...) Para hoje, um espetáculo de ruído e sucesso. Basta dizer que será o festival de Eugenio Noronha e Carmen Dora e que a peça a ser levada à cena é uma opereta de Oscar Strauss, nova para a nossa platéia, denominada ‘Ultima Valsa’. (...) Eugenio Noronha, embora nascido em Portugal, é brasileiro de coração, e trabalha em nosso teatro há cerca de 20 anos, tendo aqui realizado a sua carreira. (...) Eugenio Noronha pertence à plêiade de nossos distintos patrícios que em meritória campanha propugna o triunfo do Teatro Nacional, sendo a companhia que organizou e ora nos visita uma afirmação das nossas possibilidades no caso. (...) O festival de hoje, que é dedicado ao belo sexo desta terra, na expressão de ‘Miss Passo Fundo’, a prendada senhorita Nazy Pinto. Dora Belli, a cantora exímia dos tangos argentinos, realizará amanhã a sua festa artística, em que aparecerá na sua principal criação, que é a ‘Viúva Alegre’.” (ON nº 714, de 05-09-30.)

“A festa artística de Eugenio Noronha e Carmen Dora, ontem, no Coliseu, quanto à concorrência não alcançou a casa que fora de desejar. O cansaço natural, decorrente de noites consecutivas de espetáculos, contribuiu, evidentemente, para tal resultado. O espetáculo esteve bom, sendo a

‘Ultima Valsa’, inegavelmente, uma das peças mais bem montadas da Companhia. Para hoje, o festival de Dora Belli, que o dedica ao 8º R.I., ao sr. Intendente e funcionários municipais, ao foro e à imprensa. Dadas as simpatias que a talentosa artista conquistou em nossa platéia, é de prever grande afluência ao Coliseu, e ainda pelo fato de que a opereta que vai ser levada à cena é ‘A Viúva Alegre’, em que Dora Belli interpreta o papel de Anna Glavary. No espetáculo de hoje haverá atraente número variado no qual além de canções, monólogos e tangos, Carlos Hailliot fará uma conferência em turco.” (ON nº 715, de 06-09-30.)

“A BELLA BELLI. É hoje o seu festival... Há nela um encanto envolvente, dominador e espontâneo, um tanto picante, com umas nuances de pecado, tudo num ritmo lânguido de arte e de beleza. A sua risada, abrindo-se na boca nervosa e vermelha como relâmpago de carmim, entremostrando os dentes alvos, incisivos, é cascata de pérolas, gorjeio de pássaros, natural e vívida. Dora Belli é uma das artistas mais perfeitas que têm sido aplaudidas pela culta platéia de Passo Fundo. Possui o segredo de toda a técnica do palco. À luz da ribalta, ou interpretando a violinista Franz, de ‘Sonho de Valsa’; ou vivendo Olga, em a ‘Princeza dos Dollars’; ou em

Schiffon de ‘Amores de Príncipe’; ou, sobretudo vivendo interessantemente a ‘Casta Suzana’, é sempre... a ‘especialidade da casa’! É sempre a mesma incomparável artista, vivendo e sentindo, fazendo palpitar, redivivas, as personagens que interpreta. Com uma espontaneidade admirável, rindo, sempre, galhofeiramente, da vida, do amor, do romantismo, é a estátua da alegria personificando a arte. Domina os papéis que representa e Schiffon, e Suzana não encontrariam interpretação mais perfeita do que nessa artista que tem o dom de caldear em su’alma, as suas almas leves e despreocupadas que só admitem o amor do nosso século... com camarote na ópera e automóvel à porta. Mas, o talento poliforme dessa brilhante artista tem, ainda, outra modalidade brilhante. É o tango argentino. Em ‘Upa... Upa...’ sente-se uma infinita suavidade triste, uma vaga nostalgia dos pagos distantes, onde se ergue, arrogante, o quero-quero altivo. E em ‘contra mano’ num ritmo mais vivo já é a alma saltitante e alegre do folclore argentino mas sempre sentido, sempre palpitante e presente quando a artista o revive à emotividade da platéia. Mas... cuidao caballero, non se vaya contra mano... Por nosso intermédio, um grupo de moças pede que a aplaudida artista ‘reprise’, hoje, ‘Upa... Upa...’ C.” (Idem.)

A despedida da Companhia de Eugenio Noronha ocorreu a 07-09, com a inauguração de mais uma placa comemorativa: “Seguiu hoje para Cruz Alta a Companhia de Operetas que por muitos dias trabalhou nesta cidade. Levou sábado à cena em benefício da atriz Dora Belli, a velha opereta ‘A Viúva Alegre’. Ontem à tarde foi encenada a opereta ‘O Conde de Luxemburgo’, tendo obtido casa cheia. À noite, devido ao tempo, a concorrência foi regular e foi representada a opereta ‘Sinos de Corneville’, tendo agradado muitíssimo. (...) O que desejamos noticiar é que seguindo uma velha praxe estabelecida a empresa De Cesaro & Pretto, no intervalo do 2º ao 3º ato prestou à Companhia Brasileira de Operetas uma justa homenagem, inaugurando uma placa de mármore comemorativa da passagem da companhia por esta cidade. Falou na ocasião o dr. Pedro Pacheco, promotor público, salientando a atuação da companhia, e justiça do ato que se levava a efeito, oferecendo ao elenco em nome da empresa. Agradeceu, em ligeiras palavras, o ator Eugenio Noronha, significando sua gratidão ao povo de Passo Fundo, à empresa do Coliseu e à imprensa local.” (ON nº 716, de 08-09-30.)

Uma novidade no ramo do entretenimento, porém de uso restrito, chegou a Passo Fundo em setembro de 30:

“O CINEMA EM CASA. Convidados gentilmente pelos proprietários da Livraria Nacional, representantes nesta cidade dos produtos fotográficos AGFA, assistimos, sábado último, a uma demonstração do aparelho cinematográfico da mesma marca, para uso de casas particulares. Trata-se de um aparelho elétrico, muito aperfeiçoado, adaptado às correntes de 220 e 110 volts. Dá uma projeção perfeitamente nítida, em quadro de grande formato, e pode ser instalado em qualquer sala, sem necessidade de preparação especial. Acompanha o aparelho projetor um outro especialmente para filmagens, de pequeno formato e de muito fácil manejo. O amador poderá pois, tirar ele próprio os filmes e, remetendo-os para o Rio, receberá cópias prontas para serem projetadas. O preço do filme compreende já a revelação do mesmo pelo laboratório AGFA da Capital. Ficamos muito impressionados com a filmagem de diversos filmes, principalmente pelos que foram tirados, por amadores, em Porto Alegre.” (ON nº 710, de 1º-09-30.)

Outra novidade, destinada a um público maior, era anunciada pelas casas de discos: “**Concerto Público.** A Casa Victor, estabelecida na Av. General Neto, 385, hoje às 20 horas, promoverá, com um novo aparelho ortofônico da marca R. E. – 45, Eletrola com rádio, um concerto público,

com magnífico programa de discos escolhidos caprichosamente. Segundo nos declarou Aldo Pinto de Moraes, o aparelho que hoje será estreado é a maior maravilha das máquinas falantes.” (ON nº 774, de 19-11-30.)

A afamada classe dos ladrões de aparelhos de som não demorou muito para encontrar representantes nesta cidade: “NOTAS POLICIAIS. Foram presos por terem furtado uma vitrola e alguns discos da casa do sr. Henrique Cruz, Florencio Baptista, de 19 anos, e José Pedro, com 21 anos.” (ON nº 1165, de 08-03-32.)

Em novembro de 30 os proprietários do Coliseu anunciaram a estréia de mais uma companhia: “A Empresa Cine-Theatro Coliseu, apesar da crise reinante, não poupando esforços em bem servir o público freqüentador do seu cine e em regozijo ao término da nossa grande causa vitoriosa acaba de contratar a Grande Companhia de Sainetes e Revistas Lyson Gaster cuja estréia verificar-se-á a 19 de novembro. Acha-se aberta desde já na bilheteria do cine uma lista para 5 récitas de assinaturas aos preços de: poltronas (5 récitas): 25\$000; camarotes: 120\$000.” (ON nº 760, de 03-11-30.)

“Estreou ontem (20-11) no Coliseu a Companhia de Revistas e Sainetes Lyson Gaster. Para a récita de estréia conforme fora anunciado foram escolhidos o sainete Jazz-Band e Violão, que tem um fundo de moralidade, mostrando as duas sociedades a do jazz, pervertida e inconsciente, e a velha sociedade antiga do violão e das modinhas tão cheia da sinceridade, simplicidade e pureza graciosa. Essa peça que mereceu calorosos aplausos da platéia, destacou a figura principal do elenco que é Viviani, verdadeiro artista encarnando e personalizando o papel (...). Marieta Fild, em ‘Dorotheá’, também conquistou muitos aplausos, bem como ‘Maria Rosa’, Lyson Gaster, que como artista consagrada que o é, encheu de risos a platéia. A revista ‘Nuvens de Fumaça’, em 16 quadros, compondo-se de bailados, alegorias, cantos e entreatos leves, colheu fartas palmas e muito riso da assistência (...). Os aplausos mais quentes foram tributados ao recitativo de Viviani, ‘As Três Lágrimas’ que teve que ser bisada, tal o encanto e vida que o ator soube dar à poesia; e à canção ‘O Desterrado’ que A. Barboza cantou em grande expressão e sentimento. O Coliseu teve ótima casa, prognosticando enchente para sábado e domingo, após a propaganda que os espectadores de ontem farão da Cia. Lyson Gaster que é de fato um conjunto bom, nada deixando a desejar no gênero. (...)” (ON nº 776, de 21-11-30.)

A 2ª récita ocorreu no dia 21: “O sainete levado à cena ‘Filhinha do Papai’ é de enredo fulgurante, tão cheio de *quibróquós*, tão animado, que nos deu a sensação de só lhe faltar a música para ser um esplêndido ‘vaudeville’. (...) ‘Milhões de Arlequins’ é como as revistas modernas uma sucessão de quadros anedóticos, danças, quadros alegres e dolorosos da vida passados em rápida revista. (...) Muitas gargalhadas conquistaram Viviani e Sampaio, destacando-se a ‘Aposta’ e o ‘Cantar do Galo’, bisado estrepitosamente. ‘Flor do Manacá’, sainete e ‘Vamos pro Obelisco’, revistas de atualidade, que são esplêndidos números do repertório, reservados para a noitada de hoje.” (ON nº 777, de 22-11-30.)

“Na função de sábado (22-11) foram cenados o sainete ‘Flor de Manacá’, que deliciou a platéia com boas gargalhadas e a revista ‘Vamos pro Obelisco’ na qual salientamos os quadros a ‘cantora’, o coro ucraniano, e a apoteose ‘Os 18 de Copacabana’. Ontem foi à cena o sainete dramático, se tal se pode dizer, porque o referido sainete tem passagens patéticas que comoveram a platéia, tendo poucas cenas realmente chistosas, o que é a delícia dos espectadores. Usando de franqueza, devemos notar que o espetáculo de ontem, o primeiro que conseguiu enchente no

Coliseu, não satisfez completamente, não pelo desempenho que esteve ótimo, mas por terem as peças pouco atrativo, não havendo nenhum número que merecesse ser bisado, pois o público quer coisas alegres que façam rir e não dramaticidade.” (ON nº 778, de 24-11-30.)

No dia 24-11, segunda-feira, a Lyson Gaster apresentou o sainete *Quando Fala o Coração* e a revista *Gargalheiro*, ambos de autoria de Viviani. Despediu-se no dia seguinte com o sainete *Meu Deus...que Noite!* e a *Revista das Revistas*: “(...) Terminou, pois, ontem mais essa temporada teatral que nos foi oferecida pela ativa empresa do Coliseu, tornando-a cada vez mais credora do apoio público, na tarefa patriótica que se impôs de transformar Passo Fundo numa praça teatral, a par de outras cidades do Estado. O seu esforço, durante a temporada que finda não foi improficuo e acreditamos que a Empresa do Coliseu, no próximo ano, sintá-se ainda animada, pelo resultado de agora, a prosseguir seu intento.” (ON nº 779, de 25-11; e nº 780, de 26-11-30.)

Alfredo Viviani e Lyson Gaster participaram do musical carnavalesco *Berlim na Batucada*, produzido pela Cinédia, em 1944. Retornaram a Passo Fundo em mais de uma oportunidade.

A 03-12-30 o Coliseu encerrou a temporada com o concerto da violinista Dora Assmus, de Porto Alegre. (ON nº 787, de 04-12-30.) No último dia do ano focalizou *Loura e Sapecá*, com Marie Prevost. O Avenida, por sua vez, apresentou *O Rei da Imprensa* e mais um suplemento da chegada de Nilo Peçanha ao Rio, “quando candidato da reação republicana”. (ON nº 809, de 31-12-30.)

O Cinema Avenida não chegou a fazer aniversário. A 18-07-31 foi inaugurada no local uma casa de víspera e jaburu. (ON nº 975, de 20-07-31.) Em janeiro de 31 o Avenida exibiu filmes num écran instalado na via pública. (ON nº 830, de 26-01-31.)

A 27-10-31 uma sessão especial para autoridades, imprensa e convidados inaugurou o aparelho sonoro do Coliseu. Foram exibidas uma comédia da Fox, em duas partes, *Leito Reservado*, e duas partes da opereta *Lua Nova*, com Lawrence Tibbett e Grace Moore. A 28-10 foi a vez do público assistir à opereta *Lua Nova*, que ficou em exibição até o dia 30. A 31-10, sábado, entrou em cartaz *Valsa do Amor*, opereta da UFA, interpretada por Willi Fritsch. No domingo, às 18h, “*Duci de Kereksartu*, na qual se fará ouvir o mais famoso violino do

mundo”, e às 21h, *O Homem dos meus Sonhos*, produção cantada da Fox, com Harold Murray. (ON nº 1.057, de 28-10; nº 1.059, de 30-10; e 1.060, de 31-10-31.)

A substituição definitiva da orquestra pelo disco também ocorreu em 1931, não obstante os protestos do regente, Felipe Pace, em seção livre, n’O Nacional: “AO PÚBLICO. O abaixo assinado declara que os senhores empresários do Teatro Coliseu desta cidade, comprometidos por dezoito meses com a orquestra PACE, que procuraram novamente, aceitaram e mandaram vir especialmente; querendo aproveitar-se do movimento revolucionário de 3 de outubro passado, dispensaram a mesma com dois memorandos e uma notificação judiciária; mas depois da revolução, reconhecendo enfim, sua responsabilidade, pagaram metade do ordenado durante dois meses em que a orquestra ficou dispensada, e a readmitiram em seguida, como era justo e de direito. Nesta ocasião combinaram fazer novo contrato; a orquestra propugna por dez meses, que seria justamente o restante do prazo aceito pela empresa mais de uma vez, por correspondência e telegraficamente; a empresa queria por seis meses; a orquestra não aceitou, ficando então determinado o prazo médio de 8 meses, que termina em 30 de agosto próximo futuro. Desde os

primeiros meses do contrato, a orquestra não se deu bem com a empresa e com o teatro, mas como veio de longe, com a responsabilidade de uma grande família etc, resolveu da melhor maneira ‘assogear-se’... A empresa por sua vez, apesar de, no princípio, depois de quase um mês em que a orquestra desempenhava o serviço, querer o contrato por dois anos conforme desejava o sr. Giovanni Decesaro, e até por mais tempo, conforme a opinião do sócio, em seguida, desgostaram da orquestra... Paciência. Convençam-se porém, de que, comparar o nosso modesto conjunto, com ‘discos’ registrantes a magistral execução musical, de uma orquestra de 20 ou 30 professores, como entende o sr. Giovanni Decesaro e outros, é simplesmente irracional. (...) Declaro mais que nos nossos contratos existe a cláusula seguinte: os espetáculos teatrais e de variedades, que tenham números de música para ensaiar, serão pagos pela empresa a razão de 35\$000 cada um, independente do ordenado mensal; pois bem a empresa Coliseu nos primeiros meses satisfez tal condição, mas depois da revolução negou-se. A orquestra não pode perder este trabalho, portanto está guardando os respectivos recibos assinados e selados, entre os quais um de... 240\$000, com o visto do sr. Maggi Decesaro, e esperamos achar meios legais a fim de serem satisfeitos. (...) P.Fundo, 24-06-31. FELIPPE PACE.” (ON nº 953, de 24-06-31.)

Em 1933, durante o mês de março, Passo Fundo ficou às escuras, sem luz elétrica, devido à construção de uma usina de emergência junto à antiga, no Rio Taquari. Nesse período, denominado “de trevas”, o Coliseu funcionou com luz própria, organizando uma temporada de películas mudas, a preços populares, haja vista que a corrente instalada, um motor à gasolina, não se prestava para exibições sonoras. (ON nº 1.455, de 09-03; e nº 1.457, de 11-03-33.)

A 03-02-37 o Coliseu fechou as suas portas. A medida, segundo a De Cesaro & Pretto, deveu-se à elevação do imposto municipal, em janeiro de 1936, de 5% para 12%, que obrigou o cinema a elevar a entrada para 2\$500, reduzindo a frequência em torno de 40%. Através de um “Aviso” o Coliseu foi posto à venda: “(...) Traída, assim, uma das finalidades principais do cinema que de centro de diversões popular e barato, com fim educativo e cultural, em razão da censura oficial a que estão sujeitos todos os filmes passou a ser, antes de mais nada, uma fonte de renda municipal. Toda a iniciativa para a ampliação e melhoramento do negócio ficou cerceada pela barreira tributária proibitiva. A existência do Coliseu se encontra à venda. (...)” (ON nº 2.621, de 03-02-37.)

Dissolvida a De Cesaro & Pretto, o Coliseu foi reaberto a 11-03-37 pela firma Angelo Pretto & Cia, formada por Angelo Pretto, Arthur Pretto e Ernesto Formigheri, com o filme *O Symbolo de uma Era*, estrelado por Diamond Jim e Edward Arnold. (ON nº 2.647, de 08-03-37).

João (Giovanni) De Cesaro chegou ao Brasil aos 8 anos de idade, oriundo da Província de Belluno, Itália. Em Santa Catarina, onde a família fixou residência, aprendeu o ofício de construtor. Chegou a Passo Fundo a 03-12-1910, onde fundou sua empresa no ano seguinte, a 10-12. Elaborava os projetos e executava as obras, no que era assessorado pelos irmãos, um primo e mais dois profissionais vindos da Itália. Construiu vários prédios em Passo Fundo e na região, como os Colégios Protásio Alves e Notre Dame, o Banco da Província, a Igreja São Luiz de Casca, etc. Era casado com Adelia Cecconi De Cesaro. Filhos: Verdi, Maggi, Maria, Irma e Lila. Faleceu a 25-03-46, aos 62 anos de idade. Residia na Rua Moron, 1449. (ON nº 5.309, de 25-03-46; e nº 6.673, de 09-12-50; Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud – 1875-1925. Vol. 2, Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2ª ed., 2000.)

A 29-04-37 o construtor Braganti iniciou a reforma do Coliseu. A fachada foi toda remodelada, sendo construída uma parede com três portas. Instalou-se um sistema luminoso para a propaganda dos filmes. Na parte interna o bar foi substituído por uma *bombonnière* e a sala de espera ganhou um piso de mosaicos e mobiliários apropriados. A platéia ficou com capacidade para 700 lugares. As frisas e os camarotes foram demolidos, dando lugar a uma sobre-platéia com mais 300 lugares. O palco, de alvenaria, ficou maior e mais alto. As paredes laterais do edifício ganharam aberturas e portas de saída para os casos de emergência. “Absorvedores” giratórios foram instalados a fim de melhorar a ventilação. Aumentaram de duas para quatro as filas de poltronas. (ON nº 2.690, de 29-04-37; e nº 2.732, de 19-06-37.)

Os melhoramentos foram entregues ao público a 18-09-37, com a exibição de um filme lírico, *Um Brinde ao Amor*, da Fox, com Nino Martini. A empresa ainda adquiriu um novo aparelho sonoro, marca *Klang Film*, operado por Odorico Marques, e contratou como gerente, por alguns meses, Nestor R. Pinto, funcionário da RKO (Rádio Pictures do Brasil), de Porto Alegre. O novo pano de boca, confeccionado pelo cenógrafo Nivaldo Jacob, de Cruz Alta, foi inaugurado a 19-06-38. (ON nº 2.741, de 05-07-37; nº

2.806, de 18-09-37; nº 2.840, de 30-10-37; e nº 3.025, de 19-06-38.)

O mobiliário do antigo Coliseu foi utilizado na montagem do CINE REX, inaugurado pela Angelo Pretto & Cia. no prédio da Sociedade Operária Beneficente, a 19-03-38. O pano de boca do Rex, também confeccionado por Nivaldo Jacob, continha 16 anúncios e foi inaugurado a 15-07-38. (ON nº 2.934, de 23-02; nº 2.952, de 17-03-38; e nº 3.049, de 16-07-38.)

A 25-01-39 O Coliseu estreou nova aparelhagem para a exibição de filmes em sessão contínua, sem intervalos. O filme exibido foi *Idílio na Selva*, da Paramount, com Dorothy Lamour e Ray Milland. (ON nº 3.205, de 24-01-39.)

Depois da remodelação do prédio a empresa do Coliseu passou a comemorar o aniversário no dia 18 de setembro. (ON nº 3.394, de 18-09-39.) Angelo Pretto deixou a sociedade em maio de 1940. (ON nº 3.616, de 19-06-40.) Faleceu a 23-02-46.

Por ocasião da 2ª Exposição Agro-Pecuária, Industrial e Feira Anexa de Passo Fundo, realizada nos dias 19 a 23-01-40, a CINÉDIA, do Rio de Janeiro, produziu um

documentário, em duas partes, registrando o evento e alguns aspectos da cidade. Esse trabalho foi exibido no Coliseu nos dias 10 e 13-04-40. Em agosto do mesmo ano, “o filme da Exposição de Passo Fundo” foi reapresentado nos cinemas Coliseu (dias 1º e 02) e Rex (dia 03). (ON nº 3.560, de 08-04; nº 3.563, de 12-04; 3.652, de 1º-08; e 3.654, de 03-08-40.)

A 12-02-41 foi inaugurado na cidade o CINE IMPERIAL, firma Castelli & Cia. Ltda. Situado na Rua Bento Gonçalves nº 734, esquina com a Rua General Osório, em prédio construído por Francisco Kañez, o novo cinema pertencia aos sócios Tranquilini Castelli, residente nesta cidade, e Luiz Guedes de Almeida, proprietário de cinemas em Porto Alegre. Com capacidade para 650 pessoas, tinha como gerente Afonso Griebeler e operador Pedro Dutra, que exercera a função nos antigos cinemas Central e Avenida. O filme de estréia foi a opereta *Sonho Maravilhoso*, da Paramount, com Allan Jones, Mary Martin e outros. (ON nº 3.803, de 10-02; e nº 3.848, de 04-04-41.)

Na noite de 13-04-42, pouco depois das 22h30min, o Imperial foi destruído por um incêndio. O sócio de Castelli, na ocasião, era Eduardo Valandro. (ON nº 4.082, de 22-01; e nº 4.150, de 14-04-42.)

Pelos mesmos sócios o CINE-TEATRO IMPERIAL foi reaberto a 16-09-42, na Avenida General Neto, defronte à Praça Marechal Floriano, obra do construtor e arquiteto Annito Petry, dirigida por Ernesto Delvaux. O programa da solenidade foi divulgado na imprensa: “Às 15 horas. 1 – Recepção aos convidados. 2 – Corte da fita simbólica, à entrada da sala de projeções do novo edifício, pelo dr. Victor Graeff, Prefeito Municipal, falando (pelos proprietários) o dr. Celso Fiori. 3 – Inauguração do retrato do Presidente Getulio Vargas na ante-sala do Cine Teatro Imperial. 5 – Oferecimento de uma taça de champanha às autoridades e convidados. 6 – Exibição, aos convidados, do primeiro filme, inaugurando a tela e os moderníssimos aparelhos de projeção e som.” Aos convidados foram apresentados apenas dois “jornais nacionais”, iniciando com a declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo. Em duas sessões, às 19h30min e às 21h30min, foi exibido ao público o filme *Pérfida*, com Bette Davis. (ON nº 4.156, de 25-04; nº 4.273, de 16-09; nº 4.274, de 17-9; e nº 4.275, de 18-09-42.)

No período de 25-07 a 1º-08-44 apresentou-se no Imperial, sob os auspícios do Governo do Estado e orientação do DEIP, a Companhia de Comédias Delorges

Caminha. Foram encenadas as seguintes peças: 25 – *A Vergonha da Família*, de Joracy Camargo; 26 – *Cidadão Zero*, de Delorges Caminha e Gastão Pereira da Silva; 27 – *O Diabo Enlouqueceu!*, de Paulo Magalhães; 28 – *O Simpático Jeremias*, de Gastão Tojeiro; 29 – *As Três Helenas*, de Armand Mooeh; 30 – *A Culpa é do Coração*, de Hélio Soveral (tarde) e *O Casca Grossa*, de José Vanderley e Daniel Rocha (noite); 31 – *O Maluco nº 4*; 1º - *Iaiá Boneca*, de Ernani Fornari. Completavam o elenco Otávio França, Aníbal de Freitas, Lúcia Delor, Jurema Magalhães, Almerinda Silva, José Policena, Antônia Marzulo, Prado Maia, Paulo Ferraz, Roberto Duval e Alda Maria. Na noite de despedida a direção do cinema inaugurou uma placa assim impressa: “A Delorges, glória do teatro passofundense, homenagem dos seus conterrâneos”. (ON nº 4.823, de 25-07; 4.824, de 26-07; 4.825, de 27-07; 4.826, de 28-07; 4.827, de 29-07; 4.828, de 31-07; e 4.829, de 1º-08-44.)

Em janeiro de 1945 o Imperial passou para o controle da Empresa Arthur Pretto. A 20-01-45 o Imperial foi fechado em face da escassez de energia elétrica provocada por um longo período de estiagem. Pelo mesmo motivo, o Coliseu permaneceu fechado de 21 a 23-01-45, reabrindo no dia 24, graças à instalação de um dínamo junto ao

maquinário. Após uma exaustiva campanha popular encampada pelo O Nacional, que apelou até para os “bons ofícios” do proprietário do imóvel, Carlos Rotta, o Imperial reabriu a 07-07-46, com a exibição do filme *Encontro nos Céus*, estrelado por Lon Mc Callister, Jeanne Crain e Don Taylor. O Coliseu foi fechado no dia anterior. (ON nº 4.960, de 11-01; nº 4.967, de 20-01; nº 4.968, de 21-01; nº 4.970, de 24-01-45; nº 5.376, de 15-06; nº 5.391, de 06-07; e nº 5.392, de 08-07-46.)

A 11-08-46 a Empresa Arthur Pretto arrendou os dois cinemas para a firma individual Nestor R. Pinto. Este reabriu o Coliseu a 13-09-46. O filme apresentado na ocasião foi *Sublime Indulgência*, da Universal, com Merle Oberon e Claude Rains. (ON nº 5.423, de 16-08; e nº 5.446, de 13-09-46.)

Nestor R. Pinto revogou o abatimento de 50% que vinha sendo concedido aos estudantes. Na noite de 24-10-46, pelas 19h, cerca 400 estudantes, liderados pelo presidente do núcleo local da União Gaúcha dos Estudantes Secundários, Pedro Portella, iniciaram uma greve branca com o slogan “OU 50% OU A BICHA CONTINUA...” Na fila, em rodízio, os grevistas apresentavam Cr\$ 2,00 para a compra do ingresso, que lhes era negado. O movimento ganhou apoio

popular e o empresário obrigou-se a realizar as sessões com diminuta assistência. No dia seguinte o abatimento de 50% foi restabelecido. (ON nº 5.480, de 25-10-46.)

Em maio de 1947 o Imperial foi novamente fechado. A 1º-08-47 reabriu com o filme *Irresistível Salomé*, estrelado por Yvonne De Carlo. No final do mesmo ano a Empresa Arthur Pretto, que já havia reassumido o controle dos cinemas locais, revogou o desconto de 50% no ingresso aos estudantes. A 02-12-47 estes repetiram a greve do ano anterior, obtendo sucesso na sua reivindicação. Presidia a UGES o jovem João Ramos Martins. Em contrapartida, os ingressos tabelados em Cr\$ 4,00 e Cr\$ 2,00 foram reajustados para Cr\$ 5,00 e Cr\$ 2,50. (ON nº 5.651, de 27-05; nº 5.704, de 1º-08; e nº 5.806, de 03-12-47.)

Na madrugada de 02-03-48, por volta das 4 horas, um incêndio destruiu o Coliseu. O fogo iniciou na cozinha do Café Colombo e se alastrou para o cinema e algumas residências. Escapou das chamas a filial das Casas Pernambucanas. Nessa época a cidade ainda não dispunha de um “serviço de extinção de incêndios”. (ON nº 5.879, de 02-03-48.)

A 12-07-51 a Empresa Arthur Pretto & Cia. Ltda. inaugurou no mesmo local o moderno CINE-TEATRO COLISEU. A obra foi projetada pelo engenheiro Alvaro Gonzaga, de Porto Alegre, ficando a construção a cargo de Annito Petry. Executaram o projeto Juvenal Ribeiro de Camargo e Osório Alves de Oliveira. Com 1.428 poltronas na platéia, dispostas em 4 grupos, possuía uma sobre-platéia que avançava quase até o centro do recinto, com cerca de 300 lugares. O soalho era recurvo e a iluminação sincronizada. Havia 4 saídas nas laterais e 3 na frente, além de modernas instalações sanitárias e 5 camarins. O responsável pela instalação da aparelhagem foi o engenheiro Hans Warncke, sócio-gerente da firma Cine-Acústica, de Porto Alegre. O material, inclusive o projetor “Bauer” e a tela, com 7,50m de largura, foram importados da Alemanha. A cerimônia de inauguração, marcada para as 16h30min, iniciou pelas 17h, com a presença de autoridades e “grande massa popular”. Cortou a fita Alice S. Melzer, esposa do juiz de direito da 1ª vara da comarca, Isaac Melzer. A benção foi dada pelo vigário José Gomes. Falou em nome da empresa o advogado Romulo Cardoso Teixeira. Aos convidados foram exibidos “um jornal nacional, atualidades mundiais, cachorro de circo, etc.” Não faltou a taça de champanha. À noite foi exibido o filme *A Glória de Amar*, com Greer Garson, Errol Flynn,

Walter Pidgeon, Robert Young e outros, passando em “avant-première” a película *Sapatinhos Vermelhos*, com Anton Walbroock, Moira Shearer e Marius Goring. (ON nº 6.847, de 12-07; e nº 6.848, de 13-07-51.)

Arthur Pretto nasceu em Passo Fundo a 28-07-05, filho de Angelo e Magdalena Pretto. Casou-se a 20-02-41 com Maria de Lourdes Marinho Schmitt. Filhos: Terezinha, Arthur Alexandre e Maria Aparecida. Faleceu em Caxias do Sul a 08-01-77. (ON nº 3.806, de 13-02; nº 3.813, de 21-02-41; e nº 14.400, de 11-01-77.)

Adquirido pelos Cinemas Rossi, o Cine-Teatro Coliseu reabriu no dia 07-03-53, um sábado, com o nome de CINE-TEATRO REAL. O filme escolhido foi o musical carnavalesco *É Fogo na Roupa*, com Bené Nunes, Heloísa Helena, Ivon Cury e outros. (ON nº 7.341, de 06-03-53) No ano seguinte a empresa Rossi comprou o Imperial, que permaneceu funcionando com a mesma denominação. (ON nº 7.876, de 25-12-54.)

Capítulo III

Teatro de Amadores

A história do nosso teatro amador inicia no CLUBE LITERÁRIO AMOR À INSTRUÇÃO.

Fundado a 15-02-1883 por Gasparino Lucas Annes, eleito 1º presidente, Diogo de Oliveira Pentead, Felício Bianchi e Pedro Lopes de Oliveira, o clube funcionou, a princípio, em prédios alugados. A 22-10-1888 recebeu licença para edificar sua sede em terreno adquirido de Pedro Schleder Filho e Lourenço Maximo de Barros. A construção ficou a cargo do sócio-fundador Felício Bianchi.

Em 1891 incorporou-se ao Amor à Instrução outro clube que aqui existia, o UNIÃO RECREATIVO.

No início da Revolução Federalista o clube organizou uma guarda republicana com cerca de 100 voluntários. Gervasio Lucas Annes era o comandante geral e Eduardo Augusto de Souza Britto, no posto de major, o comandante efetivo. Durante a refrega a sede foi transformada em quartel-general e hospital de emergência.

A 1º-02-1899 os cidadãos Gervasio Lucas Annes, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Brasilico Gabriel de Oliveira Lima, Claro Pereira Gomes, Pedro Cavalcanti, Benjamin Franklin de Oliveira Xavier, José Maria de Oliveira, Armando Araujo Annes, Francisco Moretti e Jovino de Oliveira Lima reuniram-se a fim de reorganizar o clube. Na oportunidade foi eleita a seguinte diretoria: Francisco Antonino Xavier e Oliveira, presidente; Claro Pereira Gomes, tesoureiro e Brasilico Gabriel de Oliveira Lima, secretário. “Apesar do ardor manifestado, a idéia não foi avante... e o clube não mais teve vida.”

Essas informações foram extraídas da obra *Clube Literário Amor à Instrução – Esboço Histórico* elaborada por Nicolau Araujo Vergueiro a partir do 2º livro de atas do clube. Uma cópia desse trabalho, concluído a 16-06-54, encontra-se no Arquivo Histórico Regional da UPF.

A certa altura do esboço diz o autor: “Nos fundos do Clube, edificou-se um pequeno palco, todo de madeira que, remodelado várias vezes, sempre prestou relevantes serviços ao fim que se destinou.”

Por volta de 1899 o prédio foi ocupado pelo recém-fundado GRÊMIO DRAMÁTICO PASSO-FUNDENSE. “(...) nele construiu este a parte do fundo, para servir de palco às suas representações teatrais”. (Oliveira, Francisco Antonino Xavier e, O Clube, *in* Seara Velha, Passo Fundo: Tipografia Independência, 1932.)

Delma Rosendo Gehm refere que a fundação do Grêmio Dramático ocorreu a 1º-06-1899, sendo eleito presidente Antonino Xavier. Confirma a construção de um palco junto ao prédio do Clube Amor à Instrução e a representação de peças, algumas de autoria do próprio Antonino. (Gehm, Delma Rosendo, Passo Fundo Através do Tempo, 2º volume, Passo Fundo: Diário da Manhã, Gráfica e Editora, 1982.)

Segundo a insigne historiadora, Antonino Xavier também presidiu o CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO PASSO-FUNDENSE, fundado a 25-03-1897: “Criou, esse Clube, um corpo cênico de amadores e, reconstruído parte do velho e arruinado teatro que havia no centro da face oriental da Praça Tamandaré, aí encenou vários dramas e comédias, com relativo sucesso. Do mesmo corpo cênico participaram o aludido presidente e os consócios Alfredo Pinheiro, Antônio Schell, Argemiro de Quadros, Aristides Prestes

Guimarães, Armando de Araújo Annes, Arthur Morsch, Arthur Schell Issler, Augusto Schell Loureiro, Benjamin Siqueira, Brasilico Lima, Herminio de Souza Lima, Ildefonso Xavier e Oliveira, Inocencio Schleder, João Brandisio de Almeida, João Schell Sobrinho, Osório Roca Ribeiro, Ricardo Rico e Saul Fortunato dos Santos.” Notícia a participação em pelo menos uma representação dos colaboradores Nicolau Araújo Vergueiro, Luiz Vilanova, Leandro Ferraz Missel, Alberto Xavier Falkembach e Antonio Augusto Graeff. (Gehm, Delma Rosendo, *op. cit.*)

Esse clube extinguiu-se no ano seguinte. O espólio foi entregue ao Clube Amor à Instrução a 17-06-1898. (Gehm, Delma Rosendo, *op. cit.*)

Composto basicamente pelos mesmos elementos do Clube Recreativo, o Grêmio Dramático Passo-Fundense criou em 1899 um jornal chamado O PALCO, de curta duração. Tinha como redator Antonino Xavier e colaboradores Armando Araujo Annes, Brasilico e Affonso Gabriel de Oliveira Lima. (*João d’Outrora*, A Imprensa em Passo Fundo, *in* ON nº 8, de 15-07-25; e Gehm, Delma Rosendo, *op. cit.*)

“TEATRO. No dia 8 do corrente deram-nos seu primeiro espetáculo os simpáticos atores nacionais Edmundo e Nina Dantés com as comédias *Ciumes Macrobios*, *Amor por Anexins*, *Saráo da Cotinha*, cena cômica *Minha Família* e cançoneta da ópera *I pescatori de Napoli Funi coli, funi cola*. O desempenho foi correto. A concorrência foi regular. Hoje serão levadas a tragédia *Fatalidade* e a comédia em três atos *Emprestas-me tua mulher?*, em que tomarão parte, além do sr. Edmundo e da sra. Nina Dantés, os inteligentes amadores passo-fundenses Brazilico Lima, Armando Annes e Antonio Schell Loureiro.” (O Gaúcho nº 27, de 12-09-1900.)

Sobre o sugestivo Edmundo Dantés refere-se Athos Damasceno: “No teatrinho do arrabalde do Parthenon, comparecendo em setembro (1898) com alguns companheiros hesitantes, o ator Edmundo Dantés não consegue reunir em torno de seus programas mais do que meia dúzia de espectadores, vendo-se quase obrigado a recorrer à caridade pública para pagar o bife de sua troupe famélica.” (Damasceno, Athos, Palco, Salão e Picadeiro - Em Porto Alegre no Século XIX – Porto Alegre: Editora Globo, 1956.)

A 20-08-1906 foi criado o GRÊMIO
DRAMÁTICO E BENEFICENTE

CASEMIRO DE ABREU, com a seguinte composição: diretora honorária, Juvênia Annes Bastos; diretores, Gezerino Lucas Annes e Inocêncio Borges da Rosa; ponto, Arthur José Lopes; contra-regra, Antonio Lovet; amadores, Aniceto Gomes Castanho, João Loureiro, João Antonio Reichmann, Argemiro de Quadros, Mario Bastos, Pindaro Annes e Leão Bueno. A estréia foi designada para o dia 15-11-06. Programa: *Miséria, Esperança e Fortuna*, drama da autoria de Inocêncio Borges da Rosa, e o monólogo *A Bicicleta*, interpretado pelo amador Aniceto Gomes Castanho. O grêmio tinha por finalidade angariar fundos para a igreja, para as instituições de utilidade pública e para os necessitados em caso de calamidade. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.)

Delma Rosendo Gehm enfatiza o sucesso da peça *A Tomada da Bastilha*, de Anicet Bourgois, representada a 17-03-10, no palco do “Clube Amor à Instrução” (encampado pelo Clube Pinheiro Machado desde 1904), pelos amadores do Grêmio Dramático Passo-Fundense, Cecy Desessard Leite, Louissette Conty, Universina Ribas, Vicente Paiva Bueno, Afonso Lima, João Opitz, Alfredo Pinheiro, Adão Morsch, Otavio Godinho, Pindaro Annes e Adão Schell Loureiro. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.)

O evento mereceu uma edição especial do jornal O Gaúcho, em cetim italiano. Os amadores foram mimoseados com jóias pela sociedade local. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.)

Em maio, por ocasião da festa em louvor ao Divino Espírito Santo, o Grêmio Dramático Passo-Fundense promoveu a representação de um auto. (O Gaúcho nº 18, de 22-05-10.) Anunciou também a estréia da peça *Izabel da Thuringia*, em 5 atos, para o dia 9 de julho. (O Gaúcho nº 23, de 26-06-10.)

Em 1910 surgiu o GRÊMIO SOARES DE MEDEIROS, grupo de teatro formado por Antonio Junqueira Rocha, Jeronymo Vargas, Ivo José Ferreira, Jacinto Pereira Gomes, Teodorico Borges da Rosa, Osório de Quadros, Paulinho Costa Filho, Leovegildo Varela e outros, sob a orientação de Queiroz Ribeiro. (Gehm, Delma Rosendo, op. cit.)

A 16-04-11 ocorreu a fusão entre os Grêmios Soares de Medeiros e Dramático Passo-Fundense. A nova sociedade passou a chamar-se RECREIO DRAMÁTICO. O Gaúcho acrescentou à notícia o seguinte comentário: “Registramos essa notícia com

o maior contentamento, por haver desaparecido uma questão que em certa época ia-se tornando irritante; está dessa maneira resolvida de um modo mais que satisfatório a questão dos grêmios. De modo que, brevemente, poderá contar esta cidade com um teatro, que esteja na altura do progresso de Passo Fundo.” (O Gaúcho nº 16, de 27-04-1911.)

“No dia 12 do corrente, como estava projetado e demos notícia em nosso último número, realizou-se no Club Pinheiro Machado a récita em homenagem ao nosso amigo Claro Pereira Gomes, que naquela data fazia anos. Pouco antes da hora marcada para o começo da representação do drama ‘O Veterano da Liberdade’, escolhido para a récita, a comissão promotora desta foi à casa do aniversariante e o conduziu ao teatro, onde, chegado, ofertou-lhe uma caneta de ouro e a dedicatória da festa, com dizeres impressos em cetim cor de rosa e enquadrada em fina moldura. Seguiu-se a representação do drama, a qual foi excelente e conquistou fartos aplausos da platéia. Os papéis de mais responsabilidade, confiados aos amadores Osorio de Quadros, Queiroz Ribeiro e Luiz de Almeida, foram desempenhados impecavelmente. Os outros amadores também se esforçaram na interpretação dos seus, conseguindo alguns lances bons. Terminada a representação do drama,

seguiu-se o monólogo ‘O Caipira’, a cargo do amador Theodorico Borges da Rosa, que lhe deu grande realce, trazendo a platéia em constante hilaridade. Após ao espetáculo o aniversariante ofereceu em sua residência uma lauta ceia à comissão promotora da festa, e seguiu-se animado baile, no Club Pinheiro Machado, prolongando-se até a madrugada seguinte.” (O Gaúcho nº 31, de 17-08-11.)

Em 1912 a Intendência publicou edital de concorrência pública para a construção de um teatro: “EDITAIS. Concorrência pública. De ordem do sr. Coronel Intendente Municipal faço público que tendo os cidadãos Herculano Trindade, Philomeno Pereira Gomes e outros requerido a abertura de concorrência pública para a construção de um teatro nesta cidade, fica marcado o prazo de 30 dias a contar da presente data para a apresentação de propostas com os esclarecimentos seguintes: I – Em que local da Cidade será feita a construção, qual a espécie da mesma e em que prazo ficará concluída. II – Qual seu tamanho, capacidade e conforto especificando altura, as alas de camarotes, tamanho do palco e platéia, assim como das outras dependências. III – A duração do contrato e mais esclarecimentos necessários para o julgamento da proposta que deverá ser apresentada em envelope fechado e vir

acompanhada de cautela da caução de 500\$000 réis, feita no tesouro municipal, para garantia da assinatura do contrato. As propostas serão abertas no dia 10 de julho p. futuro, às 10 horas da manhã, no gabinete do sr. Intendente Municipal, em presença dos interessados que comparecerem, sendo aceita aquela que mais vantagens oferecer. Secretaria da Intendência Municipal de Passo Fundo, 10 de junho de 1912. O Secretário, Jacintho Pereira Gomes.” (O Gaúcho nº 25, de 22-06-12.)

A construção do teatro era uma antiga aspiração do Grêmio Dramático: “DIVERSOS ASSUNTOS. (...) Pelo ‘Grêmio Dramático Passo-Fundense’, representado pelo seu presidente, cidadão Antonio Decusati, foi endereçada a esta intendência a petição anexa (não publicada), solicitando um auxílio pecuniário à construção, projetada pela mesma sociedade, de um teatro nesta cidade, melhoramento cuja necessidade realmente se faz sentir.” (Mensagem apresentada ao Conselho Municipal, pelo Intendente Gervasio Lucas Annes, a 1º-11-1909.)

O engenheiro Antonio Decusati foi um dos empreiteiros na construção da via férrea de Caxias, entre Maratá e Barão. Em 1912 mantinha um escritório em Lomas de Zamoro, arrabalde da capital argentina.

(Wiederspahn, Ten. Cel. Henrique Oscar, Henrique José Wiederspahn (1882–1948), *in* Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, São Leopoldo: Gov. do Estado do RS, 1974.)

Com a desocupação da sede do Clube Amor à Instrução pelo Clube Pinheiro Machado, provavelmente em 1912, o teatro passou a funcionar naquele local com o nome de AVENIDA ou MUNICIPAL.

O Grêmio Dramático encerrou as atividades em 1915. O saldo existente em caixa, no valor de 192\$100, foi doado ao Hospital de Caridade por Álvaro e Lino Schell de Quadros. (Ata nº 7, fl. 11, Livro 1, de 07-03-15.)

“COMPANHIA DE OPERETAS – Por iniciativa do sr. Anacleto Corrêa, empresário teatral, está sendo organizado entre nós, uma lista de assinantes, para a vinda, a esta cidade, da Companhia Italiana de Operetas Maresca Ciprandi – Buccini que, já algum tempo, vem trabalhando, com sucesso, nas principais cidades do Estado. Regular número de pessoas tem subscrito a lista referida; entretanto, teme-se que as assinaturas já tomadas não atinjam a quantidade precisa para a vinda da

companhia. Será de lamentar-se se tal ocorrer, pois Passo Fundo perderá a oportunidade de apreciar um dos bons ‘quadros’ de opereta que tem vindo ao Rio Grande. Caso, porém, as subscrições atingir, para cinco récitas, o número preciso, a Companhia Maresca – Ciprandi – Buccini, que já se encontra em Cruz Alta, virá a Passo Fundo, devendo estreiar-se no Teatro Avenida, que já está sendo preparado para tal fim. Do elenco da companhia, fazem parte o reputado tenor Ciprandi e a soprano Nelly Garny. O seu repertório, que tivemos ocasião de ver, é excelente, nele figurando as modernas operetas de maior valor musical. Os preços das subscrições são de 6\$000 por localidade.” (O Gaúcho nº 41, de 25-10-19.)

Em 1920 o novo Intendente eleito, Nicolau Araujo Vergueiro, desapropriou o prédio do teatro. (Ato nº 356, de 27-12-20.) Nele foi instalado o Foro: “Hoje à noite será inaugurado o novo edifício do Forum que o dr. Araujo Vergueiro, digno intendente municipal, mandou adaptar o antigo prédio do Teatro Municipal.” (A Voz da Serra nº 246, de 12-02-21.)

Os festivais prosseguiram nos cinemas: “**Festival de Caridade** – Conforme prometemos, em nossa passada edição, damos a seguir alguns pormenores do festival dramático, realizado sexta-feira

última no Coliseu, em benefício do Hospital São Vicente de Paulo. Foram levados à cena o drama *Anjo dos Pobres*, a comédia *Arremedos do grande tom*, o entreato *A Caminho da Misericórdia* e o número de canto *O Orphãosinho*, vocalizado, magnificamente, pela gentil Maria Motta, que recebeu fartos aplausos. No *Anjo dos Pobres*, a senhorita Olga Langaro imprimiu ao papel de Carlota toda a dramaticidade de que o mesmo se reveste, traduzindo os dolorosos transe de uma pobre viúva a braços com a miséria, assediada pelo senhorio que a ameaça de despejo, enquanto os filhinhos, inutilmente, exigem pão. Salientaram-se também nesse drama as senhoritas Jurema Pinto, no papel de Elisa, Edméa Souza, no papel de Ambrosina e Alzira Sperry, no de Angélica, o anjo dos pobres, além do Braguinha que fez rir a platéia na sua fúria contra a dona da casa, d. Quitéria, comicamente representada pela senhorita Italia Durgante. Em a comédia *Arremedos do grande tom*, de grande fundo moral, os papéis principais foram desempenhados pelas senhorinhas Mocinha dos Santos, Isaltina Pilar, Alice Rocha e Edith Issler, que se houveram de forma a não lhes serem regateados merecidos aplausos. Irahya Pereira, Italia Durgante, Edméa Souza e Olga Langaro, fizeram suas entradas cômicas, despertando hilaridade. Foi, em suma, um belo espetáculo que, além de seu fim humanitário, em prol de um dos

institutos de caridade que possuímos, agradou, proporcionando horas aprazíveis aos que o assistiram, revelando, ao mesmo tempo, a existência no nosso meio social de um núcleo de encantadoras conterrâneas a que se pode cometer, sem fiasco, a iniciativa de qualquer festival artístico.” (A *Época* nº 11, de 14-04-21.)

Com a criação do GRUPO X DE COMEDIAS E VARIÉDADES, em 1921, o teatro voltou a ser praticado com mais regularidade e entusiasmo pelos amadores locais. Os espetáculos eram montados tanto no Coliseu como no Brasil, sob a direção de Pelissier de Lima Costa. A 02-07-22 realizou-se no Coliseu um festival em benefício do Hospital de Caridade. Programa: “Comédia ‘Abençoada Chuva’, em 1 ato, de Louis Forest, desempenhada pelas senhoritas Maria Xavier, Ondina Dornelles e os jovens Theodomiro Magalhães, Juvenal da Luz e Jupyr Pinto Lima. Ato de variedades, pelas senhoritas Loura Eichenberg, Almerly Magalhães, Menna Rotta, Maria Motta e o jovem A. Silva. Comédia ‘O Trote’, em 1 ato, de Claudio de Souza, pelas senhoritas Maria Xavier, Dorvalina Lemos, Carmelita Rodrigues e os jovens Theodomiro Magalhães e Juvenal da Luz. Surpresa final, pelos mesmos amadores acima, consistindo numa cançoneta intitulada ‘A Coieta’,

solada por Theodomiro, com bem afinado coro por diversas senhoritas.” (A *Época* nº 74, de 06-07-22.)

A 03-09-22 o Grupo X voltou ao Coliseu com a comédia em 3 atos *Assassino de Macario*, de Camilo Castello Branco: “(...) O desempenho dado aos papéis agradou sobremodo. Theodomiro, interpretando Libório, portou-se, como sempre, otimamente, recebendo fartos aplausos; Olavo Hahn, no papel de Bernabé, e que estreava-se em nossa platéia, demonstrou ser um amador de muito futuro; a senhorita Loura Eichenberg, no difícil papel de Etelvina, portou-se a contento geral; o papel de Sebastiana, confiado a srta. Yayá Dornelles, foi desempenhado com bastante graça. A seguir entrou em cena a revista carioca, em um ato, arranjo de Theodomiro e intitulada ‘Lixou-se o Gomes’. Este número agradou bastante, mormente a parte local: ‘Ahi vem o Elias’, que produziu verdadeira fábrica de gargalhadas. Formaram a compéragé da revista os srs. Luiz Mazot, bancando o trouxa; Juvenal da Luz, fazendo o Tiririca; Aquino Silva, representando o polícia 17; Theodomiro Magalhães fazendo três belos números, e senhoritas Ondina Dornelles, Mecia Paz e Maria Motta. O sr. Albino Xavier tomou parte também na revista, obtendo como os demais amadores, fartos

aplausos. Terminou a função com uma bela apoteose ao Brasil. Foi essa uma excelente noitada de arte e riso, devida ao esforço e perícia do sr. Pelissier Lima Costa, que preparou ambas as peças. (...)” (A *Época* nº 84, de 21-09-22.)

Em setembro de 22 o Grupo X anunciou para breve no Cine-Teatro Brasil a representação das peças *O Bom Commisario*, *Coração e Estomago* e *Um arranjo de revista local*. (A *Época* nº 84, de 21-09-22.)

A 15-11-22, uma quarta-feira, o Grupo X encenou no Coliseu a comédia *Rivaes de George Walsh* ou *Idolo das Meninas*, de Gastão Tojeiro, dedicada na ocasião às Famílias, aos Grêmios Esportivos, aos Tiros de Guerra 225 (local) e 644 (Carazinho) e ao Comércio em geral. Com a direção de Theodomiro Magalhães e Pelissier de Lima Costa, os cenários de Dorival Marques e o mobiliário da Casa Nascimento Rocha, a peça foi reapresentada no Coliseu a 19-11-22: “(...) Para iniciar o festival foi executado o Hino Nacional pela orquestra regida pelo Maestro Felipe Paz, que foi ouvido de pé pela grande assistência. Logo em seguida subiu o pano para o começo da representação da fina comédia em 3 atos, de lavra de Gastão Tojeiro – *Os Rivaes de George Walsh*. Tomaram parte no

desempenho desta peça as senhorinhas Loura Eichemberg (Dulce), Enilda Bauer (Esther), Rosita Silva (Nonoca), Itália Durgante (Libânia) e os srs. Theodomiro Magalhães (Jorge), Luiz Mazot (Tobias), Juvenal da Luz (Renato), Olavo Hahn (Arnaldo) e João Ribas (Carlos). Os amadores desempenharam bem os papéis que lhe foram confiados, pelo que receberam fartos aplausos. Nos intervalos, as meninas Mécia Paz e Maria Motta, cantaram diversos números de música. Finalizou essa festa de arte, cantando um dueto a srta. Enilda Bauer e o sr. Theodomiro Magalhães, o fox-trotte da opereta *Princesa Del Gramophone* denominado – *Amor, já meia-noite acaba de soar*. Os cenários e adereços eram completamente novos. O espetáculo causou magnífica impressão pelo conjunto artístico com que foi organizado. Foi uma encantadora festa de arte que muito agradou o público. O Grupo X que é constituído por bons elementos promete para breve um outro festival. Sabemos que brevemente a pedido geral será repetida a magnífica peça *Rivaes de George Walsh*, que tanto sucesso alcançou na noite do dia 15.” (A *Época* n° 92, de 16-11-22.)

“*THALIA*. Realizou-se domingo p.p. mais uma representação pelo aplaudido Grupo X. O seu Pelissier nos proporcionou mais uma agradável noite. Não fomos

forçados, como habitualmente acontece, a suportarmos 7 partes de tragédia muda em que o marido ultrajado expulsa a esposa, esta atira-se ao mar, a mãe, a sogra, a madrinha, o padrasto da vítima, todos morrem de desgosto; quando não temos o dramalhão italiano, caímos forçosamente no drama heróico yankee em que sempre uma moça milionária da alta sociedade, depois de longas correrias pelo Far West, casa com um cow boy. A noitada de domingo distraiu-nos da repetição constante das fitas. Começou o espetáculo com a execução da marcha patriótica ‘Amor Febril’, pela orquestra regida pelo maestro Felipe Paz. Apesar de muito especulado, agradou bastante o ‘Capitão Cassula’, pois é uma música, que, como raras e bem executada como foi, sabe tocar o nervo patriótico do brasileiro, latino por excelência. O menino de 6 anos de idade, Americo Paz, filho do maestro Paz, estreou na orquestra, executando a contento geral a parte da pancadaria, composta de caixa e triângulo. Atenta a idade do minúsculo estreante, bem evidencia-se o velho adágio popular ‘Filho de tigre sai pintado’. A seguir subiu o pano para a representação, em reprise e a pedido, da chistosa comédia em 3 atos, de Gastão Tojeiro, intitulada ‘Rivaes de George Walsh’. Embora no passado número desta folha se fizesse referências ao desempenho desta peça, seja dado ao rabiscador desta seção mencioná-lo novamente. Respeitada a ordem

cronológica, quanto ao nascimento dos amadores, começamos pelo intérprete do velho Tobias – Mazot, o seu Mazot do Correio. É pau para toda a obra; no ground como no ground, no palco como no palco. Deu-lhe um papel de galã, e o veremos, apesar do seu meio século, qual Romeu, galgando qualquer parede à procura dos lábios nacarados da desejada Julieta. Façam-lhe ‘centro nobre’ e o apreciaremos, circunspecto, convencido, suíças enormes, encanecidas, fazendo valer o prestígio dos sulcos da epiderme, ligeiramente avivados no camarim. Encarreguem-lhe do centro cômico, como fizeram domingo p.p. e o veremos, como efetivamente o vimos, ora, com o seu inconfundível ‘amarelinho’ na intimidade do lar, ora ostentando impecável fraque, pose de velho elegante, cioso da sua autoridade, mas dela abstraindo toda a vez que assim o exigir qualquer capricho da filha única. Bravos! Seu Mazot, embora o fardo material já faça sentir seu peso, o espírito deve ser sempre moço. Não há dúvida o nosso ‘argente’ conhece todos os segredos do palco, é amador e tanto, tribute-lhe pois o povo seus aplausos que nós, daqui, o abraçamos calorosamente. A seguir se nos depara o nosso Juvenal. É pena que lhe não dessem um papel de alfaiate para o vemos aplicar aquela frase sempre pronta. ‘Sábado ao meio dia se Deus quiser, ficará pronta sua roupa.’ Juvenal é bom amador, diz os seus papéis com precisão e graça; é também bom

alfaiate, mas, com a ABC, nunca prontifica as encomendas no prazo prometido. No papel de Renato, o nosso digno alfaiate portou-se admiravelmente, apesar de deslocado do seu gênero, pois, o jovem Juvenal, mesmo *mui buen mozo* como é, tem uma queda visível para o galã cínico, que tem feito sempre com muito brilho. Entretanto merece também umas palmadas... O noivo Bilac fez também jus aos aplausos da platéia, no papel de Arnaldo. Sempre apressado, contando os minutos, fez-nos lembrar certo moço patriota e livreiro, que, num perfil publicado nesta folha, foi classificado de fordsinho em segunda rasgando gasolina. Houve-se o sr. Olavo Hahn muito bem, elevou mais o seu prestígio de amador firmado em anterior representação. Segue-se agora o sr. Ribas que estreando no papel simpático de Carlos, firmou seu conceito de amador seguro. Prossiga jovem Ribas, que novos triunfos vos esperam. A senhorita Italia Durgante, no jocoso papel de Libânia, que desempenhou com muita graça e maturidade, revelou-se uma caricata de mérito. Fez as delícias da platéia a d. Libânia, cujo orgulho, as duas casas na olaria, foi a isca que lhe valeu o jovem padeiro, o pseudo George Walsh. Cumpre-nos agora apreciar o desempenho dado pela senhorita Loura Eichemberg ao papel de Leulce. Manteve-se sempre a contento, demonstrando estar muito familiarizada com o palco. Segue-se a

senhorita Enilda Bauer cuja estréia no papel de Ester, valeu-lhe verdadeiro triunfo, pois de todos os lados surgiram-lhe aplausos. Porte elegante, boa pronúncia, incontestável desembaraço, granjearão por certo à jovem estreante, fartos aplausos em futuras representações. Ocupemo-nos agora do jovem e já famoso Theodomiro, na frase do major Ivo. Galã moderno, almofadinha, fanático pelo cinema, conquistador sistema 'Bleriot' ou 'Breguet', de pura vocação, encarnou o nosso criticado o seu verdadeiro papel. Jorge que ia perecendo, vítima de formidável complicação, foi interpretado por Magalhães, com rara perfeição; seu prestígio de amador, há muito consumado, mais uma vez evidenciou-se. Muito estranhámos o procedimento dum jovem funcionário estadual que tentou perturbar o desempenho da peça, com injustiçados apartes próprios somente de mocinho 'melindroso' e pouco educado. Finalmente, digamos que a senhorita Rosita Silva, no papel de Nonoca, revelou-se uma amadora de muito futuro, pelo desembaraço e graça com que encarnou o difícil papel de mocinha vaidosa, confiada, cuja principal ocupação consiste em cuidar da sua coleção de artista da tela. 'Rivaes de George Walsh' é um atestado vibrante da educação moderna das mulheres, cuja predileção cega pelos artistas da cena muda, faz periclitarem muitas vezes um noivado de futuro ou um lar feliz. Vejam as nossas jovens senhoritas o ridículo em que

incorreram os personagens da peça em referência e acautelem-se. Finalizou o espetáculo com um magnífico ato de variedades, onde apreciamos a menina Mecia Paz, voz perfeitamente educada, vocalizar duas belas canções. Theodomiro e senhorita Loura, cantaram em dueto, Supremo Adeus. As senhoritas Laura Bauer e Loura Eichemberg, fizeram o belo número, Valsa das Violetas. A Princesa del Gramophono, dueto por Theodomiro e senhorinha Enilda agradou imensamente. Digam-nos os ruidosos aplausos que receberam. A mise-en-scène, a cargo de Theodomiro Magalhães, esteve na altura, vendo-se finos e artísticos móveis cedidos gentilmente pelo sr. Nascimento Rocha, cuja fabrica, pela elegância e perfeição notadas nos móveis a que nos referimos, está apta para executar qualquer mobiliário por mais fino e moderno que seja. Nossos parabéns pois ao infatigável diretor do Grupo X, sr. Pelissier de Lima Costa, uma poderosa coluna do templo de Talia, em Passo Fundo. *Appolo.*" (A Época nº 93, de 23-11-22.)

No final do mesmo ano o Grupo X anunciou para breve a peça *Flores de Sombra*, do dramaturgo Cláudio de Souza, acompanhada do tradicional ato de variedades. (A Época nº 97, de 21-12-22.)

Em 1923, por razões não divulgadas na imprensa, o Grupo X encerrou as atividades. O saldo em caixa foi doado ao Hospital de Caridade: “A pedido do sr. Pelissier de Lima Costa, diretor do Grupo X, transcrevemos a carta abaixo. Deseja o sr. Costa que, pela sua publicação, seus colegas do grupo dramático se inteirem da aplicação dada ao saldo existente em caixa, que, na nossa opinião, não podia ser mais acertada do que foi, ofertando-o à benemérita instituição que é o Hospital de Caridade. ‘Passo Fundo, 7 de abril de 1923. Ilmo. Sr. Pelissier de Lima Costa. N/cidade. Saudações cordiais. – Está em meu poder a sua de 5 deste, pela qual a sua generosidade novamente se patenteia para com esta causa, ofertando-lhe o saldo da caixa do extinto Grupo X, de que foi esforçado e digníssimo presidente. Diante dessa carta e do cheque que a acompanha, na importância de 128\$070, contra o Banco Pelotense, cabe-me o dever de manifestar-lhe o nosso mais vivo reconhecimento, extensivo a todas as almas nobres que, sob a sua direção, concorreram para que essa espórtula abençoada viesse incorporar-se a este Hospital. Subscrevo-me com elevado apreço e reconhecimento, seu Am.º cr.º e obr.º *F. Antonino X. e Oliveira.*” (A Época nº 106, de 19-04-23.)

O ano de 1925 marcou a volta do Grupo X. No dia 02-10-25, em homenagem

a Zola Amaro, retornou ao Coliseu com a peça *Flores de Sombra*. Atuaram Nenê Meyer (Cristina), Maria Lucia Annes (Luizinha), Silvio Alviggi (Oswaldo), Luiz Mazot (Possidonio), Italia Durgante (Adelaide), Franklin Silva (Cel. Ferraz), Juvenal da Luz, Elvira Secconi, Nininha Durgante e João C. de Carvalho. “Ao findar a representação da comédia, o dr. Ney de Lima Costa, em nome da notável cantora Zola Amaro, ofereceu, em cena aberta, uma linda ‘corbeille’ aos amadores do Grupo X.” Na segunda parte do programa, pela “virtuose” Dilia Caminha, foram interpretados alguns números de canto. (ON nº 31, de 03-10-25.)

A nova diretoria do Grupo X, eleita a 04-11-1925, ficou assim constituída: presidente, Pelissier de Lima Costa; vice-presidente, João Escobar; tesoureiro, Juvenal Tavares da Luz; orador, capitão Oliveira Mesquita; diretor de cena, Luiz Mazot; auxiliar de cena, Italia Durgante; cenógrafo, Carlos Fontani; contra-regra, Nenê Meyer; ponto, José Bonaparte de Lima Costa; conselho fiscal, Nenê Meyer e Maria Lucia Annes. (ON nº 41, de 07-11-25.)

A 04-09-25 o GRUPO DRAMÁTICO BA-TA-CLAN estreou no Coliseu em benefício da Sociedade Auxiliadora das Moças e em homenagem a Ney de Lima

Costa. Foram representadas as comédias *Declaração por Carta*, *Creados Modernos* e *Um Casamento na Roça*, com destaque para o amador Janguito Palhares, no papel de Simão. Ondina Dornelles cantou o fox-trot *A Cotovia*. Loura Eichenberg ao piano e Jecy Lima ao violino interpretaram um trecho da *Lucie de Lammermoor* e *Giovanna d'Arco*. (ON nº 23, de 05-09-25.)

Uma segunda apresentação do grupo ocorreu a 12-11-25, no Coliseu, em benefício do Clube União Comercial e em homenagem ao presidente deste, Pedro Julio Garcia. O programa dividia-se em quatro partes: as comédias *O Diabo atrás da porta* e *Os Tiriricas*, um ato de variedades e a comédia *Os Dois Jucas*. Pertenciam ao Ba-Ta-Clan Loura Eichenberg, Ziza Araujo, Rosa Bento, Jecy Lima, Pedro Barreiro, F. Costa Medina, Janguito Palhares, Julio Viegas, Ubaldino Falkembach e Nativo de Oliveira. (ON nº 42, de 11-11-25.)

Em março de 1930 a Gazeta registrou o aparecimento de uma nova obra do advogado Ivalino Brum, o drama *Elles*, em 2 atos: “(...) Sem tempo necessário para dizer da sua obra, por agora, apenas o nosso agradecimento e parabéns pelo trabalho que por certo, vem enriquecer a nossa literatura.” (Gazeta nº 10, de 08-03-30.)

O advogado, jornalista e teatrólogo José Ivalino Pessoa de Brum (1878-1944) era natural de Rio Pardo, tendo falecido em Carazinho, onde residia. Sobre o drama *Elles* o Dicionário Bibliográfico Gaúcho, de Pedro Leite Villas-Bôas, nada conseguiu apurar. A comédia em 2 atos *A Mulata é Minha*, do mesmo autor, que o dicionário consigna ter sido publicado no jornal O Nacional, “em data não precisa”, na realidade foi publicado na Gazeta, do nº 14 ao nº 19 (09-04 a 17-05-30). Quanto ao drama *Rosas do Céu*, em 3 atos e 1 quadro, foi publicado no O Nacional, com algumas interrupções, do nº 273 ao nº 296 (08-02 a 28-04-28).

A campanha em benefício da construção da Catedral, no início dos anos 30, trouxe de volta à cena alguns integrantes do Grupo X. A 10-06-31 ocorreu um festival de variedades no Coliseu com a representação da comédia *O Primo Rico*, em 1 ato, de Charles Foley. Distribuição: Josefina, Italia Durgante; Jeni, Ema Rodrigues; Justina, Ivone Pacheco; Casemiro, Ivens Pacheco; Leonel, Laurindo Lunardi; Benício, Ney R. Brasil, e *As Mascaras*, teatro de câmara em 1 ato, de Menotti del Picchia. Distribuição: arlequim (um desejo), Irma De Cesaro; pierrot (um sonho), Heloisa Rodrigues e colombina (a mulher), Renée Rocha. Italia Durgante

também apresentou um monólogo. (ON nº 942, de 10-06-31.) Esse festival retornou ao Coliseu, com algumas alterações, a 15-06-31, por iniciativa de Vicentina Scarpellini, Wanda Farias e Amanda Rocha Camatte. A novidade foi o vaudeville *Do que é capaz o amor*, de João Savine, representado por Ema Rodrigues, Italia Durgante, Irma De Cesaro, Chiquinha Azambuja, Ivens Pacheco, Ney R. Brasil e Laurindo Lunardi. Judith Pacheco dirigiu a orquestra. (ON nº 946, de 15-06 e nº 947, de 16-06-31)

Reorganizado por Silvio Alviggi, o Grupo X iniciou nova fase com a comédia *O Interventor*, montada no Coliseu a 27-12-32 em benefício da construção da catedral. A peça foi antecedida por uma conferência do padre Humberto Rhoden. Destacou-se Clarinha Gomes, no papel de Léa. (ON nº 1394, de 27-12; e nº 1.395, de 28-12-31.) A 07-01-33 essa comédia foi encenada pelo Grupo X no Clube Comercial de Carazinho. (ON nº 1.405, de 09-01-33.)

Outro sucesso do Grupo X, a comédia *O Bobo do Rei*, de Joracy Camargo, lotou o Coliseu na noite de 16-06-33. A Silvio Alviggi coube a difícil tarefa de interpretar o Pingüim, imortalizado por Procópio Ferreira. Os papéis de Mme. Larousse, Picolé, Elza, Paulo, Américo e o príncipe Alberto ficaram a cargo, respectivamente, de

Auda Cecconi, Sara Duarte, Alzira Pretto, Avelino Nedel, Waldir Cecconi e Hugo Pires. Participaram ainda do elenco, Renée Rocha, Julieta Morsch, Beda Feil, João Duarte e José Camatte. A direção cênica ficou a cargo de Samuel Chmelnitsky. (ON nº 1.536, de 18-06-33.)

Premiada pela Academia Brasileira, a comédia *O Bobo do Rei* foi representada em maio de 1931, no teatro Trianon do Rio de Janeiro, pela Companhia Procópio Ferreira. A personagem Américo, no elenco original, ficou a cargo do ator passo-fundense Delorges Caminha. Em 1937 a peça ganhou versão cinematográfica pela Sonofilms, com Mesquitinha no papel principal.

A 21-06-1934, no palco da Sociedade Operária e em benefício desta, foi realizado um festival pelo GRUPO DE AMADORES UNIÃO, de Passo Fundo. Foram encenadas as comédias: *O Casamento Papudo*, de Ivalino Brum, com Antonio Grespan, Angelo Grespan, Ricardo Dossa, Egidio Rodrigues, João Pereira e Arnaldo Raiter; *Aqui tem Gente*; *Veneno para Ratos* e *O Coronel Jeca Minhoca na Capital*, com João Trelha no papel principal; a poesia *Espiral do Meu Cigarro*, por Antonio Grespan; e a canção *Quantas Saudades*, por Angelo Grespan. (ON nº 1.835, de 21-06-34.)

Em junho de 1934 o Grupo X anunciou com um mês de antecedência a representação “da peça de maior luxo e de maior montagem apresentada até hoje em Passo Fundo”: *O Vendedor de Ilusões*, de Oduvaldo Vianna. Dedicada ao bispo diocesano, d. Antonio Reis, que se fez presente, a peça estreou no Coliseu a 03-07-34, ganhando reprise três dias depois. A renda foi revertida em benefício da criança pobre da Congregação da Doutrina Cristã. Os papéis foram assim distribuídos: Diná, Binoca Reis; Iolanda, Renée Rocha; Maria Clara, Ida Della Méa; Elisa, Olga Durgante; Criado, Horacio Cezar; Tomaz, Denylio Carvalho; Martins, Solon Silva; Juvenal, José Harb; Rochinha, Hugo Pires; Domingos, José Alves; Francisco, Romeu Barcala; Américo, Nilo Pires e Orlando Prado, Silvio Alviggi. O ponto, como das ocasiões anteriores, foi José Luiz Bonaparte de Lima Costa. Samuel Chmelnitsky atuou como contra-regra. A direção esteve a cargo de Silvio Alviggi e os cenários ficaram por conta de Mariano Peralta e Irmão Nilo (Marista). A 14-07-34 o Grupo X encenou essa peça em Erechim, no Teatro Apolo, e a 29-09-34 em Carazinho, retribuindo visita feita a Passo Fundo pelo GRUPO THEATRAL CARAZINHENSE, o qual havia apresentado a 21-07-34, no Coliseu, a peça *Deus lhe Pague*, de Joracy Camargo, com estupenda atuação do amador Edgar

Kasper. (ON nº 1.834, de 20-06; nº 1.843, de 30-06; nº 1.845, de 03-07; nº 1.847, de 05-07; 1.857, de 17-07; nº 1.862, de 23-07; nº 1.916, de 27-09; e nº 1.918, de 29-09-34.)

A eleição da diretoria do Grupo X para o período social de 1934-1935 ocorreu a 09-09-34, no salão nobre da Sociedade Sírio-Libanesa, e ficou assim constituída: presidente honorário, dr. Benedito Frydberg; presidente, Silvio Alviggi; vice, Bonaparte Lima Costa; secretária, Alba Braga; subsecretário, Hugo Pires; tesoureira, Italia Durgante; subtesoureiro, Juvenal Hyppolito da Luz; orador, Verdi De Cesaro e diretor artístico, Geolar Caminha. Inscritos no Grupo X, além da diretoria, os seguintes componentes: Binoca Reis, Irma de Cesaro, Olga Durgante, Ida Della Méa, Renée Rocha, Maria Mariante, Maria de Cesaro, Mario Garcia, Samuel Schmelnitsky, Elym Mendonça Machado, Ivens Pacheco, Romeu Barcala, Valdir Ceconi, Solon Silva, Horacio Cezar, Homero Calixto, José Alves e Ari Reinert. (ON nº 1.904, de 12-09-34).

A 21-12-34 o Grupo X apresentou no Coliseu, em benefício do Natal da criança pobre, a comédia *Casamento por Tabella*, em 1 ato. Atuaram Maria De Cesaro, Itália Durgante e Hugo Pires. A 2ª parte consistiu num ato variado com o saxofonista Fernando Silva e seu conjunto regional, além de uma

sessão de caricaturas por Geolar Caminha, ilustradas verbalmente por Pedro Pacheco. (ON nº 1.987, de 21-12-34.)

Em 1935 o Grupo X resolveu montar a comédia *Dindinha*, de Matheus Fontoura, em benefício próprio. Os cenários foram confeccionados por Guilhermina Borges e os móveis cedidos pela marcenaria de Nascimento Rocha e Casa Gaúcha. O libreto continha 12 páginas impressas a cores. Apresentada no Coliseu a 12-04-35, com absoluto sucesso, *Dindinha* foi impecavelmente interpretada por Italia Durgante, “uma consagração no teatro de amadores”. A peça revelou novos talentos, como Alice Mesquita e o galã Pedro Pinto. “Talvez o mais perfeito espetáculo dos que temos assistido”, segundo o crítico do jornal O Nacional. (ON nº 2.051, de 09-03; nº 2.060, de 20-03; nº 2.977, de 09-04; e nº 2.082, de 15-04-35)

O sucesso de *Dindinha* levou o Grupo X a Cruz Alta. A fim de viabilizar a excursão, Flores da Cunha autorizou um abatimento de 50% nas passagens de trem. O engenheiro-chefe do tráfego também mandou conceder abatimento no transporte da bagagem. Acompanharam o Grupo X alguns tenistas do Clube Comercial, chefiados por Alberto Morsch. A peça foi à cena a 11-05-35, no Cine Ideal de Cruz Alta.

No intervalo do 2º para o 3º ato o Grupo X foi homenageado com uma *corbeille* e um cartão de prata, onde se lia: “Ao Grupo X de Theatro – Afirmação robusta de arte e intelligencia. – Lembrança do Grupo de Theatro Internacional – Cruz Alta, 11/5/35.” Esses objetos foram expostos numa das vitrinas da Casa Pretto. (ON nº 2.097, de 04-05; e nº 2.100, de 15-05-35.)

O lucro obtido com a peça *Dindinha*, de acordo com o balancete, foi de 613\$300, depositados no Banco da Província, Caderneta nº 1.849.

Passo Fundo.

Receita.....	
1:817\$000	
Despesas.....	
1:405\$000	
Renda líquida.....	
412\$000	

Cruz Alta.

Receita.....	
1:429\$000	
Despesas.....	
1:227\$700	
Renda líquida.....	
201\$300	(ON nº 2109, de 18-05-35.)

“QUANTO CUSTA FAZER TEATRO? Quando em Passo Fundo, alguém organizasse um espetáculo teatral - sempre em benefício de algures - o único ponto visado devia ser sempre o mesmo: a renda líquida. Escolhida a comédia a maior preocupação voltava a ser a economia. Várias peças foram encenadas com um velho cenário de minha propriedade particular. Alguma pintura executada posteriormente, o foi economizando a mão de obra e aplicando-se tintas de qualidade inferior. Até mesmo a indumentária, quase sempre de certo luxo, ficava a cargo dos próprios amadores. Praxe oriunda de teoria errada. O Grupo X é uma instituição criada com a finalidade única de fazer teatro. (...) se satisfaz em salvar as despesas ficando com o material cênico como patrimônio seu. Já é grande coisa. Antigamente, nem isso tínhamos. Quando o Grupo X montou *Dindinha*, com a luxuosidade requerida pela comédia – todos sabem – não dispunha de um real. Grande parte das despesas foi feita a crédito. Sem incluir pagamentos relativos a empregados, propaganda, cordas, pregos, taxas, eletricitista, material elétrico, etc, foram gastos: 400\$000 com o cenário, 300\$000 com o aluguel do teatro, 300\$000 com o guarda roupa, 203\$000 com a impressão do programa – libreto. Apenas essas quatro parcelas dão-nos a soma de 1:405\$000. Mas o Grupo X tem agora a sua caixa, o seu

guarda roupa, o seu patrimônio!.. ‘Coisa que preste não se faz sem gastar.’ (adágio). *Silvio Alviggi*.” (ON nº 2.117, 28-05-35.)

A 30-06-35, para a inauguração do teatro da Sociedade Alemã, o Grupo X programou a comédia *D. Futilidade*, em 2 atos, de autoria do comediógrafo santamariense Lamartine Ferreira de Souza (1897-1972). O espetáculo foi honrado com a presença do autor. Marlene, cognominada d. *Futilidade*, foi interpretada por Maria De Cesaro. (ON nº 2.124 de 05-06; nº 2.144, 1º-07; e nº 2.145, 02-07-35.)

José Luiz Bonaparte de Lima Costa transferiu-se para Porto Alegre em julho de 35, onde assumiu um cargo no Tribunal de Contas. “Bona”, como era conhecido, faleceu naquela cidade a 27-08-60. No Grupo X foi substituído por Solon Silva. (ON nº 2.167, de 30-07-35.)

No início de setembro de 1935 o Grupo X encenou *Dindinha* no Teatro Apolo de Boa Vista do Erechim. Nessa oportunidade o grupo foi acompanhado pelo Conjunto do Sereno, do maestro Celio Barbosa. (ON nº 2.203, de 11-09-35.)

Em 1935 foi criado o GRUPO 22 DE TEATRO, formado por elementos do Instituto Ginásial. (ON nº 2.463, de 27-07-36.)

Nos anos de 1935 e 1936 O Nacional se refere sem maiores detalhes a apresentações do GRUPO DE TEATRO VARIETÉ, composto por amadores ligados à Sociedade Alemã. Guilhermina Borges era a responsável pelos cenários. (ON nº 2.345, de 04-03; nº 2.352, de 12-03; e nº 2.367, de 30-03-36.)

Com a comédia *Amor* o Grupo X apresentou um espetáculo inédito, superando as expectativas. Dividida em 3 atos, 38 quadros e 3 palcos diferentes, “com movimentadíssimo jogo de cortinas que abrem e fecham a seu tempo”, cenários e indumentárias confeccionados nos moldes das cenas, a peça foi representada no Coliseu a 02-10-36, uma sexta-feira. O Nacional registrou a façanha no dia seguinte: “TEATRO. AMOR, a magnífica sátira-cômica de O. Vianna, ontem encenada pelo Grupo X, constituiu sucesso extraordinário. Não é esta a vez primeira que presenciamos um espetáculo do nosso veterano conjunto teatral ‘Grupo X’. Muitas foram as vezes e, dizemos: desde sua fundação, vimos acompanhando bem de perto as atividades desses inteligentes amadores. Podemos

portanto falar com certeza absoluta a respeito. ‘Amor’, como estava sendo ansiosamente esperado pelos fãs, subiu ontem à cena, obtendo um sucesso grandioso. A nosso ver, com a encenação dessa majestosa peça do consagrado comediógrafo Oduvaldo Vianna, o Grupo X atingiu ao grau mais elevado de conquistas na vida teatral. Êxitos, por várias ocasiões, os amadores dessa conceituada organização de teatro já obtiveram. Mas, igual ao que houve com o desempenho de ‘Amor’, ainda não tínhamos registrado. O sucesso alcançado superou completamente a todos os outros anteriores. Só a sua apresentação de cenários e montagem adequadas à peça, servem de motivo para comentários. Tudo é completo e obedece a todos requintes da apreciada arte, nos causando as melhores impressões. Isto vem demonstrar aos fãs o progresso do Grupo X, dado o esforço admirável de seus dirigentes, que não medem sacrifícios para elevar o Teatro em nossa cidade. Arte bela, teatro não se faz com pouca coisa. É necessário primeiro de tudo a capacidade das personagens, seguindo-se depois o espírito empreendedor para organizar ambientes. Aí é que então notamos o esforço inaudito do Grupo X – quanto ao elenco que possui, é notável; quanto à matéria de ambientes, é admirável. Calcule-se pois, o esforço despendido para a montagem a fim de encenar ‘Amor’, que se apresentou sem falhas! Passemos agora a

comentar os desempenhos dos intérpretes de ‘Amor’. Às 20 horas o Coliseu já estava quase lotado e às 20 ½ sobe o pano. A sátira-cômica majestosa de Oduvaldo serviu para revelação de alguns protagonistas. Ainda não tínhamos tido a oportunidade de ver o trabalho de Marília Braga. Ela figurou no papel central, como estrela de primeira grandeza. Foi, pode-se dizer, uma verdadeira revelação. Encarnou Lainha de uma maneira tão natural, apresentou uma interpretação notabilíssima, que a colocamos em nível bem superior. Marília foi a estrela em torno da qual giraram os acontecimentos movimentados de “Amor”. O Grupo X, fazendo Marília ingressar no seu elenco, fez uma descoberta felicíssima. Itália Durgante, como sempre, merece os nossos aplausos. No papel de cartomante, Itália mostrou outra vez os seus dotes para a vida teatral. Agradou-nos novamente o seu trabalho. Maria Mariante apresentou-se como mulher sentimental, com fracos para romance e apreciadora do homem retraído. O seu desempenho também merece os nossos aplausos. Soube desincumbir-se devidamente de seu papel. Ethel Translatti, embora tivesse um papel secundário, como estreade demonstrou compreender as voltas que se deparam no teatro. Em futuras encenações Ethel fará ainda mais bonito. Silvio Alviggi, o incansável batalhador pró-teatro, cuja vocação e inteligência para a fina arte são conhecidíssimas, conquistou ontem

outro radioso triunfo em sua bela carreira. O dr. Catão, homem cheio de puritanismo, homem raro, pregador da moral e do direito, encarnou magnificamente a parte tocante às ‘formalidades legais’, porém mostrou, seguindo os seus impulsos, que é sensível, idêntico aos outros homens e também pode emaranhar-se, caindo fragorosamente na realidade. Tudo dependia do ambiente em que se encontrasse... Felicitamos e aplaudimos novamente o ator Alviggi. José Alves continua firme no teatro. Se não nos enganamos, esta é a segunda vez que o vimos trabalhar. Agora ele apresentou-se como um periodista de renome. Feliz em sua profissão. Homem exemplar, porém mártir da vida conjugal, dado o gênio feroso, o ciúme descabido e a imaginação de ‘outra’ na cabecinha de Lainha, a sua adorável consorte... José criou um Artur abnegado, persistente, sofrido, mas... vingativo. A sua interpretação merece nota. Pedro Pinto, o São Pedro lá do céu, desempenhou bem, muito principalmente na parte que focou o preconceito social. Ele soube analisar o direito e a razão. Encarou a vida tal como se nos apresenta, sem resquícios de vaidades, sem ambições – mas que a humanidade não pensa assim. São Pedro soube pregar lá no além uma moral à altura. Falou energicamente à Lainha, ao dr. Catão e ao jornalista Artur, que estavam ansiosos para a encarnação... Bom trabalho. Honorino Barbizan, Ary Lautert Trindade, Ivescio

Pacheco, Getulio Mainardi, João M. Vieira e Oracio Cezar, completaram brilhantemente o esplendor de que se revestiu a grande noite teatral de ontem. As nossas felicitações a todos os componentes do veterano conjunto de amadores – Grupo X, de Teatro. (ON nº 2.516, de 29-9; nº 2.518, de 1º-10; nº 2.519, de 02-10; e nº 2.520, de 03-10-36.)

A montagem da peça *Amor* chamou a atenção do crítico porto-alegrense Ari Peixoto Martins (1908-1971): “TEATRO NACIONAL. Amadores do Interior. Ary Martins, autor deste artigo é nome de prestígio nos meios teatrais. Residente em Porto Alegre, jornalista brilhante, comediógrafo consagrado, membro influente da SBAT, Ary Martins dedica um cuidado todo especial ao teatro de amadores. Este artigo foi publicado na Imprensa de Porto Alegre. Sempre tive em grande apreço os empreendimentos, ainda que medíocres, mas desde que fundamentalmente honestos, dos amadores teatrais. Labutando neste meio há perto de uma vintena de anos, testemunha fui, em todos os instantes dessa atividade, da soma imensa de energias e trabalho que exigem iniciativas tais. Por isso, tracei-me o princípio de jamais denegar apoio – por mínimo que esse possa ser – aos que tentam, animados de propósitos sãos, a mais difícil e sublime das Artes. Dentro de tal norma, não

há como fugir ao registro do aplauso sincero e caloroso de que acabam de se fazer credores alguns denodados amadores do interior. Quero referir-me ao ‘Grupo X, de Teatro’, de Passo Fundo, a quem a arte cênica de diletantes no Rio Grande do Sul fica devendo, a partir de agora, o mais ousado dos tentames jamais aqui tornados realidade: a montagem, a capricho, de um original com as responsabilidades do famoso ‘AMOR’, de Oduvaldo Vianna. Não é uma sociedade nova a que assim acaba de escrever essa página de honra para as nossas tradições de inteligência e cultura. Fundada em 1921, vem desde então, superando galhardamente as mil e uma dificuldades que sempre erguem barreiras diante de agremiações dessa natureza. Um pulso firme, uma vontade decidida, uma grande competência orienta-lhe os passos, desde há alguns anos: Silvio Alviggi, comediógrafo e representante da SBAT na próspera cidade serrana. A ele deve o ‘Grupo X, de Teatro’, por sem dúvida, o máximo de seus triunfos. Dotado da chama sagrada de uma legítima vocação e gozando, no seio dos seus colegas, do prestígio que garante a mais sólida disciplina entre eles, tem podido levar a termo realizações na verdade surpreendentes. Dessas, inegavelmente, foi a mais importante a representação do ‘Amor’, cuja primeira a platéia do Coliseu, de Passo Fundo, assistiu, maravilhada, na noite de 2 de outubro passado. O noticiário dos jornais

daquela localidade refere-se, com os mais rasgados encômios, ao espetáculo e à prodigiosa interpretação dos amadores que formam o ‘Grupo X, de Teatro’. Destaca a saliência que teve a ‘estrela’ do conjunto srta. Marília Braga, desempenhando ‘Lainha’, parte de responsabilidades quase insuperáveis até mesmo para atrizes profissionais. E aplaude os demais criadores na serra do original estupendo de Oduvaldo. Italia Durgante, Maria Mariante, Ethel Translatti, Alviggi, José Alves, Ivescio Pacheco, Pedro Pinto, Honorino Barbizan, Ari Trindade, Getulio Mainardi, João N. Vieira e Oracio Cezar. Quase ao mesmo tempo, leio noutros jornais da Província, que em Rio Pardo um conjunto de amadores locais leva à cena, com sucesso, ‘O Bobo do Rei’, de Joraci Camargo; que, de São Gabriel, o ‘Grupo Teatral A B C’, sob a direção do revistógrafo Silvio de Faria Corrêa, viaja em excursão artística, para Uruguaiana e Alegrete; que, em Santa Rosa, a energia de Vicente Cardoso começa a movimentar de novo o corpo cênico da Sociedade Cultural; que, em Carazinho, moços e moças da melhor sociedade local fundam, sob o maior entusiasmo, o ‘Grêmio Dramático Ribeiro Taques’; que em Pelotas, Carlos Minuto, teatrólogo e representante da SBAT agita a sua turma de amadores entre o palco e o microfone; que no Rio Grande, Bastos Guerra realiza, periodicamente, apreciados espetáculos com elementos da

cidade; que, em todo o interior, afinal, sucedem-se, com fins beneficentes ou meramente recreativos, as representações dessa classe, sempre colhendo êxitos sobre êxitos. Mas... e Porto Alegre? E os amadores locais? Que fazem eles para incentivar a nobre Arte na metrópole dos pampas? Nada. Absolutamente nada. Mas eu não creio que os elementos de valor que aí estão, e cujo merecimento conheço fartamente, continuem dispersos e inativos por muito tempo. Tenho fé na sinceridade do culto que eles devotam à Talia e sei que não trairão a Deusa da Ribalta. Não preciso lançar apelo. Que o que vai aí atrás ficou noticiado sirva pelo melhor dos estímulos. São os meus votos. ARI MARTINS.” (ON nº 2.554, de 14-11-36.)

A 23-07-37 o Grupo X retornou ao Coliseu com o *sainete* em 3 atos, *Seta de Cupido*, de Alfred Savoir, sucesso em Paris na temporada de 1935. Marília Braga dividiu o papel principal com Ivanio Pacheco. Participaram do elenco Lina Translatti, Italia Durgante, Silvio Alviggi, Getulio Mainardi, Ary Trindade e Honorino Barbizan. A peça contava com duas ouvertures e três números de canto. Constituíram a orquestra Judith Pacheco, Felipe Pace e Francisco Sciarpa, além de Celio Barbosa. Italia Durgante teve a oportunidade de demonstrar seus dotes de

apreciável soprano. (ON nº 2.668, de 02-04; nº 2.681, de 17-04; e nº 2.687, de 26-04-37.)

Logo que aqui chegou, em 1932, Silvio Alviggi iniciou colaboração no jornal A Luta: “Transferido do Cacequi para esta cidade, acha-se entre nós desde alguns dias o nosso distinto amigo e colega de imprensa, sr. Silvio Alviggi, secretário da Inspetoria do Tráfego da Viação Férrea. Para o próximo número desta folha o sr. Alviggi iniciará uma sessão chic que muito irá agradar nossos leitores.” A relação de Alviggi com o Grupo X, no entanto, era mais antiga. Iniciou em 1925, com participação no elenco da peça *Flores de Sombra*, encenada em homenagem a Zola Amaro. Em 1936 liderou um protesto contra o aumento da carne verde, que ganhou a adesão da classe ferroviária. No ano seguinte presidiu o recém-fundado Curso de Preparatórios D. Pedro II, da Mocidade Grêmio dos Preparatorianos Passo-Fundenses. Transferido para Porto Alegre, Alviggi bacharelou-se em Direito e tornou-se procurador da Viação Férrea. Trabalhou também em Rio Grande. Seu afastamento da cidade resultou na extinção do Grupo X. Faleceu na Capital do Estado a 16-04-1957. (A Luta nº 100, de 04-06-32; ON nº 2.552, de 12-11-36; nº 2.706, de 19-05-37; e ON nº 8.571, de 26-04-57.)

Italia Durgante nasceu a 09-11-1898, em Silveira Martins, RS, filha de Felipe e Oliva Durgante. Ainda jovem fixou-se com a família em Passo Fundo. Era modista e faleceu solteira a 28-09-1970. (ON nº 12.545, de 29-09-70.)

A 16-08-44 surgiu o GRUPO ESCOLA DE TEATRO AMADOR DELORGES CAMINHA. Um festival de palco e tela marcou a estréia do Grupo, no Coliseu, a 18-08-44. Após o ato de rádio-teatro, *Café Cantante*, foi exibido o filme “Rainha da Melodia”, da Universal. Abrilhou o programa o conjunto típico regional do maestro Jack Dinuhuysen. O Grupo contava com a orientação artística de Carlos Klippel, Alberto dos Santos, Alceu Laus e Leandro Missel. O patrono colaborou com a doação de três gabinetes e uma coleção de peças artísticas. (ON nº 4.844, de 18-08-44.)

A primeira peça representada pelo Grupo foi a comédia *Canário*, em 3 atos, de José Wanderlei e Mário Lago. Elenco: Ângela, Jandira Durgante; Déa, Nadir Alves; Brígida, Italia Durgante; Flora, Dalva Rosendo; Iara, Aneliese Garz; Osvaldo, Maurício Sirotsky Sobrinho; Canário, Pedro de Alexandre; Ernesto, Honorino Barbisan; e Zequinha, João Carlos Severo. O evento

ocorreu às 20h do dia 07-11-44, no Coliseu. (ON nº 4.908, de 07-11-44.)

A 14-08-46 foi fundada a ASSOCIAÇÃO TEATRAL DO INSTITUTO EDUCACIONAL (A.T.I.E.). 1ª diretoria: presidente, Adolfo S. Schlotfeldt; vice, Gomercindo Palage; 1º secretário, Dalva Almeida; 2º secretário, Washington Gutierrez; tesoureiro, Abel Flores; diretores artísticos, Yone Pacheco e Adiles Otto; arquivista, Waldemar Gonçalves; diretor de propaganda, Semy Sirotsky; e relator, Liberato Rodrigues. No ano seguinte assumiu a presidência a professora Yone Pacheco, reeleita em 48. (ON nº 5.426, de 20-08-46; e nº 5.916, de 15-04-48.)

O GRUPO TEATRAL DE AMADORES FLÁVIO DE ABREU, da Igreja Santa Teresinha, foi organizado em meados de julho de 1949. O 1º espetáculo ocorreu a 28-08-49, início às 20h, no salão

da referida Paróquia e em benefício desta. Além da comédia *Feminismo Mal Sucedido*, foram apresentados números de canto, declamação e humor. Flávio de Abreu era o diretor artístico do Grupo, que tinha por presidente Arthur Borowski. Formavam o elenco, entre outros, Olga Langaro, Edda Busato, Ivone T. Pippi, Zinah Falkembach, Adão Costa, Antonio Grespan, Darwil Cogo, Berecil Gomes Correa, Leonildo Almeida Duda e Celso Busato. O Pe. Martinho Burger M.S.F. participava do conselho fiscal. (ON nº 6.304, de 06-09-49; nº 6.398, de 02-01-50.)

Legendas

1 - Vista interna do Cine-Teatro Coliseu. Nicoláo Campis, Fotógrafo. Sem data. 1920. (Acervo do MHR – Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade de Passo Fundo.)

2 - 16-11-1920 – Cine-Teatro Coliseu. Homenagem prestada ao Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, Intendente eleito de Passo Fundo. Fotografia Artística R. Grandense, Passo Fundo. (Acervo do MHR – Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade de Passo Fundo.)

3 - Florencio Della Mea. Autor desconhecido. Sem data. Década de 20. (Acervo de Cláudio Della Mea.)

Memorabilia:

4 – Ingresso – Inauguração (Acervo do MHR)

5 – Programa – 1º aniversário

6 - Impresso – 1º aniversário

7, 8, 9 e 10 - Delorges Caminha – 4 fotos. Autor desconhecido. Sem data. (Acervo de Maria Aparecida Caminha Moura.)

Memorabilia:

11 - Delorges (identidade)

12 - Delorges cartão (ou cartaz Imperial)

13 - 1926 – Em pé: Ary Porto, Arthur Arnold, Maggi De Cesaro e Antonio Ferreira da Silva (Camacho). Sentados: Antonio Torres e Oscar Kurtz. Praça Marechal Floriano. Autor desconhecido. (Acervo de Antonio Ferreira da Silva.)

14 - Maestro Ormínio de Freitas Ubaldo (centro) e acompanhantes. Entre eles estão Dilia Caminha, Gentil e Cármen Cúrio de Carvalho, Tucha Graeff, Emilio Stigler.

Foto Moderna (Benjamin D'Agnoluzzo). Sem data. Década de 20. (Acervo de Maria Aparecida Caminha Moura.)

15 - 06-02-29 – Concerto realizado pelos alunos do Conservatório de Música de Passo Fundo. Identificados, em pé: Oldemar Behrends (3º da esq. p/a dir.); sentados: Ida Della Mea, Carmen Costa, prof. Ernesto Dreyer, Iracema Dreyer e Elly Ely. Cine-Teatro Coliseu. Autor desconhecido. (Acervo do Espólio de Ida Della Mea.)

Memorabilia:

16 - Cartaz – Coliseu filme. 1º automóvel

17 - Cartaz – Coliseu filme. Cruel Princípio

18 – Memorando - Ruy e o Cinema

19 – Foto autografada - Zola Amaro

20 - Cartaz – Coliseu filme. Exibido no Coliseu nos dias 14-15-16/12/35. (Viúva Alegre)

21 - Cartaz – Coliseu filme. Os Lobos do Norte

22 - Cine-Teatro Coliseu. O filme *A Princesa do El Dorado* permaneceu em cartaz nos dias 7 e 8 de janeiro de 1940. Foto Moderna, de A. Czamanski. (Acervo de Ronaldo Czamanski.)

23 – Desfile cívico. Av. General Neto. Foto Moderna, de A. Czamanski. Sem data. Anotação indica o ano de 1939. Considerando que o prédio do Café Colombo, ao lado do Coliseu, foi restaurado e entregue ao público em maio de 1940, acreditamos que a foto é posterior. (Acervo do MHR – Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade de Passo Fundo.)

24 - Cine-Teatro Imperial. O filme em cartaz, *Suspeita, com Cary Grant*, foi exibido nos dias 25 e 26/10/1942. Foto Moderna, de A. Czamanski. (Acervo de Ricardo Welp Trindade – “Tassi”.)

Bibliografia

- ABREU, Gilda de. *Minha Vida com Vicente Celestino*. São Paulo: Butterfly, 2003.
- ANNES, Sérgio Paulo. Píndaro Annes – Pai (1894-1969), *in* *Notas Históricas*. <http://www.interativa.org/annes>.
- ARAÚJO, Vicente de Paula. *A Bela Época do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CAMPOS, Maria José Talavera e LIMA, Nicola Caringi. *Zola Amaro, um Soprano Brasileiro para o Mundo*. Pelotas: UFPel, 1998.
- CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil Contemporâneo. 1922/1938*. 2ª edição. São Paulo: DIFEL, 1975.
- CARVALHO, Coronel Estevão Leitão de. *Na Revolução de 30. A Attitude do 8º R. I. (Guarnição de Passo Fundo)*. Rio de Janeiro: Schmidt-Editor, 1933.
- CARVALHO, Marechal Setembrino de. *Memórias – Dados para a História do Brasil*. Rio de Janeiro: s/editora, 1950.
- CASSOL, Ernesto/C.E.S.E. *Histórico de Erechim*. Passo Fundo: I. S. Pe. Berthier, 1979.
- CINQUANTENARIO della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud; 1875-1925. 2 vol. 2ª ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.
- DAMASCENO, Athos. *Palco, Salão e Picadeiro – Em Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956. (Col. Província, vol. 11.)
- DAMIAN, Marco Antonio. *Futebol de Passo Fundo. Contribuição à sua História*. Passo Fundo: Editado pelo Autor, 1997.
- ENCICLOPÉDIA da Música Brasileira: Erudita, Folclórica e Popular. 2 vol. São Paulo: Art Editora, 1977.
- FERREIRA FILHO, Arthur. *História Geral do Rio Grande do Sul*. 5ª ed. atualizada. Porto Alegre: Globo, 1978.
- FONTOURA, Tulio. *Album do Municipio de Passo Fundo*. Passo Fundo: Of. Gráficas de “A Luta”, 1932.

GEHM, Delma Rosendo. Cronologia do Ensino em Passo Fundo. Prefeitura Municipal de Passo Fundo, 1976.

GEHM, Delma Rosendo. Passo Fundo Através do Tempo. Passo Fundo: Multigraf, 1978.

GEHM, Delma Rosendo. Passo Fundo Através do Tempo. Vol II. Passo Fundo: Diário da Manhã, Gráfica e Editora, 1982.

GEHM, Delma Rosendo. Passo Fundo Através do Tempo. Vol 3. Prefeitura Municipal de Passo Fundo, s/d.

ISAÍAS, Edy. Imigrantes Africanos – Sua História, Cultura e Tradições, *in* A contribuição e a importância das correntes imigratórias no desenvolvimento de Passo Fundo, de Claudino Verzelletti. Passo Fundo: Imperial, 1999.

MACHADO, Ironita. Imprensa e História: Um Olhar sobre o Olhar do Jornal A Voz da Serra. Internet.

MARKS, Camilo. Una Mujer Colosal, *in* Qué Pasa, Santiago, Chile, ed. de 06-05-2000.

MESQUITA, Pedro Salles de Oliveira. Por Sertões e Coxilhas. Apresentação e cronologia de Fernando O. M. O'Donnell. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1994.

MORAES, Demétrio Dias de. Brasil Grande e História de Lagoa Vermelha. Lagoa Vermelha: Imprensa Planalto Ltda., 1977.

OLIVEIRA, Antonina Xavier e. O Espiritismo em Passo Fundo, *in* Indicador Público e Profissional de Passo Fundo, organizado por Wilson Garcia Osório. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do C. E. Amigo Germano, 1954.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Annaes do Município de Passo Fundo. Coord. por Marília Mattos e outros. 3 volumes. Passo Fundo: Gráfica e Editora Universidade de Passo Fundo, 1990.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Seara Velha. Passo Fundo: Tipografia Independência, 1932.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. História Ilustrada dos Filmes Brasileiros (1929-1988). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

PRIMEIRO ANUÁRIO – Academia Passo-Fundense de Letras – História – Antologia. Passo Fundo: Ed. Padre Berthier, 1975.

RAMOS, Fernão e MIRANDA, Luiz Felipe. Enciclopédia do Cinema Brasileiro. São Paulo: SENAC, 2000.

RAU, Wolfgang Ludwig. Anita Garibaldi, o Perfil de uma Heroína Brasileira. Florianópolis: Edição do Autor/EDEME, 1975.

REIS, Gomercindo dos. Nuvens e Rosas. Porto Alegre: Of. Gráf. da Imprensa Oficial, 1957.

ROSSO, Miriam Beatriz Maraschin e DALA LANA, Rosane. Panorama da Instrução em Passo Fundo na Década de 1920. Passo Fundo: UPF. Inst. de Filosofia e Ciências Humanas/Dep. de Estudos Sociais/Curso de Especialização em História Regional, fevereiro de 1997.

SÁ BRITTO, Renato. O Município de Passo Fundo. (Informações diversas, colligidas em 1920.) Passo Fundo: Oficinas da Livraria Minerva, 1920.

SANTOS, José Moraes dos. Visão do Jogo. Primórdios do Futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SILVA, José Leonel Thies da e BARBOSA, Cenira. Folclore em Passo Fundo, *in* Revista nº 2, Faculdade de Filosofia da Universidade de Passo Fundo, 1968.

SILVEIRA, Heitor Pinto. Escritos. Passo Fundo: Livraria Nacional, 1943.

SPALDING, Walter. Itinerário da Literatura Sul-rio-grandense, *in* Enciclopédia Rio-grandense. Volume 2. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1968.

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. A História do Ensino em Passo Fundo, *in* Revista Anuário nº 1, 1957/1967, Faculdade de Filosofia da Universidade de Passo Fundo, 1967.

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. Clube Literário Amor à Instrução – Esboço Histórico. Cópia datilografada existente no AHR de Passo Fundo, 1954.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. Dicionário Bibliográfico Gaúcho. Porto Alegre: EST/Edigal, 1991.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. Henrique José Wiederspahn (1882-1948), *in* Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1974.

Jornais

A Defesa

A Época

A Federação

A Luta

A Tribuna Gaúcha

A Voz da Serra

Boletim do Hospital de Caridade

Correio do Povo

Diário da Manhã

Diário da Tarde

Diário de Notícias

Excelsior

Folha Vicentina

Gazeta

Jornal da Serra

Lume

O Gaúcho

O Nacional

O Periscopio

O Popular

Orientador

Vanguarda

Revista do Globo

Acervos do

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo

Biblioteca Pública de Carazinho “Dr. Guilherme Schultz Filho”

Museu Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo

Autos de processos

Códigos de Posturas do Município de Passo Fundo (1914 e 1924)

Estatutos

Entrevistas

Livros cartorários

Mensagens do Intendente



Estas Páginas da Belle Époque Passo-fundense resgatam do esquecimento uma série de informações valiosas sobre o passado desta pujante cidade. Os textos transcritos permitem uma ampla visão do período e oferecem importantes subsídios para uma história geral. A primeira parte da obra investiga com profundidade a trajetória da imprensa nos seus primórdios e os múltiplos aspectos da sociedade. O segundo e terceiro capítulos, dedicados aos cinemas e ao teatro amador, justificam e qualificam o título do livro.

ISBN 978-85-61035-44-0



9 788561 035440